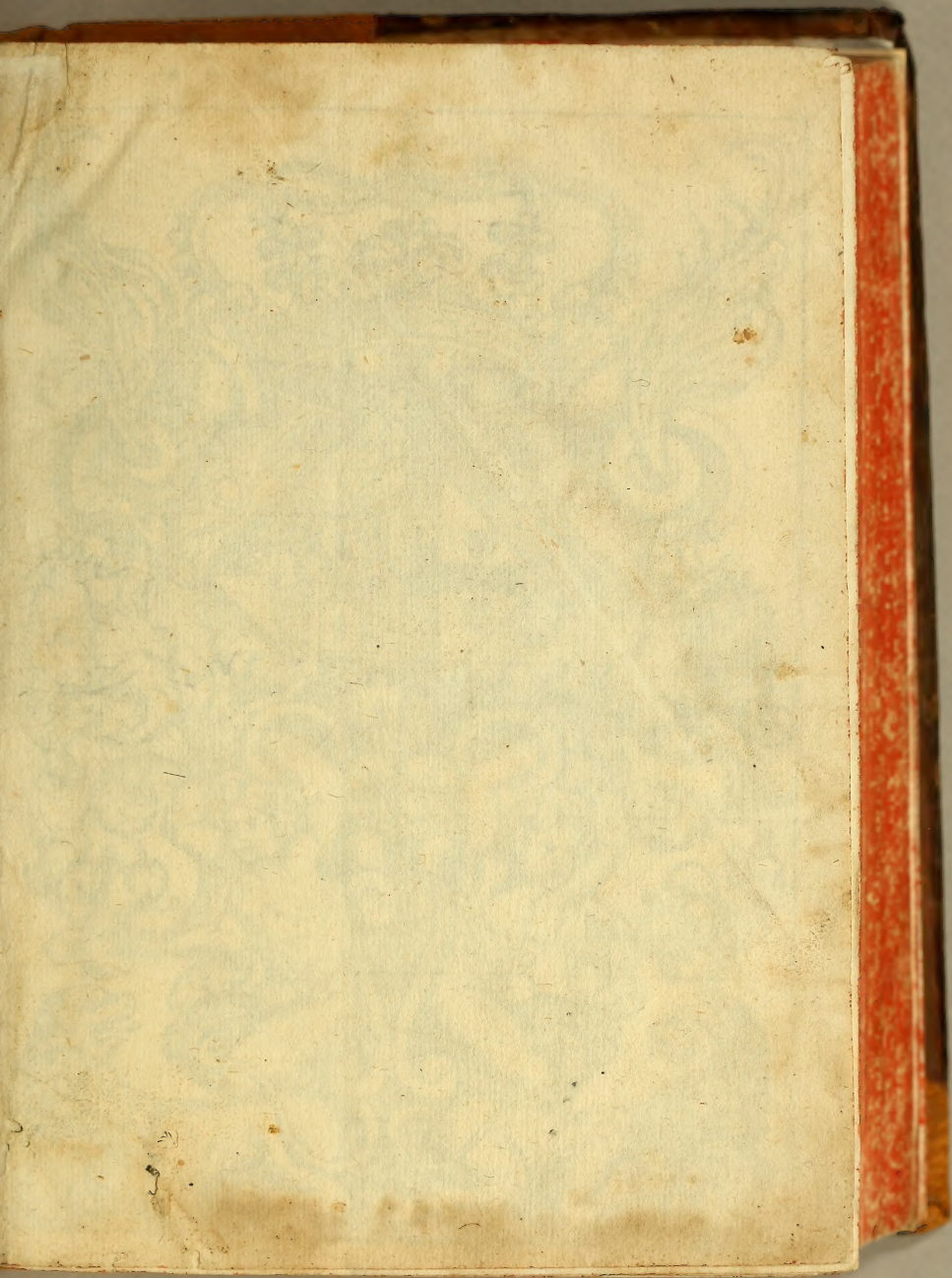
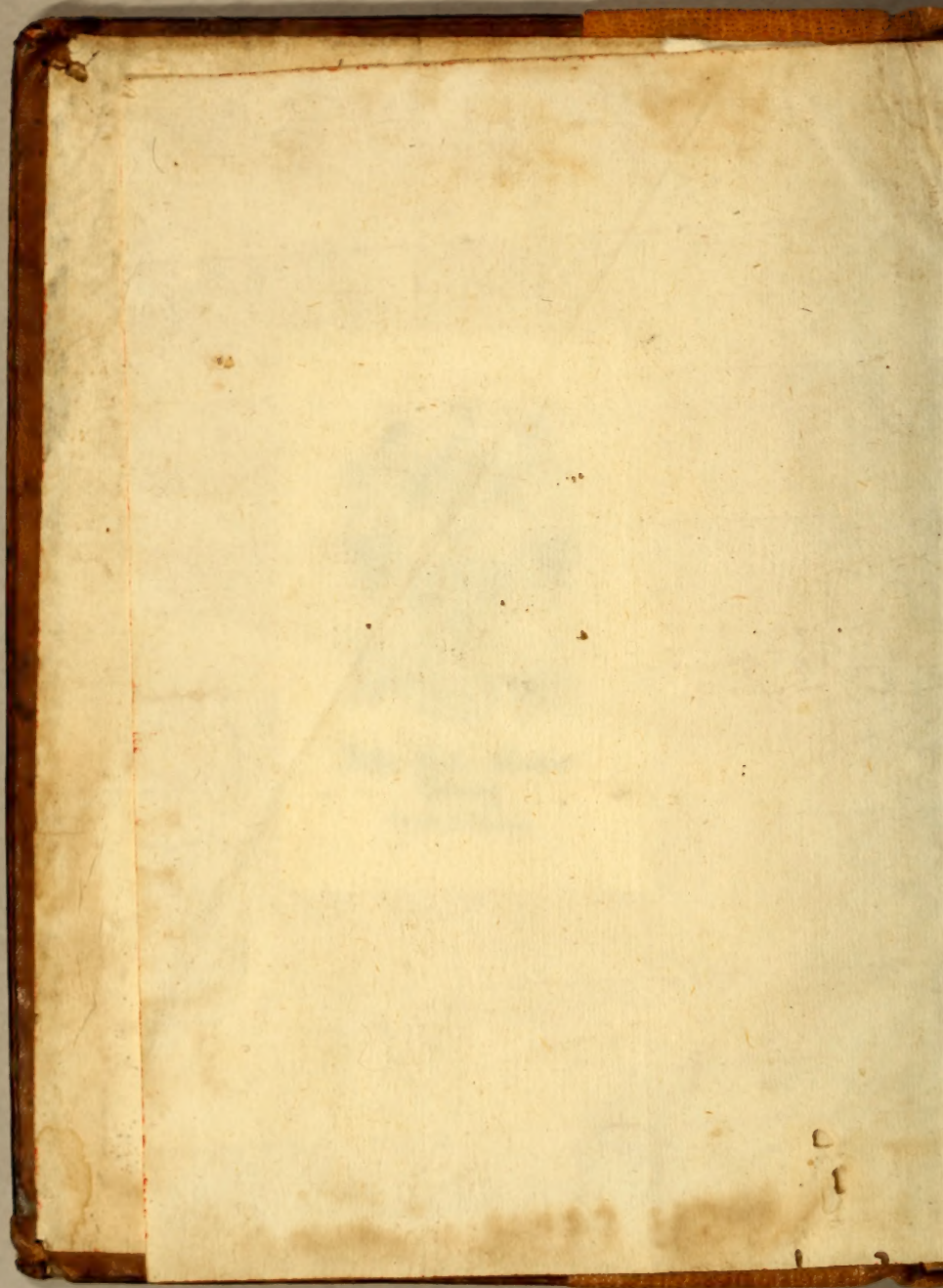




John Carter Brown
Library
Brown University









SERMOENS

DO

P. ANTONIO VIEYRA,

da Companhia de

J E S U,

Prègador de Sua Magestade.

UNDECIMA PARTE,

OFFERECIDA

à Serenissima Rainha da

GRÃ BRETANHA.



L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.

M. DC. LXXXVI.

Com todas as licenças neceſſarias, & Privilegio Real.

SERMOENS

DO

P. ANTONIO VIEIRA,

da Companhia de

JESU.

Pregador de Sua Magestade.

UNDECIMA PARTE,

OFFERECIDA

à Sereníssima Rainha da

GRA. BRETANHA.



LISBOA,

No Officina de MIGUEL DESLAVES,

Impressor de Sua Magestade.

M. DC. LXXXVI.

Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.

PPCB



SENHORA:

QUANTO *MAIS* antigo criado da Real Casa de V. Magestade, não sey porque destino muitas vezes resuscitado antes de morto, offerece ainda vivo à Soberana Grandeza de V. Magestade este pequeno Volume de discursos varios, E no rosto delle ao glorioso nome de Catharina a roda da mesma Santa superior a toda a variedade.

Acerca desta grandeza, E desta roda me lembra, que em duas colunas da ponte triumphal por onde dividindo o ultimo passo entre a terra, E o mar se despedio V. Magestade da Patria, fixei eu duas emprezas, que o tempo depois mostrou não serem menos panegyricas, que verdadeiras.

Alludindo ao appellido da Grã Bretanha, signifiquei quanto V. Magestade sendo Rainha sua lbe accrescêtava a grandeza. Mostravase ella como Ilha no meyo do mar, tocando com humo ponta a Europa em Lisboa, com outra a Africa em Angola, com a terceira a Asia em Goa, E com a ulti-

ma a America nesta Babia. E estendendose por este modo a Grã Bretanha a toda a grandeza do mundo; emendava eu o verso do Principe dos Poetas, demonstrando, como se via na pintura, que já os Ingrezes não eraõ os apartados, & divididos de todo o mundo, mas por mercè da nova Senhora, & Rainha sua, unidos a todo elle. A alma do que se via pintado se declarava nestas duas regras:

Define jam toto divisos orbe Britannos
Dicere: sic toti Britannia jungitur Orbi.

A segunda empreza verdadeiramente Real era do Serenissimo Esposo El Rey Carlos, o qual unindo a consonancia das primeiras letras dos dous nomes Carlos, & Catharina, em final do seu amor, & estimação debaixo da mesma Coroa mandou entalhar dous CC. Cada huma destas letras significa cento, & voltada huma para a outra, formão ambas hum circulo perfeito, symbolo da eternidade. Alludindo pois à differença da religião, & pintada, ou descrita esta segunda figura igualmente co- roada defronte da primeira, em huma pronosticava a duração do reynado, em outra a conversão do Rey: descifrando o pensamento de ambas estes dous versos:

Bis centū Imperij CC duplex auguror annos.
Æternos faciet si se converterit unum.

O que agora direi (como em materia tam secreta) he por boca da fama, a qual publicou em Roma, assis-
tindo

tindo eu nella, que acabara El Rey da Grã Bretanha a vida com felicissima morte, pro fessando pelos santos, & efficazes conselhos de V. Magestade a religião Catholica. Guardou a graça para o tumulto, o parto, que negou a natureza ao thalamo: sendo V. Magestade mais altamente Mãy do mesmo, que havia de ser Pay: pois quando lhe não deo herdeiro para a Coroa temporal da terra, o fez herdeiro da eterna no Ceo. Na volta circular daquelle C foy mais venturosa a roda de V. Magestade, que a de Santa Catharina; porque ella não converteo ao Emperador Maximino, que lhe offerecia as vodas; & V. Magestade aceitando as del Rey Carlos, & o seu Imperio, lhe deo por elle o Empyreo.

Com este triumpho se restituiu V. Magestade à Patria, como o Sol ao mesmo ponto do Orizonte donde tem sabido, contente de no tempo da sua ausencia ter alumiado os Antipodas. Menos parece que diz o numero singular na Pessoa daquelle Rey; mas a de Constantino em Roma ensinou ao mundo, que a Magestade do exemplo Real nunca sabe a elle só, senão acompanhada de muitos. Quatorze annos antes do nascimento de V. Magestade se tinha estampado em Lisboa, & recebido com applausos de vaticinio hum pronostico, que de toda a nação Ingreza (tam illustre na Fé, & santidade antigamente) dizia:

Por meyo convertida de huma Infanta

Nesta conquista irá da Terra Santa.

E como a terra, antes de nacer o que ha de produzir, primeiro conserva, E esconde em si o que nella se té semeado (razão porq os Espiritos Apostolicos são chamados Aeternitatis Satores); não serão tão maravilhosos como grandes na Grã Bretanha os effeitos das heroicas, E religiosas virtudes, que lá admiravão, E veneravão nas gloriosas acçoens da sua Rainha os mesmos que as não imitavão; quando a seu tempo, como se espera, brotarem da mesma terra, E sabirem a luz os frutos dellas.

Entretanto logre Portugal a ventura de se ver tão rico, enobrecido com a Real presença de V. Magestade, que todos envejamos de tão longe. E eu como mais lembrado não podendo dissimular a reflexão, E mágoa de que as saudades que V. Magestade embarcava, entregues ao mar, E ao vento, não achassem já na Patria aquella doce respiração de q humas, E outra alma virião. Dou contudo infinitas graças a Deos, que tendonos levado para si ambas as Magestades, assim dos filhos, como das filhas, nos deixasse sua Providencia os dous ultimos, para que os presentes logrem, E os ausentes venerem por muitos annos nestas duas copias tão parecidas os heroicos, E gloriosos dous originaes, a que devemos a liberdade, a Coroa, E a eterna memoria.

ANTONIO VIEYRA.



LICENÇAS.

Da Religião.

Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por comissão especial, que tenho de nosso muito Reverendo Padre Thyrso Gonzales, Preposito Geral, dou licença, para que se possa imprimir a Undecima Parte dos Sermoes do Padre Antonio Vieira da mesma Companhia, Pregador de Sua Magestade; a qual foy revista, & approvada por Religiosos doutos della, por Nós deputados para isso. E em testemunho de verdade dey esta, subscripta com o meu final, & sellada com o sello do meu Officio. Dada neste Collegio da Bahia aos 2. de Julho de 1695.

Alexandre de Gusmão.

Do Santo Officio.

O Padre Mestre Frey Manoel de São Joseph & Santa Rosa, Qualificador do Santo Officio, veja o Tomo dos Sermoes de que esta petição trata, & informe com seu parecer. Lisboa 2. de Setembro de 1695.

Castro. Foyos. Azevedo. Pinna. Dinis.
* v Cen-

*Censura do M. R. P. M. Fr. Manoel
de São Joseph & Santa Rosa , Qualifi-
cador do Santo Officio.*

Illustrissimo Senhor:

M Andame Vossa Illustrissima dar o meu parecer nestes Sermoes varios do Padre Antonio Vieyra da Sagrada, & Religiosissima Companhia de Jesu , Prêgador de Sua Magestade , & sem eu os ler os havia approvar , porque bastava ver o nome do seu Author , a quem o mundo venera por Oraculo dos Prêgadores , para não necessitarem de outra approvação estes Sermões ; porêm como este obsequio ao seu nome he golpe da minha obrigação , por nam offender esta, os li com aquella attenção , que merecem todos os escritos deste insigne Prêgador , & não achei mais que grandes motivos para passar de Censor a ser seu Panegyrista ; o que fizera , se não entendêra que he todo o encarecimento curto , & todo o gabo limitado a tam sublime engenho: sómente digo o que já em semelhante occasião disse Plinio lib. 1.^o Epist. 4. *Hoc opus pulchrum, validum, sublime, varium, elegans, & purum.* São estes Sermoes varios nas materias, sublimes nas emprezas, elegantes no affeyo, & propriedade das palavras , sólidos nos discursos , agradaveis nos conceitos, puros, porque nam tem cousa que possa fazer a minima dissonancia a nossa Santa Fé, & bons costumes. Lisboa no Convento de S. Francisco da Cidade, 7. de Janeiro de 1696.

Fr. Manoel de S. Joseph & Santa Rosa,

O Padre Mestre Frey Alvaro Pimentel , Qualificador do Santo Officio , veja o Tomo dos Sermoes de que esta petição trata , & informe com seu parecer. Lisboa 10. de Janeiro de 1696.

Foyos. Azevedo. Pinna. Dinis.

Censura do M. R. P. M. Fr. Alvaro Pimentel, Qualificador do S. Officio.

Illustrissimo Senhor:

M Andou Christo nosso bem , que os seus Apostolos prégassem o seu Evangelho, & a sua Ley a toda a creatura , não só porque os Apostolos havião de achar nas diversas partes do mundo homens com as condições de todas as creaturas , como disse o Reverendo Padre Antonio Vieyra, Religioso da sempre illustre , & esclarecida Companhia de Jesu , cujos Sermoes Vossa Illustrissima me manda rever ; mas, como a mim me parece, porque como havião de prégar a todos os homens, & estes sejam diversos nas condições, nas linguas , & nos officios, era conveniente que os seus Prégadores o fossem de sorte, que para prégarem a huma só especie de racionais foubessem tanto , como se houvessem de prégar às creaturas todas. Lendo eu todos os Sermões deste insigne Prégador, o que nelle mais admirava, era o acerto , & a propriedade com que fallava nas materias, como se accommodava com os Evangelhos, como delles tirava com naturalidade os assumptos , como media as oraçoens nos
tristes

tristes para enternecer os ouvintes, como era sentencioso nos graves, & como era de tal sorte para todos claro, que ainda os de menor esphera no juizo, quando o ouviam nos pulpitos, ou quando o liaõ nos escritos, ficavam aproveitados na intelligencia. Neste seculo, Illustrissimo Senhor, só este Prégador foy Prégador do mundo todo, assim porque só elle prégo juntamente com fruto, & admiração de todos, já em Portugal, já na America, já na Espanha, já na Italia com a pessoa, mas em todas as demais partes do Universo com os escritos; como porque só este Prégador soube prégar nos nossos tempos pela propria lingua a todas as creaturas. De muitos Santos se lê, que prégravão no mesmo auditorio em varias linguas, & que os percebião no mesmo auditorio naçoens diversas: deste illustre Prégador se póde dizer, que sendo Portuguez na linguagem, não havia creatura, por diversa que fosse, que o não entendesse na sua lingua; & posto que se não attribua isto a milagre como nos Santos, o attribuirse sómente a dom da natureza, o faz parecer prodigio unico. A' vista deste meu parecer, fūdado na minha lição, & na minha experiēcia, principiey a revisão deste Livro, com temor, & com seguro; com temor, porque me via com a obrigação de censurar huns Sermoens, que na opinião do mundo todo sómente com o nome de seu Author se defendem, & se acreditão; com seguro, porque he seu Author tam sciente na doutrina dos Santos Padres, que ainda aquillo que para os ouvintes mais intelligentes não só he novo, mas estranho; bem considerado, he doutrina irrefragavel dos Doutores, & não póde ninguém temer seguir a esta Aguia nos voos do discurso, quando sempre se estriba sobre o verdadeiro, & sólido da Escritura, dos Santos Padres, & razão. Finalmente parece-me este Tomo de Sermoens dignissimo de se imprimir em letras de ouro, porque tambem lhe não acho cou-

sa

sa contra nossa Santa Fé, & bons costumes. Lisboa no
Convêto de N. Senhora da Graça 1. de Março de 1696.

O Mestre Fr. Alvaro Pimentel.

Vistas as informações, pôdem-se imprimir os Ser-
moens de que esta petição trata, & depois de im-
pressos tornarão para se conferir, & dar licença que cor-
rão, & sem ella não correrão. Lisboa 2. de Março
de 1696.

Castro. Foyos. Azevedo. Pinna. Dinis.

Do Ordinario.

Podem-se imprimir, & depois tornarão para se cõ-
ferirem, & se dar licença para correrem, & sem ella
nao correrão. Lisboa 8. de Março de 1696.

Serraõ.

Do Paço.

Manda ElRey nosso Senhor, que o Arcebispo de
Cranganor Dom Diogo da Annunção Justi-
niano veja este Livro, & informe com seu parecer. Lis-
boa 9. de Março de 1696.

Marchaõ. Azevedo. Ribeyro.

Censu.

*Censura do Illustrissimo Senhor Dom Diogo
da Annunciação Iustiniano, Arcebis-
po de Cranganor.*

S. E N H O R :

M Andame Vossa Magestade que veja este Livro do Padre Antonio Vieira, dignissimo Prêgador de Vossa Magestade, & benemerito filho da illustrissima Companhia de Jesus. O nome do Author basta para sua approvação, porque não pôde haver juizo tam temerario, que nos escritos de hum tam insigne Orador possa deixar de reconhecer o brado geral que tem dado em todo o mundo a sua eloquencia, & a veneração com que as naçoens estrangeiras confessaõ em a Portugueza a superior ventagem com que as excede em semelhante argumento; pois teve a gloria de ter por seu filho em o Padre Vieyra o Mestre de todos os Prêgadores; ou neste Prêgador o Mestre de todas as sciencias; privilegio, (que segundo a doutrina do Apostolo) lhe deu não só o seu singular engenho, mas tambem a fecundissima Mãe, que em Christo o gerou: *Divites facti estis in omni verbo, & in omni scientia, vocati in societatem Iesu.* O Author destes Sermões verdadeiramente foy Prêgador Real, ou o Rey de todos os Prêgadores; porque não só teve o titulo de Prêgador de Vossa Magestade, mas em Roma lhe deo o mesmo titulo a gloriosa memoria da Augustissima Rainha de Suecia; não se contentando com o ouvir todas as vezes que havia de discorrer em a sua Real presença, mas ainda fôra deste lugar em todos aquelles grandes concurfos, onde elle era o pancgyrista: porêm se o Rey faz Corte em todo o lugar, o Padre

Vicyra

Epist. I.
ad Corinthios.
c. I.

Vieyra, como Rey de todos os engenhos, não he muito que com o seu discurso capacitasse a todo lugar para a Magestade daquella Rainha, attrahindo-a os rayos da sua doutrina, como generosa Aguiã, para que ella fosse a primeira, que com a voz do seu applauso interrompesse o silencio, para despertar a admiração nos ouvintes. Cõfesso a Vossa Magestade, que todas as vezes, que leyo as obras deste grande homem, me persuado ser elle aquelle, de quem admirado disse Santo Thomás de Villa Nova: *Intellectus acumine, monstrum quoddam naturæ*: pois se nam pôde negar ser monstruosidade, que em onze par-
tos sejaõ iguaes todos os filhos, & que em onze Livros sejaõ iguaes todos os Tomos. Luzir o Sol na visinhança do Occaso com aquelle mesmo brio, q̃ luzio no Oriẽte, & ter tanta actividade nas portas do sepulchro, como no throno do Zenit, he mōstruosidade, porq̃ a experiencia mostra, q̃ nestes estados, não são iguaes as luzes do Sol. Atẽ nisto foy Sol o Padre Vieyra, porque atẽ nisto foy só, pois a visinhança do seu Occaso he a mesma, que o berço do seu Oriente: & na verdade assim he, porque este Tomo, que no numero dos seus Livros he o undecimo, ainda que pela idade do Author tenha o *In senectute genuisset eum*, de Joseph, que tambem foy o undecimo filho de Jacob; não se lhe pôde negar, que como undecimo tem aquella mesma benção a respeito das outras partes, que Joseph teve entre os demais irmaõs, porque supposto que todas tem o mesmo pay, este Tomo porẽm he o *Filius accrescens Joseph, Filius accrescens*; pois sendo todos grandes, este he o maximo: & se os outros foraõ capazes de enveja, bem poderiaõ contra este fazer aquella mesma queixa, que contra o undecimo fizeram os demais irmaõs: *Rex noster eris, aut subjiciemur ditioni tuæ*? porque este a respeito dos outros he o Principe de todos os Livros; ou este he aquelle Livro, que por undecimo ha de

Serm. 1.
S. Aug.

Genef.
c. 3. 7.

Genef.
c. 4. 9.

Genef.
c. 3. 7.

Zach.
c. 3.

Genes.
c. 35.

de voar sobre os outros Tomos ; assim como Zacharias vio voar o volume das suas profecias (que foy o undecimo Tomo dos Profetas menores) sobre os livros que continhaõ os vaticinios dos outros Profetas : *Volumen volans* ; só com a differença , que o Tomo de Zacharias foy undecimo entre os menores, & este entre os mayores he o undecimo. Praza a Deos, que dos Sermões do Padre Vieyra vejamos nós o seu ultimo Benjamin, com que satisfaz a sua promessa no duodecimo tomo , que nos falta ; & então confessaremos , que este será o seu duodecimo, & ditoso *Filius dexteræ*; quando depois de fahir a luz deixe ainda vivo ao pay, para nos poder communicar no seu celebre *Clavis Prophetarum*, aquelle monstruoso parto com que a sua sciencia tem suspensa a nossa expectação. Onde concludo, que Vossa Magestade não só deve conceder a licença que se lhe pede , mas ordenar ao Author, que por credito da nossa nação se anime a não deixar enterrado em o pó do esquecimento ainda aquelles fragmentos, que tem apontado o seu incansavel estudo, pois em cada hum delles se perderá hum thesouro. Este he o meu parecer , Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa 14. de Março de 1696.

D. Arcebispo de Cranganor.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará a Mesa para se taxar, & conferir, & sem isso não correrá. Lisboa 17. de Março de 1696.

Marchão. Azevedo. Ribeyro.

E Stã este Livro conforme com o seu original. S. Francisco da Cidade, em 7. de Dezembro de 1696.

Fr. Manoel de S. Joseph & Santa Rosa.

V Isto estar conforme com seu original, pòde correr. Lisboa 7. de Dezembro de 1696.

Castro. Foyos. Azevedo. Pinna. Dinis.

P Ode correr. Lisboa 10. de Dezembro de 1696.

Serraõ.

T Aixão este Livro em treze tostoens. Lisboa 7. de Dezembro de 1696.

Mello P. Roxas. Azevedo. Ribeiro. Sampayo.

SERMOENS

Que contêm esta Parte.

- | | | |
|-------|---|---------|
| I. | S ermao de Santa Catharina, | Pag. 1. |
| II. | Sermao de São Ioseph, | P. 46. |
| III. | Sermao da primeira Sesta feira da Quaresma, | P. 96. |
| IV. | Sermao de Santo Antonio. | P. 138. |
| V. | Sermao das Quarenta Horas, | P. 171. |
| VI. | Sermao do Evangelista S. Lucas, | P. 206. |
| VII. | Sermao do B. Estanislao Koska, | P. 250. |
| VIII. | Sermao do Demonio mudo, | P. 281. |
| IX. | Sermao domestico na Vespera da Circumcisaõ. | P. 322. |
| X. | Sermao de S. Antonio, | P. 344. |
| XI. | Sermao dos Bons Annos, | P. 399. |
| XII. | Sermao da quinta Dominga da Quaresma, | P. 432. |
| XIII. | Sermao das Dores da Sacratissima Virgem
Maria, | P. 470. |
| XIV. | Sermao de Acção de graças pelo nascimento do
Infante Dom Joao, quarto filho do Sere-
nissimo Rey D. Pedro II. de Portugal. | P. 481 |
| XV. | Sermao gratulatorio a S. Francisco Xavier, pe-
lo nascimento do mesmo Infante, | P. 512. |
| XVI. | Sermao do felicissimo nascimento da Serenissima Infan-
ta Teresa Francisca Josepha; que por vir depois
de impresso este Tomo, se acrecentou no fim delle. | |



Erratas deste Tomo.

- P** Ag 6. lin. 1. *omniu*, *omnia*.
Pag. 69. col. 2. lin. 21. o nome de Esposo, o nome
nao de Esposo.
Pag. 85. col. 1. lin. 32. feito perpetua, feito de perpetua.
Pag. 101. col. 1. lin. 22. ao homen, ao homem.
Pag. 179. col. 1. lin. 1. *Fortis*, *Foris*.
Pag. 211. col. 2. lin. 3. por effei-, por effei to.
Pag. 314 col. 1. lin. 33. conservar, conversar.
Pag. 370. col. 2. lin. 21. so, os.
Pag. 419. col. 1. lin. 25. resolver, revolver.

Everyday Life

The first part of the book is devoted to a description of the life of the people of the country. It is a very interesting and useful book, and it is well worth reading. The second part of the book is devoted to a description of the life of the people of the country. It is a very interesting and useful book, and it is well worth reading. The third part of the book is devoted to a description of the life of the people of the country. It is a very interesting and useful book, and it is well worth reading.



SERMAM

DE SANTA CATHARINA

Virgem, & Martyr,

Em occasião, que se festejava em Lisboa
hum grande Vitoria.

Ne fortè.

Matth. 25.

§. I.

BREVE clau-
sula para the-
ma ; porèm
grande para
Sermaõ ! He tão grande,
& tão forte a significação
deste *Ne fortè*, que com
ella se sustentaõ, & são
fortes todas as fortalezas:
& as que não são fortes,
Tom. II.

nem se defendem, sò por
falta della são fracas, sò
por falta della se rendem,
& são vencidas. E que
quer dizer: *Ne fortè*? Quer
dizer : Paraque não por
algun caso : Paraque não
por alguma desgraça : Pa-
raque não por algum en-
gano : Paraque não por al-
guma violencia : Paraque
não por algum descuido
A pro-

proprio, ou diligencia, & industria alhea. He o *Ne fortè* hum adverbio sempre vigilante, mas indeciso: he huma suspenção do que he: he huma duvida do que será: he hum cuidado folicito do que pôde ser. He hum receyo temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; & neste circulo de todos os tempos acautelado para todos. Diriva-se a palavra: *Ne fortè*: daquella, que o mundo elíama Fortuna, & he huma força tão poderosa, & tão forte, que desfarma a mesma fortuna de todos os seus poderes; porque a quem sempre estiver cuidadoso do que ella pôde fazer, ou desfazer, nunca lhe acontecerá que diga: Não cuidei; que he a primeira maxima da Prudencia.

2 De prudentes, & nescias se compoem toda a historia do nosso Euangelho, gloriosa para humas, & tragica para outras. As prudentes foraõ as ventu-

rosas, porque disseraõ: *Ne fortè*: as nescias as sem ventura, porque o não souberaõ dizer. As prudentes com as alampadas accesas entráraõ às vodas; as nescias às escuras, & com ellas apagadas ficaraõ de fõra. Cuidáraõ as nescias, que se lhes não apagariaõ as alampadas, cuidáraõ que seriaõ soccorridas das companheiras; cuidáraõ que ainda que chegassẽ tarde, se lhes abririaõ as portas: & depois de tanto cuidar, acháraõ que não tinhaõ cuidado; porque não cuidáraõ quando, & como conyinha, nem fouberaõ dizer a tempo, *Ne fortè*. Tres vezes o disseraõ as prudentes: na consideração, na prevenção, & na resolução. Na consideração, considerando que por falta do sustento natural do oleo, se podia apagar o fogo, & morrer a luz das alampadas: na prevenção; porque se preveniraõ de o levar nas redomas, para dellas o suprir, quando faltasse: na resolução; porque

Santa Catharina.

3

Matth.
25. 9.

porque faltando às companheiras, resolutamente lhes responderão, que não as podia soccorrer; porque podia não bastar para todas: *Ne fortè non sufficiat nobis, & vobis.*

3 Oh Virgem fortíssima, & prudentíssima Catharina, que bem retratada vos vejo nas cinco prudentes do Euangelho, como Juno pelo pincel de Zeufis nas cinco escolhidas de Argentina! Offereceo o Emperador Maximo a Catharina tudo, o que podia dar neste mundo a fortuna, que eraõ as vodas, & coroa Imperial: mas porque a Virgem prudentíssima, ainda com prudencia humana, considerou nesta grande offerta não o que era, senão o que podia fer; desprezou a coroa da terra sujeita à roda da fortuna, & segurou a que hoje goza no Ceo, que a mesma fortuna nem pôde dar, nem tirar: *Ne fortè.* Este será o argumento do meu discurso, tão proprio do tempo presen-

te, como das graças, que devemos dar a Deos pelas fortunas do mesmo tempo. Mas como para acertar a dar estas graças he necessario que o mesmo Deos nos assista com a sua, peçamo-la primeiro por intercessão da chea da graça. AVE MARIA.

§. II.

Ne fortè.

4 **T**odos os titulos, que nos obrigaõ a dar graças a Deos pelos triunfos do tempo presente, me parece que estou vendo copiados, & divididos nas gloriosas insignias daquela sagrada Imagem. Está adornada a Imagem de S. Catharina com os tres instrumentos, ou trofeos da sua vitoria, huma Palma, huma Espada, huma Roda. Os Oradores Evangelicos, que entre salvas, repiques, & luminarias celebrarão ategora a felicidade de nossas armas na campanha deste anno, huns
A ij tomá-

tomárao por assumpto a Palma, outros a Espada : na Palma, fazendo pane-
gyricos à vitoria; na Espa-
da, ao valor dos Capi-
taens, & soldados. E por-
que nenhum atêgora fal-
lou na Roda, ella será o
meu assumpto. As Palmas,
que tem as raizes na terra,
todas se podem seccar, ou
murchar: sô são perpetua-
mente verdes aquellas,
que vio S. João no seu

Apoc. 7. *Apocalypse: Et palmæ in*
9. *manibus eorum.* As Espa-

das tambem tem os seus
revezes na terra, ainda que
sejaõ descidas do Ceo. Do
Ceo trouxe a Alma do
Profeta Jeremias a espada,
que metteo na mão a Ju-
das Machabeo : mas de-
pois de tantas vitorias,
emfim pode dizer com
David aquelle valerosissi-
mo Capitaõ: *Gladius meus*
Psalm. 43. 7. *non salvabit me*; porque na
tragica batalha contra Ba-
chides, & Alcimo não de-
fendeo ao grande Macha-
beo a sua espada, & com
ella na mão cahio morto.
Tudo isto são avisos às

Palmas, rebates às Espa-
das, & defenganos a todo
o vencedor, que no meyo
dos maiores triunfos po-
dem temer a roda. Esta
Roda pois, como pro-
metti, será o meu argu-
mento, o qual sobre osei-
xos della se revolverá em
dous discursos, quanto for
possivel, breves.

III.

5 **N**E fortè. Varia-
mente pintá-
rao os Antigos a que elles
chamárao Fortuna. Huns
lhe puzerão na mão o
Mundo, outros huma Cor-
nucopia, outros hum Le-
me: huns a formárao de
ouro, outros de vidro, &
todos a fizerão cega, to-
dos em figura de mulher,
todos com azas nos pés, &
os pés sobre huma roda.
Em muitas cousas errárao
como Gentios, em outras
acertárao como experi-
mentados, & prudentes.
Errárao no nome de For-
tuna, que significa Caso,
ou Fado; errárao na ce-
gueira

Santa Catharina.

gueira dos olhos ; errarão nas insignias, & poderes das mãos ; porque o governo do Mundo, significado no Leme, & a distribuição de todas as coufas, significadas na Cornucopia, pertence sòmente à Providencia Divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, & com a balança de sua justiça na mão, he a que reparte a cada hum, & a todos o que para os fins da mesma Providencia com altissimo conselho tem ordenado, & disposto. Acertarão porèm os mesmos Gentios na figura, que lhe derao de mulher, pela inconstancia ; nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda ; & sobre tudo em lhos porems sobre huma roda ; porque nem no prospero, nem no adverso, & muito menos no prospero, teve já mais firmeza. Dos que a fizeram de ouro diremos depois : o que agora sòmente me

Tom. I I.

parece dizer, he que os que a fingirão de vidro pela fragilidade, fingirão, & encarecerão pouco ; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiao segurar a inconstancia da roda.

6 Em huma das fabricas particulares, & famosas do Templo, diz o Texto Sagrado, que fez Salmao dez bases de bronze, ^{3. Reg. 7. 27.} quadradas, & iguaes por todas as partes : *Fecit decem bases aeneas, quatuor cubitorum longitudinis bases singulas, & quatuor cubitorum latitudinis.* Diz mais (o que se o não diffiera, não se imaginára) que estas dez bases as assentára cada huma sobre quatro ^{Ibidem 30.} rodas : *Et quatuor rotæ per bases singulas : accrescendando para maior clareza, que as rodas erao propriamente como as das carroças, com seus eixos, rayos, & tudo o mais, fundido ^{Ibidem 31.} tambem do mesmo bronze : *Tales autem rotæ erant, quales solent in curru fieri : & axes earum, & radii, & canthi,**

canthi, & modiolii, omnium fusilia. Toda esta miudeza foi necessario que se explicasse, para que se entendesse a obra, da qual, fenaõ fora o Author Salamaõ, quem haveria que ao menos não estranhasse tal modo de architectura? As bases são o fundamento, & firmeza de toda a fabrica; a figura quadrada entre todas as figuras a mais firme; o bronze entre todos os metaes o mais forte. Pelo contrario as rodas com eixos, & todos os outros instrumentos de se moverem, são entre todas as cousas a menos constante; a menos estavel, a menos firme. Pois porque assenta a sabedoria de Salamaõ toda a firmeza, & fortaleza das suas bases sobre rodas? Assentadas as bases sobre rodas, ficam sendo as rodas bases das bases: & isto, que não faria, não digo eu Vitruvio, fenaõ o Architecto mais imperito, que o fizesse Salamaõ? Sim, & com tanta arte como mysterio.

Aquella obra era o chamado Mar Eneo, fabricado antes de espelhos, & para espelho dos que nelle se fossem ver, & compor. Quiz pois o mais sabio de todos os homens, que na mesma traça, disposição, & ordem da fabrica vissem, & reconhecessem todos, que não ha, nem pôde haver neste Mundo cousa alguma tão solida, tão forte, tão firme, nem ainda tão santa, (qual aquella era) que, como se estivera fundada sobre rodas, não esteja sempre sujeita às voltas, declinações, & mudanças de qualquer impulso, impressão, ou movimento contrario. Tudo o que se diz da Fortuna, & seus poderes, he fingido & falso; sô huma cousa ha nella certa, & verdadeira, que he a roda.

7 E para que nos vamos chegando ao nosso caso, deixados os vidros, & bronzes, que são nomes metaforicos, fallemos agora com o proprio do homem,

homem , & de todas as
coiſas humanas , que he
o barro. Mandou Deos
Noſſo Senhor ao Profeta
Jeremias , que foſſe à offi-
cina de hum Oleiro , &
que depois de ver o que
aquelle homem fazia , lhe
declararia o porque là o
mandava. Foi o Profeta,
& diz que achou o Oleiro
trabalhando ſobre a ſua
roda : *Et ecce ipſe faciebat*
opus ſuper rotam. E notan-
do entã com particular
advertencia o que fazia ,
vio que ao principio eſta-
va formando hum vaſo
muito polido , o qual
como ſe lhe deſcompuzeſ-
ſe , & deſmançaſſe entre
as mãos, deſfello, & como
irado contra elle , tornou
a amassar , & pôr na roda
o meſmo barro , & fez ou-
tro vaſo muito differente,
como lhe veyo à fantafia.
Aqui fallou entã Deos ao
Profeta , & lhe diſſe deſta
maneira : Aſſim como o
Oleiro tem nas ſuas mãos
o barro , & delle faz huns
vaſos , & deſfaz outros ,
aſſim tenho eu nas minhas

mãos o Mundo , & poſſo
deſfazer huns Reynos , &
fazer outros ao meu arbi-
trio. E ſe elle com a pon-
ta de hum pé dà eſtas vol-
tas à ſua roda , julga tu , ſe
o poderei fazer eu. Vai
a Jeruſalem , conta-lhe o
que viſte , & dize-lhe que
o primeiro vaſo taõ poli-
do que o Oleiro fazia ,
he o Reyno de Iſrael taõ
amado , & favorecido da
minha Providencia , o
qual com a ſua rebeldia ſe
me deſcompoem entre as
mãos : & que ainda eſtou
aparelhado para lhe per-
doar, & me arrepender do
que tenho determinado :
mas que ſe elle ſe não qui-
zer emendar , darei volta
à roda , & do meſmo barro
farei outro vaſo. Jeruſa-
lem paſſará para Babylo-
nia , & o Reyno , que aqui
he del-Rey Joachim com
liberdade , là ſerá de Na-
bucodonosor com per-
petuo cativo. E aſſim
foi.

8 Oh que facilmente
ſe engana o juízo huma-
no nas apprehenſoens de

qualquer successo prospero ! Por isso disse sabia, & prudentissimamente o grande Senador Romano Severino Boecio, que melhor, & mais util he ao homem a fortuna adversa,

Boet. de
Consol.
libro 2.
prof. 3.

que a prospera : *Plus reor hominibus adversam, quam prosperam prodesse fortunam.* E dà a razão ; porque a prospera mente, & a adversa defengana : *Illa enim semper specie felicitatis, cum videtur blanda, mentitur: hæc semper vera est, cum se instabilem mutatione demonstrat. Illa fallit, hæc instruit.* Quem se não quizer enganar com as lições da fortuna prospera, olhe para a roda. Nella, & do mesmo barro faz Deos Reynos, & desfaz Reynos ; desfaz Jerusalems, & accrescenta Babylonias ; cativa os livres, & restitue a liberdade aos cativos. Assim o fez a benignidade Divina, dando outra volta à roda, & restituindo os cativos de Babylonia à liberdade, de que poucos já se lembra-

vaõ, no fim de setenta annos : caso bem parecido ao nosso.

§. IIIL.

9 **L**A depois de setenta annos, cá depois de sessenta, huns, & outros profetizados ; mas nem por isso cuide alguém, que para todas estas voltas da roda são necessarios tantos espaços, ou tantos vagares do tempo. As rodas do carro de Ezechiel, em que Deos se lhe mostrou governando todo este Mundo, eraõ cada huma composta de duas, huma roda atravessada, & outra cruzada com ella pelo meyo. Isso quer dizer : *Rota in medio rota.* E que rodas eraõ, & são estas ? Huma he a roda da fortuna, outra a roda do tempo. Mas de tal maneira unidas, & travadas entre si, & taõ independentes huma do curso da outra, que para

Ezech.
10. 10

para a roda da fortuna dar huma volta inteira, não he necessario que a dê tambem inteira o tempo. As voltas da roda do tempo são as mesmas, que as do Sol. O Sol dà huma volta maior cada anno, & huma menor cada dia. Porém para a fortuna dar huma volta inteira aos maiores Imperios, não são necessarios annos, nem dias.

10 O maior Imperio, & Monarchia, que tinha havido no Mundo, era a dos Assyrios, & Chaldeos. E quantas horas houve miſter a roda da fortuna para derrubar esta, & levantar sobre ella outra maior? Diga-o a Escritura Sagrada por boca de Daniel, que se achou prefente. *Eadem nocte interfectus est Baltasar rex Chaldeus, & Darus Medus successit in regnum*: Na mesma noite fatal, em que o Rey com mil Magnates da sua Monarchia convidados para hum solemne banquete estavam brindando

aos seus deoses, foi morto (diz Daniel) Baltasar Rey Chaldeo, & lhe succedeo no Imperio Dario Medo. De sorte que tanto mais depressa deo volta a roda da fortuna, que a roda do tempo, que não tendo o tempo em ausencia do Sol andado hum dia natural, nem meyo dia; a fortuna, morto Baltasar, & succedendo-lhe na Coroa Dario, já tinha posto por terra a Monarchia dos Assyrios, & Chaldeos, & levantado até as nuvens a dos Persas, & Medos.

11 Cahio a Monarchia, mas não cahio a Corte; porque ficáraõ em pé os famosos muros de Babilonia com os seus jardins cultivados no ar, por isso chamados Hortos penſiles; onde porém até as flores não escapáraõ de ficar tristemente murchas, & seccas, servindo a mãos estranhas, que as não tinhamão regado. E para que alguém não imagine da roda da fortuna, que não per-

Dan. 5. te. *Eadem nocte interfectus est Baltasar rex Chaldeus, & Darus Medus successit in regnum*: Na mesma noite fatal, em que o Rey com mil Magnates da sua Monarchia convidados para hum solemne banquete estavam brindando

perdoando às Coroas, ao menos dà quartel às pedras; passando do maior Imperio da Ásia à melhor Cidade da Europa; ouçamos em outra noite não menos tragica, quam precipitada he a sua volta tambem em estas ruinas.

Senec.
Epist.

12. Falla Seneca da antiga Lugduno, que anoitecendo Cidade, amanheceo cinza, & escreve assim: *Tot pulcherrima opera, quæ singula illustrare urbes singulas possent, una nox stravit. Et in tanta pace, quantum ne bello quidem timeri potest, accidit. Quis credat? Lugdunum, quod ostendebatur in Gallia, queritur. Omnibus fortuna, quos publicè afflixit, quod passuri erant, timere permisit. Nulla res magna non aliquod habuit ruinae suæ spatium. In hac una nox interfuit inter urbem maximam, & nullam. Denique diutius illam periisse, quàm periit, narro. He laetitia haver de afrontar com a traducção de qual-*

quer outra lingua a elegancia destas palavras. Aquelles famosos edificios, (diz Seneca) que cada hum delles pudéra ennobrecer, & illustrar huma Cidade, todos igualou com a terra huma noite: & aconteeço na bella paz o que nem da mais furiosa guerra se pudéra temer. Quem tal crera? Aquella Lugduno, que se mostrava por maravilha na Gallia, busca-se nella, & não se acha. A todos os que a fortuna affligio publicamente, permittio que temessem o que haviaõ de padecer, & a nenhuma couza grande deixou de dar o tempo algum espaço à sua propria ruina. Sõ nesta entre a Cidade maxima, & o nada, não houve mais que huma noite. Ainda acabou mais depressa do que eu o escrevo. Atèqui a narraçãõ, & ponderaçãõ do grande Filosofo. E como para as maiores voltas, & mudanças da roda da fortuna não são necessarios annos, nem

nem dias inteiros , & da ametade de hum dia sobejão ainda horas , & essas as mais occultas à vista ; que segurança pôde haver tão confiada , que entre os abraços mais lisonjeiros da felicidade não tema os seus revezes ? E que Reyno , ou Republica , que Rey , ou Capitaõ prudente , que entre os maiores triunfos lhe não esteja sempre batendo às portas do coração aquella voz duvidosa , *Ne forte?*

V.

13 **N**ÃO he minha tenção com este discurso querer que a muito nobre Cidade de Lisboa entristeça a sua alegria , nem ponha silencio aos seus applausos ; porque seria ser ingrata ao Ceo , & negar os publicos pregoens da fama aos que com o seu esforço , & sangue tão honradamente lhos merecerão. O que só

desejo , he que toda esta Monarchia de Portugal se não deixe tanto inchar do vento da fortuna , que se fie della , & a crea. Ouvi debaixo de hum paradoxo o mais fezudo juizo da prudencia militar. Como na guerra não ha cousa mais para estimar , que o vencer ; assim não ha outra mais para temer , que a mesma vitoria. Quando o sabio Capitaõ se vir mais vitorioso , & triunfante na carroça de Marte , & da fortuna , então he que mais se deve temer da volta das suas rodas.

14 Vencedor Abraham de quatro Reys , que tinhaõ vencido outros cinco , & levado cativo com parte delles a Loth seu sobrinho , fizeraõ mais famosa esta interpreza tres circumstancias notaveis : huma da parte dos Reys vencidos , outra da parte de Abraham vencedor , & a terceira da parte de Deos , que neste acontecimento lhe appareceo , & fallou. Notavel da parte dos

dos Reis vencidos ; porque naquella mesma noite, em que contentes, & divertidos estavam brindando à sua vitoria, deo sobre elles Abraham, com que a não chegáram a lograr quatro horas inteiras, bastando tão pouco espaço de tempo para dar volta a roda, & de vitoriosos ; & triunfantes se verem vencidos. Notavel da parte de Abraham vencedor ; porque voltando triunfante com parabens, & applausos de Melchisedech Rey de Salem, nenhuma demonstração fez de festejar o seu proprio triunfo. Não havia então salvas de artilharia, nem repiques, nem luminarias ; mas conforme o uso daquelle tempo, pudéra levantar trofeos, que erão arvores, desgalhados os ramos, & penduradas delles as armas, & despojos dos inimigos, que Abraham desprezou generosamente. Notavel emfim da parte de Deos ; porque naquella mesma

ocasião lhe appareceo o Senhor dos exercitos, & lhe disse estas notaveis palavras : *Noli timere*, Gen. 15. *Abraham, ego protector tuus* ; ou como se lê no Texto original : *Ego scutum tuum* : Não temas, Abraham, que eu sou o teu protector, & o teu escudo. Aqui he o meu reparo, & primeiro que tudo, naquelle *Noli timere* : Não temas. Não he este Abraham aquelle mesmo, que pouco ha tão animoso, & destemido, com resolução quasi temeraria se atreveo a accommetter quatro Reis vitoriosos, & triunfantes sô com trezentos & dez-oito homens de sua casa ? Não he aquelle mesmo, que com tanta arte, disposição, & ordem militar soube repartir os seus, & de tal modo, & a tal tempo investio os inimigos, que sem lugar de se defenderem, os poz a todos em fugida ? Pois se antes não temeo a batalha, sendo tão arriscada, como agora teme,

teme, depois de a vencer, & tão venturosamente ? Dantes podia temer os inimigos por muitos, & vitoriosos ; mas agora depois de desbaratados, & vencidos, a quem teme, ou de quem se teme ? Teme-se da sua propria vitoria. Por isso Deos, que para vencer a batalha, lhe não deo a espada ; para conservar, & defender a vitoria, lhe promette o escudo : *Ego scutum tuum.*

15. Vede quanta razão, & quantas razões tinha Abraham para temer, & se temer da sua vitoria : *Noli timere.* Considerava Abraham, que elle era hum, & os Reys, que vencerá, quatro : & na comparação de hum a muitos, que coração haverá tão agigantado, que com os pés na campanha não tema ? O Gigante Goliath cuberto de ferro, & maior na sua soberba, que na sua estatura, nunca se atreveo em quarenta dias a desafiar

1. Reg. mais que a hum : *Ad singulare certamen.* De Her-

cules, cujas forças, & façanhas he mais certo que forão fabulosas, do que verdadeiras ; he comtudo verdadeiro o proverbio que, *Nec Hercules contra duos.* É posto que as de Judas Machabeo canonizadas na Escritura Sagrada não admittem duvida, também a não ha, de que na ultima batalha, que teve quasi vencida, acabou sem remedio, nem resistencia, não vencido no valor, mas opprimido da multidão. Considerava mais Abraham, que o poder menor competindo com o grandemente maior, ainda quando vence, sempre fica desigual : & he tal a differença nesta desproporção defensiva, que o maior, ainda perdendo muitas batalhas, facilmente se conserva na sua mesma grandeza ; & o menor tendo necessidade de muitas vitorias para se conservar, bastará perder sô humma, para se perder. Finalmente temia Abraham a sua vitoria, porque não olhava para

para ella fô, senão juntamente para a dos mesmos inimigos, a quem vencêra. E se ellês (dizia consigo) não lograraõ a sua vitoria quatro horas inteiras; que segurança posso eu ter de me sustentar sempre na minha? Por ventura pregou ella algum cravo na roda da fortuna, para que não dê aquellas voltas, que continuamente está dando o mundo, sem já mais parar?

16 Oh como pudêra o mesmo Abraham confirmar este seu temor depois da vitoria dos quatro Reys com o exemplo de outros quatro do Egypto, onde já no tempo de Abraham se começavaõ a coroar os homens! Sesostris Rey do Egypto, depois de vencer outros quatro Reys visinhos, se desvanecio a tanta soberba, que em lugar de outros tantos cavallos, mandou que os quatro Reys vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em hum dia porêm de grande celebridade ad-

vertio, que hum dos Reys vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto, & os olhos sempre os levava voltados, & postos no rodar da mesma carroça. E como Sesostris lhe perguntasse, com que pensamento o fazia; respondeo: *Intueor volumen hoc assiduam rote, in qua vicissim ima summa, & summa ima fiunt*: Levo sempre postos os olhos nesta roda; porque vejo nella, que assim como esta parte, que agora está em baixo, esteve já em cima; assim a que está em cima, com meya volta fô torna a estar em baixo. Entendeo o mysterio o Rey vitorioso & soberbo, & mandou logo tirar do jugo aos vencidos. As victorias proprias vistas sem os olhos na roda, ensoberbecem; com os olhos nella, humilhaõ. Com os olhos na roda, aos vencidos causaõ esperança, & aos vencedores temor. Por isso Abraham temia a sua vitoria, & todos os gran-

grandes Capitaens temé-
raõ sempre as suas.

17 Ouvi isto mesmo
admiravelmente discursa-
do por Seneca o Poeta, &
com a mesma proprieda-
de representado por El-
Rey Agamenon, Rey &
General do exercito Gre-
go, depois de abrazada
Troya. *Stat avidus irâ vi-
ctor, & lentum Ilium meti-
tur oculis*: Olhava para
Troya vencida o vence-
dor Agamenon; & porque
a não podia ver toda de
humas vezes, lentamente, &
pouco a pouco hia medin-
do com os olhos sua gran-
deza. A primeira couza,
que deve fazer o prudente
vencedor, he tomar bem
as medidas ao Paiz venci-
do: *Et lentum Ilium meti-
tur oculis*. E que se seguirá
daqui? O que aconteceu
a Agamenon. *Victamque
quavis videat, haud cre-
dit sibi potuisse vinci*: &
ainda que Agamenon esta-
va vendo vencida a Troya,
não acabava de crer, nem
de se persuadir a si mesmo,
que elle a tivesse vencido.

Não se podia louvar mais,
nem encarecer melhor a
grandeza da vitoria. Na
opiniaõ invencivel, aos
olhos vencida. E passando
da terra à Coroa, da me-
tropoli ao Rey, & de
Troya a Priamo, a conclu-
saõ do juizo de Agamenon
foi esta: *Tu me superbum,
Priame, tu timidum facis*:
Tu, ô Priamo, me fazes
soberbo, & tu me fazes tí-
mido. Quando vejo que
venci hum tão grande Rey
como Priamo, Monarcha,
& Senhor de toda a Asia,
vem-me pensamentos de
soberba: *Tu me superbum,
Priame*. Mas quando nõ
mesmo Priamo me vejo a
mim, como em espelho, &
quando considero, & re-
conheço que assim como
eu o venci a elle, outro
me pôde vencer a mim,
& dando volta a fortuna,
como hoje me vejo ven-
cedor, à manhã me posso
ver vencido: todos os ar-
dores da soberba se me
convertem em frios de te-
mor: *Tu me superbum, tu
timidum facis*.

18 Este foi o juizo de Abraham em temer a sua vitoria : & este o de Agamenon em temer a sua : & o meu no nosso caso qual será ? Porque não me persuado a temer, nem quero persuadir temores, & por outra parte quizera prometter segurança às nossas vitorias, sujeitas todas aos revezes da roda da fortuna; sô no escudo, que Deos prometteo a Abraham; que he circulo permanente, as acho. Escreve Plinio, que em Roma no portico de Pompeo se via com admiração a pintura de hum soldado sem mais armas que hum escudo; obra de Pelignoto famoso naquella Arte; & o que nella se admirava, era estar pintado o soldado em tal acção no meyo de huma escada, que ninguem podia divisar se subia, ou descia. *Hujus (Pelignoti) est tabula in porticu Pompei, in qua dubitatur ascendentem cum clypeo pinxerit, an descendentem.* Toda a escada, Senhores meus, ainda

que em differente figura, he tambem roda; porque pelos mesmos degrãos se pôde subir, ou descer. No meyo desta escada vejo aos nossos soldados armados tambem de escudo à defensiva, qual he a nossa guerra: & posto que na presente vitoria parece que estão em acção de subir, como igualmente he sem questaõ, que podem descer, nesta duvida, ou cõtigencia, não lhes posso affirmar cousa certa. He verdade, que estou vendo muitos arcos triunfaes levantados; mas estes, aindaque não tiveraõ as bases na terra, não podem segurar firmeza ao que significação. Nas Ires, ou Arcos celestes não sô observaraõ os Mathematicos, mas experimentaõ os Rusticos, que quando o Sol sobe, os Arcos descem, & quando o Sol desce, os Arcos sobem. E se nas voltas, que dà o Sol ao mundo, se vê esta differença naquelles espelhos; se quando os Arcos se abatem, he final, que

que sobe o Sol ao Zenith, & quando os Arcos crescem, & se levantaõ, he final, que o mesmo Principe dos Planetas desce ao occaso: que juizo se pôde formar do apparente destes triunfaes meteoros, para segurar o augmento das Monarchias, ou sua declinação? A que hoje parece que sobe, à manhã pôde descer, & a que hoje desce, à manhã pôde subir, & sò no escudo, que embraga o braço de Deos, (& he circulo, como dizia, permanente) se pôde segurar o prudente temor, para que não diga: *Ne fortè*.

§. VI.

19 **T**Emos satisfeito neste primeiro discurso ao Evangelho, ao thema, ao tempo, & caso presente, & ao *Ne fortè* das Virgens prudentes. Agora vejamos como a Virgem prudentissima, que nos deo a roda, com o exemplo, & successos gloriosos das suas vitorias nos ensina o que devemos de-

Tom. I I.

sprezar, temer, ou assegurar em todas as voltas, que à da fortuna, & à do proprio alvedrio pôde dar o Mundo. 20 Primeiramente assim como he prudencia nas cousas duvidosas, & contingentes dizer, *Ne fortè*; assim nas certas, & que não podem ter duvida, dizer, *Ne fortè*, he a maior imprudencia. A mais imprudente mulher, (tambem virgem) que houve no Mundo, foi a destruidora delle, Eva. E porque? Porque sobre a verdade mais certa, & a certeza mais infallivel, da qual se não podia duvidar, disse: *Ne fortè*. Tinha Deos notificado a Adam, & nelle a Eva, que no dia, em que comessem da arvore vedada, ficariaõ sujeitos à morte. E sendo as palavras expressas do preceito: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*: Eva respondendo à pergunta do demonio, & referindo o mesmo preceito, acrescentou-lhe hum *Ne fortè*: *Præcepit nobis Deus, ne comederemus, & ne tangeremus illud,*

B

illud, ne forte moriamur. E que se seguio deste *Ne forte* da Virgem nescia do Paraíso ? Seguio-se o erro, que emendou o *Ne forte* das Virgens prudentes do Evangelho. O *Ne forte* da nescia poz duvida, onde não podia haver duvida: o *Ne forte* das Prudentes não admittio duvida, onde podia haver muitas.

21 Podiaõ duvidar, sendo companheiras, como eraõ, se seria contra as leys da verdadeira, & fiel companhia não ser commum de todas, o que era particular de algumas. Podiaõ duvidar, sendo amigas, se era obrigação em tal aperto offerecerem-lhe ellas o oleo, ainda que o não pedissem, quanto mais não lho negar, tendo-o pedido. Podiaõ duvidar, se nas circumstancias de hum caso tão preciso, era licito descomporer o acompanhamento, & desfazerem o aparato das vodas, para o qual foraõ escolhidas em tal numero, & para tantas parellas. Podiaõ du-

vidar, se sentiriaõ, como era razaõ, o desfar daquella falta o Esposo, & Esposa, que eraõ os Senhores, a quem serviaõ, & de cujo agrado, & favor dependia o seu bem, & toda a sua esperanza. Podiaõ duvidar emfim, se era contra o primor, contra a cortesia, contra a nobreza, contra o credito, & reputação, & contra todos os outros respeitoes, & pontos de honra, que tão escriptamente observaõ nas acçoens publicas os que as fazem nos olhos do Mundo, & sujeitas aos seus juizos. Pois se em dar, ou não dar aquelle socorro havia tantas duvidas, como se resolvêraõ as Prudentes ao negar, principalmente sendo muito pouco o que haviaõ de dispender, sabendo que o Esposo já vinha: *Ecce Sponsus venit?*

22 A razaõ deste tão bem fundado reparo he muito mal praticada nas Cortes, & por isso necessario que a nossa, com quem

quem fallo, a ouça. O que importava à prevenção das Virgens prudentes, & o que dependia de ella bastar, ou não bastar para todas, não era menos infallivelmente que o entrar às vodas, ou não entrar; o ganhar o Ceo, ou perdello; o salvar, ou não salvar: & em materia de salvação não se ha de admitir duvida, nem contingencia, por menor, ou minima que seja. Todos os pontos do primor, do credito, da reputação, & honra humana, em chegando a este ponto, são nada. Todas as obrigações, & finezas da amizade, & do amor, ainda que seja o que mais cega, que he o dos pays para com os filhos, a qualquer sombra deste perigo se devem converter em odio: este só respeito ha de vencer todos os respeitos, esta só dependencia todas as dependencias, este só interesse todos os interesses. Cuide o Mundo, murmure a vaidade, diga a fama

o que quizer; arrisque-se emfim tudo o que se pôde arriscar, perca-se tudo o que se pôde perder, com tanto que se não arrisque, ou ponha em duvida a salvação.

23 Taõ sezudo, & taõ forte como isto foi o *Ne forte* das Virgens prudentes. Mas por isso mesmo não só parece deshumano, senão contrario a toda a razão, & proximidade. Se tanto reparo, & tanto escrupulo fazeis neste ponto, por ser da salvação; porque não reparais na de vossas companheiras? Não vedes, que seguindo o vosso conselho, vão arriscadas a se lhes fecharem as portas do Ceo, & o perderem, & se perderem para sempre? Assim o viaõ como fábias, & o sentiaõ como amigas. Mas esta he a obrigação precisa, & indispensavel, & este o privilegio soberanissimo da salvação propria. Se a duvida, ou risco da minha salvação em qualquer caso se encontra

com a alhea, seja a alhea de quem for, & de quantos for; sou obrigado a tratar tão unicamente da minha salvação, que me salve eu, ainda que se perca todo o Mundo. Não he menos Divino este tremendo documento, que da boca da mesma Verdade: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patitur?* Que lhe aproveita a hum homem (diz o Salvador dos homens) salvar elle, ou que por seu meyo se salvem todas as almas do Mundo, se elle perder a sua? Aqui não ha sennaõ dar hum ponto na boca. E este foi o fecho, com que as Prudentes acabáraõ de concluir não a desculpa, sennaõ a obrigação, que tiveraõ, de não acudir à salvação das companheiras, pois era com duvida, & risco da propria: *Ne fortè non sufficiat nobis, & vobis.*

Matth.

16. 26.

Matth.

23. 9.

VII.

24 E M confirmação desta no-

tavel verdade, que he bem sabião todos, para que nos fiemos das diligencias proprias, & não de dependencias alheas; seguiu-se o alegre, & triste fim da historia do Euangelho. As Prudentes entraraõ às voadas, as portas do Ceo tornáraõ a se fechar, & posto que as nescias vieraõ, & batêraõ, ficáraõ de fora. Cuidava eu, que as Virgens prudentes, vendo-se já dentro no Ceo, sem duvida, nem perigo da salvação propria, ao menos se lembrassem de interceder pelas companheiras; mas este foi o segundo, & novo defengano, para que cada hum se fie sô de si. Là vaõ chorando as tristes, & miseraveis nescias, que nem na terra tiveraõ remedio, nem no Ceo o acháraõ. E que effectos causaria esta lastimosa vista no coração, no zelo, & no valor de Catharina? Com assombro dos outros Santos, dos Anjos, & do mesmo Euangelho, resolve-se a fazer abrir outra vez as portas do Ceo

Ceo já fechadas , & que entrem também as nescias.

25 Já vejo , que repa-
raõ os doutos na proposi-
çaõ ; mas notem o solido
fundamento della. As nescias do Euangelho saõ
aquellas , cujas alampadas
se apagáraõ por falta de
oleo , & por esta falta naõ
entráraõ às vodas. E estas
nescias , que sòmente o
saõ em parabola , & seme-
lhança , em realidade , &
verdade significaõ aquel-
las almas , a quem falta o
lume da Fé , & o oleo da
Charidade , sem o qual ,
ainda que haja Fé , he Fé
morta , & o lume da mes-
ma Fé apagado ; sendo
que sò com elle ardente , &
ella viva se pôde entrar no
Ceo. Taes eraõ , & pela
maior parte idolatras os
que habitavaõ a grande
Cidade de Alexandria ,
patria da nossa Santa , onde
entaõ residia o Empera-
dor Maximino , o maior
inimigo de Christo , & o
mais cruel tyranno , & per-
seguidor dos Christaõs.
Estava alli Catharina chea

Tom. II.

de Fé entre infieis , estava
chea de sabedoria entre
ignorantes , estava chea de
luz entre cegos , estava
chea de piedade entre ty-
rannos. E que fariaõ den-
tro daquelle generoso co-
raçaõ , & como rebentan-
do nelle todas estas heroi-
cas virtudes , & cada huma
dellas ? A Fé o incitava a
converter a infidelidade ,
a sabedoria a ensinar a ig-
norancia , a luz a allumiar
a cegueira , a piedade a
abrandar , & amansar a ty-
rannia ; & sobre tudo o
abrazava a vista da perdi-
çaõ de tantas almas. Se
Catharina fora huma das
dez Virgens , com duvida ,
& contingencia da salva-
çaõ , diria com as Pruden-
tes da parabola , *Ne fortè* :
mas como depois de o
mesmo Christo lhe dar o
anel de Esposo , ella era a
Esposa , que naõ podia dei-
xar de entrar às vodas :

Exierunt obviam Sponso , & Sponsæ ; por isso em lugar
de dizer : *Ne fortè* : (notai
muito) em lugar de dizer :
Ne fortè : disse : *Si fortè*.

Matth.
25. 1.

B iij

26 Si

26 *Si fortè*, disse com novidade inaudita em lugar de *Ne fortè*: & he bem que reparemos muito na differença destes dous adverbios; porque em tão pequena mudança de letras tem a significação totalmente contraria. O *Ne fortè* significa, Paraque não, como já vimos; o *Si fortè* quer dizer, Se por ventura: o *Ne fortè*, he adverbio seguro, & frio; o *Si fortè*, animoso, & ardente: o *Ne fortè*, fecha as portas ao temor; o *Si fortè*, abre-as à esperança: o *Ne fortè*, he freyo para a cautela; o *Si fortè*, he esporapara a ousadia: o *Ne fortè*, diz, Não te arrisques; o *Si fortè*, diz, Aventurate: finalmente o *Ne fortè*, tem por effeito evitar o mal, que suspeita; & o *Si fortè*, tem por objecto emprehender, & conseguir o bem, a que aspira. Mas este bem não ha de ser qualquer bem ordinario, & vulgar, senão grande, senão arduo, senão heroico, & que tenha mais

grãos de difficultoso, que de possível. Para prova do *Ne fortè*, basta o das Virgens do Evangelho, que deixamos tão debatido. Para declaração, & exemplo do *Si fortè*, temos dous famosos no Testamento Velho, & tão medonhos, como atrevidos.

27 Tendo os Filisteos com innumeravel exercito posto em tal aperto os filhos de Israel, que para guarecerem as vidas, se escondião pelas covas, & grutas dos montes, veyo ao pensamento de Jonatas filho del-Rey Saul, que se elle rompesse as sentinellas na hora mais secreta do somno, o desacordo do mesmo somno, & a escuridade da noite podia pôr os inimigos em tal confusão, que sentindo-se ferir, & matar, sem saber por quem, elles mesmos voltassem as armas huns contra os outros, & se desbaratassem, & fugissem. Assim o imaginou aquelle Principe, assim o executou, & assim succedeo: sendo

fendo os authores desta prodigiosa façanha o mesmo Jonatas, & o seu pagem da lança somente. Mas com que motivo racional em caso tão difficuloso? Sem outro motivo, ou impulso mais, que a ousadia de hum animoso *Si fortè*. Assim o disse o mesmo Jonatas, quando acometeo a empreza, deixando-a toda a Deos, & à ventura: *Veni, transeamus ad stationem incircumcisorum horum, si fortè faciat Dominus pro nobis*. O segundo exemplo ainda foi maior, se pôde ser; porque não teve parte nelle o soccorro da noite. Quando Josué repartia as conquistas da terra de Promissão, pedio-lhe seu antigo companheiro Caleb hum sitio chamado o Monte dos Gigantes, em que elles se mantinhaõ inexpugnavelmente fortificados: *Da mihi montem istum, in quo Enacim (idest Gigantes) sunt, & urbes magnæ, atque munitæ*. Mas se os homens de ordinaria estatura em

comparaçãõ dos Gigantes são Pigmeos, & os muros, que defendiaõ as suas Cidades, eraõ tão agigantados como elles: com que confiança Caleb, que já contava oitenta & cinco annos de idade, se atreve a tão desigual, & difficulosa conquista? Com a mesma confiança, & impulsos de hum intrepido, & valeroso *Si fortè: Si fortè sit Dominus mecum, & potuero delere eos*. Ibidem;

28 Tal era o fortissimo *Si fortè*, de que estava armada a nossa valerosissima Aventureira para assaltar outro monte mais alto, & conquistar outras muralhas mais impenetraveis, & abrir as portas do Ceo às nescias da sua patria, tanto mais nescias, & ignorantes, que não sabião chorar, nem ainda conhecer a miseravel cegueira, que as tinha fõra delle entraõ, & para sempre. Sendo tão grande a difficuldade da empreza, ainda a difficultou com outra maior naquella mesma occasião a

B iiii tyran-

i. Reg.
14. 6.

Josue
24. 12.

tyrannia do Emperador Maximino. Lançou bando, que todos os subditos do seu Imperio agradecidos às mercês, com que os deoses immortaes o favoreciaõ, lhe viessem oferecer sacrificio publico, sob pena da vida, & da sua indignação aos que assim o não obedecessem. A indignação do tyranno significava os exquisitos tormentos, com que a morte, por si sô terrivel, se fazia muito mais formidavel. E aqui se vio Catharina metida entre dous extremos os mais repugnantes à natureza, & ainda à mesma graça. De huma parte o Ceo, da outra o inferno: de huma parte a morte temporal propria, da outra a eterna alhea: de huma parte a perdição, da outra a salvação de tantas almas. Mas naquelle sublime espirito não foraõ necessarios muitos discursos para a mais heroica deliberação. A morte (diz Catharina) he certa, a salvação duvidosa: mas

a morte he minha, a salvação he dos proximos: aventure-se pois Catharina a conseguir a salvação alhea, & perca embora de contado a vida propria.

29 Em toda a Escriitura Sagrada ha sô huma deliberação, que tenha alguma semelhança com esta. Tinha passado el-Rey Asfuerio hum Decreto por industria, & vingança de seu grande privado Aman, para que em certo dia assassinado, nas cento & vinte & sete Provincias sujeitas a seu Imperio morressem todos os Hebreos, que nellas se achavaõ. Teve esta noticia Esther, que tambem era Hebreia, resolve-se a procurar a salvação do seu povo; porèm querendo fallar ao Rey, soube que havia outro novo, & segundo Decreto seu, em que prohibia, que nenhum homem, nem mulher pudesse entrar à sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida: *Quod sive vir, sive* ETH. 4.
mulier, non vocatus, inte- 11.

rius atrium Regis intraverit, absque ulla cunctatione interficiatur. Tudo eraõ traças do mesmo Aman, para que a execução da morte universal dos Hebreos se não pudesse revogar. E aqui temos a Esther metida entre as duas pontas de hum fatal dilemma, por ambas as partes mortal. Se não entra ao Rey, executa-se o primeiro Decreto, & morre o povo: se se atreve a entrar, executa-se o segundo, & morre Esther. Que faria pois a generosa Heroína, vendo-se expressamente comprehendida nas palavras do Decreto: *Sive vir, sive mulier?* Execute-se embora (diz) a morte em mim, com tanto que nesse mesmo risco me aventure eu a conseguir a salvação do meu povo. Isto disse a famosa resolução de Esther, & nisto parece que se igualou o seu *Si fortè* com o *Si fortè* de Catharina. Mas não consinto eu tal igualdade; nem foi assim: porque? Porque no mesmo Decre-

to se accrescentava esta condição: *Nisi fortè Rex auream virgam ad eum tenderit pro signo clementiae:* Excepto somente o caso, em que o Rey estenda o sceptro de ouro sobre quem entrar, em sinal de clemencia. De sorte que o *Si fortè* de Esther tinha por si o *Nisi fortè* de Assuero; porèm o de Catharina era *Si fortè* sem *Nisi fortè*. Aquelle tinha por si a condicional do Rey, este tinha contra si a condição do tyranno: aquelle tinha por si a clemencia, este a crueldade inexoravel: aquelle o sceptro de ouro, este não o sceptro, senão a espada; não o ouro, senão o ferro tantas vezes tinto no sangue Christão, & insaciavel delle. Em summa, que o bando era absoluto, & sem exceção, a morte certa, & sem duvida, os tormentos exquisitos, & iguaes à sevicia, & crueldade do tyranno; & a tudo isto se offereceo huma donzella, que ainda não tinha idade para se chamar mulher, com

Ibidem.

com a esperança incerta, duvidosa, & somente possível da salvação alheia à ventura, & contingencia de se poder, ou não poder conseguir: *Si fortè.*

§. VIII.

30 **M**As porque he mais facil o desejar, que o fazer, & menos difficil o resolver, que o executar; passemos do pensamento às mãos, & vejamos como a nossa Conquistadora do Ceo, & das almas entra, & se empenha bizarra nas suas aventuras. O primeiro tiro que fez, foi à cabeça. Presenta-se ao Imperador armada da sua eloquencia, & acompanhada sò de si mesma. Estranha-lhe a publicidade do bando, o terror das ameaças, o sacrilegio dos sacrificios, a falsidade dos deoses com nome de immortaes, sendo paos, & pedras: & sobre este exordio passou à doutrina da verdadeira Fé. Pasma Maximino de

tal audacia, & atrevimento na fraqueza daquelle sexo, & idade, & comprindo-se no impio idolatra a discreta maldição de David, que sejaõ semelhantes aos idolos os que os adoraõ: *Similes illis* Psal. 113. 8. *fiant, qui faciunt ea*; elle ficou mais idolo, que idolatra. Os idolos tem olhos, & não vêm; elle ficou cego: os idolos tem ouvidos, & não ouvem; elle ficou surdo: os idolos tem lingua, & não fallão; elle ficou mudo: cego à luz, surdo à voz, mudo à força da razão, a que não podia resistir, nem queria ceder.

31 Não ha cabeças mais duras de penetrar, & converter, que as coroadas; & se o Rey, ou tyranno, por dentro he mão, & vicioso, & por fora hypocrita, & devoto; estas apparencias de religião, com que se justificaõ, os endurecem, & obstinaõ mais. Taes haõde ser as artes do ante-christo na falsa introdução da sua divindade; & taes eraõ em Maximino, sem

fem artificio , o zelo , & veneração da que cria nos seus deoses , & negava , & blasfemava em Christo. Com tão pouca esperança de vencer , começou a primeira aventura de Catharina : o que ella não estranhou ; porque na empreza do seu heroico *Si fortè* , sempre levou os olhos postos nas duas faces da contingencia , huma alegre , outra triste ; huma prospera , outra aduersa ; huma vencedora , outra não. Comtudo depois que o Emperador fallou , & ouviu , se não alcançou delle a inteira vitoria , confezguio parte della. E qual foi ? porque nem o mesmo Emperador o entendeu. Foi que se o não fez Catholico da nossa Fé , fello herege da sua. Alcançou delle modesta , & sabiamente a Santa , que entre ella , & seus Filozofos se disputasse publicamente a questão da verdadeira , ou falsa divindade dos deoses. E aqui fraqueou a astucia do Emperador , & se vio

a sutileza de Catharina ; porque o que se poem em questão , & disputa , igualmente se poem em duvida ; & quem duvida da sua fé , qualquer que seja , já he herege della.

32. Aparecerão em fim os Filozofos em hum sala , que era o theatro da famosa disputa , não menos em numero que cincoenta , & tão varios cada hum nos trajos , & no mesmo aspecto , como nas feittas. Não se viaõ alli armas , posto que todas as Uniuersidades tinhaõ destinado àquella campanha os seus Achilles. Afrontáraõ-se elles de haver de contender em letras com hum mulher ; não desmayando porèm ella de vencer a tantos homens de tanta fama , & tanta presumpção , que todos se estimavaõ banhados na lagoa Estygia. Assim tinha cada hum por invulneravel a sua feita , & inexpugnabel às outras. Para abreviar pois o conflicto , & não ter suspensa a expetacção

etação dos circunstantes; todos se comprometterão na sabedoria de hum, o mais velho, & veneravel, de mais celebrada opiniaõ. Fallou este, & com igual arrogancia, & eloquencia ostentou por largo espaço quanto sabia. Mas Catharina sem desprezar a pompa das palavras, nem temer o estrondo dos argumentos, com modestas, & vivas razoes desfez, & desbaratou tudo com tal evidencia, que o Filosofo compromissario do duello, attonito, & pasmado se rendeo, & convencido se lançou a seus pés. Os demais já convencidos nelle, com o mesmo assombro do que ouviraõ, & ignoravaõ, não sò reconhecéraõ inteiramente a verdade, mas não podendo reprimir com o silencio os impulsos della, sem pejo do Emperador presente, & de toda Alexandria, & com afronta de todas as escolas da Grecia, confessáraõ publicamente a falsidade dos deoses, & a uni-

ca Divindade do Crucificado Jesu Christo.

33 Esta publica confissão foi o maior triunfo da vitoria de Catharina, maior contra Democritos, & Diogenes sem espada, que se fora contra Scipioens armados. As batalhas mais invenciveis saõ as do entendimento; porque onde as feridas não tirão sangue, nem a fraqueza se vê pela cor, nenhum sabio se confessa vencido. Diz S. Paulo que a sciencia incha: *Scientia inflat*. E não sò he difficil sem graça muito singular sciencia sem inchação, mas sempre a inchação he maior que a sciencia. A maior sciencia, & o maior entendimento, que Deos creou entre homens, & Anjos, foi o de Lucifer; mas ainda foi maior a sua inchação, & soberba: *Similis ero Altissimi*. 1. Cor. 8. 1. mo. Contra esta rebelião se deo no Ceo aquella grande batalha de entendimentos: *Factum est praelium magnum in celo*. 16. 14. Sahio vencedor Miguel, ficou vencido

Apoc. 12. 7.

cido Lucifer ; mas de que modo vencido ? Com tal inchação , & soberba do seu saber, & tão namorado do mesmo entendimento que o cegou , que antes quiz cair do Ceo , que descer-se da sua opinião. Ha mais de seis mil annos, que arde no inferno Lucifer, & ha de arder por toda a eternidade, sô por não admittir hum instante , em que confesse que errou.

34 A vista desta desventura do Ceo, triunfe mais, ô Catharina, o *Si fortè* das vossas aventuras. Maiores circumstancias teve esta victoria vossa, que a do Capitaô General de Deos na batalha do Empyreo. A sua partio-se entre o Ceo, & o inferno; a vossa inteiramente toda foi do Ceo. Na sua ficárao sô no Ceo duas partes das tres Jerarchias, que foraô as vencedoras ; & a terceira vencida foi precipitada no inferno. Na vossa sô foraô cincoenta os que vieraô à batalha, & todos

cincoenta vencérao, todos cincoenta vos seguiráô , todos cincoenta pizárao o inferno, & voárao ao Ceo, cujas portas vós lhes abristes, & nenhum ficou de fôra. Mais ainda. Quando no Ceo à voz de Miguel, *Quis sicut Deus ?* se partiárao os dous exercitos hum vitorioso, outro cahido, houve Anjos, & Archangjos, houve Principados, & Potestades, houve Cherubins, & Serafins, houve emfim em todos os nove Córos dos Espiritos celestiaes muitos que seguiráo a feita de Lucifer ; porêem à voz de Catharina, (que tambem foi contra os deoses falsos, Quem como o Deos verdadeiro ? sendo tantas, & tão varias as feitas dos Filósofos , como elles mesmos ; nenhum houve (fineza não vista no Ceo) que não deixasse a propria. Antes se vio naquella uniforme conversação, ou Divino metamorfosi huma singular maravilha ao entrar, & ao sair do mesmo theatro.

E foi,

E foi, que ao entrar, huns Filósofos eraõ Platonicos, outros Peripateticos, outros Academicos, outros Cinicos, outros Estoicos, outros Pitagoricos, outros Epicureos, outros Gnosticos, & os demais; & ao sair, pelo nome da nova escola, & da nova Mestra, todos eraõ, & se podiaõ chamar Catharinos. Taõ forte, & de hum fõ rosto foi nesta segunda aventura sem duvida, nem exceiçaõ o seu glorioso *Si fortè*.

§. IX.

35 **A** Frontado Maximino pelo seu descredito, & muito mais pela injuria, & ignominia dos seus deoses conhecidos por falsos: para se vingar da fraqueza dos Filósofos, & do valor da que os vencéra, resolveo barbaramente matar a todos, mas não com a mesma morte: os Filósofos à espada, Catharina à fome. Mandou-a meter, ou se-

pultar em hum carcere subterraneo, escuro, & medonho, com comminaçaõ, & pena capital às guardas, que ninguem lhe dèsse de comer. Tudo isto era accrescentar trombetas à fama, & novos applausos à gloria de Catharina. E desejando a mesma Emperatriz conhecer, & ver com seus olhos, antes que morresse, huma mulher de taõ sublimes espiritos, delibera-se a ir em pessoa, & descer secretamente ao mesmo carcere. Mas reparai, Senhora, nõ que fazeis; porque descer a essa masmorra, não pôde ser sem o mesmo perigo que o Profeta Daniel ao lago dos Leoens. Os Leoens de industria esta-vaõ famintos sem a raçaõ ordinaria, para que mais raivosa a sua natural fereza com a fome, no mesmo instante remetessem ao Profeta, & espedaçado o comessem. Sabei pois que essa mulher, que quereis ver, com fome não menos que de quasi doze dias, como

como huma Leoa esfaimada, se ha de enviar a vós, & comer-vos. Mas antes do successo, para que não pareça fabula, ou chimera este dito, vejamos quam certo he.

36 Estando S. Pedro no porto de Joppe em oração ao meyo dia, diz o Euangelista S. Lucas, que teve fome: *Cum esuriret*: & em quanto se lhe punha a mesa na casa, onde estava hospede, vio descer subitamente do Ceo outra mesa tão abundante de iguarias, como maravilhosas, & nova: abundante de iguarias; porque eraõ todas as aves do ar, & animaes da terra: & maravilhosas, & nova; porque não vinhaõ mortas, ou guizadas, senão vivas. Vivas? & como as ha de comer Pedro? Huma voz do Ceo lho disse: *Surge, Petre, occide, & manduca.* Eya, Pedro, mata, & come. Nestas duas palavras lhe descubrio Deos o mysterio da visão, com semelhança, & propriedade

verdadeiramente Divina. O animal, quando o mata o homem, deixa de ser o que he; & quando o come, converte-se no que não he: morto, deixa de ser bruto; comido, passa a ser homem. Da mesma maneira aquelles animaes de todos os generos, significavaõ os gentios de todas as naçoens, de todas as feitas, & de todos os estados. E como Pedro era a cabeça da Igreja, & da Christandade, aquella voz, *Occide, & manduca*, foi o mesmo (declara S. Jeronymo) que dizer-lhe o Ceo a Pedro: *In corpus Ecclesie, & tua membra ea converte*: que matando-os, & comendo-os, os incorporasse na Igreja, & fizesse membros seus. De sorte que assim como o animal, matando-o o homem, deixa de ser bruto, & comendo-o se converte em homem; assim o gentio por meyo da doutrina Evangelica, que tem a efficacia de matar, & comer, morto deixa de ser gentio, & comi-

comido se converte em Christão, & membro da Igreja. Esta era a fome de Pedro, a quem o mesmo S. Jeronymo compara neste passo ao Leão, que só come o que mata; & esta a fome de Catharina, a quem eu comparei à Leoa esfaimada, como quem tanta fome tinha da salvação das almas, & que por isso era certo, que a Imperatriz não escaparia de ser comida. E assim foi.

37 Desceio a Imperatriz ao carcere, imaginando que veria em Catharina a imagem da mesma fome, pálida, macilenta, secca, & consumida; porém a Santa estava tão viva, & tão a mesma nas forças, no vigor, na cor, & na fermosura, como quando alli entrára. Mais desejo creyo lhe viria então à Imperatriz de a comer a ella, que medo de que ella a comesse. Assim diziaõ os que amavaõ muito a Job: *Quis det de carnibus ejus ut saturemur?* Affeição da com este pri-

Job. 31.
31.

meiro milagre, & ouvindo a celestial eloquencia de Catharina, cada palavra sua lhe levava à Imperatriz hum bocado do coração, & de tal modo se deixou comer toda, que já não era gentia, nem Imperatriz, senão Christã, & escrava de Christo.

38 Succedeo aqui a mutua transustanciação, que o mesmo Christo afirma dos que comem seu Corpo: *In me manet, & ego in illo.* A Imperatriz por se transustanciada em Catharina, & Catharina por doutrina transustanciada na Imperatriz. Por isso a mesma Imperatriz teve resolução, & constancia para dalli se ir apresentar a Maximino, declarando-lhe que era Christã, & exhortando-o a que o fosse tambem. Oh como se pudéra então gloriar Catharina no seu carcere, que se dantes lhe não pode conquistar toda a alma ao Imperador, agora lhe tinha conquistado ametade! Mas elle, porque todo o amor

Joan. 6.
57.

amor, que devia a esta natural ametade, como esposa, era muito menor que o odio, que tinha a Christo; como mão marido, a privou logo do thalamo; como mão Emperador, da coroa; & como pessimo, & cruelissimo tyranno, da vida. Morreo a Emperatriz, trocou a sua coroa pela de Martyr, abriãose-lhe de par em par, como a tão grande Princeza, as portas do Céu, sendo pouco antes humia, & a maior das neſcias. Esta foi a terceira aventura do animosissimo *Si fortè*, o qual eu confidero tão admirado, como triunfante, reconhecendo por ventura maior a vitoria, que a sua mesma esperança.

39 Se a fome da salvação das almas não fora insaciavel em Catharina, já ella se dera por satisfeita com ter ganhado para Christo tantas, tão illustres, & tão alheas de sua Fé. Mas como tivesse cercado o seu carcere hum

corpo da guarda de duzentos soldados Romanos, governados por Porfirio Capitaõ do Emperador, as muitas almas deste grande corpo lhe excitá-raõ, & animáraõ o fervoroso espirito, a que tambem emprendesse sua salvação. Eu confesso, que lhe não aconselhára tão duvidosa empreza; porque não pudesse acontecer, que a natural inconſtancia do *Si fortè*, nunca segura, puzesse a ultima clausula a proezas tão illustres com algum fim menos glorioso. Muito mais difficultoso he haver de vencer soldados, que ter convencido Filoſofos. Os soldados não se vencem com argumentos de palavras, ſenaõ com syllogismos de ferro. Para os mais sutis de entendimento o capacete lhe defende a cabeça: & para os mais brandos de vontade, a malha, & o arnez lhe endurecem o peito. Toda a força que tem o Filoſofo conſiſte em a
C razaõ,

razaõ, & toda a razaõ do soldado consiste na força. Sò à maior força, sò à maior violencia, sò ao maior poder se abatem as bandeiras, & rendem as armas. Alma, & salvaçaõ são as duas cousas mais precisas, & por isso as que causão maior medo de se perderem; mas para quem tem piedade de huma, & Fé da outra: & do soldado diz o proverbio: *Nulla fides pietasque viris, qui castra sequuntur*. Comtudo nenhuma destas confidraçoens foraõ parte, para que Catharina desistusse do seu pensamento, maior que todas ellas. S. Paulo dizia que as suas prisoens, aindaque o atavaõ a elle, não atavaõ nelle a palavra de Deos: *Laboro usque ad vincula; sed verbum Dei non est alligatum*. Assim também Catharina. Ella estava presa; mas a palavra de Deos nella tão livre, tão efficaç, & tão poderosa, que a todos os soldados, que guardavaõ a sua prisão, fez seus priso-

neiros. O menos que elles fariaõ, era pôr a Santa em sua liberdade; mas ella queria-lhes abrir a elles as portas do Ceo, & não que elles lhe abrissem a do carcere. Todos se salváraõ, todos renunciáraõ o Emperador da terra, todos se fizeraõ Christaõs; maravilha, que sò se pôde encarecer, ponderando que eraõ soldados, & soldados Romanos.

41 Todos os soldados, que concorrêraõ na Paixaõ de Christo, eraõ da milicia Romana, que presidiavaõ a Judea. E que fizeraõ? No Horto os soldados, & Cabo da escolta de Judas prendêraõ a Christo, & atado o leváraõ a Annás: *Cohors ergo, & tribunus comprehendunt, & ligaverunt eum, & adduxerunt ad Annam*. No Pretorio os soldados da guarda de Pilatos convocáraõ contra Christo toda a esquadra: *Milites Praesidis congregaverunt ad eum universam cohortem*. No Palacio de Herodes os solda-

2. Tim.
2. 9.

João
18. 1
13.

Matth
27. 27

uc. 23. soldados do seu exercito, & o mesmo Rey o despre-
zaraõ, & afrontáraõ: *Spre-
vit illum Herodes cum exer-
citu suo*. Remetido outra
vez a Pilatos, os soldados
lhe tecéraõ a coroa de es-
pinhos, lhe vestiraõ a pur-
pura de escarneo, & puzeraõ
o sceptro de cana na
maõ, como aquelles, que
se prezaõ de ter na sua as
purpuras, os sceptros, &
as coroas dos Reys: *Et
milites plectentes coronam
de spinis imposuerunt capiti
ejus, &c.* No Calvario os
soldados crucificáraõ a
Christo: *Milites ergo cum
crucifixissent eum*. Os sol-
dados o blasfemavaõ com
os Principes dos sacerdo-
tes: *Illudebant autem ei &
milites*. Os soldados lhe
repartiraõ os vestidos, &
jugáraõ a tunica, como
gente, que para ter que ju-
gar, despirá a Christo, &
os seus altares: *Et dixe-
runt, non scindamus eam,
sed sortiamur de illa: & mi-
lites quidem hæc fecerunt*.
Finalmente depois de
môrto Christo, o que se

atreveo sobre toda a des-
humanidade a lhe romper
o peito com a lançada,
tambem foi hum dos sol-
dados: *Unus militum lan-
cea latus ejus aperuit*.

Ibidem
34.

42 Isto foi o que obrá-
raõ contra Christo em Je-
rusalem a impiedade, &
perfidia dos soldados Ro-
manos, & desta infamia os
desafrontáraõ a elles, & a
si os soldados tambem Ro-
manos em Constantino-
pla. Em Jerusalem o cru-
cificáraõ, em Constanti-
noplá o adoráraõ: em Je-
rusalem negáraõ a Chris-
to, em Constantinoplá o
confessáraõ: em Jerusalem
lhe derramáraõ o sangue,
em Constantinoplá derra-
máraõ o seu por elle: em
Jerusalem lhe tiráraõ a
vida, & em Constantino-
plá lhe sacrificáraõ não
huma, senão duzentas vi-
das. O maior dia, que hou-
ve no Mundo, foi o da
Paixaõ, & morte de Chris-
to; & no dia, em que ma-
nava das suas veas, & cor-
ria por cinco fontes a sal-
vação; de toda a milicia

Matth.

27. 54

Romana se converteo sô o Centurio, que disse: *Verè Filius Dei erat iste*. Era Capitaõ de huma companhia de cem soldados, que isso quer dizer, *Centurio*; mas de cem soldados nem hum sô se converteo em tal dia. E honrou o mesmo Christo taõ admiravel, & quasi incrivelmente a morte de Catharina, que no dia, em que ella morreo, não sô se converteo por seu meyo Porfirio Capitaõ de duas Centurias; mas sendo duzentos os seus soldados, todos recebêraõ concordemente a doutrina da nossa Fé, todos com o mesmo valor se sujeitáraõ ao martyrio, sem vacillar nos tormentos, todos deixáraõ escrito com o proprio sangue o testemunho infallivel da sua vitoria, todos emfim, sem faltar hum sô, se salváraõ.

§. X.

43

Esta foi a famosa historia, par-

te natural, & humana; parte sobrenatural, & Divina, que sobre o *Ne fortè* do Euangelho nos motivou a roda de S. Catharina. Sò nos resta saber qual foi a mesma roda, & que volta deo. Attonito, & raivoso Maximino das vitorias de Catharina, para se vingar, & as vingar nella, determinou inventar hum novo genero de martyrio, & tormento, em que excedesse os de Nero, & Diocleciano, & os de todos os tyrannos seus antecessores. Mandou pois fabricar a machina de huma roda armada por toda a circumferencia de dentes, ou pontas de ferro agudas em forma de navalhas, as quaes movendo-se no mesmo tempo executassem em qualquer volta o que os braços de muitos algôzes não podiaõ. As primeiras voltas feririaõ com innumeraveis golpes o corpo da Santa: as que se seguissem, depois que não houvesse nella parte sã, feririaõ as feridas, como falla

falla S. Cypriano : & as ultimas, quando não restassem já mais que os ossos, os cortariaõ, & desfariaõ de forte, que de todo aquelle feroso composto, mais de alabastro, que de carne, nem ficasse a semelhança.

44 Oh cegueira humana grande em todos os homens, & nos tyrannos, & perseguidores dos bons maior, & mais rematada, pois não tem olhos para ver, que onde machinaõ a ruina alhea, fabricaõ a sua ! Antigamente havia huma invençaõ, ou artificio de arcos, cujas settas depois de despedidas, como se tivessem uso de razaõ, as suas pennas voltavaõ com dobrada força as pontas, & feriaõ a quem as atirava. Assim o suppoem David, chamando a este instrumento, arco pravo : *Conversi sunt in arcum pravum*. E assim contesta com elle Oseas, chamando-lhe arco doloso : *Facti sunt quasi arcus dolosus*. Eu não entendo a arte, com que isto podia ser, posto

Tom. II.

que nas historias Ecclesiasticas se leaõ muitos milagres semelhantes : mas tenho para mim que he justa providencia do governo Divino, que as traçoens, & maldades sejaõ traidoras a seus proprios authores, & voltando retrogradamente vaõ buscar a cabeça, que as machinou, & lhe dem a devida paga. O mesmo Profeta Rey taõ exercitado em todo o genero de armas o disse : *Convertetur dolor ejus in caput ejus, & in verticem ipsius iniquitas ejus descendet*. Todos sabemos que a machina da roda de S. Catharina, com impulso superior, & movimento contrario, desfarmou sobre seus inimigos. E se quando a S. estava posta em huma roda Maximino tivesse olhos para ver que estava em outra, pôde ser que se não atrevesse à S. Estava Catharina na roda do seu tyranno, que era o Emperador : estava o Emperador na roda da sua tyranna, que era a fortuna ; & quando cuidou

C iij

que

Psalm.
7. 17.

Psalm.

7. 17.

Osec 7.

6.

que a da Santa Ihe espedacasse o corpo, a sua Ihe espedacou o Imperio.

45 He esta huma obervação, que me admiro não fizessem aqui os Historiadores na combinação dos tempos. Eu a farei; (para que acabemos com a roda da fortuna, como começámos) & he, que no mesmo anno foi martyrizada Santa Catharina, no mesmo anno entrou a imperar Maximino, & no mesmo anno começou a fatal declinação, & ruina do Imperio Romano. Imperando Gale rio Maximiano em Roma, & conhecendo por muitas experiencias que huma Monarchia tão vasta não podia ser bem governada por hum só homem, (o que já tinha antevisto o mesmo Julio Cesar seu fundador, quando lhe definiu certos limites) determinou dividilla em duas partes, & duas cabeças, como com effeito a dividiu em dous Emperadores, & dous Imperios;

hum chamado Occidental, de que continuou a ser cabeça Roma; outro chamado Oriental, de que começou a ser cabeça Constantinopla: & foraõ os dous novos Emperadores, do Occidente Severo, & do Oriente Maximino, ambós tyrannos, mas com os nomes trocados; porque Maximino não fõ foi Severo, senão o extremo da severidade, & da sevecia.

46 Por esta occasião a Aguia, insignia das bandeiras Romanas, que até então tinha huma só cabeça, começou a apparecer com duas, como hoje avemos: posto que he mais facil copiar o pintado, que restaurar o verdadeiro. E como a divisaõ em todas as communidades de homens, & de coroas he indicio fatal de declinação, & ruina: assim o foi no Imperio, & Aguia Romana a divisaõ daquellas duas cabeças. Já o Profeta Daniel o tinha mostrado na mesma divisaõ, não das cabeças da Aguia, senão

senão dos pés da Estatua. Na Estatua de Nabucodonosor formada das quatro Monarchias, ou Imperios, que successivamente haviaõ de florecer no Mundo; a cabeça de ouro significava o Imperio dos Assyrios; o peito de prata, o Imperio dos Persas; o ventre de bronze, o Imperio dos Gregos; & o resto de ferro até os pés, o Imperio dos Romanos. E porque bastou que tocasse os mesmos pés huma pedra arrancada do monte sem mãos, para que cahisse toda a Estatua, & o mesmo Imperio Romano, & as outras Monarchias, que nelle por successão se continuavaõ, ficassem convertidas em pó? Porque naquelles dous pés divididos entre si, & cada pé dividido em cinco dedos, & cada dedo dividido em ferro, & barro, teve o seu ultimo complemento a divisaõ do Imperio Romano. E assim como nas duas cabeças da Aguia, em que começou a divisaõ do

mesmo Imperio, começou a sua declinação; assim na divisaõ dos dous pés da Estatua, em que teve o ultimo complemento a sua divisaõ, teve tambem o ultimo fim a sua ruina. Desorte (reduzindo a conclusão aos termos da nossa metaphora) que a roda da fortuna do Imperio Romano, na divisaõ das duas cabeças da Aguia, começou a voltar, & na divisaõ dos dous pés da Estatua acabou a volta.

47 Agora havemos de ouvir a Plutarco famoso Filosofo Grego, que não he dos que convenceo Santa Catharina, porque floreceo muito antes; mas eu o quero convencer a elle, digno de se ouvir neste caso. Excitando Plutarco, & disputando huma questãõ sobre a fortuna do Imperio Romano, diz assim: *Fortuna Persis, & Assyriis desertis, cum leviter pervolaßet Macedoniam, & celeriter abjecißet Alexandrum, Egyptiosque, deinde & Syriam peragrande*

*regna extulisset, & sæpe
conversa Carthaginenses tu-
lisset, postquam transmissio
Tiberi ad Palatium appro-
pinquavit, alas deposuit,
talaria exuit, ac infideli,
& versatili globo misso,
Romam intravit mansura.*

Quer dizer. A fortuna de-
pois de deixar os Persas, &
Assyrios, depois de voar
levemente pela Macedo-
nia, & rejeitar Alexandre,
& os que no Egypto lhe
succedêraõ, depois de an-
dar pela Syria levantando,
& desfazendo Reynos, &
se deter já prospera, já ad-
versa com os Carthagine-
zes, passando finalmente o
Tibre, chegou ao Capito-
lio Romano, & alli arran-
cou dos hombros as azas
maiores, & descalçou dos
pés as menores, alli se de-
spojou, & defarmou do
globo, ou roda variavel, &
inconstante, & alli, isto he
em Roma, fez o seu perpe-
tuo assento, para nella per-
severar, & morar sempre
firme, & sem mudança.
Isto he o que disse Plutar-
co, & isto o que criaõ os

Emperadores Romanos;
os quaes sobre esta fé fun-
dáraõ de ouro huma Esta-
tua da sua fortuna, & a
collocáraõ no mesmo apo-
sento, onde elles dormiaõ,
como que pudessem dor-
mir seguros, pois a fortu-
na lhes guardava o somno;
& quando algum Empera-
dor morria, passava, & era
levada a mesma Estatua ao
successor, mostrando a vai-
dade, & superstiçaõ dos
que chegavaõ a alcançar a
coroa Romana, que po-
diaõ testar da fortuna,
como de patrimonio here-
ditario, & proprio. Estava
isto escripto nos seus Annaes,
como oraculo dos deoses:
isto celebravaõ os seus Poe-
tas, os Bucolicos com frau-
tas pastoris à sombra das
Fayas, os Heroicos com
trombetas Marciaes em as-
sombro das outras naçoẽs:
& assim o cantou com ele-
gante mentira o maior de
todos, quando disse:

*His ego nec metas rerum,
nec tempora pono,
Imperium sine fine dedi.*

48 Agora pudêra eu
pergun-

perguntar aos Emperadores Romanos, ou dormindo, ou acordados, onde está aquella sua fortuna de ouro, ou o ouro daquella fortuna. Foi volta da mesma fortuna verdadeiramente lastimosa. Quando Alarico sitiou a Roma, virão-se os Romanos tão apertados, que houverão de remir a dinheiro o levantar-se o sitio, & então entre o ouro, & prata das outras estatuas dos seus deoses, foi também batido em moeda o ouro da sua fortuna. Assim dormião seguros os que se fiavaõ da fé de huma traidora, & da vigilancia de huma cega.

49 Mas eu sò quero confundir, & envergonhar a Plutarcho com as palavras da sua mesma lifonja. Diz que depoz a fortuna ao pé do Capitolio a roda. E quantas vezes a tornou a tomar, & lhe deo taes voltas na Itália, & dentro da mesma Roma, que meteo a que era cabeça do Mundo debaixo dos pés

de Attila, & Totila, inundada de Godos, & Hunnios, de Suecos, & Alanos, & de tantos outros barbaros? Diz do mesmo modo, que também depoz alli a fortuna as azas. E quantas vezes as tornou a tomar, & voou às Germanias, às Gallias, & às Hespanhas, que Roma imaginava pacificamente sujeitas com os presidios das suas Legioens, contra as quaes porèm se levantãrão então aquellas mesmas naçoens, como tão activas, & bellicosas, não sò restituindo-se cada humão ao que era seu, mas cortando às Aguias Romanas as unhas, com que lho tinhamão roubado? Diz mais, que em Roma fez a fortuna o seu assento, para nella morar perpetuamente. E se no interior da mesma Roma recorreremos às cousas de maior duração, quaes são os marmores, quantos annos, & quantos seculos ha, que dos mesmos marmores levantados em Obeliscos, & arcs

arcos triunfaes, se vêm sô as miseraveis ruinas, ou meyo sepultadas já, ou cubertas de Era? Finalmente aquelle Imperio sem fim, a que a fortuna não poz metas, ou limites alguns; nem à grandeza, nem ao tempo; diga-nos a mesma fortuna onde está, & onde o tem escondido? Busque-se em todo o Mundo o Imperio Romano, & não se achará delle mais que o nome, & este não em Roma, senão muito longe della.

50 Acabáraõ-se as guerras, & vitorias Romanas, não sô fechadas, mas quebrados para sempre os ferrolhos das portas de Jano: acabáraõ-se os Capitolios: acabáraõ-se os Consulados: acabáraõ-se as Dictaduras: acabáraõ-se para os Generaes as ovaçoens, & os triunfos: acabáraõ-se para os Capitaens famosos as Estatuas, & inscripçoens: acabáraõ-se para os soldados as coroas civicas, Muraes, & Rostratas: acabáraõ-se emfim com o

Imperio os mesmos Emperadores, & sô vivem, & reynaõ ao revez da roda da fortuna os que elles quizerão acabar. Acabou Nero; & vivem, & reynaõ Pedro, & Paulo: acabou Trajano; & vive, & reyna Clemente: acabou Marco Aurelio; & vive, & reyna Polycarpo: acabou Vespasiano; & vive, & reyna Apollinar: acabou Valeriano; & vive, & reyna Lourenço: acabou emfim Maximino; & vive, & reyna Catharina: elle, & os outros Emperadores, porque se fiaraõ finalmente do Imperio sem fim: *Imperium sine fine dedi*: & ella com os seus, & com os outros Martyres, porque reynaõ, & haõ de reynar por toda a eternidade com Christo no Reyno, que verdadeiramente não ha de ter fim: *Cujus regni non erit finis*.

§. XL

51 **B** Em acabava aqui o Sermao, se nos não faltára huma circumstancia tão essencial de todo o assumpto, como he a acção de graças. Não posso deixar de dizer sobre este ponto huma palavra, & fará só huma para emenda da brevidade mal observada, que prometti ao principio. Mas qual parte, ou qual pessoa da nossa historia nos dará este documento? Para maior exemplo do agradecimento, & maior horror da ingratidão, não quero que seja Santa Catharina, nem os Philosophos, ou soldados convertidos, nem a mesma Imperatriz, senão de quem menos se podia esperar, o Imperador Maximino. Já vimos como o primeiro motivo desta gloriosa tragedia foi o bando, & edicto de Maximino, em que sob pena da vida mandou, que todos os subditos do

seu Imperio, pelos beneficios, com que os deoses o tinhaõ favorecido, & prosperado, lhes viessem dar graças, & offerecer sacrificios. E que diremos de tal edicto? Em quanto impio, cruel, & sacrilego, foi de tyranno, gentio, barbaro, & idolatra; mas em quanto reconhecido a huma mão superior, & Divina, de quem confessava haver recebido os beneficios, foi de homem racional, prudente, & religioso, posto que enganado.

52 E seria bem que na occasião da vitoria presente se contentasse a nossa Fé com as demonstrações, & applausos exteriorees, sem dar muito de coração as devidas graças àquella Soberana Magestade, que sendo Senhor de todas as cousas, tomou por nome particular o de Senhor dos exercitos: *Dominus exercituum*? Oh quanto importa em semelhantes casos o fermos agradecidos a Deos, & quanto se pôde arriscar, se lhe formos

mos ingratos! Quando os filhos de Israel da outra parte do mar Vermelho nos despojos do exercito de Faraõ, que o mesmo mar lançava à ribeira, reconhecerão a sua vitoria, & a segurança da sua liberdade; o que fez Moysés com todos os homens, & Maria irmã do mesmo Moysés com todas as mulheres, foi, repartidos em dous côros, cantar publicamente a Deos os louvores de tamanha vitoria, & dar-lhe as devidas graças, & glorias, como unico Author della. Ditosos elles, se assim perseverarão agradecidos! Mas indignos, & inimigos da sua propria felicidade, (porque pouco depois trocaraõ o verdadeiro agradecimento na mais impia, mais barbara, & mais cega ingratidaõ) do mesmo ouro, de que tinham despojado o Egypto, fundirão o idolo fatal do bezerro, & esquecidos do que pouco antes tinham visto, & confessado, com novas festas, & musicas

roubáraõ outra vez a Deos as graças, & louvores, que lhe tinhaõ dado, atrevedo-se a dizer, & apregoar sem nenhum pejo: *Hi sunt dii tui, qui te eduxerunt de terra Egypti*. Estes são os deoses, que te deraõ a vitoria, & te libertáraõ do poder dos Egyptios. E quantos hoje em Portugal (para que nos espantemos mais de nós) estaõ dando as graças desta vitoria cada hum ao seu idolo? Huns à sua sciencia militar, outros à sua disposiçaõ, outros ao seu conselho, outros ao seu valor, outros aos seus foccorros, & confirmando todos isto com certidoens, que aindaque por huma parte não sejaõ falsas, por outra são blasfemas, pois he verdadeira blasfemia tirar a Deos o que he de Deos. Dizia Job que pelas mercès recebidas de Deos não se beijava a mão a si mesmo: *Si osculatus sum manum meam*. E quem beija as suas mãos, posto que tiver sem muita parte na vitoria, saiba que as mãos allim
beija-

Exod.
12. 4.


Job 3
27.

beijadas perdem quando menos o fruto della, como o perdérao os filhos de Israel. Depois daquella victoria podiaõ chegar em poucos dias à terra de Promissaõ, & porque a não attribuíraõ a Deos, cuja era, de seiscentos mil, que fahiraõ do Egypto, & Caleb, conseguiraõ o fim da jornada; & todos os outros em espaço de quarenta annos ficáraõ sepul-

tados no deserto. Se formos agradecidos a Deos, por esta victoria nos dará outras victorias, & por esta graça outras graças: *Gratiam pro gratia*. E se pelo contrario formos ingratos, não sò perderemos a mercè recebida, mas ella, como diz S. Bernardo, nos perderá a nos: *Studete potius gloriam vestram referre ad illum, à quo est, si non vultis eam perdere, aut certe perdi ab ea.*

D. Bern.
Epist.
107.





SERMAM

Do Gloriosissimo Patriarcha

S. JOSEPH

Na Cathedral da Bahia.

Anno de 1639.

*Cum esset desponsata Mater Jesu Maria
Joseph.* Matth. 1.

§. I.

54



odos os Prégadores neste dia, accomodando-se, como devem, à historia do Euangelho, tratao dos zelos, & duvidas de S. Joseph meu Senhor. Eu como o menor de seus servos pela obrigação, com que devo zelar sua maior honra, não determino fal-

lar nas suas duvidas; mas quanto for possível à fraqueza do meu discurso, fazer indubitavel, & certo o que muitos atègora se não atrevêrao nem a duvidar. As vodas já passadas naõ de Maria Filha de Joachim, mas de Maria Mãe de Jesu com Joseph, refere com ponderosa energia no Texto, que ouvimos cantar, o Euangelista S. Mattheus: *Cum esset desponsata*

sponsata Mater Jesu Maria Joseph. Digo que as referê com ponderosa energia; porque não haverá entendimento tão rude, que não pasme, considerando hum tal casamento, & em tal casa. O casamento tão alto, que não he menos que da Mãe do proprio Deos; & a casa tão humilde, como de hum pobre Official, que com o trabalho de suas mãos, & o suor do seu rosto, lavrando lenhos seccos, & sem raizes, delles recolhia o duro paõ, com que sustentava a mesma casa. Para dizer pois o que entendo, he-me necessario entrar nesta mesma Officina, & tomar della emprestados tres instrumentos, huma serra, huma plaina, & hum compasso: a serra para dividir, & apartar a verdade da opiniaõ: a plaina para aplainar todas as difficuldades, que pôde ter a mesma verdade: & o compasso para medir a immensidade das grandezas de S. Joseph, que nelle estão encerradas.

Este he o argumento do Sermaõ já dividido nas mesmas tres partes. E pôsto que o Espirito Santo seja Esposo da mesma Esposa de S. Joseph, sem zelos nos favorecerá com a graça, que lhe pedirmos por sua intercessaõ. AVE MARIA.

II.

55 **O** fim para que pedi a S. Joseph o primeiro instrumento da sua Officina, foi para cortar, & meter a serra entre o falso, & o verdadeiro, ou entre o sólido, & o mal fundado da sua reputação, varia sempre, mas sempre mais crecida. Quando Christo Redemptor nosso vivia neste Mundo, foi reputado por Filho de Joseph, como nota S. Lucas: *Ut putabatur, Filius Joseph.* ^{23.} Huns diziaõ isto sem malicia; porque assim o entendiaõ: outros maliciosamente por desprezo, & para abater, & afrontar o Filho

Luc. 31

Math. Pay : *Nonne hic est fabri*
 13. 55. *Filius* ? Depois correndo o
 tempo, & dando o Mun-
 do as voltas, que em to-
 das as cousas costuma, esta
 mesma, que dantes se re-
 putava por injuria de
 Christo, chamando-lhe Fi-
 lho de Joseph, se conver-
 teo em louvor do mesmo
 Joseph, contando-se atê
 hoje por huma das suas
 prerogativas mais singula-
 res. Assim o reza o Hy-
 mno do mesmo Santo:
Jesu Christi Domini Patris
nuncupatus. Porém como
 este nome he contrario à
 sua propria significação,
 & em ser somente repu-
 tado por Pay de Christo,
 se suppoem, & affirma
 que o não era; que dirão
 os que sabem que a essen-
 cia, ou a energia, & alma
 do louvor não consiste na
 opiniaõ, ou nas vozes, se-
 não na realidade sólida do
 que he, ou não he? Chegã-
 dos à precisaõ deste pon-
 to, já sou obrigado a me
 declarar, & dizer o que
 sinto. Digo pois (& este

será o meu assumpto) que
 S. Joseph não fô foi Pay
 putativo, como dizem,
 senão verdadeiro, & legi-
 timo Pay de Christo.

§. III.

56 **N** Aõ faltará
 quem cha-
 me a esta proposição de-
 masiada ousadia. Mas se
 eu a provar, não ha duvi-
 da que será hum grande
 louvor de meu Senhor S.
 Joseph: & quando a não
 prove, servirá de consola-
 ção ao meu desejo, & affe-
 cto; & a mesma ousadia
 morta merecerá o epitafio
 de Faetonte: *Magnis ta-*
men excidit ausis. Para pro-
 va do que disse, supponho
 duas cousas. A primeira,
 que S. Joseph foi verda-
 deiro, & legitimo Filho,
 isto he, descendente de
 David. Consta authenti-
 camente para todo o Mun-
 do pelo livro da matri-
 cula dos Romanos; &
 para os que crem no Eu-
 angelho, pelo de S. Lucas,
 quando por obedecer Jo-
 seph

seph ao edicto de Augusto Cesar, foi pagar o tributo a Belem Cidade de David: *Ed quod esset de domo, & familia David*; porque era da Casa, & familia de David. O mesmo Euangelista narrando a embaixada de S. Gabriel, diz que veyo à Cidade de Nazareth enviado por Deos: *Ad Virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David*: a huma Virgem desposada com hum Varaõ da Casa de David, por nome Joseph. E no nosso Evangelho o Anjo, que revelou a S. Joseph o mysterio da Encarnação, ou fosse o mesmo, ou outro, expressamente o nomea por Filho de David: *Joseph Fili David, noli timere*.

57 A segunda cousa, que supponho, he que o matrimonio de S. Joseph com a Virgem Maria Senhora nossa, foi verdadeiro, & legitimo matrimonio, celebrado antes da conceição do Verbo Divino. Esta ultima circun-

Tom 11.

stancia duvidáraõ alguns Authores fundados nas palavras do nosso Texto: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph*: nas quaes chamar-se a Senhora desposada, parece que significa somente desposorios de futuro, & não consenso mutuo por palavras de presente, em que consiste a essencia do matrimonio. Mas o contrario se declara, & convence do mesmo Texto por duas clausulas affirmativas, manifestas, & expressas: huma, com que o Euangelista S. Mattheus no mesmo tempo dà a Joseph o nome de Esposo, senão de Marido: *Joseph autem vir ejus cum esset justus*: & outra, com que o Anjo nomea a Senhora com a palavra *Conjux*, que significa mulher legitima, & casada: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam*.

58 Não quero passar sem reparo o termo, *Accipere*: & dizer o Anjo a S. Joseph, que não tema de

D. receber

Ibidem
29.

receber a Senhora , alludindo à deliberação, em que estava de a deixar occultamente : *Voluit occultè dimittere eam*. Onde se vê que as vodas de S. Joseph com a Virgem Maria foram como as de Jacob com Rachel , a qual elle recebeu duas vezes : humavez , sem saber o que recebia , de que se lhe seguio aquella sua grande tristeza ; & outra vez , sabendo , & vendo claramente que era Rachel , com os extremos de alegria , & festa , de que era merecedora. Do mesmo modo S. Joseph. A primeira vez estando já a Senhora levantada sobre todas as creaturas à dignidade suprema de Mãe de Deos , recebeu-a , sem saber o que era , como Filha de Joachim : & posto que dotada de muitas graças ; capaz , como mulher , de lhe causar as tristezas , & angustias , em que agora se via. Mas a segunda vez ? Oh homem mais venturoso , & bemaventurado de todos os nascidos ! Rece-

beo-a a segunda vez com aquelle assombro , & com aquelle pasmo de ter concebido em suas entranhas o Verbo Eterno por virtude do Espirito Santo : *Quod enim in eâ natum est, de Spiritu Sancto est* : & que sendo ella tal , os mesmos Anjos , que a adoravam como Rainha , lhe chamavam mulher sua : *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam*.

59 Provada esta supposição de ser verdadeiro , & legitimo matrimonio o da Virgem Santissima com S. Joseph , & a primeira de ser S. Joseph verdadeiro , & legitimo Filho , & descendente de David ; sobre estas duas premissas passaremos à conclusão da nossa proposta. E sô advirto , para que a equivocação dos nomes não faça duvida , que sendo os proprios extremos do verdadeiro , & legitimo matrimonio Mulher , & Marido , em que necessariamente havemos de fallar ; eu sô usarei communmente da pala-

palavra Esposo, & Esposa, assim para maior reverencia de huma taõ sagrada uniaõ, de ambas as partes virginal, como porque o Euangelista S. Mattheus no Texto do nosso thema usou da mesma urbanidade, naõ dizendo, *Conjugata*, ou *Nupta*: senaõ, *Desponsata*: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

S. IIIL.

60 **C**Hegando pois já à prova do nosso grande assumpto, (que como medrosa parece que tem tardado) digo assim: S. Joseph foi verdadeiro, & legitimo Filho de David; o matrimonio de S. Joseph foi verdadeiro, & legitimo matrimonio: logo S. Joseph foi verdadeiro, & legitimo Pay de Christo. Para confirmação desta consequencia naõ tenho menos Authores, que dous Euangelistas, S. Mattheus, & S. Lucas. S. Mattheus, assen-

tando por primeiro fundamento do seu Euangelho a Genealogia de Christo Senhor nosso, diz: *Liber generationis Jesu Christi Filii David*: Livro da geração de Jesu Christo Filho de David. E depois de referir quarenta & huma gerações, todas de Pay a Filho atè Joseph, fecha o mesmo livro com esta clausula: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariae, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*: Jacob gerou a Joseph Esposo de Maria, da qual nasceo Jesus, que se chama Christo. Mas se Jesus, que se chama Christo, de tal sorte nasceo da Virgem Maria, que Joseph naõ teve parte alguma na sua geração; como mete S. Mattheus a Joseph na Genealogia de Christo, & nomeadamente como Esposo de Maria: *Joseph virum Mariae*? A repõsta deste fecho, que em outro tempo foi naõ pouco difficullosa, hoje he facil; mas dependente de muitas circunstancias, & noticias.

61 A primeira, que a Virgem Maria era unica herdeira da Casa de seus Pays : a segunda, que as herdeiras assim unicas eraõ obrigadas a casar com tal Esposo, que fosse não sô do seu Tribu, sennaõ da sua propria familia : a terceira, que a exaõta derivação destas descendencias se havia de fazer pela linha, ou via masculina, & não pela feminina, como o Euangelista fez a de S. Joseph. E de toda esta junta, & concurso de condiçoens (que naquelle tempo eraõ publicas) concluío S. Mattheus a verdade da sua proposta, que era a geração de Christo Jesu, desta maneira: Jesu Christo foi Filho de Maria; Maria foi do mesmo Tribu, & familia de Joseph; Joseph foi do Tribu, & familia de David: logo Jesu Christo, que nasceo de Maria, foi Filho de David: *Liber generationis Jesu Christi Filii David.* Disse que estas condiçoens naquelle tempo eraõ pu-

blicas, para dar a razão de S. Mattheus as não referir, mas suppor reduzidas a tres palavras: *Joseph virum Mariæ.* E a razão he; porque S. Mattheus escreveo em Hebreo, & para os Hebreos, entre os quaes o ser Christo Filho de David era cousa tão vulgar, que a sabião os mininos, os quaes quando entrou em Jerusaleem, o recebêraõ cantando: *Hosanna Filio David.* E não sô os Hebreos, sennaõ tambem os gentios o não ignoravaõ; como a Cananea: *Miserere mei, Domine, Fili David.* E até os cegós, como o da estrada de Jericó, o qual sentindo tropel de gente, perguntou quem era. E respondendo-lhe que era Jesus Nazareno, chamando por elle não disse: Jesus Nazareno, sennaõ, Filho de David: *Fili David, miserere mei.*

S. V.

62

A Tè aqui não apparece ain-

da a minha consequencia; mas ha de ser tambem minha a duvida. Reparo em não sô dizer o Evangelista: *De quâ natus est Jesus*: mas accrescentar: *Qui vocatur Christus*. Para declarar, que Jesus era Filho da Virgem Maria, & a Virgem Maria Mãy sua, bastava dizer: *De quâ natus est Jesus*: que era o seu proprio nome. Assim o nomeou o Anjo à Virgem antes de ser concebido: *Vocabis nomen ejus Jesum*: assim depois de concebido, a S. Joseph pelas mesmas palavras: *Vocabis nomen ejus Jesum*. E finalmente no dia da Circumcisaõ, que andava junta com a imposiçaõ dos nomes: *Vocatum est nomen ejus Jesus*. Pois se o seu nome proprio era Jesus; porque lhe accrescenta o Evangelista S. Mattheus o de Christo: *Qui voca-*

Tom. II.

tur Christus? Tambem aqui he necessaria a serra, & dividir, & distinguir em Jesu o ser Jesus, & o ser Christo: & do mesmo modo na Virgem o ser Filha de David, & o ser Esposa de Joseph. Porque para Christo ser Jesus, bastou ser Filho de Maria: *Mariæ, de quâ natus est Jesus*. Mas para Jesus ser Christo, era necessario que Maria fosse Esposa de Joseph: *Joseph virum Mariæ*. Declaremos o que está encerrado nesta notavel complicaçaõ. Christo quer dizer, Ungido; & foi ungido não sô por Rey, senão nomeadamente por Rey do Reyno, & sceptro de David; o qual por isso entre tantos outros Reys desta Genealogia, elle sô se chama Rey: *David autem Rex*. A successaõ, & herança deste Reyno foi o principal fim, & intento do livro da geraçaõ, que escreveo o Evangelista S. Mattheus, não sô do Filho de David Jesus, senão do Filho de David Jesus,

D iij

Jesus,

uc. 1.
I.

Math.
21.

uc. 2.
I.

Math.
1. 6.

Jesus, & Christo juntamente : *Liber generationis Jesu Christi Filii David*. E porque esta successão, & herança não pertencia à Pessoa da Virgem Maria, fenaõ à de S. Joseph, successor, & legitimo herdeiro do sceptro de David: (como dizem graves Authores, & se infere efficaçmente do mesmo Texto) esta he a forçosa razaõ, porque foi necessario o verdadeiro, & legitimo matrimonio entre Joseph, & Maria, para que Christo, como prole do mesmo matrimonio, pudesse ser herdeiro de Joseph, como foi : *Jesus Nazare-*
 19. 19. *mus, Rex Judæorum* : Rey, & pelo matrimonio, de Nazareth. Donde se segue, que assim como o mesmo Christo por razaõ, & beneficio do matrimonio de sua Mãy teve legitimo direito filial para herdar a Joseph, como seu Filho; assim Joseph reciprocamente teve o direito paterno tambem legitimo para o fazer seu herdeiro, como Pay.

Joan.

19. 19.

Entre agora o Evangelista S. Lucas, & ponha admiravelmente o selo a esta consequencia. Introduzindo S. Lucas a embaixada do Anjo à Virgem, fallou com esta formalidade de termos. *Mis-*
 Luc. 1. 26. 27. *sus est Angelus Gabriel à Deo in civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth, ad Virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David, & nomen Virginis Maria*. Foi mandado o Anjo Gabriel por Deos a huma Cidade de Galilea, por nome Nazareth, a huma Virgem desposada com hum Varaõ por nome Joseph, da Casa de David, & o nome da Virgem era Maria. Pois se o Evangelista foi tão exacto em declarar o nome da Provincia, da Cidade, do Varaõ, & da Virgem; & ao nome do Varaõ accrescentou a familia, & descendencia; porque a não accrescentou tambem ao nome da Virgem? O Varaõ, & a Virgem ambos eraõ da familia de David; porque não
 decla-

ibidem
24.

ibidem
2.

declarou logo, que a Virgem era tambem da mesma familia? Digo mais, que havendo de declarar a familia de hum sò dos dous contrahentes, esta havia de ser a da Virgem, & não a do Varaõ; porque sò a Virgem havia de ser a Mãy do Filho annunciado, & o Varaõ não: *Quoniam virum non cognosco.* Pois outra vez, se o Varaõ não havia de ter parte no Filho, & todo havia de ser da Virgem; porque declara a familia do Varaõ, & a da Virgem não a declara? Porque tanto importava a S. Lucas para a consequencia da sua historia declarar huma, como não declarar outra. E qual foi a consequencia? *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus.* Havia de dizer o Anjo, como disse, à Virgem, que ao Filho annunciado lhe daria Deos o throno, & sceptro de seu Pay David: & como este sceptro, & a herança delle pertencia a Christo, não pela descendencia da

Virgem, senão pela do Varaõ, que era Joseph, *Virum Mariae*; por isso sò ao nome de Joseph ajuntou o da familia de David: *Cui nomen erat Joseph, de domo David.* Como se disse: O Filho ha de ser da Mãy; mas o sceptro ha de ser do Pay: o Filho ha de ser da Virgem; mas o sceptro ha de ser do Varaõ; porque pela herança do Varaõ: *Virum Mariae*: o Filho de Maria não sò será Jesus, que quer dizer Salvador, senão Christo, que quer dizer Rey: *Jesus, qui vocatur Christus.* E isto he o que quiz provar S. Mattheus no seu livro, quando disse: *Liber generationis*, não sò, *Jesu*, senão, *Christi Filii David.*

S. VI.

64 **A** Qui se devia notar, que nenhum Euangelista diz expressamente, que a Virgem era descendente de David, & todos expressissimamente, & em muitos

lugares o repetem de Joseph; porque a elle directamente pertencia o jus hereditario, & legitimo direito do Reyno de David. Mas deixadas consequencias, vamos a testemunhos dos mesmos Euangelistas, em que com evidencia se prova ser o Gloriosíssimo Joseph verdadeiro, & legitimo Pay de Christo.

Quando a Virgem Santissima, & seu Esposo S. Joseph levárao a Christo Minino ao Templo de Jerusalem a ser apresentado conforme a ley; diz o Euangelista, que o introduziráo seus Pays: *Cum inducerent Jesum parentes ejus*. E quando refere que todos os annos pela Paschoa tornavao ao Templo, lhe chama segunda vez seus Pays: *Et ibant parentes ejus per omnes annos in Jerusalem in die solenni Paschæ*. E depois que foi de idade de doze annos, na mesma jornada, em que o perdêrao, & não achárao, terceira

vez lhe torna a dar o mesmo nome de Pays seus: *Remansit Puer Jesus in Jerusalem, & non cognoverunt parentes ejus*. E se quizermos ver os dous Santissimos Esposos até aqui comprehendidos debaixo do nome commum de Pays, distinctos, & divididos cada hum com o seu proprio de Pay, & Mãy, com esta distincção, & propriedade os nomea o mesmo Euangelista, quando refere, que ouvindo a Simeão se admiravao do que profetizava daquelle Minino: *Et erat Pater ejus, & Mater mirantes super his, quæ dicebantur de illo*. Agora pergunto, & haja quem me responda. Quando os Euangelistas a hum, & a outro Esposo lhe chamavao ou em commum Pays, ou em particular a Joseph Pay, & a Maria Mãy de Christo, em que sentido fallavao? Por ventura no sentido vulgar, em que o povo ignorante do mysterio reputava a Joseph por Pay de Christo:

Luc. 2.
27.

Ibidem
41.

Ibidem
33.

sto : *Ut putabatur Filius Joseph* : & erradamente lhe dava este nome ? De nenhum modo. Porque no tal caso diriaõ os Euangelistas huma cousa não sô falsa ; (o que não pôde ser) mas injuriosa à Virgem , a seu Filho , a seu Esposo , & à mesma verdade do Evangelho. He certo logo , & infallivel , que o sentido , em que fallavaõ os Euangelistas , era o verdadeiro , & proprio , conforme a realidade do que as suas palavras significavaõ. E assim como estas eraõ proprias , certas , & verdadeiras , quando chamavaõ a Joseph : *Pater ejus* : assim Joseph era proprio , certo , & verdadeiro Pay de Christo.

65 Ainda temos outro testemunho mais qualificado , não na verdade ; que não pôde ser maior ; mas maior sem comparação na authoridade , & na dignidade. Quando a Virgem Santissima Senhora Nossa , & S. Joseph

depois de haverem perdido o Minino de doze annos , o acháraõ no Templo , disse-lhe a Mãe Santissima com palavras muito suas : *Fili , quid fecisti nobis sic ? ecce Pater tuus , &*

Ibidem
48.

ego dolentes querebamus te : Filho , & que he isto , que nos fizestes ? eis-aqui vós so Pay , & Eu , que ha muito vos andamos buscando com grande dor. Desorte que da mesma boca da Mãe de Christo he Joseph Pay de Christo : *Ecce Pater tuus , & Ego*. Onde se deve notar muito , que os tres , entre os quaes se repartia este colloquio , Jesu , Maria , & Joseph , todos sabiaõ o mysterio , & segredo da Encarnação de Christo , para não ser necessario usar de alguma metafora , ficção , ou cautela : Joseph sabia que não tinha parte alguma na conceição do Filho ; o Filho sabia que todo unicamente era de sua Mãe ; a Mãe sabia que fora concebido pelo Espirito Santo. E que a mesma

Mãe ,

Mãe, fallando com o mesmo Filho, chamasse a Joseph seu Pay: *Ecce Pater tuus*! Que he isto? He que S. Joseph sem concorrer, nem ter parte na geração natural de Christo, não pôde ser, mas realmente era legitimo, & verdadeiro Pay do mesmo Christo.

§. VII.

66 **E** Para tirar qualquer duvida, ou escrúpulo, que possa occorrer nesta verdade; tomemos a plaina, & façamos toda a difficuldade, ou admiração desta grande materia, plaina, corrente, & liza. S. Mattheus começou a geração de Christo desde David, & desde Abraham: *Filii David, Filii Abraham*: Eu hei-de ir buscar a sua primeira origem muito mais acima. Esta palavra, *Paternitas*, que he Paternidade, donde se deriva o ser, & se significa o nome de Pay, pôde huma vez se acha em toda a Escriitura, que he o Ca-

pitulo terceiro da Epistola aos Efesios. *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem Domini nostri Jesu Christi, ex quo omnis Paternitas in caelis, & in terra nominatur.* Prostrado de joelhos, diz S. Paulo, dou graças ao Pay de nosso Senhor Jesu Christo, do qual se deriva toda a Paternidade do Ceo, & da terra. De sorte que a primeira, & originaria fonte, donde mana toda a Paternidade, & todo o ser Pay em todas as creaturas, he o Eterno Padre. E diz o Apostolo: *Omnis Paternitas*: Toda a Paternidade; porque as Paternidades, que Deos fez, & pode fazer, não são huma só, senão muitas, todas legitimas, & verdadeiras, cada huma em seu genero. A primeira, & natural foi a de Adam, & seus filhos. A segunda he a legal na Ley Velha, em que o irmão defunto sem filho era pay legal do que nascia de seu irmão. A terceira he a adoptiva, com que Deos nos fez filhos seus,

feus, & nós lhe chamamos verdadeiramente Pay nos.
 Rom. 8. 15. so: *In quo clamamus: Abba* (Pater.) A quarta he a da geração espirital, da qual propriamente fallava S. Paulo, & a declarou aos
 1. Cor. 4. 15. Corinthios: *Nam in Christo Jesu per Euangelium ego vos genui.*

67 E quanto às Paternidades, que Deos pode fazer, balte o que disse S. João Baptista mostrando as pedras do Jordão, onde baptizava, que daquellas pedras poderoso era Deos para fazer filhos de Abraham: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abraham.* A palavra, *Abrahæ*, no Texto original está em dativo. E se de huma pedra pode Deos dar filhos, & fazer pay a Abraham; a hum filho de Abraham, (qual era Joseph) porque o não poderia fazer Pay do Filho de huma Virgem? Faz Deos communmente os matrimonios de mulher fecunda, como o de Adam com Eva; fellos muitas vezes

de mulher esteril, como o de Abraham com Sára, & o de Zacharias com Isabel. E porque o não faria huma só vez de mulher virgem, como o da Virgem Maria com seu Esposo Joseph? A primeira Paternidade he natural; a segunda he milagrosa; a terceira he sobre toda a natureza, & sobre todo o milagre; mas nem por isso impossivel. Torne o Texto de S. Paulo, com o que nelle he mais admiravel. *Ex quo omnis Paternitas in celis, & in terra.* Diz o Apostolo, que do Eterno Padre se diriva toda a Paternidade assim no Ceo, como na terra. E no Ceo pôde haver Paternidade? A palavra, *Omnis*, & a palavra, *Ex quo*, excluem a Paternidade do Padre Eterno: logo no Ceo ficaõ só os Anjos, que não são capazes de geração. Pois se os Anjos não são capazes de geração, como suppoem S. Paulo nelles Paternidade? O como sabe-o Deos, & tambem o podia

podia saber S. Paulo, que foi ao Ceo. O que a nós nos serve, he, que os Virgens saõ como Anjos; & em hum matrimonio taõ Angelico como o de Joseph, & Maria, em que ambos eraõ Virgens, admiravel cousa he, mas naõ impossivel, haver a Paternidade, com que S. Joseph fosse Pay, & com que foi Pay de Christo.

68 E para que vejamos quam verdadeira, quam legitima, quam propria, & quam chegada à natural foi esta Paternidade de S. Joseph; ouçamos ao grande Lume da Igreja

August.
lib. 1.
ad Val.
tom. 7.

S. Agostinho. *Omne nuptiarum bonum inventum est in parentibus Christi*: Todos os bens, que tem as vodas, se achão no matrimonio dos Pays de Christo. E nomeando-os logo, diz: *Prolem, fidem, sacramentum*: a Prole, a fidelidade, & o sacramento. E declarando qual he a Prole, ou o Filho deste matrimonio: *Prolem* (diz o Santo) *agnoscimus Domi-*

num Jesum Christum: A Prole, & o Filho deste matrimonio de Joseph, & Maria, he o Senhor Jesu Christo. Vede o que diz, & o que naõ diz Agostinho. Naõ diz que o Senhor Jesu Christo he Prole, & Filho da Virgem Maria, senão que he Prole, & Filho das vodas, & do matrimonio da Virgem Maria com S. Joseph. E porque? Porque ser Filho de Maria, he ser Filho da Esposa, que he huma sã Pessoa, & essa Mãe: podem ser Filho do matrimonio, que consta de Esposa, & Esposo, he ser Filho de duas Pessoas, & essas Mãe, & Pay, qual foi Joseph.

69 Esta he a razaõ evidente, & manifesta no Texto Sagrado; porque S. Lucas antes da conceição de Christo, & S. Matheus depois do parto, ambos notáraõ, que antes de nascido, & concebido, já as vodas de Maria, & Joseph eraõ celebradas. S. Lucas: *Ad Virginem desponsatam*

sponsatam viro, cui nomen erat Joseph. E S. Mattheus: *Joseph virum Mariae, de qua natus est Jesus*; porque se fôsse antes do matrimonio, seria o Filho sô de Maria; mas depois do matrimonio; como Prole do mesmô matrimonio; era de ambos. Assim o tornou a notar o mesmo Santo Agostinho em outro lugar, como se commentasse o já referido. Dâ a razão, porque S. Mattheus deduzio a Genealogia de Christo por S. Joseph, &

August. atê S. Joseph: *Joseph virum Mariae. Neque enim fas erat, ut ob hoc eum à*

conjugio Mariae separandum putaret, quòd Virgo peperit Christum. Porque não era licito apartar a Joseph do matrimonio de Maria; a titulo de haver concebido a Christo sendo Virgem; porque aindaque ambos eraõ Virgens, a ambos sem mutua communicacão podia nascer hum Filho, como verdadeiramente nasceo Christo, não sô a Maria, senão a Maria,

& a Joseph: *Præsertim quia nasci eis etiam potuit Filius sine ullo complexu carnali, qui solum propter gignendos filios adhibendus est.* Onde muito se deve notar aquella grande palavra, *Nasci eis*: nascer a elles; não sô à Esposa, senão a ambos os Esposos: não sô a ella Maria, *De qua natus est*; senão a elle Joseph, com quem estava desposada: *Joseph virum Mariae.*

§. VIII.

70 **S**O resta que vejamos praticamente como isto foi. Fez-se o Filho de Deos homem; mas a frase, com que o diz o Euangelista S. João, he, que se fez carne: *Verbum caro factum* Joan. 1.
est. E que carne era esta, 14.
que unio o Verbo a si, & de quem era? Era a carne purissima, & santissima da Virgem Maria Senhora nossa. E era sô sua? Senão fora desposada, sim. Mas sendo desposada, como

como verdadeira, & legitimamente o estava com Joseph: pelo vinculo do legitimo matrimonio tanto era delle, como sua. Assim o definio o soberano Instituidor do mesmo matrimonio por boca do primeiro, que atou com elle:

Gen. 1.
24. *Erunt duo in carne unâ.* E se a carne de que se vestio o Verbo, sendo de dous, era huma; não he contra a razão desta unidade, senão muito conforme a ella, que o Filho, que della nasceu, sendo tambem hum, pertença aos mesmos dous, a Maria como Esposa com o nome de Mãe, & a Joseph como Esposo com o de Pay.

71 Grande Texto em confirmação com authoridade Divina, & sobre Divina jurada. *Juravit Dominus David veritatem, & non frustrabitur eam:* Jurou Deos a David huma verdade, cuja promessa infallivelmente se cumprirá, & não será frustrada. E que verdade não sô prometida, senão jurada pelo

mesmo Deos he esta? *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam:* He que do fruto do ventre de David havia de pôr Deos sobre o seu throno hum Filho tambem seu. Assim se cumprio em Christo Filho de David, & Rey do seu proprio Reyno. Mas se o Texto com o mesmo sentido podia dizer: *Ex fructu fœmoris tui:* porque disse: *Ex fructu ventris tui?* A replica he de Santo Agostinho, o qual responde: *Significantius dicere voluit, ex fructu ventris, quia de fœmina natus est Dominus.* Disse: *De fructu ventris:* com significação mais propria, porque Christo propriamente nasceu de mulher. Bem. Mas se nasceu de mulher, porque chama ao ventre ventre de David: *De fructu ventris tui?* E que David era este, se quando Christo nasceu do ventre santissimo, havia vinte & oito gerações, que David era morto? *A David usque ad transmigrationem Babylonis generationes*

Psal. 131.11.

131.11.

Matth. 1. 17.

nerationes quatuordecim : & à transmigratione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim. O David, que então havia, era o ultimo descendente de David, immediato antes de Christo, S. Joseph: *Joseph virum Mariæ, de quâ natus est Jesus.* E o ventre desta Mãy era deste David? Não sô era seu, senão mais seu, que da mesma Mãy. Assim o diz S. Paulo, & he de Fê, pelo vinculo, & direito do legitimo matrimonio: *Mulier sui corporis potestatem non habet, sed vir.* Mas este poder em matrimonio virginal era sô quanto ao dominio, (em que se verificava o *ventris tui*) & não quanto ao uso, como bem nota Santo Thomas. E como o ventre, de que nasceo Christo, era de David, & o David, em que se verificou, era Joseph; vede se era Joseph verdadeiro, legitimo, & propriissimo Pay de Christo.

72 Replicará alguem, que Joseph de nenhum

modo cooperou à geração do bemdito fruto de sua Esposa, senão o Espirito Santo: logo o fruto não podia ser seu. Nego a consequencia; porque ainda que a cooperação não foi sua, senão do Espirito Santo; a Esposa, de quem nasceu o fruto, era verdadeiramente sua. Adam em dous estados era senhor de dous frutos muito diferentemente plantados. Em quanto esteve no Paraíso, eraõ seus os frutos, que plantára Deos: *Plantaverat autem Dominus Deus paradisum voluptatis.* Depois que esteve fora do Paraíso, eraõ seus os frutos, que elle plantava: *Ut operaretur terram, de quâ sumptus est.* Pois se huns frutos eraõ plantados por Deos, em que Adam não teve parte, & os outros plantados por elle com o trabalho de suas mãos, & o suor de seu rosto; porque eraõ igualmente seus assim huns, como os outros? Porque segundo os diferentes estados da sua fortuna-

Gen. 2.

8.

Gen. 3.

23.

fortuna, huma, & outra terra era sua. Porque era sua a terra do Paraíso, eraõ os frutos do Paraíso seus, ainda que não fosse elle, fenaõ Deos o que os tinha plantado. O mesmo digo, & se ha de entender de S. Joseph. Como a Espôsa, de que nasceo o bemdito fruto do seu ventre, era sua, *Conjugem tuam*: ainda que elle não tivesse cooperação alguma na sua geração, & toda fosse do Espirito Santo, o fruto comtudo era seu, porque o era o ventre: *De fructu ventris tui*.

73 Falta ainda, ou pôde haver mais prova? Não porque falte, mas para que sobeje; quero que o mesmo purissimo ventre deste fruto nos diga, que o fruto he de S. Joseph. Mas antes que a Mãe Virgem no lo affirme, he necessario que demos dous passos atraz. S. Jeronymo buscando a razão, porque a Senhora primeiro houve de fer Espôsa de seu Espôso, que

Mãe de seu Filho, achou-a natural na agricultura, & no Texto de Isaías: *Egre- 161. dietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet.* As palavras do Doutor Maximo são estas: *Maria virga est, flos Christus. Et nunquam flos ascendit de Virga folius nudâ. Prius virga foliis obumbratur, & honestatur, quàm flos ascendat: prius ergo Maria erat viro honestanda, quàm Christus nasceretur.* Na arvore (diz S. Jeronymo) primeiro nascem as folhas para a sombra, & depois a flor para o fruto. Logo primeiro havia de estar a Virgem à sombra de Joseph, do que ter a Christo nos braços. E que se segue daqui? Mais disse Jeronymo naquelle *Obumbratur*, do que quiz dizer. Demos agora outro passo ao mysterio da Encarnação. *Virtus Altissimi obumbrabit tibi*: A virtude do Altissimo; ô Maria, vos fará sombra; & o Filho, que debaixo desta sombra conceberdes, será Filho de Deos:

ibidem. Deos : Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei. E se o Filho concebido à sombra de Deos, he Filho de Deos; diremos tambem, que o mesmo Filho concebido à sombra de Joseph, he Filho de Joseph? Eu não me atrevo a afirmar a semelhança; mas dando o ultimo passo, ouçamos o que diz a mesma Virgem.

ant. 2. 74. *Sub umbrâ illius, quem desideraveram, sedi: & fructus ejus dulcis gutturi meo.* Affentei-me à sombra daquelle, que eu tinha desejado, & o seu fruto foi para mim muito doce. E quem he aquelle, a quem a Virgem tinha desejado? Excelente perifrasi de S. Joseph! Quando a Virgem, tendo estado no Templo atè idade competente, foi obrigada pelo Divino Oraculo a sair daquelle recolhimento, & tomar Esposo, como esta obediencia era contraria ao voto, q̃ tinha feito perpetuavirgindade, pedio a Deos, q̃ fosse tal o seu Esposo, q̃ tivesse a mes-

ma virgindade por voto, ou ao menos por proposito firme. E tal foi Joseph, de pureza taõ virginal, & constante como a sua. Assim o dizem os Santos antigos, & Doutores modernos. E porque Deos satisfez à S.este seu desejo, por isso chama ao seu Esposo, aquelle, q̃ ella tinha desejado: *Sub umbrâ illius, quem desideraveram, sedi.* Affentada pois à sombra do seu desejado Joseph, entaõ he q̃ o Altissimo a assistio com a sua: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi:* & naceo o fruto bemdito do seu ventre: *Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum.* Segue-se o ponto principal. E esse fruto de quem diz a Virgem q̃ he? Não diz q̃ he seu, do q̃ não se podia duvidar; mas diz q̃ he do seu Esposo, o q̃ sô podia ter duvida. *Et fructus ejus:* & o fruto delle. Desorte que a sombra era do seu desejado: *Sub umbrâ illius, quem desideraveram, sedi:* & o fruto tambem do mesmo desejado: *Et fructus ejus dulcis gutturi meo.*

S. XIX.

75 **D**Esfeitas assim,

& satisfeitas,

ou, como diziamos, aplainadas as difficuldades, que podiaõ occorrer na nossa proposta ; tempo he já de deixar a plaina, & tomar o compasso, para medir as grandezas, que della se seguem, ou sobre ella se levantaõ. Christiano Druthmaro, Padre antigo, & eloquente, chamou a Joseph Esposo da Virgem, Equivoco de Joseph, Filho de Jacob : *Fuit autem tunc equivocus castus inventus, & bonus*. E pareceo taõ bem a Alberto Magno este Equivoco, que accrescentou ao de Joseph do Egypto o de Joseph de Arimathea, hum por casto, outro por pio : *Clarorum virorum equivocatio est Joseph. Patriarchæ præcedentis, & Joseph ab Arimatheâ sequentis*. Mas nenhuma destas equivocacoes me parece digna de eu abrir o compasso ; por-

que se levantaõ pouco da terra ; & porque eu não busco em Joseph as parellhas do nome de Joseph, senaõ as do nome de Pay. Abrindo o compasso, ponho huma ponta fixa delle na Officina de Nazareth, & com a outra fazendo hum meyo circulo atè o Ceo Empyreo, no mais alto delle (que he o throno do Eterno Padre) acho o Equivoco de Joseph Pay. E de que boca pronuncia-do ? De huma parte pela Mãy de Deos ; & da outra pela do Filho de Deos. Que disse Maria, quando achou a seu Filho no Templo ? *Ecce Pater tuus, & ego dolentes querebamus te*. E que respondeo o Filho ? *In his, quæ Patris mei sunt, Luc. oportet me esse*. De manei- 49- ra que Maria, alludindo a Joseph, diz a Christo : *Pater tuus* : & Christo, alludindo ao Eterno Padre, diz a Maria : *Patris mei*. De huma parte a primeira Pessoa da Santissima Trindade Pay : da outra a Pessoa de Joseph Pay, & não de

Christ.
Druth.
in Mat.
th. 2.

Albert.
Magn.
in eum-
dem lo-
cum.

de outro indifferente filho, senão do mesmo Filho de Deos : *Patris mei* : & do mesmo Filho de Maria : *Pater tuus*.

76 Sò o mesmo Filho de Deos nos pôde ponderar o altíssimo, & profundíssimo encarecimento deste estupendo Equivoco. Prégando Christo Senhor nosso em huma Sinagoga de Capharnaum, & tendo diante de si aos seus discipulos, deraõ-lhe recado, que estava fõra sua Mãy, & seus irmãos, & lhe queriaõ fallar : *Ecce mater tua, & fratres tui foris stant querentes te*. Christo não tinha irmãos, mas os Hebreos chamavaõ irmãos aos parentes. E que respondeo o Senhor ao recado ? *Quæ est mater mea, & qui sunt fratres mei* : Quem he a minha mãy, & quem são os meus irmãos ? E aqui estendeo a mão, & apontando para os Apostolos, disse : *Ecce mater mea, & fratres mei* : Eis-alli minha mãy, & os meus irmãos ; porque todo aquel-

le, que fizer a vontade de meu Padre, que está no Ceo, esse he meu irmão, minha irmã, & minha mãy : *Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, qui in cælis est, ipse meus frater, & soror, & mater est*. O que nesta reposta noto, & pergunto, he : Assim como Christo disse : O que fizer a vontade de meu Padre, he minha mãy ; porque não disse também, he meu pay ? Do mesmo Texto se prova a paridade desta instancia. Porque quando disseraõ ao Senhor, que o buscavaõ seus irmãos, elle não sò respondeo, que os que faziaõ a vontade do seu Padre eraõ seus irmãos, senão também as suas irmãs : *Ipse meus frater, & soror est*. Logo quando lhe disseraõ que o buscava sua mãy, não sò havia de dizer (como disse) que os que faziaõ a vontade de seu Padre, eraõ sua mãy ; mas coherentemente havia de accrescentar, que eraõ sua mãy, & seu pay. Pois porque não disse

Ibidem
50.

disse do mesmo modo: *Ipse mater mea, & pater est?*

Porque ser Pay de Christo he huma grandeza tão superior a toda a esfera humana, que a nenhum homem a promette Christo. A primeira, & mais alta dignidade entre os homens, he a dos Apostolos,

1. Cor. como diz S. Paulo: *Primum*
12. 28. *quidem Apostolos*: & a esses

apontando os com o dedo concede Christo o nome de irmãos seus, & mãe sua: *Ecce mater mea, & fratres mei*: mas o de pay seu, nem a Pedro, nem a outro concede tal cousa. João, que he o mais amado, seja

Joan. filho de minha Mãe: *Ecce*

19. 26. *filius tuus*: mas Pay meu, que he dignidade maior, sô o Eterno Padre, & Joseph.

77 Em outro genero foi Joseph tambem Pay: como Pay daquella familia, que em tão pequena casa habitava em Nazareth. Tambem aqui, & sem sair daqui, faz o compasso hum circulo maior que o do Mundo. Todo o Mundo habitado não igualava

a grandeza, que dentro daquellas quatro paredes tão estreitas, estava encerrada. Aquella pequena familia, de que Joseph era cabeça, compunhase de duas partes tão immensas, que huma era o Filho de Deos, outra a Mãe de Deos: & se esta era a magestade do corpo, qual seria a dignidade da cabeça? O Padre, o Filho, & o Espírito S. são a Trindade do Ceo: Jesus, Maria, Joseph, são a Trindade da terra. Mas na Trindade do Ceo nenhuma Pessoa manda, nem obedece; porque não ha, nem pôde haver entre ellas sujeição, ou imperio. Na da terra porèm com assombro das Jerarchias, huma manda, & duas obedecem: & sendo Jesus, & Maria as que obedecem, Joseph he o que manda, & governa.

78 Quando Josué mandou ao Sol, & à Lua, que parassem: *Sol contra Jos. Gabaon ne movearis, & luna contra vallem Aialon*:
parece que foi aquella a maior delegação da Omnipotencia,
12.

bidem
14.

nipotencia. Mas que comparação tem mandar ao Sol, & à Lua, com mandar a Jesus, & a Maria? Josuè (que como Cesar escreveo as suas batalhas) atreveo-se a dizer, que neste caso obedeceo Deos à voz do homem: *Obediente Domino voci hominis*. Mas para moderar a proposição, accrescentou ao *Obediente Domino*, como tão grande soldado, *Et pugnante pro Israel*: que naquella occasião Deos também pelejava pela parte de Israel. Quando os Reys se achão presentes nos exercitos, ao tempo de dar a batalha, costumão obedecer aos Generaes, & não se movem do lugar, que elles lhe finalão. E deste modo (com grande exemplo aos soldados) obedeceo aqui Deos. Aparentando porém a propriedade deste *Obediente Domino*: a obediencia suppoem no obediente duas cousas: ser inferior, & ter vontade. O Sol era inferior a Josuè, mas não tinha von-

tade: Deos tinha vontade; mas não era inferior. E que fez então Deos? Assim como depois unio duas naturezas: (em cuja união foi capaz do que não era cada huma dellas) assim nesta occasião unindo a vontade propria à sujeição, & inferioridade alhea, com nome mais prodigioso que o mesmo milagre, pode ser obediente: *Obediente Domino voci hominis*. Mas quanto vai deste nome, ou desta obediencia à com que Joseph era obedecido? Em Gabaon nem Deos era Sol, nem o Sol era Deos: em Nazareth aquelle Minino maior que o Mundo, que obedecia a Joseph, tão verdadeiramente era homem, como era Deos, & tão verdadeiramente era Deos, como era homem.

79 Deixo de ponderar aqui, que Josuè foi obedecido em hum sò dia, huma sò vez, & em huma sò acção: & Joseph em tantos dias, ou em tantos milhares de dias, quantos são necessários

rios para compor o espaço de trinta annos : & cada dia tantas vezes , & em tantas acçoens, (além das ordinarias, & domesticas) quantas eraõ as que se multiplicavaõ no concurso do mesmo officio , do mesmo trabalho , & da mesma obra, sendo Joseph o que como Pay, & como Mestre ordenava ; & Christo, o que como Filho, & como Discipulo obedecia. Tudo isto tão incomprehensivel na continuacão, & no numero deixo, por ponderar nesta obediencia do Filho de Deos a Joseph, unicamente hum sò acto, & huma sò circumstancia, que pésa mais que tudo isto. Quando o Minino Jesus sendo de doze annos ficou em Jerusaleem, naõ o manifestou a seus Pays :

Luc. 2. *Non cognoverunt parentes ejus.* Quando o acháraõ

no Templo, o lugar, em que estava, era entre os Doutores, disputando

Ibidem com elles : *Audientem illos,*

46. & *interrogantem eos.* E quando lhe perguntáraõ a

razaõ do que tinha feito : *Quid fecisti nobis sic ?* respondeo, que por importar assim ao serviço de seu Padre : *In his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse.* De sorte que neste caso o dictame do Minino, que sabia tanto como Deos, era emancipar-se, & governar-se por si mesmo : a sua inclinaçãõ, & devoçãõ estar em Jerusaleem, & no Templo : o seu genio, & engenho applicar-se às letras, & às sciencias : sobre tudo o fim destes intentos a importancia do maior serviço, & honra de Deos.

80 E qual foi o fim deste parenthesis da sua vida, & idade tão contrario aos exercicios della ? Por ventura ficou em Jerusaleem ? Ficou no Templo ? Ficou entre os Doutores ? Ficou assistindo ao que era mais importante às conveniencias de seu Padre ? Naõ. Deixa Jerusaleem, deixa o Templo, deixa os Doutores, deixa as letras, deixa as assistencias do serviço Divino, & torna

torna para a tenda de Nazareth, & para os cavacos, sô porque assim o julgou, & entendeu, & lho ordenou Joseph. Então era de doze annos; depois destes se seguírao dezoito, atè os trinta; & em todo este discurso, & variedade de tempo, & de idades, sem mostrar jámais outro movimento de inclinação, & vontade propria, obediente sempre, & sujeito em tudo a Joseph, & a sua Mãe: *Et erat subditus illis.*

S. X.

81 **A** Esta sujeição de Filho se segue em S. Joseph outro titulo de Pay, que he o da criação, & sustento em cinco idades, desde a infancia, & puericia atè a de perfeito Varão: Deste titulo, & razão de Pay faz menção Hugo Cardeal allegando o do mesmo S. Joseph: *Propter nutrituram sicut Christus fuit Filius Joseph, & dixit Beata Virgo: Ecce Pater tuus.*

Deos he o que sustenta todas as cousas, como quem as creou; & não sei se he mais admiravel na sua Magestade o querer ser sustentado, ou na de S. Joseph (que não merece menor nome) o ser elle o que o sustentasse.

82 Naquella tão celebrada escada chamada de Jacob, o que mostrava a pintura, & a visão, era o mesmo, que no primeiro capitulo de S. Mattheus dizem as letras, & Escriitura. Em huma, & outra se significava o mysterio da Encarnação, & Genealogia de Deos feito homem, & só havia de differença, que a escada era mais curta dous degrãos; porque esta começava em Jacob, & S. Mattheus em Abraham seu Avo. Subindo pois pela escada de geração em geração, & de degrão em degrão, o ultimo, & o mais alto he S. Joseph; porque nelle se acabava o Genuit: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ.* Agora se segue na historia

E iiij desta

Gen.
28. 3.

Rupert.
de glo-
riof. Fi-
lio ho-
minis
lib. 1. in
Matth.

desta visão de Jacob huma
proposição digna de re-
paro. Jacob vio a Deos no
fummo da escada; & diz o
Texto, que Deos estava
sustentado nella: *Et Do-
minum innixum scalæ*. Pa-
rece que se havia de dizer,
ou ser o contrario, & que
Deos estava sustentando a
escada, para que estivesse
firme em tanta altura; &
naõ que Deos se sustentas-
se nella. A duvida he de
Ruperto Abbade, & tam-
bem a soluçãõ por estas no-
taveis palavras. *Supremus
scalæ gradus, cui Dominus
innixus est, iste est Beatus
Joseph vir Mariæ, de quâ
natus est Jesus. Quomodo
iste Deus, & Dominus huic
innixus est? Utiq; tam-
quam tutori pupillus, quippe
qui in hoc mundo sine patre
natus est. Ita innixus est
huic Beato Joseph, ut esset
infantulo iste Pater optimus.*
O ultimo, & supremo de-
grão da escada he Joseph
Esposo da Virgem Maria,
da qual nasceo Jesus. Mas
como se pôde verificar,
que este Jesus, este Deos,

& este Senhor estivesse su-
stentado, & se estivesse su-
stentando naquella supre-
mo degrão, que he Joseph?
O modo, & a razãõ he ma-
nifesta, diz o insigne Dou-
tor; porque como Deos
feito homem nasceo neste
Mundo pupillõ, & orfãõ
sem Pay; Joseph foi esco-
lhido por Deos para que
em lugar de Pay, & Pay
optimo, qual he Deos, o
sustentasse como Filho:
*Ita innixus est huic Beato
Joseph, ut esset infantulo
iste Pater optimus.*

83 Taõ annexo andou
a S. Joseph, & taõ altamen-
te confirmado desde o Ceo
pelo mesmo Deos este ter-
ceiro titulo de Pay de seu
Filho, o qual elle exerci-
tou com summa vigilan-
cia, amor, & cuidado, naõ
sõ em quanto Minino, fe-
naõ em todas as idades,
sustentando o com o tra-
balho de suas mãos, & fuor
de seu rosto, na patria, no
desterro, & em toda a par-
te. Mas se a Elias o susten-
tou Deos por hum Anjo, a
Daniel por hum Profeta,
& a

& a todo o povo de Israel por espaço de quarenta annos com o Manná chovido do Ceo todos os dias; a seu Filho porque lhe não proveo os alimentos, como diz David, das despendas occultas da sua Omnipotencia: & a mesa, que lhe poz, & à que o poz, foi a de hum pobre Official, ganhada com o trabalho, & provida com o jornal de cada dia, & em que tambem o mesmo Filho tivesse a sua parte? A razão desta não menor, mas muito maior providencia, que Deos teve com seu Filho, foi aquella, que deo S. Paulo, quando disse: *Debit per omnia fratribus similari.* Como o Filho de Deos se tinha feito homem, era conveniente que em tudo se fizesse semelhante aos outros homens; aos quaes tinha o mesmo Deos condemnado em Adam a comer o seu pão com o suor do seu rosto. Este he o sustento, & modo de os homens se sustentarem, o mais decente, o

mais natural, o mais innocente, & o mais justo. Os Reys sustentão-se dos tributos dos vassallos; mas quantas injustiças vão envoltas nesses tributos? Os grandes sustentão-se dos seus morgados; mas quantos, como o de Jacob, por astucias, & enganos foraõ roubados a Esau? Outros se sustentão pelas armas nas guerras, outros pelas lètras nos Tribunaes, outros pelos governos nas Províncias remotas; & sendo tanto o pão, que alli se recolhe, & que tal vez não chega a se comer, qual he o que não seja amassado com as lagrimas, & sangue dos innocentes?

84. Oh ditosos, õ bemaventurados (que com isto devia, & quero acabar) aquelles, de quem cantou David: *Laboribus manuum tuarum quia manducabis; beatus es, & bene tibi erit.* Aquelle es, & aquelle erit: o que cada hum he, & o que ha de ser; o que he nesta vida, & o que ha de ser na outra, são os dous cuida-

cuidados maiores de todo o homem, que tem Fé, & uso de razão: & ambos reduz o Profeta à fortuna tão pouco estimada neste Mundo dos que comem os trabalhos das suas mãos, & se sustentaráo dellas. Estes, ou destes são os que militaõ debaixo da bandeira de S. Joseph, & vivem do honrado soldo da sua imitação, nesta nobilissima Irmandade. De proposito lhe chamo nobilissima, para desafrontar o nome, com que os ignorantes queraõ afrontar a Christo pelo officio de seu Pay: *Fabri Filius*. O primeiro Fabro, que houve no Mundo, diz S. Ambrosio, foi Deos, que fabricou o mesmo Mundo, que ensinou a Noé a fabricar a Arca, a Moysés a fabricar o Tabernaculo, a Salamaõ a fabricar o Templo, com todas as medidas, com todas as proporções, & com todos os primores, donde depois os tomou, & aprendeo a Arte. Mas deixado o Fa-

bro Divino, que era o Pay de Christo no Ceo, vamos ao Fabro da terra, que se o nosso discursõ provou alguma cousa, já não haverá quem lhe duvide ser seu legitimo, & verdadeiro Pay: para que acabemos por onde começámos. Pergunto: Qual he o mais nobre homem, & de mais alta, & qualificada nobreza, que houve neste Mundo? Por ventura o primeiro Cesar entre os Romanos, ou o ultimo Alexandre entre os Gregos? Não. Pois quem? Aquelle humilde Official, chamado Joseph, que em huma pobre tenda de Nazareth com hum dos instrumentos da sua Arte estava cortando, ou acepillando hum madeiro. Os Padres desta nobreza são os livros dos Euangelistas S. Mattheus, & S. Lucas. E todas as outras nobrezas, por mais que se chamem Reaes, ou Imperiaes, he certo que não são Euangelho. Em S. Mattheus conto a S. Joseph até El-Rey

Luc. 3. 8. Rey David vinte & oito Avôs , & atè Abraham quarenta & dous. E em S. Lucas , subindo a ascendencia do mesmo Joseph mais acima , & contando de Pays a Filhos setenta & quatro Avôs , não sô chega atè Adam , mas passa a Deos : *Qui fuit Adam , qui fuit Dei.* Blasonai agora là das vossas ascendencias , que a melhor cousa que podem ter , he não se saber donde começáão. E tudo isto o ordenou assim a Providencia Divina , para que ? Para abater , & confundir a soberba humana. David do cado subio ao sceptro , & he mais facil o descer , que o subir. E quantos governáão Reynos , & Monarchias , cujos descendentes estaõ hoje vivendo ou do remo no mar , ou do arado na terra ? Ninguem se estime a si , nem despreze a outro pelo que pôde dar , ou tirar a fortuna. Ditosos os que contentes com a sua imitaõ , & servem a S. Joseph ! Neste Mundo o sangue de Joseph foi a maior nobreza : no outro o merecimento de Joseph he a maior valia ; porque o Filho de Deos em toda a parte o reconhece por Pay : & como na terra lhe obedeceo em tudo , assim no Ceo lhe concede tudo. Ditosos pois outra vez os que na confiança de imitar a taõ humilde Official , & servir a taõ grande Principe nelle , por elle , & como elle , esperaõ de seus trabalhos o premio eterno ! Amen.



SER MAM

S E R M A M

Da primeira Sesta Feira

DA QUARESMA,

Em Lisboa , na Capella Real.

Anno de 1649.

*Ego autem dico vobis : Diligite inimicos vestros,
benefacite his , qui oderunt vos , ut sitis filii Pa-
tris vestri , qui in caelis est.* Matth. 5.

§. I.

86



Ifficultoso
preceito !
Difficulto-
so motivo !

Difficultoso exemplo ! Diffi-
cultaço preceito : *Diligi-
te inimicos vestros.* Difficul-
toso motivo : *Ego autem
dico vobis.* Difficultoso ex-
emplo : *Ut sitis filii Patris*

Matth.
5. 44.
45.

vestri. Negar, ou despre-
zar a difficuldade , não he
arte , nem valor , nem ra-
zaõ. Reconhecella, & im-
pugnalla : confessalla , &
convencella, sim. Isto he o
que pertendo fazer hoje :
por isso , à difficuldade do
preceito ajuntei a do mo-
tivo, & do exemplo. Estas
tres difficuldades , todas
grandes , & cada huma
maior,

maior, primeiro propostas, & encarecidas, depois impugnadas, & vencidas, serão, com a graça Divina, as tres partes do meu discurso. Ouço-me com attenção os maiores, & os melhores; porque esses são os que tem mais inimigos.

§. II.

87 **C**omeçando pela primeira parte, he tão difficultoso preceito o de amar os inimigos; que em todas as Leys o repugnarão os homens, & se armarão contra esta Ley. Na Ley da Natureza a abominarão os Gentios: na Ley Escrita a compuzerão os Judeos: na Ley da Graça a desprezaõ, & tem por afronta os Christãos. Abominarão tanto este preceito os Gentios, que o lançavaõ em rosto aos Christãos, como escreve S. Justino, & diziaõ que era ley barbara, irracional, & impossivel. He verdade, que na

mesma Ley da Natureza a observou Job Edumeo, & Gentio; mas era Job o que a observou. *Sigavifus sum ad ruinam ejus, qui me oderat, & exultavi, quod invenisset eum malum.* Outros exemplos se achão deste amor nos Escriitores Gentilicos; mas como bem os argue S. Gregorio Nazianzeno, nos Historicos foi mentira, nos Oradores lisonja, & nos Philosophos vaidade. Assim o suppoz o mesmo Christo hoje, quando disse: *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, nonne & Ethnici hoc faciunt?*

Job. 31.
29.

Marth.
5. 46.
47.

88 Os Judeos tambem tinham expressa esta Ley, como parte da Natural, & Moral. No capitulo vinte & tres do Exodo: *Si occurreris bovi inimici tui, aut asino erranti, reduc ad eum.* E no capitulo vinte & cinco dos Proverbios: *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum.* Mas foi tanto o horror, que concebeo aquella gente, tanta a violencia, que experimentou, & tanto o odio, com que aborreceo este

Exod.
23. 4.

Prov.
25. 21.

Rin.
Apol.
rist.

este amor ; que sem respeito a Moysés, nem a Deos, para mais córadamente quererem mal a seus inimigos, se fizeraõ inimigos da mesma Ley. Conserváraõ o Texto ; mas adulteráraõ, & corrompéraõ o sentido. Esta foi aquella glossa sem nome, que Christo hoje emendou taõ antiga, como impia : *Audistis quia dictum est antiquis, Diliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum.*

Matth.
5. 33.
43.

89 Finalmente nós os Christaõs, que professamos, cremos, & adoramos o Euangelho, como o observamos nesta parte? Os odios publicos o dizem, & os occultos naõ o calaõ. Comnosco fallou Christo, quando disse : *Ego autem dico vobis* ; porque entaõ prégou a sua Ley, & ensinou a todos a ser Christaõs. Mas tem chegado a tal extremo de infania o desprezo deste ponto, que honrandonos da Ley, fazemos honra de a naõ guardar. Se foramos verdadei-

ros Christaõs, cessava entre nós este preceito ; porque naõ havia de haver inimigos a quem amar. Assim o presumio Tertuliano, quando disse : *Christianus nullius est hostis.* Disse que nenhum Christaõ he inimigo : melhor dissera, que nenhum inimigo he Christaõ. Porém Christo, que taõ interiormente conhecia a perversa inclinaçaõ da natureza humana, & taõ experimentavelmente começava já a padecer em si mesmo a repugnancia, & difficuldade do que mandava ; por isso suppoz, que sempre havia de haver inimigos : *Diligite inimicos vestros.*

90 Temos posto em campo contra a verdade, & equidade deste famoso preceito divididos em tres esquadroens, porém unidos no mesmo parecer, debaixo da bandeira da Ley da Natureza os Gentios ; debaixo das taboas da Ley Escrita os Judeos ; debaixo da Cruz, & Ley da Graça

os Christãos ; em summa, o género humano todo. E na testa deste immenso exercito, como o Gigante Goliath no dos Filisteos, defafiando a parte contraria, & blasonando, & defendendo a sua : quem ? Não menos que a mesma razão natural, & humana, armada no peito de difficuldades, & na cabeça de impossiveis : & arguindo, & declamando fortemente assim. (Vede se sendo eu o que hei-de responder, lhe enfraqueço alguma força, ou encubro, & dissimulo algum argumento dos que pôde apertar, & encarecer.)

91 He possivel, (diz a razão revestida em cada hum de nós, ou cada hum de nós nella) he possivel que haja eu de amar a quem me aborrece ; desear bem a quem me faz todo o mal ; que pôde ; honrar a quem me calumnia ; interceder por quem me persegue ; & não me desafrontar de quem me afronta : & que tudo isto

ha de caber em hum coração de barro ? Abalaõ-se, & rebentaõ os montes ; sahe de si o mar ; enfurecem-se os ventos ; fulminãõ as nuvens ; escurece-se, & descompoem-se o Ceo ; nem cabe em si mesmo o Mundo com quatro vapores insensiveis, que se levantaõ da terra : & que em hum vaso tão estreito, & tão sensitivo como o coração humano, hajaõ de caber juntas, & estar em paz todas estas contrariedades ? Alma, corpo, que dizeis a este preceito ? Ajunte-se a republica interior, & exterior do homem, chame a cortes, ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos, & sejaõ ouvidos nesta causa todos, pois toca a todos. Que he o que dizem ? Todos repugnaõ, todos reclamaõ, todos se alteraõ, todos se unem, & conjuraõ em odio, & ruina do inimigo. A memoria sem já mais se esquecer, representa o aggravo : o entendimento ponde-

pondera a offensa : a fantasia afea a injuria : a vontade implora , & impera a vingança. Salta o coração , bate o peito, mudaõ-se as cores , chameaõ os olhos, desfazem-se os dentes, escuma a boca , morde-se a lingua , arde a colera , ferve o sangue , fumeaõ os espiritos , os pés , as mãos , os braços , tudo he ira , tudo fogo , tudo veneno.

92 Accende , & provoca esta batalha a trombeta da fama , dizendo , & brândando , que he honra : poem-se da parte do odio , & da vingança o Mundo todo , que assim o manda , que assim o julga , que assim o applaude , que assim o tem estabelecido por ley. Sobre tudo o tribunal supremo da razão assim o prova ; porque amigo de amigos , & inimigo de inimigos , he voz , que soa justiça , merecimento , proporção , igualdade. Finalmente o mesmo Deos condemna a meu inimigo , porque he meu

inimigo : pois se Deos o condemna , & aborrece , porque o hei-de amar eu ? Deos que isto manda , não he o Author da natureza ? E que faz a mesma natureza toda movida , & governada pelo mesmo Deos ? Vingãõ-se por instincto natural as feras na terra : vingãõ-se as aves no ar : vingãõ-se os peixes no mar : vingã-se a mansidão dos animaes domesticos : vingã-se , & cabe ira em huma formiga : & basta que a natureza viva naquelles atomos , para que nelles offendida se doa , nelles aggravada morda , nelles tome satisfação da sua injuria. E se a natureza , onde he incapaz de razão , não he capaz de soffrer semrazoens ; que o homem , creatura racional a mais nobre , a mais viva , & a mais sensitiva de todas , com a balança da mesma razão no juizo , não haja de pesar aggravos , antes contra a força , & violencia do mesmo peso haja de pagar odios

odios com amor : *Diligite inimicos vestros* ? Não he homem, quem aqui não palma, ou não diga, olhando para si, Não posso.

§. III.

93 **E** Stas são as dificuldades, que todos reconhecem, & chamaõ grandes neste preceito, que verdadeiramente he o grande. Mas com estarem tão declaradas, & por ventura encarecidas, eu espero mostrar, & demonstrar, que não sò não he tão difficuloso, como parece, o amar aos inimigos, senão muito facil, & natural ao homem, & tanto mais, quanto for mais homem. Primeiramente isto de ter inimigos, he huma semrazaõ, ou injuria tão honrada, que ninguém se deve doer, ou offender della. Quem a não aceita como adulaçaõ, & lisonja de sua mesma fortuna, ou tem pequeno coração, ou pouco juizo. Se o ter inimigos he tentação, antes he tentação

Tom. II.

de vaidade, que de vingança. He motivo de dar graças a Deos, & não de lhe ter odio a elles. Sabeis porque vos querem mal vossos inimigos ? Ordinariamente he, porque vêm em vós algum bem, que elles quizerão ter, & lhes falta. A quem não tem bens, ninguém lhe quer mal. No nosso mesmo Texto o temos. Não sò diz Christo, que amemos a nossos inimigos, senão tambem que lhe façamos bem : *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos*. Esta segunda parte parece mais difficulosa que a primeira : & tal vez não sò difficulosa, senão impossivel ; porque para amar basta a vontade, para fazer bem, he necessario ter com que o fazer. E se eu acaço for tão pobre, & miseravel que não tenha bem algum, como posso fazer bem a meus inimigos ? Enganaivos. Ninguém tem inimigos, que lhes não possa fazer bem ; porque quem

F

naõ

naõ tem bens, naõ tem inimigos. Tendes inimigos? pois algum bem tendes vós, porque elles vos que-rem mal. E porque esta supposiçaõ universalmen-te he certa; por isso Chri-sto manda a todos os que tiverem inimigos, que naõ fõ os amem, senaõ que lhes fação bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos.* Quem tem bens, assim como he certo que ha de ter inimi-gos, assim he certo que pôde fazer bem.

94 O primeiro inimi-go, que houve neste Mun-do, foi Lucifer. Elle o pri-meiro traidor, que se re-vestio da serpente, elle o primeiro falsario, que en-ganou a Eva, elle o pri-meiro ladraõ, & homici-da, que naõ fõ roubou a Adam quanto possuia, mas atẽ o despojou da mes-ma immortalidade. E por-que quiz tanto mal Luci-fer a Adam, que lhe naõ tinha feito nenhum mal? Porque tinha Deos reve-lado ao mesmo Lucifer, que se havia de fazer ho-

mem, & naõ Anjo. Bem se vio na promessa da divin-dade: *Eritis sicut dii*; que ^{Gen.} essa era a espinha, que elle trazia atravessada na gar-ganta: & como Adam teve aquella fortuna, que Lu-cifer pertendeo, & naõ pode alcançar, claro está que havia de ser seu inimi-go. O primeiro inimigo tambem, que houve entre os homens, foi Cain: & porque teve tanto odio Cain a Abel, sendo seu ir-maõ? Porque elle fõ podia offertar ortaliças, & Abel sacrificava cordeiros. Isto, & naõ a graça de Deos, era o que mais lhe dohia, & quebrava os olhos, como cavador emfim, que os naõ levantava da terra. O mesmo Cain se decla-rou, quando disse: *Ecce Ge- ejicis me à facie terræ, & à 14. facie tuâ abscondar.* E naõ debalde para executar o homicidio levou o irmaõ ao campo: *Egrediamur for- 1bi- ras*: para que no mesmo 8. lugar, onde pastavaõ os rebanhos, causa do odio, alli desafrontasse a sua en-veja.

veja. Tambem Joseph padece os odios não de hum, mas de dez irmãos, entre os quaes, antes de o venderem, sempre andou vendido. E porque causa? Porque elle fô valia mais que todos elles. Por isso era mais estimado do pay, & o trazia mais bem vestido que todos. Grande caso, que porque o seu pe-lote não era de panno da Serra, como o dos outros, se resolvessem, sendo irmãos, a lho tingir no proprio sangue!

95 Se cavarmos bem ao pé de todas as inimiza-des, & odios do Mundo, acharemos, que estas são as raizes. Assim como o motivo de amar he o bem proprio, assim o de aborrecer são os bens alheyos. Nem Saul havia de aborrecer a David, senão fora mais valente; nem Abimelech a Isaac, senão fora mais rico; nem os Satrapas a Daniel, senão fora mais sabio. Quando El-Rey Assuero nomeou a Aman por primeiro mi-

nistro de todo o Imperio, diz o Texto original, que o exaltou, & levantou o seu folio sobre todos os grandes da Corte: *Exaltavit Aman, & posuit so-* Esther 3. 1.
lium ejus super omnes Principes. E que se seguiu a esta exaltação, & preferencia superior aos demais? Couza maravilhosa! O mesmo Espirito Santo quiz, que foubessemos o que logo foraõ por dentro os que nesta eleição ficáraõ de fora. Em lugar das palavras referidas trecladáraõ os Setenta Interpretes tambem com auctoridade Divina: *Exaltavit eum, & prior sedebat omnibus inimicis suis.* Lá diz o Texto, que o exaltou sobre todos os grandes da Corte; & cá diz a interpretação, que sobre todos seus inimigos. De maneira que nomear Assuero a Aman por maior que todos os outros, foi fazer que todos os outros fossem inimigos de Aman. Pela portaria das mercês entráraõ logo os odios: &

ao pé das provisoens se
aflinárao todos por seus
inimigos. Não porque
Aman lhes fizesse algum
mal para lhe quererem
mal ; mas porque o Rey,
& a fortuna lhe quiz mais
bem, & fez mais bem que
a elles.

96 Se passarmos dos
folios aos estrados, tam-
bem acharemos nos tou-
cados estes malmequeres.
Nenhuma gentileza ha
tao confiada, a que não
piquem os alfinetes de ver
a outrem mais bem pren-
dida. Tambem o exem-
plo he de duas irmãs da
mesma confraria. Rachel
não era amiga de Lia, nem
Lia de Rachel. E porque?
Porque a cada huma del-
las faltava o bem, que lo-
grava a outra. A Lia não
lhe parecia bem Rachel,
porque era fermosa : &
Rachel não gostava de
Lia, porque era fecunda.
Deos repartio entre as
duas irmãs os dous bens,
que ellas mais estimaõ : &
ellas em lugar de se darem
os parabens, tomárao del-

les occasião para não se
quererem bem.

97 Todos os bens ou
sejaõ da natureza, ou da
fortuna, ou da graça, são
beneficios de Deos : & a
ninguem concedeo Deos
effes beneficios sem a pen-
saõ de ter inimigos. Mofi-
no, & miseravel aquelle,
que os não teve. Ter ini-
migos parece hum genero
de desgraça ; mas não os
ter, he indicio certo de
outra muito maior. Ou-
çamos a Seneca não como
mestre da Estoica, mas
como Estoico da Corte
Romana. Huma das mais
notaveis sentenças deste
grande Filosofo he : *Mise-
rum te judico, quia non fuisti
miser* : Eu te julgo por in-
feliz, & desgraçado, por-
que nunca o foste. Este
porque, antes de explica-
do, he difficuloso ; mas
depois de explicado, mui-
to mais. Como pôde hum
homem ser desgraçado,
porque o não he? Porque
ha desgraças tao honra-
das, que tellas, ou pade-
cellas, he ventura : não as
ter,

ter, nem as padecer, he desgraça. E esta, de que fallava Seneca, qual era? Elle se explicou. *Transisti sine adversario vitam*: Foste tão mofo, que passaste toda a vida sem ter inimigo. Não ter inimigos, tem-se por felicidade; mas he huma tal felicidade, que he melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Pôde haver maior desgraça, que não ter hum homem bem algum digno de enveja? Pois isso he o que se argue de não ter inimigos: *Miserum te judico, quia non fuisti miser: transisti sine adversario vitam*. Themistocles em seus primeiros annos andava muito triste: perguntado pela causa, sendo amado, & estimado, como era, de toda a Grecia, respondeo: Por isso mesmo. Sinal he o verme amado de todos, que ainda não tenho feito acção tão honrada, que me grangeasse inimigos. Assim foi. Cresceo Themistocles, & com elle a

Tom. II.

fama de suas vitórias: & não destruhia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavao contra elle na Patria. Para que vejaõ os odiados, ou pensionados do odio, se se devem prezar, ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos eraõ as trombetas da fama de Themistocles: & os vossos saõ testemunhas em causa propria de vos ter dado Deos os bens, que lhes negou a elles.

§. IIII.

98. **S**upposto pois que o ter inimigos, he pensão dos beneficios, que recebemos de Deos; segue-se saber a quem havemos de pagar esta pensão, & em que. A pensão havemo-la de pagar a Deos, que nos fez o beneficio: & a paga ha de ser em amor dos inimigos, que o mesmo Deos nos manda amar: *Diligite inimicos vestros*. Elles que rem-vos mal pelos bens,

F iij em

em que Deos vos aventajou a elles ? Pois vós haveis de pagar a penção deffes bens a Deos em querer, & fazer bem aos que vos querem mal. Hum dos homens mais beneficiados de Deos, que houve neste Mundo, foi David; & huma das mais famosas acçoens de David, foi o desafio seu com o Gigante, & a vitoria que alcançou d'elle. E que se seguiu de huma façanha tão notavel, & tão importante à honra, à liberdade, & à conservação do Reyno de Israel ? Da parte del-Rey Saul foi a enveja, & odio mortal contra David: & da parte de David o amor, & respeito, com que sempre guardou, & perdoou a vida a Saul. Tinha Deos dado licença a David, para que tirasse a vida a Saul, a quem havia de succeder na Coroa: & elle que fez, tendo-o muitas vezes debaixo da lança ? Sempre lhe guardou a vida muito melhor que os Capitaens, & sol-

dados da sua guarda. Assim se vio naquella noite, em que estando Saul em campanha, David occultamente entrou na tenda Real, & dormindo elle, lhe tomou da cabeceira a lança, & com ella na mão bradou de fôra ao General Abner, que guardasse melhor ao seu Rey. Esta acção antepoem S. João Chrysostomo justamente à do sacrificio de Abraham; porque maior valor, & maior bizarria he não tirar hum homem a vida a seu inimigo, tendo licença de Deos, que tirar a vida a seu filho, sendo mandado por Deos.

99 Pois se Deos tinha dado esta licença a David, porque não usá d'ella ? Porque o mesmo Deos, que por huma parte lhe dava licença para que matasse a seu inimigo; por outra lhe atava as mãos para que o não fizesse. A licença de matar o inimigo era privilegio; o não o matar, antes amallo, & fazer-lhe bem, era ley geral: & Da-

vid

vid teve por melhor guardar a ley sem obrigação, que usar do privilegio; porque se o privilegio o desobrigava de se não vingar do odio de seu inimigo, a pensão de pagar, & agradecer a Deos a causa do mesmo odio, era nova circumstancia da mesma ley, que mais nobre, & mais apertadamente o obrigava ao amar, & lhe querer bem. Como se dissera David: Qual foi a causa da enveja, & odio, com que me persegue Saul? Foi aquella singular mercè, que Deos me fez na vitoria, que em seu nome alcancei do Gigante: pois já que Saul he tão ingrato, que me paga hum tão grande serviço com me querer mal, eu hei-de ser tão agradecido a Deos, & à causa dessa mesma ingratidão, que a hei-de pagar com lhe fazer bem. *Inverso gratus officio*, disse com profunda elegancia S. Zeno Veronense.

100 Julgue agora todo o homem, (& tanto mais,

quanto for mais homem) se he cousa difficultosa, & impossivel, antes muito facil, & natural, amar os inimigos, sendo este amor pensão dos beneficios de Deos, & os mesmos beneficios occasião desse odio. Pergunto: (& haja quem me responda) Esses bens porque vos não querem bem vossos inimigos, quem vo-los deo? Deos. Pergunto mais: E esse preceito de amar os mesmos inimigos, quem vo-lo poz? Também Deos. Pois se vossos inimigos não vos amão por amor dos bens, que Deos vos deo; porque não amareis vós a esses inimigos por amor do Deos, que vos deo os bens? Se esses bens são poderosos para causar odio em quem os enveja; porque não serão poderosos para causar amor em quem os logra? Lograi-os, & não os queistais perder; porque quem não paga a pensão merece que o privem do beneficio. O mesmo David o disse assim, & confessou

Pfalm.
7. 5.

diante de Deos: *Si reddidi retribuētibz mihi mala, decīdam meritō ab inimicis meis inanis*: Se eu, Senhor, não dei a meus inimigos bem por mal, senão mal por mal, justamente me derrubareis do estado, em que me tendes posto, & me privareis, & despojareis de todos os bens, que me tendes dado: *Decīdam meritō ab inimicis meis inanis*. Reparemos muito naquella *meritō*, justamente. E qual he o fundamento dessa justiça? He a ley do amor dos inimigos, & de querer, & fazer bem aos que nos querem mal. E como Deos nos dà os bens com esta pensão, & com esta obrigação, justamente são privados do beneficio os que não guardaõ a obrigação, & pensão com que lhes foi dado.

101. Pelo contrario, (notai muito o que quero dizer) pelo contrario, se guardardes a ley de amar os inimigos, não sō vos não tirará Deos os bens, porque elles vos

querem mal, senão que de tal sorte vos accrescentará os mesmos bens, que a vós seraõ premio do vosso amor, & a elles castigo do seu odio. Lembra-me a este proposito hum discreto, & galante memorial apresentado ao Emperador Domiciano, o qual dizia assim: Diz Marcial, que elle tem em Roma hum inimigo, o qual se doe muito das mercès, que Vossa Magestade lhe faz: Pede a Vossa Magestade lhas faça maiores, para que o dito seu inimigo se doa mais: *Da Caesar tanto tu, magis ut doleat*. Isto mesmo faz a justiça, & liberalidade Divina. Accrescenta os bens ao envejado, para maior castigo, & maior dor do inimigo envejoso. Para que a prova mostrasse a coherencia, & consequencia natural deste discurso; quiz que no la dēsse o mesmo David, & no mesmo Saul. Mas vindo à combinaçaõ do caso, achei que ainda prova mais do que eu tinha

nha promettido ; porque não sô prova que accrescenta Deos os bens ao envejado , para maior castigo , & dor do envejofo ; mas que diminue , & tira tambem os bens ao envejofo , para maior honra , & vingança do envejado. Seja pois isto o que digo.

102 Quando David dentro na mesma cova, em que tinha a Saul já sepultado antes de morto, lhe perdoou a vida ; disse-lhe Saul, que entã conheceo, & soube de certo que elle havia de reynar, & Deos lhe havia de dar a sua coroa : *Scio quòd certissimè regnaturus sis* : Agora acabei de entender certissimamente que tu, & não eu, has de ser o Rey. E donde colheo Saul esta consequencia tão certa ? De duas premissas : huma da sua parte, outra da parte de David. Da sua parte, porque Saul dava mal por bem a David : & da parte de David ; porque elle dava bem por mal a Saul. E não podia haver mais

justo premio para hum, nem mais justo castigo para outro, que accrescentar os bens ao envejado , para maior dor do envejofo : & tirar os bens ao envejofo para maior vingança do envejado. Não he isto interpretação de Doutores, senão Texto expresso da Escritura Sagrada no capitulo terceiro do segundo livro dos Reys.

Facta est longa concertatio inter domum Saul, & domum David : Houve grande

competencia entre a casa de Saul, & a casa de David. *David proficiens, & se ipso semper robustior* : David, & a sua casa sempre crescendo, & cada dia mais forte. *Domus autem Saul decrescens quotidie* : E a casa de Saul sempre diminuindo, & cada dia mais fraca. Para que vejaõ os

que se amaõ a si, & desejaõ o seu augmento, & das suas casas, se he melhor ser inimigo, como Saul, ou amar os inimigos, como David.

103 E para que tambem

2. Reg.
3. 1.

Ibidem.

Ibidem.

bem neste exemplo passamos dos folios aos estrados, onde não são menores os odios, & as envejas; Elcana Principe do povo de Israel, ao uso daquelles tempos, tinha duas mulheres, huma chamada Anna, esteril como Rachel, outro chamada Phenenna, fecunda como Lia. Anna triste pela sua desgraça encomendava-se a Deos, mas não queria mal a Phenenna: Phenenna soberba com a sua fortuna desprezava, & tratava mal a Anna. E qual foi o successo de ambas?

Tambem he Texto expresso. *1. Reg. 1. 2. 5. Donec sterilis peperit plurimos, & quæ multos habebat filios, infirmata est.*

Trocou as mãos a Divina justiça, & a Phenenna tirou-lhe os filhos, que tinha, & a Anna deo-lhe os que não tinha. Mas com tal proporção, & energia da Divina justiça, diz a tradição dos Hebreos, que a cada filho, que nascia a Anna, morrião dous a Phenenna. Concor-

da com esta tradição muito ajustadamente a mesma Historia Sagrada; porque della consta, que os filhos, que tinha Phenenna, eraõ dez, & os que depois teve Anna foraõ cinco. Desfor-te que ao mesmo compaffo, com que Deos hia favorecendo, & levantando a Anna, que não queria mal a Phenenna, hia justamente castigando, & abatendo a Phenenna, que tratava mal a Anna: até-qui a que carecia de filhos, teve muitos; & a que contava tantos, ficou sem nenhum: *Donec sterilis peperit plurimos, & quæ multos habebat filios, infirmata est.*

104. Finalmente que de todo este discurso (mais largo do que eu pertendia) deve colher, & entender a natureza humana, em hum, & outro sexo, contra a razão enganada nas suas falsas balanças, contra o Mundo louco nas suas leys ignorantes, & vis, & contra o exemplo brutal, & indigno dos animaes; se he mais

mais natural, mais util, mais facil, mais generoso, mais honrado, & descançado conselho, ou querer, & fazer mal aos que nos querem mal, ou querer, & fazer bem, & amar de coração, & de obras, como manda o preceito de Christo, a nossos inimigos: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.*

§. V.

105. **A** Esta primeira difficuldade do preceito segue-se a segunda do motivo: *Ego autem dico vobis.* Os antigos differaõ: Sê amigo de teus amigos, & inimigo de teus inimigos: porẽm Eu (diz Christo) digo o contrario. E em dizer Christo o contrario absoluta, & nuamente sem dar a razã do seu dito; aqui estã a difficuldade. Se o Divino Mestre refuta, & condemna huma opiniaõ tão antiga; & recebida; porque não dà a razã? Se o faz como Legislador,

os Legisladores poem a ley, & daõ a razã da ley, principalmente quando revogaõ huma, & promulgaõ, & introduzem outra. Pois se a ley de amar os proprios inimigos era tão nova, & se reputava por tão repugnante, & difficultosa a sua obfervancia; porque não declara Christo a razã, ou razoes da justiça, da conveniencia, da importancia, da necessidade, & não dà outro motivo do que diz, senaõ, Eu o digo: *Ego autem dico vobis?*

106. Infinitas sã as razoes, & motivos, que o Senhor pudera dar para persuadir o que mandava. Ama a teu inimigo, (pudera dizer) para que elle tambem te ame; porque não ha modo, nem meyo, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo; porque amando a elle, me amas a mim; & se elle te não merece que o ames, mereço-te Eu que me ames nelle.

Ama

Ama a teu inimigo ; porque se elle te offende com o seu odio, mais te offendes tu com o teu : o teu te mete no inferno, & o seu não. Ama a teu inimigo ; porque amigos já os não ha, & se não amares os inimigos, estará ociosa a tua vontade, que he a mais nobre potencia, & privarás o teu coração do exercicio mais natural, mais doce, & mais suave, que he o amor. Ama a teu inimigo ; porque o não ajudas contra ti, & tenhas dous inimigos, hum que te queira mal, & outro que te faça o maior de todos. Ama a teu inimigo ; porque se elle o faz com razão, debes emendarte : & se contra razão, emendallo. Ama a teu inimigo ; porque se o seu odio vil he filho da enveja, mostre o teu amor generoso, que por isso não he digno de vingança, senão de compaixão.

107 Ama a teu inimigo ; porque ou elle he executor da Divina justi-

ça para castigar a tua soberba ; ou ministro da sua Providencia, para exercitar a tua paciencia, & coroar a tua constancia. Ama a teu inimigo ; porque Deos perdoa a quem perdoa, & mais nos perdoa elle na menor offensa, do que nós ao odio de todo o Mundo nos maiores aggravos. Ama a teu inimigo ; porque as settas do seu odio, se as recebes com outro odio, são de ferro, & se lhe respondes com amor, são de ouro. Ama a teu inimigo ; porque melhor he a paz, que a guerra ; & nesta guerra a vitoria he fraqueza, & o ficar vencido, triumpho. Ama a teu inimigo ; porque elle em te querer mal imita o demonio ; & tu em lhe querer bem pareces-te com Deos. Ama a teu inimigo ; porque esse mesmo inimigo, se bem o consideras, he mais verdadeiro amigo teu, que os teus amigos : elle estranha, & condemna os teus defeitos, & elles os adula-

laõ, & lisonjeaõ. Ama a teu inimigo ; porque se o não queres amar, porque he inimigo ; deve-lo amar, porque he homem. Ama a teu inimigo ; porque se elle te parece mal, amando-o tu não serás como elle. Ama a teu inimigo ; porque as maiores inimizades cura-as o tempo, & melhor he, que seja o Medico a razão, que o esquecimento. Ama a teu inimigo ; porque os mais empenhados inimigos daõ-se as mãos, se o manda o Rey, & o que se faz sem descredito, porque o manda o Rey ; porque se não fará, porque o manda Deos ? Finalmente, sem subir tão alto ; ama a teu inimigo ; porque ou elle he mais poderoso que tu, ou menos : se he menos poderoso, perdoa-lhe a elle ; se he mais poderoso, perdoa-te a ti.

108 Esta ultima razão he de hum Filosofo gentio, Seneca, & outro tambem Filosofo, & gentio, & não menos discreto que

elle, antes muito mais, & mais solido. O grande Plutarco escreveo hum famoso, & doutissimo tratado dos bens, & utilidades, que o homem pôde tirar do odio de seus inimigos. Se das feras, & serpentes tiráraõ tantas utilidades os homens, porque as não tirará a mansidão de huns da fereza dos outros ? Hercules da pelle do Leão fez a sua maior gala : Salamaõ dos dentes do Elefante fez o seu throno : a medicina da cabeça da Vibora fez a melhor triâga ; & não ha veneno tão mortal, que calcinado, & temperado como convem, não se converta em antidoto. Pois se a Divindade, & humanidade de Christo tinha tantos motivos, ou conformes a natureza, ou superiores a ella, com que nos persuadir o amor dos inimigos ; porque deixados todos, sô disse : *Ego autem dico vobis* ? Porque elle he o mais forte, o mais poderoso, & o mais effcaz motivo de

de todos. Ajuntem-se todos os Filósofos de Athenas, todos os Oradores de Roma, & o que he mais, todos os Profetas de Jerusalem: fação discursos, inventem razoens, excogitem argumentos, formem syllogismos, demonstreaçoens, & evidencias para persuadir hum homem a que ame seus inimigos; todos estes motivos comparados com hum *Ego dico vobis* de Christo, não péssão hum atomo.

§. VI.

109 **P**Esfemos, & consideremos bem o poder, ou a omnipotencia infinita, & immensa daquelle *Ego dico*. Antes da creação do Mundo não havia nada. Appareceo subitamente esta grande machina, que vemos; & quem a fez? Ametade do nosso Texto: *Ego dico*. O *vobis* ainda o não havia; porque não havia nada. E se não havia nada, como se fez tudo isto? Porque

Deos o disse: *Ipse dixit*, & *facta sunt*. Não havia Ceo; disse Deos: Faça-se o Ceo; & fez-se o Ceo: não havia terra; disse Deos: Faça-se a terra; & fez-se a terra: estava tudo às escuras; disse Deos: Faça-se a luz; & fez-se a luz. Pois se o dizer de Deos he tão poderoso, que de nada fez tudo, & do não ser tirou o ser de todas as cousas; que motivo podia, nem pôde haver tão poderoso para que de não ser amigos nos fizesse ser amigos, como, *Ego dico*? Quem he este *Ego*? He Deos infinito Ser: quem he este *Ego*? He Deos infinita Sabedoria: quem he este *Ego*? He Deos infinita Omnipotencia: quem he este *Ego*? He Deos infinita Verdade. Pois se hum só dizer deste *Ego*: *Ipse dixit*, bastou para dar todo o ser ao não ser; porque não bastará para que sejamos o que elle quer, depois de elle nos dar o ser, que temos?

110 Vede o que fizeram todas as creaturas depois

pois de Deos lhes dar o ser, bastando para que o fizessem, outro dizer somente do mesmo Deos. Aqui entra já todo o nosso Texto: *Ego dico vobis*. Disse Deos à terra que produzisse as plantas sem outra semente, ou agua, que a regasse mais que a mesma palavra: & no mesmo ponto os montes, os valles, os campos se vestirão todos de verde, nascirão as hervas, brotarão as flores, levantarão-se as arvores com os ramos cubertos, & sombrios de folhas, & carregados de tanta variedade de frutos. Disse ao elemento da agua, que produzisse os peixes, & as aves; & logo começaram a nadar nas mesmas aguas o vulgo dos peixes menores em cardumes de tão diversas cores, & figuras, huns lisos, outros encrespados de escamas: & no pégo mais profundo as Baleas, & os outros gigantes, & monstros do mar, como galeças da natureza, remando com as barbatanas,

& batendo, ou açoutando as ondas, como senhoras dellas. As aves, ou pintadas de diversas cores, ou vestidas de huma só, com liberdade de vagar por tres elementos, humas mais affectas à patria onde nascêrao, habitárao as ribeiras, os rios, os lagos; outras fabricárao seus ninhos entre a frecura das arvores; outras nos cerros mais altos, em quanto não havia torres, & todas reconhecerão por Rainha a Aguia, porque ella só voa, & sobe direita até se esconder nas nuvens. As feras, que povoárao os bosques, as serpentes, que arrastando sahírao das covas, & os rebanhos innocentes, & pacificos, que cobrírao, & fecundárao os prados, também foraõ partos de hum só dizer de Deos à terra.

III Mas se a terra, & a agua, os dous mais baixos, & grosseiros elementos produzírao tantos, tão varios, & tão admiraveis effeitos, o elemento do

do ar, & o do fogo, & sobre tudo os orbes celestes, tanto mais altos, & mais nobres, porque não produzirão cousa alguma? Porque Deos lho não disse. Se Deos dissera aos Ceos, que produzissem as estrellas, elles as produzirão; mas não as produzirão; porque o mesmo Deos, que já as tinha creado de nada, quando creou a luz, as poz, & repartio pelo firmamento: *Posuit eas in firmamento caeli*. O mesmo se ha de entender dos dous elementos, ar, & fogo. Elles estêreis sem nada, os outros fecundos com tantas creaturas; porque o nada, & o que tem ser, tudo depende unicamente do dizer, ou não dizer de Deos. Admiravelmente o Euangelista S. João. Tanto que no principio nomeou o Verbo Divino, que he a palavra de Deos: *Et Verbum erat apud Deum*: logo acrescentou: *Omnia per ipsum facta sunt*, & *sine ipso factum est nihil*. Tudo o que

Gen. 1.
17.

Joan. 1.
1.

Ibidem
3.

se fez, & o nada, que se não fez, huma, & outra cousa dependeo totalmente do dizer, ou não dizer de Deos. Se Deos disse, por meyo de sua palavra se fez tudo: *Omnia per ipsum facta sunt*: & se Deos não disse; porque faltou a sua palavra, se não fez nada, & *sine ipso factum est nihil*. E como do dizer, ou não dizer de Deos, dependem as existencias, & as negações; o tudo, & o nada; o ser, & o não ser das cousas: para os homens amarem a seus inimigos, como Christo lhes mandava: *Diligite inimicos vestros*: & para lhes não terem odio, como dizia a tradição dos antigos: *Odio habebis inimicum tuum*: para o tudo deste amor, & para o nada daquelle odio, nenhuma razão, ou motivo podia Christo allegar nem mais effcaz, nem mais forte, nem mais irrefragavel, que dizer: Eu o digo: *Ego autem dico vobis*.

112 Houve-se Christo

sto (notsi muito) com as nossas vontades para o amor dos inimigos, como se ha com os nossos entendimentos para os mysterios da Fé. Se perguntarmos aos Theólogos, qual he o motivo, porque cremos os mysterios da Fé sem nenhuma duvida; respondem todos com S. Paulo, que o motivo (a que elles chamaõ objecto formal) he, *quia Deus dixit*: porque Deos o disse. Todas as outras razoes (que tambem se chamaõ manuduçoens) baltão para conhecer o entendimento com evidencia, que os mysterios da Fé não são incriveis, antes que evidentemente são mais criveis que tudo o que propoem as seitas, & erros contrarios, mas para fazer hum acto verdadeiro, & sobrenatural de Fé, não ha, nem pôde haver outro motivo, senão, porque Deos o disse: *quia Deus dixit*. De maneira que quando Christo, para persuadir o amor dos inimigos, disse sômen-

te: *Ego autem dico vobis*: quiz por modo altissimo, & verdadeiramente Divino, que o que he unico motivo da Fé, fosse tambem unico motivo da Charidade: & que a mesma Charidade nas repugnancias deste amor nos cativasse as vontades, assim como a Fé nas difficuldades dos seus mysterios nos cativa os entendimentos: *In captivitate redigentes 2. Cor. omnem intellectum in obsequium Christi.* 10. 5.

113 Huma das maiores difficuldades da nossa Fé he o mysterio altissimo, & profundissimo da Santissima Trindade, em que confessamos a Deos por trino, & hum. Creyo que o Padre he Deos, creyo que o Filho he Deos, creyo que o Espirito Santo he Deos, & crendo juntamente que estas tres Pessoas são realmente distintas, creyo outra vez, & mil vezes, que a Pessoa do Padre Deos, & a Pessoa do Filho Deos, & a Pessoa do Espirito Santo Deos, não

naõ são três Deoses, senão hum sò Deos. E alcança, ou comprehende o meu entendimento como isto he, ou pôde ser? Naõ. Pois se o naõ entendo, nem o alcanço, como o creyo, & com tal certeza, que darei por ella a vida?

1. Joan.
5. 7.

Quia Deus dixit: Porque Deos o disse: *Tres sunt qui testimonium dant in celo, Pater, Verbum, & Spiritus Sanctus, & hi tres unum sunt.* Outra grande difficuldade da Fé, & mais sensível ainda, he o mysterio occultissimo, & patente do Santissimo Sacramento do altar. A vista diz, que vê pão, o olfato que cheira pão, o gosto que gosta pão, o tacto que apalpa pão, & atè o ouvido quando se parte a Hostia, que ouve pão; & eu rindo-me dos meus proprios sentidos, & do testemunho creste de todos cinco, creyo que alli naõ ha sustancia de pão, & que a sustancia, que debaixo daquelles accidentes se occulta, inteira, & perfeita

em qualquer parte minima delles, he todo o corpo de Christo. E porque creyo firmissimamente tudo isto, que naõ vejo, nem sinto, contra o que parece que estou sentindo, & vendo? Porque o mesmo Christo o disse: *Hoc est Corpus meum.* Pois assim como este unico dizer de Christo he huma razão sobre todas as razoes, hum motivo mais poderoso que todos os motivos, & huma escuridade mais clara que a luz do Sol, para eu crer, & defender atè a morte o que elle disse; assim o mesmo Senhor, & Legislador Divino para persuadir, & estabelecer nos coraçoens dos homens o amor dos inimigos contra todas as difficuldades, repugnancias, & rebeldias da nossa inclinação, naõ podia, nem devia allegar outras razoes, outros motivos, ou outras evidencias mais fortes, que dizer, Amai a vossos inimigos, porque eu sou o que o digo: *Ego autem dico vobis.*

§. VII.

114. **A**gora para confusão, & afronta dos que com nome de Christãos não obedecem à fé deste heroico motivo, ouçaõ o que por ventura não ouviraõ. Fugio Jacob occultamente da casa de Labam seu sogro com as suas duas filhas, & tudo o que em seu serviço favorecido de Deos tinha em tantos annos adquirido. Chegou esta noticia a Labam, que estava ausente, & tendo o secreto da partida por traiçaõ, & o que levava comsigo Jacob por roubo, ajuntando huma grande tropa de parentes, & criados, partio em seguimento d'elle, com animo de o despojar de quanto levava, & ainda da mesma vida: mas quando chegou subitamente à sua presença, que foi ao setimo dia, todo o susto de tão repentina, & estrondosa tempestade se resolveo nestas pa-

lavras: *Nunc quidem valet manus mea reddere tibi malum, sed Deus patris vestri heri dixit mihi: Cave loquaris contra Jacob quidquam durius.* Bem ves, ô Jacob, (lhe disse Labam) que tu fugitivo, & eu tão poderosamente armado nestes deserto, te pudéra fazer todo o mal, que quizesse, & tu me merecias; mas não o faço, porque o Deos de teus pays me disse hontem, que nem por obra, nem por palavra te desgostasse. Já estou vendo que todos tem reparado muito não tanto nesta mudança tão subita de Labam, quanto naquella palavra, *Deus patris vestri.* Não diz que não fazia mal a Jacob, porque lho disse Deos, senão porque lho disse o Deos de seus pays. E a razão desta differença he; porque o Deos, em que cria Labam, não era o Deos verdadeiro, em que cria Jacob, senão os seus idolos: por final que essa era huma das suas queixas, dizendo, que Jacob

Ibidem
30.

lhós levava roubados: *Cur furatus es deos meos*? E não era Jacob, fenaõ sua filha Rachel a que lhós roubára. Pois se Labam era gentio, & idolatra, & não cria no Deos de Jacob, como fez tanto caso do que effe Deos não crido lhe disse: *Deus patris vestri dixit mihi*? Ide comparando este *dixit mihi*, com o *Dico vobis*. Mas ainda teve outra grande circumstancia este caso.

Ibidem
24.

115 O modo com que Deos disse a Labam, que não offendesse a Jacob, foi em sonhos. Assim o affirmo o Texto: *Vidit in somnis dicentem sibi Deum: Cave ne quidquam asperè loquaris contra Jacob*. Pois se o dito era dito sonhado, & o Deos era Deos não crido; como fez tanto caso Labam do Deos, & do dito? Aqui vereis quanto pôde, & quanta reverencia merece hum *Dixit mihi* de Deos. Pergunto: Este homem Christo Jesu, que disse: *Ego autem dico vobis*: cremos

de Fé, que he verdadeiro Deos? Sim. E estas mesmas palavras, *Ego dico vobis*, cremos tambem de Fé, que effe Deos as disse? Tambem. Pois se a hum gentio idolatra offendido, poderoso irado, & empenhado na vingança, hum dito sonhado de hum Deos não crido bastou para lhe refrear a paixão, amansar a ira, & atar as mãos, para que podendo se não vingasse, nem dissesse huma palavra aspera contra quem lhe tinha feito tantos aggravos, & tudo isto pelo respeito somente de hum *Dixit mihi*, como pôde taõ pouco com a nossa Fé, & com as nossas inimizades o *Ego dico vobis* não sò do Deos verdadeiro, mas do Deos, que deo a vida por seus inimigos?

116 Já eu me contentára com deixar a nossa consideração esta vergonhosa consequencia, por lhe não chamar impia: mas pois Deos, & a sua palavra he o offendido, seja tambem

tambem elle o que se queix-
xe. Quando Nabucodo-
nosor veyo sitiar a Cida-
de de Jerusaleem em tempo
del-Rey Joachim, havia
trezentos annos que nos
desertos visinhos habita-
vão como Ermitaães huns
pastores chamados Re-
chabitas, os quaes por te-
mor dos inimigos se reco-
lhêrao à Cidade. Então
fallou Deos ao Profeta Je-
remias, & lhe disse que hos-
pedasse hum dia aos Re-
chabitas em hum Cena-
culo do templo, & quan-
do estivessem à mesa, lhes
dissesse que bebessem do
vinho, que nella lhes teria
preparado. Fello assim o
Profeta, mas elles respon-
dêrao, que não podiao,
nem haviaõ de beber vi-
nho; porque Jonadab fi-
lho de Rechab, de quem
traziaõ o nome, & a ori-
gem, lho tinha prohibido:

m. *Non bibemus vinum, quia*
6. *Jonadab filius Rechab pater*
noster praecepit nobis, dicens:
Non bibetis vinum vos, &
fili vestri usque in sempiter-
num. Ouvida a reposta,

esperava Jeremias o myste-
rio, & fim com que Deos
lhe mandára fazer aquel-
la experiencia. E a decla-
ração do enigma, ou a se-
gunda parte da parabola
foi, que o mesmo Jeremias
mandasse chamar os Ma-
gistrados da Cidade, &
que com aquelle exemplo
à vista lhes notificasse a
grande razão, com que
Deos tinha chamado o ex-
ercito de Nabucõ execu-
tor de sua justiça para a
destruição, & cativoiro
de Jerusaleem. As palavras
da consequencia, & com-
minação Divina foraõ
estas: *Numquid non reci-*

Ibidem
13. 14.

pietis disciplinam, ut obedia-
tis verbis meis? dicit Domi-
nus. He possível, diz Deos,
que taõ pouco respeito, &
taõ pouca obediencia se hã
de guardar em Jerusaleem
ao que Eu digo? *Præva-*
luerunt sermones Jonadab
fili Rechab, quos praecepit
filiis suis, ut non biberent vi-
num; & non biberunt usque
ad diem hanc: Ego autem
loquutus sum ad vos de
mane consurgens, & loquens,

Et non obedistis mihi. Com os filhos de Rechab Moabitás, & gentios pudéram tanto as palavras de Jonadab, que prohibindo-lhes huma couza, que he licita a todos os homens, haverá tantos centos de annos, a observaõ sempre até hoje : & que Eu (diz Deos) fallando aos filhos de Israel desde pela manhã até noite, & prohibindo-lhes o que não he licito a nenhum homem, nenhum caso fação do que lhes digo ? Tanto respeito ao que diz Jonadab, & tão pouco ao que diz Deos ? Vede se o *Ego autem loquutus sum ad vos*, he o mesmo que *Ego autem dico vobis*.

117 Assim como os Ninivitas se haõde levantar no dia do juizo contra os Judeos, porque elles crêram ao que disse Jonas, & os Judeos não criam o que dizia Christo : assim os Rechabitas se haõde levantar naquella dia contra Jerusaleem ; porque elles crêram, & observaram o

que lhes disse Jonadab, & Jerusaleem não cria, nem observava o que dizia Deos. E contra nós os Christãos quem se levantará ? Os Turcos. O mesmo preceito de não beber vinho, que poz Jonadab aos Rechabitas, poz Mafoma aos seus sequazes. E que maior afronta, & vergonha da Christandade, que resistir o Turco ao seu appetite, & à sua sede, porque o manda o Alcoram, & o disse Mafoma ; & não mortificar o Christão a sua paixão, & o seu odio, porque o prega o Evangelho, & o diz Christo. Mas não he necessario ir tão longe, nem sair de casa. Sabeis quem se ha de levantar contra nós no dia do juizo ? Nós mesmos. Dizei-me : E se estais tão offendido, & tão aggravado de vosso inimigo ; porque vos não vingais ? Por me não perder. Bem. E porque beijais aquella mão, que desejais ver cortada ? Porque dependo della. Melhor. E porque lison-

lisonjeais com a boca este, & aquelle, que aborreceis com o coração ? Porque assim importa às minhas conveniencias. Pois o que fazeis por essa politica vil, baixa, & infame, não o fareis porque o manda Christo ? Defengane-se qualquer outro amor dos inimigos, ainda que fosse verdadeiro por outras causas, que todo he hypocrisia, & vileza. Sò he racional, virtuoso, & Christão, o que não tem outro motivo, nem outro porque, se não porque Christo o disse: *Ego autem dico vobis.*

§. VIII.

118 **V**Encida a difficuldade do preceito, & do motivo, resta sò a terceira, & ultima, & a mais difficil de todas, que he o exemplo. O exemplo para imitar o amor dos inimigos, com que o Divino Mestre conclue a

sua doutrina, não he outro, nem menor, que o do mesmo Deos seu Pay, & nosso: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in caelis est.* Matth. 5. 45. Mas esta mesma soberania, & Divindade do exemplo he a que o faz mais difficilto, não por ser tão alto, & sublime; mas porque he totalmente contrario, & repugnante à propria imitação, que persuade. A imitação ha de ser tão parecida ao exemplo, & o exemplo tão semelhante à imitação, como a idéa, & o ideado, o original, & a copia, a representação, & a cousa representada. E entre o amor dos inimigos, a que Deos obriga o homem, ha tanta differença da parte do homem, & tanta repugnancia da parte de Deos, não quanta pôde haver entre hum amor, & outro amor, se não quanta ha com toda a propriedade entre o verdadeiro amor, & o verdadeiro odio. Logo nem Deos pôde ser exemplo ao homem, nem o homem

G iiij pôde

pôde imitar a Deos no amor dos inimigos. Os inimigos de Deos são os que estão em peccado, & fora da sua graça: & assim como Deos ama aos seus

Prov. 8. amigos: *Ego diligentes me*
17.

afirmo: assim não ama a seus inimigos, antes os aborrece, & lhes tem odio.

Eccli.

12. 3.

Pfalm.

5. 7.

Altissimus odio habet peccatores, diz o Ecclesiastico: & o Psalmista: *Odisti omnes, qui operantur iniquitatem*. Logo se Deos não ama a seus inimigos, antes os aborrece, & lhes tem odio, como pôde dar exemplo, nem ser exemplo aos homens de como hão de amar a seus inimigos? Esta he a grande dificuldade do exemplo, que a Divina Sabedoria de Christo nos propoem, a que eu antes quizera ouvir a resposta, que ter obrigação de a dar. Mas a grande reparo, grande solução.

119 Digo primeira-mente que nos propoem Christo por exemplo a Deos, que não ama a seus

inimigos, quando nos manda que os amemos, porque he tal a bondade de Deos, que pôde o seu odio servir de exemplo ao nosso amor. Assim fará o nosso amor, se chegar a se parecer com o seu aborrecimento. De maneira que a força, a energia, & a alma desta razão vem a ser: Sede amigos dos vossos inimigos, assim como Deos he inimigo dos seus. Considerai a Deos não com amor, senão com odio aos homens, & quando o vosso amor imitar o seu odio, então satisfareis ao meu preceito; porque se tratares a vossos inimigos como Deos trata aos seus, amareis mais finalmente os vossos inimigos, do que amais a vossos amigos. Esta he a minha resposta. E se não tenho bem declarado a força do exemplo de Christo, outro exemplo de Deos com odio, & dos homens com amor o declarará

120 Libertados os filhos

Ihos de Israel do cativoiro do Egypto, fundirão, & adorarão no deserto o idolo do bezerro: & offendendo-se Deos tanto não fô da cegueira, mas da ingratitude de tão abominavel gente, que se resolveo a lhes tirar a vida a todos, & os sepultar naquelle mesmo deserto. Deo parte da sua resolução a Moysés, que estava com o mesmo Senhor no monte, revelando-lhe o que em sua ausencia tinhaõ cometido: porêm Moysés, pondo-se da parte do povo, resistio à sentença de Deos com taes replicas, & instancias de huma, & outra parte, como se entre os dous se déra huma bem jugada batalha. Deos dizia, que havia de castigar, Moysés replicava que não: Deos allegava pela sua afronta, Moysés allegava pelo credito, & fama do nome de Deos: Deos prometia accrescentar a Moysés, Moysés instava que não se havia de diminuir o povo:

Deos fallando com Moysés, chamava-lhe o povo teu, como quem o lançava de si; & Moysés fallando com Deos, chama-lhe, Senhor, o povo vosso, como quem o queria interressar no perdaõ, & conservação de cousa sua: finalmente a contenda se accendeo de parte a parte de tal sorte, que nas palavras, & no que disserão Deos, & Moysés, Deos parece que excedeo os termos do seu proprio decoro, & Moysés os da sua sujeição, & obediencia, & ainda os da estimação, que fazia da graça de Deos. E como, ou porque termos? Porque Deos como se fora homem, em cujo peito tivesse lugar a paixão, & ella o fizesse sair fora de si, disse a Moysés: Deixame, que quero desta vez desafogar a minha ira, & o meu furor: *Dimitte me*, Exod. 32. 10. *ut irascatur furor meus.* E Moysés tão grande privado de Deos, como se estimára mais o perdaõ do povo, que a privança, & graça

graça do mesmo Deos, disse: Ou haveis de perdoar ao povo este peccado, ou quando não, riscar-me dos vossos livros, em que tendes escrito o meu nome:

Ibidem

31. 32.

Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti.

121 Este foi no Monte Sinai o processo da batalha ao fim de trombetas, de trovoens, & rayos, de que são foraõ testemunas os Anjos. E qual foi o fim? Da parte de Deos não podia haver maiores demonstraçoens de ira, de aborrecimento, de odio: da parte de Moysés pelo contrario os empenhos da piedade, da benevolencia, & do amor, tambem não podiaõ ser maiores, nem mais encarecidos. E o fim destes dous extremos taõ encontrados quaes foraõ? Foraõ taes, que se não pudéraõ crer, nem imaginar, se a verdade infalivel do Texto Sagrado não declarára o successo. Deos com todo aquelle odio perdoou a todos:

Placatus est Dominus, ne faceret malum, quod loquutus fuerat adversus populum suum. E Moysés com todo aquelle amor, desce do monte, convoca os Levitas, tira pela espada, & matou naquelle mesmo dia vinte & tres mil homens do mesmo povo: *Cecideruntque in die illa quasi viginti tria millia hominum.* Ha tal fim? Ha tal caso? Ha tal mudança? Mudou-se Deos? Mudou-se Moysés? Ou são os mesmos? Os mesmos são, não se mudáraõ: mas estes são os odios de Deos, & estes os amores dos homens. Este he Deos, quando mais inimigo, & estes os homens, quando mais amigos. Pela experiencia desta fermosa verdade, & em confirmação della disse com profundo juizo S. João Chrysostomo: *Utilior est homini Deus iratus, quam homo propitius*: Que melhor he para os homens, & mais util, Deos irado, que o homem propicio: Deos com odio, que

que o homem com amor. É como o odio de Deos, quando mais empenhado, tem tanto melhores effeitos; que o amor dos homens; por isso a Divina Sabedoria de Christo quando nos manda amar aos inimigos, nos poem por exemplo a Deos, quando não ama; porque quando chegarmos a fer inimigos como Deos, feremos mais que amigos como homens.

§. IX.

122 **E**Sta foi a subita apprehensão da minha reposta, & do exemplo della. Mas ouçamos a do Divino Mestre, que não só se ouve, mas se vê com os olhos. Definio Christo Senhor nosso o amor não com Aristoteles pela vontade de querer o bem, senão pela obra, & verdade de o fazer: *Benefacite*. A Escola de Aristoteles diz:

Amare est velle bonum alicui: & a Escola de Christo por boca do melhor discipulo della: Diligamus opere, & veritate. Daqui se segue, que assim como Deos he o melhor exemplar do amor dos amigos, assim he o melhor, & mais verdadeiro exemplo do amor dos inimigos. Agora entra o allegado por Christo tão claro como a luz do Sol, & como o elemento mais claro. *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super justos, & injustos.* Amai, & fazei bem a vossos inimigos, (diz o Soberano Legislador) para que sejais filhos de vosso Pay, que está no Ceo: o qual faz nascer o seu Sol sobre os bons, & sobre os mãos, & descer a sua chuva sobre os justos, & sobre os injustos. Os bons, & os justos são os amigos de Deos; os mãos, & os injustos são os seus inimigos: & he tal a bondade, & beneficencia do mesmo Deos, ou com amor,

1. Joan.
3. 18.

Matth.
5. 45.

amor, ou com odio, que aos amigos, & inimigos sem differença communica igualmente os seus thesouros. Se nasce o seu Sol, para todos nasce; se desce a sua chuva, para todos desce. Bem pudéra Deos fazer, que só para os bons, & justos houvesse luz, & para os mãos, & injustos trevas: como no Egypto os Hebreos estavam allumiados, & os Egypcios às escuras. E do mesmo modo, como lhe pedia o Real Profeta David, bem pudéra negar a chuva aos montes de Gelboè, & dalla abundantemente aos outros montes. Mas posto que os bons, & os justos sejam os seus amigos, & os mãos, & os injustos os seus inimigos, sobre o que lhe merecem huns, & sobre o que lhe demerecem os outros, quer que assentem igualmente os seus beneficios.

123 Deixado porèm o Sol no Ceo, & a chuva

nas nuvens, passemos à terra, & a toda a terra, onde moraõ os inimigos de Deos, & onde se vêm mais varia, & opulentamente beneficiados de sua mão. Em todo este Mundo quantos são os amigos de Deos, & quantos os seus inimigos? Os amigos são muito poucos, & os que se conservão sempre em sua amizade, & graça, sem cair em seu odio, rarissimos. Pelo contrario os inimigos de Deos, & os que vivem perpetuamente em seu odio, não tem numero. Estes são os Hereges, & os Scismaticos; estes os Mahometanos, & os Judeos; estes os Gentios, & Atheos; estes os Apostatas, & mãos Christãos. E a insolencia de todos estes armados do odio, que tem ao supremo, & eterno Deos, está sempre subindo, & fazendo guerra ao Ceo à escala vista com as suas ingraticidões, com as suas injurias, com as suas afrontas,

com

alm. 23. com as suas blasfemias, de pensamento, de palavra, de obra: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper.*

E quem he o que là desfaz, ou suspende estas tremendas exalaçoens, & vapores, para que não desçaõ sobre o Mundo em rayos, fenaõ o braço, ou coração do mesmo Deos com as indulgencias do seu odio? Elle he o que os sofre, elle he o que os dissimula, elle he o que tem mão em si, & na sua justa ira. Mas não pára aqui. Esse mesmo Deos, que aos seus inimigos deo o ser, antes de o poderem ter merecido, lhes dà a vida, lhes conserva a saude, lhes acrescenta as riquezas, as honras, os Estados, os Reynos, & os Imperios: como se para a distribuição dos bens, ou da natureza, ou da fortuna (sendo elle Senhor de ambas) os bons, & os mãos todos foraõ bons, os justos, & os injustos todos foraõ justos, & os amigos, & inimigos todos foraõ amigos. He ver-

dade que nos affectos do odio, ou amor de Deos ha a differença de amados, ou aborrecidos: mas nos effeitos da beneficencia do mesmo Deos taõ favorecidos, & taõ mimosos huns, & os outros, como se os amados, & aborrecidos todos foraõ amados.

124. Já nesta geral indifferença, com que Deos faz bem igualmente aos amigos, que estaõ em sua graça, & aos inimigos, que estaõ em seu odio, ficava bem demonstrada a verdade, & excellencia do soberano exemplar, que o Filho de Deos propoem no mesmo Deos aos homens, para que imitando-o, como bons filhos a tal Pay: *Ut sitis filii Patris vestri*, saibaõ com effeito amar, & amem a seus inimigos. Mas como o amor dos inimigos he mais alto, & elle sò heroico (para que vejamos quem he Deos, & quaes nós devemos ser neste ponto) atrevo-me a dizer, que posto Deos entre amigos, & inimigos,

migos, de huma parte os que estão em seu amor, & da outra os que estão em seu odio: se tomarmos bem as medidas aos seus favores, maiores são os que faz sem embargo do seu odio aos inimigos, que sem respeito do seu amor aos amigos. Não me atrevêra a dizer tanto, senão fallára em proprios termos pela boca de hum Profeta, & pela penna de hum Apostolo.

125 O Profeta Malachias fallando em nome de Deos, ou Deos fallando por boca do mesmo Profeta, diz: *Dilexi Jacob, Esau autem odio habui*:
 Matth. 1. 3. Eu amei a Jacob, & tive odio a Esau. E S. Paulo escrevendo aos Romanos, & fallando Deos pela sua penna, repete a mesma sentença pelas mesmas palavras: *Jacob dilexi, Esau autem odio habui*.
 Rom. 9. 13. Deforte que em dous Textos, hum do Testamento Velho, & outro do Novo, temos expresso o odio de Deos, & o amor de Deos, & as

peſſoas huma amada, outra aborrecida, não occultas, senão declaradas por seu proprio nome, Jacob, & Esau. Agora vamos à Historia Sagrada, & vejamos o que fez Deos a Esau com odio de Esau, & o que fez a Jacob com amor de Jacob.

126 O que mais effima a felicidade humana, he vida, riqueza, honra. Quanto à vida, assim como Jacob, & Esau nascerão na mesma hora, assim acabá-rao a vida da mesma idade, & essa tão estendida, que não se podiao queixar das Parcas; porque Jacob conta que morreo de cento & quarenta & cinco annos. Quanto à riqueza, ambos crescerão tanto na multiplicação, & fecundidade dos gados, que creavao os seus pastores, & erao as minas, & thesouros daquelle bom tempo; que por não caberem nos campos, foi necessario que as duas poderosas familias se dividissem, como dividirão, habitando, & dominando

minando Jacob as terras de Canaan, & Esau as de Edom, & Seir. Atèqui nem o odio, nem o amor de Deos se distinguirão nos effeitos, & o odiado, & o amado continuáão a sua peregrinação (que assim lhe chama a Escriitura) tão irmãos na fortuna, como no sangue.

127 Mas vindo ao ponto da honra, que he o de maior estimação, & reparo, tendo já as duas familias crescido a fêr duas naçoens, ou duas gentes, (como Deos revelou à mãy de ambos, quando ainda os trazia no ventre: *Duae gentes sunt in utero tuo*) foi mui notavel a grandeza, & magestade, com que a descendencia de Esau se aventajou à de Jacob. Trocando o nome de Edom, chamáão-se os descendentes de Esau Edumeos; & governando-se toda a nação humas vezes como Republica; outras como Monarchia, sempre os descendentes, & netos de Esau foraõ os Princi-

pes soberanos della, ou na Republica com titulo de Duques, ou na Monarchia com magestade, & coroa de Reys. E posto que em semelhantes successoens costuma haver muitas mudanças, & quebras; esta foi tão continuada de pays a filhos sempre no mesmo dominio, que quando Moysés a escreveo no capitulo trinta & seis do Genesis, já o numero dos Duques tinhaõ sido onze, & o dos Reys coroados nove. E o que de nenhum modo se deve passar em silencio, he, que o segundo destes Reys, & bisneto de Esau, ainda em sua vida, foi o famosissimo Job, que tanto pela constancia na adversa fortuna, como pela moderação na prospera, podia fazer insigne, & memoravel qualquer Reyno dos maiores do Mundo. E quem pudêra esperar, nem imaginar taes excessos de felicidade na pessoa, & descendencia de hum homem, do qual disse o mes-

mo

mo Deos, que lhe tinha odio : *Esau odio habui?*

128 O reparo porèm mais notavel, & digno de admiração nesta mesma historia, he a advertencia, & reflexão, com que a Escritura Sagrada começa a escrever o cathalogo dos Reys descendentes de Esau. *Reges autem, qui regnaverunt in terra Edom, antequam haberent Regem filii Israel, fuerunt hi.* Quer dizer: Estes foraõ os Reys filhos de Esau, antes que os filhos de Jacob tivessem Rey. Por ventura que não ha outra semelhante reflexão em toda a Historia Sagrada. Primeiramente Mõyses não podia notar esta differença sem particular revelação de Deos; porque quando os filhos de Jacob tiveraõ o primeiro Rey, que foi Saul, havia de ser mais de quinhentos annos depois deste tempo. Pois porque razaõ, ou com que mysterio fez Deos esta revelação a Moyfés, & lhe mandou fazer esta reflexão, &

notar esta grande differença entre os filhos de Esau, & os filhos de Jacob, em materia taõ relevante nas geraçoens do Mundo, qual he ter Reys, ou não ter Reys? Para que entendessem os que isto haviaõ de ler, que o odio de Deos he taõ benefico, taõ generoso, taõ heroico, & taõ inclinado a fazer bem a seus inimigos, que não fõ pôde competir com o amor do mesmo Deos em respeito de seus amigos, mas adiantar-se, & vencerlo em materias de tanto preço, & tanto peso, como foraõ neste caso a dignidade Real, & o tempo della.

129 O tempo, quanto vai de quinhentos annos antes, ou quinhentos depois: a dignidade, quanto vai de ter Reys, & tantos Reys, ou não ter Rey. Isto he o que o odio de Deos a Esau, fez a Esau; & isto o que o amor de Deos a Jacob, não fez a Jacob. Para que se veja, quam mal fundada era a diffi-

difficuldade de não poder Deos com o seu exemplo ensinar o amor dos inimigos, pois elle os não ama, antes lhes tem odio. He verdade que Deos tem odio a seus inimigos; mas he hum odio, que dà largas vidas, he hum odio, que dà immensas riquezas, he hum odio, que dà sceptros, & coroas aos que não ama. Faz isto algum, não digo odio, senão do que entre os homens se chama amor? O amor mais natural, & mais devido, he o dos pays aos filhos, & o dos filhos aos pays: & David, sendo pay, tirou o Reyno a seu filho Adonias; & Absalaõ, sendo filho, tirou o Reyno a David seu pay. Estes foraõ os segundos Reys da descendencia de Jacob, os quaes sò conserváraõ o Reyno inteiro até a terceira geração, conservando-se os da descendencia de Esau, não sò em tantas geraçoens, como as do catalogo de Moyses. Tom. II.

sês, senão em muitas outras, que depois dellas se continuáraõ, & seguirãõ.

§. X.

130 **T**Aõ heroica he a beneficencia de Deos em preferir os inimigos aos amigos, ainda sobre a confissão expressa do amor, que lhe merecem os amigos, & do odio, que tem aos inimigos: a Jacob, *Dilexi*, a Esau, *Odio habui*. E porque nós não podemos imitar o exemplar de Deos, como neste caso, em dar sceptros, & coroas; coroemos o nosso discurso com outro acto não menos heroico, nem menos generoso, senão mais. E qual he, ou pôde ser este acto? Que aos inimigos, de quem fomos mais offendidos, effesses amemos mais. Attenção.

131 He Theologia certa, que Deos podia re-
H mir

mir o genero humano por hum homem, ou por hum Anjo ; & porque se deliberou , & decretou no Consistorio Divino , que o remisse Deos por si mesmo ? Porque o peccado de Adam na desobediencia não sô offendeu a soberania de Deos, senão que direita , & mais formalmente offendeu a sua Divindade, querendo , & crendo , que podia ser como Deos : *Eritis sicut dii*. E como a Divindade naquella caso foi a mais offendida , à mesma Divindade pertencia o perdaõ , & o remedio do inimigo , que o offendéra , & por isso o mesmo Deos foi o Redemptor. Assim o resolve , & ensina toda a mesma Theologia com o Doutor Angelico Santo Thomas. Mas ainda aqui não está totalmente satisfeita a fineza do Divino Exemplar. Na Divindade o Padre he Deos, o Filho he Deos , & o Espirito Santo he Deos ;

& tão offendido foi Deos no Padre , como no Filho , tão offendido no Filho , como no Espirito Santo , & tão offendido no Espirito Santo , como no Padre ; porque foi logo o Redemptor não a Pessoa do Padre , nem a do Espirito Santo , senão a do Filho ? Pela mesma razaõ.

132 O attributo , em que Adam quiz ser semelhante a Deos , foi na sabedoria de todas as cousas : *Eritis sicut dii*, *liber* *scientes bonum , & malum*. Assim o disse o demonio , & assim o creio , & quiz Adam. Ao ponto agora. Nas tres Pessoas Divinas da Santissima Trindade , ao Padre attribue-se a Omnipotencia , ao Filho a Sabedoria , ao Espirito Santo a Bondade : & como na Pessoa do Filho , a que se attribue a Sabedoria , foi maior , & dobrada a offensa do peccado de Adam , huma vez offendido na Divindade,

Gen.

3. 5.

dade, *Eritis sicut dii*, outra vez offendido na Sabedoria, *scientes bonum, & malum*; por isso foi tambem no mesmo Filho maior, & dobrada a obrigação de fer elle, & não outra Pessoa Divina, o que procurasse o perdaõ, o remedio, & todo o bem do mesmo Adam, que o offendera. Finalmente porque este exemplo de havermos de amar, & fazer bem aos inimigos, quanto mais offendidos delles, se acabe de verificar em Deos na Pessoa do Filho; esse foi o altissimo mysterio, com que o mesmo Filho, em quanto homem, pondo-nos por exemplo a Deos, accrescentou que o haviamos de imitar como filhos do mesmo Pay, que he o que a Pessoa do mesmo Filho fez: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in caelis est.*

133 Vejo porèm, que pegando neita ultima clausula, *Qui in caelis est*, não faltará quem diga,

que estas Divindades, & finezas de amor são lá para o Ceo, & não para a terra, onde os nossos affectos, & ainda os nossos pensamentos são tão grosseiros como ella. Mas para confusão da mesma terra, & dos que parece não nascéram para o Ceo; acabo com lhes mostrar, que o dictame de pertencer aos mais offendidos serem elles os que amem, & fação bem aos que os offendéram, he tão conforme à razão em toda a parte, que até no inferno se entende assim. Ardendo no inferno o Rico Avarento, olhou para cima, & vendo a Lazaro entre os outros moradores daquelle arrebalde do Ceo, chamado Seyo de Abraham, disse desta maneira, falando com elle: *Pater Abraham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma: Pay Abraham, man-*

Luc. 16.
24.

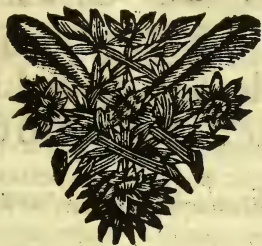
dai a Lazaro, que me venha refrigerar a lingua ao menos com hum dedo molhado na agua, porque me atormenta muito este fogo. Cada palavra destas podia ser meditação de huma eternidade. Sò reparo naquelle, *Mitte Lazarum*, Mandai a Lazaro. Em todo o Seyo de Abraham não havia pessoa, de quem menos devesse esperar o Rico Avarento este soccorro, & obra de charidade, do que de Lazaro; porque Lazaro era aquelle pobre cuberto de chagas, que jazia à sua porta, morto de fome, a quem o Rico Avarento tantas vezes offendia todos os dias, quantas se assentava à mesa, sem lhe permitir as migalhas, que della cahião, quantas sahia, ou entrava pela sua porta, quantas via as suas chagas, quantas ouvia os seus gemidos, & quantas sabia, que os seus caens lhe lambião as feridas.

Pois se tantos outros homens havia no Seyo de Abraham, de cuja piedade podia esperar o Rico Avarento aquelle soccorro, & sò Lazaro era o que tantas vezes, & continuamente tinha a sua crueldade offendido; porque sò a elle nomea, & sò delle confia o remedio, & alivio, que pede? Porque entendo aquelle homem posto no inferno, & posto que condemnado, que o amar, & fazer bem aos inimigos pertence aos que maiores offensas tem recebido delles: & como Lazaro entre todos era o mais offendido, elle era o que na occasião se havia de mostrar mais amigo. Este exemplo do inferno não teve effeito; porque là todos os desejos se convertem em desesperaçoes. O que importa he, que os que là não quizerem ir acabar de entender os desenganos desta verdade, levantem os olhos ao Ceo, onde

Sesta Feira da Quaresma.

137

onde está aquelle Pay, mal, senão bem a seus inimigos ; na terra feremos seus filhos por graça, & no Ceo por gloria : *Ut sitis filii Patris vestri, qui in calis est.*



SERMAM DE SANTO ANTONIO

Na Festa , que se fez ao S A N T O na
Igreja das Chagas de Lisboa , aos
quatorze de Setembro de 1642.

Tendo-se publicado as Cortes para o dia seguinte.

Vos estis sal terræ.

Matth. 5.

§. I.

135



ARCA do
Testamen-
to: (que as-
sim lhe cha-
mou Gregorio I X.) ao
Martello das herefias: (que
este nome lhe deo o Mun-
do) ao Defensor da Fé,
ao Lume da Igreja , à Ma-

ravilha de Italia , à Honra
de Hespanha , à Gloria de
Portugal , ao melhor Fi-
lho de Lisboa , ao Cheru-
bim mais eminente da Re-
ligião Serafica , celebra-
mos festa hoje. Necessa-
rio foi que o advertisse-
mos , pois o dia o não sup-
poem , antes parece que
diz outra cousa. Celebra-
mos

mos festa hoje, como dizia, ao nosso Portuguez Santo Antonio: & se havemos de reparar em circumstancias de tempo, não he a menor difficuldade da festa, o celebrar-se hoje. Hoje? em quatorze de Setembro Santo Antonio? se já celebrámos universalmente suas sagradas memorias em treze de Junho, como torna agora em quatorze de Setembro? Entendo que não vem Santo Antonio hoje por hoje, senão por à manhã. Estavaõ publicadas as Cortes do Reyno para quinze de Setembro; vem Santo Antonio aos quatorze, porque vem às Cortes. Como ha dias que o Ceo está pela Coroa de Portugal, manda tambem seu Procurador o Ceo às Cortes do Reyno. Algumas sombras disto havemos de achar entre as luzes do Euangelho. Com tres semelhanças he comparado Santo Antonio, ou com tres nomes he chamado neste Euangelho.

He chamado Sal da terra: *Vos estis Sal terræ*: he chamado Luz do Mundo: *Vos estis Lux mundi*: he chamado Cidade sobre o monte: *Non potest Civitas abscondi supra montem posita*. Esta ultima semelhança me faz difficuldade.

136 Que Santo Antonio se chame Sal da terra, sua grande sabedoria o merece: que se chame Luz do Mundo; os rayos de sua doutrina; os resplandores de seus milagres o approvaõ; mas chamar-se Cidade Santo Antonio: *Non potest Civitas abscondi*: Hum Santo chamar-se hum Cidade? Sim. Em outro dia fora mais difficultosa a resposta; mas hoje, & no nosso pensamento he muito facil. Chama-se Cidade Santo Antonio, porque os Procuradores de Cortes são Cidades; são Cidades pela voz, são Cidades pelo poder; são Cidades pela representação; & assim dizemos que vem às Cortes as Cidades do Reyno;

& não vem ellas , senão seus Procuradores. E como os Procuradores de Cortes são Cidades por esta maneira, muito a propósito vem Santo Antonio hoje representado em huma Cidade , porque he Cidade por representação. Mas que Cidade ? *Civitas supra montem posita* : Cidade posta em cima , ou acima dos montes. Clara está a descripção , se a interpretamos mysticamente Cidade acima dos montes , não ha outra senão a Jerusalém do Ceo, a Cidade da Gloria : *Civitas , de qua dicitur , Gloriosa dicta sunt de te , Civitas Dei*, commenta Hugo Cardeal. E por parte desta Cidade do Ceo temos hoje na terra a Santo Antonio.

137 Na Igreja de Santo Antonio se costumaõ cá fazer as eleicoens dos Procuradores de Cortes ; & tambem no Ceo se fez a eleição na Pessoa de Santo Antonio. E foi a eleição do Ceo com toda a propriedade ; porque , ainda

humanamente fallando, & pondo S. Antonio de parte o Habito, & o Cordão, parece que concorrem nelle com eminencia as partes, & qualidades necessarias para este officio publico. As qualidades , que constituem hum perfeito Procurador de Cortes , são duas : ser fiel , & ser estadista. E quem se podia presumir mais fiel , & ainda mais estadista, que Santo Antonio ? Fiel como Portuguez , Santo Antonio de Lisboa : estadista como Italiano, Santo Antonio de Padua. Deo-lhe a fidelidade a terra propria , a razão de estado as estranhas. Isto de razão de estado , com ser tão necessaria aos Reynos , nunca se deo muito no nosso ; (culpa de seu demasiado valor) & os Portuguezes que a usão , & praticão com perfeição , mais a devem à experiencia das terras alheas, que às influencias da propria. E como Santo Antonio andou tantas, & tão politicas em sua vida,

vida, Hespanha, França, Italia; ainda nesta parte ficava mui acertada a eleição de sua Pessoa: quanto mais crescendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua fadecoria, de sua santidade.

138. Sò fará escrupulo nesta materia o genio raõ conhecido de Santo Antonio, segundo o qual parece que era mais conveniente sua assistencia em Cortes, que se fizesse em Castella, que nestas, que celebramos em Portugal. Os intentos de Castella, são recuperar o perdido: os intentos de Portugal, são conservar o recuperado. E como deparar cousas perdidas, he o genio, & a graça particular de Santo Antonio; a Castella parece que convinha a assistencia de seu patrocinio, que a nós por agora não. Quem nos ajude a conservar o ganhado, he o que havemos mister. Ora, Senhores, ainda não conhecemos bem a S. Antonio? S. Antonio para

os estranhos he recuperador do perdido; para com os seus he conservador do que se pôde perder. Caminhava o Pay de Santo Antonio a degollar, (assim o dizem muitas historias, inda que alguma falle menos nobremente) & chegando já às portas da Sé, & às suas, eis-que appareceo o Santo milagrosamente, fez parar os ministros da justiça, resuscitou o morto, declara-se a innocencia do condemnado, & fica livre. Pergunto: Porque não esperou Santo Antonio, que morresse seu Pay, & depois de morto lhe restituhio a vida? Não he menos fundada a duvida, que no exemplo de Christo Senhor nosso, de quem diz o Texto de S. João, que avisado da enfermidade de Lazaro, de proposito se deteve, & o deixou morrer, para depois o resuscitar. *Distulit sanare, ut posset resuscitare*; ponderou o Chrysologo; que lhe dilatou a faude; porque lhe quiz resuscitar a vida,

a vida. Pois se he mais gloriosa acção, & mais de Christo resuscitar huma vida, que impedir huma morte: porque o não fez assim Santo Antonio?

139 Não fora maior milagre, não fora mais bizarra maravilha acabar o verdugo de passar o cutello pela garganta do Pay, & no mesmo ponto apparecer sobre o theatro o Filho, ajuntar a cabeça ao tronco, levantar-se o morto vivo, pasmarem todos, & não crerem o que viaõ, ficando sò da ferida hum fio, sutilmente vermelho, para fiador do milagre? Pois porque o não fez Santo Antonio assim? Se tinha virtude milagrosa para resuscitar, se resuscitou alli hum morto; se resuscitou outros muitos em diversas occasiões; porque não esperou hum pouco para resuscitar tambem a seu Pay? Porque? Porque era seu Pay. Aos estranhos resuscitou-os, depois de perderem a vida: a seu Pay

defendeo-lhe a vida, para que não chegasse a perdela: aos estranhos remedeia; mas ao seu sangue preserva. Christo Senhor nosso foi Redemptor universal do genero humano; mas com differença grande. A todos os homens geralmente livrou-os da morte do peccado, depois de incorrerem nelle; mas a sua Mãe preservou-a; para que não incorresse: aos outros deo-lhes a mão, depois de cahirem; a sua Mãe teve-a mão, para que não cahisse: dos outros foi Redemptor por resgate; de sua Mãe por preservação. Assim tambem Santo Antonio. Aos estranhos resuscitou-os depois de mortos; a seu Pay conservou-lhe a vida, para que não morresse: que essa differença faz o Divino Portuguez dos seus aos estranhos. Para com os estranhos he recuperador das cousas perdidas; para com os seus he tambem preservador de que se não percaõ. Por isso com bem occa-

ocasionada propriedade se compara hoje no Evangelho ao sal : *Vos estis sal terræ*. O sal he remedio da corrupção, mas remedio preservativo : não remedeia o que se perdeu, mas conserva o que se pudéra perder ; que he o de que temos necessidade.

140 Supposto isto, nenhuma parte lhe falta a Santo Antonio, antes todas estão nelle em sua perfeição, para o officio que lhe consideramos de Procurador do Ceo nas nossas Cortes. Como tal dirá o Santo hoje seu parecer a respeito da conservação do Reyno : & esta será a materia do Sermaõ. Santo Antonio he o que ha de prégar, & não eu. E cuido que desta maneira ficará o Sermaõ mais de Santo Antonio, que nenhum outro ; porque nos outros tratamos nós d'elle, neste trata elle de nós. Mas como eu sou o que hei-de fallar, para que o discurso pareça de Santo Antonio, cujo he, & não meu, mui-

ta graça me he necessaria.
A V E M A R I A.

§. II.

Vos estis sal terræ.

141 **J**A Santo Antonio rem dito seu parecer. Nestas quatro palavras breves, nestas seis syllabas compendiosas, *Vos-es-tis-sal-terra*, se resume todo o arrezoado de Santo Antonio em ordem ao bem, & conservação do Reyno. E ninguem me diga, que disse estas palavras Christo a Santo Antonio, & não Santo Antonio a nós ; porque como a rhetorica dos do outro mundo são os exemplos, & o que obrarão em vida he o que nos dizem depois da morte ; dizer Christo a Santo Antonio o que foi, he dizer-nos Santo Antonio o que devemos ser. *Vos estis sal terræ* ; disse Christo a Santo Antonio por palavra : *Vos estis sal terræ*, diz Santo Antonio aos Portuguezes

guezes por exemplo. Entendamos bem estas quatro palavras, que estas bementendidas nos bastaõ.

142 *Vos estis sal terræ.* O primeiro fundamento, que toma para seu discurso Santo Antonio, he suppor que devemos, & havemos de tratar de nossa conservação. Isso quer dizer (conforme a exposição de todos os Doutores) *Vos estis sal terræ*: Vós sois sal da terra. Quem diz sal, diz conservação; & á que Christo encomendava no original destas palavras tem grandes circumstancias da nossa. Muito tenho reparado, em que primeiro chamou Christo aos Apostolos Pescadores, & ao depois chamou-lhes sal: *Faciam vos fieri piscatores hominum: Vos estis sal terræ.* Se pescadores, porque sal juntamente? Porque importa pouco o ter tomado, se se não conservar o que se tomou. Chamar-lhes Pescadores, foi commendar-lhes a pesca-

Marc.
L. 17.

ria; chamar-lhes sal, foi encarregar-lhes a conservação. Sois Pescadores, Apostolos meus, porque quero que vades pescar por esse mar do Mundo; mas advirto-vos que sois tambem sal; porque quero que pesqueis, não para comer, senão para conservar. Senhores meus, já fomos pescadores, ser agora sal he o que resta. Fomos pescadores astutos, fomos pescadores venturosos; aproveitámo-nos da agua envolta; lançámos as redes a tempo, & ainda que tomámos somente hum peixe Rey, foi o mais fermoso lanço, que se fez nunca; não digo nas ribeiras do Tejo, mas em quanto rodeaõ as prayas do Oceano. Pescou Portugal o seu Rey: pescou Portugal a sua Coroa; advirta agora Portugal, que não a pescou para a comer, senão para a conservar. Foi pescador, seja sal. Mas isto não se discorre, suppoem-se.

143 Porém: *Si sal evanuerit,*

auerit, in quo salietur? Se o
fal não for effectivo, se os
meyos que se tomarem
para a conservação, fahi-
rem vão, & inefficazes,
que remedio? Esta he a ra-
zaõ de se repetirem; &
esta he a maior difficulda-
de destas segundas Cortes.
As primeiras Cortes foraõ
de boas vontades, estas se-
gundas podem ser de bons
entendimentos. Nas pri-
meiras tratou-se de reme-
diar o Reyno: nestas tra-
ta-se de remediar os reme-
dios. Difficultosa empre-
za, mas importantissima.
Quando os remedios não
tem bastante efficacia para
curar a enfermidade, he
necessario curar os reme-
dios, para que os reme-
dios curem ao enfermo.
Assim o fez o mesmo
Christo Deos, & Senhor
nosso sem dispendio de sua
Sabedoria, nem erro de
sua Providencia. Não se
põde acertar tudo da pri-
meira vez. Trabalhava
Christo por sálar, & con-
verter o seu povo com
os remedios ordinarios da

doutrina, & pregação Eu-
angelica; & vendo que se
não seguia a desejada sau-
de, que fez? Tratou de
remediar os remedios,
para que os remedios re-
mediassem os enfermos.
Em proprios termos o dis-
se Santo Asterio fallando
da resurreição da filha do
Jairo. *Ut vidit Iudæos ad
sermões obsurdescere, factis
iplos instituit, ac medici-
nae medicinam accommodat.*

Vendo Christo que estava
a enfermidade rebelde, &
os ouvintes surdos a seus
Sermoens, ajuntou às pa-
lavras obras, ajuntou à
doutrina milagres, & to-
mou por arbitrio melho-
rar os remedios, para que
os remedios melhorassem
os enfermos: *Ac medici-
nae medicinam accommodat.*
Applicou humas medici-
nas a outras medicinas,
para que os que eraõ re-
medios fracos, fossem va-
lentes remedios. Este he
o fim de se repetirem Cor-
tes em Portugal. Arbi-
tráraõ-se nas passadas va-
rios modos de tributos,
para

para remedio da conservação do Reyno ; mas como estes tributos não foraõ effectivos , como estes remedios sahiraõ inefficazes, importa agora remediar os remedios.

§. III.

144 **M**As perguntarmecha alguem , ou perguntára eu a Santo Antonio: Que remedio teremos nós para remediar os remedios ? Muito facil , diz Santo Antonio: *Vos estis sal terræ*. Para se curar huma enfermidade, ve-se em que pecca a enfermidade: para se curarem os remedios , veja-se em que peccáraõ os remedios. Os remedios , como diz a queixa publicæ , peccáraõ na violencia , muitos arbitrios , mas violentos muito. Pois modere-se a violencia com a suavidade, ficarão os remedios remediados. Foraõ inefficazes os tributos por violentos , sejaõ suaves, & seraõ effectivos. *Vos*

estis sal terræ : Duas propriedades tem o sal , diz aqui Santo Hilario : conserva , & mais tempera : he o antidoto da corrupção , & lisonja do gosto : he o preservativo dos preservativos , & o sabor dos sabores : *Sal incorruptionem corporibus , quibus fuerit aspersus , impertit , & ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est*. Taes como isto devem ser os remedios , com que se haõde conservar as Republicas. Conservativos sim , mas defabridos não. Obrar a conservação , & faborear , ou ao menos não offender o gosto , he o primor dos remedios. Não tem bons effectos o sal , quando aquillo , que se salga , fica sentido. De tal maneira se ha de conseguir a conservação , que se escuse quanto for possível o sentimento. Tirou Deos huma costa a Adam para a fabrica de Eva ; mas como a tirou ? *Immisit Deus soporem in Adam* , diz o Texto Sagrado: Fez Deos adormecer

cer a Adam, & assim dormindo lhe tirou a costa.

145 Pois porque razão dormindo, & não acordado? Disse-o aduertidamente o nosso Portuguez Oleastro, & he o pensamento tão tirado da costa de Adam, como das entranhas dos Portuguezes: *Ostendit, quam difficile sit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem: quamobrem opus est ab eo surripere, quod ipse concedere negligit.* A costa, de que se havia de formar Eva, tirou-a Deos a Adam dormindo, & não acordado, para mostrar quam difficullosamente se tira aos homens, & com quanta suavidade se deve tirar ainda o que he para seu proveito. Da creação, & fabrica de Eva dependia não menos que a conservação, & propagação do genero humano; mas repugnaõ tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo que se lhe tem convertido em carne, & sangue, ainda que seja para

bem de sua casa, & de seus filhos, que por isso traçou Deos tirar a costa a Adam, não acordado, senão dormindo: adormeceo-lhe os sentidos, para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto, se ha de tirar aos homens o que he necessario para sua conservação. Se he necessario para a conservação da Patria, tire-se a carne, tire-se o sangue, tirem-se os ossos, que assim he razão que seja; mas tire-se com tal modo, com tal industria, com tal suavidade, que os homens não o sintão, nem quasi o vejaõ. Deos tirou a costa a Adam, mas elle não o vio, nem o sentio; & se o soube, foi por revelação. Assim aconteceu aos bem governados vassallos do Emperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle: *Sentimus auctas illationes, vos addita tributa nescitis*: Eu sei que ha tributos; porque vejo as minhas rendas acréscentadas: vós não sabeis se

se os ha ; porque não sentis as vossas diminuidas. Razaõ he que por todas as vias se acuda à conservaçaõ, mas como somos compostos de carne, & sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Taõ asperos podem ser os remedios, que seja menos fea a morte, que a saude. Que me importa a mim sárar do remedio, se hei-de morrer do tormento?

146 Divina doutrina nos deixou Christo desta moderaçaõ na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro, que pagasse o tributo a César, & disse-lhe que fosse pescar, & que na boca do primeiro peixe acharia huma moeda de prata, com que pagasse. Duas ponderaçoes dêmos a este lugar o dia passado: hoje lhe daremos sete a diferentes intentos. Se Deos não faz milagres sem necessidade, porque o fez Christo nesta occasiãõ,

sendo ao parecer superfluo? Pudéra o Senhor dizer a Pedro, que fosse pescar, & que do preço do que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispõem que se pague o tributo não do preço, senão da moeda, que se achar na boca do peixe? Quiz o Senhor, que pagasse S. Pedro o tributo, & mais que lhe ficasse em casa o fruto de seu trabalho, que este he o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade, & com taõ pouco dispendio seu, que satisfazendo às obrigaçoes de tributario, não perca os interesses de Pescador. Coma o seu peixe como dantes comia, & mais pague o tributo que dantes não pagava. Por isso tira a moeda não do preço, senão da boca do peixe: *Aperto ore ejus, invenies staterem.* 17 *Aperto ore:* notai. Da boca do peixe se tirou o dinheiro do tributo, porque he bem, que para o tributo se

se tire da boca. Mas esta differença ha entre os tributos suaves, & os violentos: que os suaves tirão-se da boca do peixe; os violentos, da boca do pescador. Não-se de tirar os tributos com tal traça, com tal industria, com tal invenção: *Invenies statem*: que pareça o dinheiro achado, & não perdido, dado por mercê da ventura, & não tirado à força da violencia. Assim o fez Deos com Adam; assim o fez Christo com S. Pedro; & para que não diga alguem, que são milagres a nós impossiveis, assim o fez Theodorico com seus vassallos. A boa industria he supplemento da Omnipotencia, & o que faz Deos por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

S. IIII.

148 S Im. Mas que industria poderá haver para que os tributos se não sintão,
Tom. II.

para que sejam suaves, & facéis de levar? Que industria? *Vos estis sal terræ.* Não se mete Santo Antonio a discursar arbitrios particulares, que seria cousa larga, & menos propria deste lugar; posto que não difficiliosa: hum só meyo aponta o Santo nestas palavras, que transcede universalmente por todos os que se arbitram, com que qualquer tributo, se for justo, será mais justo; & se facil, muito mais facil, & mais suave. *Vos estis sal terræ.* Nota aqui S. João Chrysostomo a generalidade, com que fallou Christo aos discipulos. Não lhes chamou sal de huma casa, ou de huma familia; ou de huma Cidade; ou de huma nação, senão sal de todo o Mundo, sem exceptuar a ninguem: *Vos estis sal terræ, non pro unâ gente, sed pro universo Mundo*: commenta o Santo Padre. Queremos, senhores, que o sal, qualquer que for, não seja desabridor?

do? Queremos, que os meyos da conservação pareçaõ suaves? *Non pro unâ gente, sed pro universo Mundo.* Não sejaõ os remedios particulares, sejaõ universaes: não carreguem os tributos sômente sobre huns, carreguem sobre todos. Não se trate de salgar sô hum genero de gente: *Non pro unâ gente*: reparta-se, & alcance o sal a terra: *Vos estis sal terræ.* Convida Christo aos homens para a aceitação, & observancia de sua Ley, & diz assim: *Venite ad me omnes, qui laboratis, & onerati estis, & ego reficiam vos:* Vinde a mim todos, que tão cansados, & molestados vos traz o Mundo, & Eu vos aliviarei: *Tollite jugum meum super vos, & invenietis requiem animabus vestris:* Tomai o meu jugo sobre vós, & achareis descanso para a vida: *Jugum enim meum suave est, & onus meum leve:* Porque o jugo de minha Ley he suave, & o peso de meus preceitos he leve.

Matth.
11. 28.

Ibidem
29.

Ibidem
30.

149 Ora se tomarmos bem o peso à Ley de Christo, havemos de achar, que tem alguns preceitos pesados, & segundo a natureza assaz violentos. Haver de amar aos inimigos: confessar hum homem suas fraquezas a outro homem: bastar hum pensamento para offender gravemente a Deos, & ir ao inferno: estes, & outros semelhantes preceitos não ha duvida, que são pesados, & difficultosos; & por taes os estimou o mesmo Senhor, quando lhes chamou Cruz noíssa: *Tollat Crucem suam, & sequatur me.* Pois se os preceitos da Ley de Christo, ao menos alguns, são cruz pesada, como lhes chama o Senhor jugo suave, & carga leve: *Jugum enim meum suave est, & onus meum leve?* Antes de o Senhor lhes chamar assim, já tinha dito a causa: *Venite ad me omnes.* A Ley de Christo he huma Ley, que se estende a todos com igualdade, & que obriga a todos

todos sem privilegio : ao grande , & ao pequeno : ao alto , & ao baixo : ao rico , & ao pobre : a todos mede pela mesma medida. E como a Ley he commun sem exceção de pessoas , & igual sem differença de preceito ; moderar-se tanto o pesado no commun , & o violento no igual ; que aindaque a Ley seja rigorosa , he jugo suave ; aindaque tenha preceitos difficultosos , he carga leve : *Jugum meum suave est , & onus meum leve.* He verdade , que he jugo , he verdade , que he peso , nem Christo o nega : mas como he jugo , que a todos iguala , o exemplo o faz suave ; como he peso , que sobre todos carga , a companhia o faz leve. Clemente Alexandrino : *Non pratergredienda est equalitas , quæ versatur in distributionibus honorando justitiam : propterea Dominus , Tollite , inquit , jugum meum super vos , quia benignum est , & leve.*

150 O maior jugo do hum Reyno , a mais pesada carga de huma Republica , são os immoderados tributos. Se queremos , que sejam leves , se queremos , que sejam suaves , repartão-se por todos. Não ha tributo mais pesado que o da morte , & comtudo todos o pagão , & ninguem se queixa ; porque he tributo de todos. Se huns homens morrêrão , & outros não , quem levára em paciencia esta rigorosa pensão da mortalidade ? Mas a mesma razão , que a estende , a facilita ; & porque não ha privilegiados , não ha queixosos. Imitem as resoluções politicas o governo natural do Creador : *Qui solem suum oriri* Math. 5. 45. *facit super bonos , & malos , & pluit super justos , & injustos.* Se amanhece o Sol , a todos aquece : & se chove o Céu , a todos molha. Se toda a luz cahira a huma parte , & toda a tempestade a outra , quem o sofrêra ? Mas não sei

que injusta condição he a deste elemento grosseiro, em que vivemos, que as mesmas igualdades do Ceo, em chegando à terra, logo se desigualão. Chove o Ceo com aquella igualdade distributiva, que vemos; mas em a agua chegando à terra, os montes ficam enxutos, & os valles afogando-se: os montes escoão o peso da agua de si, & toda a força da corrente desce a alagar os valles: & queira Deos, que não seja theatro de recreação para os que estão olhando do alto, ver nadar as cabanas dos pastores sobre os diluvios de suas ruinas. Ora guardemo-nos de algum diluvio universal, que quando Deos iguala desigualdades, até os mais altos montes ficam debaixo da agua. O que importa he, que os montes se igualem com os valles, pois os montes são a quem principalmente ameaça os raios: & reparta-se por todos o peso, para que fique

leve a todos. Os mesmos animaes de carga, se lha deitaão toda a hum parte, cahem com ella: & a muitos navios meteo nas mãos dos piratas a carga, não por muita, mas por descompassada. Se se reparar o peso com igualdade de justiça, todos o levarão com igualdade de animo: *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum aequitate persolvitur*: Porque ninguém toma pesadamente o peso, que se lhe distribue com igualdade, disse o Politico Cassiodoro.

§. V.

151 **B**oa doutrina estava esta, se não fora difficultosa, & ao que parece impraticavel. Bom era que nos igualáramos todos; mas como se podem igualar extremos, que tem a essencia na mesma desigualdade? Quem compoem os tres estados do Reyno, he a desigualdade das pessoas. Pois como se haóde igualar

lar os tres estados, se são estados porque são desiguaes? Como? já se sabe que ha de ser: *Vos estis sal terræ*. O que aqui pondero he, que não diz Christo aos Apostolos: Vós sois semelhantes ao sal; senão: *Vos estis*: Vos sois sal. Não he necessaria Filosofia para saber que hum individuo não pôde ter duas essencias. Pois se os Apostolos eraõ homens, se eraõ individuos da natureza humana, como lhe diz Christo, que são sal: *Vos estis sal*? Alta doutrina de estado. Quiz-nos ensinar Christo Senhor nosso, que pelas conveniencias do bem commum se haõde transformar os homens, & que haõde deixar de ser o que são por natureza, para serem o que devem ser por obrigação. Por isso tendo Christo constituido aos Apostolos ministros da Redempção, & conservadores do Mundo, não os considera sal por semelhança, senão sal por realidade: *Vos estis*

Tom. II.

sal: porque o officio ha-se de transformar em natureza, a obrigação ha-se de converter em essencia, & devem os homens deixar de ser o que são, para chegarem a ser o que devem. Assim o fazia o Baptista, que perguntado quem era, respondeo: *Ego Joan. 1. sum vox*: Eu sou huma voz. Calou o nome da pessoa, & disse o nome do officio; porque cada hum he o que deve ser, & senão, não he o que deve. Se os tres estados do Reyno attendendo a suas preeminencias são desiguaes, attendaõ a nossas conveniencias, & não o sejaõ. Deixem de ser o que são, para serem o que he necessario, & iguale a necessidade os que desigualou a fortuna.

152 A mesma formação do sal nos porá em prática esta doutrina. Aristoteles, & Plinio reconhecem na composição do sal o elemento da água, & do fogo: *Sal est igneæ, & aqueæ naturæ, continens*

I iij

duo

duo elementa, ignem, & aquam, diz Plinio. A glosa ordinaria, & S. Chromacio accrescentaõ o terceiro elemento do ar; (prova seja a grande humidade deste mixto) & diz assim S. Chromacio: *Natura salis per aquam, per calorem solis, per flatum venti constat, & ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur*. A materia; ou natureza do sal são tres elementos transformados, os quaes tendo sido fogo, ar, & agua, se unirão em huma differente especie, & se convertéraõ em sal. Grande exemplo da nossa doutrina! Assim como o sal he huma junta de tres elementos, fogo, ar, & agua; assim a Republica he huma uniaõ de tres estados, Ecclesiastico, Nobreza, & Povõ. O elemento do fogo representa o estado Ecclesiastico, elemento mais levantado, que todos, mais chegado ao Ceo, & apartado da terra; elemento, a quem todos os outros sustentãõ,

izento elle de sustentar a ninguem. O elemento do ar representa o estado da Nobreza, não por ser a esfera da vaidade, mas por ser o elemento da respiração; porque os fidalgos de Portugal foraõ o instrumento felicissimo, porque respiramos, devendo este Reyno eternamente à resolução de sua Nobreza os alentos, com que vive, os espiritos, com que se sustenta.

153 Finalmente o elemento da agua representa o estado do Povo: (*Aqua sunt populi*, diz hum Texto do Apocalypse) & não, como dizem os Criticos, por ser elemento inquieto, & indomito, que a variedade de qualquer vento se muda; mas por servir o mar de muitos, & mui proveitosos usos à terra, conservando os commercios, enriquecendo as Cidades, & sendo o melhor visinho, que a natureza deo às que amou mais. Estes são os elementos, de que se compoem a Repu-

Republica. Da maneira pois que aquelles tres elementos naturaes deixo de ser o que eraõ, para se converterem em huma especie conservadora das cousas: *Ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur*: assim estes tres elementos politicos haõde deixar de ser o que sãõ, para se reduzirem unidos a hum estado, que mais convenha à conservação do Reyno. O estado Ecclesiastico deixe de ser o que he por immuniade, & anime-se a assistir com o que naõ deve. O estado da Nobreza deixe de ser o que he por privilegios, & alente-se a concorrer com o que naõ usa. O estado do Povo deixe de ser o que he por possibilidade, & esforce-se a contribuir com o que pôde: & desta maneira deixando cada hum de ser o que foi, alcançarão todos juntos a ser o que devem: sendo esta concordia de uniaõ dos tres elementos efficaz conservadora

do quarto. *Vos estis sal terræ.*

§. VI.

154

Amplifiquemos este ponto, como taõ essencial, & fallemos particularmente com cada hum dos tres Estados. Primeiramente o estado Ecclesiastico deixe de ser o que he por immuniade, & seja o que convem à necessidade commun. Serem izentas de pagar tributo as pessoas, & bens Ecclesiasticos, o direito humano o dispoem assim, & alguns querem que tambem o Divino. No nosso passo o temos. Indo propor S. Pedro a Christo, que os ministros Reaes lhe pediaõ o tributo, respondeo o Senhor, que fosse pescar, como dissemos, & que na boca do primeiro peixe acharia o didracma, ou moeda. Difficulto. Supposto que o tributo se havia de pagar do dinheiro milagroso, & naõ do preço do peixe,

peixe, para que vai pescar S. Pedro? Não era mais barato dizer-lhe Christo, que metesse a mão na algibeira, & que ali acharia com que pagar? Para Christo tão facil era huma cousa, como a outra; para S. Pedro mais facil esta segunda. Pois porque lhe manda que vá ao mar, que pesque, & que do dinheiro, que achar por esta industria, pague o tributo? A razão foi, porque quiz Christo contemporizar com o tributo de Cesar, & mais conservar em seu ponto a immuniidade Ecclesiastica. Pague Pedro; (como se dissera Christo) mas pague como Pescador, não pague como Apostolo: pague como official do povo, & não como Ministro da Igreja. Deixe Pedro, por representação, de ser o que he, & torne por representação a ser o que foi: deixe de ser Ecclesiastico, & torne a ser Pescador; & então pague por obrigação do officio, o que não deve

pagar por privilegio da dignidade. *Ita Christus tributum solvere voluit, ut nec publicanos offenderet, nec suum perderet privilegium:* diz o doutissimo Maldonado de sentença de S. Chrysostomo, & de Euthymio. A sua razão he: *Dum non ex suo, sed ex invento solveret:* porque pagou do dinheiro achado, & não do seu.

155 Mas a mim mais facil me parece distinguir na mesma pessoa diferentes representações, que admitir, receber, & dar sem consideração de dominio. O pensamento he o mesmo, escolha cada hum das duas razões, a que mais lhe contentar. E como a materia era de tanta importancia, ainda por outra clausula a confirmou, & ratificou o Senhor, para que este exemplo lhe não prejudicasse. *Da eis pra me, & te:* Dai, ¹⁷ Pedro, por mim, & por vós. *Da:* aqui reparo. Quando lhe vieraõ perguntar a Christo, se era li-
cito

cito pagar o tributo a Cesar, respondeo o Senhor: *Reddite, quæ sunt Cesaris, Cesari, & quæ sunt Dei, Deo*: Pagai o de Cesar a Cesar, & o de Deos a Deos. Pergunta Theofilato: *Quare reddite, & non date?* Porque diz Christo, pagai, & não diz, dai? A mesma questão faço eu aqui: *Da eis pro me, & te: Quare da, & non, redde?* Porque diz, dai, & não diz, pagai? Se lá diz Christo, pagai, & não dai, porque cá diz o mesmo Senhor, dai, & não, pagai? A razão he; porque lá fallava Christo com os seculares, cá fallava com os Ecclesiasticos; & quando hums, & outros concorrem para os tributos, os seculares pagão, & os Ecclesiasticos daõ. Os seculares pagão, porque daõ o que devem, os Ecclesiasticos daõ, porque pagão o que não devem. Por isso Christo usou da clausula, *Da*, com grande providencia; para que este acto tão contrario à immuni-

dadica, não cedesse em prejuizo della; declarando que o tributo, que hum, & outro estado paga promiscuamente, nos seculares he justiça, nos Ecclesiasticos he liberalidade; nos seculares he dividida, nos Ecclesiasticos he dadiva: *Da: Reddite.*

156 Tanta he a immuni-
dade das pessoas, & bens Ecclesiasticos; mas estamos em tempo, em que he necessario cederem de sua immuni-
dade para socorrerem a nossa necessidade. Não digo, que paguem os Ecclesiasticos; mas digo que dem: não digo, *Reddite*; mas digo, *Da*. Liberalidade peço, & não justiça; ainda que a occasião presente he tão forçosa, que justiça vem a ser a liberalidade. Com nenhum Doutor allegarei nesta materia, que não seja ou Summo Pontifice, ou Cardeal, ou Bispo, para que com o desinteresse em causa propria se qualifique ainda mais a authoridade maior. Quando

do El-Rey de Israel Saul tratava de tirar a vida a David Rey tambem de Israel, que havia naquelle tempo dous, que se intitulavaõ Reys do mesmo Reyno; hum, Rey injusto, outro, Santo: hum, Rey escolhido por Deos, outro, reprovado por elle. Neste tempo (que parece neste tempo) foi ter David com o Sacerdote Achimelech, ou Abiatar, & com licença sua tomou do altar os paens da proposição, & repartio-os a seus soldados. Acção foi esta, que tem contra si hum Texto expresso no capitulo vinte & quatro do Levitico, desta maneira:

Levit.
24. 9.

Eruntque (panes propositionis) Aaron, & filiorum ejus, ut comedant eos in loco sancto: quia Sanctum Sanctorum est de sacrificiis Domini jure perpetuo. Quer dizer, que os paens da proposição seriaõ perpetuamente de Aram, & seus descendentes, & que os comeriaõ os Sacerdotes, & não outrem, por ser paõ

santo, & consagrado a Deos. Esta he a verdadeira intelligencia do Texto, conforme huma glossa de fé no capitulo sexto de S. Lucas. Pois se os paens da proposição eraõ proprios dos Sacerdotes, & nenhum homem secular podia comer dell'es licitamente, como os deo a David hum Sacerdote taõ zeloso como Achimelech; & como os tomou para seus soldados hum Rey taõ Santo como David?

157 Não temos menor interprete ao lugar, que o Summo Pontifice Christo; Author, & Expositor de sua mesma Ley. Approva Christo esta acção de David no capitulo segundo de S. Marcos, & diz assim: *Nunquam legistis, quid fecerit David, quando necessitatem habuit? Quomodo introivit in domum Dei, & panes propositionis manducavit, quos non licebat manducare nisi Sacerdotibus, & dedit eis, qui cum eo erant? Nunca lestes o que fez David, quando teve necessidade,*

fidade, como entrou no templo de Deos, como tomou os paens, que não era licito comer senão aos Sacerdotes, & os deo a seus soldados? De maneira que a total razão, porque approva Christo entrar David no templo, & tomar o pão dos Sacerdotes, he porque o fez o Rey, *quando necessitatem habuit*, quando teve necessidade; porque quando estão em necessidade os Reys, he bem que os bens Ecclesiasticos os soccorraõ, & que tirem os Sacerdotes o pão da boca para o sustentarem a elle, & a seus soldados. Assim declara Christo que precede o direito natural ao positivo, & que pôde ser licito pelas circumstancias do tempo, o que pelas Leys, & Canones he prohibido.

158 E verdadeiramente que quando a nenhum Rey déverão os Ecclesiasticos esta correspondencia; os Reys de Portugal a mereciaõ; porque se atentamente se lerem as nossas Chronicas, apenas

se achará Templo, ou Mosteiro em todo Portugal, que os Reys Portuguezes com seu piedoso zelo ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou não enriquecessem com preciosissimas dadivas. Impossivel cousa fora determe em materia tão larga, & inutil, & tão sabida. Concorraõ pois as Igrejas a soccorrer a seus Fundadores, a sustentar a quem as enriqueceo, & a offerecer parte de suas rendas às mãos, de cuja realza recebêraõ todas. Mais he isto justiça, que liberalidade; mais he obrigação, que benevolencia; mais he restituição, que dadiva.

159 Tirou El-Rey Ezechias do templo, para se soccorrer em huma guerra, os thesouros sagrados, & as mesmas laminas de ouro, com que estavaõ chapoadas as portas; & justificação muito esta resolução assim o Texto, como os Doutores, por tres razões. De necessidade em respeito

peito do Reyno ; de conveniencia em respeito do templo ; de obrigação em respeito do Rey. Por razão de necessidade em respeito do Reyno ; (diz o Cardeal Caietano) porque quando o Reyno tinha chegado a termos, que se não podia conservar, nem defender de outra maneira, justo era que em falta dos thesouros profanos substituhissem os sagrados, & que se empenhassem, & vendessem as joyas da Igreja para remir a liberdade publica. *Omni exceptione maius est exemplum hoc Ezechiae, ut pro redemptione vexationis ab infidelibus liceat, exhaustis publicis thesauris, ex Ecclesiae totalibus subvenire publicae libertati Christianorum.* Por razão de conveniencia em respeito do templo ; (diz o Bispo S. Theodoreto) porque mais convinha ao templo conservar-se pobre, que não se conservar ; & he certo que na perda, ou defesa da Cidade consistia

juntamente a sua ; porque fazendo-se senhor da Cidade Senacherib, tambem arderia com a Cidade o templo. *Quando non sufficiebant thesauri Regis, mos erat in huiusmodi necessitatibus sacros etiam thesauros consumere ; necessitas autem effecit, ut etiam conflaret portas aeneas, ne si bello superior fuisset Senacherib, & urbem, & templum incenderet.* Finalmente por razão de obrigação em respeito do mesmo Rey ; porque, como nota o Texto, *Con- 4. fregit Ezechias valvas tem- 18. pli, & laminas auri, quas ipse affixerat.*

160 As laminas de ouro, que Ezechias arrancou das portas do templo, elle mesmo as tinha dado ; & era justa correspondencia, que em tal occasião as portas se despiassem de suas joyas, & restituhissem generosamente o seu ouro a hum Rey, que com tanta liberalidade as enriquecera. Os templos são armazens das necessidades ; & os Reys, que offere-

offerecem votos, depozitaõ soccorros. Quando David se vio no deserto desfarmado, & perseguido, nenhum soccorro achou senão a espada do Gigante, que consagrara a Deos no templo; que as dadas, que dedicaraõ aos templos os Reys vitoriosos, bem he que as restituã os templos aos Reys necessitados. Isto he o que deve fazer o estado Ecclesiastico de Portugal, & em primeiro lugar os primeiros d'elle, que por isso pagou o tributo naõ outro dos Apostolos, senão S. Pedro.

S. VII.

161. O Estado da Nobreza tambem

he izento por seus privilegios de pagar tributos: *Capita stipendio censa ignobiliora*: disse lá Tertulliano; donde Jeremias falando de Jerusalem: *Princeps Provinciarum facta est sub tributo*: contrapoz o tributo à nobreza; & exa-

gerou a Jerusalem senhora, para a lamentar tributaria. No passo, que nos fez o gasto, temos tambem isto. Quando os ministros de Cesar pediraõ o tributo a S. Pedro, perguntou-lhe Christo: *Quid tibi videtur, Simon?* ^{March. 17. 24.} Que vos parece, Pedro, neste caso? *Reges terræ à quibus accipiunt tributum, à filiis, an ab alieno?* ^{Ibidem.} Os Reys da terra de quem recebem tributo, dos filhos, ou dos estranhos? *Ab alienis.* ^{Ibidem.} Dos estranhos; respondeo S. Pedro: *Ergo liberi sunt filii.* ^{Ibidem.} Logo izentos fomos nós de pagar tributos? diz Christo: Eu, porque sou Filho do Rey dos Reys; & vós, porque sois domesticos, & criados de minha Casa; que os que tem foro, ou filiação na Casa Real, izentos, & privilegiados são de pagar tributos. *Hoc exemplum probat*, diz o doutissimo Tanero, *etiam familiares ipsius Christi à tributo liberos esse, cum & in humana politia non tantum filius ipse Regis, sed etiam*

Ibidem
26.

etiam familia ejus à tributis libera esse soleat. Isto resolveo Christo de jure. Mas de facto que resolveo? Ut autem non scandalizemus eos, vade, & da eis pro me, & te. Resolveo que sem embargo de serem privilegiados, pagassem o tributo; porque seria materia de escandalo, que quando pagavaõ todos, não pagassem elles. Pois se nos casos communis lhe parece bem a Christo, que paguem tributos os nobres, a quem izentaõ as leys; quanto mais em hum caso tão extraordinario, & maior que pôde acontecer em hum Reyno, em que se arrisca a conservação do mesmo Reyno, do mesmo Rey, & a mesma Nobreza?

162. Por duas razoes principalmente me parece que corre grande obrigação à Nobreza de Portugal de concorrerem com muita liberalidade para os subsidios, & contribuições do Reyno. A primeira razão he; porque as

commendas, & rendas da Coroa, os fidalgos deste Reyno são os que as lograõ, & logrãõ sempre; & he justo, que os que se sustentaõ dos bens da Coroa, não falem à mesma Coroa com seus proprios bens: *Qua de manu tua accepimus, dedimus tibi.* Não há tributo mais bem pago no Mundo, que o que pagão os rios ao mar. Continuamente estaõ pagando este tributo, ou em defatados crystaes, ou em prata successiva: (como dizem os cultos) & vemos que para não faltarem a esta divida, se desentranhaõ as fontes, & se despenhaõ as aguas. Pois quem deo tanta pontualidade a hum elemento bruto? Porque se despendem com tanto primor humas aguas irracionaes? Porque? Porque he justo, que tornem ao mar aguas, que do mar sahiraõ. Não he o pensamento de quem cuidais, senaõ de Salamaõ. *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur.* Tornaõ

os rios perpetuamente ao mar; (& em tempos tempestuosos com mais pressão, & muito tributo) porque mais, ou menos grossas, do mar recebem todos suas correntes. Que injustiça fora da natureza, & que escandalo do universo, se crescendo caudalosos os rios, & fazendo-se alguns navegaveis com a liberalidade do mar, reprezáram avarentos suas aguas, & lhe negáram o devido tributo? Tal seria, se a Nobreza faltasse à Coroa com o ouro, que della recebe. E he muito de advertir aqui hum lição, que a terra nos dà, se já não for reprehensão, com seu exemplo. A agua, que recebe a terra, he salgada, a que torna ao mar he doce. O que recebe em ondas amargosas, restitue-o em doces tributos. Assim havia de ser, senhores, mas não sei se acontece pelo contrario. A todos he cousa muito doce o receber; mas tanto que se falla em dar, grandes

amarguras! Pois consideremos a razão, & parecer-nos-ha imitavel o exemplo. A razão porque as aguas amargosas do mar se convertem em tributos doces, he porque a terra, por onde passaõ, recebe o sal em si. *Vos estis sal terra*: Portuguezes, estranha-se na terra o sal; entenda-se, que o que se dà, he o sal, & conservação da terra; & logo seraõ os tributos doces, ainda que que pareçaõ amargosas as aguas.

163 A segunda razão, porque a Nobreza de Portugal deve servir com sua fazenda a El-Rey nosso Senhor, que Deos guarde, mais que nenhuma outra Nobreza a outro Rey, he porque ella o fez. Já que a fidalguia de Portugal sahio com a gloria de levantar o Rey, não deve querer, que a leve outrem de o conservar, & sustentar no Reyno. Fazer, & não conservar, he insufficiencia de causas segundas inferiores: os effeitos das causas

causas primeiras dependem dellas *in fieri*, & *conservari*. He verdade, que muitas vezes tem maiores difficuldades o conservar, que o fazer; mas quem se gloria da feitura, não deve recusar o peso da conservação. Peccou Adam, decretou o Eterno Padre, que não havia de aceitar menor satisfação, que o sangue de seu Unigenito Filho. Notificou-se este decreto ao Verbo, (digamo-lo assim) & que vos parece, que responderia? *Ego feci, Ego feram*: Eu o fiz, Eu o sustentarei, diz por Isaías. A razão, com que o Filho de Deos se animou à conservação tão difficullosa, & tão penosa de Adam, foi com se lembrar, que elle o fizera: *Ego feci, Ego feram*. Para se persuadir a ser Redemptor, lembrou-se que fora Creador; & para conservar a Adam com todo o sangue, lembrou-se que o fizera com huma palavra. Nobreza de Portugal, já fizestes ao Rey, conser-

vallo agora, he o que resta, ainda que custe: *Ego feci, ego feram*. Muito foi fazer hum Rey com huma palavra; mas conservallo com todo o sangue das veas será a coroa de tão grande façanha. Sangue, & vidas he o que peço, que a tão illustres, & generosos animos petição fora injuriosa fallar em fazenda.

§. VIII.

164 **R** Esta que obrigação absoluta de pagar tributos sô o terceiro estado a tenha. E assim o diz o nosso passo, que como atêgora nos acompanhou, ainda aqui nos não falta. Da boca do peixe tirou S. Pedro a moeda para o tributo; mas perguntará algum curioso, que peixe era este, ou como se chamava? Poucos dias ha que eu me não atrevêra a satisfazer à duvida; mas fui-a achar decidida em hum Author estrangeiro de nossa Companhia,

panhia chamado Adamus Conthzem, pôde ser que seja mais conhecido dos Politicos ; que dos Escriurarios ; mas em huma, & outra couza he muito douto. Diz este Author, fallando do nosso peixe : *Piscis est apud Plinium, qui Faber dicitur, & piscis Sancti Petri Christianis* : Que he este hum peixe, a que hoje os Christãos chamaõ peixe de S. Pedro, & Plinio na sua historia natural lhe chama : *Faber*. Notavel couza : *Faber* quer dizer o official. Desorte que ainda no mar, quando se ha de pagar hum tributo, não o pagaõ os outros peixes, senão o peixe Official. Não pagou o tributo hum peixe fidalgo, senão hum peixe mechanico. Não o pagou hum peixe, que se chamasse Rey, ou Delfim, ou outro nome menor de nobreza, senão hum peixe, que se chamava Official : *Faber*. Sobre os officiaes, sobre os que menos podem, cahem de ordinario os tri-

Tom. II.

butos ; não sei se por ley, se por infelicidade ; & melhor he não saber porque.

166 Seguia-se agora, segundo a ordem, que levamos, exhortar o Povo aos tributos ; mas não cometerei eu taõ grande crime. Pedir perdaõ aos que chamei Povo, isso sim. Em Lisboa não ha Povo. Em Lisboa não ha mais que dous Estados, Ecclesiasticos, & Nobreza. Vassallos, que com tanta liberalidade despendem o que tem, & ainda o que não tem, por seu Rey, não são Povo. Vai louvando o Esposo Divino as perfeicoens da Igreja em figura da Esposa, & admirando o ar, garbo, & bizarria, com que punha os pés no chão, chama-lhe filha de Principe : *Quam pulchri Cant. 7. sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis* ! Não ha duvida, que no corpo politico de qualquer Monarchia, os pés, como parte inferior, significão o Povo. Pois se o Esposo louva o Povo da Monar-

K

chia

chia da Igreja, com que pensamento, ou com que energia lhe chama neste louvor filha de Principe: *Filia Principis*? A versão Hebraica o declarou ajustadamente. *Filia Principis, idest, filia populi sponte offerentis*. Onde a Vulgata diz, Filha de Principe, tem a raiz Hebraica, Filha do Povo, que offerece voluntaria, & liberalmente. E Povo que offerece com vontade, & liberalidade, não he Povo, he Principe: *Filia populi sponte offerentis: Filia Principis*. Bem dizia eu logo, que em Lisboa não ha tres Estados, senão dous, Ecclesiastico, & Nobreza. E se quizermos dizer que ha tres, não são, Ecclesiastico, Nobreza, & Povo, senão, Ecclesiastico, Nobreza, & Principes. E a Principes quem os ha de exhortar em materia de liberalidade?

167 Sò digo por conclusão, & em nome da Patria o encareço muito a todos, que ninguem repare em dar com generoso

animo tudo o que se pedit (que não será mais do necessario) ainda que para isso se desfaca a fazenda, a casa, o estado, & as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eraõ: *Vos estis sal terræ*. A agua deixado de ser agua, faz-se sal, & o sal desfazendo-se do que he, torna a ser agua. Neste circulo perfeito consiste a nossa conservação, & restauração. Deixem todos de ser o que eraõ, para se fazerem o que devem; desfacaõ-se todos como devem, tornarão a ser o que eraõ. Este he em summa o espirito das nossas quatro palavras: *Vos, estis, sal, terræ*.

§. IX.

168 **T**emos acabado o Sermão. E Santo Antonio? Parece que nos esquecemos d'elle; mas nunca falámos de outra cousa. Tudo

Tudo o que dissemos neste discurso foraõ louvores de Santo Antonio, posto que desconhecidos, por hirem com o nome mudado. Chamámos-lhe propriedades do sal, & eraõ virtudes do Santo. E senaõ, arribemos brevemente sobre ellas, & vamos-las discorrendo. Se a primeira propriedade do sal he preservar da corrupção, que espirito Apostolico houve, que mais trabalhasse por conservar incorrupta a Fé Catholica com a verdade de sua doutrina, com a pureza de seus escritos, com a efficacia de seus exemplos, & com a maravilha perpetua de seus prodigiosos milagres? Se a segunda propriedade do sal he, sobre preservativo, não ser defabrido, que Santo mais affavel, que Santo mais benigno, que Santo mais familiar, que Santo emfim que tenha huns braços tão amorosos, que por se ver nelles Deos, desceo do Ceo à terra, não para lu-

tar como Jacob, mas para se regalar docemente? Se a terceira propriedade do sal Apostolico era não ser de huma, senaõ de toda a terra; quem no Mundo mais sal da terra, que Santo Antonio? De Lisboa deixando a Patria, para Coimbra, de Portugal, com desejo de martyrio, para Marrocos, da arribada de Marrocos para Hespanha, de Hespanha para Italia, de Italia para França, de França para Veneza, de Veneza outra vez a França, outra a Italia, com repetidas jornadas: com os pés andou a Europa, & com os desejos a Africa, & senaõ levou os raios de sua doutrina a mais partes do Mundo, foi porque ainda as não tinhaõ descuberto os Portuguezes.

169 Se a quarta propriedade do sal foi ser sujeito das transformaçoes dos elementos, em que Santo se viraõ tantas metamorfoses, como em S. Antonio, transforman-

K ij do-se

do-se do que era , para ser o que mais convinha : De Fernando se mudou em Antonio , de secular em Ecclesiastico , de Clerigo em Religioso , & ainda de hum Habito em outro Habito , para maior gloria de Deos tudo , sendo o primeiro , em quem foi credito a mudança , & a inconstancia virtude. Finalmente se a ultima propriedade do sal he conseguir o seu fim desfazendo-se : quem mais bizar-

ra , & animosamente , que Santo Antonio , se tyrannizou a si mesmo , desfazendo-se com penitencias , com jejuns , com asperezas , com estudos , com caminhos , com trabalhos padecidos constante , & fervorosamente por Deos , atè que em trinta & seis annos de idade (sendo robusto por natureza) deixou de ser temporalmente ao corpo , para ser por toda a eternidade à alma , aonde vive , & vivirá sem fim ?



SERMAM

DAS QUARENTA


H O R A S,

Em Lisboa, na Igreja de S. ROQUE.

Anno de 1642.

*Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera
matris meæ, ut inueniam te foris, & deosculer
te, & jam me nemo despiciat?* Cant. 8.

§. I.

170  Ue occultos são os mysterios da Escri-
tura Divina: & que gran-
de Doutor he o tempo!
Não ha melhor interprete
das profecias, que o suc-
cesso das cousas profetiza-
das: nem ha discurso mais
Tom. II.

certo para alcançar o que
se não entende, que o
discurso dos annos. As pa-
lavras, que propuz, são
dos famosos Canticos de
Salamaõ, em que nenhuma
ha, que não esteja pre-
nhe de grandes mysterios.
Todos os Santos Padres;
& Doutores Sagrados as
entendem conformemen-
te de Christo Redemptor
K iij nosso,

nosso, & de sua Esposa a Igreja; mas em diferentes sentidos. Santo Ambrosio, Santo Athanasio, & S. Gregorio Papa reconhecem nellas o mysterio altissimo da Encarnação do Verbo, na qual o Filho de Deos, vestindo-se da natureza humana, apparentou comnosco, & se fez irmão nosso: *Quis mihi det te fratrem meum?* S. João Chrysostomo depois de encarnado o mesmo Senhor, o reconhece já nascido, & aos peitos virginaes de sua Santissima Mãe: (sua, & nossa) *Sugentem ubera matris meae.* Theodoreto, Aponio, & Ruperto não com menos propriedade das mesmas palavras, depois de encarnado, & nascido, o adorarão no altar Sacramentado, para alimento suavissimo das almas, pelas mesmas portas do sentido do gosto: *Et deosculer te.*

171 Aqui pararão, & não disserão mais os Expositores antigos; sendo sem duvida que se alcan-

çaraõ a viver na nossa idade, descobririaõ com a experiencia, & com a vista, o que nós estamos vendo neste grande theatro. Não sò desejava a Esposa, (quando ainda não tinha outro ser que o profetico, & figurativo) não sò desejava a Igreja entãõ ver a seu Esposo Christo Sacramentado; mas a respeito da sua presença Sacramental, como causa, considerava nella tres effeitos particulares, tão maravilhosos, como novos. O primeiro, ver o mesmo Sacramento exposto, & manifesto, & que sahisse fora dos sacrarios, donde está encerrado: *Ut inveniam te foris.* O segundo, que o fim de se defencerrar, & apparecer em publico, fosse hum novo invento: *Inveniam:* por virtude do qual ninguem mais desprezasse a mesma Igreja: *Et jam me nemo despiciat.* O terceiro, suspirar, & desejar ardentemente que acabasse já de vir ao Mundo o Author desta grande obra,

obra, & duvidar quem se-
ria: *Quis mihi det?*

172 Este he o funda-
mento, & este assim divi-
dido, será o argumento do
que pertendo dizer. Para
prova, & evidencia de tan-
tas cousas juntas, & tão
maravilhosas, nem da par-
te do Prégador eraõ ne-
cessarios discursos, nem
da parte dos ouvintes en-
tendimento: os olhos, & a
memoria bastavaõ. Lem-
bre-se a memoria do que
foi, & do que vio no tem-
po passado: abraõ-se os
olhos ao que he, & ao que
vém no presente; & esta
sõ lembrança, & esta sõ
vista bastará para que co-
nheçamos, & demos gra-
ças a Deos pela differença
tão notavel de tempo a
tempo. Agora me pudéra
eu descer do pulpito, &
sõ com esta advertência
deixar à memoria, & aos
olhos a consonancia, &
dissonancia de tudo o que
melhor se pôde conside-
rar, que dizer.

173 A Filosofia da
consonancia, & dissonan-

cia ainda em huma sõ pa-
lavra, ou syllaba, he tão
admiravel, como pouco
advertida. Sendo a conso-
nancia concordia do som,
& a dissonancia discordia:
& sendo o som hum mo-
vimento successivo, que
perde humas partes, quan-
do acquire outras; he cer-
to que quando a parte,
que soa, & existe no ou-
vido, se ouve, a parte, que
passou já não se ouve;
porque já não existe, nem
soa: como pôde logo ser,
que do que se ouve, & do
que se não ouve, se forme
a consonancia, ou disso-
nancia? O como, ou modo
natural desta Filosofia, he,
que a parte do som, que
passou, ainda que já não
soa, nem existe no ouvido,
existe porém, & persevera
na memoria: & da parte
do som passado, que per-
severa na memoria, junta
com a parte do som pre-
sente, que continua no
ouvido, resulta entre o
ouvido, & a memoria a
consonancia, ou dissonan-
cia das vozes. Troque-

mos agora os sentidos, & do ouvir passemos ao ver, & entre os olhos, & a memoria veremos no nosso caso a mesma maravilha. Ponha-se neste fermoſo theatro a memoria deſfrente da viſta, & a viſta deſfrente da memoria: & na contraposição deſtes dous eſpelhos ſe verá a conſonancia maravilhosa do thema, iſto he, da profecia com o profetizado: & a diſſonancia ainda mais admirável dos tempos, iſto he, do paſſado com o preſente. O paſſado tão deſcompoſto, o preſente tão modeſto: o paſſado tão diſforme, o preſente tão reformado: o paſſado tão abominavel, o preſente tão louvavel: o paſſado tão gentilico, o preſente tão chriſtão: o paſſado tão impio, & o preſente tão ſanto.

174 Assim que a memoria, & a viſta me deſobrigavaõ de quanto poſſo dizer. Mas porque a ſenſibilidade fraca da noſſa natureza não percebe

os diſcurſos, & conſequentialas do ſilencio, nem os encarecimentos mudos da admiração, que he a mais eloquente Rhetorica; ſendo forçoſo que eu haja de fallar; para que diga alguma couſa digna do que a memoria admira na viſta, & do que a viſta quaſi não pôde crer à memoria; recorramos à Fonte, & à Mãe da graça, para que com ella nos aſſiſtaõ. AVE MARIA.

§. II.

Quis mihi det?

175

Aſſim como na entrada do Templo de Salamaõ eſtava edificado hum Portico do meſmo nome, lugar tambeem ſagrado, ao qual primeiro ſe entrava, & delle, & por elle ao Templo: ou (para que uſemos de melhor, & mais alto exemplo) aſſim como no Sacroſanto ſacrificio do Corpo de Chriſto, antes de o Sacerdote ſubir ao altar,

altar, pára primeiro na entrada, & considera aonde ha de entrar, com as palavras de David: *Introibo ad altare Dei*; & com profunda inclinação, batendo nos peitos, confessa a propria indignidade para tão soberanos mysterios; & este rito, & sagrada cerimonia se chama o Introito da Missa: assim antes de entrar no santo tempo da Quaresma, que he o templo da Penitencia, & o sacrificio, em que não só se representa o da nossa redempção, mas nós também sacrificamos os nossos corpos ao jejum, & às outras mortificações, & penalidades dos senridos: assim, digo, ordenou a Igreja antigamente, para que esta entrada não fosse subita, & sem a devida preparação, que nos dias antecedentes aos quarenta seguintes, os altares se vestissem de luto, no canto Ecclesiastico cessassem as alleluias, & tudo quanto se visse, & ouvisse nos Officios Divinos, fossem

os pregoens, & ensayos da mesma Quaresma, os quaes como tão religiosos, & pios, se chamavaõ o Introito, ou Entrada santa: *Sanctus Introitus*.

176 Durou esta obfervancia, & costume verdadeiramente christão, por muitos annos, em que florescia a Igreja; mas emfim prevalecêraõ contra elle, & contra ella os abusos, & profanidades gentlicas com tal excesso, que as intemperanças dos jogos furiosos de Bacho, chamados por isso *Bacchanalia*, se passáraõ para estes mesmos dias; & porque Luso filho do mesmo Bacho foi o que deo o nome à nossa Lusitania, nella, como peste hereditaria, não lançáraõ menores raizes. Chegou a tanto o desprezo da mesma Christandade entre os Christãos nestes dias, qual S. Pedro Chrysologo Arcebispo de Ravenna o descreve dos gentios de sua Diecesi no primeiro dia do anno. Diz que inventou o demo-

demonio aquelles, que elle chama portentos de impiedade, & doudice : & a que fim? Ouçamos as palavras do mesmo Santo, que parece fallavaõ de nós, & connosco. *Ut ridiculum de religione componeret, ut in sacrilegium verteret sanctitatem, ut de honore Dei Deo pararet injuriam.* Tudo o que a Igreja tinha instituido nestes dias, era religião, era santidade, era honra de Deos. E estava tão trocado, & profanado tudo ; que o que era honra de Deos, se tinha convertido em injurias do mesmo Deos : *Ut de honore Dei Deo pararet injuriam* : o que era santidade, se tinha transformado em sacrilegios : *ut in sacrilegium verteret sanctitatem* : & do que era religião, se tinha composto o ridiculo : *ut ridiculum de religione componeret.* E que ridiculo foi este, composto do que era religião ? Foi o nome, que todos sabemos ; mas não sei se reparavamos na composição

delle. Estes dias pelas obras religiosas, & pias, com que nelles se preparavaõ os Christãos para entrar no tempo santo da Quaresma, chamavaõ-se, como dissemos, *Sanctus Introitus* : & os mesmos Christãos depravados, por desprezo, & por materia de riso, tinhaõ composto do mesmo nome outro tão ridiculo, que em lugar de lhe chamarem, *Sanctus Introitus*, lhe chamavaõ, *Santo Entrudo.* Não me atrevêra a nomear deste lugar tal indecencia, senão fora tanto do nosso caso, & do que logo hei-de dizer sobre ella.

177 E que faria a Igreja Catholica assim desprezada, & afrontada no meyo de tantos escandalos, tão continuos, tão publicos, & tão alheynos da modestia, compostura, temperança, & sobriedade Christã? Chorava, gemia, & suspirava pelo remedio : *Quis mihi det?* mas não havia quem lho dêsse. Passavaõ huns Pontífices, & outros

& outros Pontifices, & desprezavaõ-se suas censuras: passavaõ huns Reys, & outros Reys, & desobedeciaõ-se seus decretos: nasciaõ, & cresciaõ humas, & outras Religioens, & seus Santissimos Patriarchas, & posto que todos prégavaõ com celestial espirito, & zelo contra estas impiedades, ellas não sô não admittiaõ cura, mas como convertidas em natureza, se reputavaõ incuraveis. Porêm como a Providencia Divina para maior ostentação de sua Omnipotencia se preza de obrar as cousas maiores por meyo dos instrumentos mais pequenos; assim como para derrubar o Gigante Filisteo escolheu entre os filhos de Jesse o ultimo, & de menor idade, que foi David, o qual armado sô do nome do Deos de Israel, como elle mesmo lhe disse, lhe cortou a cabeça, & a levou em triumpho: assim entre todas as sagradas Religioens escolheu Deos a de

menoridade, & ainda menor que menor, a minima Companhia de J E S U, para em virtude do mesmo Nome Santissimo derrubar, degollar, & triumphar deste monstro composto de todos os vicios, taõ abominavel em si, como na composição, ou decomposição de seu nome.

178 Começou a Christandade a dar-se o parabem deste novo, & admiravel invento; mas sofrendo mal a emulação que fosse authora, & inventora d'elle hum Religiaõ taõ nova; houve quem calumniasse satyricamente esta mesma solemnidade das Quarenta Horas, dizendo com mordacidade discreta, senão fora impia, que os Padres da Companhia, porque não tinhaõ Santos, a quem festejar, festejavaõ o *Santo Entrudo*. Verdadeiramente, Senhor, que a constellação, com que nascestes Sacramento neste Mundo, foi de que nunca vos houvessem de faltar traidores.

Sacra-

Sacramentou-se Christo na mesma noite, em que

1. Cor. o estavaõ entregando : *In*

11. 23. *qua nocte tradebatur* : & sacramentou-se com profecia de que o haviaõ de entregar :

Ibidem *Quod pro vobis tradetur* :

24.

Quanto à primeira parte da calumnia, já a Companhia por mercè de Deos tem Santos, a que tambem festeja : já os seus altares estaõ bastantemente authorizados de Santos Confessores, & os seus Martyres são tantos, que não cabem nos altares. E quanto ao ridiculo da segunda parte, *Ut ridiculum de Religione componeret* : saiba o juizo, onde se forjou esta mal limada agudeza, que quando a Companhia não viera ao Mundo mais que para lhe dar esta volta, seria bem empregado o seu Instituto : & quando o espirito, & zelo de que Deos por sua bondade a dotou, não tivera obrado outra cousa grande ; bastava este sô milagre, que estamos vendo, para a canonizar por

santa. Mas antes que passemos a esta demonstração, que será a coroa do nosso discurso, sigamos por sua mesma ordem as palavras do thema.

§. III.

179

IA vimos quem foi o inventor, *Quis mihi det* ? Segue-se agora a traça, o artificio, & a efficacia do invento : *Ut inveniam*. O invento foi, diz a mesma Igreja, que o mesmo Christo Sacramentado, que nestes dias tinha razão para se ausentar de nós, apparecesse em publico, & defencerrado do interior dos sacrarior, onde estava occulto, sahisse fora : *Ut inveniam te foris*. Diremos logo que porque o Mundo nestes dias andava tão fora de si, quiz tambem o Senhor do mesmo Mundo sair fora ? Sim ; & não foi esta a vez primeira. Ouçamos ao grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio sobre o *foris* do nosso thema.

ma. *Fortis factus est, qui erat intus*: O Filho de Deos, que estava dentro, sahio fôra. E onde estava dentro, & quando sahio fôra? O mesmo Santo. *Vide illum intus, quando legis, quod in sinu est Patris: agnosce illum foris, quando nos quaesivit, ut redimat*: Estava o Verbo Divino dentro, quando estava occulto no Sacratio do Seyo do Padre: *Unigenitus, qui est in sinu Patris*. E sahio fôra, quando vestido de nossa carne para nos salvar, nos veyo buscar ao Mundo: *Exiui à Patre, & veni in Mundum*. Vai por diante o mesmo Ambrosio. *Foris sibi factus est, ut mihi intus esset*: Sahio fôra de si, para estar dentro em mim.

180. O fim das sa- hidas foraõ, & saõ as en- tradas. Já fôra; & já den- tro o mesmo Christo; mas com effeitos sempre mais maravilhosos, ou encarnado, ou commun- gado, ou desencerrado, & exposto. Encarnado sahe de si para entrar em nós:

Foris sibi factus est, ut mihi intus esset: commungado sahe de si, para que nós entremos nelle: *In me ma- net, & ego in illo*: & desen- cerrado, & exposto, sahe a nós, para que nós en- trassemos em nós: *Ut in- veniam te foris, & jam me nemo despiciat*. Recorra- mos à memoria, & ella nos dirá quam fôra de Deos, & quam fôra de si anda- vaõ os homens nestes dias. Andavaõ taõ fôra de Deos, que não pareciaõ Christaõs: & andavaõ taõ fôra de si, que não pare- ciaõ homens. Pois para que tornem em si os que esquecidos da humanida- de andavaõ taõ fôra de si: & para que se tornem a Deos, os que taõ esqueci- dos da Christandade anda- vaõ taõ fôra de Deos; saya Deos tambem, & appareça fora: *Ut inveniam te foris*.

181 Nasce Christo em Belem, & não dentro, se- não fôra da mesma Cida- de: *Non erat ei locus in di- versorio*. Mas porque ra- zão em Belem, & não den- tro,

Joan. 6.
57.

Luc. 24
7.

tro, senão fôra? Para intelligencia do que heide responder, he necessario suppor duas cousas, huma, que sabem todos os doutos, outra, que poucos tem advertido. A primeira he, que Christo Senhor nosso tem dous corpos, hum natural, outro mystico, & ambos verdadeiros. O natural he o que nasceo no Presépio, & morreo na Cruz: o mystico he a congregação universal de todos os Fieis, por outro nome a Igreja, cuja cabeça he o mesmo Christo, & os Fieis somos os membros. Esta supposição he de Fé expressa em muitos lugares de S. Paulo: *Vos autem estis corpus Christi, & membra de membro* E em outro lugar: *Quia membra sumus corporis ejus, &c.* A segunda cousa também certa, & de poucos advertida, he, que o corpo natural de Christo foi figura de seu corpo mystico; de tal sorte, que as acções de sua vida erão profecias dos

successos futuros da sua Igreja.

182 As acções de Christo Senhor nosso no tempo, em que viveo neste Mundo, demonstravaõ sòmente o que eraõ, & o que obração: mas para os tempos futuros da sua Igreja, em que entraõ os nossos, significavaõ o que entãõ havia de ser, & o que o mesmo Senhor havia de obrar nella. Assim se colhe de outro Texto do mesmo S. Paulo, no qual diz, que a idade do corpo mystico de Christo, que he a Igreja, se ha de medir pela idade do corpo natural do mesmo Christo, & que nella ha de ter o seu complemento. Isto querem dizer aquellas palavras: *In mensuram ætatis plenitudinis Christi.* E neste sentido as declarou literalmente o Eminentissimo Cardeal Guzano, Author naõ sò sapientissimo, mas extratico, em tratado particular desta materia, escrito ha perto de trezentos annos. Isto supposto, torne

1. Cor
12. 27.

Ephes.
15. 30.

E
4

ne

ne agora a nossa queſtaõ. Christo nasceo em Belem, & não dentro, ſenaõ fõra da Cidade: & ſe elle como Senhor de tudo nasceo onde quiz, & como quiz; porque razã em Belem, & porque razã não dentro, ſenaõ fõra?

183 Quanto à primeira parte, Santo Agostinho, S. Gregorio Papa, S. Bernardo, & todos os Santos communmente, dizem, que quiz o Senhor nascer em Belem, porque Belem quer dizer, *Domus panis*, Casa de paõ: em profecia, que debaixo de especies de paõ havia de tornar a nascer outra vez, como nasceo, no ultimo dia de ſua vida, & nasce todos os dias por virtude das palavras da conſagração no Santissimo Sacramento do altar. Eſte foi o myſterio de nascer em Belem. E o myſterio de nascer não dentro, ſenaõ fõra da meſma caſa de paõ, era profecia tambem, que viria tempo, em que debaixo das meſmas especies

lhe ſeria neceſſario ſair fõra, como deſejava a Eſpoſa: *Et inveniam te foris*: a fim, como ella tambem diz, porque ſaindo aſſim em publico, conſeguiria a preſença de Sua Mageſtade o respeito, que os homens tinhaõ perdido à ſua Igreja: *Et jam me nemo deſpiciat*.

184 Digaõ agora os olhos, & a memoria, ſe he iſto o que vimos, & o que vemos. Mas porque ainda viſto parece fabula, vejamos em hum eſpelho tambem fabuloſo a cauſa de taõ eſtranha mudança. Naquelle grande tempeſtade, em que ſegunda vez ſe vio perdida Troya, & tambem perdida Roma, antes de o ſer, (porque nas ruinas de huma naufragavaõ os fundamentos da outra) introduz o Principe dos Poetas Latinos ao deos Neptuno, que ſahira em peſſoa a pôr em paz a tormenta; & para representar, que o meſmo foi apparecer o Deos ſobre as ondas, que parar ſubi-

subitamente a furia dos ventos discordes, traz esta comparaçãõ.

Æncid.
I.

*Ac veluti magno in populo
cum saepe coorta est*

*Seditio, sævitque animis
ignobile vulgus;*

*Jamque faces, & saxa vo-
lant; furor arma mi-
nistrat:*

*Tum pietate gravem, ac
meritis si forte virum
quem*

*Conspexere, silent, arre-
ctisque auribus adstant.*

185

Vistes o que cada dia acontece nos povos, & Cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos huma briga, ou arruido subito, que na campanha se pudéra chamar batalha? todos puxaõ pelas armas, & saõ armas tudo o que de mais perto se offerece às maõs: chovem os golpes, voaõ as pedras: huns ferem, outros cahem, todos correm, & acodem sem saber a quem, ou contra quem, nem a causa: huns incitados do odio, & da ira; outros sem ira, nem odio,

tudo he grita, tudo desordem, tudo confusaõ. No meyo porẽm deste tumulto popular, se apparece huma personagem de grande authoridade, & respeito, no mesmo ponto abatem todos as armas, embainhaõ as espadas, aparta-se sem outra violencia a briga, & naõ ha quem se mova. Tal aconteceo naquella tempestade do mar (diz o Poeta) tanto que appareceo o Deos Neptuno: & muito melhor direi eu: Tal he o que se vio nas nossas tempestades da terra taõ furiosas, tanto que appareceo no meyo dellas o Deos verdadeiro. Que era Lisboa, que era o Mundo nestes dias, se-naõ hum mar tempestuoso, & huma tormenta desfeita? Soltava-se a gula, defrenava-se a ira, libertava-se a injustiça, desbaratava-se o fiso. E com estes quatro ventos taõ soltos, & furiosos, que ondas se naõ levantavaõ entre os homens de afrontas, & injurias mal sofridas?

186 Que

§. IIIL

186 Que naufragios não fazia a compostura, & urbanidade politica, a modestia, & a charidade Christã, & a mesma vida, sem causa nas brigas, nos insultos, nas feridas, nas mortes, sendo os instrumentos deste destroço a agua, o fogo, o ferro, as pedras, & tudo o que podia inventar a locura, & occorrer ao furor: emfim propriamente, & sem metafora: *Faces, & saxa volant: furor arma ministrat*. E quem imaginára que toda esta tempestade a havia de serenar huma nuvem, da qual mais naturalmente se podiaõ esperar, ou temer rayos? Mas assim a serenou com o silencio, & attenção que vemos: *Silent, arrectisque auribus adstant*. Porque naquella nuvem branca appareceo sem apparecer o Senhor do mar, & dos ventos: *Qualis est hic, quia venti, & mare obediunt ei?*

187 **I**A nestas ultimas palavras tenho feito christã a comparação fabulosa. Pela travessia do mar de Tiberiades navegava Christo com os Apostolos, quando se levantou huma tal tempestade, que elles, com serem creados no mar, se deraõ por perdidos. O Senhor no mesmo tempo dormia: *Ipse verò dormiebat*. Esperáraõ-no a grandes vozes, dizendo: *Salva nos perimus*. E que faria, & diria aquella vigilante Providencia, que ainda quando dorme não dorme? Aos Apostolos reprehendeo-os de pouca Fé: *Modice fidei*: ao vento mandou-lhe que parasse: ao mar que se não bolisse: & no mesmo ponto o que era furiosa tempestade, ficou a mais sossegada bonança: *Imperavit ventis, & mari: & facta est tranquillitas magna*. Em tudo foraõ semelhantes aquelle caso, & o

Ibidem
24.

nosso ; porém no nosso maior a tempestade, maior o milagre, & maior a Fé. Maior a tempestade, porque a daquelle dia levantárao-ná os mares, & os ventos, que sempre obedecem a seu Creador : a destes dias levantava-a o appetite, a paixão, & o livre alvedrio humano, cuja rebeldia só pôde resistir a Deos, & dizer-lhe na cara, Não quero.

188. Maior o milagre, porque lá fôí necessario espertar Christo do somno, levantar-se, apparecer visivel aos dous elementos, reprehendellos, como

Luc. 8. diz S. Lucas : *Incepavit* :

24.

& mandar-lhe com imperio, que se sossegassem : *Imperavit ventis*. Porém cá sem apparecer, nem se mostrar visivel, sem fallar, sem reprehender, sem mandar, & sem acordar do somno, sendo tantos os elementos alterados, quantos são os homens, todos se sossegárao em hum momento, & se puzerao na paz, que vemos.

E disse, Sem espertar do somno ; porque o somno não he outra cousa, que huma doce prisão de todos os sentidos do corpo : & tal he o estado do corpo de Christo no Sacramento, por força do modo sacramental : (a que os Theologos chamao, *Ubi definitivo*) & posto que o Senhor alli nos está vendo sempre com os olhos da Divindade, em quanto Deos ; & com os olhos da alma, em quanto homem : os do corpo não são lhos. vendou o nosso amor, mas lhe embargou juntamente de todos os outros sentidos o uso.

189. Finalmente fôí maior a Fé ; porque a Fé dos Apostolos naquelle tempo era muito fraca : *Modice fidei*. Muito fraca ; porque cuidárao, que Christo podia menos dormindo, que acordado : muito fraca ; porque bastando a vontade do Senhor somente para o milagre, forao necessarias todas aquellas acçoens exteriores,

lores, & visíveis, para que elles cressem, que a obediencia dos ventos era effeito do seu imperio; & por isso lhe tornou a dizer então: *Ubi est fides vestra?* Em summa, muito fraca; porque como affirma expressamente entre os Padres antigos S. Joáo Chrysostomo, & entre os Expositores mais graves Dionysio Carthusiano, os Apostolos naquella tempo ainda não criaõ a Divindade de Christo. E quando os Apostolos da primeira Companhia de Jesu na tempestade de Tiberiades, que era hum lago, tiveram tão pouca Fé: a Fé dos Apostolos da segunda Companhia do mesmo Jesu (nome, que ella deve a Portugal) foi tão grande, tão animosa, tão firme, que sendo a tempestade maior que o mar, & tão immensa, como o Mundo todo, créaõ, entendéraõ, & suppuzeraõ com evidencia, que para o mesmo Senhor a sossegar em hum momento,

naõ era necessário acordar, nem levantar-se, nem fallar, nem mandar, nem mostrar-se visível, nem correr aquella cortina, que o leito da barca não tinha, mas debaixo, & cuberto della sair somente fora: *Ut inveniam te foris,*

190 Este fim, que foi o maior triunfo do Sacramento do Corpo de Christo, & se pôde dizer com razãõ, que permittio Deos esta grande tempestade só para estabelecer a Fé do mesmo Sacramento. Depois do famoso milagre da multiplicação dos paens no deserto, seguiu-se immediatamente o milagre de outra tempestade, que padeceo a barca de S. Pedro, a qual o mesmo Christo sossegou com sua presença. E porque não se pudesse cuidar, que a consequencia destes dous milagres succederia acafo, notaõ os Euangelistas, que obrado o primeiro milagre em terra, logo o Senhor dispoz o segundo, que havia de obrar no

mar, obrigando os discipulos por força a que se embarcassem: *Et statim coegit discipulos suos ascendere navim*, diz hum Euan-

gelista. E outro: *Et statim compulit discipulos ascendere in naviculam*. Notem-se

as duas palavras, *coegit*, & *compulit*, que ambas significão a resistencia dos discipulos; o empenho do Mestre; & ser a viagem forçada. Qual foi logo a razão, ou o mysterio, porque ordenou o Senhor, que ao milagre de multiplicar os paens, succedesse immediatamente, *statim*, o de aplacar a tempestade? Admiravelmente o

descubrio S. Marcos. *Cessavit ventus, & plus magis intra se stupebant; non enim intellexerant de panibus*.

Tanto que viraõ cessar a tempestade, pasmáraõ muito mais todos: & pasmáraõ, porque não tinhaõ entendido o milagre dos paens. Desorte que ordenou o Senhor, que ao milagre da multiplicação dos paens succedesse immedia-

tamente o da tempestade fozsegada com a sua presença, para que o testemunho do segundo milagre confirmasse a verdade do primeiro; & a evidencia da tempestade aplacada, que viaõ, lhes ensinasse o mysterio dos paens multiplicados, que não entenderão: *Non enim intellexerunt de panibus*. Ora vede:

191. O milagre dos paens multiplicados foi o primeiro ensaio, ou a primeira prova do Sacramento; porque assim como Christo multiplicou o pão, & com elle multiplicado sustentou tantos mil homens; assim debaixo das especies de pão havia de multiplicar o Sacramento de seu Corpo, que no mesmo Sacramento está multiplicado em todas as partes do Mundo. Tanto assim, que sobre aquelle mesmo milagre, como consta do capitulo sexto de S. Joaõ, assentou Christo toda a Fé, & doutrina do que elle ensinou, & nós cremos do Santissimo Sacramento

eraimento do altar. Sobre
 6. aquelle milagre disse: *Hic
 9. est panis, qui de caelo descen-
 dit*; sobre aquelle milagre
 disse: *Caro mea verè est ci-
 bus*; sobre aquelle milagre
 disse: *Qui manducat hunc
 panem, vivet in æternum*. E
 como os discipulos não en-
 tendêraõ os mysterios oc-
 cultos do paõ multiplica-
 do; por isso o Senhor
 ajuntou logo ao milagre
 do paõ multiplicado o da
 tempestade fofsegada sô
 com a sua presença, para
 que a experiencia manife-
 sta do milagre, que viaõ,
 os instruisse, & confir-
 massê na Fé do que não
 entendêraõ: *Cessavit ven-
 tus, & plus magis intra se
 stupebant; non enim intelle-
 xerunt de panibus*.

192 Mas com quem
 fallarei eu agora? Passo da
 terra ao mar, & fallo com-
 vosco, & navegantes des-
 sas naos Septentrionaes,
 que de todos os portos do
 Norte vos achais agora no
 de Lisboa. Muitos de vós
 enganados por Calvino,
 por Beza, por Zuínglio,

Tom. II.

& pelos outros Hereges;
 negais a Fé, & verdade da
 presença de Christo no Sa-
 eramento: & que vós di-
 rei eu para vos convencer?
 Lembrai-vos do que visteis
 neste mesmo Emporio,
 & nestes mesmos dias, &
 abri os olhos ao que agora
 podeis ver. Lembrai-vos
 da tempestade, que nestes
 dias visteis em Lisboa, ma-
 ior que todas, as que ex-
 perimentastes no mar, &
 por medo da qual vos não
 atrevieis a sair em terra;
 & se algum sahia, ou tor-
 nava ferido, ou não tor-
 nava. E vendo agora a
 tempestade convertida em
 tão estupenda bonança,
 toda aquella guerra em
 paz, todo aquelle tumulto
 em silencio, todas aquellas
 doudices em siso, & toda
 aquella confusão, & per-
 turbação das ruas, & pra-
 ças em piedade, em deva-
 ção, & em culto Divino
 nas Igrejas: com a vista
 defronte da memoria, &
 os effeitos à vista da causa,
 deste segundo, & tão evi-
 dente milagre não pode-
 reis

L. iij

reis negar a Fé, & verdade do primeiro. Obrigados pois a conhecer, & confessar, a pezar da heresia, & do inferno, que dentro daquelle círculo breve, & debaixo daquelles accidentes, que parecem de pão, está realmente presente o verdadeiro, & todo poderoso Deos; pois só a sua Omnipotencia podia obrar huma tão prodigiosa mudança, sem outro instrumento, ou meyo natural, & humano mais, que abrirem-se as portas ao sacrario, onde o Divinissimo Sacramento estava encerrado, & sair fóra: *Ut inveniam te foris*:

§. V.

193 **O** Que a Igreja Catholica (deixados os Hereges) se prometteria deste novo, & milagroso invento, era que ninguem depois d'elle a desprezaria: *Et jam me nemo despiciat*: & tornando a fallar comnosco, mostremos aos olhos este mi-

lagre, & fechemos todo o discurso com huma chave, se eu me não engano, de ouro. Pregado Christo na Cruz, era tão deshumano o odio de seus inimigos, que ainda alli lhe multiplicavaõ as dores, as injurias, as afrontas, & com varias illusoens, & allusoens ao que tinha dito em vida, as blasfemias. Blasfemavaõ-no os Escribas, & Fariseos, blasfemavaõ-no os Principes dos sacerdotes, blasfemavaõ-no os soldados, que lhe jugáraõ as vestiduras, blasfemavaõ-no todos os que assistiaõ no Calvario, & até os que passavaõ de longe, lhe não perdoavaõ as blasfemias: *Prætereuntes blasphemabant eum*.

194 Espirou emfim o Senhor mais depressa do que se imaginava. Quiz-se assegurar hum soldado de que estava morto, abrindo-lhe o peito com a lança: *Unus militum lancea pertransiit eum*. Sahio da ferida sangue, & agua: *Exiit sanguis, & aqua*: & desde

desde o mesmo ponto se trocárao as cousas de forte, que aos opprobrios succedérao obsequios, às afrontas honras, às injurias, & blasfemias veneraçoes não imaginadas. Esta foi a mudança subita, & tão digna de reparo, que o mesmo Euangelista a notou, & quiz que todos a advertissem. Acabava de narrar o acto cruel da lançada, & logo accrescenta com ponderação enfatica: *Post hæc autem*; Porém depois disto. E depois disto que foi? Tudo o contrario do que dantes tinha sido.

195. Tres vezes repete S. João o *autem*, ou o porèm da differença. *Post hæc autem rogavit Pilatum Joseph ab Arimathæa: Venit autem & Nicodemus, qui venerat ad Jesum nocte: erat autem in loco, ubi crucifixus est, hortus, & in horto monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.* Antes da gora os discipulos publicos, & conhecidos fugiraõ; *Post*

hæc autem; porèm agora os discipulos, que eraõ occultos, se publicáraõ, & declaráraõ descubertamente pela sua parte, & em serviço de seu Mestre, & Senhor. Atègora não havia quem se atrevesse a fallar por elle huma palavra, nem a lhe dar huma sede de agua: *Post hæc autem*; porèm agora, *audacter*, animosamente, & sem temor entráraõ pelo Pretorio de Pilatos a demandar o Sagrado Corpõ, para lhe dar honorifica sepultura. Atègora tinha mandado Pilatos, que para morrer mais depressa, lhe quebrassem os ossos, comõ aos outros dous crucificados: *Ut frangerentur eorum crura*; *Post hæc autem*, porèm agora o mesmo Pilatos não sò concedeo liberalmente o que era vedado a todos os que morriaõ por justiça; mas fez doação do Corpõ defunto, como diz S. Marcos: *Donavit Corpus Joseph*; para que se lhe fizessem as exequias, & honras publi-

Marc.
15. 43.

Joan.
19. 31.

Marc.
15. 45.

cas, succedendo à desnudez as olandas, às feridas os balsamos, & aromas, & à pobreza, & desemparo o culto, a veneração, & a pompa funeral: *Sicut mos est Judæis sepelire.*

Joan.
19. 40.

196 Dous discipulos, ou criados fieis, Joseph, & Nicodemus, foraõ os ministros destas finezas, & nelles se representáraõ todos os estados, & nellas todas as virtudes Christãs, que vemos, & já não admiramos neste fermoso concurso, rudo notado pelos quatro Euangelistas. Concorreraõ os Príncipes: *Princeps Judæorum*:

Joan.
3. 1.

Luc. 23.
51.

lhos: *Hic non consenserat consilio eorum*: concorreraõ os Doutores, & Le-

Joan.
3. 10.

trados: *Tu es Magister in Israel*: concorreio a No-

Marc.
15. 43.

breza, & a Milicia: *Nobilis Decurio*: concorreraõ os naturaes; & os estra-

Luc. 23.
51.

ibidem
50.

Matth.
27. 57.

nhos: *Ab Arimathæa civitate Judææ*: concorreio a bondade, & a justiça: *Vir bonus, & justus*: concorreio a riqueza: *Quidam homo*

dives: concorreio a liberalidade, ou mais propriamente a prodigalidade: *Ferens mixturam myrrhæ, & aloes, quasi libras centum*: concorreio finalmente em tudo o asseyo, o primor, o preço, a decencia, & a novidade, não havendo coufa, que houvesse tido outro uso, ou servisse a outrem: a mortalha nova: *Mercatus sindonem*: & a sepultura nova: *Monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.*

Ma
15.
Joa
19.

197 Ao nosso ponto agora. Supposto que esta mudança tão notavel de afrontas, & desprezos de Christo em obsequios, & veneraçoes do mesmo Christo se seguiu immediatamente ao golpe da lança: *Post hæc autem*; que segredo, que mysterio, ou que effeito obrou aquella lançada, para que della resultasse huma tão prodigiosa mudança? Por ventura foi a chaga do lado, que se abriu no peito do Senhor? Não foi a chaga, que se abriu; mas foi o que por ella

ella logo sahio : *Continuò exiuit sanguis, & aqua.* Ora vede. Todos os Santos Padres sem exceição alguma dizem que assim como do lado de Adam dormindo tirou Deos a costa, de que formou a Eva; assim do lado de Christo morto sahírao os Sacramentos, de que formou sua Esposa a Igreja. Mas entre effes mefmos Sacramentos houve huma grande differença: porque os outros Sacramentos sahírao do lado de Christo symbolicamente, & sò em representaçãõ; porèm o Santissimo Sacramento do altar sahio em realidade. O que sahio, foi sangue, & aqua: & aquelle Sangue he realmente o mesmo, que adoramos no caliz; & o caliz usual, em que Christo o consagrou, & nós o consagramos, tambem levou, & leva juntamente aqua. E como aberto o lado de Christo, sahio fôra o Santissimo Sacramento: *Exiuit sanguis, & aqua*; por isso no mesmo ponto as afrontas, &

desprezos de Christo cessárao, & se convertérao em obsequios, & veneraçoens, que he o que a Esposa esperava, & dizia: *Ut inveniam te foris, & jam me nemo despiciat.*

198 Notou neste caso Santo Agostinho, que naõ disse o Euangelista, que o soldado ferio o lado, senaõ que o abriu: *Non dixit; percussit, aut vulneravit, sed aperuit.* E disse, *aperuit*, com grande mysterio, acordo, & advertencia, como accrescenta o mesmo Santo: *Vigilanti verbo*; porque no sacrario do peito de Christo estava encerrado o Divinissimo Sacramento, & tanto que as portas do mesmo sacrario se abrírao com o ferro da lança, que foi a chave: *Lancea latus ejus aperuit*; assim como no mesmo ponto, *Continuò*, sahio fôra naõ em figura, senaõ em realidade, & em sua propria substancia o Sacramento: *Exiuit sanguis, & aqua*: assim no mesmo ponto, em que elle sahio, entrá-

entrárao os homens em si,
& se seguírao as maravil-
has de tão prodigiosa mu-
dança : *Post hæc autem.*
Deste modo o tinha eu
imaginado, não sem gran-
de dor de não ter quem
me confirmasse a novida-
de do pensamento ; quan-
do fui achar, que ha perto
de seiscentos annos o ti-
nha escrito Ruperto Ab-
bade, o mais douto, & agu-
do Expositor do seu tem-
po, por estas expressas pa-
lavras : *De patefacto Chri-*
sti latere sanguinis, & aque
Sacramentum productum
est, & exinde statim Eccle-
sia reformata. Todas as
palavras dizem o que eu
quero dizer, o que tenho
dito, & o que diz o Texto.

Rupert.
lib. 2. de
Operi-
bus Spi-
rit. S.
cap. 19.

199 Note-se muito o
Statim, que he o *Continuò* :
o *Exinde*, que he o *Post*
hæc : o *Productum*, que he
o *Exiuit* : o *De patefacto*
latere, que he o abrir-se o
sacratio ; *Latus ejus ape-*
rui : o *Exiuit sanguis, &*
aqua, que he o apparecer
o Sacramento em suas
proprias especies : *Sacra-*

mentum productum est : &
sobre tudo a differença do
Post hæc autem ; porque a
Igreja, que por este sobe-
rano invento se prometia
não ser mais desprezada
como dantes : *Et jam me*
nemo despiciat : assim o ex-
perimentou immediatamente : *Et exinde statim*
Ecclesia reformata. A Igre-
ja atègora nestes dias não
só estava disforme, mas
informe : disforme, por-
que tinha perdido a sua
fôrma ; & informe, por-
que tinha perdido a
sua propria fôrma, pare-
cendo mais gentilica, que
Christã ; mas tanto que
vio fôra o Divinissimo Sa-
cramento, de que, perdi-
do tudo o mais, não tinha
perdido a Fé, o vello fôra,
Ut inveniam te foris, foi
o mesmo que entrar ella
dentro em si, & ficar tão
outra, tão mudada, tão
differente do que pouco
antes era, & tão reforma-
da, & transformada no
que dantes tinha sido,
como a vemos : *Et exinde*
statim Ecclesia reformata.

S. VI.

100 **A**inda não está
esgotado o my-
sterio do sangue, & agua.
Assim como Ruperto, &
outros Doutores pela
uniaõ da agua elementar,
que se consagra no caliz
(qual foi a que sahio do
lado) suppoem nella, &
no sangue hum sô Sacra-
mento, que he o da Eu-
charistia; assim outros,
porque estes dous sagra-
dos licores sahíraõ dividi-
dos, & distintos, hum pri-
meiro, & outro depois,
na agua reconhecem o Sa-
cramento do Baptismo, &
no sangue o Santissimo do
altar. *Non casu, & sim-
pliciter hi fontes scaturiunt,
sed quoniam ex ambobus
Ecclesia constituta est: sciunt
hoc initiati, per aquam enim
regenerati, per carnem, &
sanguinem nutriti.* Não
acaso, senão com altissi-
mo conselho (diz S. Joaõ
Chrysostomo) brotáraõ
do peito aberto de Chri-
sto duas fontes, huma de

agua, outra de sangue;
porque, como sabem todos
os Christãos, pela agua,
que he a materia do Sacra-
mento do Baptismo, so-
mos todos regenerados,
& pelo sangue, que he a
do Sacramento do altar,
sustentados. O mesmo diz
S. Jeronymo, S. Cyrillo
Alexandrino, & Tertul-
liano em mais breves pa-
lavras: *Ut qui aqua se la-
vaissent, etiam sanguinem
potassent.* Mas desta mes-
ma sentença tão recebida,
resulta huma bem funda-
da duvida. Primeiro he o
Sacramento do Baptismo,
que o do altar. Assim o
acaba de dizer Tertullia-
no: assim o notou o mes-
mo S. Chrysostomo: *Nam
prius diluimur, postea my-
sterio dedicamur.* Assim o
significou a figura do Ve-
lho Testamento, porque
primeiro chovia o Céo o
orvalho em significação
do Baptismo; & depois ca-
hia do mesmo Céo o Man-
ná em representação do
Divino Sacramento. Logo
do mesmo modo, & pela
mesma

Tertull.
de Bapt.
cap. 16.

meima ordem, primeiro havia de sair do lado de Christo a agua, & depois o sangue: pois porque razão sahio primeiro o sangue, & depois a agua: *Exiuit sanguis, & aqua?*

201 Em outras occaſioens tem esta duvida outras repostas; porẽm na occaſião presente pedia a verdade do myſterio, & a evidencia do effeito, que primeiro sahisse o Sacramento da Eucharistia no sangue, & depois o do Baptismo na agua: porque? Porque o Mundo nestes dias tinha-se feito gentílico, seguindo as festas, ou as furias de Bacho, por iſſo chamadas, *Bacchanalia*: & como não houve outro remedio para as emendar, & destruir, ſenaõ o de ſair fõra o Santissimo Sacramento, não sò representado, mas presente no sangue: *Exiuit sanguis*; por iſſo o Baptismo representado na agua não podia vir, nem apparecer antes do meſmo Sacramento, ſenaõ depois: *Exiuit san-*

guis, & aqua. Esta foi a conſequeſcia do effeito, & esta a energia do meſmo Baptismo mais vivamente declarada em ſeus proprios termos. Como o Mundo nas profanidades deſtes dias ſe tinha desbaptizado, & feito gentio, & por virtude do Santissimo Sacramento ſair fõra, ſe havia de tornar a rebaptizar, & fazer outra vez Chriſtaõ, que he o que eſtamos vendo; claro eſtá, que o effeito milagroſo do Mundo convertido rebaptizado não havia de apparecer, nem ſair antes do Sacramento, ſenaõ immediatamente depois. E eſte depois, he o depois do Euangelista tão ponderado na differença dos ſeus effeitos: *Post hæc autem.*

202 Mais ainda; porque ainda falta a coroa de todo o myſterio. E sahio do ſacrario do lado o Divinissimo Sacramento, não na primeira eſpecie, & ſubſtancia, que he a do corpo, & da hoſtia, ſenaõ na ſegunda, que he a do san-

gue

gue, & do caliz : *Exivit sanguis* ; porque na primeira transfusão-se o corpo debaixo das especies de pão , & na segunda o sangue debaixo das especies de vinho. Assim o dizemos na Missa : *Per hujus aque , & vini mysterium*. E como o vinho era a materia dos sacrificios profanos , & embriaguezes de Baco, pertencia a vitoria das Bacchanalias mais propria , & mais naturalmente àquella parte do Sacramento , que se consagra debaixo da mesma materia. Por esta propriedade, & proporção tão admiravel , se eu tivera authoridade para fazer a troca , não se havia de expor nestes dias o Santissimo Sacramento na hostia , senão no caliz. O caliz cercado de rayos, como rayo, que antes do dia da Cinza desfez em cinzas este monstro ; servindo-lhe o mesmo monstro de peanha, he o que havia de apparecer triunfante naquella throno. Funda-se a minha ra-

zão na semelhança da enfermidade com o remedio, & na da materia vencida com a vencedora. Assim como he proprio da Medicina natural curar contrarios com contrarios : *Contraria contrariis curantur* ; assim he gloria , & a mais heroica da Omnipotencia Divina curar semelhantes com semelhantes. Curou Deos as mordeduras das serpentes no deserto : curou o veneno universal da arvore vedada no Calvario : curou a raiz de todos os males humanos , que he a carne , & sangue no mesmo Sacramento. E com que ? Semelhantes com semelhantes. As serpentes com serpente : *Sic* Joan. 3. *ut Moyses exaltavit serpentem in deserto* : a arvore com arvore : *Ut qui in ligno vincebat , in ligno quoque vinceretur* : a carne , & sangue com carne , & sangue : *Caro mea verè est ci-* Joan. 6. *bus , & sanguis meus verè* 56. *est potus*. Logo não seria só maior propriedade , senão energia , & elegancia grande

grande da mesma vitoria vista pelos olhos, se de semelhante a semelhante triunfasse hum caliz do outro: o caliz sagrado do profano; o caliz Christão do gentilico; o caliz da sobriedade, & continen-

Zachar.
9. 17.

cia: *Vinum germinans virgines*: que a Fé adora nos altares do verdadeiro Deos, do caliz da intemperança, descompostura, & embriaguez, em que a gula bebia, & desbaratava o fiso nas meas de Bacho.

204. E porque não pareça, que pela vileza da palavra, embriaguezes, se desprezará Christo da vitoria, como menos decente a mysterio tão sagrado, o mesmo Senhor ao mesmo seu caliz attribue a mesma embriaguez, & não por outra palavra, ou frasi, senão a mesma. *Calix meus inebrians* quam *præclarus est*: O meu caliz, diz aquelle Senhor sacramentado, ô quam insigne, ô quam excellente, ô quam admiravel he! Em que? Quem se atrevêra ao

Psal. 22. 5.

pronunciar, se o mesmo Christo o não dissera? He insigne, he excellente, he admiravel, & particularmente milagroso em embriagar, & fazer dar volta ao juizo dos homens: *Calix meus inebrians*.

205. Todos os Santos Padres celebraõ os admiraveis effeitos deste Divino caliz, não com outro nome, senão o de embriaguez. S. Cypriano: *Calix Dominicus bibentes inebriat, ut sobrios faciat, & mentes ad spiritualem sapientiam dirigat*. S. Cyrillo: *Inebriati sunt sobria ebrietate, quæ peccatum mortificat, & cor vivificat*. Santo Ambrosio: *Hæc ebrietas sobrios facit, hæc ebrietas gratiæ, non temulentia est*. S. Bernardo: *Illa ebrietas vero non mera inmergitans, non madens vmo, sed ardens Deo*. Querem dizer estes Santos, que a embriaguez do caliz Divino, chamando-lhe todos embriaguez, he semelhante, mas contraria à do caliz profano. A do caliz profano, de sedudos faz loucos:

loucos: a do caliz Divino, de loucos faz fêdudos. A do profano, de sobrios faz intemperantes: a do Divino, de intemperantes sobrios. A do profano, de modestos furiosos: a do Divino, de furiosos modestos. A do profano, de pacíficos discordes, & bellicosos: a do Divino, de discordes, & inquietos, pacíficos. A do profano, de pios impios: a do Divino, de impios, espirituaes, & devoros. A do profano, de racionais brutos: a do Divino, de feras homens. A do profano, de Catholicos Atheos: a do Divino, de gentios Christãos. A do profano, de livres, escravos do gosto, do appetite, da paixão: a do Divino, de escravos, senhores de todas as paixões da sua alma, & de si mesmos. Emfim o profano he causa de todas as profanidades, & escandalos, de que se lembra a memoria: a do Divino, de toda a piedade, religião, & exemplo mais celestial, que da terra,

mais Angelico que humano, que estão vendo os olhos. Estas são as Divinas embriaguezes do caliz de Christo, que por isso se não afronta, mas preza muito de lhe chamar seu: *Calix meus inebrians.*

206 O que o mesmo Senhor accrescenta a estas palavras, he o que as faz não sô admiraveis, mas estupendas. *Calix meus inebrians quàm præclarus est!* Este meu caliz, cuja embriaguez causa tal mudança nos entendimentos, & juizos humanos, ô quam claro he, & mais que claro: *Quàm præclarus est!* He admiração do mesmo Christo sacramentado, como se differe: Sendo tanta a escuridade não de hum, nem de muitos homens, senão das Cidades inteiras, & do Mundo todo envolto, & revoltô nas trevas da ignorancia, da doudice, da confusão, da cegueira, do desatino, que apparecendo o meu Sacramento, como o Sol na noite mais escura, mais tempe-

tempestuosa, & mais horrenda, subitamente a esclareceffe, amanhecendo aos homens convertidos em brutos, & feras o lume da razão, he maravilha, & milagre, que a mim mesmo me causa admiração, & espanto: *Quàm præclarus est!* Perguntaõ os Theologos, se em Christo cabe admiração. Respondo: Admiração ou he filha da ignorancia, ou do encarecimento. A da ignorancia não cabe em Christo; no qual estão encerrados todos os thesouros da Sabedoria, & sciencia de Deos, como diz S. Paulo: a do encarecimento sim, & tal he esta admiração. *A Domino factum est istud; & est mirabile in oculis nostris.* Se esta obra he de Deos, (argue David) como he admiravel nos nossos olhos? De nenhuma cousa se devem admirar os homens por grande, rara, & estupenda que seja, quando sabem que he obra de Deos. E que o mesmo Deos no seu Sacramento,

Psalm.
117.23.

& em si mesmo sacramento, quando sabe fora, se admire da mudança, que faz nos homens: Sim.

207 A razão he de S. Paulo. Porque aquillo que entre os homens allumia-dos com a luz do Ceo, primeiro foi santo, & depois de santo se perverteo, & se fez vicioso, & dissoluto, tornar outra vez a se converter, & ser santo, como dantes, por arrependimento, & emenda, he caso tão difficul-toso, tão arduo, & digno de admiração, que não duvidou o Apostolo de lhe dar nome de impossivel: *Impossibile est enim, eos, qui semel sunt illuminati, gustaverunt etiam donum celeste, & participes facti sunt Spiritus Sancti, & prolapsi sunt, rursus renovari ad penitentiam.* E isto he o que experimentou a Igreja nestes dias primeiro fataes, & depois prodigiosos em duas mudanças notaveis. No principio da sua instituição eraõ tão pios, espirituaes, & devotos os

Chri-

Christãos, & tão sagrados estes dias, que pôr serem a entrada daquelles quarenta, a que a mesma Igreja chama, *Dies salutis*, se chamárao elles, como vimos, o Introito Santo: *Sanctus Introitus*: mas foi tal a mudança, & descaimento deste tão santo, & perfeito estado, que imitando os mesmos Christãos as festas, & liberdades do mais livre, & insano deos dos gentios, se não distinguia delles mais que no nome, conservando sô o da Fé morta nos costumes, & no abismo de taes profanidades verdadeiramente sepultada.

208 A segunda mudança foi depois de muitas centenas de annos re-fuscitar do profundo daquelle miséria à felicidade da piedade Christã, & à consonancia deste santo nome, a que a vemos restituida. E se alguém me perguntar, qual destas duas mudanças foi mais admiravel, se a da morte, ou a da resurreição: se a

da santidade ao extremo dos vicios, ou a dos vicios à antiga virtude, & santidade: digo que na mesma morte, & na mesma resurreição temos a reposta. Assim como a morte não he digna de admiração alguma, assim o degenerar a santidade em vicios não tem que admirar; porque a propria inclinação, & peso da natureza corrupta leva o homem ao peyor, & o precipita sem parar aos abismos mais profundos de toda a maldade. E tal foi aquella primeira, & passada mudança. Porém a segunda, & presente, assim como a resurreição à natureza he impossivel, & à omnipotencia hum dos maiores milagres; assim a virtude, & santidade depois de perdida, & por muitos tempos morta, & sepultada, tornar outra vez a reviver, surgir, & restituir-se à fermosura do seu primeiro, & florecente estado, he huma cousa tão difficilissima, tão ardua, & digna de

toda a admiração, & espanto, que atè os gentios conhecêraõ a differença de huma, & outra, quando disseraõ : *Facilis descensus Averni : Sed revocare gradum, superasque evadere ad auras, Hoc opus, hic labor est.*

209 Boa he esta razão, & a verdadeira, pela qual a mudança taõ notavel, que estamos vendo, seja admiravel aos nossos olhos : *Et est mirabile in oculis nostris.* Mas que o mesmo Christo, (torno a instar) que o mesmo Christo se admire de taes effeitos no seu Sacramento, onde está encerrada toda a sua Divindade, & Omnipotencia ! Sim outra vez. E para que os mesmos olhos, que se admiraõ, vejaõ a opposição de hum caliz a outro caliz, entre no theatro com o profano na mão a mesma profanidade, brindando a todo o Mundo. Vio S. Joaõ no seu Apocalypse huma mulher taõ ornada nos vestidos, como desordenada na

vida, a qual tinha na mão hum caliz de ouro, cheyo de todas as abominaçoens, & torpezas: *Habens poculum aureum in manu sua plenum abominatione, & immunditia.* Com este caliz convidou, & provocou a todos os habitadores da terra, a que bebessem. Bebêraõ, & pela efficacia da bebida perdêraõ todos o juizo : *Et inebriati sunt, qui habitant terram, de vino prostitutionis ejus.* Chama-va-se aquella mulher, *Babylon*, *Babylonia*; & foi tal a embriaguez dos que bebêraõ o seu caliz, como vérte com discreta propriedade o Texto Arabico, que todos ficáraõ *Babyloniados*: *Biberunt omnes populi, & Babyloniati sunt.* As Cidades *Babyloniadas*: & ficou *Jerusalem* huma *Babylonia*, *Roma* outra *Babylonia*, *Lisboa* outra *Babylonia*, & em cada Cidade tantas *Babylonias*, quantos eraõ os habitadores dellas, trocada toda a ordem em confusão, que isso quer dizer, *Baby-*

Babylonia : trocado todo o juizo em infania, toda a paz em discórdia, toda a quietação em tumulto, toda a urbanidade em descortezia, & afrontas.

210 Emfim tudo em toda aquella perturbação indigna do trato não sô Christão, mas humano, de que se lembra com horror hoje a nossa memoria. Esta era a deplorada miseria, & o estado mais que miseravel, a que tinha reduzido todo o Mundo o caliz profano da mão de Babylonia. Se não quando apparece Christo naquelle throno, como o vio David com o caliz Divino cheyo de toda a santidade, & pureza : *Calix in manu Domini vini meri*. E que succedeo no mesmo momento ? Os Anjos clamárao a vozes : *Cecidit, cecidit Babylon*: Cahio, cahio Babylonia. Duas vezes disseraõ : Cahio ; porque cahio em dous sentidos. Cahio Babylonia, porque cahio vencida, prostrada, & convertida aos pés de

Christo : & cahio Babylonia ; porque os homens cahíraõ em si, & entráraõ em si taõ admirados do que tinhaõ sido, como admirado Christo de ver o que agora saõ, que he o meu ponto. Ouçamos ao mesmo Christo por boca de Isaías. *Babylon dilecta mea posita est mihi in miraculum* : Tu, ô Babylonia, que dantes eras louca, & agora sesuda, dantes impia, agora pia, dantes profana, agora religiosa, dantes gentilica, agora verdadeiramente Christã ; tu que dantes eras taõ aborrecida de mim, & agora es a minha amada : *Dilecta mea* : tanto me admiro de te ver taõ mudada, taõ convertida, taõ outra, que não havendo para minha Sabedoria cousa maravilhosa, tu para mim es hum milagre : *Posita es mihi in miraculum*.

§. VII.

211 **V**Ejamos este milagre, & acabo.

Foi Jonas prégar a Nini-
ve, & a sua pregação era:

Joan. 3. *Adhuc quadraginta dies &*
4. *Ninive subvertetur:* Daqui

a quarenta dias se ha de
soverter Ninive. Ninive
assim como era a maior de
todas as Cidades, assim
era naquelle tempo a ma-
ior de todas as Babylonias.
Reynava nella Sardana-
palo tão esfragado, ou en-
golfado em todas as in-
temperanças da gula, que
em todas as idades do
Mundo nenhum tão pro-
priamente pudéra repre-
sentar nelle a brutal, &
sordida figura do Entrudo
profano: tal era o Rey, &
tal o povo. E posto que a
Ninive material ficou em
pé, he certo, diz Santo
Agostinho, que a interior,
& moral verdadeiramente
se soverteo, porque a bru-
tal, & profana desappa-
recco, & a que se vio de

novo, toda era racional;
toda temente a Deos, &
toda tão santa, como pe-
nitente. Mas no tempo,
ou dias, em que Nivive
deo esta grande volta, ha
humas das maiores diffi-
culdades de todas as letras
sagradas; porque onde o
Texto original diz: *Ad-
huc quadraginta dies*: Da-
qui a quarenta dias; o
Texto dos Setenta Inter-
pretes, que também he de
Fé, & do qual usáráo os
Apostolos, diz: *Adhuc
tres dies*: Daqui a tres dias:
Pois se a subverção, ou
conversão de Ninive ha-
via de ser dalli a quarenta
dias, & assim o prégoi Jo-
nas; como escrevem os In-
terpretes do mesmo Tex-
to tão dignos de Fé como
elle, que havia de ser dalli
a tres dias?

212 A razão verda-
deira desta grande difficul-
dade he, que os Setenta
Interpretes foraõ seten-
ta homens Hebreos, os
quaes por industria del-
Rey Tolomeo divididos
em outros tantos lugares,
sem

sem saberem huns dos outros, vertéaõ o Texto Hebreo em lingua Grega, ou Egypcia com tanta consonancia, que todos escrevéraõ o mesmo sem discreparem em huma só palavra: & como isto fizeraõ inspirados por Deos com lume profetico, assim quiz o mesmo Deos, que em alguns lugares rarissimos concordassem tambem todos em mudar alguma palavra, na qual revelassem algum novo, & grande mysterio. E tal foi o de dizerem, tres dias, onde Jonas tinha dito quarenta. Mas agora resta saber esse mesmo mysterio quando havia de ser, quando se descubrio, & qual he. Não he outro, senão o que estamos vendo, porque o que se havia de fazer, & não fez nos quarenta dias de Jonas, se fez, & se cumprio nestes tres dias. Jejuáraõ os Nínivitas, & fizeraõ penitencia aquelles quarenta dias; mas não conseguirão o fruto della, porque depois

tornáraõ a recair nos mesmos peccados, & como diz Tobias, foi sovvertida Ninive. Jejuavaõ do mesmo modo os Christaõs, & faziaõ penitencia nos quarenta dias da Quaresma, no primeiro dia dos quaes com a cinza, que se lhe lançava sobre a cabeça, parece que se lhes restituia o siso; mas tambem sem o desejado fruto, porque no anno seguinte continuavaõ os mesmos abusos, & cada anno mais accrescentados. E o que nem huns, nem outros conseguirão em quarenta dias, logramos nós em tres dias. Contai as horas, que correm no espaço de quarenta dias, & achareis que são quasi quatrocentas: & o que elles não conseguirão em quatrocentas horas de quarenta dias, logramos nós nos tres dias das quarenta horas. Este he o grande milagre, de que até o mesmo Deos se admira: *Babylon dilecta mea posita est mihi in miraculum.*

213 Que resta pois, fenaõ que demos o parabem à Igreja Catholica, & as graças ao Divinissimo Sacramento? Parabem vos seja, Igreja sempre Santa, & hoje mais Santa: parabem vos seja o verdes taõ felizmente cumpridos os vossos anciosos desejos. Desejaveis que se acabassem os vossos despezos: *Et jam me nemo despiciat*: & os mesmos, que naõ ouviaõ vossas exhortaçoens, nem observavaõ os vossos preceitos como deviaõ, aqui os tendes todos neste nobilissimo, & innumeravel concurso obedientes, & rendidos com toda a veneraçãõ, & culto, que vos he devido. Desejaveis que houvesse alguem, que inventasse algum novo, & efficaz remedio, com que curar aquellas taõ inveteradas chagas, que tanto vos affligiaõ: *Quis mihi det*? E nesta minima Companhia, donde menos se podia esperar, & nesta Casa, donde já se vai dirivando a

outras, o achastes efficacissimo:

214 Desejaveis, que depois do mysterio da Encarnaçãõ o mesmo Deos sacramentado sahisse fora do encerramento dos seus sacrarior: *Ut inveniam te foris*: para que entrassem em si, os que taõ fora de si andavaõ: & aqui os tendes prostrados diante da Magestade daquelle já triunfante throno, exposto o mesmo Sacramento aos obsequios dos que dantes se retirava, por naõ soffrer presente as suas injurias. Bemdita, & louvada seja, Senhor, a vossa Sabedoria, que ella foi a inventora de taõ soberano remedio: bemdita, & louvada seja a vossa Omnipotencia, que sô ella o podia facilitar: bemdita, & louvada seja a vossa Providencia, que o guardou para noslos tempos: bemdita, & louvada seja a vossa Justiça, que assim levantou o castigo, de que nós eramos os reos, & os executores: bemdita, & louva-

louuada seja a vossa Bon-
dade : bemdita , & louva-
da seja a vossa Misericor-
dia : bemdita , & louuada
seja a vossa Divindade , &
humanidade ; & para di-
zer em huma palayra , o
que se resume em todas :
Bemdito , & louvado seja
o Santissimo Sacramento.




SERMAM

DO EUANGELISTA

S. LUCAS,
Padroeiro dos Medicos. Na sua Festa.

*Curate infirmos, & dicite illis: Appropinquavit
in vos regnum Dei.* LUC. 10.

S. I.

215  OM tres
dedos, diz
o Profeta
isaías, que
sustenta Deos todo o peso,
& machina deste Mundo:

Isai. 40. Appendit tribus digitis mo-
lem terræ. E abaixo destes
tres dedos, em que a Glos-
sa do mesmo Texto reco-
nhece as tres Pessoas Di-
vinas, não ha outros tão
maravilhosos, como os da

Glossa
ibidem.

maõ de S. Lucas, tambem
tres, & tres vezes admira-
veis. Foi S. Lucas Euan-
gelista, foi Pintor, foi Me-
dico. Admiravel, quando
com tres dedos tomava a
penna como Euangelista:
admiravel, quando com
tres dedos tomava o pin-
cel como Pintor: admira-
vel, quando com tres de-
dos tomava o pulso como
Medico.

216 De Hermes aquel-
le famoso Atleta do Anfi-
teatro

reatro Romano, famoso na espada, famoso na lança; famoso no Tridente, disse com elegante encarecimento o Poeta Gentio: *Hermes omnia solus, & ter unus*: Hermes he tres vezes hum, & tudo elle fô. Este elogio, se Roma já então fora Christã, pudéra ella applicar com maior propriedade, não ao seu fabuloso Jupiter, senão ao verdadeiro Deos Trino, & hum. Elle fô he tudo: *Omnia solus*: & elle fô he tres vezes hum, & o mesmo, & *ter unus*.

217 Homem foi S. Lucas; mas tão grande homem, que esta he já a segunda vez que se nos equivoca não com menos pessoa, ou pessoas, que com as tres Divinas. Foi S. Lucas tres vezes hum, *ter unus*: huma vez hum, como Euangelista: outra vez hum, como Pintor: & a terceira vez hum, como Medico. Hum, como Matheus, ou João: hum, como Apelles, ou Zeuxis: hum, como Esculapio, ou

Hippocrates. Tudo isto foi S. Lucas fô, *omnia solus*: mas como? Não com tudo o que elle era, nem com duas mãos, como Hermes, nem com huma fô mão, senão com tres dedos sômente della. O quam grande, ô quam varia, ô quam fermosa, & agradavel materia nos offereciaõ hoje estes tres dedos, dividida já em outros tantos discursos, se o tempo nos dera lugar para ver separadamente o que a natureza, a arte, & a graça organizou, & unio naquellas extremidades, & não todas, de tão prodigiosa mão? Mas porquê a presente solemnidade toda se dedica, & consagra ao mesmo Santo em quanto Protector, & Prototypo da sciencia Medica; para que tambem concorra a ella do modo que pôde ser em quanto Euangelista, & em quanto Pintor; na primeira parte do discurso em quanto Euangelista, nos descreverá em si, & no Euangelho

lho a idéa, & original do perfeito Medico: & na segunda parte em quanto Pintor, nos retratará do mesmo original as copias, para que o possa ser por imitação todos os Professores da mesma faculdade. Desta sorte será o dia, & a celebridade toda de S. Lucas, & toda dos devotos que a celebraõ. AVE MARIA.

§. II.

Curate infirmos, & dicite illis: Appropinquavit in vos regnum Dei. Luc. 10. 9.

218 **H**Uma das maiores maravilhas da Providencia, & Sabedoria Divina, ou por falar mais ao certo, a maior de todas foi conquistar, & sujeitar Christo o Mundo com tão poucos homens, tirados pela maior parte da barca, & do remo. De pescadores de peixes vos farei (disse) pescadores de homens. Mas de que modo, ou com que artifi-

cio? Trocando-lhe os instrumentos de tal sorte, que assim como no mar pescavaõ os peixes, matando-os, assim na terra pescassem os homens com lhes dar vida. Este cevo da vida, que he o mais sabroso, o mais util, & o mais precioso na estimação de todos os mortaes, he o que voluntaria, & espontaneamente os rendeo todos à obediencia de Christo, & ao jugo, sô por isso mais suave, da sua Ley. Os homens sô conheciaõ por experiencia humana vida, que he a temporal; & a outra, que he a immorttal, & eterna, sô a tinhaõ os mais Republicos por necessaria politicamente à opiniaõ do vulgo, mas verdadeiramente por falsa, & fabulosa.

219 Assim o ensinava Seneca, assim o prégava Tullio, & os outros que em Roma tinhaõ nome de sabios. E que fez a Sabedoria Divina, & humana do Senhor, & Redemptor do Mundo? Mandou por todo

todo elle os Prégadores da sua Fé, armados de dois poderes sobre ambas as vidas : o primeiro , para conservar , & estender a temporal ; o segundo , para prometer , & segurar a eterna. Isto he o que contém expressamente as palavras que tomei por thema. *Curate infirmos, & dicit illis : Appropinquavit in vos regnum Dei :* Curai os enfermos , & dizei-lhe , que he chegado o tempo , em que se haõde abrir as portas do Ceo, que atègora estiverão fechadas. Na cura dos enfermos milagrosa se continha o poder de conservar , & estender a vida temporal : *Curate infirmos :* & na promessa do Reyno do Ceo confirmada com os mesmos milagres se assegurava a immortal , & eterna : *Appropinquavit in vos regnum Dei.*

220 Mas daqui nasce huma grande difficuldade ao que havemos de dizer : & he , que a mesma propriedade que nos introduzio o thema , parece que

nos exclue o assumpto. Porque o thema falla da virtude sobrenatural com que os Apostolos , & Discipulos de Christo curavaõ as enfermidades milagrosamente : & o nosso assumpto suppoem , & ha de fallar da sciencia da Medicina com que os Medicos curaõ naturalmente , & sem milagre : logo naõ assenta bem o assumpto sobre o thema , que he o mesmo que tirar os aliceses ao edificio. Respondo que o thema naõ sò falla da Medicina sobrenatural , senaõ tambem da natural : & que os Apostolos assim como nem sempre fallavaõ pelas linguas do Espirito Santo , senaõ tambem pela propria ; assim nem sempre curavaõ sobrenatural & milagrosamente , senaõ por si , ou por outros , pelos meyoys , & remedios da natureza , & da Arte. Provo com o exemplo dos dous maiores Apostolos S. Pedro , & S. Paulo.

221 Da foga de S. Pedro diz o mesmo Euangelista

Iuc. 4.
38.

gelista S. Lucas, que jazia com grandes febres sem se poder levantar de hum cama : *Socrus autem Simonis tenebatur magnis febribus*. E assim como he admiravel moderação do Principe dos Apóstolos que a não sarasse milagrosamente, como podia, applicando-lhe os remedios do Ceo; assim he certo da sua charidade, que lhe não negava os naturaes, & da terra. E S. Paulo não menos poderoso, na primeira Epistola que escreveo a seu discipulo Timotheo, lhe mandou a receita com que naturalmente se havia de curar das suas frequentes enfermidades : *Noli adhuc aquam bibere, sed modico vino utere propter stomachum tuum, & frequentes tuas infirmitates*. Pois se S. Pedro passando pelas ruas sarava os enfermos estranhos, bastando só que os tocasse com a sua sombra : a enferma que tinha dentro de casa, tocando-lhe tão de perto no parentesco, porque a não sara-

va ? E S. Paulo, que tanto adoecia das enfermidades alheas, como os doentes das proprias : *Quis infirmatur, & ego non infirmor* : se dentro na mesma carta podia mandar a Timotheo a faude, porque lhe manda a receita para o remedio ? Quanto á sogra de S. Pedro, dizia eu noutra occasião, que ainda em prudencia economica, & politica se podia deixar estar enferma só por ser sogra. Huma sogra tal vez he melhor estar doente, que sã : porque doente, a mesma doença a tem quieta a hum canto da casa, & sã, rara he a que não se contente com menos, que com todos os quatro cantos della. A mesma palavra, *tenebatur*, parece que diz que a doença a tinha alli atada. Mas agora digo, que a deixava S. Pedro estar assim, para que ella exercitasse a paciencia, & elle a charidade. E com o mesmo zelo S. Paulo não quiz livrar a Timotheo das suas enfermidades, posto que fre-

frequentes ; porque aindaque na saúde teria mais livres as acçoens para servir à Igreja , na enfermidade tinha mais seguras as occasioens em que aperfeiçoar a virtude : *Nam virtus in infirmitate perficitur*, diz o mesmo S. Paulo.

222 Pelo que toca porrêm ao nosso caso , ou as razoens dos dous Apostolos fossem estas , ou quaesquer outras , o que a mim me serve dos exemplos referidos , he a certeza do mesmo facto , do qual se prova que os Apostolos , & discipulos de Christo na cura das enfermidades não sô usavaõ da virtude sobrenatural , & milagrosa , mas tambem se ajudavaõ da medicina natural , & humana , que he a propria do nosso assumpto. Nem as palavras do thema dizem o contrario , antes confirmaõ o mesmo. E senão , pergunto : As palavras do thema dizem , *Curate infirmos*. E porque não disse o Senhor , cujas ellas são , *sanate* , senão , *cu-*

rate ? Porque não disse , *sararai* , *senão* , *curai* ? Porque o *sarar* , que tem por effeito passar de repente da enfermidade à saúde , he sô de virtude sobrenatural , & milagrosa ; por isso dos que tocavaõ o corpo , ou vestiduras de Christo , não se diz que os curava a sua virtude , senão que os *sarava* : *Quia virtus de illo* Luc. 6. *exibat* , & *sanabat omnes*. 19.
Porrêm a palavra *curate* , segundo a sua mesma etymologia , mais propriamente significa a saúde que se alcança não subita & immediatamente , senão por meyo da virtude natural dos medicamentos : & assim usa da mesma palavra a Sagrada Escritura.

223 Adoeceo mortalmente El-Rey Ezechias , & depois que o mesmo Profeta que lhe tinha denunciado a morte , lhe applicou à parte lesta a massa dos figos , *Afferte massam* 4. Reg. 20. 7. *ficorum* ; entãõ diz o Texto que foi curado : *Quam* Ibidem. *cum posuissent super ulcus ejus , curatus est*. E S. Rafael

fael quando mandou a Tobias o moço, que com o fel do peixe que tinha tomado no caminho, ungisse os olhos de seu pay, & elle com este remedio cobrou a vista, tambem o declarou, sendo Anjo, com o mesmo verbo de curar: *Et nunc misit me Dominus ut curarem te.* Finalmente Isaias, que foi de todos os Profetas o que mais propria, & elegantemente soube fallar, onde diz, *Vulnus, & livor, & plaga tumens, non est circumligata, nec curata medicamine, neque fota oleo;* expressamente ajuntou o medicamento com o curar, & o curar com o medicamento. E se os dous principaes discipulos da primeira, & segunda Escola de Christo assim entenderão, & praticarão o *curate infirmos* do Evangelho, quanto mais o mesmo S. Lucas, que o escreveu, sendo Medico de profissão, & tão amado, & estimado Medico, como diz S. Paulo:

Tob.
12. 14.

Isaia 1.
6.

Colos.

4. 14.

Lucas Medicus charissimus?

§. III.

224 **A**ssentado assim o fundamento do nosso assumpto, para que nem elle, nem o escrupulo de algum ouvinte tenha em que tropeçar; tomando toda a materia em sua primeira fonte, formou Deos o corpo humano com suas proprias mãos, de barro, & logo com o alento de sua propria respiração, (para que todo, & de todos os modos fosse seu) lhe deo a vida. Mas como esta consiste na conservação do calido, & humido, que sempre se fazem guerra, & por isso naturalmente se havia de ir enfraquecendo, & mais tendo as raizes no mesmo barro, para reparo desta fraqueza tinha o soberano Author da mesma vida plantado no meyo do Paraíso huma arvore de tal virtude, que comido o fruto della, lhe restituísse o vigor perdido, & a repuzesse outra vez nas suas primei-

primeiras forças. Estes foram os principios da nossa vida, & os remedios que Deos lhe tinha prevenido não só para a conservação, senão para a perpetuidade de annos, & seculos. Mas como pelo appetite de Eva, & desobediencia de Adam, & pelo peccado de ambos, ambos foram lançados do Paraíso; para que comendo da arvore da vida, a não pudessem perpetuar, às portas do mesmo Paraíso poz Deos em guarda della hum Cherubim armado com huma espada de fogo, com a qual lhe defendesse a entrada. Desta maneira toda aquella felicidade se converteo em miseria; & à vida que havia de ser quasi immortal, succedeo a sentença de morte, ao vigor do corpo a fraqueza; à saúde as enfermidades: & tudo sem remedio, nem esperança delle, impedido formidavelmente o accesso da arvore vital com as primeiras armas de fogo que houve no Mundo, &

naõ meneadas por mãos, ou braços humanos, senão por impulsos, & forças insuperaveis, quaes são as Angelicas.

225 Que faria porém no estado desta desesperação a misericordia daquele Senhor, tão prezada sempre de se exaltar gloriosa sobre as execuções da sua mesma justiça? Dai-me agora grande attenção ao que hei-de dizer. O que fez Deos, foi plantar fora do Paraíso outra arvore da vida, & entregar a guarda della a outro Cherubim, não armado de fogo, senão de luz, o qual não só defendesse, mas cultivasse a mesma arvore, & com os seus frutos recuperasse aos homens a saúde, & lhe acrescentasse a vida. E que arvore, & que Cherubim foram estas? A arvore foi a sciencia da Medicina, & o Cherubim he o Medico. Não he isto invento, ou consideração minha, senão verdade de Fé, & Texto expresso da Sagrada Escri-

Ecclesi.
38. 4.
Juxta
LXX.
Jansen.
& alii.
Ibidem
1.

Escriptura. *Altissimus creavit de terra Medicinam*: O Altissimo creou da terra a Medicina: eis-aqui a arvore. *Honora Medicum propter necessitatem: etenim illum creavit Altissimus*: Honrai o Medico por amor da necessidade, porque o Altissimo o creou a elle: eis-aqui o Cherubim.

226 Desorte que assim como Deos no Paraíso creou a arvore da vida antes do peccado de Adam, assim depois do peccado creou fora do Paraíso a Medicina: *Altissimus de terra creavit Medicinam*. E assim como Deos entregou a guarda, & defensão da arvore da vida a hum Cherubim, assim entregou a guarda, & cultura da Medicina ao Medico: *Etenim Medicum creavit Altissimus*. E a razão destas duas novas creações, que depois da criação do Mundo fez o Altissimo, repetindo em huma, & outra a mesma palavra, *creavit*, foi, como accrescenta o mesmo Texto, da

parte de Deos; porque toda a Medicina he obra sua: *A Deo est enim omnis medela*: & da parte do homem; porque todo o homem prudente não deve recusar os medicamentos: *Et vir prudens non abhorrebit illa*. Vamos agora por partes.

227 *Altissimus de terra creavit Medicinam*: Deos creou da terra a Medicina: mas de que terra, ou em que terra? Assim como a primeira arvore da vida foi creada no meyo do Paraíso: *Lignum vite in medio Paradisi*; assim a terra de que Deos, & onde Deos creou a segunda, foi o meyo da redondeza da mesma terra. A prova, & a razão he; porque em todas as quatro partes do Mundo creou Deos para serviço, & uso da Medicina varios antidotos, ou instrumentos medicinaes conforme as qualidades, & enfermidades das mesmas terras. Os Romanos nas suas Conquistas queixavaõ-se de que entre as
novas

novas riquezas, que de là traziaõ, vinhaõ tambem os contagios de novos generos de doencas, com que parece que os conquistados se vingavaõ dos seus mortos, matando tambem dentro em Roma os seus mesmos conquistadores. Nem he alheyo deste pensamento, o com que, sendo El-Rey D. Manoel o fundador dos Hospitaes de Lisboa, se dizia delle, que justamente fabricava os Hospitaes, quem com as suas conquistas accrescentára os enfermos. Mas nesta mesma experiencia se vê, & reconhece mais claramente o altissimo conselho da Providencia Divina, pois são muitos mais os novos, & exquisitos remedios, que das mesmas conquistas se descobrião, ainda contra as antigas enfermidades, do que requerem as novas.

228 Plantada pois no meyo das quatro partes do Mundo a segunda arvore da vida, ella com as

suas raizes penetra atè o centro da terra, donde com maior utilidade que a cobra, desenterra todo o genero dos mineraes de tanto mais poderosas virtudes, quanto mais simples. De là cava não sô o ouro, & a prata morta, & viva, senão tambem o ferro para os casos extremos: de là tira as esmeraldas, os rubís, os jacintos, & todas as outras pedras preciosas, de que a branda Medicina se serve, & se co-roa, tão differentes na efficacia, como nas cores, & tanto de maior valor quando liquidas as bebe a saude, que quando solidas se engastaõ nas joyas. Regaõ estas raizes os rios, & fontes, humas quentes, outras frias, todas saudaveis. E as mesmas aguas do mar, posto que salgadas, as não fertilizaõ, nem enriquecem menos, fecundas, & abundantes dos remedios, que ou nadaõ nos ossos, & entranhas dos peixes, ou morão, & se encerraõ nas con-

chas dos que não podem nadar.

229 Dos lodos mais profundos recebe o tributo das perolas, & aljofares: das areas limosas o mysterioso coral, que primeiro he vime verde, & brando, & logo pedra vermelha, & dura: & atê da furia das tempestades, ou da fome das Baleas os sobejos odoriferos do ambar, que estas arrancaõ, & aquellas lançaõ às prayas. Das raizes assim regadas cresce, & se engrossa o tronco de toda a famosa arvore, formado de todos os lenhos medicinaes, que eriaõ os visinhos, & remotos climas: dos quaes, ou abertos os póros com o calor do Sol, se destillaõ em suores, ou feridos mais interiormente nas veas, correm como sangue os balsamos, & as myrrhas: & estas pelo parentesco que tem de humores, ou restringindo, ou relaxando (como no instrumento as cordas) os reduzem facilmente à natural harmonia.

230 Daquella arvore, que vio em sonhos Nabucodonosor depois de referir Daniel que estava plantada no meyo da terra, & se estendia atê os ultimos fins do Mundo, como nós diffemos da nossa, accrescenta o mesmo Profeta que debaixo della habitavaõ todos os animaes, & nos seus ramos conversavaõ todas as aves: *Subter eam habitabant animalia, & bestie, & in ramis ejus conversabantur volucres caeli.* E he sem duvida que da segunda arvore da vida não em apparencias sonhadas, mas com experiencias muito certas se verifica com toda a propriedade o mesmo; porque de todos os Authores da Historia natural, que escrevéraõ affim dos animaes terrestres, mansos, & feros, como das aves domesticas, & de rapina, consta que de huns & outros, sem exceiçaõ, tirou a Medicina diversos generos de remedios, & atê da vibora a mais venenosa de todas as serpentes formou

formou a Triaga. E o que nesta parte mais se deve admirar, & venerar, (porque onde não ha docilidade, não pôde haver sciencia) he que a mesma sciencia da Medicina se deixou ensinar, & não se envergonhou de aprender dos mesmos brutos, aprendendo do Veado entre os animaes o medicamento do Dictamo, & da Andorinha entre as aves o da Chelidonia. Tanto assim, que prezando-se os Egyptios de inventores desta grande Arte, o geroglifico com que pintárao a Medicina, foi hum Pomba com hum ramo de louro na boca: por ser o louro o remedio, com que esta ave por instinto da natureza se cura.

231 Das folhas da nossa arvore não posso dizer mais, não devo dizer menos, que o que doutra arvore da vida disse S. João no seu Apocalypse: *Lignum vite, & folia ligni ad sanitatem gentium*: alludindo, & conformando-se

com Ezechiel, que ainda o disse com mais breves palavras: *Folia ejus ad medicinam*. A primeira arvore da vida tinha a virtude de conservar no fruto, que por isso disse Deos quando a vedou: *Ne comedas*. E se a segunda tem a saude, & a Medicina nas folhas, que folhas posso eu dizer, ou interpretar que são estas da Medicina, senão as innumeraveis de tantos livros, que della se tem escrito, nos quaes não ha folha alguma, que não contenha algum remedio para a saude do homem: *Folia ejus ad sanitatem gentium*? Finalmente, acabando com as flores, & com os frutos; conforme os aforismos do maior Medico do Mundo, que foi Salamao; flores, & frutos pedio à sua esposa que lhe applicassem: *Fulcite me floribus, stipate me malis*. E he certo que com estes dous simples farou, & tornou em si, sendo o accidente tão perigoso como hum deliquio, & desmayo mortal,

Ezech.
47. 12.

Gen. 3.
22.

Cant. 2.
5.

tal, causado daquella febre, que nascendo do coração, não he calor que se diffunde por todo o corpo, mas que abraza toda a alma, & a derrete: *Quia amore langueo.*

§. IIIL.

232 **A**ssim descrita, ou mal pintada a segunda arvore da vida, que he a Medicina, tomára eu agora o pincel de S. Lucas para pintar o Cherubim, que he o Medico. Mas quando chegarmos às copias do Original, que he o mesmo S. Lucas, se o não delinear-mos com as cores do seu pincel como Pintor, descrevelo-hemos com a verdade da sua pena como Euangelista. Disse que a guarda desta segunda arvore da vida era tambem outro segundo Cherubim, não armado de fogo para a defender, senão de luz para a communicar. E porque não pareça encarecimento, ou atrevimento chamar ao

Medico Cherubim, a razão, & merecimento deste nome he, porque Cherubim quer dizer, *Plenitudo scientiae*, A enchente das sciencias. Cada huma das outras faculdades he huma sciencia: a faculdade, & sciencia do Medico he hum ajuntamento de todas, & por isso entre os homens, como o Cherubim entre os Anjos.

233 O Author da vida do homem em sua criação foi só Deos, mas o Author da conservação da mesma vida he Deos, & o Medico: de Deos dependente *in fieri*, de Deos, & do Medico *in conservari*. E como a vida do homem, & sua conservação he o objecto do Medico, já se vê qual deve ser a sua sciencia. David fallando com Deos, dizia: *Tu formasti me, & posuisti super me manum tuam. Mirabilis facta est scientia tua ex me*: Vós, Senhor, me formastes com vossas mãos, & he admiravel em vós a sciencia que tendes de mim.

mim. O homem chama-se Mundo pequeno ; & S. Gregorio Nazianzeno diz que o pequeno he o Mundo, & o homem o grande ; porque mais difficilmente se pôde comprehender o que ha dentro nelle. Tertulliano refere de certo Medico que fez anatomia em seiscentos mortos, & não acabou de entender a fabrica do corpo humano. E se a sciencia, & conhecimento deste labyrinth he admiravel no supremo Architecto, que o fabricou, *Mirabilis scientia tua ex me* ; quanto mais admiravel será em quem a ha de curar, & não pôde sem o entender ? O Medico não sô ha de conhecer a compleição de hum homem, senão de todos os homens, & de todas as nações, cujos temperamentos são tão diversos como as cores. E do mesmo modo ha de conhecer as qualidades, não sô de huma terra, senão de todas as terras ; nem de huma sô agua, senão de todas as

Tom. II.

aguas, nem de hum sô ar, senão de todos os ares, & todos os climas.

234. Não sô ha de fazer juizo da enfermidade pelo que vé no enfermo, mas ha de tomar o pulso ao Sol, à Lua, & às Estrelas, observando suas conjunções, fugindo, ou aproveitando-se de suas influencias, & não sô contando os dias criticos, mas vigiando sobre as horas, & sobre os momentos ; porque o mesmo medicamento applicado a seu tempo he antidoto, & sôra dellê veneno. Os antigos, que tinhaõ por deos da Medicina a Esculapio, consagrâo-lhe o gallo, & a serpente : a serpente, pela astucia, & prudencia ; o gallo, pela vigilancia. Mas que vigilancia he necessaria, & pôde ser bastante, não digo já para as enfermidades, senão para os mesmos remedios ? O Mitridatico inventado por Mitridates compoem-se de cincoenta & quatro ingredientes : a Triaga in-

N^o iij

ventada

ventada por Andromacho compoem-se de noventa: & cada hum destes simples ha de entrar a fazer composição regulado por certo peso, & por certa medida. Mas que vaso haverá tão ajustado, que os possa medir, & que balança tão sutil que os possa pesar, & sobre tudo, que mão humana tão igual, que os possa temperar, & unir? Por isso he necessario que o Medico seja mais que homem, & passe a ser Cherubim.

235 Parece demasiado encarecer; mas a evidencia da demonstração tirará toda a duvida ao espanto. E senão basta por prova do nome de Cherubim a etymologia, & definição do mesmo nome, *Plenitudo scientiæ*: nem basta o concurso universal de todas as sciencias, que no perfeito Medico se ajuntão, nem menos, como acabámos de ver, o conhecimento de todas as cousas creadas, quantas immensamente abraça, & comprehende

em si o mesmo universo; se tudo isto, como digo, não basta para prova, bastará a authoridade Divina, que não sô o ensinou: assim de palavra, mas visivelmente mostrou ao Profeta Ezechiel o famoso exemplar do perfeito Medico, & Protector de todos S. Lucas. E em que fórma, ou em que figura? Em fórma, & figura natural de Cherubim, & não por outro título, ou sciencia, senão pela da Medicina. He Texto ao intento mais milagroso, que admiravel, & como tal se deve ouvir, & ver com a attenção dos sentidos muito abertos.

236 Duas vezes vio Ezechiel aquella famosa carroça chamada da gloria de Deos; pela qual tiravaõ quatro animaes enigmaticos com outras tantas figuras, de homem, de leão, de aguia, de boy. A primeira vista, ou visão refere o Profeta no primeiro capitulo, & a segunda no decimo; mas nesta
com

com huma notavel mudança ; porque o mesmo que na primeira era boy, agora era Cherubim. *Similitudo vultus eorum : facies hominis, & facies leonis à dextris ipsorum quatuor, facies autem bovis à sinistris ipsorum quatuor, & facies aquilæ desuper ipsorum quatuor.* Este he o Texto da primeira visão : & o da segunda diz : *Facies una facies Cherub : & facies secunda facies hominis : & in tertio facies leonis : & in quarto facies aquilæ.* De maneira que o mesmo que na primeira visão era boy, *facies bovis*, agora era Cherubim, *facies Cherub* : & o que na primeira estava à mão esquerda no peyor lugar, *facies bovis à sinistris ipsorum quatuor*, agora estava no primeiro, *facies una facies Cherub : facies secunda, &c.* E para que não faça duvida que os animaes nesta segunda visão eraõ os mesmos, que na primeira, o mesmo Profeta o ratifica : *Et similitudo vultuum eorum ipsi*

vultus, quos videram juxta fluxum Chobar.

237 Pois se o boy na primeira visão tinha o peyor lugar, como agora tem o primeiro ? & se na primeira era boy, como agora he Cherubim ? Nenhum Christão ha que ignore serem significados nestas quatro figuras enigmaticas do carro de Ezechiell os quatro Euangelistas. O homem significava a S. Mattheus, o leão a S. Marcos, a aguia a S. João, o boy a S. Lucas. E daqui se seguem duas cousas ambas certas : a primeira, que S. Lucas foi o Euangelista accrescentado a Cherubim. A segunda, que este accrescentamento foi em genero de sciencia, não sò pela significação do nome, senão pela ventagem com que o Cherubim excede no saber não sò ao leão, & à aguia, senão tambem ao homem : & por isso se lhe deo o primeiro lugar entre todos quatro. Mas daqui resulta outra difficuldade maior ; por-
N iiij que

que os Euangelistas todos forão iguaes na sciencia sobrenatural, & Divina, com que escrevéraõ : & se algum excedeo nella, foi S. Joaõ. Porém o mesmo Texto desfaz estes embargos com novo mysterio, & novo, & grande reparo; porque na primeira visãõ, em que o boy ainda não tinha passado a Cherubim, diz que a aguia voava sobre todos: *Et facies aquilæ desuper ipsorum quatuor*: porém depois que o boy foi Cherubim, abateo a aguia as azas, & ficou como cada hum dos outros dous: *In tertio facies leonis, & in quarto facies aquilæ*. Pois se a ventagem de S. Lucas era em sciencia, em que sciencia foi? Já tenho dito, & torno a dizer, que na da Medicina.

238 Na sciencia de Euangelista, & de Escriitor Canonico commum a todos quatro, era como os outros tres; mas na Medicina era singular entre elles; porque sò elle era Medico, & os outros não:

& nesta sciencia consistio a ventagem. Ha Author que o diga? Nenhum: mas pois eu o digo, eu o prova-rei, & do mesmo Texto. Notai. Antes de o boy ser Cherubim, era o mais humilde de todos os quatro animaes; porque do boy he trabalhar, & servir, & os outros tres todos eraõ, & são Reys: o homem Rey do Mundo, o leão Rey dos animaes, a aguia Rey das aves: logo se o boy feito Cherubim se aventajou aos outros pela sciencia, segue-se que não podia ser por outra, senão pela Medicina. Porque? Porque entre todas as sciencias sò a Medicina tem sujeitos, & debaixo de seu imperio aos Reys. Admiravelmente Plinio, & mais sendo pouco affecto aos Medicos. *Medicina una artium Imperatoribus quoque imperat*: Entre todas as artes, & sciencias, sò a Medicina impera aos Emperadores; porque assim como todos obedecem ao Emperador, & ao Rey, af-

sim

fim os Imperadores, & os
Reys obedecem ao Medi-
co: logo se o boy, depois
de ser Cherubim, passou
do ultimo lugar, em que
estava, ao primeiro, & fi-
cou superior ao Rey dos
animaes, ao Rey das aves,
& ao Rey do mundo, ain-
da que o Cherubim tenha
todas as sciencias, *plenitu-
do scientiae*; não podia ser
por outra, senão pela Me-
dicina: *Medicina una ar-
tium Imperatoribus quoque
imperat.*

S. V.

239 **T**A temos a S. Lu-
cas, em quanto
Medico, Cherubim da se-
gunda arvore da vida a
Medicina. E para prova
de que era Cherubim não
armado de fogo, como o
do Paraiso, senão vestido
de luz, como eu prometti;
o seu mesmo nome seja o
primeiro testemunho. Na
Epistola aos Colossenses
fallando S. Paulo em S. Lu-
cas, chama-lhe Lucas: *Salu-
tat vos Lucas Medicus:*

& na Epistola aos Roma-
nos, chama-lhe Lucius:
*Salutat vos Timotheus, &
Lucius adjutor meus.* Aqui
se deve muito notar o prin-
cipio, & fim destes dous
nomes no principio tão se-
melhantes, & no fim tão
diferentes. E porque tão
diferentes no fim, & no
principio tão semelhantes?
No fim tão diferentes;
porque na Epistola aos
Colossenses fallava S. Pau-
lo com os Gregos; & na
Epistola aos Romanos fal-
lava com os Latinos: &
no nome Lucas observou
a terminação Grega, & no
nome Lucius a termi-
nação Latina. Pelo con-
trario no principio dos
mesmos nomes nenhuma
coisa alterou da sua natu-
ral semelhança; porque
em ambos seguiu a pro-
priedade da derivação, na
qual assim Lucas, como
Lucius, hum, & outro no-
me se deriva de luz.

240 Mas passando do
nome à pessoa, & dos ou-
vidos aos olhos, vejamos
ao mesmo Lucas, & ao
mesmo

Rom.
16. 21.

mesmo Lucio no seu proprio, & natural retrato. O Profeta Daniel nas suas visões, & S. João Evangelista nas suas descrevem hum homem todo, não só vestido, mas composto de luzes. O rosto era como o Sol, quando mais resplandecente: *Facies ejus sicut Sol lucet in virtute sua*: os olhos como duas alampadas: *Oculi ejus ut lampas ardens*: os braços, & o resto do corpo até os pés como de aurichalco (metal semelhante ao ouro) quando sahe da fornalha ardente: *Similis aurichalco in camino ardenti*: & a sua voz como voz não de hum homem, senão de muitos: *Vox sermonum ejus, ut vox multitudinis*. Atè aqui ambos os Profetas, hum como pintura original, outro como copia. Mas quem era, ou a quem representava esta figura toda luz, ou toda luzes? S. Jeronymo diz que representava a S. Lucas: *Beatus Lucas, de quo dici potest, facies ejus sicut Sol lucet in virtute sua*.

Da virtude do Sol diz Malachias, que traz a saúde nas pennas, chamando pennas aos rayos da sua luz: *Sanctas in pennis ejus*. ^{Mal. 4.} Taes eraõ os rayos da luz, & sciencia Medica de S. Lucas. Quando as pennas da sua mão escreviaõ receitas, não receitavaõ medicamentos, receitavaõ saúdes.

241 Isto faziaõ os seus tres dedos com a penna. E a sua voz com as palavras, que fazia? Esta he a ultima, & maior maravilha. Não mudo, como costumão ser os outros: *Vox sermonum ejus, ut vox multitudinis*: A voz das suas palavras era como a voz da multidão. A multidão nos casos da Medicina não está bem acreditada. *Turba Medicorum Caesarem perdidit*, disse Menandro: A multidão dos Medicos matou ao Cesar: & o Emperador Adriano experimentando em si a verdade deste dito, dizem que o mandou escrever por epitafio na sua sepultura. Nem foi menor

nôr a observação de Marcial, o qual visitado do Medico Symmacho com toda a multidão dos discipulos, que levava consigo a pratica, ao uso de Roma, em hum achaque leve, disse jocosamente:

*Centum me tetigere manus
aquilone gelatae;*

Non habui febrem, Symmacho, nunc habeo.

Para sentenciar com justiça as enfermidades, ou sem perigo os enfermos, as juntas não haõde ser de muitos Medicos, senão de muita sciencia em hum sô Medico. Assim o entendeo o grande juizo de Homero, quando disse:

Vir Medicus par est multorum millibus unus.

241 E verdadeiramente tão grande atrevimento he nos que curaõ, como nos que se deixaõ curar, que sendo as enfermidades sem numero, as haja de conhecer, & remediar hum sô homem. Os Egyptios com esta consideração, como refere Plutarco, com tal igualdade, &

proporção repartiraõ, ou distribuiraõ as enfermidades, & os Medicos, que hum Medico não pudesse curar mais que sô huma. Desorte que debaixo do genero das febres hum curava as agudas, outro a terçã, outro a quartã, outro a diaria, outro a ethica, outro a thísica. Mas isto que intentou, & não conseguiu a industria humana, repartindo a multidão das enfermidades pela multidão dos Medicos, isto mesmo obrava sô, & com infallivel successo a voz de S. Lucas: *Vox sermonum ejus ut vox multitudinis*: & não porque naquella novo, & segundo Cherubim se multiplicasse a multidão das pessoas, senão a multidão das luzes.

S. VI.

242 **E** Se alguém me perguntar por que razão, ou difficuldade necessita, a perfeita Medicina de tanta luz, & tantas luzes entre todas as outras

outras sciencias? A razão, de que não se pôde duvidar, he por ser a Medicina sciencia conjectural, que cura o que não vê, & nesta conjectura não só se pôde enganar o discursão, mas até a mesma experiencia se engana, como confessou Hippocrates, *Experimentum fallax*. Aristoteles disse que onde acaba a Filosofia, alli começa a Medicina. E quam futil, & allumiado ha de ser o entendimento, que penetre hum chaos: tão occulto, & tão escuro como o interior humano? Baldo depois de estudar a Medicina, experimentando que não acertava a curar humas malcitas, passou ao geral das Leys, & foi na Jurisprudencia tão eminente, que se poz hombro por hombro com Bartolo. Tanto mais necessita de luz humana sciencia, que a outra. O Jurista para dar, ou tirar a vida a hum homem, vê as Leys, & vê os autos: o Medico vê as Leys, mas dos autos não se lhe dá vista.

ELIHO

243 Se eu houvesse de fazer o anhel ao Medico, o metal do círculo não havia de ser ouro, senão electro, & a pedra não havia de ser diamante, ou rubi, senão ametisto. Porque ambos estes simples tem virtude de adivinhár, & descobrir o veneno, ou por suor, ou por tremor, ou por outro effeito extraordinario de quem o tem no dedo, sendo o dedo annular o que tem maior correspondencia com o coração. Os Americanos, com serem barbaros, deraõ em huma notavel politica, & foi, que debaixo do mesmo nome Pagé ajuntáraõ o officio de Medico com o de feiticeiro, entendendo que só quem souber adivinhar, pôde curar com acerto. Com a mesma prudencia, ou astucia (não sei se antes, se depois) os Egypcios na Africa, os Gregos na Europa, & os Bracmenes na Asia uníraõ a sciencia magica com a Medica, para que o que não podia alcançar a Medi-

Medicina conjecturando, supprisse a Magia adivinhando.

244. E se o Medico Christão duvidar, se em algum caso se poderá valer da arte magica para adivinhar o que a sua não alcança: respondendo que sim: se o instrumento for S. Lucas. S. Lucas foi perpetuo companheiro de S. Paulo: & porque S. Paulo era do Tribu de Benjamim, diz S. Pedro Damiaão, que em lhe dar tal companheiro, o aventajou Christo aos outros Apostolos, como Joseph a Benjamim aos outros irmãos. Foi o caso, que quando os irmãos de Joseph voltáram do Egypto com o paço que lá tinham ido comprar; mandou Joseph ao seu veador que nos saccos de cada hum não só metesse o trigo, senão tambem o dinheiro, & particularmente no de Benjamim além do trigo, & do dinheiro metesse a taça por onde elle bebia. Feito assim, & caminhando já todos os

irmãos, veyo apoz elles o copeiro de Joseph bradando, que lhe levavaõ roubada a taça de que seu senhor usava não só para beber, mas era o instrumento magico, com que adivinhava todas as cousas: *Scyphus, quem furati estis, Gen. ipse est in quo bibit dominus 44. 5. meus, & in quo augurari solet.* E levados todos diante de Joseph, elle confirmou o mesmo, dizendo: *An ignoratis quod non Ibidem sit similis mei in augurandi 15. scientia?* Não sabeis que na sciencia de adivinhar nenhum ha semelhante a mim? Isto posto, diz agora S. Pedro Damiaão, fallando de S. Lucas: *Quid per Petr. Benjamin nisi Paulus, qui Dam. de Tribu Benjamin origi- ferm. de nem duxit? Soli autem Pau- S. Luca. lo etiam scyphus adjicitur:* S. Paulo he significado em Benjamim, porque foi do Tribu de Benjamim: & assim como só ao sacco de Benjamim se accrescentou a taça de Joseph, assim só a S. Paulo foi dado por companheiro S. Lucas.

245 E que semelhança tem S. Lucas com a taça de Joseph ? A que disse o seu copeiro , & elle confirmou : ser o instrumento por onde adevinhava todas as cousas : *Scyphus in quo augurari solet dominus meus.* A virtude sobrenatural, & Divina , com que a Joseph eraõ manifestas as cousas occultas , bem celebrada he nas Sagradas Escrituras : & porque elle a quiz declarar pelo modo com que os Magicos do Egypto costumavaõ adevinhar , por isso a attribuiu à taça por onde bebia ; & por isso com grande propriedade semelhante a S. Lucas : *Soli Paulo scyphus adjicitur.* S. Lucas como companheiro inseparavel de S. Paulo foi depois d'elle o segundo vaso de eleição cheyo de todas as graças do Espirito Santo , como Evangelista proprio seu (diz Ecumenio) no livro dos Actos dos Apostolos : no qual S. Lucas escreveu a vinda do Espirito Santo sobre os

Apostolos , & o que por si mesmo , & por elles obrou o mesmo Divino Espirito na primitiva Igreja. E não ha duvida que sendo taõ intimos companheiros Paulo , & Lucas , assim como Lucas bebia como de fonte as revelaçoens de Paulo , assim Paulo como de taça bebia tambem as de Lucas.

246 E esta he a razão porque o mesmo Paulo ao Evangelho de S. Lucas chamava Evangelho seu , *Secundum Evangelium meum.* E neste Evangelho de ambos , he circumstancia muito digna de se notar , que os outros Evangelistas escreveraõ o que viraõ : & S. Lucas , porque não vio a Christo , nem foi seu discipulo , tudo o que escreveu no seu Evangelho foi por influencia , ou elevação daquella virtude , que fica fôra da jurisdicção , & esfera da vista , que he o que faz difficultosos os acertos da Medicina. Ditofo pois aquelle Medico , que por devação , & inter-

cessão

cessão de S. Lucas merecer que elle o admitta à participação desta graça tão particularmente sua: para que depois de esgotado tudo o que a Medicina natural alcança, bebendo naquella taça a Mágia sobrenatural, & Divina, supra ella com verdadeira certeza nas enfermidades as duvidas, & perigos da conjectura. E não haja enfermo tão desconfiado da faude, nem enfermidade tão incuravel, que o Medico por intercessão, & graça de S. Lucas, & S. Lucas por meyo d'elle não cure: *Curate infirmos.*

§. VII.

247 **E** Stabelecido assim nas luzes da sciencia de S. Lucas o exemplo, ou exemplar com que elle foi, & com que poderá ser excellente Medico todo o que o quizer imitar; segue-se que passaremos da theorica à pratica, & que o mesmo Protomedico nos ensine os parti-

culares preceitos, ou maximas com que exercitou a parte curativa da sua arte. Mas porque referir todos os documentos deste exercicio he impossivel, & muito difficultoso escolher delles os mais necessarios; para não errar na eleição, ponderaremos sômente o que o mesmo S. Lucas com o indice dos tres dedos nos apontar no seu Euangelho.

248 O primeiro capitulo da instrucção que Christo Senhor nosso deo aos que mandou curar o Mundo, he que não levem bolsa, nem dinheiro. Isto quer dizer, *Nolite portare sacculum*: ou como lê o Texto original, *crumenam*: mas este mesmo preceito, ou conselho parecee totalmente encontrado com o intento, esperança, & fim dos professores da Medicina. O fim que ordinariamente leva às Universidades os candidatos da sciencia Medica, he aquella promessa vulgar do seu Galeno, *Dat Galenus*

mus opes. A Theologia, & Santo Thomas promette dignidades Ecclesiasticas; a Jurisprudencia, & Justiniano, honras seculares; a Medicina, & Galeno, riquezas.

249 Já em tempo de Isaiás tinha lançado raizes esta opiniaõ, & tinha o mesmo credito a Medicina. Conta Isaiás perfeitamente, que os pequenos se levantáraõ contra os grandes, & elegéraõ por Governador do povo hum homem, sò porque tinha bom vestido para representar o cargo: *Vestimentum tibi est, Princeps esto noster.* E o tal homem que responderia? *Non sum Medicus, & in domo mea non est panis, nolite constitutare me Principem populi.* Respondeo que não era Medico, nem tinha paõ em sua casa, & que por isso nem elle quer, nem he bem que elles queiraõ que seja Governador do povo. Duas incoherencias aeho nesta reposta: a primeira, não querer o eleito ser Go-

vernador do povo, porque não tem paõ em sua casa. Antes, porque não tendes paõ em vossa casa, por isso deveis aceitar o governo. Para quem governa, qualquer terra he mais fertil de paõ que Sicilia. Aceitai as provisões, & logo tereis a vossa casa muito bem provida. Com tudo este homem quer que fosse, em não querer aceitar o governo, mostrou que no juizo era sesudo, & na consciencia timorato. Porque os governos saõ para fazer bem com o paõ proprio, & não para accrescentar os bens com o paõ alheyo. O mesmo Christo o disse por boca do nosso S. Lucas: *Qui potestatem habent super eos, benefici vocantur:* Os que tem poder sobre o povo, se governaõ como devem, saõ chamados Beneficos. E este nome, benefico, ainda que se diriva de bem, não he dos bens que se recolhem, senaõ dos que se semeaõ; nem dos que se acquirem, senaõ dos

dos que se repartem. Bem disse logo aquelle homem, posto que tumultuariamente eleito, quanto à primeira objecção.

250 A segunda he dizer que não tinha pão, porque não era Medico: *Non sum Medicus, & in domo mea non est panis*: & tambem aqui tirou a consequencia tão discreta, como verdadeiramente. Porque a todas as outras sciencias, ou officios pôde faltar o pão, mas ninguem o tem sempre mais seguro que o Medico. Como todos somos mortaes, sô o Medico vive do que nós morremos: & taõ certo he na Medicina o pão, como na mortalidade a doença. Nunca lhe pôde faltar ao Medico o pão em abundancia; porque não ha lavoura menos dependente do tempo, ou chova, ou faça Sol, que a da Medicina. Antes quando a chuva afoga as seáras, & o Sol as queima, entaõ cresce mais a lavoura dos Medicos, porque entaõ

Tom. II.

lavraõ mais as enfermidades. As Quaresmas dos enfermos são as Paschoas dos Medicos, & com as dietas de huns se fazem os banquetes dos outros.

251 Este he o riquissimo patrimonio da Medicina, & por aquelle legado de Galeno, *Dat Galenus opes*, proprio, & hereditario de todos os Medicos. Pois porque prohibe Christo aos seus a bolsa, & o dinheiro: *Nolite portare sacculum*? Porque quiz o supremo Legislador reduzir a Medicina à sua natural nobreza: & que os professores della a não desacreditassem com a fazer venal. A hum Prégador dos que tomaõ a Escriitura pela toada, ouvi eu arguir os Medicos de se venderem muito caros, & o provava com o Texto de S. Paulo: *Salutat vos Lucas Medicus charissimus*. Pouco conhece a riqueza da faulde quem cuida que por algum preço pôde ser cara, quanto mais carissima.

Non est census super censum Eccli. 30. 16.
O salu-

salutis corporis : diz o Espírito Santo que não ha riqueza no Mundo, que se iguale à faude do corpo. E Platao fazendo hum catalogo dos bens desta vida, & dando por sua ordem o lugar que merece cada hum, no primeiro poem a faude, & no quarto as riquezas: *Primum locum obtinet bona valetudo, quartum opes*. Donde se segue que se o Medico der ao enfermo a faude, & o enfermo ao Medico todas as riquezas, menos recebe o Medico, que o enfermo.

Plat. lib.
1. de Le-
gibus.

252 Sendo pois o objecto da Medicina a faude do corpo, *Corpus sanandum*, não ha duvida que faria grande injuria à Medicina, & à mesma faude o Medico interessado que a quizesse embolsar, & que se lhe pagasse a dinheiro. Porque? Porque seria pôr preço ao que não tem preço. O Profeta Zacharias fallando nos trinta dinheiros que os Principes dos sacerdotes derao a Judas, diz que foraõ o preço do

apreçado, a quem appareçao os filhos de Israel: *Triginta argenteos, pretium appretiati, quem appretiaverunt à filiis Israel*. De sorte que não pondera o Profeta ser Christo vendido, senão ser apreçado: *Pretium appretiati*: & não encarece que os Principes dos sacerdotes o comprassem, senão que o appareçassem: *Quem appretiaverunt*: & assim foi; porque Judas não poz o preço, & fô disse: *Quid vultis mihi dare?* & os que avaliaraõ, ou almotaceraõ o preço, foraõ os sacerdotes: *Illi constituerunt ei triginta argenteos*. Esta foi na venda de Christo maior injuria, & afronta que lhe fizeraõ, porque fô porem preço ao que não tem preço. *Illius pretio aestimati qui inestimabilis est*, diz Theophylacto. De-nos agora licença o mesmo Christo, faude das nossas almas, para que della deçamos à dos corpos.

253 Prohibe o mesmo Senhor aos seus Medicos a

bolia,

bolsa, & o dinheiro; porque sendo a saúde entre os bens temporaes o maior de todos, seria grande afronta da mesma saúde apparellar, ou por-lhe preço, como se ella o tivesse. Isto deviaõ fazer por propria eleição os professores da Medicina por credito da sua sciencia. Zeuxis ao principio vendia as suas pinturas por muito dinheiro, depois dava-as de graça. E perguntado porque; respondeo, porque já não tinhaõ preço. *Quod nullo satis digno pretio permutari posse diceret*, diz Plinio. Assim o faziaõ os dous famosos Medicos Cosmo, & Damiaõ, por isso chamados Anergérios, que quer dizer, os sem dinheiro. E porque ninguem me diga que eraõ santos, como se por isso foraõ me-nos para imitar, ouçaõ os Medicos ao seu Hippocrates, o qual escreveo aos Abderitas, que pelo uso da Medicina nunca recebérã paga: *Se numquam pro medicina usu mercedem accepisse*.

254 E donde lhe vinha esta generosidade a Hippocrates? Não por ser Rey, mas por ser Medico. Seja prova desta grande excellencia da Medicina huma observação minha, que muito me admira não ser de todos. Não houve homem mais perseguido neste Mundo (& bastava ser mais que homem) que Christo Senhor nosso. Quantas vezes o quizerã apedrejar, quantas traças, & traçoens buscãrã para lhe tirar a vida, atè que o puzerã na Cruz? Mas quaes foraõ os seus perseguidores? De todos os Euangelistas consta que foraõ os Escribas, & Fariseos, os Principes dos sacerdotes, em summa, os ecclesiasticos. E eu cuidava que não haviaõ de ser senã os Medicos. Todos os enfermos concorriaõ a Christo, & bastava que lhe tocassem em hum fio da roupa para ficarem saõs de qualquer enfermidade. E deste bem commun taõ universal sò se podiaõ

O ij quei-

queixar os Medicos, porque estavaõ ociosos, as boticas fechadas, & todos elles, & os seus ministros sem remedio. Exemplo seja aquella mulher de Cesaréa, que tendo gastado com os Medicos toda a sua fazenda em huma doença chronica de doze annos, pela fama de Christo, o veyo buscar, & sô com lhe tocar a ponta do manto, sarou. Assim o diz o Euangelista S. Marcos :

255

Marc. 5.
26.

Quæ fuerat multa perpeſſa à compluribus Medicis : & erogaverat omnia ſua, nec quidquam profecerat. Pois ſe os Medicos por eſta cauſa eraõ os mais prejudicados; antes aquelles unicamente que perdiaõ os intereſſes do ſeu officio, & todo o ſeu remedio, porque ſe não queixavaõ, & porque ſe não ajuntavaõ tambem aos outros perſeGUIDORES de Chriſto ? Eu não acho outra razeõ, ou fundamento deſta differença, ſenaõ porque eraõ Medicos. Provo. Porque ſe olharmos para a Patria

dos Medicos, os Eſcribas, & Farifeos eraõ da meſma Patria : ſe olharmos para a ley, que era a de Moyſés, elles guardavaõ a meſma ley : ſe olharmos para a religiaõ, elles profreſſavaõ a meſma, & como eccleſiaſticos eraõ mais obrigados a ella : & com tudo sô pelo temor de poderem perder os intereſſes das ſuas prebendas, *Venient Romani, & tollent locum noſtrum,* crucificáraõ a Chriſto : logo não reſta outra razeõ deſte deſinterreſſe dos Medicos, ſenaõ a ſua propria faculdade, & ſciencia, a qual he taõ nobre, & generoſa, que por ſi meſma influe, ainda nos caſos mais apertados, o deſprezo de todo o intereſſe.

256 Mas daqui ſe ſegue huma grave, & bem peſada difficuldade ; porque ſe os Medicos pelo uſo da ſua ſciencia não haõ de levar dinheiro, quem os ha de ſuſtentar ? Reſpondendo que os enfermos, mas não por preço, ſenaõ por tributo devido à Rainha de

de todas as sciencias. Assim o manda o mesmo Deos, que creou a Medicina, naquelle Texto, *Honora Medicum propter necessitatem*: Honrai o Medico pela necessidade; isto he, não sò pela necessidade que vós tendes delle, senão pela que elle tem de vós. E que quer dizer alli aquelle *honora*? Quer dizer o mesmo que no quarto mandamento, *Honora patrem tuum*. Em hum, & outro lugar quer dizer que os filhos ao pay, & os enfermos ao Medico tem obrigação de assistir, & servir com a condigna sustentação: *Honora, idest, praebe illi sustentationem condignam*: diz com a commun interpretação o doutissimo A Lapidè. E chama-se esta sustentação com grande propriedade, & energia condigna; porque se aos pays devemos o sustento, porque nos deraõ a vida, aos Medicos a devemos com o mesmo direito, porque no-la conservaõ. E isto mesmo con-

firmou admiravelmente o mesmo Christo nõ mesmo Euangelho, em que prohibio a bolsa, & o dinheiro, & não huma, senão duas vezes: huma vez, dizendo: *Manducate quae* Luc. xxi. 8. 9. *apponuntur vobis, & curate infirmos*; & outra vez: *Edentes, & bibentes quae* Ibidem. 7. *apud illos sunt*. Notem-se muito os termos de humas & outras palavras, que são notaveis. Não diz que se sustentarão por onde forem como peregrinos, ou hospedes, senão como senhores, & como se os celeiros, & despensas das Cidades, & tudo o que nellas houver, fosse seu: *Edentes quae apud illos sunt*. E o que he muito mais, que isto o receberão, & lograrão sem se lhes fazer a face vermelha com o pedir; porque tudo sem cuidado, nem diligencia sua se lhes porá diante: *Manducate quae apponuntur vobis*.

§. VIII

257 **O** Segundo documento do Mestre, & Medico Divino na instrucção que deo aos seus, he que no caminho a ninguém saudassem: *Neminem per viam salutaveritis*. E tomando tambem de caminho estas palavras sem reparar no mais interior dellas; he certo que não admittem em quem acode aos enfermos a menor detença, porque nenhuma ha, ainda que seja de hum só instante, em que se não possa arriscar a vida. A mesma ordem deo o Profeta Eliseu a Giezi familiar de sua casa, quando o mandou com o seu báculo ao filho morto da Sunamitis, esperando que posto sobre elle o resuscitasse. Mas naquelle caso era menor o perigo da dilacção, ou detença. O morto sem novo risco podia esperar huma, ou mais horas pela resurreicção; mas o vivo tal vez apertado do

Ibidem

accidente mortal, qualquer momento que lhe tarde o remedio, o perde para sempre. E he materia muito escrupulosa que se detenha em saudar a hum sam, quem leva a saude a hum enfermo.

258 Mas dando hum passo mais adiante neste caminho, não vejo combinar, & ponderar como he razão a energia com que Christo Senhor nosso prohibe ao Medico o saudar a quem encontra, quando vai curar a quem padece a enfermidade: *Neminem per viam salutaveritis*. A palavra *salutaveritis*, deriva-se da saude, *salus*: & he o mesmo que desejar saude àquelle com quem se falla. Para estas saudações formaráo os Latinos hum verbo, que a nossa lingua não tem, ao qual derao hum só tempo no singular, que he *salve*, & no plural *salvete*. *Salve sancte parens, iterum salvete recepti Nequicquam cineres*. E como o *salutaveritis* significa este desejo da

da saúde ; com grande razão , & energia prohibe o Divino Mestre as faudaçoens aos Medicos : *Neminem salutaveritis* ; porque he grande abuso , & implicancia impedir , ou divertir o dar saúde ao enfermo com faudar ao sam, sendo que o verdadeiro faudar, he dar saúde. Que cousa são essas faudaçoens & cumprimentos, senão *officiosa mendacia* ? & que maior sem-razaõ que trocar a verdade pela lisonja, & arriscar por hum cumprimento vam a maior importancia da vida ?

259 Com tudo como o faudar com os iguaes he acto de amizade , com os maiores de urbanidade , & com todos de humanidade , parece que he fazer aos Medicos menos urbanos , & menos cortezes , & mais se apertarmos bem aquelle *neminem* , a ninguém , *neminem salutaveritis*. E que seria se aquelle , a quem se negasse a faudação, fosse pessoa de grande authoridade, & de

grande respeito ? Neste caso muito mais , & por isto mesmo. Porque esses respeitos , & esses , & outros obsequios são os que mais encontraõ a saúde dos mesmos respeitados , & a obrigação , & consciencia do Medico. A maior tentação do Medico he quando a enfermidade he grave , & tambem he grave o doente. Para que eu melhor me declare , ouçamos a S. Gregorio Nazianzeno, fallando dos Medicos do seu tempo: Vistes já a hum Medico tomar o pulso ao enfermo , & arqueando as sobrançellas com gestos de admiração fazer o compasso com a cabeça aos golpes do mesmo pulso ? Pois aquelles movimentos da cabeça do Medico, diz Nazianzeno, são os da balança , em que elle está pesando duas cousas , de huma parte a difficuldade da doença , & da outra o preço que lhe haõde dar pela cura , & por isto a difficulta. *Capitis motu salutem velut lance-*

mercedem augens, aut deploratum morbum esse significat. Isto se entende dos Medicos cubiçosos, que já refutei; o que agora digo, & não louvo, he dos obsequiosos, & respectivos. Quando a enfermidade he grave, & tambem grave o enfermo, o Medico lisongeiro, & de pouco valor está pensando, como em balança, a graveza da doença, & a gravidade da pessoa: para que? Para temperar os medicamentos com tal brandura, que a doença se modere, & a pessoa de nenhum modo se moleste, & aggrave. Se isto he adular o gosto, ou zelar a faude, julguem-o os mesmos que são juizes della.

260 A primeira couza, diz Aristoteles, que se ha de considerar no enfermo, he o sujeito, mas não quem he, senão qual. Consta que estando enfermo aquelle grande Principe dos Filosofos, & provando, como já dissemos delle, que onde acaba a

Filosofia, começa a Medicina, disse ao Medico, como refere Eliano, que advertisse primeiro que elle não era cavador, nem vaqueiro, & sobre isto depois de examinada a causa, veria se havia de obedecer às suas receitas. *Ne, inquit, me cures ut bubulcum, aut fessorum, sed prius causam edisere, sci enim facile persuasione me morigerum reddideris.* Distingue-se o Filosofo do cavador, porque o cavador com a enxada na mão, quanto come, & bebe em todo o dia, sua em mea hora; & o Filosofo com a especulação da sua fantasia avoca os espiritos à cabeça, & fica mal assistidas as officinas do sangue, & fontes da vida. Desorte que a consideração do sujeito ha de examinar, se he robusto, ou delicado, se de muitas, ou poucas forças, se deste, ou daquelle exercicio; mas nesta distincção, & na do temperamento não ha de entrar a da qualidade, & dignidade da pessoa,

peessoa, sob pena de ficar bem lisongeado o doente, & mal curado. Por isso vemos que melhor, & mais facilmente se curaõ os criados, que os amos, os escravos, que os senhores. Donde nasce, que curadas nos nobres, & ricos mais mimosa, & não radicalmente as enfermidades, ou são frequentes as recaídas, ou, como gravemente disse Tertulliano, quasi tanto padecer o mal sam a sua saúde, como padecia a doença: *Ex aliqua*
 mil. *og.* *valetudine sanitatem suam*
 27. *patitur.*

261 E se isto succede às qualidades particulares, que será nas supremas, & coroadas? Adoeceo de huma febre El-Rey D. Sebastião, & sendo chamado de Coimbra aquelle Oráculo da Medicina, que nas cadeiras da mesma Universidade he allegado com nome de *Magnus Thomas*; & que remedio applicou ao Rey, que era de pouca idade? Ordenou que lhe fizessem huma cama de

Rosas, & deitado nella, ficou sam. Mas o que naquella grande sciencia obráraõ as Rosas, em outra menor se pôde curar com espinhas. He policia da Corte da China darem-se às doenças do Rey os mesmos titulos que à pessoa Real. E assim dizem os Medicos: A muito alta, & muito poderosa febre de Vossa Magestade, Rainha sobre todos os Reys, & Emperadora sobre todos os Emperadores, ou está mais remetida, ou mais alterada. E como nas doenças dos Reys se cura a Magestade, & não a natureza, & o respeito applica os medicamentos, & não o juizo; por isso a mesma natureza, que no viver, & morrer fez a todos iguaes, não costuma obedecer senão àquelles remedios (posto que mais austeros) onde ella depositou a virtude, & poz a efficacia.

262 O Medico não cura a purpura, nem a coroa, senão o homem despedido, & o corpo, que em todos

Maxi-
mil.
Sand. in
Dedic.
lib. de
Morte.

todos he do mesmo barro : & aonde o Medico quiz fazer distincção de barro a barro , alli se perdeu. Passando acafo Alexandre Magno por junto a hum cemeterio, vio nelle a Diogenes : & como lhe perguntasse que fazia naquella lugar ; respondeo o Filosofo: Ando aqui buscando os ossos de Filippe de Macedonia , mas não os posso distinguir: *Ossa Philippi patris quondam tui quæro ; sed inter plebeorum non discerno.* Assim respondeo a liberdade do famosissimo Cynico à arrogancia daquelle soberbissimo monstro, como lhe chama Seneca ; & o ensinou a que se não estimasse mais que os outros homens, pois os ossos do pay, que lhe derao ser , & o sangue, se não distinguiaão dos outros. Mas como os palacios dos Reys , aonde os Medicos não são chamados senão por necessidade, assim como tem as portas sempre abertas à adulação , & lisonja , assim ellas por si

mesmas se fechaão à verdade ; muito valor ha mister a do Medico que houver decurar a hum Rey, como a hum homem.

263 Em summa , posto que esta materia seja tão alhea da minha profissão, eu a reduzo confiadamente a huma só palavra. E qual he ? Que os Medicos devem ser como as enfermidades. Assim como as enfermidades não respeitão qualidades , nem dignidades , assim o devem elles fazer. A enfermidade não respeita qualidades , porque aindaque a nobreza se chame sangue, a enfermidade não se compoem , ou descompoem deste só humor , senão da discordia de todos quatro. E não respeita dignidades, porque tão sujeito está à febre em palacio o Rey, como o moço do monte , & em Roma o Papa, como o faquino. Sejaõ pois os Medicos como as enfermidades ; porque *contrariorum eadem est ratio*, & não he bem que sejaõ de
melhor

melhor condição os males, que os remedios. E por-que todo o Medico se empenha muito pela verdade, & acerto do seu prognostico, sirva de conclusão a este ponto, & de prefação ao seguinte, que he de maior importancia, hum caso que agora me lembra, tão merecedor de ser ouvido por discreto, como de ser imitado por verdadeiro.

264 Estando enfermo S. Francisco de Borja no tempo, em que era Duque, tomou-lhe o pulso o Medico, & disse: Que me dará Vossa Excellencia, se à manhã lhe pedir as alviças de estar livre da febre? Estava no aposento hum aparador com muitas peças ricas de prata, & respondeo o Duque, que daquella baxella escolhesse o que lhe parecesse melhor: & escolheu a maior de todas, que era hum grande prato. Tornou ao outro dia o Medico, tomou o pulso, & equivocando como Castelhana na pala-

vra Plato, disse: *Amicus Plato, sed magis amica veritas*: Vossa Excellencia ainda tem febre. Não refere o Historiador o que respondeo o Duque; mas eu lhe não dera então o prato, senão ametade da baxella: & se accrescentára que a febre tinha degenerado em maligna, lha dera toda. Maior acção que a deste meu pensamento veremos depois. Em dous casos obrará culpavelmente a inteireza, & verdade do Medico: ou na applicação respeitosa dos remedios, de que acabámos de fallar, ou no silencio, & dissimulação do perigo, de que agora fallaremos. Huma cousa he a doença que ameaça a faude temporal, outra a que pôde arriscar a eterna: a primeira pertence à cura da enfermidade, a segunda ao desengano da morte. E quantos Medicos ou por falta de valor, ou com soberbeja, & mal entendida piedade, por não desanimar os enfermos, & por não descon-

desconsolar os vivos, façam causa de que se condemnem os mortos? Contra a enfermidade pecca-se na cura não se lhe applicando os remedios efficazes, posto que duros. E contra o enfermo, quando a doença he mortal, pecca-se muito mais gravemente na dissimulação, não o desengannando logo do seu perigo. O primeiro peccado he contra o *Curate infirmos*: o segundo contra o *Dicite illis: Appropinquavit in vos regnum Dei*. Este he o terceiro documento do Evangelho. Dizei aos enfermos, a quem curardes, que he chegado a elles o tempo de passar desta vida, & de ir reynar com Christo.

266 Que bem conheceo a difficuldade deste desengano, & a força deste respeito El-Rey Jeroboão! Estava gravemente enfermo o seu primogenito: quiz saber se viveria, ou não, & disse à Rainha, não fiando a materia de outrem, que disfarçada em

trajos de huma mulher ordinaria, fosse consultar o Profeta Ahias, & lhe dissesse que tinha hum filho muito doente, do qual dependia o remedio da sua casa, & que para saber o que havia de dispor della, lhe pedia, como a Oraculo de Deos, a certeza da sua vida, ou morte. Por ventura faltavaõ a Jeroboão os seus Medicos da Camera, & estes, como se costumava, não eraõ os mais doutos de todo o Reyno? Pois porque os não consultou o Rey, & ainda para tirar a verdade da boca do Profeta, com o engano do disfarce da Rainha quiz alcançar delle este desengano? O mesmo facto he a razão delle. Não consultou os Medicos, porque aindaque não duvidava da sua sciencia, tinha por certo que nenhum delles teria valor para não dissimular a morte do filho, & lhe manifestar com clareza que não podia escapar. E atè do mesmo Profeta que lhe tinha annuciado

nunciado a Corôa, quiz alcançar por meyo daquelle disfarce a verdade, que tanto cuidado lhe dava; porque a primeira revelação era dar a hum particular a nova de hum Reyno, & a segunda dar a hum Rey a da morte de hum filho.

267 Oh quanto trabalha o demonio para impedir, principalmente aos Reys, estes defenganos! Para impedir o fruto da primeira arvore da vida, disse a Eva: *Nequaquam morte moriemini*: para impedir o fruto da segunda, que he a Medicina; assim como poz estas palavras nos ouvidos da primeira mulher, assim poem as mesmas na boca dos Medicos. Notai muito aquelle *Nequaquam*. Não disse que não morreriaõ, senaõ, que de nenhum modo haviaõ de morrer: *Nequaquam morte moriemini*. A promessa foi huma, & as mentiras foraõ sem numero; porque sendo innumeraveis os modos de

morrer, como experimentamos os filhos de Eva, elle disse que de nenhum modo morreriaõ. Foraõ tantos os modos de mentir, como saõ os modos de morrer, para que em nenhum modo de morrer faltasse o seu modo de mentir. E por isso saõ tantos os modos de enganar, ou de naõ defenganar, com que encobrem a morte aquelles que tem obrigação naõ sò de a declarar, mas a tempo.

268 Grande exemplo do maior dos Profetas maiores. Adoeceo mortalmente El-Rey Ezechias, no meyo (como elle cuidava) da sua idade: *In die* Isaie 38. 10. *medio dierum meorum*. Avisou-o Isaías para morrer, & foi o aviso com estas palavras: *Dispone domui tue,* 4. Reg. 20. 1. *morieris enim tu, & non vi- ves*: Dispoem de tua casa, porque hasde morrer tu, & naõ hasde viver. Quem haverá que não admire esta repetição? Haver de morrer, & naõ haver de viver, naõ he o mesmo? O mesmo

mesmo he, mas mais claro. E repetio o Profeta o mesmo desengano, para que o Rey o não duvidasse. Quando Christo disse aos Apostolos que hia a morrer, por mais que lhes declarou o tempo, o lugar, o modo, os executores, & o mesmo genero da morte, diz o Euangelista que elles

Luc. 2. o não entenderão: *At ipsi*
50. *non intellexerunt*: porque não ha cousa mais difficil-tosa de entender que esta palavra morrer. Por isso o Profeta o declarou não huma, senão duas vezes, nem por hum, senão por dous modos: huma vez por affirmação, *morieris*, & outra por negação, *non viues*. Imaginas que estás no meyo dos teus dias, & enganas-te; pois os passados já são de morte, *morieris*, & os futuros não hão-de ser de vida, *non viues*. A vida dos Reis he de mui desigual esfera à dos outros homens, mas estas desigualdades, que sô faz a fortuna, já he chegada a ti, ô Ezechias, a morte

que as iguala. *Morieris*, morrerás à vida, & *non viues*, & já não viverás à fortuna: *morieris*, morrerás ao Mundo, & *non viues*, & já não viverás à Magestade: *morieris*, morrerás como homem, & *non viues*, & já não viverás como Rey: *morieris*, morrerás como todos, & *non viues*, & já não viverás sobre todos.

269 Tudo isto quer dizer, *Morieris tu*, & *non viues*. Porém aquelle *tu*, não deve passar sem reparo. A palavra *tu*, na lingua Hebraica, como na Latina, he commum para todos: mas os vassallos quando fallaõ com os Reis, em lugar de *tu*, dizem, *Domine mi Rex*, que val o mesmo que, Vossa Magestade, como consta de toda a Escriitura Sagrada nos livros dos Reis: & os Profetas quando me-nos à palavra *tu* accrescentaõ *Rex*: *Tu Rex*. Assim fallou Daniel a El-Rey Nabucodonosor: *Tu Rex* Da-
cogitare capisti. Assim a
El-Rey

El-Rey Balthazar : *Pater inquam tuus, ô Rex* : & assim a El-Rey Dario : *Coram te, Rex, delictum non feci*. Pois se Isaiás era Profeta, & vassallo del-Rey Ezechias, & entre os Profetas, como o mais polido, & discreto de todos, era chamado o Profeta Cortezaõ, porque deixado hum, & outro titulo, fallou ao seu Rey nem como vassallo, nem como Profeta, senão taõ nua, & seccamente com hum *tu: Morieris tu, & non viues*? Porque a occasiaõ não era de lisonjas, nem ainda de cortezias, senão de desenganos. Annunciava-lhe a morte, em que são iguaes todos os homens, & por isso lhe fallou como a qualquer outro homem, & não como a Rey. Assim como não usou de prologos, ou prefaçoens, nem de rodeyos, ou metáforas para a clareza, assim cortou pelas cortezias da Magestade, por não perder aquelle pouco tempo, aonde são taõ importantes os instan-

tes. Não esperou a que a debilidade da natureza o aviasse do seu perigo, mas elle lho declarou em quanto os sentidos, & potencias do corpo, & alma esta-vaõ inteiras, & em seu vigor para orar, como orou, para chorar, como chorou, & para recorrer a Deos, como recorreo, & entaõ o advertio que dispuzesse de sua casa, *Dispone domui tuae*, quando o podia fazer com o juizo, quietação, & sossego, que não permittem os accidentes nos desmayos, & perturbaçoens da morte, & pois perdia a vida, que acabava com o tempo, seguia-se a que não ha de acabar por toda a eternidade.

270. Aonde não houver este valor, esta liberdade, & esta verdade de Isaiás, he certo que faltará à sua obrigação (como muitas vezes tem faltado) não sô os Medicos do corpo, senão tambem os da alma, taõ enganados nos respeitos humanos, ou deshumanos, de que se deixaõ

deixaõ cegar, que elles são os maiores traidores dos Reys, & dos Reynos; sendo pelo contrario dignos das maiores mercês, & dos mais aventajados premios os que com verdadeiro zelo, & amor não sò os defenganaõ livremente do perigo da vida, senaõ da certeza da morte. Aqui entra agora o exemplo da heroica acção, que eu prometti, muito maior que o meu pensamento, sobre o Medico de S. Francisco de Borja. Estando El-Rey Balthasar na ultima cea de sua vida, brindando aos seus idolos nos mesmos vasos sagrados, de que seu pay Nabucodonosor tinha despojado o templo de Jerusalem; apparecêraõ tres dedos de humamão invifivel, que escreviaõ na parede humas letras não conhecidas. Chamado Daniel para a interpretação dellas, disse ao Rey, que nas primeiras se continha o numero dos seus dias, nas segundas o peso das suas obras, & nas tercei-

ras, & ultimas o fim da sua vida, & do seu Reyno, que seria naquella mesma noite. Oh terrivel, & tremenda sentença! E que faria Balthasar ouvindo-a? Immediatamente o conta o Texto, & foi huma resolução, se pôde ser, ainda mais admiravel que a do Profeta. *Tunc, jubente Rege, indutus est Daniel purpurâ, & circumdata est torques aurea collo ejus, & prædicatum est de eo, quòd haberet potestatem tertius in regno suo.* No mesmo ponto, sem fallar outra palavra, o que fez Balthasar, foi mandar que Daniel fosse logo vestido de purpura com o collar de ouro, que era a outra insignia Real, & que na presença dos convidados, que eraõ mil, os maiores de toda a Monarchia, fosse apregoado no poder, & mandò pela terceira pessoa do seu Reyno, sendo a primeira o mesmo Rey, a segunda a Rainha, & a terceira Daniel. E haverá quem pudesse imaginar tal resolução

ção no maior caso por todas suas circumstancias que pôde succeder no Mundo?

271 De maneira que porque Daniel notificou a hum Rey a morte, & a privação do Reyno, que era a Monarchia dos Assyrios, & Chaldeos; a maior que nunca houve; o mesmo Rey avaliou com tal extremo este defengano, que o não pagou, nem premiou menos, que com igualar ao mesmo Daniel no poder, & na dignidade a si, excepta somente a coroa. Mas não parou aqui o caso, nem a causa da admiração, ainda vai por diante. *Eadem nocte interfectus est Balthasar Rex Chaldaeus, & Darus Medus successit in regnum:* Naquella mesma noite, tomada por força de armas Babylonica, foi morto Balthasar Rey Chaldeo, & lhe succedeo no Reyno Dario Medo; com que parece que a purpura, o colar, o poder, & a dignidade de Daniel também espirou, ou havia de espirar com o

Rey, que lhe tinha dado. Mas não foi assim, porque Dario, posto que como inimigo, & vencedor de Balthasar, nenhuma obrigação tinha de confirmar o que elle tinha mandado; tendo porém noticia do que Daniel havia dito, & feito, não só o conservou nas preeminencias da mesma dignidade, mas acrescentou a ellas o amor, o respeito, & a estimação que lhe devia o defunto. Para que entendão os Reys, quam animados, & confiados devem ter os ministros de sua saúde, & vida, para que nos perigos della os defengam com toda a liberdade. E qual ha de ser a verdade, & inteireza com que os mesmos ministros os devem defengar sem temor de perderem a sua graça, nem a de seus successores.

S. X.

272 **D**Aqui não há que passar, para que acabem bem os enfermos. E para que acabem bem os Médicos, falta alguma cousa? Como andão sempre com a morte entre as mãos, ou entre os dedos, pôde acontecer que lhe tenham perdido o medo. Mas para que seja com confiança da vida, que ha de durar para sempre; lembrem-se daquelle proverbio: *Medice cura te ipsum*: assim como curaõ os outros, não se esqueçaõ de se curar a si. Este he o maior exemplo que devemos admirar, & imitar em S. Lucas. S. Lucas, como Evangelista de Christo, como companheiro perpetuo de S. Paulo, como aquelle Varaõ Apostolico que peregrinou com elle tantas partes do Mundo por mar, & por terra, exercitando sempre as obras de misericordia; as corporaes, curando os corpos; as espirituaes, con-

vertendo, & salvando as almas; podia confiadamente ter por segura a salvação propria; & com tudo, como se fora hum grande peccador, que fazia? A mesma Igreja o diz: *Qui crucis mortificationem jugiter in suo corpore pro tui nominis honore portavit*. Sendo o seu corpo tão santo, & tão puro, que perpetuamente foi virgem, esse mesmo corpo mortificava, & martyrizava perpetuamente, & sem cessar, *jugiter*, & não com menor mortificação que a da cruz, *Crucis mortificationem*; a qual não para satisfazer por seus peccados, senão por honra do nome de Christo, *pro tui nominis honore*, sempre levava sobre o mesmo corpo às costas, *in suo corpore portavit*. Quando Christo Redemptor nosso sahio com a Cruz às costas, diz o Texto Sagrado: *Bajulans sibi Crucem, exiit*: que levava a Cruz para si. Pois se Christo não tinha necessidade della, porque a leva-

Luc. 4.
23.

a levava para si, *sibi*? Por-
que era Protomedico do
Mundo, & quiz ensinar
a todos o que deviaõ fa-
zer. Christo, *Bajulans sibi*
Crucem : Lucas, *Mortifi-*

cationem Crucis in suo cor-
pore : para que nenhum
Medico seja taõ descuida-
do, que curando aos ou-
tros, se naõ cure a si: *Me-*
dice cura te ipsum.



250

SERMAM

Do Beato
ESTANISLAO
KOSKA

Da Companhia de JESUS,

Prégado na lingua Italiana, em Roma, na Igreja
de Santo Andre de Monte Cavallo, Novi-
ciado da mesma Companhia.

Anno de 1674.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.

§. I.

273



OUVAR O
filho pela
mã, ou
engrande-
cer a mã pelo filho, in-
vento foi não vulgar de
huma eloquencia do vul-

go. Assim disse quem não
tinha aprendido a bem fal-
lar na lingua propria : &
assim o farei eu na estra-
nha. Hei-de fallar de hum
Beato, & não posso deixar
de beatificar o ventre de
que nasceo: *Beatus venter,*
qui te portavit. Esta he a
obriga-

obrigação de louvar o filho, & esta a necessidade de não poder não louvar juntamente a mãe. Mas qual mãe? O filho he Estanislao: & quando eu ponho os olhos neste bemdito filho, vejo huma, duas, & tres mãys, cada huma das quaes o quer por seu. Não basta aqui a espada de Salamaão; porque são mais que duas as que litigão.

274. Viveo pouco Estanislao, & não podia viver muito. Aos Anjos concede-se pouca via, ou pouco espaço de viadores: & não pôde continuar muito quem começa pelo fim. Com tudo em huma via tão breve, & em huma vida tão curta, foi Estanislao tres vezes concebido, & tres vezes nascido. Não digo cousa nova, & sem exemplo: mas o exemplo he tão unico, & tão alto, que a faz mais admiravel, & mais nova. Fallando de seu proprio Filho diz Deos por boca de David: *Filius meus es tu, Ego hodie*

genui te: Vós sois meu Filho, & Eu vos gerei hoje. Mas quando foi este *hodie*, & este hoje? Em hum, em dous, & em tres nascimentos. *Hodie*, hoje na geração eterna: *hodie*, hoje na encarnação temporal: *hodie*, hoje na resurreição gloriosa. Assim o affirma S. Paulo. E isto que sô se crê de hum homem Deos, nós o verémos por seu modo em hum moçosinho, que não chegou a ser homem. Christo tres vezes nascido de hum só Pay, Estanislao tres vezes nascido, mas de tres mãys.

275. E que mãys foram estas? Huma em Polonia illustrissima: outra em Germania Divinissima: & a terceira em Roma perfeitissima. Em Polonia a mãe natural, que lhe deo o primeiro ser: em Germania a Mãe de Deos, & sua, que lhe deo o segundo: em Roma a Companhia de JESUS, que lhe deo o ultimo, & apenas concebido no ventre o tressadou à sepultura. Foi

Estanislao o primeiro, que morreo nesta Casa : & sendo ella verdadeiramente *Mater viventium*, elle foi o seu *Primogenitus mortuorum*. Não devia hum tal mãy ter outro primogenito, nem hum tal primogenito outra mãy. A primeira mãy cede facilmente à terceira : a terceira cede gloriosamente à segunda : & eu para louvar a Estanislao em todas tres, que farei ? Não farei, nem posso fazer mais, nem menos, que provar o meu thema em todas tres. Veremos pois em outros tantos correlativos hum filho bemaventurado beatificado em tres mãys, & tres mãys bemaventuradas, & beatificadas em hum filho: *Beatus venter, qui te portavit*. Temos não só proposto, mas já dividido o discurso ; comecemos pela primeira parte.

§. II.

Beatus venter, qui te portavit.

276 **C**Oncebido que foi Estanislao : (começo assim, porque em materia grande, & em tempo breve, nem se deve perder tempo, nem palavra) Concebido que foi Estanislao no ventre da primeira mãy ; eis-que apparece milagrosamente sobre o mesmo ventre o nome de JESUS, não escrito, ou pintado, mas esculpido, & relevado na mesma carne, & todo cercado de rayos. Ouvistes, ou lestes algum hora caso semelhante ? Prodigio verdadeiramente estupendo, & inaudito ; mas se eu me não engano, já de muito longe antevisto, & prometido. Do nome de JESUS tinha profetizado Isaiás em hum palavra de dobrada significação duas cousas singulares, que veriaõ os seculos futuros. A pri-

A primeira, que aquelle nome seria nomeado do Ceo ; a segunda, que do Ceo seria esculpido. *Nomen, quod os Domini nominabit : nomen, quod os Domini insculpet.* E quando se cumprio este oráculo ? A primeira promessa se cumprio antes da conceição de Christo, quando o Anjo annunciou do Ceo o nome de JESUS ; *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.* A segunda não estava ainda cumprida, & se verificou na conceição de Estanislao, quando no ventre da mãy appareceo o nome de JESUS esculpido: *Nomen, quod os Domini insculpet.* Mas o nome de JESUS no ventre de huma mulher ? No ventre de huma mulher aquelle nome, *Quod est super omne nomen,* não só escrito, ou sobreescrito com letras; não pintado, ou dividido com cores; mas formado da mesma carne : Sim, da mesma carne : & aqui está o mais admiravel, & o mais miraculoso do milagre. Nas entranhas da Mãy de Deos encarnou Deos o seu Verbo : & nas entranhas da mãy de Estanislao encarnou o Verbo o seu nome. Naquelle ventre a encarnação do Verbo occulta ; neste a encarnação do nome manifesta : naquelle com milagre novo, & inefavel, que não terá segundo ; neste com milagre novo, & inaudito, que não teve primeiro. Oh mulher verdadeiramente beatificada, & consagrada ! O teu ventre foi o primeiro templo de Estanislao : & posto que ainda se não podia adorar o Santo, já se devia adorar o templo : *Ut in nomine Jesu omne genu* Ibidem, *flectatur.*

277 Esta he, senhores, a primeira folha da vida de Estanislao, na qual vos peço, que façais reflexão sobre o que eu principalmente admiro, & he, que sendo todos os Santos obra de Deos, sô esta firmou o mesmo Deos, & sobreescreveo com o seu nome.

nome. Se vissemos que hum famosissimo Artifice depois de ter entalhado em marmore muitas estatuas, ou pintado em laminas de bronze muitas figuras, todas que espirassem vida, & causassem espanto, & ao pé de huma só dellas imprimisse a sua divisa, ou escrevesse o seu nome, que diria o Mundo? Diria com razão que aquella era a obra mais primorosa da sua arte, aquella a mais estimada delle, & mais perfeita. Eu não me atrevo a dizer tanto, mas tanto he o que em semelhantes casos fazem os Artifices humanos, & tanto o que fez (bem que huma só vez) o Divino. Daqui se entenderá hum famoso Texto de S. João, ainda entre os doutos difficuloso. *Hunc enim Pater*

Joan. 6.
27.

signavit Deus. Quer dizer, que no composto ineffavel de Christo imprimio, & estampou Deos Padre o seu sello. Assim o declara mais expressamente o mesmo Texto original Gre-

go: *Hunc enim Pater signavit Deus.* Ora vede.

278 Creou Deos, & vestio a terra com tanta variedade de creaturas, cuja fermosa vista suspende, & leva apoz si os olhos; mas não imprimio o seu sello na terra. Creou o Ceo bordado de ouro sobre azul com Sol, Lua, & Estrellas, vencendo a arte, & a ordem não só a materia, senão a fórma de todas as sublunares; mas não imprimio o seu sello no Ceo. Creou os homens, & Anjos, os Cherubins, & os Serafins, & posto que em todos, & cada hum ou com semelhança, ou com diversidade admiravel, tivesse ideado a sua propria imagem, nem por isso imprimio nelles a estampa do seu sello. E porque? Não eraõ obras dignas da mão, & do pincel Divino? Sim eraõ, & muito: *Vidit cuncta, quæ fecerat, & erant valde bona.* Porque razão logo não as honra Deos, ou não se honra de imprimir nellas o seu sello? Porque tinha

tinha o supremo Artifice na mente outra obra mais nobre ; mais sublimè , mais Divina , mais sua ; & esta sô julgou por digna de a finaliar , & distinguir de todas as outras com a divisa do seu nome. Assim foi.

Creavit Dominus novum

super terram. Sahio Dêos ao Mundo com aquelle artefacto novo , & incomprehensivel , aonde atou o humano com o Divino , o creado com o increado , o finito com o infinito , unidos , & divididos juntamente em hum supposto : & como aquella era a maior obra sua , aonde a Omnipotencia empregou todo o poder , & a Sabedoria compendiou toda a arte ; esta sô sobreescreveo com o seu nome , & sellou com o seu sello : *Hunc Pater signavit Deus.* Este he o verdadeiro sentido do Textõ. Mas eu tremo de applicar a semelhança. Sô não posso deixar de dizer o que se não pôde negar. De Christo he verdadeiro dizer : *Hunc Pater signavit Deus.*

de Estanislao não se pôde negar : *Hunc Filius signavit Deus.* Christo finalado com o sello do Padre , Estanislao sigillado com o nome do Filho.

279 Mas qual será o significado deste grande final ? Hum final , hum prodigio , hum portentoso taõ novo , & inaudito não podia não ter , & encerrar em si huma grande significação. E qual foi esta ? Todos dirão , que ser Estanislao finalado no ventre da mãy com o nome de J E S U S , significa que aquelle minino seria hum insigne , ou assinaladissimo Jesuita. (Fallo ao vosso modo.) Hum Xavier , hum Borja , hum Gonsaga , & tantos outros Martyres , & Confessores , & ainda o mesmo Pay de todos , forão Jesuitas feitos : Estanislao foi Jesuita nascido. Esta he a energia , com que dizemos , que o Orador se faz , & o Poeta nasce. Foi Estanislao Jesuita nascido , & o que he mais , muito antes de nascido já Jesuita.

Morreo

Morreo Estanislao no noviciado : & podia competir na antiguidade com o mesmo Fundador. Santo Ignacio viveo sessenta & cinco annos ; & teve dezafeis de Jesuita : Estanislao viveo dezoito annos ; & teve de Jesuita dezanove ; porque já desde a conceição era Jesuita.

280 Certamente este significado parece proprio, & natural ; mas segundo a nossa divisação pertence à terceira máy, & não à primeira , de que agora fallamos. Qual foi logo o verdadeiro significado daquelle miraculoso JESUS em respeito à primeira máy de Estanislao, que he a de Polonia ? Eu não quero, nem posso querer outra interpretação, nem mais propria, nem mais certa, que a do primeiro Interprete do mesmo nome. O Anjo, que foi o primeiro, que pronunciou, & interpretou o Santissimo nome de Jesus, que disse ? *Ipse enim salvum faciet populum suum*: Porque elle salvará o seu

povo. Este he o verdadeiro significado daquelle final. Sabeis que quer dizer o nome de JESUS estampado sobre Estanislao concebido em Polonia ? Quer dizer, que aquelle Minino seria o salvador, & libertador do seu povo : *Ipse enim salvum faciet populum suum*. O effeito provou o prodigio. Quantas Cidades de Polonia, & quantas vezes ardiaõ em peste, & recorrendo a Estanislao não sò Catholicos, mas tambem hereges, & como se ao seu mandado embainhasse a espada o Anjo percussor, todas ficavaõ livres ? Porẽm estes eraõ povos particulares, & o final diz mais : *Populum suum*: não hum, ou alguns povos, mas todo o povo, todo o Reyno, toda a nação : & assim o experimentou a Polonia toda.

281 O maior perigo, em que já mais se vio toda Polonia, foi o anno de seiscentos & vinte & hum, quando Osman com exercito de trezentos mil Tur-

cos, & maior numero de Tartaros não fò a vinha invadir, mas inundar: não fò a conquistalla em parte, mas a dominalla, & devoralla toda. E qual foi o remedio, & o foccorro em caso, & aperto tão defesperrado? Já o Rey, & o Reyno tinhaõ pedido a Roma a cabeça de Eftanislao, para que elle o fosse das fuas armas, sustento, & muro da Patria; quando entre grande temor, & pouca esperanza amanheceo o dia decretorio de dez de Outubro, decretorio, mas immortal. No mesmo dia entrou a cabeça de Eftanislao na Polonia: no mesmo dia appareceo Eftanislao visivel no ar; não armado, mas orando: no mesmo dia foi visto o Minino Jesus, que do collo, & braços da Mãy voltado a Eftanislao lhe dava a mão: no mesmo dia se deo a desigualissima batalha; & no mesmo foi roto Osman, & a multidaõ imensa dos barbaros feros, armada, & attonita preci-

pitou a fugida. Assim ficou em pé, & salva aquella gram muralha do Christianismo: & Eftanislao nas vozes, nas pinturas, nas estatuas, nas escrituras acclamado salvador, & libertador da sua Patria, & do seu povo: *Ipsè enim salvum faciet populum suum.*

282 Tal foi o significado daquelle grande sinal. Mas a maior gloria do caso, a meu juizo, he, que o sinal, o significado, a mãy, o Filho, a vitoria, o Turco, tudo foi visto por S. João, & o deixou escrito, ou retratado de sua propria penna em humas das mais famosas figuras do seu Apocalypse. E agora (contra o que costumo) citarei a multidaõ de Authores, que quando não são necessarios, mais servem de embaraçar, & escurecer, que de declarar o que dizem. Santo Antonino, Ubertino de Casalís, Paulo Burgense, Pedro Galatino, Celio Pannio, Lyrano, Dionysio Carthusiano, Serafino de Fermo,

Fermo, Ribera, Viegas, Sá, Cornelio A Lapidé, & os outros Commentadores, que escrevéraõ depois do Imperio Ottomano, todos concordaõ que em boa parte do Apocalypse estaõ historiadas as perseguiçoens da feita Mahometana contra a Igreja, & as vitorias, & triunfos da Igreja contra ella. Isto posto, ouçamos o Texto de S. Joaõ. Diz que vio successivamente no Ceo (illo he no ar) dous sinaes, ambos grandes, & espantosos: o primeiro taõ fermoso, & alegre, como o segundo feyo, & formidavel. O primeiro era huma mulher vestida de Sol, coroadada de Estrellas, & que tinha a Lua debaixo dos

Apocal.
12. 1.

pés: *Signum magnum apparuit in celo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum duodecim.* O segundo era hum grande dragaõ de cor leonada, ou vermelha, o qual tinha sete cabeças, & nellas sete diademas, & dez pontas:

& assim soberbo, & armada se presentou, & poz em campo contra a mulher, que estava prenhe, para tragar hum filho, que della havia de nascer: *Et visum est aliud signum in celo: Et ecce draco magnus rufus, habens capita septem, & cornua decem: & in capitibus ejus diademata septem: & draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; ut cum peperisset, filium ejus devoraret.* E quem forraõ, ou haviaõ de ser esta mulher, & este dragaõ?

283 Além dos Commentadores citados, Cedrino, Zonaras, Genebrardo, Capomzachio, Ludovico Legronense, & outros graves Authores, reconhecem no dragaõ o Turco, & seu Imperio: dragaõ venenoso, feroz, & sanguinolento por violencia, & tyrannia, & por discordia, & socordia nossa formidavel no poder, & dominador de tantas Provincias, & coroadado de tantos Reynos. A mulher, posto que com differente expli-

explicação, & applicação, se ouve communmente nomear nos pulpitos: este sentido na fecundidade das Escrituras não desfaz, nem contradiz a probabilidade de outros, principalmente sendo o mais certo interprete das profecias o tempo, cujos successos futuros, sem desacreditar os passados, se declarão mais nos presentes. E se o Author da Historia Profetica Carmelitana, & os que o seguem, reconhecem naquella mulher prodigiosa a mãy de Elias, vencedor futuro do Antechristo: & Aurelio, & outros a explicão da mãy de Heraclio, vencedor já passado de Cosroas, com muito maior razão a posso eu interpretar da mãy de Estanislao, famoso triunfador em nossos dias: de todo o poder Ottomano.

284 Para que se veja a propriedade do caso, voltemos com a applicação sobre a mesma Historia. Primeiramente a mãy de Estanislao com aquelle

Santissimo Nome bordado, ou esculpido no claustro natural, que desde sua conceição o encerrava, & cobria, ninguém pôde negar, que fosse hum grande, & prodigioso final, *Signum magnum*. Diz o Texto, que a mesma mulher estava prenhe, *In utero habens*; & assim era. Diz, que o parto desta vizinha esperança havia de ser hum filho varão, pouco depois arrebatado ao Ceo, *Pepe-* Ibidem
rit filium masculum, qui raptus est ad Deum, & ad thronum ejus; & assim o foi Estanislao na primeira flor da sua idade arrebatado, & roubado do Ceo. Diz, que a mulher estava vestida do Sol, *amicta Sole*; & este Sol era aquelle nome de JESUS, o qual por isso como Sol estava todo cercado de rayos, & resplandores. Diz, que então appareceo contra elle o dragão formidavel, *rufus*; ameaçando fogo; & sangue; soberbo com todas as coroas, que tem, & de que he cabeça, *In capti-*

tibus ejus diademata septem; & armado com todo o poder, & fortaleza de seus exercitos, *& cormu decem;* & estes são os com que o Turco invadio a Polonia. Diz finalmente, que tambem a mulher appareceo coroadada, & não com coroa tecida das folhas Murciaes, senão de Estrellas, *In capite ejus corona Stellarum;* & assim havia de apparecer coroadada pela famosissima vitoria; & com coroa de Estrellas, porque a vitoria foi do Ceo, & não da terra. E para que ninguem duvidasse da verdade do mysterio, como se S. João na base da figura escrevesse a summa da historia, conclue com aquellas poucas, & grandes letras, *Et Luna sub pedibus ejus,* que a mulher tinha a Lua debaixo dos pés; porque a lua Otomana, aquella lua, que ondeando nas bandeiras inimigas ameaçava hum tão grande eclipse à Igreja, ella foi a eclipsada, ella a rebatida, & abatida, ella a

pizada, & metida debaixo dos pés, *sub pedibus.* E posto que a vitoria fosse do triunfante filho libertador da Patria; com tudo o Profetico Evangelista a attribue à mãy prodigiosa; porque segundo o Texto tão louvado do Evangelho, a gloria do filho se deve attribuir à mãy, & ao felice ventre, quem si o trouxe: *Beatus venter, qui te portavit.*

§. III.

285

A Segunda mãy de Estanislao foi a Mãy de Deos. Offereceo Estanislao à Mãy de Deos hum dom grande, & lhe pediu outro maior. O que offereceo foi a pureza virginal com perpetuo voto: o que pediu foi, que a mesma Mãy sempre Virgem fosse mãy sua. Se o alcançou, ou não, aqui pôde estar a duvida. A virgindade, que offereceo, parece que merecia a maternidade, que pedia; porque a S. João, entre todos

os Apóstolos, foi concedida a maternidade de Maria, não por outra prerogativa, que pela da virgindade: *Matrem Virginem virgini commendavit.* Com tudo este exemplo, por ser singular, & unico, não faz argumento. E ainda que o fizesse, não he bastante; porque, como notou Salmeirão, daquelle Texto de S. João: *Ex illâ hora accepit eam discipulus in suam*: sô se prova, que João aceitou a Virgem por mãy; mas não que a Virgem aceitasse a João por filho. E se esta aceitação se pôde duvidar de João, quanto mais (dirá alguém) de Estanislão?

286 Para solução da dúvida, & prova da minha proposição, ouvi hum caso maravilhoso, & não maravilhoso com huma sô, senão com tres maravilhas. Enfermo mortalmente Estanislão em Germania, entre as ultimas respirações da vida o affligia huma sô dor: não de

va; mas de morrer sem o Santissimo Viatico; porque a casa era de hum hege, que por nenhum modo o quiz consentir. No meyo destas devotas angustias ouviu o Ceo as anciosas preces de Estanislão, & o soccorreo não com hum, mas com tres milagres. O primeiro foi, que dous Anjos, em falta de Sacerdote, lhe trouxeram o pão dos Anjos, & o commungaram por Viatico. O segundo, que logo appareceu no mesmo aposento a Bemditissima Virgem, & com a sô vista sua toda chea de Divindade o restituiu da morte à vida. O terceiro, que depondo amorosamente o Minino Jesus, que trazia nos braços, o recoitou no mesmo leito, em que jazia Estanislão. Retende na memoria os dous primeiros milagres, em quanto eu admiro este ultimo, & lhe tiro a consequencia. O Minino Jesus no leito de Estanislão, & Estanislão, & o Minino Jesus ambos no mesmo

mesmo leito? Logo este foi o acto de posse, com que a Virgem aceitou a filiação de Estanislao, & lhe deu a investidura da sua maternidade. Quiz a Mãe de Deos, que o Minino Jesu, & Estanislao como dous irmãos, & como dous filhinhos da mesma Mãe repousassem juntamente no mesmo leito, para declarar, que desde aquelle ponto em diante hum, & outro eraõ seus filhos, & hum, & outro entre si irmãos.

287. Não he confusão minha, mas de Saldamão. Tinha dito a alma

Cant. 3. *In lectulo meo quaesivi quem diligit anima mea:*
1. & continuando sem cessar neste mesmo desejo, em seguimento sempre do que tanto suspirava, rompeo neste amoroso affecto:

Cant. 3. *Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meae, ut inveniam te!*
1. Oh irmão meu, se eu fosse tão felice, que depois de vos buscar tantas vezes, & com tão ansioso desejo, fi-

nalmente vos achasse pendente dos peitos, & braços de minha mãe! Assim dizia, & assim desejava aquella alma: & eu entendendo bem o que deseja, mas não entendendo como falla. Quer achar o Minino Jesus; & em lugar de dizer, o meu Senhor, diz, o meu irmão: *Quis mihi det te fratrem meum?* Que-lo achar pendente dos braços, & peitos da Mãe; & em lugar de dizer, da Mãe sua, diz, da mãe minha: *Sugentem ubera matris meae?* Sim; porque aquella alma fallava desejando, & fallava muito coherente ao seu desejo. Desejava achar o Minino Jesus, & o lugar onde o buscava, era o seu leito, *In lectulo meo quaesivi quem diligit anima mea:* & huma vez que o achasse onde o buscava, huma vez que o tivesse comsigo no mesmo leito, já o Minino Jesus era seu irmão: *Quis mihi det te fratrem meum?* & já a Mãe do Minino Jesus era Mãe sua: *Sugentem ubera matris*

matris meae. Logo bem digo eu, & bem provo, que meter a Virgem o Minino Jesus no mesmo leito com Estanislao, foi aceitar a Estanislao por filho, & dar-lhe solemnemente a posse da sua maternidade.

288 O mesmo rito, ou a mesma solemnidade se observou no acto de aceitar por filho a Joao, não na Cruz, como todos cuidaõ, senaõ na Cea. Na Cruz foi publicada a filiação, na Cea foi tomada a posse. E quando? Quando foi admittido Joao a jazer no mesmo leito com Christo, & a repousar sobre o seu peito. Todos os que lem a Escriitura Sagrada, sabem que era uso dos Hebreos porem-se à mesa não assentados, senaõ jazendo; não em cadeiras como nós, senaõ em leitos. E que fez S. Joao? Passou do seu leito ao de Christo, alli se recoitou sobre o seu peito: *Recubuit super pectus ejus.* E aqui tomou a primeira posse de irmão de Christo, & filho.

Tom. II.

de Maria, a qual posse depois foi declarada, & publicada na Cruz. Exquisitamente Arnaldo Carnotense: *Discipulus, qui in Cœnâ Dominicâ cervical sibi in pectore Magistri aptavit, post illud reclinatorium vices filii naturalis accepit.*

Assim Joao, & assim Estanislao: Joao reclinado sobre o peito de Jesus, & Jesus passado dos peitos da Mãe ao peito de Estanislao; & ambos jazendo, não em diferentes leitos, senaõ no mesmo. Logo, & por isso Joao, & Estanislao, hum, & outro irmão de Jesus, hum, & outro filho de Maria: *Post illud reclinatorium naturalis filii vices accepit.*

289 E se alguém me perguntar qual maternidade, ou qual filiação fosse mais perfeita, se a de Joao, ou a de Estanislao; digo que a de Joao foi mais autentica, porẽm a de Estanislao mais perfeita. Quem mais altamente fallou de S. Joao no privilegio de filho da Virgem,

Q

foi

Joan.
19. 26.
27.

foi o Cardeal S. Pedro Damiaão. Chegou a imaginar, que as palavras, *Ecce filius tuus: Ecce mater tua*, tiverão a efficacia das palavras da consagração: & como Christo nosso Senhor no mysterio da Sagrada Eucharistia consagrou o corpo, & sangue recebido da Virgem Maria, assim em S. João consagrou a relação de filho seu: & que por isso não contente com dizer, *Ecce filius tuus*, ajuntou, *Ecce mater tua*; porque a relação devia ser mutua, & reciproca de mãe a filho, & de filho a mãe: de mãe a filho, *Ecce filius tuus*: de filho a mãe, *Ecce mater tua*. Com tudo tal pensamento he mais forte, que solido; porque para fundar verdadeira relação não basta só o affecto da mãe a respeito do filho, & o obsequio do filho a respeito da mãe: mas he necessario de mais, que a mãe dê verdadeiramente ao filho o ser, & a vida. Isto não teve S. João, &

Estanislao sim. Lembrai-vos agora dos dous milagres já referidos, que deposteis em a vossa memoria.

290. S. João não recebeu o ser, & a vida da Virgem Santissima Senhora nossa; mas a Virgem he certo, que verdadeiramente a deo a Estanislao; porque estando mais morto que moribundo, & quasi espirando; a mesma Senhora, como sua segunda mãe, lhe deo milagrosamente a segunda, & nova vida. Até aquelle ponto filho Estanislao da mãe natural, que lhe deo o primeiro ser: daquelle ponto em diante filho da mãe sobrenatural, que lhe deo o segundo. Agora entendereis o mysterio de hum grande implicancia, que se acha em hum milagre combinado com o outro. O primeiro foi, que os Anjos lhe derao o Viatico: o segundo, que no mesmo ponto a Rainha dos Anjos Maria Santissima Senhora nossa lhe restituio a vida.

a vida. Já se vê a implicancia. Se lhe queria restituir a vida, porque lhe faz dar o Viatico? E se lhe dá o Viatico para a morte, porque lhe restitue a vida? Porque naquella mesmo ponto acabava Estanislao huma vida, & começava outra. Morria à vida recebida da mãy natural, & por isso se lhe deo o Viatico: nascia ao ser recebido da mãy sobrenatural, & por isso se lhe deo a vida. E como Estanislao verdadeiramente recebeu o ser, & a vida de Maria Santissima Senhora nossa, & João não; por esta circumstancia tão sustancial foi mais perfeitamente filho seu, que o mesmo João.

291 E para que se veja quam bem merecida foi esta filiação, fundada como a de João na prerogativa da pureza virginal, & quam propria de filho da mãy virgem; quando a Virgem Santissima Senhora nossa foi annunciada pelo Anjo, Tur-

bata est in sermone ejus. E porque? Sômente porque as palavras da embaixada pareciaõ contrarias ao voto da sua virgindade. Por isso se perturboti de tal sorte, que paraque não desmayasse, foi necessario, que o Anjo chamado For- *Ibidem*
titudo Dei, a confortasse, ^{10.} dizendo: *Ne timeas, Maria.* E a pureza de Estanislao era tão propria de filho daquella purissima mãy, que se alguma vez acaõ ouvia alguma palavra menos casta, se perturbava elle tambem com tal excessõ, que subitamente desmayava, & cahia amortecido. He exemplo, que não se lê de algum outro Santo, & tanto mais raro, quanto não foi huma sô vez, senão muitas as que lhe aconteeo. Mais: Eraõ tão Divinos os rayos de pureza, que resplandeciaõ no soberano rosto da Mãy de Deos, que como diz Santo Epifanio, sô com ser vista infundia castidade: & foi experiencia de muitos,

ros, sendo tentados do vicio contrario àquella virtude, que sô com podem os olhos no rosto de Estanislao, fugia a tentação. Era a vista de Maria Santissima Senhora nossa como a visão de Deos, que faz semelhantes a si aos que o vêem: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum*. Esta graça, que communicou Deos a sua Mãe, communicou a Mãe de Deos a seu filho Estanislao.

1. Joan.
3. 2.

292 Mas o que eu mais admiro, he, que nunca em toda a sua vida se atrevesse o demonio ao tentar em materia da pureza, ainda com hum minimo pensamento: privilegio verdadeiramente Divino, & muito mais admiravel em tal sujeito. Era Estanislao moço, illustre, & de gentil presença, & estas são as tres lanças, com que o Joab do inferno fere mortalmente, & todas emprega no peito dos Absaloens. Logo se o demonio se achava

tao fortemente armado contra Estanislao, porque o não tenta? Porque era filho da sempre Virgem Santissima Senhora nossa. Ao filho primogenito desta grande Mãe tentou o demonio tres vezes: a primeira na gula, a segunda na vágria, a terceira na cubica; mas como nota o Angelico Doutor Santo Thomás, não o tentou na castidade. E porque motivo, ou respeito? Christo permittio ser tentado não por outro fim, que o do nosso exemplo: & o exemplo desta difficil virtude, era o mais necessario à fragilidade humana. Porque não deo logo esta permissão ao demonio em materia da pureza? Porque era indecente huma tal tentação no Filho de Maria Santissima Senhora nossa. Nos outros vicios tentado, mas não vencido: neste vicio nem vencido, nem tentado. Como Filho de Deos, *Si Filius Dei es*, tentou-o o demonio com

com todas as outras fugestões : como filho de Maria, *Filius hominis*, pôsto que tão descomedido o demonio, não se atreveo ao tentar em tal materia.

293 Este foi o respeito, porque o demonio não teve atrevimento para tentar a Estanislao na pureza. Mas nem por isso deixou de o tentar em outros modos huma, duas, & tres vezes, como a Christo. Revestio-se de noite de huma fantasma medonha, & appareceu a Estanislao em figura de hum monstro fero, & esfaimado, que com huma grande boca aberta, & os dentes arreganhados ameaçava de o engulir. E que fez Estanislao ? Rio-se daquella máscara tão fea, como quem a pintava, & com dous dedos em fórma de Cruz o fez retirar, & fugir. Mas eu lhe quero tomar o passo. Para demonio. Tu não sabes ser tentador. Queres tentar a Estanislao, & o tentas com cocos como a minino ? Tenta-o como a

Tom. II.

mancebo com outra figura daquellas, de que tu te serves para render aos da sua idade. Tenta-o como a Sicheim, como a Joseph, como a Samsão. Qual he pois a razão, porque o demonio não tenta a Estanislao como a mancebo com figuras deleitosas, que provoquem o appetite, senão medonhas, feas, & fantasticas como a minino ? Porque Estanislao estava convertido em minino por milagre da castidade heroica. Ouvi huma Filosofia desta virtude, que por ventura nunca ouvistes. A castidade heroica cresce para baixo. E quanto hum homem sobe pela idade, tanto desce pela castidade.

294 Escreve o Texto Sagrado a historia de Joseph, & antes de ser tentado lhe chama *vir* : *Erat* ^{Gen.} *vir in cunctis prosperè agens.* ^{39. 2.} vai por diante, & quando foi tentado da Egypcia lhe chama *adolescens* : *Et* ^{Ibidem} *mulier molesta erat adoles-* ^{10.} *centi* : finalmente chega ao

carcere, onde já vencedor padecia pela mesma virtude, & lhe chama *puer*: *Erat ibi puer*. *Hebraeus*. Já vedes a difficuldade. Primeiro se devia chamar *puer*; depois *adolescens*; depois *vir*: mas primeiro *vir*, depois *adolescens*, depois *puer*? Sim; porque Joseph tinha dous modos de crescer: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens*. Pela idade crescia para cima, *puer, adolescens, vir*: pela castidade decrescia para baixo, *vir, adolescens, puer*. Assim o significou o mesmo Joseph, respondendo à tentadora. *Quomodo possum?* Não disse, não quero; senão, não posso; porque aquillo, que no homem he livre, no minino he necessario; aquillo, que no mancebo he virtude, no minino he impossibilidade: *Quomodo possum?* Ao mesmo modo Estanislao. Joseph como heroe da castidade crescia da juventud à adolescencia, & da adolescencia à puericia: & Estanislao, que ainda não chegava à

perfeita juventud, crescia da adolescencia à puericia, & da puericia à infancia. E porque o demônio em Joseph tinha já aprendido esta Filosofia, que dantes não sabia, desesperado de vencer a Estanislao como mancebo, o tentou como minino. Mas como este minino era irmão do outro, & ambos filhos da Mãe Virgem, ambos lançarão fora o espirito immundo. E mereceu a mesma Mãe, que nós lhe digamos pela virtude deste segundo filho o mesmo, que lhe foi dito pela virtude do primeiro: *Beatus venter, qui te portavit*.

§. IV.

295 **S**omos chegados à terceira mãe, & posto que tarde, já estamos em casa. Depois de Estanislao ter por mãe a Mãe de Deos, parece que não era necessario, nem conveniente, nem decente ter outra. Mas a mesma Mãe de Deos por eleição sua

sua lhe deo a terceira mãy, mandando a Estanislao, que entrasse na Companhia de Jesus. Se esta Religião não tivera outro louvor, este sô bastava para a fazer gloriosa. O Filho de Deos mandou os seus discipulos da sua escola à escola do Espirito Santo: *Ille vos docebit omnia, quaecumque dixerit vobis.* A Mãe de Deos mandou o seu filho amado da sua escola à escola da Companhia.

296 No mesmo ponto tratou Estanislao de entrar no Noviciado de Vienna, onde então se achava. E porque não foi recebido por respeito de seu pay, se deliberou a fugir incognito, & ir buscar a Companhia em Augusta. Nesta viagem noto eu, que não fazendo Estanislao milagre algum já mais em beneficio proprio, sô por vir à Companhia fez milagres. Caminhava elle disfarçado em trajo de peregrino, pobre, sô, a pé, & com hum bordãozinho na mão, quando de hum seu

irmão mais velho, & do seu ayo, que em huma carroça a seis cavallos o vinhaõ seguindo, foi descuberto em tal passo, que se vio Estanislao como o povo de Israel entre os carros de Faraó, & o Mar Vermelho. Diante impedida a passagem hum rio, que cortava a estrada: detraz vinha correndo a toda a furia a carroça de seus perseguidores. Que fará o pobre fugitivo? Como se o bordãozinho de Estanislao fosse a vara de Moysés (mas mais piedosa, & mais innocente) a carroça, & os cavallos, a pezar do cocheiro, & dos repetidos golpes do açoute, paráraõ immoveis, como se fossem de marmore: & o rio passou-o elle por cima da agua a pé seguro, & enxuto, como se de huma à outra ribeira fosse continente. Não fez barca da capa, como seu patricio S. Jacinto, porque a não tinha.

297 Desta maneira fazendo milagres por se ver

na Companhia, chegou Estanislao a Augusta. Mas ainda naquelle Collegio o não quizerão receber. O mesmo vento, que apaga o fogo, se he pequeno; se he grande, o accende mais. Assim cresceu com a contrariedade a constancia de Estanislao, & de huma resolução tão grande subio a outra maior. Resolve vir a Roma com intenção, & animo firme, se não fosse admittido em Italia; de passar a França, a Hespanha, às Indias, & a qualquer parte do Mundo até conseguir a Companhia. Fez Estanislao pela Companhia, o que a Companhia faz por Deos. A profissão da Companhia he servir a Deos em qualquer parte do Mundo; & a resolução de Estanislao foi buscar em qualquer parte do Mundo a Companhia, para servir a Deos nella.

298 Agora entendereis a razão, ou o artificio, porque a Beatissima Virgem asinalando a Estanislao a Religião, que ha-

via de pertender, não lhe asinalou o lugar, em que o haviaõ de admittir. Mãe Santissima, se mandais a Estanislao; que entre na Companhia, porque não lhe asinais a Provincia, o Collegio, o Noviciado aonde ha de entrar? Quiz a Santissima Mãe, que o seu filho fosse filho de toda a Companhia, & que vivendo, & morrendo em hum sò lugar, merecesse, & se sacrificasse a Deos em todos. Fez a Mãe de Deos como Deos. Disse Deos ao pay dos crentes: Abraham sacrificame o teu filho. E aonde Senhor? *Super unum montium, quem monstravero tibi:* Em hum dos montes, que eu te mostrarei depois. E porque não asinalou Deos o monte determinado, onde havia de ser sacrificado Isaac, isto he, o Monte Moria? Porque quiz Deos fazer de hum sacrificio muitos sacrificios: & que havendo de ser sacrificado o filho em hum sò monte na execução, no proposito, & na intenção ao

tenção fosse sacrificado em todos os montes. Caminhava o animoso pay com o fogo em huma mão, & com a espada na outra; via hum monte, & dizia: Aqui he; & não era alli: passava adiante, via outro monte, dizia: Este he; & não era aquelle: & como baxel no meyo da tempestade, que cada onda parece que o ha de sumergir, & lhe perdoa, assim Abraham subindo, & descendo, hia passando de monte em monte, até chegar ao destinado Moria, em que finalmente sacrificou o filho, sacrificando já em todos os outros. Do mesmo modo Estanislao, depois que recebeu o preceito da Mãe de Deos. Em Vienna dizia: Aqui he; & não era Vienna: em Augusta dizia: Aqui he; & não era Augusta. E posto que o monte destinado para o sacrificio havia de ser o monte Quirinal, & a ara o Noviciado de Santo André; já elle anticipadamente se tinha sacrificado em todas as Províncias, &

em todas as Casas da universal Companhia. Passava à Alemanha, como se passasse à Europa, & ao Mundo: atravessava o Danubio, como se atravessasse o Mediterraneo, & o Oceano. E não tendo ainda lugar na Companhia; pela immensa extensão do seu grande proposito, já tinha entrado, & servia a Deos em todos.

299 Com esta vastíssima resolução, tendo caminhado a pé mil & duzentas milhas, chegou Estanislao com o habito de peregrino, & mendigo a Roma, aonde por fim entre os braços do Padre Géral S. Francisco de Borja foi admittido à Companhia nesta Casa. O Noviciado já sabeis, que he o ventre materno, em que a Religião concebe, & fórma a seus filhos. E que fez Estanislao neste Noviciado de Santo André? Esta pergunta dà em terra com todo o meu panegyrico. Entrando aqui Estanislao não fazia mais, que o que fazem

fazem todos os outros noviços. Não mais do que fazem todos os outros? E para isto lhe mandou a Mãe de Deos, que entrasse na Companhia? Quem poderá crer tal cousa? Os demais vem à Religião para ser Santos; & Estanislao parece que entrou na Religião ou para deixar de ser Santo, ou para ser menos Santo do que dantes era. No seculo he certo que Estanislao vestia asperos, & continuos cilícios; & aqui não sempre: no seculo se disciplinava cada dia com cadeas de ferro atè derramar sangue; menos vezes, & com menos rigor aqui: no seculo se levantava sempre à meia noite a ter oração, atè a Alva; & aqui se levantava tambem à oração, porèm mais tarde, & por menos tempo: no seculo tinha aquelle seu irmão, que pela virtude o affligia, & martyrizava, como hum cruelissimo tyranno; & aqui se achou em meyo de tantos irmãos, que o tra-

tavaõ com summa charidade, & benevolencia. Logo veyo Estanislao (dirá alguem) à Companhia não a ser, senão a deixar de ser Santo; & se foi Santo, & tão grande Santo, foi Santo no seculo, & não na Companhia.

300 Quem assim discorre, não sabe que cousa seja Religião, nem que Religião seja esta. Muito maior Santo foi Estanislao na Companhia fazendo menos, que no seculo fazendo mais; porque na Religião o que diminuía nas obras, multiplicava nas virtudes; & o que tirava ao precioso accrescentava ao preço. Dizei-me: como se lavraõ os diamantes? Poem-se o diamante na roda, & tirando-lhe ao diamante partes de diamante, fica o diamante mais polido, & lustroso. Por isso poz a Soberana Virgem este diamante nella Officina. Mas que havia de tirar Estanislao, se era todo Santo? A propria vontade, ainda que tão
santa

santa. No seculo era Santo ; mas Santo à sua vontade : & na Religião Santo ; mas debaixo da roda daquella virtude , que he mais propria da Companhia, isto he, a obediencia ; & por isso muito mais Santo. No seculo merecia no que fazia ; na Religião merecia no que fazia , & no que não fazia ; porque quanto fazia , & quanto deixava de fazer , era por obediencia. Com esta arte aperfeiçoou a Companhia a santidade de Estanislao, & aquella virtude , que era já santa , a fez quasi Divina.

301 Pedirão os Hebreos a Aram , que lhes fizesse hum deos visível. E que respondeo Aram : *Tolite in aures aureas de uxorum, filiorumque, & filiarum vestrarum, & afferte ad me* : Trazei-me os ornatos de ouro das orelhas de toda a vossa familia. E para fazer hum deos, o ornato das orelhas ? Sim. Obrou mal Aram ; mas discorreo bem. A orelha,

como todos sabem , he o sentido da obediencia : *In Psalm. auditu auris obedivit mihi.* 17. 45. Julgou pois Aram , que sô do ouro , que he ornato daquelle sentido , sô da materia da obediencia se podia fabricar huma estatua da divindade. A razão he ; porque aquillo, que se faz por propria vontade, por mais santo que seja, tem liga de humano ; porém aquillo, que se faz por obediencia , todo he Divino. Fallo da perfeita obediencia , que he aquella , que se ensina nesta escola. Em dous sujeitos está Deos unido ao homem : em Christo , & no Superior : Christo he Deos , & homem ; o Superior he homem , & Deos : *Ego dixi : Dii estis.* E qual he maior uniaõ , aquella , com que está unido Deos ao homem em Christo, ou aquella , com que está unido Deos ao homem no Superior ? Fallo a auditorio erudito , o qual bem sabe que aquella uniaõ Fysica, & Hypostatica, he absolutamente

tamente maior que a outra Moral. Comparando porêm de huma parte a Fyfica, & da outra a Moral, ao proposito, em que eu fallo, esta he maior que aquella. E porque? Porque a uniaõ de Deos ao homem em Christo, admite duas vontades distintas, huma humana, outra Divina; de modo, que nem a Divina he humana, nem a humana he Divina: *Non mea voluntas, sed tua fiat.* Porêm a uniaõ de Deos ao homem no Superior, não admite duas vontades distintas, senão huma sô, com tal indistincão, & unidade, que a humana he juntamente Divina, & a Divina he juntamente humana; porque a vontade de Deos he a vontade do Superior, & a vontade do Superior he a vontade de Deos: *Qui vos audit, me audit.* Daqui he, que o que renuncôa inteiramente a vontade propria na vontade do Superior, já as suas obras não tem nada de humanas, mas em tudo são

LUC. 12.
42.

LUC. 10.
16.

Divinas. E porque esta he a obediencia ensinada de Santo Ignacio, & praticada nesta primeira escola sua da perfeicão; esta foi a razaõ, porque a Mãe de Deos mandou a seu querido filho viesse a esta officina, escolhendo-a a ella entre todas não sô para aperfeçoar mais a perfeicão de Estanislao, nem sô para santificar mais sua santidade, senão tambem para a divinizar. Tal foi neste Noviciado a vida de Estanislao, não de Anjo, como todos lhe chamavaõ, mas de mais que Anjo, & verdadeiramente Divina.

§. V.

303 **S**omente (com isto Sacabo) se pôde duvidar, & com grande admiracão: Se a Mãe de Deos mandou a Estanislao à Companhia para purificar, para refinar, & para santificar mais a sua santidade, porque lhe concedeo tão pouca vida na mesma Companhia? Corria o decimo

cimo mez de feu Noviciado, & era o dia de S. Lourenço, quando Estanislao com a meditação daquellas chammass se sentio acender mais ardentemente daquelle fogo Divino, que sempre o abrazava. Era taõ forte o incendio, que passando muitas vezes da alma ao corpo, o arrancava da terra, & levantava no ar: ou lhe inflammava o coração, o peito, & o rosto com hum fogo taõ sensível, & taõ vivo, que era necessario ser soccorrido com banhos de agua fria, para que não se abrazasse totalmente, & se convertesse em hum carvão Serafico, como aquelle de Isaias. Vencido finalmente, & arrebatado deste incendio; toma Estanislao a penna, escreve huma terríssima carta à sua segunda mãy, na qual lhe representava a força já intolleravel de seus desejos, & lhe supplicava o chamasse ao Ceo à visinha festa de sua gloriosa Assumpção. Caso miraculoso, & ver-

dadeiramente suavissimo! Encomenda a carta ao mesmo S. Lourenço, para que a ponha em mãos de sua mãy: persevera sam até os quatorze do mesmo mez, & ao amanhecer do dia seguinte, como já tinha predito, foi assumpto à festa da Assumpção. Assim deixou Estanislao o Noviciado, & a Companhia; que este Paraíso se podia deixar por aquelle Paraíso, & esta mãy se por aquella mãy. Porém eu não admiro tanto o milagre da morte, quanto a brevidade da sua vida. Para taõ poucos dias he mandado Estanislao à Companhia? Para taõ poucos dias tanto aparato de appareçoens, de difficuldades, de peregrinaçoens, de perseguiçoens, de milagres? Sim: para taõ poucos dias. Porque era conveniente assim, tanto para a gloria do filho, como para a gloria da mãy. O filho miraculoso em se aperfeiçoar, a mãy miraculosa em o parir, ambos em taõ breve tempo.

304. Notaveis forão o primeiro, & ultimo milagre de Christo. No primeiro converteo a agua em vinho. Porèm isto he o que faz a vide. Chove a agua do Ceo, & a vide a converte em vinho. No ultimo milagre, & o maior de todos converteo o pão, & o vinho em carne, & sangue; & isto he o que faz o corpo humano. Come pão, & bebe vinho, & o converte em carne, & sangue. E posto que esta não he transustanciação (maravilha propria sòmente daquelle altissimo mysterio) he verdadeira conversão. Pois se a natureza na vide converte a agua em vinho, & no corpo humano converte o pão, & o vinho em carne, & sangue; estes porque razão não haõde ser milagres? Pela differença do tempo. A natureza, porque ha mister introduzir as disposições pouco a pouco, obra depois de largo tempo; mas se aquillo mesmo que a natureza faz depois de

muito tempo, se fizesse em brevissimo, já não seria obra da natureza, senão milagre da Omnipotencia. Assim succedeo em Estanislao, & tanto com maior milagre, quanto a graça he superior à natureza. A natureza para formar hum elefante, o traz dous annos no ventre da mãy. E Santo Ignacio, que queria formar sujeitos grandes, não se contentou com hum anno, instituhio dous de noviciado, & depois o terceiro. A estes espaços se havia de ir aperfeçoando Estanislao pouco a pouco, se a graça houvesse de obrar connaturalmente; porèm como a Omnipotencia queria sair ao Mundo com hum grande milagre da mesma graça, o que havia de fazer em muitos annos, fez em poucos mezes. Oh bemaventurado, & milagroso filho! Oh bemaventurada, & milagrosa mãy! O filho milagroso em se aperfeçoar sem tempo, a mãy milagrosa em o parir antes de tempo.

tempo. Da mãy do Bapti-
sta diz o Euangelho : *Im-
pletum est tempus pariendi,
& peperit.* E da mãy de
Estanislao podemos dizer
com Isaiás : *Antequam par-
turiret, & peperit.*

305 Sabeis, senhores,
que cousa foi Estanislao,
este moço tão santo, este
noviço tão divino ? Não
foi outra (deixai-mo di-
zer assim) não foi outra
cousa que hum aborto da-
quella grande mãy. Aborto-
u a Companhia o pri-
meiro parto, & pario hum
filho morto, que já tem re-
fufcitado seis mortos. Da
infinidade de outros mila-
gres não quero fallar. S.
Paulo diz de si, que foi
aborto de Christo : *Novis-
sime tamquam abortivo, vi-
sus est & mihi.* E porque foi
abortivo S. Paulo ? Por-
que os outros Apostolos
tiverão o noviciado da
escola de Christo não sô de
dous annos, senão tam-
bem de tres : & S. Paulo
começando o noviciado
em Damasco, abreviando-
se-lhe o tempo, o foi aca-

bar no Paraíso, & da esco-
la de Ananias passou à do
Ceo. Assim o diz Santo
Thomás, & o collige em
boa Chronologia das pa-
lavras do mesmo Aposto-
lo : *Ante annos quatuorde-* 2. Cor.
cim. Abortivo Paulo, & 12. 2.
abortivo Estanislao : Pau- D.Tho.
lo da primeira Companhia ibid.
de Jesus : Estanislao da se-
gunda, & ambos gloria de
huma, & outra mãy. Bem-
aventurada pois a tercei-
ra, & ultima mãy de Esta-
nislao ; bemaventurada a
Companhia de Jesus pelo
primeiro dos seus Beatos ;
& bemaventurada esta
Casa pelo primogenito de
seus Filhos : & não bem-
aventurada, porque che-
gou ao parir ; mas bem-
aventurada, & mil vezes
bemaventurada, sô porque
o trouxe em seu ventre :
*Beatus venter, qui te por-
tauit.*

§. VI.

306 **E** Stanislao meu, já
tenho acabado :
& a minha oração cança-
da do pouco, que se tem
adrian-

adiantado em vossos louvores, humildemente se poem a vossos pés, não perorando, mas orando. O memorial, que vos presente, he breve, & não meu, senão desta vossa mãy, que tanto amastes sempre. O que vos supplica vossa terceira mãy, he, que diante do throno da segunda vos lembreis de presente que sois filho da primeira. Aquelle grande dragão já duas vezes vencido de vós, agora enfurecido, & contumaz levanta a cabeça, infesta, & ameaça a vossa Polonia. Em campanha está o Marté daquelle grande Reyno; & posto que laureado de tantos triunfos, & seguido de fortissimo, & florentissimo exercito, & sobre tudo acompanhado de si mesmo; sem vós, se tem por fô. Está digo na campanha El-Rey João o III. cuja espada, como a de Gedeão, he de Deos juntamente, & sua: *Gladius Domini, & Gedeonis*. Em quanto sua, não menos que

Judic.
7. 20.

a do gram Machábeo, confia mais em vossa ajuda, que em seu proprio valor. Vós sois o seu Jeremias defunto, & vivo, de quem confessa eompiedade Christã, & verdadeiramente Real o que do outro dizia Onias: *Hic est fratrum amator, hic est qui multum orat pro populo*. Na batalha, & vitoria memoravel do anno passado no campo de Cocim, (na qual o mesmo Rey deo o Reyno ao Reyno, antes que o Reyno lhe desse a coroa) elle foi o Capitaõ, & vós o vencedor. Assim o confessa Sua Magestade, que vos escolheu por Patrono, primeiro daquelle jornada, & depois de todo o Reyno. Assim o escreveo à Santidade de nosso Senhor Clemente X. supplicando-lhe confirmasse o seu patrocínio, & assim o provastes vós, rendendo-se Cocim no mesmo dia voffo, hoje faz hum anno.

307 Isto he, ô novo, & glorioso Protector da vossa Patria, isto he o que tendes

tendes feito, & esta a summa da nossa supplica: *Quod facis, fac.* Prosegui, imitai-vos a vós mesmo, & como sois a todos admiracão, sede a vós mesmo exemplo. Se aquelle barba-ro infecta a Polonia, & na Polonia ameaça o Mundo: defendei vós a muralha universal do Christianismo; & se a soberba da sua mea lua traz por mote: *Donec totum impleat orbem:* seja a alma da vossa empreza: *Donec auferatur luna.*

308 Mas para que rogo eu, & exhorto a Estanislao, se elle tem empenhado a sua cabeça em defesa da sua Patria, & a este fim desfez hum milagre para fazer muitos? Duas vezes foi aberto o sepulchro de Estanislao: a primeira se achou o seu corpo incorrupto, & inteiro, premio devido à sua pureza: a segunda (& foi ao tempo, quando Polonia mandou pedir a sua cabeça) se acháraõ os ossos despídos da carne, & soltos. E que razão haveria

(dizeis vós) para cessar o primeiro milagre? Não para que tivesse fim, não: senão para que se multiplicasse em outros maiores, & mais proveitosos ao Mundo. Para que nos ossos de Estanislao repartidos pelo mesmo Mundo se semeasse nelles o remedio, a faude, & a vida dada por seus merecimentos a tantos: & principalmente para que pudesse passar a Polonia a sua cabeça, como o maior, & mais poderoso soccorro, que lhe podia mandar a cabeça do Mundo. Oh ditosa Patria, ditoso Reyno, ditoso Rey!

309 El-Rey Joram sitiado de Senacherib, & de potentissimo exercito dos Assyrios, ameaçou que havia de tirar a cabeça a Eliseu, porque não fazia levantar o sitio com suas oraçoens. *Hæc faciat mihi 4. Reg. Deus, & hæc addat, si sterit caput Elisei super ipsum hodie.* E o successo foi, que Eliseu por livrar a sua cabeça, levantou o sitio

no mesmô dia. Não assim Estanislao; senão que elle mesmo se tirou a si a cabeça, & nella se levou a si a sua Patria, para salvar ao seu Rey, & ao seu Reyno. Segura pois está, & estará a Polônia, em quanto este Eliseu ajudar o seu Joram. Tendo-se pedido licença a El-Rey D. Manoel de Portugal, chamado o Conquistador, para que pudessem ser trazidos da India ao sepulchro dos seus maiores os ossos do grande Albuquerque, a negou, dizendo, que em quanto estivessem em Goa os ossos de Albuquerque, estaria seguro o Oriente. E com quanta maior razão

posso eu esperar, & prometter, que em quanto as reliquias de Estanislao estiverem em Polonia, está seguro o Rey, seguro o Reyno, & segura a muralha da Christandade?

310 Isto deve Estanislao à primeira mãy: isto lhe pede continuamente a terceira; & isto lhe concederá sem duvida com seu potentissimo braço a segunda. E por isto emfim será elle tambem sempre louvado em todas as suas tres mãys; & por todas tres se lhe cantará com applauso concorde do Ceo, da Patria, & de todo o resto do Mundo: *Beatus venter, qui te portavit.*



SERMAM

D O

DEMONIO MUDO,
No Convento de Odivellas, Religio-
sas do Patriarcha S. BERNARDO.*Anno de 1651.**Erat Iesus ejiciens dæmonium, & illud erat
mutum.*

Luc. II.

S. I.

311



IGIAI, &
estai alerta,
diz o Apo-
stolo S. Pe-
dro, porque o demonio,
vosso inimigo, como leão
bramindo cerca, & anda
buscando a quem tragar:
*Sobrii estote, & vigilate,
quia adversarius vester dia-*

*bolus tamquam leo rugiens
circuit, querens quem devo-
ret. Necessaria, & temero-
sa advertencia he esta; mas
muito mais necessaria, &
muito mais temerosa a de
que hoje nos avisa o Eu-
angelho. Porque? Porque
o demonio, de que nos
manda acautelar S. Pe-
dro, he demonio com bra-
midos, Tamquam leo ru-
giens,*

R ij

Luc. 11. 14. *giens; & o demonio de que falla o Euangelho, he demonio mudo: Erat Jesus ejiciens demonium, & illud erat mutum.* Se o demonio vem bramindo, os mesmos bramidos dão rebate do perigo, & ninguem haverá taõ descuidado, ainda que esteja dormindo, que não esperte affombrado, & se acautele; porèm se o demonio vem mudo, debaixo do mesmo silencio, em que se esconde o perigo, descansa, & adormece o cuidado.

312 O demonio sempre he inimigo, *Adversarius vester diabolus*; mas quando vem bramindo, vem como inimigo declarado: quando vem mudo, vem como inimigo occulto; & muito mais para temer he o inimigo occulto, & dissimulado, que descoberto. Quando o exercito contrario com as bandeiras estendidas ao som de caixas, & trômbetas se vem avaneando aos muros, não são necessarias vigias; mas quando de noi-

te vem marchando à furda com todos os instrumentos bellicos em silencio, entã he necessario que as sentinellas estejaõ com os olhos muito abertos. Quando o demonio vem como leão bramindo, avisa-me o leão, & avisa-me S. Pedro; mas quando elle vem mudo, nem o leão, nem S. Pedro me pôde avisar. Emfim a differença do demonio (como leão, & bramindo) ao mesmo demonio (como demonio, & mudo) atè aos mesmos sentidos he manifesta: como leão ve-se, & como bramindo ouve-se; porèm como demonio, que he invisivel, não se pôde ver, & como mudo que não falla, não se pôde ouvir.

313 Este he o demonio, que Christo hoje lançou fóra: & este o milagre, que muitas vezes repete por meyo dos Prégadores, se o estado já incapaz dos ouvintes o não impede. Quando o leão levava algum cordeiro do rebanho de David, se não estava ainda

ainda tragado, & engulido de todo, & lhe ficavaõ as orelhas de fõra, pelas mesmas orelhas o tornava elle a tirar da garganta do leaõ. He o que diz o Profeta Amõs, que tambem foi pastor: *Quomodo siervat pastor de ore leonis extremum auriculæ*. Eu não duvido que possa haver neste auditorio alguns, a quem tragasse o demonio, porq̃ elle não bramio, nem elles o ouviraõ. Se tambem lhe tragou as orelhas, não lhe vejo remedio; mas se ainda lhe ficáraõ de fõra, por ellas, & pelos ouvidos, se poderãõ livrar, se ouvirẽ com a atençaõ, que pede taõ grave materia.

AVE MARIA.

§. II.

314 **O** Grande Patriarcha S. Bernardo, que sendo entre os outros Doutores Sagrados taõ eminente, neste lugar he o maior, expondo o Texto de S. Pedro, diz que dava graças ao grande leaõ do

Tom. I I.

Tribu de Judá Christo Senhor nosso, porque permittindo o bramir ao leaõ do inferno, não lhe permittia o ferir: *Gratias magis* Bern.
quo illi leoni de Tribu Juda: rugire iste potest, ferire non potest. E porque não pôde ferir, se pôde bramir? Por isso mesmo. Quando o leaõ vem bramindo, na mesma boca, em que traz o perigo, traz juntamente o remedio. Os seus bramidos nos livraõ dos seus dentes, & as suas ameaças das suas garras. Mas se elle, que assim como pôde bramir, pôde não bramir, se vier mudo, que será? Aqui ha de bater o nosso ponto. Vai por diante o Texto, & diz que não sô vem bramindo, senão cercando: *Rugiens circuit, quærens quem devoret*. E posto que estes cercos do demonio não darãõ muito cuidado a S. Bernardo, porque os muros da sua Religiaõ são muito altos, muito seguros, & muito fortes, com tudo, se o demonio despir a pelle, & o

R. iij

corpo

corpo de leão, pouca resistencia lhe podem fazer os muros. E tal he o caso, & a Casa, em que estamos.

315 O demonio como espirito, & como espirito soberbo, atrevido, & sem temor, nem reverencia dos lugares sagrados, entra pelos claustros religiosos, passa os corredores, & dormitorios, & por mais fechadas que estejaõ as cellas, sem gazua, com ser ladraõ, se mete, & mora nellas muito de assento. Por final, senhoras, que muitas o deixastes na vossa cella, & o achareis lá quando tornardes. Ninguém se benza, porque esta verdade; posto que não seja Fé Catholica, he Romana. He a novidade, que de lá trago, para que vos peço nova attençaõ.

316 Sendo o estado das virgens consagradas a Deos a mais illustre porção do rebanho de Christo, como lhe chama S. Cypriano: *Illustrior portio gregis Christi*; que meyo tomaria o supremo, & vi-

Cyprianus.

gilantissimo Pastor Innocencio X. que Deos guarde muitos annos, para conservar o mesmo estado em sua pureza, & perfeição, & onde estivesse descahido, o restituir a ella? Elegeo Sua Santidade em Roma hum Religioso de grande virtude, & prudencia, & mestre do espirito muito experimentado, ao qual encomendou que visitasse de secreto os Conventos das Religiosas não sò em commum, senão tambem nas cellas, ou aposentos particulares: & que procurasse de lhes tirar (não por violencia, mas com a suavidade de santas exhortações) tudo o que julgasse menos decente à fé, & unico amor, que devem a seu Divino Esposo. Fello assim o Visitador com o zelo, que delle se esperava; & depois de alguns mezes, dando conta ao mesmo Summo Pontifice da sua missão, disse, que vinha muito edificado do que achára, mas não de todo contente.

rente. Edificado, porque achára tantas penitencias, tantos jejuns, tantas disciplinas, & cilícios, & tantas oraçoens, & devaçoens, que lhe fora necessario moderar o excessso, & ir à mão a tão demasiados fervores. Edificado tambem; porque havendo nos ditos aposentos algumas alfayas, ou peſſas de maior preço, & curiosidade do que permite a pobreza, & simplicidade religiosa, todas, posto que com alguma repugnancia, as fizera despedir, & applicar a melhores usos, excepta ſomente huma. E porque eſta a não pudéra arrancar das paredes, & muito menos dos affectos, ſeñão em muito raras daquellas Monjas, por iſſo não eſtava totalmente ſatisfeito da ſua diligencia. Então perguntou Sua Santidade, que alfaya, ou que peſſa era aquella. Ao que respondeo o Visitador, que o eſpelho. O eſpelho? Beatiſſimo Padre, ſim. E a razão do meu deſ-

contentamento he; porque tenho alcançado por larga experiencia, que em quanto huma Religioſa ſe quer ver ao eſpelho, não tem acabado de entregar todo o coração ao Eſpoſo do Ceo, & ainda lhe ficaõ nelle alguns reſabios do amor, & vaidade do Mundo.

317 Tal foi a reſpoſta do Visitador daquelles Conventos, ouvida não menos que da boca de Sua Santidade. E com eſta tão autentica, & bem fundada noticia, fiquei eu perſuadido a huma couſa, & me reſolvi a outra. A primeira, a que fiquei perſuadido, com boa vénia de tão veneravel Communidade, he, que nos Conventos, & cellas das Religioſas o eſpelho he o diabo mudo. A ſegunda, a que juntamente me reſolvi, foi, que vindo a Portugal, havia de publicar, & prégar eſte caſo no primeiro lugar a que pudeſſe pertencer. Elle pois ſerá hoje o argumento do meu diſcurſo, &

humana allegoria tão propria das palavras, que propuz no rhema, como ellas mostrarão.

§. III.

318 **E**rat Jesus ejiciens *dæmonium*, & *illud erat mutum*. Diz o Euangelista S. Lucas, que estava Christo lançando do corpo de hum endemoninhado hum demonio, que era mudo. E porque não diz que o lançou, ou que o lançára, senão que o estava lançando, *Erat ejiciens*? Este reparo he de todos os Expositores, os quaes tambem respondem todos, que aquelle estar, ou aquella detença, & tardança significava a repugnancia, a rebeldia, & a resistencia, & contumacia, com que o demonio se não queria despegar daquelle corpo, nem deixar-se arrancar delle. Mas isto mesmo tem nova difficuldade no Euangelho do mesmo S. Lucas. Diz este Euangelista, que quando Chri-

sto lançava os demonios fora dos corpos, não era necessario que o Senhor lho mandasse com alguma palavra, mas bastava que o endemoninhado tocasse as vestiduras sagradas, para logo ficar livre: *Qui vexabantur à spiritibus immundis, curabantur: & omnis turba querebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes*. Pois se a virtude de Christo tão facilmente lançava dos corpos os demonios; porque experimentou tanta resistencia, & difficuldade na expulsão deste demonio mudo? Por ventura por ser mudo? Não: antes por ser mudo era conveniente que o lançasse por hum tacto tambem mudo, & juntamente passivo como aos demais. Aperremos a duvida em todo o rigor. He certo que o demonio não podia resistir à virtude de Christo, que era omnipotente. E tambem he certo que as difficuldades, & resistencias do *Erat ejiciens*, eraõ affe-

afectadas pelo mesmo Christo, para debaixo dellas nos dar alguma importante doutrina. Que queria logo significar o Senhor naquelle demonio mudo, & naquellas resistencias? Antes da prova ninguem tenha a resposta por paradoxo. No demonio mudo queria o Senhor significar o espelho, & nas resistencias a grande difficuldade, com que o espelho se lança fóra. No mesmo exemplo de Roma, que acabo de referir, temos a prova, & muito mais encarecida:

319. Quando Christo Senhor nosso mandou aos seus discipulos prégarem sobre os demonios, para que os lançassem dos corpos. Com este poder lançavaõ fóra indifferente-mente todos os demonios, até que lhe trouxeram hum tambem mudo, como consta do Evangelho de S. Matheus, o qual por mais exorcismos que lhe fizerão, era tão obsti-

nado, & rebelde, que de nenhum modo o pudéramos arrancar os Apostolos do corpo, de que se tinha apoderado. Deraõ conta desta novidade ao Divino Mestre, perguntando a causa della: & o Senhor lhes respondeu, que os demonios daquela casta, não se lançavaõ fóra, senão com oração, & jejum: *Hoc genus demoniorum non ejicitur nisi in oratione, & je-*

junio. Ao nosso ponto agora. Marth.
17. 20.
Marc.
9. 28.

Naquellas devotas Religiosas de Roma, que deraõ motivo ao nosso discurso, não ouvimos que eraõ tão continuas as orações, & os jejuns, que foi necessario moderar-lhes o excesso destes santos exercicios? Sim. Pois se os demonios mudos se lançam com orações, & jejuns, as mesmas que tanto oravaõ, & jejuavaõ, porque repugnavaõ tanto a que se lhes tirasse da cella o espelho? Porque o espelho he hum demonio mudo, de peyor casta que os outros demonios mudos: os outros

tros lanção-se com oraçoens, & jejuns, *in oratione, & jejunio*; porèm estes são muito mais rebeldes, & obstinados. Estaõ taõ pegados à parede, & muito mais ao coração, que orará, & jejuará a dona da casa quanto quizerdes, & muito mais do que quizerdes, mas o espelho não ha de ir fõra.

Depois, & mais em seu lugar declaráremos a razão, ou semrazão desta difficuldade; agora vamos seguindo o Texto, & tirando as duvidas, ou os escrupulos, que pôde ter a nossa allegoria.

§. IIII.

320 **A** Palavra *Ejiciens* segue-se *dæmonium*. E chamar demonio ao espelho parece que não fo he fazer injuria à arte; fenaõ à mesma natureza. O espelho depois de muitos annos (quando já o Mundo não tinha muito que ver em si, fenaõ muito que aborrecer) foi in-

vento artificial, & humano. Porèm na sua primeira origem já tinha sido o espelho obra da natureza, & do Soberano Author della. As Estrellas são espelhos do Sol: os rios são espelhos das arvores: huma fonte, que não devêra, foi o espelho fatal de Narciso: & o mesmo mar espelho daquelle rustico presumido, que dizia: *Nuper me in littore vidi, cum placidum ventis staret mare*. Seneca com toda a severidade Estoica diz que os espelhos (em que os primeiros homens encontravão com a sua imagem em qualquer pedra liza) foram ordenados desde seu principio pela natureza, como mãy, & mestra dos bons costumes, para que o moço que nasceo bem afigurado, vendo no espelho a sua gentileza, a não asseasse com os vícios: & o que nasceo feyo, supprissê, & emendasse aquelle defeito com a fermosura das virtudes. Do mesmo modo para que o man-

cebo vendo-se robusto, & forte, empregasse as suas forças em honestos, & honrosos trabalhos: & o velho considerando as suas cãs, as não afrontasse com acção indigna dellas; antes reconhecendo os poucos dias, que lhe podiaõ restar de vida, os perpetuasse com exemplos merecedores da immortalidade. Esta mesma doutrina tinha sido a de Plató, & Socrates, em cujas escolas estavaõ collocados espelhos, para que a elles se vissem, & compuzessẽm os discipulos das virtudes, que nellas se ensinavaõ.

321 Pois se o espelho desde sua origem não foi obra humana, senão Divina: se o fim deste instrumento natural foi para que o homem creado à imagem de Deos, vendo a sua no espelho, a procurasse conformar com a perfeição, & soberania de tão alto Original; não he aggravo, & afronta, sobre impropriedade grande, comparar o espelho ao de-

monio, & chamar-lhe demonio? Não. Porque desde sua mesma origem não ha duas cousas, que Deos creasse mais parecidas, & semelhantes, que o demonio, & o espelho. O demonio primeiro foi Anjo, & depois demonio: o espelho primeiro foi instrumento do conhecimento proprio, & depois do amor proprio, que he a raiz de todos os vícios.

322 E para que se veja quam alheyo de aggravo, nem encarecimento he o nome de demonio, que dei ao espelho; ouçaõ todos com affombro o que agora hei-de dizer. E he, que de hum espelho não artificial, ou fingido, senão natural, & verdadeiro, & de huma fermosura também natural, & verdadeira, que nelle se vio, nascerão todos os demonios, quantos depois de serem Anjos, ardem no inferno.

323 Os espelhos, em que se vêm os Anjos (& o mesmo se entende das nossas almas) não são com-

compostos de vidro, & aço, ou de outra materia corporea, senão espirituacs como os mesmos Anjos: os quaes nos actos do proprio entendimento, como em espelhos naturais, & clarissimos, se vem a si, & as expressas imagens de si mesmos. Em Deos q̃ he o Supremo Espirito, & exemplar de todos, temos o melhor, & mais qualificado exêplo. Deos Padre desde o principio sem principio de sua eternidade, produzio, & está sempre produzindo por acto de entendimento o Verbo Divino, & o mesmo Verbo he hũ espelho de candidissima luz, & sem macula, no qual vê Deos a sua effencia, a sua Magestade, a sua grandeza infinita, & todos seus attributos: *Candor est enim lucis æternæ, & speculum sine maculâ Dei maiestatis, & imago bonitatis illius.* Assim o diz o Espirito Santo no Livro da Sabedoria: & assim por seu modo se vem os Anjos a si mesmos, não fóra, senão

dentro de si no espelho natural, & imagẽ expressissima do proprio entendimento.

324. Isto posto, tanto que foi creado o mayor, & mais excellente de todos os Espiritos Angelicos, Lucifer, viose neste seu espelho mental, & contêplando nelle a sua fermosura, mayor sem contraversia q̃ a de todos os Anjos, ficou tam namorado & elevado da mesma vista: *Elevatum est cor tuum in decore tuo:* que não se contêtou com menos que ser como Deos: *In Calum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte testamenti, ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo.* E que se seguiu daqui? O mesmo que ao homem quando quiz ser como Deos: *In quocumque die comederitis, aperientur oculi vestri, & eritis sicut dii.* Note-se com muito grande attenção esta paridade. O homem querendo ser mais do que era, per-

perdeo o que era : quiz ser como Deos, & perdeo a dignidade de homem, ficando semelhante aos brutos : *Homo cum in honore esset, comparatus est iumentis, & similis factus est illis.* E Lucifer do mesmo modo, querendo ser como Deos, perdeo a dignidade de Anjo, & em final de ficar tambem como bruto, lhe nasceo logo huma cauda tão grande, que arrastou, & derrubou com ella a terceira parte de todas as Jerarchias Angelicas : *Et cauda ejus trahebat tertiam partem Stellarum caeli, & misit eas in terram.* De forte, como dizia, que vendo Lucifer a sua ferrosura natural, & verdadeira em hum espelho tambem natural, & verdadeiro, deste espelho, & desta vista, como de pay, & de mãy, nascérao todos os demonios, quantos com o mesmo Lucifer ardem no inferno. A certo demonio perguntou Christo huma vez como se chamava; & elle respondeo : *Le-*

gio, quia multi sumus : que se chamava Legião, porque não era hum sô demonio, senão muitos mil. E se ao espelho, por ser em Lucifer origem de todos os demonios, se podia dar o nome de todos, bem se segue quam curto lhe vem o de hum sô demonio : *Erat ejiciens dæmonium.*

§. V.

325 **S**O resta a ultima, & principal differença de mudo : *Et illud erat mutum.* E não he necessaria outra prova mais certa, & mais evidente que a mesma experiencia dos que se vêm, & muito mais das que se vêm ao espelho. Não ha eloquencia, nem Rhetorica com todas suas figuras, que mais diga, que mais persuada, & que mais deleite, que aquelle lisongeiro mudo. Mudo adula, mudo encarece, mudo attrahe, mudo afeiçoa, mudo enfeitiça, mudo engana, mudo mente, & desmente juntamente

mente negando o que he ,
& fingindo o que agrada.
Nonno Poeta antigo , &
taõ erudito nas linguas ,
como nos silencios , cha-
mou ao espelho , pregoei-
ro mudo : *Tacito præcone*
(*speculo*) *imagini credebat*
puella suæ pulchritudinis.
E diz discretissimamente
que huma donzella , que se
vio ao espelho , pregoeiro
mudo , não cria da sua fer-
mosura o que ella via , se-
não o que elle apregoava.
São os mysterios do espe-
lho como os da Fé , em
que huma cousa he a que
se vé , & outra a que se cré :
ve-se o que concedeo a na-
tureza mais , ou menos
avara ; & cre-se em fé do
amor , ou desejo proprio ,
não o que retrata o espe-
lho , senão o que represen-
ta a imaginação : *Imagini*
credebat pulchritudinis suæ.
Fermosura apregoada não
está muito longe de ven-
dida. Diga-o a de Sára ,
quando as vozes do pre-
gaõ chegáráo aos ouvi-
dos de Pharaó. Se Deos
não acudira pela honra de

Abraham , já elle de ante-
mão tinha recebido boa
parte da paga : *Fueruntque*
ei oves , & boves , & servi ,
& famulæ , &c.

326 Para este juizo
falso , & mudo concorre
com o espelho huma teste-
munha tambem falsa , &
muda , que he a fermosu-
ra. Com este sobrenome
taõ pouco ameno a cen-
surou Theophrasto referi-
do por Laercio na vida de
Aristoteles. *Pulchritudi-*
nem esse silentem fraudem :
que a fermosura he hum
engano , & huma mentira
muda. De sorte que deste
mudo , & desta muda se
representa no theatro do
espelho hum dialogo , que
se ouve sem voz , taõ ap-
parente à vista , taõ pinta-
do ao desejo , & que tanto
persuade , engana , & tenta
como o mesmo demonio.
Aqui está a propriedade
do demonio , & mudo. O
demonio tentou a Christo
fallando : a nós tenta-nos
mudo , & sem dizer pala-
vra. Mas de que modo , se
o não vemos , nem ouvi-
mos ?

mos ? Ouçaõ agora esta
Filosofia os que a não sa-
bem , posto que todos a
experimentaõ.

327 Dentro na nossa
fantasia, ou potencia ima-
ginativa , que reside no
cerebro , estaõ guardadas,
como em thesouro secre-
to, as imagens de todas as
couças , que nos entráão
pelos sentidos , a que os
Filosofos chamaõ especies.
E assim como nós das le-
tras do A,B,C, que são sô-
mente vinte & duas , tro-
cando-as, & ajuntando-as,
variamente escrevemos, &
damos a entender o que
queremos ; assim o demo-
nio daquellas especies ,
que são infinitas , orde-
nando-as, & compondo-as
como mais lhe serve , pin-
ta, & representa interior-
mente à nossa imaginaçãõ,
o que mais pôde inclinar,
affectuar, & attrahir o ap-
petite. E deste modo mu-
damente nos tenta , mu-
damente nos persuade, &
mudamente nos engana.
Isto mesmo he o que passa
entre a vista , & o espelho,

& tanto mais viva , & en-
ganosamente , quanto he
maior o desejo de bem pa-
recer. Sahem as especies
direitamente do rosto ao
espelho , & recebidas no
vidro, & rebatidas do aço,
tornaõ reflexamente aos
olhos ; & nesta ida , & vol-
ta ambas mudas , & em si-
lencio por engano do amor
proprio , se pinta , ou des-
pinta de tal forte o mesmo
objecto , que mais parece
milagre da transfigura-
çãõ, que illusaõ da vista.

327 Diz S. Paulo que
o demonio algumas ve-
zes se transfigura em anjo
de luz : *Ipse enim Satanas* 2. Cor.
transfigurat se in angelum 11. 14.
lucis. E estas são as trans-
figuraçoens , que cada dia
faz o diabo mudo. Ve-se
tal-vez ao espelho huma
figura sô, por sua antigui-
dade veneravel , & quan-
do aos que a vêem de fóra,
lhes parece aquella cara
pouco menos fea que hum
demonio ; ella depois que
se vio , sahe taõ transfigu-
rada , que na confiança , &
estimaçãõ da propria bel-
leza,

leza, sò lhe faltaõ as azas para cuidar que he hum Anjo. Assim o cuida, porque assim se vio ; & assim se vio , porque assim se quiz ver : como se o espelho não fora espelho do rosto, senão da vontade. A' Visão Beatifica, com que os Bemaventurados vêm a Deos, chamaõ sabiamente os Theologos : *Speculum voluntarium* : Espelho voluntario. E o demonio (que como bogio de Deos, diz S. Gregorio Nazianzeno, em tudo o arreda) transformando-se no espelho, o fez muito mais voluntario do que he Deos na Visão dos Bemaventurados. Deos na Visão Beatifica he espelho voluntario ; porque sò se vé nelle, & delle o que quer Deos, que he o espelho. E o espelho, em que se transformou o demonio, he muito mais voluntario, porque se vé nelle à medida, & ao arbitrio da propria vontade, não o que quer, ou representa o espelho, senão o que quer,

& como quer quem se vé. Sò não pôde fazer o demonio que as que se vêm ao espelho, como querem, sejaõ vistas tambem como querem ; mas isto se suppre com as receitas, que se vão buscar à botica, que no mesmo espelho ensina por acenos o mesmo diabo mudo.

§. VI.

329 **J**A temos chegado ao lugar para onde reservei a razão, ou sem-razão do *Erat ejiciens*, ou de ser tão difficuloso de se arrancar da parede de huma cella, ou do affecto de huma Religiosa o espelho, que alli está tão pegado. He possivel que huma virgem consagrada a Deos, & desposada com o Filho de Deos, ha de estar tão casada com o espelho ? He ella mulher ? He ella filha de Eva ? Pois de là lhe vem esta inclinação, & não he muito que tenha lançado tão fortes raizes. Diz Tertulliano, que quando Eva foi creada no Paraíso, se já

se tivessem inventado as li-
sonjas, com que se costu-
ma enfeitar a fermosura, &
se já ouvesse tambem os
espelhos, aos quaes fosse
licito enganar, & mentir,
como hoje fazem, que tã-
bem Eva se havia de dei-
xar enganar delles: *Si mar-
garita canderent, & ce-
rammia coruscarent, & spe-
culo tantum mentiri liceret;
& Eva concupisset.* Isto
cuidou Tertulliano de
Eva; & eu cuido do de-
monio, que se já houvesse
espelhos, não havia elle de
pedir emprestada à Serpẽ-
te a lingua, para a enganar,
& render. Mais digo: que
se a Serpente lhe promet-
tesse: Seràs como Deos;
& o espelho lhe dissesse:
Verás em mim tua fermo-
sura; que havia Eva de a-
ceitar o partido, & offerta
do espelho, & não a pro-
messã da Serpente. E para
que não pareça cousa in-
crível no juizo de huma
mulher antepor a gloria;
ou idolatria de estar con-
templando a sua fermosu-
ra à dignidade, & divinda-
Tom. 11.

de de ser como Deos; seja
Juiz; & prova o mesmo
demonio.

330 Quando Lucifer
disse: *Similis ero Altissimo,* ^{Isai. 14.}
julgarão muitos Doutores;
principalmente antigos;
que nesta semelhança com
Deos (que he o *sicut dii*)
affectára Lucifer a divin-
dade; porèm muitos ou-
tros Interpretes nam me-
nos doutos; que vieraõ
depois (não por serẽ mais
amigos do dẽmonio; se-
não porque são mesmo
demonio se deve fazer ju-
stifica, quando elle a tiver)
tem para si, que hum es-
pirito de tam sublime en-
tendimento não podia ca-
hir em huma ignorancia
tam evidente, & em hum
erro tam crasso; senão em
outro mais natural, & mais
proprio da fermosura,
em que tambem podem
ser complices os nossos es-
pelhos. E qual foy? Foy
que vendo Lucifer sua es-
tremada fermosura, ficou
tam satisfeito della, que
renunciando a vista de
Deos, nam quiz outra
S mais

mais que a sua.

331 Em que consiste a gloria, & bemaventurança de Deos? Consiste em se estar sempre vendo a si mesmo, contemplando a sua essencia, a sua divindade, a sua fermosura eterna, infinita, immensa. Pois assim como Deos se vê no espelho do seu entendimẽto; assim eu (diz Lucifer) me quero ver no espelho do meu. E assim como elle tem a sua gloria em se estar vendo a si mesmo; assim eu quero ter a minha em me estar vendo a mim; & por isso não quero a sua gloria, nem a sua bemaventurança, senam a minha.

332 Esta vista pois, & esta contemplação da propria fermosura he a femelhança de Deos, que Lucifer affectou, quando disse: *Similis ero Altissimo*: & a mesma vista, & contemplação, se já houvesse espelhos no Paraíso, como dizia Tertulliano, seria a mayor tentação de Eva, tendo experimentado o

demonio em si mesmo; quanto mais poderosa era para a persuadir, & render o silencio do espelho mudo, que a astucia da Serpente, fallando. E porque esta experiencia nam teve lugar em Eva, porque ainda não havia espelhos; bem se vio, depois que os houve, o appetite que herdaraõ da mesma Eva as suas filhas. E por isso ha tantas no mundo, (& fóra do mundo) que gastaõ as horas, & perdem os dias inteiros em se estar vendo, revendo, & contemplando no espelho, como se nam tiveraõ, nem esperaraõ outra gloria.

333 Exemplo seja Blesilla, aquella nobilissima viuva Romana, da qual escreve S. Jeronymo, que desde amanhecer o Sol atè noite empregava com grande vagar, & estuando o dia todo em se enfeitar ao espelho: *Blesilla vidua nostra ante morosior ornabatur, & die tota quid sibi deesset, querebat ad speculum*. Nam desengauo

rou a Blefilla nem a morte, que a fez viuva, nem a mortalha, que a obrigou ao capello, para lhe enfiar aquelle immortal appetite de se estar sempre vendo ao espelho. Mas pôde tanto a graça triunfadora da natureza, que com mudança não imaginada, a mesma Blefilla, como se fora outra, renunciando ambos os mundos, se vestio de hum habito grosseiro de penitencia, & se fez Religiosa. Disse, renunciando ambos os mundos; porque além deste mundo, em que todos vivemos, em frasi de Latinos, & Gregos ha outro mundo, que são os enfeites das mulheres: *Mundus muliebris*. Não acharam os homens mais sabios, nê outra menor cõparaçam, com que definir, nem outro menor nome, com que declarar o excessso desta vaidade, & appetite mulheril. E que fazia depois a que assim gastava os dias em semelhantes enfeites? O mesmo S. Jeronymo

comparando os dias de entãõ às noites de agora, cõtina dizendo com admiração: *Nunc ad orandum festina consurgit, & tinnula voce ceteris Alleluia præripiens, prior incipit laudare Dominum suum*: Aquella Blefilla, que dantes tão mal empregava os dias, agora aproveita santamente as noites, que ella he a primeira que se levanta às Matinas, & com a voz, & campainha, *tinnula voce*, esperta as outras Monjas, nam para se verem, & contemplarem a si, mas para irem ver, & contemplar a Deos naquelle espelho da oraçam elevada, em que nesta vida, como diz S. Paulo, vê menos claramente o rosto divino os que depois o hão de ver face a face: *Vide- 1. Cor. mus nunc per speculum in 13. 12. ænigmate: tunc autem facie ad faciem.*

334 Este mesmo appetite de as mulheres se verem ao espelho, declara S. Justino Martyr com hum notavel abuso, que

refere do seu tempo por estas palavras : *Usuvenit quibusdam se ipsas fallentibus, ut cum apertè vultum pigmentis fingere non audeant, arte id faciant, in undam, aut oleum facie inclinatâ despicientes.* S. Justino floreceo duzentos annos depois da vinda de Christo, em que ainda durava o primitivo espirito da Igreja, & era prohibido às mulheres Christãs o uso dos espelhos. E que obraria nellas o appetite tam contrario a este preceito, & ainda ao de se pintarem, como fazião as Gentias, & como hoje fazem as Christãs idolatras, que tem o seu rosto por idolo ? Diz o Santo, que nam se atrevendo a ter, nê usar dos espelhos artificiaes, com outra arte se viaõ, ou no azeite, ou na agua, *ad undam, aut oleũ facie inclinatâ.* Mas nam parava aqui a curiosidade, que se podia perdoar. A deosa Pallas tambem se vio na agua, & lhe servio de emendar hum defeito,

que nam via. Como creava da nos valles do môre Ida entre os Pastores, recreava-se a deosa em tocar huma frauta pastoril : mas como ao passar de hum ribeiro visse nelle q̃ a frauta lhe descompunha a armonia das faces, inchan-do mais huma dellas, Naõ quero eu (disse) comprar a tanto custo a consonancia da frauta ; & lançou-a de si muito longe.

I procul hinc, dixit, non est mihi tibia tanti,

Ut vidit vultum Pallas in amne suum.

335 Se aquellas boas, ou más Christãs usáram dos dous espelhos naturaes para emendar alguma descomposição, ou deformidade do rosto, venial podia ser o peccado contra o preceito. Mas diz com grande invektiva o zelo de S. Justino, que o fazião para ver, se a natureza as tinha dorado de algumas prendas das que agradaõ aos olhos dos homens, & para as converterem em armas, com que fa-

fazer guerra à castidade: *Ut de se ipsis judicarent, an adversus castitatem belligare possent.* Tanto mais abominavel era que o verem-se, o fim porque se viaõ. De Archimedes famosissimo Mathematico sabemos, que em hũ porto de Sicilia fabricou hũs espelhos de tal fórmula, que reverberando nelles os raios do Sol, convertidos em fogo, abrazaraõ hũa Armada inimiga. E tal era a diabolica tenção destas mathematicas do inferno, para abrazarem as almas dos que falsamênte se chamamõ magos.

336 Ainda he mais impio, & por seu modo sacrilego este appetite mulheril de se verem ao espelho. Quasi estive duvidoso se o diria, com receyo de que haja quem lhe tome a invenção. Nas terras do Norte saõ mais usadas as oraçoens dos livros, q̃ as das contas; & a todas as Senhoras leva hum criado à Igreja em hum sacco de veludo o livro porque

Tom. I I.

ha de rezar. Ouçamos agora ao Author do grande Theatro da vida humana, Archipresbytero da Cathedral de Antuerpia, o qual como testemunha de vista, diz assim fallado das mulheres: *Harum luxuries eo processit, ut etiam in libellis, quos ad Ecclesiam deprecaturæ adferunt, specula componant, quibus mundum muliebrem, & phaleras suas, ac capellitium inter fervidas scilicet suas preces adornent.* Tem chegado (diz) o luxo, & vaidade das mulheres a tal excessõ, que até nas Horas, ou livros de orar, que levão à Igreja, vão entre as folhas enquadernados espelhos, nos quaes estaõ compõdo de novo os seus enfeites, a fim de que as suas fervorosas oraçoens naõ appareçaõ diante de Deos desacompanhadas deste ornato. Àtèqui o Author, a cujo theatro, se isto houvesse de fahir por farsa, naõ haveria cousa mais ridicula. Mas se se houver de representar, & pon-

S iij

de-

derar com juizo, nenhũa pôde ouvir a Christandade nem mais tragica, nem mais triste, nem mais injuriosa. Desorte que à Igreja, onde as mulheres vão orar, & adorar a Deos, se vão idolatrar a si mesmas: & naquelles livros santos, cujas folhas hũas tem estampadas as Imagens da Virgem Maria, outras as de Jesu Christo crucificado, se não pejam de que appareçam tãbem as suas? Se vós não atreveis a estar duas horas sem vos ver por amor de Deos, como esperais ver a esse mesmo Deos eternamente? Oh Christandade! oh Gentilidade! Conta Pausanias, que no têplo mayor da Arcadia, estava hum espelho, no qual os homens, que olhavam para elle, nam se viaõ a si, mas só viaõ as imagẽs dos deoses. E quando os Gentios adoradores dos deoses falsos entenderaõ, que nos espelhos dos templos nam se haviaõ de ver outras imagens que as dos

mesmos deoses, tem nome, & fé de Christãs as que levaõ os espelhos aos têplos do Deos verdadeiro nam só para tirarem os olhos dos altares, & os porem em si, nem só para se verem a si, que seria menor escandalo, mas para verem, & enfeitarem o modo, com que desejam ser vistas?

338. E como este appetite de bem parecer herdado de tam longe, & esta inclinação, & estimação fundada nos ornatos de huma caveira, & no esquecimento della, he tam natural, & tam propria do genero feminino, & ainda na adulaçam do amor proprio mais enganado, não ha gentileza tam perfeita, que nam tenha que emendar, nẽ tam inteira, que nam tenha q supprir, nem tam sã, que nam tenha que curar, de que o espelho he o Medico; esta he a razãõ, ou sem-razãõ da difficuldade, & resistencia, com que nos mesmos claustros religio-

ligiosos, & entre as mesmas, que professão o desprezo dos olhos humanos, sejaõ tam raras dentro das suas quatro paredes as q̃ deixem despegar, & sahir dellas o espelho.

§. VII.

339 **D**Aqui (fallando agora comnosco) parece se seguem duas consequencias certas. A primeira em respeito das Religiosas, que renunciarem o espelho, o grande sacrificio, que farão a Deos: a segunda em respeito das que se nam atreverem a tanto, huma natural desculpa de o nam fazerem.

Quanto ao sacrificio; estaõ nelle escõddidos dous extremos rigores, em q̃ ninguém repará. O primeiro he, que quem renuncia o ver se no espelho, nam só sacrifica a vista, senão tambem os olhos, cõ que se vê. Fundase esta proposição em huma sentença aprovada, & louva-

da pela Filosofia Conimbricense, que he a mais authorizada, & elegante, que atègora appareceo no mundo: *Scitè dictum est, ut speculum oculus est artis, ita oculum esse naturæ speculum.* Quer dizer este grande repáro filosofico: que assim como os olhos são espelhos da natureza, assim os espelhos são os olhos da arte. Os olhos são espelhos da natureza, porque nelles se retratão as imagens de quem se vê, a que chamamos mininas. E chamaõse mininas, & não mininos, porque a mesma natureza parece que fez os espelhos para as mulheres, & nam para os homens. E porque são os espelhos olhos da arte? Admiravelmente; porque os olhos naturaes nam se vem a si mesmos, nem o proprio rosto: & fez a arte os espelhos como segundõs olhos fóra de nós, para que nos pudessemos ver a nós. Logo quem sacrifica o espelho, nam só sacrifica a vista, senam

tambem os olhos, com que se vê , & sem os quaes se não pôde ver. E esta he a mayor mortificação , ou rigor da natureza neste sacrificio.

34º O segundo , & ainda mais apertado he; porque quem sacrifica o espelho, não sò sacrifica a vista, com que se havia de ver, senão tambem a vista, com que se tem visto. Esta proposição, que parece mais difficiliosa, nam he menos que Theologica, fundada em outra de fé. Diz o Apostolo Santiago, que os que ouvem a palavra de Deos, & não fazem o que ouvem , são semelhantes aos que vem no espelho o seu rosto natural, & logo se esquecem da figura, & feições do mesmo rosto, que virão : Si

Jacob. 1.
23.

quis auditor est verbi, & non factor, hic comparabitur viro consideranti vultum civitatis suae in speculo: consideravit enim se, & abiit, & statim oblitus est, qualis fuerit. Isto que diz o Apostolo, & he de fé,

porque elle o diz , a experiencia ordinaria o ensina. Vê hum homem aos outros, & lembra-se claramente das feições do rosto, & figura de cada hum , & ausente o retrata na imaginação assim como o vio ; mas se se vio no espelho a si mesmo, logo se esquece , nem se pôde pintar, ou figurar como he. E donde vem , ou se causa esta differença tam notavel? Vem do differente modo com que vemos as cousas no espelho, ou em si mesmas. Em si mesmas vemolas por especies directas, que são mais vivas, & mais fortes: no espelho vemolas por especies reflexas, que não tem aquella vida, ou aquella viveza, nem aquella força. E a razão he; porque o reflexo que as rebate no espelho, as enfraquece de tal sorte , que quando chegam à potencia , onde se formão as especies memorativas, por meyo das quaes nos lembramos , ou estas se não produzem , ou não tam

tam tenues, & quasi mortas, que se não pôde servir dellas a memoria, & se segue naturalmente o esquecimento. Logo quem sacrifica o espelho, não só renuncia nelle a vista futura, senão também a passada. A futura; porque se não ha de ver, pois nam tem espelho: a passada; porque por falta do mesmo espelho não pôde renovar na memoria, nem supprir no esquecimento o retrato de quando se vio: *Et oblitus est, qualis fuerit.* Tanto renunciaão, & dão para sempre a Deos as Religiosas de animo varonil, que por seu amor, & reverencia lhe sacrificão o espelho.

342 E quanto à fraqueza das que se não animão, nem atrevem a tanto, & à desculpa, que parece tem natural de nam degolarem para sempre em si mesmas a vista do proprio rosto; verdadeiramente considerada a miseria dos nossos tempos, & o desmayo, & frieza, a que

tem descahido geralmente o valor, & espirito da perfeição Christã, não sô no estado secular, senam também no Religioso: parecerá do mesmo modo, que nos devemos contentar com esta moderação, posto que não sem dor. Mas se nos puzermos fóra dos nossos tempos, & fóra também das obrigações da Christandade, acharemos, que a chamada desculpa natural neste caso he tam grande miseria, tam grande fraqueza, & tam grande afronta de qualquer Cõgregação religiosa; que nem dizer, nem ouvir, nem imaginar se pôde, sem igual confusão, como agora demonstrarei, com lastimosa evidencia.

343 Postos pois fóra dos nossos tempos, & fóra da Christandade, antes de Salamão edificar o famosissimo Templo de Jerusalem, fabricou Moyses outro Têplo menor, & portatil, chamado o Tabernaculo, em que no caminho

nho da terra de promissão se fazião os sacrificios, & se ensayavão as outras ceremonias, que depois se havião de exercitar no Templo. E sendo huma das peças notaveis deste Tabernaculo hum tãque, ou lavatorio grande para uso, & purificação dos Sacerdotes, antes de entrarem a sacrificar; diz o Texto sagrado, que este lavatorio era fundido de bronze, & que este bronze era dos espelhos das mulheres, que de dia, & de noite servião, oravão, & vigiavão no Tabernaculo: *Fecit & labrũ æneum cum basi suã de speculis mulierum, quæ excubabant in ostio Tabernaculi.* Não faça duvida ser o brôze dos espelhos; porque os espelhos ordinarios daquelle tempo erão de bronze, como tinhão sido os primeiros de estanho, & depois se fizeram tambem de prata, & ouro, guarnecidos de pedraria: pelo que disse Seneca, que hum destes espelhos valia mais, que o

Exod.
34. 3.

dote, com que o Senado dotára as filhas de Cipião Africano, sendo aquelle grande triunfador de Carthago tam pobre, que não teve com que as dotar. Mas por isto mesmo digno, como diz o mesmo Seneca, de que tivesse por sogro o Senado Romano.

344 De maneira, (tornando aos espelhos de bronze) que assim como Aram do ouro das arrecadas das mulheres tinha fundido o idolo do bezerro, assim Moyfes do bronze dos espelhos tambem das mulheres fundio a grande concha do purificadorio sacerdotal. Com huma differença porém muito notavel, que as arrecadas forão trazidas por mandado de Aram, arrancandoas os homens das orelhas de suas mulheres, & filhas: & os espelhos sem mandado de Moyfes, ou outra authoridade superior, espontanea, & voluntariamente, por pura, & mera devação das mulheres foram

offe-

offerecidos a Deos, & dedicados ao serviço, & uso do Tabernaculo. Assim o observou, & pondera elegantemête Philo Hebreo: *Ex vasis jam antea expolit* *is in usum tamen alium,* quem mulieres mira animi alacritate certatim contulerant: *specula enim, ad quæ formam curare solitæ fuerant, sponte, nemine iubente, Deo dicaverant; hæc ad se delata opifex in unam massam confundit.* Das quaes palavras se colhe quam aceita fosse a Deos, & quam grata aos olhos divinos aquella offerta, assim por sêr os espelhos, & o cuidado, & cultura da gentileza a cousa, q̃ mais estimão, & de q̃ mais se prezão as mulheres, *Specula, ad quæ formam curare solitæ fuerant;* como pela vontade, & promptidão de animo, & pela alegria justamente chamada admiravel, com que forão offerecidos, *mira animi alacritate, certatim contulerant.* E sobre tudo, sem q̃ alguem a isso obrigasse

aquellas devotas mulheres, *nemine iubente*, que he o que Deos mais estima, mais preza, & mais ama no que se lhe offerece, como diz S. Paulo: *Non ex tristitia, aut necessitate; hilarem enim datorem diligit Deus.* 2. Cor.
9. 7.

345 Provado assim o muito que agrada a Deos a renuncia, & sacrificio dos espelhos, que he a primeira parte da nossa proposta, segue-se a segunda, que prometi de mostrar, de não terem desculpa, nê escusa as Religiosas, que o não fazê, & repugnão. E senão, pergunto, para que me respondão. Estas mulheres, que tam animosa, & valerosamente, & com animo, & resoluçam mais que varonil, dedicarão os seus espelhos a Deos, & ao Tabernaculo, que mulheres erão? Erão aquellas Hebreas, que havia hum anno tinhaõ sahido do cativeiro do Egypto, onde muitas dellas como escravas adoravão os idolos de seus senho-

res:

res : havendo tambem hũ só anno, (& o mesmo) q̃ Deos tinha dado no monte Sinai a Ley de Moyses. E estas mulheres tinham voto de Religião ? Não ; porque ainda não havia taes votos , nem tal nome no mundo. E erão Virgēs consagradas a Deos ? Também não ; porque dahi a dous mil annos deu principio a Virgem das Virgens a tam soberano instituto. Qual era logo o estado destas tam admiraveis mulheres ? Humas erão casadas , outras viúvas , outras donzellas ; & assim o confissão atè Calvino, & Beza , os Hereges mais inimigos do estado religioso.

346 Vamos agora subindo por esta mesma escada, & vejão as Religiosas Christãs, não naquelles espelhos deixados , senão nas mesmas , que os deixárão, se tem desculpa, ou escusa alguma de estarem tam pegadas aos seus. Com os mesmos olhos, cõ que as Hebreas se costum-

mavão ver, & enfeitar aos seus espelhos, os virão depois quebrar , desfazer , derreter, & fundir , nam chorando aquella destruição, nem tendo faudades do tempo, em que nelles se vião , mas grande gloria fim do differente uso, & emprego , em que os virão trocados. E se isto fazião mulheres casadas, ou que o forão , ou q̃ o podião ser ; que devem fazer, ou ter feito as que com vinculo perpetuo, & indissolúvel, se desposáraõ com o Filho de hum Pay eterno ? Se este consentimento commum , & impeto fervoroso de espirito ardia nos coraçõs das filhas de Israel successoras de Rachel, & Lia ; qual era bem que se venerasse nas filhas dos Basilios, Bentos, & Agostinhos, & muito particularmête nas de S. Bernardo successoras das Umbelinas , das Leogardes , das Eduvigias, & de tantas outras ? Se aquelle zelo , & devação se admirava na Synagoga,

goga, & Ley de Moyfes, quanto se deve estranhar não só a falta delle, mas o contrario nas Recoletas da Igreja Catholica, & Ley de Christo? He tanta a differença da Ley de Moyfes à Ley de Christo, quanta vay da sombra à luz, da noite ao dia, da figura à verdade, & da Ley da Graça, que só ella pôde dar, àquella que não podia. E se tanta fé, & lealdade guardavão a Deos as que havia hum só anno, que o conhecião; as que antes de terem entendimento, recebêrão a Fè do mesmo Deos no Bautismo, & antes de ter lingua, promettêrão nelle que renunciavão ao demonio, & a todas as suas pompas, porque ha de poder tanto com ellas o mesmo demonio tambem mudo, & sem lingua, que na idade capaz de arrependimento lhe tornem a dedicar as pompas renunciadas, & não occultamente, senam nos olhos do mundo, & na propria cara, sem se lhe

fazerem as faces vermelhas de pejo, & confusão, senão de outra cor?

§. VIII.

347 **M**As passando do tempo das Hebreas, que tinham fé, às gentias, & idolatras sem conhecimêto do Deos verdadeiro; no Egypto assim como era venerado por deos Osyris, q̃ tinha sido seu Rey, assim Isis, que fora sua mulher, era venerada por deosa. E no dia, em que se celebravão as festas desta segunda, & falsa deidade, & era levada de hum templo a outro em procissão, diz Apuleyo, que hia diante hum coro de dōzellas vestidas de gala, & coroadas de flores, às quaes levavaõ tambem em açafates, & semeandoas por toda a parte fazião prados as ruas. Diz mais, que ao meyo do caminho vinha outro coro a encontrar, & receber a deosa, & que estas (de cujas galas se nam faz

faz menção) traziaõ lançados detrás das costas os espelhos, & os mesmos espelhos tambem voltados do aveço, com que nem ellas, nem outrem se podia ver nelles. Isto posto, sabida cousa he vulgarmente, que os Egypcios, como primeiros inventores das ciencias, sempre significavaõ mais do que diziaõ; & todas suas acçoens eraõ mysterios. Que mysterio tinha logo o primeiro coro das donzellas alcatifando as ruas de flores, & o segundo trazendo os espelhos detrás das costas? He certo que humas, & outras se queriaõ mostrar devotas, & obsequiosas à deosa; mas esta devaçaõ, & obsequio attribue o mesmo Author mais principal, & declaradamente às segundas, que às primeiras: *Alia, que nitentibus speculis pone tergum reversis venienti deæ obviæ demonstrarent obsequium.* Saibamos agora: E porque era mayor obsequio o dos espelhos vol-

tados, & lançados detrás das costas, que o das flores semeadas pelas ruas, por onde a deosa havia de passar? Porque nas flores significavaõ as primeiras donzellas, que cada huma consagrava à deosa a flor das suas idades: & nos espelhos significavaõ as segundas, que sacrificavam à mesma deosa o q̃ aquella idade mais preza, & mais estima, que he o verse ao espelho. Desorte que cõpetindo as donzellas Egypcias a quæ se haviaõ de mostrar mais obsequiosas à divindade, que adoravaõ; a juizo dos sabios instituidores daquella publica solemnidade, mayor era o obsequio, & sacrificio das que se cõdenavaõ a não se ver mais ao espelho por amor, & reverência della, que as que vestidas de festa lhe offereciaõ, & punhaõ aos pès a flor de sua idade.

348 Em humas, & outras se representavaõ com propriedade grãde as Religiosas Christãs. Nas primeiras

meiras ; as que entrando
noviças na Religião, con-
sagração a Deos a primave-
ra dos annos , & flor da
idade : nas segundas, as
que professas , & antigas
no mesmo instituto , &
provectas na virtude , &
no juizo, lhe sacrificão a
perpetua , & voluntaria
cegueira do objecto mais
amavel , & mais amado ,
nam se querendo ver ao
espelho, nem vello ; que
por isso as mais discretas
os levavaõ detrás das cos-
tas. E se ellas isto faziaõ
tam alegre , & animosa-
mente, guiadas sô pelo di-
ctame da razão natural,
sendo gentias, & idolatras,
que excusa , ou desculpa
pòdem ter de o repugnar
no estado mais sublime da
Fè, & Christandade , as
que tendo renunciado o
mundo por amor do ver-
dadeiro Deos , não só se
chamaõ esposas , mas ver-
dadeiramente o são de seu
proprio Filho ? Diga-o
por todas huma , em que
são significadas todas.

349 Nos Canticos

de Salamaõ , a que alli se
chama Esposa Santa , era
huma figura profetica das
que depois na Ley da Gra-
ça haviaõ de ser esposas
de Christo. O mesmo Es-
poso lhe deu entaõ o no-
me, & sobrenome cõ que
hoje se chama cada huma,
Esposa, & Soror , *Soror*
mea sponsa. Diganos ago-
ra aquella Esposa, & aquel-
la Soror , que he o de que
mais se prezavaõ os seus
olhos. Tinha-os ella
formado pelo exemplar ,
que o mesmo Esposo lhe
mostrara nos seus , (pen-
samento singular de São
Gregorio Nisseno) & fal-
lando de huns , como de
outros, diz que eraõ seme-
lhantes a duas pombas , as
quaes estãdo sobre os rios
das aguas , não se lavavaõ
em agua, senão em leite: *O-*
culi ejus sicut columbæ super
virvulos aquarum, quæ lacte
sunt lotæ. Notavel dizer,
& tam difficuloso a todos
os Interpretes , como no-
tavel ! He certo que nesta
comparaçãõ nam se louva
a cor , que nos olhos he
tam

Cant. 4.
9. 10.

Cant. 5.
12.

tam varia; porque louvar nelles a brancura, seria louvor tam frio como a mesma neve. Que quiz logo significar a Esposa, quando diz; que os seus olhos como pombas, *sicut columbae*, em cima dos rios d'agua, *super rivulos aquarum*, não se lavavaõ em agua, senão em leite, *quæ lacte sunt lotæ*? O mesmo Gregorio Nisseno, como tão eminente Filosofo, por observação sua, & experiencia certa, diz que todos os outros licores podem servir de espelho, só o leite não; porque ninguém, nem cousa alguma se pôde ver nelle. As palavras do Santo são estas: *Verè in lacte hoc observatū est, solum inter humida proprietatem hanc habere, ut in eo nullius rei simulacrum, aut similitudo conspiciatur.*

350 E como entre todos os licores só o leite não pôde servir de espelho, por isso os olhos da Esposa, informados do Esposo divino, eraõ semelhantes àquellas pombas, que estando so-

bre os rios d'agua, *super rivulos aquarum*, nam se lavavaõ na mesma agua, na qual se podiaõ lavar, & ver juntamente; mas deixada totalmente a agua, posto que tam visinha, se lavavaõ só em leite, *quæ lacte sunt lotæ*; porque no leite só se podiaõ lavar, mas não se podiaõ ver. Lembremos agora dos espelhos, de que Moyses fez a concha, ou tanque, em que os Sacerdotes se haviaõ de lavar antes do sacrificio. Aquelles Sacerdotes já se nam podiaõ ver nos espelhos, de que se tinhaõ feito as margens do tanque; mas podiaõ se ver na agua delle, em que se lavavaõ. Porém as pombas, em que eraõ significados os olhos das Religiosas do nosso tempo, *Oculi ejus sicut columbae*, ainda que estavaõ sobre as aguas dos rios, em que se podiaõ lavar, & ver, *super rivulos aquarum*; para mayor, & total sacrificio, não só renunciavaõ na mesma agua todos os li-

cores,

cores, em que se podiaõ ver, mas no leite, que sõ nam pôde servir de espelho, renunciavaõ todos os espelhos, *ut in eo nullius rei simulacrum, ac similitudo conspiciatur.*

§. IX.

351 **A** Fronta seria de huma tam religiosa, & santa Cõmunidade, como a presente; depois dos dous exêplos das Hebreas, que tinhaõ fé de Deos, & das gentias, que a não tinhaõ, se a houvessemos de exhortar à imitação desta, que tambem no tal caso seria injuria chamarlhe fineza. Esta he a razaõ, que eu tenho para não querer persuadir, como não quero, o desuso dos espelhos; mas para os reduzir religiosamente a huma bem entendida concordata. E qual he? Que as filhas de São Bernardo os não deixem; mas que os troquem; & que esta troca se faça, vêdose daqui por diante ao

Tom. II.

espelho não mudo; senão eloquente, não lisongeiro, senão verdadeiro, não do mundo, senão do Ceo; qual he o que o mesmo Santo Patriarca compoz, para que todos os seus Monges, & Monjas se vissem, & compuzessẽ a elle.

352 Compoz S. Bernardo hum breve, & excellente tratado, que intitulou, *Speculum Monachorum*, Espelho de Monges; o qual começa assim: *Si quis emendationis vite desiderio tactus, cogitationum, locutionum, operumque suorum excessus corrigere nititur, presentis paginae frequenti lectione tamquam in speculo interioris hominis sui faciem contempletur.* E porque o Santo com a cõpreensão profundissima de tão consummado artifice, divide, & compoem o dito espelho daquellas tres partes essenciaes, *cogitationum, locutionum, operumque*, que são pensamentos, palavras, & obras; de cada hum destes tres lu-

T

mes

mes apontarei sómente o mais breve, & elevado.

353 Quanto aos pensamentos, *cogitationum*, diz o espelho de São Bernardo, que cuide cada hũ, ou cada hũa das suas Religiosas, & diga consigo: Neste mundo não ha mais que Deos, & eu: *Sic se existimet, quasi ipse sit solus, & Deus*. Oh admiravel, & divino documento! Em quanto no mundo nã houve mais que Deos, & Adam, conservouse o Paraíso naquella bemaventurada felicidade, sem perigo de se perder, nẽ mudar. O Paraíso da terra he a Religião. E quãdo se perderá este Paraíso? Quando nelle, alẽ de Deos, houver Adam, & Eva, ou Eva, & Adam. Quem introduzio no genero humano o uso dos espelhos, foi o appetite de quem se vè nelles, querer contentar a outros olhos, que aos de Deos. Declarando Deos ao Profeta Samuel a differença que ha dos seus olhos aos nossos, disse:

Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor: O homem olha para o rosto, Deos olha, & vè o coração. E como Deos encobrio o coração, & o poz, ou escondeo fóra da esfera dos olhos; claro está que não ha de ter cuidado de se ver ao espelho, quem só quer parecer bẽ a quem vè os coraçãoens. Quer o espirito de S. Bernardo que sejaõ as suas filhas como aquellas primitivas creaturas; a q̃ Deos deo o ser, desde o primeiro atẽ o quarto dia. No primeiro dia creou a luz: no segundo o firmamento: no terceiro as plantas: no quarto o Sol, & a Lua; mas em todas ellas não havia olhos no Mundo. O ar estava allumiado com os resplandores da luz; o firmamento esclarecido com os crystaes do segundo elemento; os prados vestidos de Rosas, flores, & boninas; os Ceos bordados de ouro sobre azul, no Sol, na Lua, & nas Estrellas. E posto que todas aquellas creatu-

creaturas estavaõ ornadas dos esmaltes da natureza, de que se haviaõ de fazer depois os maiores encarecimentos da fermosura ; a graça de que todas ellas mais se deviaõ prezar , era de não haver nō Mundo outros olhos, a que pudefsem , ou quizessem parecer bem, fenaõ os de Deos, que sō as viaõ: *Vidit Deus quid eſſet bonum.*

354 Quanto à segunda parte, ou segundo lume do espelho de S Bernardo, quer o Santo que nelle se vejaõ as palavras : *locutionum.* Nem faça duvida parecer, que as palavras sō pertencem ao sentido de ouvir , & não ao de ver ; porque là disse Moyſes, quando Deos dava a sua Ley no Monte Sinai, que o povo via as vozes : *Populus autem videbāt voces.* Quaes diz pois o Santo que haõde ser as palavras de quem guarda as suas leys ? *Cum loquitur, non ſtudeat eloquentie : ſermo ejus ſit potiùs ruſticanus ; quam urbanus : in omnibus*

agendis non ſtudeat curialis videri. Quer dizer : Que quando houverem de fallar , não se prezem as suas palavras de ser eloquentes , & discretas : mas que antes sejaõ ruficas , que urbanas, & que de nenhum modo pareçaõ cortezans, & de Corte. Difficuloso preccito para Odivellas, que taõ perto está de Lisboa , & tem contra ſi a opiniaõ, & dito commum. Dizem que o polido , & discreto do fallar de S. Bernardo o herdáraõ as filhas, & não os filhos. E assim como a segunda parte deſte dito he praga , & falsidade , assim a primeira , se fosse verdadeira, não seria louvor ; fenaõ descredito.

Si quis loquitur, quaſi ſermones Dei, diz o Apoftolo

1. Petr.
4. 11.

S. Pedro : Os ſervos , & muito mais as ſervas de Deos haõde fallar como o meſmo Deos : poucas palavras , graves , ſem artificio , nem affectaçaõ , & ſantas. Os Conventos ſaõ as Cortes , & palacios de Deos, & huma das couſas,

em que se haõde distinguir dos palacios do Mundo, he a linguagem. Antes pareça do monte, que da Corte: *Rusticanus potius, quàm urbanus.*

355 No palacio do Pontífice Caifaz pela linguagem descubrio o mesmo S. Pedro, & deo a co-

nhecer quem era: *Nam & loquela tua manifestum te facit.* Tres annos havia

que elle andava na escola de Christo, & ainda fallava em Jerusaleem tão rustica ou rusticanamente, como nas prayas de Galilea. Da pouca urbanidade, com que o mesmo Christo disfarçado fallou à Magdalena, quando lhe disse,

Joan. *Mulier, quid ploras?* entendeo ella que era hortelaõ: & da muita cortezia com que a Magdalena lhe re-

Idem. spondeo, *Domine, si tu sustulisti eum,* pudéra collegir o hortelaõ, que era senhora, & da Corte. Ainda que não fora proverbio de Salamaõ, que Deos gosta de conservar não com os discretos, senão com os

simples, *Cum simplicibus sermocinatio ejus,* além das outras filhas do espirito de S. Bernardo, que já referimos, podem servir de exemplo às demais as Sanctas, as Theresas, & as Mafaldas, todas Portuquezas, & todas de sangue Real.

356 Finalmente vindo às obras, diz assim o Santo Legislador: *Singulis diebus capitulum sibi tenet, & ponat rationem diligenter, quid ipso die deliquerit publicè, vel privatim:* Todos os dias diante deste espelho faça a Religiosa capitulo de si mesma, & chamando a juizo todas as suas potencias, & sentidos, peça conta à sua consciencia do que no mesmo dia tiver delinquido. Examine, & pergunte à memoria, o de que se lembrou; ao entendimento, que cuidou; à vontade, o que amou, ou aborreceo; aos olhos, o que viu; aos ouvidos, o que ouviu; & às outras portas da alma, o que por ellas

ellas entrou, ou sahio. E se parecer demasiado, & não necessario este rigoroso capitulo de cada dia, dentro das paredes da religião, aonde todas as acções são tão ordenadas, & santas, lembremo-nos das obras da criação do Mundo, as quaes Deos hia fazendo cada dia, & cada dia no mesmo dia as examinava. Assim o nota o Texto Sagrado: *Vidit Deus quòd esset bonum; & factus est dies unus: Vidit Deus quòd esset bonum; & factus est dies secundus:* & com a mesma expressão nos dias, & obras seguintes. Pois se todas aquellas obras eraõ obras feitas pela Divina Sabedoria, em que não podia haver erro, & pela Divina Bondade, em que não podia haver mal, & pela Divina Omnipotencia, em que não podia haver defeito; porque as examina Deos tão exacta, & miudamente? Esta mesma duvida propoz Oleastro a Deos sobre a criação da primeira

Tom. II.

obra, que foi a luz. E responde fallando com o mesmo Creador: *Ut examinem ego tenebras meas, siquidem tu examinasti lucem tuam.* Não examinastes, Senhor, as vossas obras, porque ellas tivessem necessidade deste exame; mas porque nós a tinhamos deste exemplo: para que eu examine as minhas trevas, pois vós examinastes a vossa luz. Quantas luzes ha não sò no Mundo secular, senão tambem no religioso, muito estimadas por taes, que se bem se examinassem, se havia de achar que são trevas? Os exercicios da religião todos são obras de luz, & luz approvada pelo Espirito Santo; mas se não forem feitas puramente por agradar sò a Deos, & entre Deos, & ellas se atravessar qualquer respeito da terra, ou de amor, ou de odio, ou de emulação, ou de inveja, ou de ambição, ou de fingimento, ou de qualquer outro affecto contrario à charidade, &

357

T iij

verda-

verdade ; he certo que ficarão tão eclipsadas , & escurecidas essas obras de luz , que não mereçam a Deos pôr os olhos nellas. Por isso S. Bernardo fez tanto caso deste , que chamou capitulo de cada dia , que torna a dizer que o dia de hontem se ha de comparar com o de hoje , & o de hoje com o de à manhã , para que veja o Monge se vai adiante , ou torna atraz no espirito. Neste caso será bom remedio perguntar-se cada hum a si , como fazia o mesmo Santo : *Bernarde , ad quid venisti ?* Bernardo , a que vieste ? E quando isto não baste , accrescentar outra mais apertada pergunta , & dizer : Eu vim à religião para me salvar , & se eu agora não fizer o a que vim , depois aonde irei ?

S. X.

358 **A** Vista deste espelho , no qual se retratou hum tão santo , & amoroso Pay , para que o

imitem seus filhos , & filhas ; tenho para mim , que ao menos estas (posto que dantes as mais empenhadas) não sô terão perdido o amor , senão também renunciado as saudades de todos os outros espelhos. Mas quando forem arrancados das paredes , para que ellas não fiquem nuas , senão muito melhor ornadas ; dissera eu que ao seu lugar se passassem duas Imagens , que supponho haver em todas as cellas : huma do mesmo Senhor , que hoje lançou fora o demonio mudo ; & outra da Virgem Santissima , que por occasião deste mesmo milagre , mereceo as acclamações da Mãe de tal Filho : *Beatus venter , qui te portavit*. Este pensamento me occorreo , sem outra reflexão sobre o presente assumpto mais que de acabar com o mesmo Evangelho , que nos deo o fundamento delle. Agora porém estou vendo , que nestas duas Imagens , as mais santas , & soberanas

beranas de todas, se fará huma segunda, & mais preciosa troca, substituindo por hum espelho da terra os dous espelhos, em que se estão continuamente vendo, & revendo os Bemaventurados do Ceo.

359 Dous foraõ os fins do nosso discurso, ou hum sò fim dividido em duas partes. A primeira, exhortar as virgens esposas de Christo a que sò queiraõ parecer bem aos olhos do seu Divino Esposo: a segunda, o despego, ou renuncia daquelle natural appetite, a que os olhos, ou cegueira humana chamaõ fermosura. Quanto à primeira parte, que melhor, & que mais natural, ou sobrenatural espelho para todas as virgens consagradas a Deos, que a Rainha das Virgens? Assim diz fallando com todas o grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio: *Sit vobis tamquam in imagine descripta virginitas, vitaeque Beatæ Mariæ: de qua velut in speculo refulget spe-*

cies castitatis, & forma virtutis. Hinc sumatis licet exempla vivendi, ubi tamquam in exemplari magisteria expressæ probitatis, quid corrigere, quid effugere, quid tenere debeatis, ostendunt.

Porque me dizem que nesta Comunidade ha sò quatro, que entendem a lingua Latina, para as demais romanciarei as palavras do Santo, que dizem assim: Tende sempre, ô virgens, diante dos olhos a Imagem da Virgem Maria, na qual, como em espelho, resplandece o verdadeiro retrato da castidade, & de toda a virtude. Este he o exemplar, a que deveis compor todas as vossas acçoens; porque nelle, como mestra da perfeição, vos mostrará, & ensinará a mesma Virgem das Virgens o que deveis emendar, o que deveis fugir, & o que deveis imitar.

350 Quanto à segunda parte de renunciar, & aborrecer o falso, & cego desejo, & estimação da fermosura, ainda he mais evidente,

dente, & quasi temeroso
 espelho a Imagem de hum
 Christo pregado na Cruz.
 Com os olhos em hum
 Christo crucificado, dizia
 o devotissimo Drogo Ho-
 stienſe: *Feciſti, Domine, de*
corpore tuo speculum animæ
meæ: Deſſe voſſo corpo,
 Senhor, fizestes hum espe-
 lho à minha alma. Oh que
 temeroso outra vez, &
 que formidavel espelho!
 O mais fermoso de todos
 os filhos dos homens foi
 Christo: *Specioſus forma*
præ filiis hominum. E aquel-
 le meſmo roſto, que no
 Tabor excedia o reſplan-
 dor, & fermofura do Sol,
 no Calvario, & na Cruz
 eſtava tão eſcurecido, &
 deſfigurado, que nenhu-
 ma ſemelhança tinha do
 que pouco antes fora. Os
 que dantes o viaõ com ad-
 miraõ, & ſummo agra-
 do, agora com horror o
 não conheciaõ, nem po-
 diaõ ver, & duidavaõ ſe
 era o meſmo, ou outro.
Non eſt ſpecies ei, neque de-
cor, vidimus eum, & non
erat aſpectus, & deſideravi-

Psalm.
 44. 3.

Iſaia
 53. 2. 3.

mus eum deſpectum, & nõ
viſſimum virorum, & quaſi
abſconditus vultus ejus: diz
 o Profeta Iſaías. E à viſta
 de tão laſtimoso retrato,
 quem haverá (& mais
 com obrigaçoens de espo-
 ſa) que tenha roſto para
 apparecer diante delle em
 outra melhor figura, &
 ainda lhe fiquem olhos
 para ſe ver, & compor a
 outro espelho? Sõ S. Ber-
 nardo ſoube entender, &
 dizer como nos haviamos
 de conformar com eſta vi-
 ſta, para não ſer feíſſima a
 noſſa ingratakaõ, & mã
 correſpondencia. No Ceo,
 diz S. Joaõ, que havemos
 de ſer ſemelhantes a Deos,
 porque o havemos de ver
 como elle he: *Similes ei*
erimus, quoniam videbimus
eum ſicuti eſt. Pois aſſim
 como no Ceo (exclama
 Bernardo) nos havemos
 de transformar em Deos,
 fazendo-nos ſemelhantes
 a elle, porque o veremos
 como elle he, aſſim na ter-
 ra vendo ao meſmo Deos
 tão deſfigurado na Cruz,
 & tão demudado de ſua
 natu-

natural fermosura , nos devemos tambem trans- formar , & fazer feme- lhantes a elle , pois vere- mos no seu rosto qual elle se quiz fazer por amor de nós : *Siquidem similis eris illi , cum videris eum sicuti est ; esto & nunc similis ei , videns eum sicuti propter te factus est.*

§. XI.

361 **D**Aqui se não pôde passar : & era justo nesta clausula acabar de emudecer. Mas porque o Euangelho diz , que lançado fora o demonio fallou o mudo , o mes- mo espelho , que atêgo- ra mudo lisongeava , dirá fallando , (pois já pôde) & descobrirá a verdade dos enganos , que a vista dos mesmos olhos ou dissimu- lava , ou fingia.

Eu (diz o espelho) como formado de vidro , sou fragil ; mas muito mais fragil he , ô filhas de Eva , a que vós chamais fermosura. Ouvi ao mes-

mo Compositor da arte , que ensinou como se havia de amar esta enganadora :

Forma bonum fragile est , quantumque accedit ad annos

Fit minor.

A fermosura (diz elle) he hum bem fragil , & quanto mais se vai chegando aos annos , tanto mais vai diminuindo , & desfazendo em si , & fazendo-se menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Elena , aquella famosa , & fermo- sa Grega , filha de Tindaro Rey de Laconia , por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez an- nos , & ao passo que hia durando , & crescendo a guerra , se hia juntamente com os annos diminuindo a causa della. Era a causa a fermosura de Elena , flor emfim da terra , & cada anno cortada com o arado do tempo ; estava já tão murcha , & a mesma Elena tão outra , que vendo-se ao espelho , pelos olhos , que já não tinhaõ a antiga vi- veza , lhe corriaõ as lagri- mas,

362

mas, & não achando a causa, porque duas vezes fora roubada, ao mesmo espelho, & a si perguntava por ella:

*Flet quoque, ut in speculo
rugas conspexit aniles
Tindaris, & secum cur sit
bis raptâ requirit.*

- 363 Que cousa he a fermosura, senão huma câveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a cor, & antes de a morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça daquella exterior, & apparente superficie de tal forte, que se os olhos pudessem penetrar o interior della, o não poderiaõ ver sem horror? Louvando Salamaõ a fermosura da Alma Santa em corpo, diz que o vermelho das suas faces era como huma ro-
 Cant. 4. mã partida: *Sicut fragmen-
 3. mali Punici, ita genæ tuæ:*
 & deixando de notar que (o que naquellas faces era vermelho, em outras he vermelhaõ) accrescenta o mais sabio dos homens sabiamente: *Absque eo quod*

Ibidem.

intrinsecus latet: que aquelle gabo se entendia sem o que as mesmas faces encobrem porentro. Aqui pudéra o espelho fazer hum bem grande, & pouco vistoso reparo, que S. Bernardo pondera com todos os debruns da sua fealdade.

364 Mas como estes interiores estão fora da esfera, & jurisdicção do espelho, não he o seu intento, nem o meu desacreditar a fermosura, nem a estimação, ou desejo della. Antes para acabar sem aggravado ainda dos olhos mais apaixonados, & sem variar, nem dizer nada do que fica dito; digo por fim, & exhorto a todas as fieis esposas de Christo, que para agradar a seu Divino Esposo, amem, desejem, & procurem com todo o affecto conservar, & augmentar a fermosura; mas não a fragil, senão a constante; não a que descompoem a enfermidade, senão a de que se compoem a saude; não a que diminuem os annos, senão

senaõ a que dura mais que os seculos ; naõ a que he despojo do tempo , senaõ a que ha de triunfar na eternidade. E ha , ou pôde haver espelho , a que se veja , & componha esta fermosura ? Sim tambem. Mas naõ aquelle , que os Pontifices procuraõ tirar das cellas , senaõ o que elles canonizaõ , & nos faz bemaventurados no Ceo. He hum espelho de tão differente artificio , que olhando para elle, naõ nos veremos semelhantes a nós , mas elle sô com a sua vista nos fará semelhantes a si. Isto he o que já nos referio com authoridade de Fé o Gloriosissimo Pay desta sagrada Cmomunidade, S. Bernardo. *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est* : Sere-mos semelhantes a Deos, porque veremos a Deos como elle he. Fiquem agora confiderando os olhos mais cegos, se se deve deixar hum espelho, que he o demonio, por hum espelho, que he Deos.




S E R M A M DOMESTICO,

Na vespera da Circumcisaõ, & Nome
de JESUS, em que na Companhia
do mesmo nome se renovaõ os
votos religiosos.

Anno de 1689.

*Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur
Puer, vocatum est nomen ejus Jesus. Luc. 2.*

§. I.

365  ENDO a
renovação
do espirito
hum dos
meyos mais particulares
da nossa Companhia, para
conservar, & adiantar a
perfeição de seus filhos;
cousa he verdadeiramente,

(fallo de mim) cousa he
verdadeiramente naõ fõ
digna de admiração, mas
de confusão grande, que
repetindo-se esta mesma re-
novação duas vezes cada
anno, passem os annos,
& tantos annos com taõ
pouco fruto. No dia de
à manhã se cerraõ cento &
trinta & cinco dias de re-
novação,

renovação, em que, por mercê de Deos, me tenho achado indignamente nesta sua Companhia. E que maior confusão, que contar tantos annos, & tantos dias, & olhar para mim? As renovaçoens passadas perdérao-se: a presente, sabe Deos se será a ultima: as futuras, he certo, que não podem ser senão muito poucas: que remedio? Ora eu considerando neste ponto, (que he o que nos deve levar toda a consideração) o meyo, ou remedio, que me occorreo, foi ver se no caminho da perfeição se poderá descubrir algum atalho, ou compendio breve, pelo qual todas as renovaçoens mal aproveitadas se possam reduzir a huma renovação bem feita.

366 Deos nosso Senhor não só tem caminhos, senão também atalhos: *Vias tuas, Domine, demonstra mihi*: eis-ahi os caminhos: *& semitas tuas edoce me*: eis-ahi os atalhos. E se

bem olharmos para todas as circumstancias desta solemnidade, todas ellas nos estão ensinando isto mesmo. No Evangelho, que he o mais breve do anno, temos a eternidade do Verbo reduzida a oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo*: temos a grandeza, & immensidade de Deos reduzida ao corpinho de hum Minino: *Puer*: temos o preço infinito do Sangue de Christo reduzido às poucas gottas do golpe da Circumcisação: *Ut circumcideretur*: & temos todos os nomes do mesmo Senhor, que são innumeraveis, & incompreensiveis, reduzidos a hum só nome: *Vocatum est nomen ejus Jesus*. Não paraõ aqui os compendios. Voramos a Divina Magestade, *Divinae Maestati tuae*, no Santissimo Sacramento, que he o compendio de todas as maravilhas: voramos em presença da Santissima Virgem, *Coram Sacratissima Virgine Maria*, que he o compendio

Luc. 2.

21.

Ibidem.

pendio de todas as graças: voramos neste santo lugar, posto que tão estreito, o qual no dia de à manhã he o compendio de toda a Corte celestial: *Et curiā tuā celesti universā*: voramos finalmente huma tal promessa, & com huma tal condição, que he o compendio de todas as constituições da Companhia: *Omnia intelligendo juxta ipsius Societatis constitutiones.*

367 Não será logo cousa alhea nem deste mysterio, nem deste dia, senão muito conforme a elle, que nós também façamos hum compendio muito abreviado, no qual, & pelo qual se reduzaõ todas as renovações a huma sô renovação, todos os votos a hum sô voto, & toda a perfeição do espirito a huma sô virtude. Isto he o que hoje me quizera persuadir a mim mesmo. Deos me ajude com sua graça, para que acerte a me declarar.

§. II.

368 **O** Erro, ou engano, porque na vida espirital em muito tempo se aproveita pouco, he porque tomamos as cousas a vulto, & não reduzimos a multidão à unidade. A multidão difficulosamente se pôde abarcar, a unidade facilmente se comprehende. Esta he a razão, porque a Sabedoria, & Providencia Divina reduzio todas as suas leys a huma sô ley, & todos os seus preceitos a hum sô preceito, que he o da Charidade. Assim o declarou o Apostolo S. Paulo, o qual a este preceito hum, & unico, a que se reduzem todos os outros, chamou vinculo da perfeição: *Charitatem habete, quæ est vinculum perfectionis.* A perfeição desatada, são infinitas virtudes, & infinitos actos de cada huma dellas: atada porèm, & reduzida à unidade, he huma sô virtude.

E que

E que se segue daqui ? Segue-se que a mesma perfeiçaõ desatada , & sem este vinculo , pela multidaõ , a que se estende , he muito difficultosa de se observar ; atada porèm com o mesmo vinculo , pela unidade ; a que se reduz , se pôde observar facilmente.

369 Ouçamos ao mesmo Legislador Divino. *Qui diligit me , sermonem meum servabit : qui non diligit me , sermones meos non servat.* Quem me ama , (diz Christo) guarda o meu preceito : quem não me ama , não guarda os meus preceitos. Para notar a differença destes termos , não he necessario reparo , nem ponderação. Desorte que a sua mesma Ley huma vez lhe chama Christo muitos preceitos : *Sermones meos* : & outra vez lhe chama hum preceito : *Sermonem meum*. Mas quando lhe chama muitos preceitos , diz que se não guardaõ , *Sermones meos non servat* : & quando

lhe chama hum preceito , diz que se guarda : *Sermonem meum servabit*. E porque ? O mesmo Texto dá a razaõ , & he : porque a Ley de Christo huns a tomaõ atada , & unida com o vinculo da perfeiçaõ , que he a Charidade : *Qui diligit me* : & outros a tomaõ desatada , & desunida por falta do mesmo vinculo : *Qui non diligit me* : & quando a perfeiçaõ se toma desatada , assim como os preceitos entaõ são muitos , pela sua mesma multidaõ são difficultosos de guardar : *Sermones meos non servat* : porèm quando a perfeiçaõ se toma atada , & unida , assim como esses preceitos se reduzem a hum sò , assim por essa mesma unidade se observaõ , & observarão facilmente : *Sermonem meum servabit*.

370 Assentado este principio , (que he primeiro principio na vida espirital) se bem examinarmos as renovaçoens passadas , & o pouco fruto ,
com

com que ellas passáraõ por nós , ou nós por ellas , acharemos , que a causa principal deste pouco fructo foi , porque tomámos as mesmas renovaçoens a vulto , não reduzindo os defeitos a hum sò defeito , que facilmente se pudéra emendar : nem reduzindo a perfeição a huma sò virtude , que facilmente se pudéra adquirir. Esta he a razão fundamental , & sólida : nem S. Paulo lhe achou outra. Assim como S. Paulo , escrevendo aos Colossenses , reduzio a perfeição ao vinculo de huma sò virtude , como vimos ; assim escrevendo aos Romanos , depois de relatar todos os preceitos , os reduzio tambem a hum

Rom.
13. 9.

sò : *Et si quod est aliud mandatum , in hoc verbo instauratur*. No Texto Grego em lugar de *instauratur* , está *renovatur*. E tudo he. Em tantos annos , & tantas renovaçoens pudemos ter levantado hum grande edificio de perfeição ; & eu não vejo em

mim senão ruinas. Em tantos annos , & tantas renovaçoens pudemos ter adquirido hum grande cabedal de virtudes ; & eu não vejo em mim senão perdas. Que remedio logo para renovar o arruinado , & restaurar o perdido ? *In hoc verbo renovatur , in hoc verbo instauratur*. O remedio he reduzir tudo à unidade. Procuremos reduzir todos os votos a hum sò voto : procuremos reduzir toda a perfeição a huma sò virtude : & neste compendio , ou nesta recopilação , como lhe chama Santo Agostinho , se as ruinas forem nos votos , todas ficarão renovadas na unidade de hum sò voto , *In hoc verbo renovatur* : & se as perdas forem nas outras virtudes , todas ficarão restauradas na unidade de huma sò virtude : *In hoc verbo instauratur*.

§. III.

371 **S** Upposto pois que esta renovação , & restau-

restituação se reduz a hum só voto, & a huma só virtude; que voto, & que virtude será esta? Digo, que a virtude, he a primeira virtude, que Christo à manhã exercitou: & o voto, he o ultimo voto, que nós à manhã professamos: *Obedientiam perpetuam in Societate Jesu.* Aquelle Senhor, que à manhã se chamou Jesus, em hum dia mereceu a imposição deste santissimo nome, & em outro a exaltação delle; mas sempre pela virtude da obediencia. A imposição do nome pela obediencia da Circumcisaõ: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus: a exaltação delle pela obediencia da morte de Cruz: Factus obediens usque ad mortem. Propter quod donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* Este he o Divino, & humano exemplar, que hoje, & à manhã nos poem diante dos olhos a Companhia, a cuja imitação

nesta mesma hora com tão fervorosa devação está exhortando a seus filhos. Entendamos todos os que professamos religião debaixo do mesmo nome de Jesu, que se queremos inteiramente responder à dignidade de tão soberano nome, & às obrigações de huma profissão tão alta, só por meyo da imitação da sua obediencia, & na unidade della o podemos fazer. A razão he manifesta pelo que fica dito; porque se todos os votos se devem reduzir a hum só voto, & toda a perfeição a huma só virtude; o voto, a que se reduzem todos os votos, & a virtude, a que se reduz toda a perfeição, & todas as virtudes, he só a virtude da obediencia. Não digo cousa nova, senão aquella mesma, que sobre todas nos deixou em testamento nosso Santo Patriarcha, confirmando esta maxima, que bastava ser sua, com a famosa sentença de S. Gregorio Papa: *Obedientia sola virtus est,*

*qua virtutes ceteras menti
inserit, insertasque custodit.*

372 Antes de votarmos, o que já fizemos, & à manhã repetimos, tinha a obediencia sobre nós muito menor esfera; porque Deos não nos obrigava a guardar pobreza, nem castidade, nem a mesma obediencia religiosa: mas depois que nós nos obrigamos a Deos, Deos tambem nos obriga a nós. E para nos desempenharmos desta obrigação, posto que ella seja de tres votos, nós o podemos fazer com hum só voto, se elle for o da obediencia. Porque obedecendo a Deos, não só somos obedientes, mas obedientes, castos, & pobres, só com differença dos nomes. Com a mesma differença só dos nomes define Santo Thomás, que a obediencia em respeito do Prelado he observancia: em respeito dos pays he piedade: & em respeito de Deos he religião. Não he a obediencia, diz o mesmo Doutor Angelico, vir-

tude Theologal; mas se eu creyo, porque Deos me manda crer, a minha obediencia he Fé; se eu espero, porque me manda esperar, a minha obediencia he Esperança; se eu amo, porque me manda amar, a minha obediencia he Charidade.

373 Nas virtudes moraes corre a mesma regra. Se a materia dellas he devida, a obediencia he justa; se he duvidosa, a obediencia he prudencia; se he ardua, a obediencia he fortaleza; se he deléitavel, a obediencia he temperança. E que diremos das virtudes, & exercicios proprios da Religião? Isto mesmo, & com a mesma certeza. Se a obediencia me applica às cousas, que o mundo tem por baixas, he humildade: se às que molestaõ, & causaõ pena, he paciencia: se às casuaes, & varias, segundo o pede a occasião, he indifferença: se me manda que não olhe, he modestia: se me manda que não falle, he silencio:

lencio : se me manda que não saya, he clausura : se me nega o que desejo, & me obriga ao que repugno, he mortificação : se me responde, ou castiga os meus defeitos, he penitencia : & se me poem a hum canto, como bordão de hum homem velho, de que se quer ajudar quem o tem na mão, he ocio santo com mais tempo, & maior liberdade para orar, & contemplar em Deos.

374 Mas porque alguns dos exercicios da obediencia são meramente temporaes, aqui se deve muito advertir que a obediencia não sò he todas as virtudes, mas faz que se fação virtude as que o não são. Assim como a alquimia por arte tudo converte em ouro, assim a obediencia por natureza tudo transforma, & converte em virtude. E daqui vem que atè as acçoens, que não tem nome de virtuosas, antes o contrario, ella faz que se fação não sò virtude, senão melhores ainda

que as mesmas virtudes. E como, ou porque ? Não porque he melhor obedecer, que sacrificar, porque isso he comparar huma virtude com outra ; mas porque (por exemplo) o comer, & o dormir, a recreação, & o descanso, & outras acçoens, & divertimentos deste genero são cousas meramente temporaes, naturaes, & indifferentes, & melhor he comer por obediencia, que jejuar : melhor he dormir por obediencia, que vigiar : melhor he recrearme por obediencia, que trabalhar : melhor he não fazer nada por obediencia, que trazer este Collegio às costas, & servir mais que todos. Tanto assim, (tornando ao primeiro exemplo) que Santa Theresa de Jesus com espirito proprio do seu sobrenome chegou a dizer, que melhor he comer por obediencia, que commungar sem ella. E se a obediencia tão altamente transforma, & santifica as acçoens

indifferentes, que não são virtuosas, quanto mais as mesmas virtudes, convertendo-as todas em si, & convertendo-se nellas?

§. II. III.

375 **S**O parece que pôde argumentar em contrario a Theologia, & dizer: Todas as virtudes tem os seus objectos particulares, pelos quaes se distinguem, & desses mesmos objectos toma cada huma a sua essencia, a sua especie, & a sua differença propria: logo sendo todas, & cada huma essencial, & totalmente diversas da obediencia, parece que se não podem incluir, nem resumir nella. Mas a esta objecção respondeo já tacita, & excellentemente o mesmo S. Gregorio, quando disse, que a obediencia, & só a obediencia he, a que enxerta na alma todas as outras virtudes: *Quæ virtutes ceteras menti inserit.* Os ramos, ou garfos, que

se enxertaõ em hum tronco, todos são de outras arvores, ou plantas, donde tem o seu nascimento; mas depois de enxertados, já não vivem, nem se sustentão das suas raizes proprias, senão da raiz, & sustancia do mesmo tronco, tão intimamente incorporadas nelle, que se o tronco está verde, os enxertos também reverdecem; & se o tronco seccou, também elles seccão. O mesmo succede a todas as outras virtudes com a obediencia. De tal maneira vivem nella, & della, & por ella, que se a obediencia se murchou, seccou, ou morreo, todas as outras virtudes adoecem juntamente, & perdem a cor, a fermosura, o vigor, a vida, & deixaõ de ser virtudes. Pelo contrario, se a obediencia se conserva em seu ser, & vive, & persevera, ellas também perseverão, vivem, & se conservão; & (como diz nosso Santo Padre) En quanto ella floreciere, todas las de-
mas

mas se veran florecer, & llevar el fruto, que yo en vuestras animas deseo.

376 Este he o desejo de Santo Ignacio, & o mesmo deve ser o nosso. Mas porque não basta a especulação do que está dito, senão se desce à praxe: esta praxe donde a tomaremos nós? Digo que do mesmo Minino Jesus, & do mesmo mysterio profundissimo da sua Circumcisaõ, tirando de todas as circumstancias da sua obediencia os documentos da nossa.

S. V.

377 *Postquam consummati sunt dies octo.* Obedeceo Christo à ley da Circumcisaõ ao dia oitavo, não porque dantes não desejasse dar o sangue por nós: mas porque? Porque o verdadeiro obediente não só se ha de conformar com a obra, senão também com o tempo. Ha de fazer o que se manda, & quando se manda. Fazello antes não he diligên-

cia: fazello depois he tardança. Pois quando ha de ser este quando? Quando a letra já está começada, & ainda não está acabada. Naquelle ponto preciso consiste a pontualidade da obediencia. Gentio era Seneca, mas grande Filosofo, & escrevendo de Roma a Lucilio seu discipulo, que estava em Sicilia, diz assim: *Spero sic te vivere, ut, ubicumque sis, sciam quid agas*: Espero, Lucilio, que tragas a tua vida tão concertada com o tempo, que em qualquer parte, onde estejas, saiba eu o que fazes naquella hora. E quando isto se esperava de hum Estoico, que se deve esperar de hum Religioso? Que faz agora o Irmaõ da Companhia? São às cinco para as seis da manhã, está em oração. He dia Santo, são das oito para as dez, em que se occupa agora? Está estudando. Deraõ tres quartos para as onze, & neste quarto qual he o seu exercicio? Está fazendo ex-

ame. De forte que ha de bastar saber-se a hora, para que se saiba em qual-quer parte o que fazemos. Todo o relogio perfeito não sò dà as horas, mas tem hum braço mostrador, com que as aponta. O Religioso ha de ser como hum relogio, mas com dous braços mostradores, hum que mostre as horas, outro que mostre as acçoens. Se a acção concorda com a hora, anda o relogio certo; se não concorda, anda destemperado. Caso notavel no mysterio da Circumcisaõ! He de Fé que Christo se circumcidou: & com tudo o Euangelista não diz que se circumcidasse; sò se contentou com dizer que chegára o dia da Circumcisaõ: *Consummati sunt dies octo, ut circumcideretur*; porque na obediencia de Christo bastava que constasse do tempo, para que fosse de Fé a acção. Assim seraõ quasi de Fé as nossas, se imitarmos a sua obediencia.

A circumstancia do tempo não accrescentou o Euangelista a do lugar, em que o Senhor obedeceo à ley. Santo Hilario com opiniaõ singular, & não recebida, diz que foi em Jerusaleem. Se assim fosse, alguma escusa podiaõ ter os espiritos, a que eu sò quero dar nome de Cortezaõs. Querer professar religiaõ, querer viver debaixo de obediencia, mas ha de ser em Jerusaleem, nas Cortes dos Principes, nas cabeças dos Reynos, nas Metropolis das Provincias. Se he em Italia, ha de ser em Roma: se he em França, ha de ser em Pariz: se he em Portugal, ha de ser em Lisboa: & se he nesta parte da nossa America, não ha de ser no Sertão, nem ha de ser na Aldea, nem na Capitania, nem em outras Cidades menores, ainda que sejaõ Cathedraes, senão na principal, & maior de todas. Se este espirito he da Companhia, não he da companhia daquelle Jesus, que

que para encarnar esco-
lho Nazareth , & para
nascer Belem. Ainda nessa
Belem , com ser naquel-
le tempo habitada pouco
mais de pastores, não quiz
o Senhor , que se foubesse
de certo o lugar , aonde
offereceo a Deos as primi-
cias desta sua obediencia.
Quando chegááo a Be-
lem os Magos, diz o Eu-
angelista , que entrando
na casa , achááo o Mini-
no: *Intrantes domum inve-*
nerunt puerum.

379 Daqui infere San-
to Epifanio com outros
Padres, que o Santo Mi-
nino já não estava no Pre-
sepio , & que a industria
de S. Joseph, depois que a
Cidade se foi desafoğan-
do da multidaõ da gente,
pode melhorar de aposen-
to. E como no espaço da-
quelles treze dias se podia
cumprir o dia oitavo da
Circumcisaõ, ou estando
ainda no Presépio, ou mo-
rando já na casa, não se
sabe, nem quiz o mesmo
Senhor , que se foubesse
o lugar certo de sua obedi-

encia, para ensinar à nossa,
que ha de abstrahir total-
mente do lugar, & que o
naõ ha de ter, nem que-
rer, nem procurar certo.
Se a Circumcisaõ foi na
casa, era na Cidade ; se no
Presépio, era fóra della :
se na Cidade, era entre ho-
mens ; se no Presépio, era
entre brutos : se na Cida-
de, & em casa , era já com
alguma commodidade ; se
no Presépio , era com o
maior incommodo, & to-
tal desamparo. E a todas
estas differenças de luga-
res ha de estar sempre in-
differente a prompta obe-
diencia ; ou para viver nas
Cidades, ou fóra, & longe
dellas, ou no povoado en-
tre homens, ou no deser-
to, & no meyo das bre-
nhas entre os brutos, & as
feras ; ou com commo-
didade, ou sem commo-
didade ; ou com algum abrigo,
ou sem nenhum abrigo ;
ou em casa debaixo das te-
lhas, ou no campo debai-
xo das Estrellas. *O ubi da*
obediencia he *ubique*. Os
soldados da Companhia de

Jesus são soldados volantes, & se estes perguntarem à nossa regra o lugar onde haõde ter o seu posto : o lugar he em qualquer parte do Mundo , onde se espera maior serviço de Deos, & ajuda das almas.

§. VI.

380 **U***T circumcidetur puer.* Temos aqui a Circumcisaõ passiva, mas não temos a activa. A passiva foi o Minino circumcidado : a activa foi o ministro da Circumcisaõ, do qual não diz palavra o Euangelista. Segundo o ceremonial da ley, eraõ ministros da Circumcisaõ, primeiro os sacerdotes, depois os Levitas, & em falta destes, como cá no Baptismo, outra qualquer pessoa, ainda que não tivesse ordem, nem grão Ecclesiastico; & tal vez o mesmo pay, ou a mesma mãy. Parece que Santo Ignacio commentou este mystério, quando nos escreveo aos Portu-

gueses, Que o verdadeiro obediente não olha a pessoa, a quem obedece. Ou seja Sacerdote, ou não seja Sacerdote, ou seja Levita, ou não seja Levita, ou tenha grande dignidade, ou pequena, ou nenhuma, com a mesma pontualidade havemos de obedecer ao Irmão cosinheiro, que ao Padre Géral da Companhia.

381 E quanto ao ministro da Circumcisaõ do Santo Minino, a opiniaõ mais provavel, & mais pia he, que assim como Sephora circumcidou a seu filho, assim a Virgem Maria circumcidou o seu. Oh que excellente retrato de hum bom Superior, & de hum bom subdito, quando as obediencias são taes, que podem doer ! Verdadeiramente era caso não só para enternecer, mas para assombrar, ver a piedosissima Virgem ferir com suas proprias mãos, sem lhe tremer, nem desmayar o braço, & derramar o sangue do Filho de

Deos,

Deos, & seu. O golpe primeiro cortava o coração da Mãy, & depois a carne do Filho: o Filho sofrendo sem resistir, a Mãy constante sem retroceder: o Filho chorando, a Mãy chorando. De ambos era a dor: de ambos eraõ as lagrimas, & o sangue tambem de ambos; para quem o Superior se acovarde, nem o subdito o estranha. Ha de ser porẽm taõ reciproco o sentimento nas materias sensiveis, que tanto sinta quem executa, como quem obedece: tanto se lastime quem forçado fere, como o mesmo ferido: tanto se doa o Superior, como o subdito; & muito mais o Superior, que isto he. ser mãy. Os instrumentos daquelle rigor, consta da Escriitura, que eraõ de pedra: *Cultros lapideos*: & diz S. Bernardo, que eraõ de pedra, & naõ de ferro; porque a pedra naõ cria ferrugem. Oh se quizesse Deos que as obediencias fossẽm recebidas taõ liza-

mente, como saõ lizos os instrumentos!

382 Mas passẽmos a outro documento naõ menos necessario. *Ut circumcideretur*. A Circumcisaõ era huma ley muito dura, mas de pouca dura. Havia-se de acabar cedo, como se acabou, succedendo em seu lugar o Baptismo. Pois se aquella ley naõ havia de durar, porque a observou o Senhor tanto à sua custa, que lhe custou gottas de sangue? Sem duvida porque estava antevendo, que havia de vir tempo, em que fosse necessario este forte exemplo da sua obediencia para confirmar as fraquezas da nossa. Quando a obediencia ordena alguma cousa de novo, ou quer emendar algum abuso; os que por ventura gostavaõ mais dos abusos, do que gostãõ da emenda delles, consolão-se com dizer, que aquillo naõ ha de durar. Variar-se-ha a successaõ das causas segundas, & logo se emendará tudo, & tor-

nará

nará ao que dantes era. Mas ainda que esta profecia fora tão infallivel, como a sciencia, que Christo tinha de se mudar a Circumcisaõ, nem por isso se deve desprezár, ou desobedecer o que de presente se ordena. Pois que se ha de fazer? O que fez o mesmo Senhor. Agora em quanto durava a Circumcisaõ, circumcidou-se: depois quando vier o Baptismo, tambem se baptizará. Se a ley presente não ha de durar, observe-se em quanto dura; & se depois se ha de trocar por outra, entãõ observaremos tambem essa, & seremos duas vezes obedientes.

383 A ley não tem obrigaçãõ de ser sempre a mesma; mas o obediente tem sempre obrigaçãõ de obedecer à ley, qualquer que ella seja. Se a Circumcisaõ tira sangue, & o Baptismo lava com agua, sangremo-nos agora, & banharnos-hemos depois. Mas porque eu espero pelo banho, não querer to-

mar a sangria, isso he não querer sarar. Santo Ignacio diz, que as cousas da obediencia se haõde aceitar, & crer como se foraõ de Fé; mas como ha heresges da Fé, assim ha heresges da obediencia. E quem saõ estes? Saõ huns espiritos inquietos, que sãõ na propria vontade achaõ quietaçãõ. Não declarou Santo Ignacio esta quasi heresia, porque a não suppoz na sua Religiaõ, mas disse-o expressamente o Profeta Samuel: *Quasi peccatum ariolandi est: & quasi scelus idololatriæ nolle acquiescere.* Almas inquietas (diz Christo) se quereis aquietar, obedeei: *Tollite jugum meum super vos, & invenientis requiem animabus vestris.*

§. VII.

384 **S**omos chegados à ultima circumstancia, a qual parece pudéra inquietar o mesmo Christo, senão fora tão obediente. *Ut circumcideretur.*

retur. A Circumcisaõ era remedio do peccado, & marca de peccador; & daqui se segue, que quem visse circumcidar aquelle Minino, por consequencia natural podia inferir naõ sò que naõ era Deos, mas que nem era justo, nem estava em sua graça; pois se o circumcidar-se Christo era tanto contra o credito da sua Divindade em quanto Deos, contra o credito da sua innocencia em quanto homem, & contra o credito da sua dignidade em quanto Messias; porque se quiz sujeitar à Circumcisaõ com tantos descritos? Para tirar, & arrancar naõ do Mundo, fenaõ das Religioens a maior peste dellas, que saõ estes dous nomes, *credito*, & *descredito*. Oh quantos trabalhos, quantos desgostos, quantas perturbaçoens tem causado na Religiaõ, & quantas vocaçoens tem perdido a falsa adoraçaõ deste maldito idolo! Ando triste, ando desconfolado,

ando tentado contra o que prometti, & renovei tantas vezes. E porque? Porque me vejo desfacreditado.

385 Ora diga-nos este Padre, a quem naõ quero chamar Reverendo, ou este Irmaõ, a quem naõ quero chamar Charissimo; qual he a razãõ, porque cuida, & diz que está desfacreditado. Estou desfacreditado; porque à minha antiguidade antepuzeraõ outro mais moderno: estou desfacreditado; porque à minha sciencia antepuzeraõ outro menos douto: estou desfacreditado; porque ao meu grande talento antepuzeraõ outro muito inferior: estou desfacreditado; porque à minha virtude, & à minha edificaçaõ antepuzeraõ outro, que naõ tem tanta. Bem o prova essa humildade. Mas dado que ser anteposto hum, seja descredito do outro, que naõ foi preferido: a André mais velho, foi anteposto Pedro: a Joseph o Justo, foi anteposto Mathias:

thias : & ao Justo dos Ju-
flos, o Filho de Deos, foi
anteposto Barrabás. Cer-
tamente que entre estes
desacreditados, bem pu-
déra hum homem de bem
não se afrontar de ser hum
delles. Mas vamos à re-
posta, que não tem repo-
sta. Assim como o credito
do soldado consiste em ser
bom soldado, o credito
do estudante em ser bom
estudante, & o credito do
official em qualquer arte,
em ser bom official; assim o
credito do Religioso con-
siste em ser bom Religio-
so. E o ser bom Religioso
em que consiste? Nin-
guem pôde negar que na
obediencia, em fazer o
que lhe mandaõ, & em se
contentar com que lhe não
mandem o que deseje. Este
he todo o credito, & toda
a honra do Religioso, &
não ha outra. Entender o
contrario será de filho de
Adam, & não de filho de
Santo Ignacio.

386 O homem, que
Deos poz neste Mundo
com maior honra, & ma-

ior credito, foi Adam : &
que diz David deste ho-
mem taõ acreditado, &
taõ honrado? *Homo cum* ⁴⁸
in honore esset, non intel-
xit : O homem estando na
honra não entendeo. E
que he o que não enten-
deo? Não entendeo onde
estava a honra. Elle estava
na honra : *Cum in honore*
esset : & não entendeo aon-
de a honra estava. Enten-
deo que a honra estava em
ser como Deos; & ella não
estava em ser, senão em
obedecer. Em quanto obe-
deceo, todas as creaturas
o respeitavaõ, & venera-
vaõ : tanto que desobede-
ceo, atè os jumentos zom-
báraõ delle. Queira Deos
que no paraíso da Reli-
giaõ nos não engane do
mesmo modo a serpente.
A honra, & credito do
Religioso não está em ser
o que elle deseje, ou pre-
sume, senão em obedecer
ao que lhe mandaõ, por
mais que seja em cousas,
que pareça o desacreditaõ.
Que maiores descreditos,
que aquelles, que ponde-
ravamos

ravamos na Circumcisaõ de Christo? Mas como o Senhor ainda assim obedeceo, da mesma Circumcisaõ sahio muito mais honrado do que dantes era, não sô em quanto homem, senão em quanto Deos. Como entrou Christo na Circumcisaõ, & como sahio? Entrou obediente, & sahio Jesus. *Ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus.* E isto foi em todo o rigor da Theologia sair muito mais honrado do que era, ainda em quanto Deos. Quando eu digo, Deos: nomeyo este nome com o barrete na cabeça; mas quando digo, Jesus: tiro o barrete, porque o mesmo Deos de baixo deste nome he digno de maior veneração, & de maior honra. E esta maior honra não a alcançou o mesmo Filho de Deos antes da Circumcisaõ, senão depois que obedeceo a ella: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur.*

§. VIII.

387 **E** Stas foraõ na Circumcisaõ de Christo as circumstancias da sua obediencia, & estes saõ os documentos da nossa. Se os puzermos em praxe, conheceremos que a renovação de todos os votos se reduz a este sô voto, & a renovação de todas as virtudes a esta sô virtude. Para maior evidencia quero acabar com a demonstração contraria. Se tivermos todas as virtudes, & nos faltar a obediencia, nenhuma virtude temos: pelo contrario se tivermos a obediencia, nella teremos todas as virtudes: porque? Porque assim como a obediencia he o compendio, & a uniaõ de todas as virtudes, assim a desobediencia he o dispendio, & destruição de todas. Adam no Paraíso todos sabem os que foi creado em justiça original com todas as virtudes, que Deos lhe infundio na alma.

alma. E quanto lhe durará ? Em quanto obedecce, conservou todas; tanto que desobedecce, perde todas. E se isto succedo no Paraíso, cá fora que será; senão o mesmo?

388 Ponhamo-nos longe delle não só na terra, senão no mar. E que tempestade he aquella, que no Mediterraneo levanta as ondas até as nuvens? Que navio he aquelle, que está batendo, & comendo os mares? Que homem he aquelle, que lançado ao mar o engole huma Balea? O homem he Jonas: o navio he de hums gentios; em que elle navegava: a tempestade furiosa he a que por sua causa se levantou. E quem era este Jonas? Era hum Profeta do numero dos doze: era hum homem, de cujo espirito, & zelo fiou Deos a missão, & conversão de Nive: era hum Santo então reputado por tal, & depois canonizado. Pois este homem de tantas virtudes he o que levantou huma tão

grande tempestade? Este he o que poz a perigo de se ir apique o navio? Este he o que mereceo que o lançassem ao mar? Sim, este. Porque com todas essas virtudes nesta mesma occasião foi desobediente. Pelas virtudes mereceo a eleição: pela desobediencia perdeu as virtudes. Os do navio, diz o Texto, que fazião orações aos seus deoses; porque todos erão idolatras: & a tempestade, que não levantou a idolatria de tantos gentios, levantou-a a desobediencia de hum Santo. Não ha que fazer caso de santidades sem obediencia. Muita modestia, muita compostura, muita penitencia, muita edificação, muitas illustrações do Ceo, muitas profecias; mas tudo isto sem obediencia he hum pouco de vento. Mal disse em dizer, hum pouco: he tanto vento, que levanta tempestades, que poem a perigo de naufragar o navio, & que se Deos não acudira com hum

hum milagre, o Profeta se
fovertéra no mar, & Ni-
nive na terra.

§. IX.

389 **T**odos estes do-
cumentos dita-
dos na escola daquelle mi-
nino de oito dias, que para
fer admiracão dos Dou-
tores não ha de esperar
pelos doze annos, são os
que nos ensinaõ pratica-
mente que para a breve,
& perfeita renovação do
espirito, o voto, a que se
haõde reduzir todos os
votos, & a virtude, a que
se haõde reduzir todas as
virtudes, he a obediencia.
Assim como a Circumci-
saõ era a divisa, que distin-
guia os filhos de Abraham
dos outros povos; assim a
obediencia he o caracter,
que distingue os filhos de
Santo Ignacio dos outros
Religiosos. Em outras
Religioens (diz o Santo
Patriarcha) podemos so-
frer que nos fação venta-
gem nas asperezas, que
cada hum fantamente ob-

serva; porèm na pureza
da obediencia; defejo, Ir-
maõs charissimos, que se
assinalem os que nesta
Companhia servem a Deos
nosso Senhor, & que nisto
se conheçaõ os verdadei-
ros filhos della. Se formos
verdadeiros obedientes,
feremos verdadeiros fi-
lhos da Companhia de
Jesus; mas se o não for-
mos, bem nos podemos
despedir deste nome; por-
que nem elle, nem Santo
Ignacio, nem a Compã-
nhia, nem o mesmo Mun-
do nos conhecerá por fi-
lhos seus. Perdeo-se o
Mundo, & o Paraíso por
falta de obediencia: & só
pela obediencia poderá a
Companhia salvar o Mun-
do, & fer ella o Paraíso.
Oh que Paraíso na terra
feria a manhã, & ferá este
Santo Collegio, se todos
com grande uniaõ entre
nós, & grande sujeicaõ
à obediencia, nos resól-
vermos com toda a appli-
cação, com todo cuida-
do, com todas nossas ora-
çoens, & devaçoens, &
com

com hum exame mais particular a conseguir a perfeição desta sô virtude!

390 Digo, desta sô virtude; porque não he necessario accrescentar de novo cousa alguma, senão fazermos o mesmo, que fazemos; cada hum segundo o seu estado, sô por obediencia. O Irmão Coadjutor na sacristia, na portaria, na enfermaria, & nas outras officinas, faça o que costuma trabalhar, mas por obediencia. O Sacerdote no altar, no pulpito, no confessionalio, nos hospitaes, nas cadeas, na assistencia, faça o que costuma exercitar; mas por obediencia. O Irmão Estudante, nas Grammaticas, nas Humanidades, nas Filosofias, nas Theologias, faça o que costuma estudar; mas por obediencia. Mas por obediencia, torno a dizer; & não para ser grande letrado, nem para ser grande Prêgador, nem para ser Mestre, nem para ser Lente, nem para ser professo

de quatro votos; senão para ser professo de hum voto. A obediencia he o voto, que faz os verdadeiros professos, & em que todos o podemos ser. Aos que se applicaõ a outros meynos, ainda que santos, para conseguir a perfeição; parece-me que lhes está dizendo Christo como a Martha: *Turbaris erga plurima: porro unum est necessarium*. Este *unum* reduzido à unidade da obediencia, he sô o necessario; este *unum* reduzido à unidade da obediencia, he o que sô basta para conseguirmos toda a perfeição do espirito, & todo o espirito da perfeição. Assim como reduzimos todos os fins a hum sô fim, que he Deos, assim havemos de reduzir todos os meynos a hum sô meyo, que he a obediencia, obedecendo a Deos em todos os seus Mandamentos, obedecendo a Santo Ignacio em todas as suas regras, & obedecendo ao Superior, que he a voz de Deos, & regra

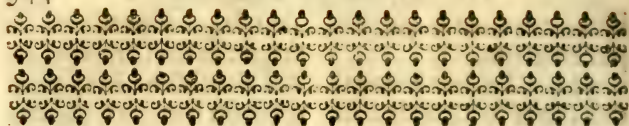
viva,

viva, em tudo o que dispuzer de nós.

391 Tal he a renovação, que o Ceo de nós espera no dia de à manhã; & nós não sô por ser o proprio dia dedicado para ella; mas por ser o primeiro daquelle anno fatal, no qual o mesmo Ceo nos tem prevenido com a demonstração ou de huma palma, ou de hum alfange, para que veja cada hum aonde a sua obediencia, ou a sua desobediencia o pôde levar, como levou a muitos. O que resta he, que com todo o affecto de nossos corações peçamos àquelle Minino todo po-

deroso pelas gottinhas do fangue de sua Circumcisão, & à Santissima Mãe pelas copiosas lagrimas, que ella lhe custou, nos concedaõ em honra de tão soberano mysterio esta mesma resolução muito efficaç, muito verdadeira, muito forte, muito deliberada, & muito constante, para que assim como o mesmo Senhor pela sua obediencia mereceo o nome Santissimo de Jesus, assim nós pela mesma obediencia nos façamos dignos de o servir perpetuamente na Companhia debaixo do mesmo nome: *Obedientiam perpetuam in Societate Jesu.*





SERMAM

DE SANTO

ANTONIO,

Em dia da SANTÍSSIMA TRINDADE,
na Cidade do Maranhão.

*Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in
regno calorum.* Matth. 5.

§. I.

392



AM sô ha
predestina-
ção para os
homens, se-
nao tambem para os dias:
os homens predestinados
para a gloria de Deos; &
os dias predestinados para
Deos ser glorificado nel-
les. Naõ he esta propoti-
ção, ou distincção minha,

senaõ da mesma Sabedoria
Divina no capitulo trinta
& tres do Ecclesiastico.
Faz alli este Author, taõ
Canonico como todos os
outros da Escritura Sagra-
da, huma notavel questão:
*Quare dies diem superat, &
iterum lux lucem, & annus
annum à sole?* Qual he a
razão porque hum dia he
mais celebre que o outro
dia, & tambem neste mes-
mo

mo dia hum anno mais celebre que o outro anno, sendo que o mesmo Sol faz os dias, & mais os annos? Responde o mesmo Texto, que a razão desta differença não he outra, senão a vontade, & eleição Divina. E assim como Deos predestinou os homens não só para serem gloriosos no Ceo, mas tambem para serem mais santos, mais sabios, mais nobres, mais ricos, & mais poderosos, & illustres na terra; assim tambem predestinou os dias, para que huns fossem mais santos, mais festivos, & de maior veneração, & celebridade, por serem dedicados a maior culto Divino, ou na Fé da sua mesma Divindade, ou na memoria, & reconhecimento de seus particulares beneficios. Esta he a resposta quanto à primeira parte da questão, & quanto à differença dos dias: *Quare dies diem superat?* Quanto à segunda parte, & à differença dos mesmos dias

na variedade dos annos: *Et iterum lux lucem, & annus annum*; a razão da differença he; porque variando-se com os annos os tempos; a ordem, & o lugar dos dias tambem se varia: da qual variedade, & mudança se segue que as festas, & celebridades dos dias ou se dividem entre si, ou se ajuntam no mesmo dia. E tudo isto não succede acaso, senão porque assim o ordenou a disposição da Sabedoria Divina. *A Domini scientia* ^{Ibidem} *separati sunt, facto sole,* ^{8. 9.} *& præceptum custodiente. Et immutavit tempora, & dies festos ipsorum, & in illis dies festos celebraverunt.*

393 Tudo o que atégora disse (& foi necessario dizer-se, por ser sabido, & advertido de poucos) he o que temos, & celebramos neste grande dia, sempre grande, & hoje com especial grandeza: sempre grande universalmente, por ser o dia da Santissima Trindade, Creadora, & Conserva-

Isaie
40. 12.

dora do Mundo, o qual como pendente de tres dedos, sustenta a Omnipotencia do Padre, a Sabedoria do Filho, & a bondade do Espírito Santo: *Appendit tribus digitis molem terre.* E grande principalmente na Monarchia, & Reynos de Portugal, isto he, nas quatro partes do mesmo Mundo, na Europa, na Africa, na Asia, & nesta America, por ser juntamente dia do nosso Portuguez Santo Antonio. A uniaõ, & concurso destas duas celebridades no mesmo dia, poderia parecer ser succedida acaço pela variedade do anno: mas como já nos consta por revelação, & authoridade Divina, que assim a dignidade dos dias, como a variedade dos annos, tudo está predestinado, & ordenado *ab æterno* pela disposição, & eleição daquelle suprema Providencia, que assim como creou todas as cousas, assim decretou, & finalou a cada huma dellas a differença

dos tempos; com muita razão podemos duvidar na uniaõ deste mysterioso concurso, a qual das duas partes se deve attribuir principalmente o motivo, ou empenho do mesmo encontro: se à religião, & virtudes de Santo Antonio, para com ellas nos ensinar a crer, a admirar, & celebrar dignamente o mysterio profundissimo, & incomprehenfivel da Santissima Trindade; ou à mesma Trindade Santissima para nos declarar, & fazer entender as grandezas, & excellencias do seu grande servo Antonio.

394 Parece que este mesmo nome de servo, & de hum servo tão estremadamente zeloso em procurar sempre, & em tudo a maior gloria de seu Senhor: & de hum servo que neste mesmo dia da Santissima Trindade prérgou tantas vezes aos ignorantes, & fez crer aos infieis, que sendo hum em Essencia, he Trino em Pessoas; & sendo as Pessoas tres, & cada

cada huma dellas Deos, não são tres Deoses, fenaõ hum sô Deos : & de hum servo que todos os dias, & momentos da vida, sem tomar, ou reservar para si hum sô instante, os dedicou, & consagrou a este mesmo culto, a esta mesma veneração, & a este mesmo obsequio, com nome, com habito, & com profissão de Menor, que ainda na mesma Gloria professa : sendo finalmente certo, & mais conforme à razão, & à obrigação, & à natureza, que o servo busque ao Senhor, & não o Senhor ao servo : por estas, & infinitas outras considerações parece que neste concurso, ou encontro de festas, & dias, o de Santo Antonio sem duvida he o que se vem sujeitar, render, & servir, para tambem com o seu, & comfigo celebrar, & festejar o da Santissima Trindade.

395 Com tudo, se eu hei-de dizer o que sinto, o meu parecer, sem lisonja, nem encarecimento, he,
Tom. II.

que não acaço, mas por ordem, & disposição Divina, como fica mostrado, não he o dia de Santo Antonio o que neste concurso vem celebrar, & servir o da Santissima Trindade ; fenaõ o da Santissima Trindade o que vem authorizar, honrar, & engrandecer o de Santo Antonio. Primeiramente não he acção menos decente, ou alhea da magestade das tres Pessoas Divinas virem ellas assistir com modo de presenca mais alta, & mais sublime aos servos seus mais fieis, & mais diligentes, que dignamente sabem amar, obedecer, & servir à mesma Magestade. Assim o préguei deste lugar o Domingo passado com palavras do mesmo Christo. *Si quis diligit me, sermonem meum servabit*, Joan.
& Pater meus diliget eum, 14. 21.
& ad eum veniemus. Quem me ama (diz Christo) obedecerá, & guardará meus preceitos, & a quem os obedecer, & observar, amará meu eterno Pay,
X iij & a

& a elle viremos. E quem são estes que haõde vir, & assistir ao que ama, & obedece a Christo, *Et ad eum veniemus*? He o mesmo Padre, & o Filho, & o Espirito Santo, as tres Pessoas da Santissima Trindade, diz a Fé, & a Theologia, com todos os Santos Padres. E se a Santissima Trindade em Pessoa, ou em Pessoas, promette vir assistir a quem ama a Christo, & observa seus preceitos, como negará este favor no seu dia a Santo Antonio, tão diligente, & exacto observador não fõ dos preceitos, senão dos acenos da vontade de Christo, & tão amante, & amado seu? Quando o mesmo Christo, que por amor de nós se fez homem, & por amor de Santo Antonio se fez menino, & se lhe veyo pôr nos braços, como o vemos, quem foi o que buscou, & a quem? Não foi Antonio a Christo, senão Christo a Antonio. Pois se para honrar a obediencia,

& corresponder ao amor, não he Antonio o que vai a Christo, senão Christo o que vem a Antonio; o que fez a segunda Pessoa da Santissima Trindade, porque o não fará tambem a primeira, & a terceira, *Et ad eum veniemus*?

396 Assim he hoje: & naturalmente assim havia de ser, nem podia ser doutra sorte no concurso destes dous dias. Porque? Porque o dia de Santo Antonio he dia estavel, & fixo, que se não muda, nem varia com a mudança dos annos: o dia da Santissima Trindade he dia não fixo, senão mudavel, que com a variedade dos annos se varia tambem, & se muda: logo este he o que sô podia vir, & o que veyo. Este singular favor não succedido agora acaso, senão por decreto, & disposição eterna, he o que na ordem, & dignidade dos dias estava destinado, & predestinado pela Divina Providencia, para que o dia da Santissima Trin-

Trindade, & a Santissima Trindade nelle viesse authorizar, & honrar com infinitos augmentos de celebridade o dia de Santo Antonio: & para que a mesma Trindade, como Authora das excellencias, & grandezas do nosso Santo, fosse tambem a Prégadora dellas.

397 Tudo isto, & nada menos he o que dizem as palavras do Evangelho, que tomei por thema. *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in regno celorum*: Aquelle que fizer, & ensinar, terá nome de grande no Reyno do Ceo. Na terra, que he hum ponto em respeito do Ceo, não pôde haver grandes, como bem, & Filosoficamente notou Seneca condemnando o nome de Magno em Alexandre. Santo Antonio foi verdadeiramente grande, porque foi grande no Reyno do Ceo. Mas porque estas grandezas no mesmo Reyno do Ceo são maiores, & menores: para ma-

nifestar a grandeza deste prodigioso Menor, sô o podia fazer toda a Santissima Trindade; porque toda ella o fez grande. Este será o assumpto do meu discurso: esta a uniaõ, ou unidade a que reduzi-rei o concurso destes dous dias: & este o nõ indissoluel com que em tanta disparidade de extremos atarei, & concordarei huma, & outra festa. Que diz o Euangelhõ? Tres cousas grandes em tres palavras: *Qui fecerit, & docuerit, magnus vocabitur*: & as mesmas tres cousas mostrarei eu que foram aquellas com que as tres Pessoas da Santissima Trindade fizeraõ grande a Santo Antonio. Mas de que modo? A Pessoa do Padre dando-lhe o *fecerit*; a Pessoa do Filho dando-lhe o *docuerit*; & a Pessoa do Espirito Santo dando-lhe o *vocabitur*. Supposto, & proposto assim o que hei-de dizer, espero que para gloria da mesma Trindade em taõ nova, &

Matth.
5. 19.

Richardus de
S. Laur.
lib. 2. de
Laud.
Virg.

difficullosa empreza nos
não faltará com sua graça
a Filha do Padre, a Mãe
do Filho, & a Esposa do
Espirito Santo; porque
como bem disse Richardo
de Santo Laurencio, *Per
ipsam, & in ipsa, & ex ipsa
augetur gloria Patris, &
Filii, & Spiritus Sancti.*
AVE MARIA.

§. II.

398 Quando Deos
obra fôra de si
mesmo (que os Theolo-
gos chamaõ *ad extra*) he
certo com certeza de Fé,
que para qualquer effeito
maior, ou menor, não sô
concorre como primeira
causa a Unidade da Essên-
cia Divina, senão também
igual, & indivisamente
a Trindade das Pessoas.
Com tudo na expressão
deste mesmo concurso ha
humã differença tão nota-
vel, que se a obra, posto
que grande, não he a mais
excellente; attribue-se o
effeito à Unidade, isto he,
a Deos em quanto hum;

mas se he a mais nobre, &
mais excellente de todas,
refere-se expressamente à
Trindade, isto he, a Deos
em quanto Trino. Na pri-
meira, & mais antiga obra
de Deos temos a prova, &
o exemplo desta particu-
lar expressão. No princi-
pio, diz o Texto Sagrado,
creou Deos o Ceo, & a
terra: *In principio creavit
Deus cælum, & terram:* Ge-
continuou a obra da crea-
ção por todos os seis dias
seguintes, & sempre falla o
Texto pelos mesmos ter-
mos: chegado finalmente
o fim do mesmo sexto dia,
em que Deos creou o ho-
mem; muda a Escriitura
Sagrada o estylo, & diz,
que disse Deos, *Faciamus
hominem ad imaginem, &
similitudinem nostram:* Fa-
çamos o homem à nossa
imagem, & semelhança.
Pois se no principio disse
creavit; porque agora diz
faciamus? Todos os San-
tos Padres, & Interpretes
entendem concordemen-
te, que a palavra singular,
creavit, significa a Unida-
de

de de Deos ; & a palavra do numero plural, *faciamus*, significa a Trindade das Pessoas. Pois se a primeira, & todas as outras obras da creação se attribuem a Deos em quanto hum ; porque razão a ultima, que foi o homem, se refere expressamente ao mesmo Deos em quanto Trino ? Porque todas as outras obras, ainda que grandes, não eraõ as mais nobres, & mais excellentes, como feitas por Deos para servirem ao homem : porèm o homem creado, & formado pelo mesmo Deos, como imagem sua, para dominar, & ser senhor de todas, era a mais nobre, & mais excellente de todas. E posto que todas eraõ obras do mesmo Deos, & da mesma Omnipotencia, as menos nobres attribuem-se à Unidade, & a Deos, em quanto hum na Essencia ; & a mais nobre, & a mais excellente à Trindade, & ao mesmo Deos em quanto Trino em Pessoas.

399 Não sou tão apaixonado das grandezas de Santo Antonio, que ordene este primeiro alicessê do meu discurso a dizer que a differença que faz o homem a todas as outras creaturas, faz Santo Antonio a todos os outros homens. O encarecido a que falta o solido, he vaidade, & não verdade : & as verdades deste grande homem foraõ tão grandes, que nem se podem declarar, quanto mais encarecer. O que sò quiz assentar por primeiro fundamento do que hei-de dizer, he, que as grandezas, & dotes singulares com que Deos levanta humas creaturas sobre outras creaturas, & humas obras suas maiores sobre outras, posto que grandes ; por exceição, ou propriedade, & quando menos por expressão particular pertencem à Trindade do mesmo Deos, & às tres Divinas Pessoas. Pede David a Deos que se dignê de bendizer, ou abençoar o seu

Psalm.
66. 7. 8.

400

seu povo com tal vantagem, que nelle singularmente, como povo seu, seja Deos reverenciado, & temido de todas as outras naçoens do Mundo, & diz assim : *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus, & metuant eum omnes fines terræ.* E porque razaõ, ou com que energia invoca David a Deos nesta petição, repetindo tres vezes o nome de Deos, *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus* ? Porque como a sua petição era que o povo de Israel fosse abençoado sobre todos os outros, coherentemente, & segundo a propriedade do que pedia, havia de invocar a Deos em quanto Trino, & a todas, & cada hum das tres Pessoas da Santissima Trindade. De maneira que o primeiro nome *Deus*, significa a Deos Padre, *Benedicat nos Deus* : o segundo nome *Deus*, significa a Deos Filho, & por isso *Deus noster*, Deos nosso, porque só a Pessoa

do Filho se fez homem como nós : & o terceiro nome *Deus*, significa o Espirito Santo, *benedicat nos Deus*. Assim declaraõ este famoso Texto todos os Intrepretes. E particularmente Hugo Cardeal o confirma com outro do capitulo sexto dos Numeros, em que Deos mandava expressamente que o povo se abençoasse naõ com huma, nem com duas, senaõ com tres bençoens. A primeira, em nome do Padre : *Benedicat vos Dominus, & custodiat vos : ecce benedictio Patris.* A segunda, em nome do Filho : *Ostendat Dominus faciem suam vobis : ecce benedictio Filii.* A terceira, em nome do Espirito Santo : *Et det vobis pacem : ecce benedictio Spiritus Sancti.*

401 E se perguntarmos : Estas tres bençoens da Pessoa do Padre, da Pessoa do Filho, & da Pessoa do Espirito Santo, como se distinguiaõ entre si, & quaes eraõ, ou haviaõ de ser ? Responde o mesmo

mesmo Doutor Eminen-
tissimo, como se eu oti-
vera subornado para este
dia. *Pater in Potentia, Fi-
lius in Sapientia, Spiritus
Sanctus in Beneficencia.* A
benção do Padre havia de
ser communicando o Po-
der: a benção do Filho
communicando a Sabedo-
ria: a benção do Espirito
Santo communicando a
Bondade, & Santidade.
Agora se entende clara-
mente o que eu prometti
no thema do Euangelho
sem o declarar: *Qui fece-
rit, & docuerit, hic magnus
vocabitur.* Atè os mesmos
doutos sabem que ao Pa-
dre se attribue o Poder,
ao Filho a Sabedoria, ao
Espirito Santo a Santida-
de. E eu que disse? Que
concorrendo toda a San-
tissima Trindade para as
grandezas de Santo Anto-
nio, o Padre lhe dera o *fe-
cerit*, o Filho lhe dera o *do-
cuerit*, & o Espirito Santo
o *vocabitur*. E agora vere-
mos que verdadeiramente
assim foi. Porque a Pessoa
do Padre para Santo An-

tonio fazer tão prodigio-
sas maravilhas, *qui fecerit*,
lhe deo o Poder: a Pessoa
do Filho para ensinar, &
converter o Mundo, *docu-
erit*, lhe deo a Sabedoria: &
a Pessoa do Espirito Santo
naõ sò para santificar as
almas, mas tambem para
ser chamado por Antono-
masia o Santo, *vocabitur*,
lhe deo seu proprio nome,
ou o seu nome proprio.

402 Mas antes que
passemos à prova particu-
lar de cada hum destes ti-
tulos, (porque naõ pareça
excesso de novidade refer-
rillos às tres Pessoas Di-
vinas) vejamos como se
portou com Deos, & com-
figo o nosso Menor orna-
do pelo mesmo Deos, ou
por melhor dizer, cheyo
de tão extraordinarias
grandezas. Aquelle gran-
de Expositor tambem Por-
tuguez, a quem chamá-
rao em Hespanha el Pa-
dre de los conceptos, por-
que quando sahio com os
seus Commentarios sobre
o Apocalypse, andando
mui validas nos pulpitos

as comparaçoens , ou os
 similes , entaõ se introdu-
 ziraõ em seu lugar , ou se
 acreditaraõ mais os que
 hoje se chamaõ conceitos.
 (E digo, se chamaõ ; por-
 que (como bem disse hum
 grande Poeta do mesmo
 tempo tambem Castelha-
 no) muitos saõ taes , &
 tem taõ pouca sustancia ,
 Que parecem concepto , y
 esõnido.) Este Expositor
 pois naquelles tres As do
 Profeta Jeremias, *A, A, A,*
Domine Deus , reconhece
 que falla o mesmo Profe-
 ta com as tres Pessoas da
 Santissima Trindade. E so-
 bre as palavras que Deos
 lhe tinha dito , *Prinsquam*
te formarem in utero , novi
te ; & antequam exires de
vulva sanctificavi te , &
Prophetam in gentibus de-
dite : diz que a palavra ,
novi te , foi do Padre , a pa-
 lavra , *sanctificavi te* , do Fi-
 lho , & a palavra , *Prophe-*
tam dedi te , do Espirito
 Santo. As do Expositor
 saõ estas. *Loquebatur enim*
cum eo Sancta Trinitas :
Pater dicens , novi te : Filius

Jerem.
 15. 6.
 10.

Viegas
 Apocal.
 6. sect.
 5.

dicens , sanctificavi te : Spi-
ritus Sanctus dicens , Pro-
phetam dedi te. Naõ he
 logo pensamento (posto
 que favor grande) nem
 alheyo , nem menos digno
 da Magestade das tres Pes-
 soas Divinas ; que no dia
 da Santissima Trindade ,
 em que a mesma Trinda-
 de vem honrar a Santo An-
 tonio , as tres Pessoas Di-
 vinas tomem cada huma
 por sua conta as tres pala-
 vras do Euangelho : o Pa-
 dre a palavra *fecerit* , o Fi-
 lho a palavra *docuerit* , o
 Espirito Santo a palavra
vocabitur. No *vocabitur* si-
 gnificou a terceira Pessoa
 a Santidade para o nome ,
Sanctificavi te : no *docuerit*
 significou a segunda a Sa-
 bedoria para a doutrina ,
Prophetam dedi te : no *fe-*
cerit significou a primeira
 o poder para as obras ,
Novi te : que assim declarou
 este conhecimento a pro-
 visao dos poderes : *Ecce*
constitui te super gentes , &
super regna , ut evellas , &
destruas , & disperdas , &
diffipes , & ædifices , & plan-
tes.

§. III.

tes. Com tanto excesso como este (a que tambem podemos chamar trino) se portou Deos liberal, & grandioso com Santo Antonio. E Santo Antonio com Deos, de que maneira? Quando mais levantado, entao mais humilde: quando maior, entao menor. *A, A, A, Domine Deus: ecce nescio loqui, quia puer ego sum.* Jeremias escusava-se allegando a menoridade dos annos, *Quia puer ego sum*; & Santo Antonio repetindo tres vezes *A, A, A,* ao Padre allegava o ser menor na idade, ao Filho o ser Menor no Habito, ao Espirito Santo o ser menor no nome. Mas quanto se escusava por mais incapaz, & quanto se reconhecia por mais indigno das grandezas a que as tres Pessoas Divinas o levantavao, tanto era mais digno de todas, & mais igual a todas, como agora veremos.

404 **H**E tao propria da Pessoa do Padre a attribuição da Omnipotencia para as obras, que o mesmo Christo lhe attribuhia todas as suas: *Pater in me manens, ipse facit opera.* E Santo Antonio no poder que lhe foi communicado com o *fecerit*, obrava com tao Divina moderação nas que fazia, que bem mostrava serem dirivadas da Omnipotencia do Padre. A Moysés concedeo Deos na vara huma larga participação do poder Divino; mas quantas vezes a vara se converteo em serpente, & o mesmo poder na mão de Moysés foi veneno? Digaõ-no as pragas horrendas do Egypto em todos os elementos: a morte, & degollação universal em huma noite de todos os primogenitos: & o Mar Vermelho aberto, & levantado em duas serranias, que logo tomáao a cor

cor do mesmo nome, & afogado Faraó com todos seus exercitos debaixo das ondas, a agua, como cantou o mesmo Moysés, foi a terra das suas sepulturas. Os mesmos poderes, senão foraõ maiores, deo Deos a Elias tambem Santo, mas não Capitaõ, ou soldado, senão Religioso. E que castigos não fez no Mundo a espada do seu zelo sempre ardente? Elle foi o que mandou às nuvens que não chovessẽ sobre a terra, sem dar licença à Aurora para que destilasse sobre ella huma fõ gotta de orvalho. Secáraõ-se os rios, as fontes, os montes, os campos, os valles, sem se ver huma folha verde naquelle perpetuo, & tremendo Estio sem Inverno, nem Primavera. Abrazavaõ-se os gados, as feras, as aves, os homens: mirrava-se a vegetativa, mugia a sensitiva, clamava ao Ceo a racional: & não havia vida, ou cousa vivente que não morresse, & estallasse à

fede. Sò Elias que tinha as chaves na mão, se não abrandava, porque se ellas eraõ de ferro, elle era de diamante.

405 Elle foi o que sobre os dous Capitaens que lhe leváraõ recados del-Rey Achab para que descesse do monte, fez descer fogo do Ceo que aos Capitaens, & aos soldados desfez logo em cinzas. Elle o que por sua propria mão, & dos que o acompanhavaõ, em hum dia degollou sobre o Rio Cifon oitocentos & cincoenta sacerdotes de Baal, & dos outros idolos. E assim usava Elias da espada que Deos lhe meteo na mão com os seus poderes. Finalmente o mesmo Jeremias, que pouco ha nos servio de outro exemplo, tambem nos poderes que Deos lhe deo, o foi de semelhantes severidades, castigos, & ruinas. Disse-lhe Deos que o tinha constituido sobre os Reys, & sobre os Reynos para arrancar, & plantar, para disti-

par,

par, destruir, & edificar; mas nas execuções deste supremo Imperio não vimos Reynos plantados, senão arrancados: não edificados, & levantados, senão destruidos, & arruinados: sujeitos ao jugo estranho, dominados, & cativos. Muitos annos andou Jeremias, com assombro dos que viaõ aquelle portento, carregado de jugos, & cadeas, as quaes pelos Embaixadores que estavam em Jerusalem hia mandando aos seus Reys, em final do cativoiro que lhes annunciava, como foi ao Rey de Edom, ao Rey de Moab, ao Rey de Amon, ao Rey de Tyro, ao Rey de Sidonia, & ultimamente ao Rey da mesma Jerusalem Sedecias.

406 Oh Antonio não menos poderoso que todos estes Ministros de Deos tão Santos, com a investidura de toda a Omnipotencia Divina, obsequiosa, por não dizer sujeita a vosso imperio! Mas nunca para destruições,

nunca para ruinas, nunca para damno, castigo, perda, ou dor de alguém; mas para remedio, para alivio, para consolação, para alegria, para bem, & utilidade de todos. Nisto mostrastes, & provastes claramente ao Mundo, que os poderes com que obraeis em tudo quanto fizestes, *qui fecerit*, eraõ participaçãõ não de outra Pessoa da Santissima Trindade, senão do Padre, que como Pay tudo faz para bem, & não sabe fazer mal.

407 Estava Abraham no valle de Mambre esperando à porta da sua casa, ou tabernaculo os peregrinos que por alli passavaõ, para os hospedar: (charidade pela qual se chamou Seyo de Abraham aquelle lugar debaixo da terra, aonde os Santos antigos tambem esperavaõ atè que se lhe abrissem as portas do Ceo) quando vio, o mesmo Abraham, tres caminhantes notaveis, que não eraõ propriamente nem o que pareciaõ,

reciação, nem o que eraõ, senão o que representavaõ. Pareciaõ tres homens, eraõ tres Anjos, mas representavaõ as tres Pessoas da Santissima Trindade. Neste sentido diz a Igreja, *Tres vidit, & unum adoravit*. Hospedadas debaixo deste disfarce as tres Divinas Pessoas, duas dellas partiraõ a castigar a Sodoma, como a castigáraõ com fogo descido do Ceo, & huma entretanto se deixou ficar com Abraham. Atèqui o Texto expressamente, o qual porèm no que callou, ou não exprimio, nos deixou tambem huma duvida bem curiosa, & necessaria; mas não facil de resolver. Se as Pessoas eraõ todas as tres da Santissima Trindade, porque foraõ executar este castigo sò duas? E se huma se deixou ficar com Abraham, qual foi esta que não foi? Não falta quem diga modernamente, depois de ler os Expositores, que foi a Pessoa do Filho, o qual como elle

Escobar
ibi.

sò se fez homem, se compadeceo mais daquelles homens. Mas esta mesma razaõ de ser homem, como logo veremos, he a prova de não ser elle o que ficou. 408 Eu respondo confiadamente, que foi sem duvida a Pessoa do Padre: & o provo do mesmo Texto, aonde dizem assim as duas Pessoas que foraõ executar aquelle castigo: *Delebimus locum istum, eo quòd increverit clamor eorum coram Domino, qui misit nos, ut perdamus illos*. Não podemos deixar de castigar esta Cidade, porque o clamor de seus habitadores chegou à presença do Senhor, que nos mandou fazer esta execução. E daquella palavra, *misit nos*, se convence que estas duas Pessoas eraõ o Filho, & o Espirito Santo; porque como ensina a Theologia, & consta das Escrituras, o ser mandado, *missus*, sò se pôde dizer das duas Pessoas, huma mandada do Padre, que he o Filho, outra mandada do Padre, & do

do Filho, que he o Espirito Santo, & de nenhum modo do Padre. Assim o tinha eu imaginado com algum receyo, por ser pensamento sem Author; quando venturosamente o fui achar em Santo Agostinho no livro 2. de Trinitate, onde excita, & resolve a questão pelo mesmo fundamento com estas palavras. *Sed quas duas Personas hic intelligimus? An Patris, & Filii, an Patris, & Spiritus Sancti, an Filii, & Spiritus Sancti? Hoc forte congruentius quod ultimum dixi: Misos enim se dixerunt, quod de Filio, & Spiritu Sancto dicimus: nam Patrem misum nusquam scripturarum nobis notitia occurrit. At qui Agostinho. Accrescento do mesmo Texto outra congruencia, & confirmação não pequena.*

409 Acabando de comer os tres Divinos hospedes, todos perguntárao a Abraham aonde estava Sara: *Dixerunt ad eum, ubi est Sara uxor tua?* E logo não todos, senão hum sô

lhe disse, que no anno seguinte por aquelle mesmo tempo, de Sara, que era esteril, teria hum filho:

Cui dixit, Revertens veniam Ibidem
ad te tempore isto, & habebit filium Sara uxor tua. ^{10.}

Logo aquelle que agradeceo, & pagou a hospedagem, assim como era o que mandou aos dous, assim foi o que prometteo o filho, & fez pays a Abraham, & a Sara. Porque? Porque a prerogativa, & attribuição de fazer pays, he propria sô, & unica da Pessoa do Padre, como afirma S. Paulo: *Hujus rei* Ephes.
gratia flecto genua mea ad ^{3. 14.}
Patrem Domini nostri Jesu Christi, ex quo omnis paternitas in caelis, & in terra nominatur. ^{15.} Supposto pois que a primeira Pessoa da Trindade, o Padre, he o que ficou com Abraham, porque não foi tambem com as outras duas Pessoas a execução daquelle castigo, a qual pertencia à justiça, à Providencia, & à Omnipotencia, que he commum a

todas as tres Pessoas Divinas ? A mesma razão em que se funda a pergunta, he a resposta. Aquella missão, ou commissão das outras duas Pessoas era para castigar, para destruir, para assolar, para abraçar, & desfazer em cinzas aquella depravada, & miseravel Cidade, & a ruina, & damno, & qualquer mal dos homens não quer a Pessoa do Padre, como Pay, que se attribua a elle.

410 E senão, passemos dos principios ao fim do Mundo. No dia do Juizo, feita aquella separação de todos os homens, huns à mão direita, outros à esquerda de Christo, aos da direita, chamando os para o Ceo, dirá o supremo Juiz : *Venite benedicti Patris mei* : Vinde bemditos de meu Padre ; & aos da esquerda, & mandando-os para o inferno : *Ite maledicti in ignem eternum* : Ide malditos ao fogo eterno. Parece que nesta segunda parte da sentença falta huma palavra, como bem

Matth.

25. 34.

Ibidem

41.

norou Origènes : *Considerandum est, quod Sanctis non solum dictum est, benedicti, sed cum additamento, Patris mei : è contra autem non dicitur, maledicti Patris mei.* Pois se aos que vão para o Ceo chama Christo bemditos de seu Padre, aos que haõde ir para o inferno, & lhes chama malditos, porque lhes não accrescenta tambem o sobrenome de malditos de seu Padre ? Já está dito, & as mesmas palavras o dizem. Porque as bençoens, o dar o Ceo, & todos os outros bens pertencem à distribuição do Padre ; as maldiçoens, o inferno, & todos os outros males não quer elle que se lhe attribuaõ. Se sois bemdito, & bemaventurado, sois do Padre : *Benedicti Patris mei* : se sois maldito, & malaventurado, *Ite maledicti*, não sois do Padre, sois vosso, que de vós, & não delle vos vieraõ esses males : *Nam benedictionis quidem ministrator est, maledictionis autem unusquisque sibi est auctor.*

411 E se esta prerogativa singular da Pessoa do Padre se verificou no principio do Mundo, & se ha de verificar no fim: se assim foi no passado, & assim ha de ser no futuro, assim tambem, & não de outra maneira he no presente. Grande, & admiravel Texto em materia occultissima, & verdade que a mesma Pessoa do Padre quiz nos fosse revelada no Euangelho, para que todos soubeſſemos o que temos na sua beneficencia. *Neque enim Pater judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio:* O Padre (diz Christo) a ninguem julga, & todo o poder, & officio de julgar cometeo, & deo ao Filho. Destas palavras nascem duas grandes, & graves questoes: primeira, porque a Pessoa do Padre a ninguem julga: segunda, porque o officio de julgar o cometeo todo ao Filho. A razao da primeira he; porque ao officio de julgador pertence não sò absolver, senão tam-

bem condemnar, & o Padre não quer condemnar a ninguem: o officio de julgador, ainda que proceda justamente, elle, & a mesma justiça, aos máos castiga, & faz mal, aos bons premia, & faz bem. E posto que esta segunda parte he muito propria da Pessoa do Padre, a primeira he muito alhea da sua piedade, & misericordia. E daqui se segue a razao, & fundamento da segunda questao declarada pelo mesmo Christo. *Potestatem dedit ei judicium facere, quia Filius hominis est:* Deo a Pessoa do Padre o officio, & poder de julgar, à Pessoa do Filho, porque o Filho he tambem Filho do homem. Pois se a Pessoa do Filho he Deos pelo que tem do Padre, & he homem pelo que tem de nós, porque quiz que nos julgasse em quanto Filho nosso, & não em quanto Filho seu? Admiravelmente S. Bernardo: *Ipse Pater Deus dedit Filio suo judicium potestatem* (notai agora muito)

Ibidem

Bern.
serm.
73. in
Cantic.

muito) *non quia suus, sed quia Filius hominis est: o verè Pater misericordiarum!* Deo o Padre poder de julgar ao seu Filho, mas não em quanto seu, senão em quanto nosso; não porque he Filho de Deos, senão porque he Filho do homem; porque o officio de julgar he de justiça, & de fazer justiça, & o Padre não he Pay da justiça, nem das justiça; senão da misericordia, & das misericordias: *O verè Pater misericordiarum!*

§. IIIL.

412 **J**A, ainda que não quizessemos, estamos vendo, que a Pessoa do Padre he a que deo a Santo Antonio o *fecerit*; & que em todos os poderes desta sua Omnipotencia delegada foi perfeitissimo imitador do mesmo Padre, usando della sò para fazer bem, & de nenhum modo mal, & para obras sempre de misericordia, & nenhuma, posto que licita,

de justiça. Condemnado o pay de Santo Antonio à morte, & não o podendo livrar, ou suspender a execução os seus embargos; Bom partido, diz o filho, seja testemunha no caso o mesmo morto. Aceita a proposta com riso, porque não conhecia a quem a fazia, (& bastava ser Portuguez, para que em Portugal a não cressem) chega o Fradinho à sepultura, manda ao defunto, como Christo a Lazaro, que saia fôra: pasmao todos de o verem vivo, & já não duvidavaõ do que havia de dizer. Perguntado se era aquelle homem o que o matára; respondeo que não. Eu cuidava que com a vista do milagre se haviaõ de embotar os fios ao cutello; mas os executores do crime com fereza mais de carniceiros, que zelo de ministros da justiça, instavaõ, & requeriaõ ao Enqueredor milagroso que perguntasse mais ao resuscitado quem fora o seu matador. Agora eraõ elles

elles os dignos de riso : a boa porta batiaõ. Respondeo muito mefurado o Franciscano, metendo as mãos nas mangas, que elle viera a livrar o innocente, & não a condemnar culpados. Não respondéra mais a Pessoa do Padre, se fallára por boca de Frei Antonio.

413 Não foi isto mais que huma amostra do panno, & de como o Santo usava dos poderes que Deos lhe tinha dado, sempre para bem como o Padre, & nunca para mal. Assim como a Providencia Divina fez a Moysés Deos do Egypto com poder sobre os elementos: *Constitui te Deum Pharaonis*; assim fez a Santo Antonio com aquelle *fecerit*, não Deos de hum fõ Reyno, ou parte do Mundo, senão de todo, com dominio, & imperio universal sobre todas as creaturas. E como o mesmo Mundo está fundado em huma concordia discorde, & não ha cousa nelle que não te-

Tom. I I.

nha o seu contrario; a maior maravilha deste Deos, ou Vice-Deos Portuguez foi que nesta mesma contrariedade não fõ elle seguiu sempre as partes do bem; mas, com violencia de toda a natureza, a obrigou a que as seguisse. Quantas vezes mandou Antonio ao fogo que não queimasse, ao vento que não assoprasse, à agua que não molhasse? & porque o demonio deitou na lama a huma senhora, que vinha ouvir o Santo, mandou tambem à terra que o lodo lhe não tocasse, nem descompuzesse o vestido. Que direi do mesmo demonio, instrumento sempre do mal, já que fallámos nelle? Tendo este tentado hum Noviço a que deixasse o Habito, & a Religiaõ, não quiz Antonio ajudar-se dos Anjos, (os quaes lhe eraõ taõ obsequiosos, que como correyos lhe traziaõ as cartas, & duas vezes em seus hombros o leváraõ a lugares muito distantes) mas

Y iij

man-

mandou ao mesmo demonio que elle fosse buscar o Noviço , & o trouxesse, como trouxe , à Religião. Atè ao demonio , muito a seu pezar, obrigou a fazer bem. Chamavaõ a Santo Antonio Martello dos hereges , mas eu não sei que casta de martello era este, que não parecia de ferro, fenaõ de cera, porque sempre reduzio os hereges com brandura , & nunca com rigor. Santos houve que os cegáraõ, & emudecêraõ ; mas como os havia de emudecer , nem cegar aquelle, que a tantos cegos deo vista , a tantos mudos lingua , & a tantos surdos ouvidos ?

414 Dos braços do Anjo sahio Jacob manco : & a quantos mancos , & aleijados deo Antonio pés, & braços ? A hum filho desobediente , que reprehendido pelo Santo se cortou a si mesmo o pé com que tinha desacatado a sua mãy, o mesmo lho restituiu outra vez a seu lugar, & unio à perna : com ma-

ior milagre que o do manco de S. Pedro na porta Especiosa do Templo. Que bem pareceria o retrato daquelle pé entre tantas muletas penduradas diante dos altares de Santo Antonio ! Oh que gloriosas alampadas ! Mas ainda luzem , & resplandecem mais as amarras, as cadeas, & as mortalias que tambem se vêm pendentes diante das suas Imagens em todos os Santuarios do Mundo : as amarras dos naufragantes salvos, as cadeas dos cativos em terra de Mouros livres , as mortalias dos agonizantes, ou não permittidos morrer, ou depois de mortos resuscitados. Nove resuscitou de huma sô vez este grande Dominador da vida , & da morte : mandando à mesma morte , que a infinitos enfermos que já mastigava , os não engulisse , ou que engulidos já , como a Balea de Jonas , os vomitasse vivos.

415 Nenhum Santo daquelles, a quem commu-

nica

nicou Deos seus poderes, teve maior, & mais justa causa para usar delles pela parte da severidade, & rigor, como Santo Antonio. Dominava na Lombardia hum tyranno chamado Encelino, taõ soberbo, taõ insolente, & taõ cruel, que de huma sò vez com exquisitos generos de tormentos matou a onze mil Paduanos naturaes daquelle nobilissima Cidade taõ devota de Santo Antonio, que mereceo lhe dèsse o seu sobrenome. E como vingaria o Santo aquellas, & outras injurias? A esta fera, a este monstro, a este inimigo capital do genero humano foi buscar pessoalmente, & quando feria obra digna do seu poder, & do seu zelo, se por suas proprias mãos o fizesse em pedaços, como fez o Profeta Samuel a Agag Rey dos Amalecitas: & quando com maior razão lhe pudéra dizer o que disse o mesmo Profeta, Agora te farei o que tu fizeste a tantos: ou quan-

do pelo menos com huma sò palavra, como S. Pedro a Ananias, o pudéra derubar morto a seus pés; o castigo com que se contentou a sua bondade (proprio da bondade, & piedade de pay) foi compadecer-se do miseravel, & tremendo estado a que as suas tyrannias o tinhaõ já condemnado em vida, às penas do inferno: à morte que por tantas mortes tinha merecido: os clamores dos innocentes que bradavaõ ao Ceo: a justiça, & vingança Divina tantas vezes, & por tantos modos provocada: a paciencia do mesmo Deos com que ainda lhe prometia o perdão, & esperava a emenda: as oraçoens, & penitencias que o mesmo que o reprehendia tinha offerecido por ella: & tudo isto com tal efficacia de espirito, & com razoes taõ accesas em vivo fogo de charidade, que aquelle coração mais duro que os bronzes, não pode deixar de se abrandar, & derre-

ter, & quando os soldados que o cercavaõ temiaõ, & aguardavaõ contra o Santo algum excessõ furioso da sua tyrannia; Encelino desapertando o cinto, & lançando-o como baraço ao pescoço em reconhecimento de suas culpas, se lançou humilde a seus pés. Oh vitoria nunca imaginada em huma batalha taõ difficiliosa! Assim venceo hum poderoso a outro poderoso, triunfando do poder injusto, cruel, & tyranno, que tantos, & taõ execrandos males fazia, o poder piedoso, amigo, & santo, que todo se empregou sempre em fazer bem a todos.

417 Acabou finalmente na flor da idade aquella vida, que tanto se apressou a consummar a carreira; mas nem a morte lhe diminuiho o poder, nem mudou a condiçaõ de fazer a todos bem, & a ninguem mal. Morto Santo Antonio, & concorrendo todos os enfermos ao seu sepulchro, nelle experi-

mentavaõ tal differença; que os que hiaõ confessados, & em graça de Deos, todos de qualquer enfermidade ficavaõ de repente saõs com inteira, & perfeita saude; mas os que naõ levavaõ esta disposiçaõ da graça, tornavaõ taõ enfermos como vieraõ. O que reparo, & admiro neste grande, & taõ notavel caso, naõ he que o corpo de Santo Antonio morto dèsse vida a huns; o que a mim, & a todos deve causar maior admiraçaõ, he, que pelo mesmo modo naõ dèsse morte aos outros. O corpo de Christo, que tambem no Sacramento estã morto, & sepultado, aos que chegaõ a elle em graça, dà vida, & se naõ vaõ em graça, morte: *Mors est malis, vita bonis*. Pois porque naõ faz o mesmo Santo Antonio? Naõ he elle o que com o Divinissimo Sacramento nas maõs, adorado pelo mais bruto de todos os animaes, converteo o herge mais bruto que elle?

Porque

Porque razão logo não imita nos seus milagres ao mesmo Senhor, & aos que vem em graça, dá vida, & aos que falta a graça, morte? A solução verdadeira he a que provámos em todo este discurso. Dá vida a huns, & não dá morte a outros, porque os seus poderes eraõ do *fecerit*, que lhe communicou a Pessoa do Padre, & como taes, sò podia fazer bem, & não podia fazer mal. Assim havemos de dizer coherentemente.

418 Mas desta mesma solução nasce outra maior instancia. A bondade da Pessoa do Padre he de tal condição, que o mesmo bem que faz aos bons, faz também aos máos. Assim o notou, & provou Christo com o exemplo do Sol: *Ut sitis filii Patris vestri, qui Solem suum oriri facit super bonos & malos.* Não haveis de fazer bem aos que vos amaõ sòmente, senão também aos que vos não amaõ, para mostrar-
des que sois filhos do Pay

do Ceo, o qual faz nascer o seu Sol sobre os bons, & sobre os máos. Sendo pois os poderes de Santo Antonio derivados do poder da Pessoa do Padre; porque farava sò aos bons, & aos máos não? Respondo que sim farava; porque experimentando os máos que não faravaõ porque não estavaõ em graça como os que hiaõ confessados, confessavaõ-se também, & postos em graça de Deos recebiaõ igualmente a do Santo. Por este modo assim os bons, como os máos, todos faravaõ; sò com huma differença, que aquelles faravaõ primeiro, & estes hum pouco depois. E nisto mesmo imitava o Santo com grande propriedade o exemplo do mesmo Padre, *Qui Solem suum oriri facit*; porque ainda que o Padre faz nascer o seu Sol para todos, o Sol primeiro allumia aos que vigiaõ, & depois aos que dormem. Assim o fazia também Santo Antonio, mostrando em tudo, & por

& por tudo, que tudo o que vivo, & morto fazia, era em virtude dos poderes do Padre, que lhe dera *o fecerit*.

§. V.

419 **M**Ostrado como a primeira Pessoa da Santíssima Trindade o Padre, para o poder das obras maravilhosas que fez, deo a Santo Antonio *o fecerit*; segue-se ver como a segunda Pessoa o Filho, para a sciencia da doutrina tambem chea de maravilhas que ensinou, lhe deo *o docuerit*. Como ao Padre se attribue a Omnipotencia, & o provámos com o Texto do mesmo Christo; assim ao Filho se attribue a Sabedoria, & se prova com o testimonho de S. Paulo: *In quo sunt omnes thesauri sapientiae, & scientiae absconditi*. Mas quem poderá declarar dignamente de quanta parte destes thesouros foi enriquecido Santo Antonio? Depois

Coloss.
2. 3.

de estarem muitos annos escondidos, quiz Deos que se descobrissem, & logo lhe mandou por huma carta seu grande Patriarcha S. Francisco que exercitasse o officio de ensinar, *docuerit*, & que fosse, como foi, o primeiro Mestre da Theologia, & Escriitura Sagrada de toda a Religião Serafica. De maneira que os Alenes, os Boaventuras, os Escotos, & os outros famosissimos Doutores desta grande Athenas da Igreja Catholica, todos foraõ rayos daquelle primeira Luz. Quando ao quarto dia da creação do Mundo apparecêraõ no Ceo o Sol, a Lua, & as Estrellas, não diz a Escriitura que creou Deos aquellas luminarias celestes, senão que as poz no firmamento: *Et posuit eas in firmamento*. E se as poz então, quando as creou? Todos os Santos, & Interpretes do Texto Sagrado dizem que foraõ creadas na luz do primeiro dia, quando Deos disse:

Fiat

em *Fiat lux* ; & esta primeira luz foi a que o Creador repartio por todos os sete Planetas , & por todas as Estrellas sem numero do firmamento.

420 Assim pois como todas as luzes que de dia , & de noite allumiaõ o Mundo , devem o seu principio , o seu nascimento , & o seu ser àquella primeira luz ; assim todos os astros , & constellaçoens Seraficas , que tanto tem allumiado , allumiaõ , & haõ de allumiar o Mundo atè o fim d'elle , ou com a voz em infinitos Prégadores , ou com a penna em infinitos volumes , todos são rayos , & rios daquella fonte de luz , (como a que vio Mardocheo) & todos são resplandores , & filhos daquelle Pay , a quem a immensa , & luzidissima Familia Franciscana pôde chamar com razaõ , *Pater luminum* , Pay dos lumes. Ainda entaõ não tinha sahido a luz o lume da Theologia Santo Thomás , ainda entaõ muitos daquelles

profundos mysterios que hoje estaõ taõ manifestos , estavaõ occultos , muitas daquellas questoes que hoje estaõ taõ declaradas , estavaõ escuras , & toda aquella silva innumeravel de conclusões , & de cisoens Theologicas estava inculta , impenetravel , confusa , intricada , & sem ordem ; & o grande Antonio foi o Jason , foi o Prometheo , & foi o Theseo , que com o prumo do seu juizo sondou o mais profundo , com o farol do seu engenho allumiou o mais escuro , & com o fio do seu discurso abriu o caminho ao mais intricado.

421 Saindo Antonio , ou antes de sair das cadeiras , subio aos pulpitos : & não ha entendimento que possa comprehendêr , nem lingua que possa declarar com palavras a Sabedoria , & eloquencia Divina , o espirito , a efficacia , a luz , & os prodigiosos effeitos da sua doutrina. A aula em que ensinava , não eraõ os templos , por magnificos,

cos, & mais capazes que fossem, porque não cabia o auditorio senão nos campos. Os dias em que pré-gava, ainda que fossem feriães, a sua prégação, para que não se tocavaõ os sinos, & sô a fama de que havia de prégar, os fazia de guarda. Fechavaõ-se as officinas, fechavaõ-se as logeas, fechavaõ-se as tendas, fechavaõ-se os tribunaes; & nem os officiaes attendiaõ às suas artes, nem os mercadores aos seus interesses, nem os requerentes aos seus pleitos, nem os ministros aos seus despachos; emfim dias santos. E se estes dias santos não começavaõ das Vesperas, começavaõ das Matinas; porque não sô madrugavaõ os ouvintes, mas à mea noite, como dizem todas as Chronicas, se preveniaõ muitos a tomar lugar nos campos. S. Jeronymo, S. Gregorio, S. Leão Papa, & muito particularmente Santo Agostinho se queixavaõ do Anfiteatro Romano, por-

que lhes tirava os ouvintes; mas quando em Roma pré-gava Santo Antonio, os Anfiteatros eraõ os desertos, & os desertos, & os campos os Anfiteatros.

422 Grande maravilha, que em huma Cidade de tantos passatemplos, & delicias; a sua maior delicia fosse hum homem que a despovoava. Como eraõ taõ innumeraveis os ouvintes, não era menor maravilha que todos ouvíssem o Prégador. Em tanta vastidão de campo, & descampado huns estavaõ perto do pulpito, outros muito longe; mas taõ claramente o ouviaoõ so de longe, como os de perto: por final que não podendo vir ao sermão huma devota mulher, desejava de ouvir o Santo, em sua casa, que distava duas milhas, o ouvio como se estivera ao pé do pulpito. Todos ouviaoõ, & com maior maravilha todos entendiaoõ o Prégador, como se fallasse na sua propria lingua; porque a lingua do Apó-
stolo

ftolo Portuguez era das
 mesmas com que sobre os
 de Christo desceo o Espiri-
 to Santo. Isto se vio parti-
 cularmente em hum anno
 santo, em que todo o
 Mundo concorre a Roma.
 Achavaõ-se no immenso
 auditorio Italianos, Hes-
 panhoes, Francezes, In-
 glezes, Alemaens, Sue-
 cos, Dinamarcos, Polácos,
 Moscovitas, Gregos, Ar-
 menios, Persas, Turcos,
 Mouros, Ethiopes, & to-
 dos, como se na Cidade de
 S. Pedro ouvissem ao mes-
 mo S. Pedro, ouviaõ em
 huma lingua todas as lin-
 guas, & cada hum a sua:

2. *Audiuimus unusquisque lin-
 guam nostram, in qua nati
 sumus.*

423 Mas que novo
 ouvinte de Santo Antonio
 he este que eu estou ven-
 do, nem esperado, nem
 imaginado por elle? Caso
 singular, & inaudito! Es-
 tava Santo Antonio pré-
 gando em hum Capitulo
 Géral da sua Ordem, & o
 sermaõ era da Cruz; fe-
 naõ quando S. Francisco

que estava em outra Ci-
 dade muito distante, ap-
 parece no ar à vista de to-
 dos com os braços abertos
 em figura de Cruz. Santo
 Patriarcha, & Serafico Pa-
 dre, quem nos pôde decla-
 rar o mysterio desta vossa
 apparicaõ, senaõ vós mes-
 mo? Tres cousas não en-
 tendo: o modo com que
 vistes aqui: o fim para
 que vistes: & a fôrma em
 que apparecestes. Quanto
 ao modo, supposto que
 não deixastes de estar aon-
 de estaveis, vistes repro-
 duzido: & quem vos re-
 produzio? Não ha duvi-
 da que este vosso filho, & a
 sua palavra. Oh maravi-
 lha estupenda! Em Deos o
 Padre produz ao Filho, &
 aqui o filho, se não produ-
 zio, reproduzio ao Padre.
 Lá a palavra he a produ-
 zida, aqui a palavra foi a
 producente. E a que fim,
 ou para que? Para o mes-
 mo fim que teve o Padre.
 Deos quando appareceo
 no Tabor. Fallava o Fi-
 lho da mesma Cruz de que
 fallava Antonio, & quiz
 mani-

Matth.
17. 5.

manifestar a todos o Padre Serafico, que aquelle era o seu filho mais amado, & encomendar a todos que o ouvissem: *Hic est filius meus dilectus, in quo mihi benè complacui, ipsum audite.* Finalmente sendo elle seu ouvinte, representou-se de repente em forma de Cruz, para mostrar que era tanta a efficacia da palavra de Antonio, que não sò podia fazer os homens amigos da Cruz, senão convertellos em Cruzes. A imagem do Serafim transformou a Francisco em crucificado, & a pregação de Antonio transformou-o em Cruz.

424 E donde lhe vinha a Santo Antonio esta tão extraordinaria efficacia? Vinha-lhe do que dizia, & da voz, & acção com que o dizia. O que dizia eraõ rudo verdades tiradas, & cavadas das minas das Sagradas Escrituras, & particularmente do Euangelho. O Papa Gregorio IX. que dentro no mesmo anno canonizou a

Santo Antonio, ouvindo-o prégar, chamou-lhe Arca do Testamento; mas disse pouco, porque a Arca do Testamento sò continha as taboas da ley, parte do Testamento Velho; mas na memoria, & entendimento de Santo Antonio estavaõ encerrados os thesouros de ambos os Testamentos, & no segundo as palavras de Christo sobre todas as Divinas Divinifimas. Este era o fino açodo que dizia, forjado na fornalha do coração, limado na agudeza do entendimento, & despedido pela lingua em settas: *Sagittæ tuæ acutæ, populi sub te cadent in corda inimicorum Regis.* Como as settas eraõ agudas, *sagittæ acutæ*, & a agudeza não era para li-fongear os ouvidos, senão para ferir, & penetrar os coraçoes, *in corda*; por isso os povos inteiros cahiaõ a seus pés: *Populi sub te cadent.*

425 Das açoes de Santo Antonio no pulpitona não acho mais que huma

na sua historia. Estando huma vez prégando no campo, toldou-se o Ceo, começáraõ a se ouvir trovoens com horror, & ameaços de grande tempestade: & que fez entãõ o Prégador? Moveo huma mão para o mais espello das nuvens, & bastou o poder, ou a graça deste meneyo para que emudecessẽ os trovoens, a tempestade se suspendesse, & a nuvem servisse ao auditorio de toldo, & ao Santo de docel. (mas sem gotteiras) Estes mesmos effeitos causava aos ouvintes o ar das suas acçoens, que era o compasso das vozes, suspensos todos, & mudos na admiração do que viaõ, & ouviaõ, não havendo em tantos milhares de homens, mulheres, & mininos, quem rompesse com hum ay (& mais havendo muitas lagrimas) a attenção extatica do silencio.

426 O modo de dizer já moderado, já forte, já mavioso na compaixão, já formidavel, & tremen-

do nas investivas, emfim qual o requeria a impressão dos affectos; basta suppor que era tão vivo, tão efficaz, tão poderoso, & sem resistencia, como se colhe sem discurso, tanto do que feria, como do que curava. Sò para documento de muitos Prégadores, & do modo com que se deve fallar no pulpito, não deixarei de ponderar o que succedeo a Santo Antonio prégando, não huma, senão duas vezes. Prégava na noite de Quinta feira maior ao tempo em que no seu Convento se cantavaõ as Matinas; & lembrado que lhe tocava no choro huma lição, que faria? Parou no que hia dizendo, & sem sair do pulpito, appareceo no choro, onde fõi visto, & ouvido de todos cantar a sua lição; & tanto que lá acabou, continuou cã o que hia prégando. Outra vez lhe succedeo semelhante caso, presente o Santo ao mesmo tempo no pulpito, & presente no choro; mas
com

com a mesma circumstancia, & advertencia, que em quanto cantava em huma parte, estava mudo na outra sem fallar palavra. Pois se Santo Antonio estava no mesmo tempo presente em dous lugares, porque não cantava, & prégava juntamente em hum, & outro? O estar presente em dous lugares era o milagre; mas suppostas as duas presenças, naturalmente, & sem milagre podia fallar juntamente em ambos; porque razão logo quando cantava, não prégava?

427 O mesmo facto está dizendo que a musica ha de estar tão longe do sermão, como o pulpito do choro. Quando prégava, não cantava, & quando cantava, não prégava; porque a lingua de Santo Antonio não era dos Prégadores que cantaõ quando prégaõ. Isto de prégar cantando, he hum vicio, & abuso, que se tem introduzido nos pulpitos, froxo, fraco, frio, & quasi

morto: sem força, sem efficacia, sem energia, sem alma: contra toda a rhetorica, contra toda a razão, contra toda a arte, contra toda a natureza, & contra a mesma graça. O prégar não he outra cousa que fallar mais alto. Prégar cantando he muito bom para adormentar os ouvidos, & conciliar sono, por onde ainda os que mais cabeceaõ, dormem ao tom do sermão. As vozes do Prégador haõde ser como as caixas, & trombetas da guerra, que espertaõ, animaõ, & tocaõ à arma, como eraõ as de Santo Antonio: por isso todos o ouviaõ com huma attenção tão vigilante, & tão viva, que nem pestanear podiaõ, quanto mais dormir.

428 Assim era ouvido Santo Antonio, & sò nos resta saber como se portava com os que o não queriaõ ouvir. Os hereges rebeldes, & obstinados não queriaõ ouvir os golpes daquelle martello, que tanto os feria. E que fez o Santo

Santo para os converter sem que o ouvissem? Aos Apostolos disse Christo, *Faciám vos fieri piscatores hominum*: Atègora ereis pescadores de peixes, Eu farei que sejais pescadores de homens. Assim o fez Santo Antonio; mas por tal modo, & tal arte, qual nunca elles, nem antes quando pescadores, nem depois quando Apostolos inventárao. Quando pescadores, Pedro, & os demais, pescavao os peixes com as redes; quando Apostolos, pescavao os homens com a prégação. E Santo Antonio trocou hum, & outro artificio. Aos peixes pescou-os com a prégação, & aos homens pescou-os com os peixes, fazendo dos mesmos peixes a rede com que os pescava. Ambos os lanços, assim o do mar, como o da terra foraõ igualmête venturofos. O lanço do mar pescou os peixes, que vieraõ todos a ouvir da boca do Santo a palavra de Deos com a attenção que sabe-

Tom. II.

mos: & o lanço da terra pescou os homens; porque os hereges que o não querião ouvir, com a evidencia, & assombro do mesmo milagre, cercados, & presos dentro na rede, & atados de pés, & mãos, não tendo para onde fugir, vencidos, & convencidos se convertérao.

§. VI.

429 **E** Ste foi o novo, & admiravel artificio com que Santo Antonio trocando as palavras de Christo, para se fazer pescador de homens, se fez primeiro pescador de peixes, & pescando os peixes não com redes, senão com a prégação da palavra de Deos, da pescaria da mesma palavra fez as redes com que pescou aos homens. E se me perguntarem quem ensinou a Santo Antonio esta doutrina taõ encontrada com que se fez ouvir dos brutos, que o ouviraõ como racionaes, quando os racionaes

Z

naes

naes o não queriaõ ouvir como brutos ; respondo , que a segunda Pessoa da Santissima Trindade, o Filho, o qual lhe communicou o *docuerit* , & a sabedoria Divina de ensinar. E posto que a doutrina parece encontrada em hum , & outro caso ; no dos Apostolos , & no de Santo Antonio a temos expressa não por outrem , senão pelo mesmo Christo. Disse Christo a S. Pedro que lançasse as redes ao mar ; & elle sobre o desengano do que tinha experimentado no mesmo mar toda aquella noite , respondeo que assim o faria ; mas não confiado na rede , senão na sua palavra : *In verbo tuo laxabo rete*. Foi a rede ao mar , & a palavra de Christo trouxe a ella tanta multidão de peixes , que a não podiaõ arrastar , nem os pescadores a tinhamo visto semelhante. Já aqui temos a primeira parte da pescaria de Santo Antonio, pescando os peixes com a palavra de Deos,

Luc. 5.
3.

vejamos agora a segunda, em que dos peixes assim pescados fez as redes com que pescar aos homens.

430. Saltando S. Pedro em terra com os outros companheiros, o que succedeo entãõ, refere S. Lucas com palavras tão milagrosas como o mesmo milagre. *Stupor enim circumdederat eum, & omnes qui cum illo erant, in captura piscium* : Vendo a multidão dos peixes pescados em virtude da palavra de Deos, Pedro, & todos os que com elle estavaõ, ficaram cercados de pasmo. Note-se muito muito a palavra *circumdederat*: não diz que o pasmo os assombrou , ou desmayou , ou tirou fôra de si , senão que os cercou : *Stupor circumdederat eos*. E porque? Porque naquelle caso houve dous cercos , hum no mar , outro na terra : no mar o cerco da rede que cercou , & tomou os peixes em virtude da palavra Divina : *In verbo tuo* : & na terra o pasmo do milagre dos

dos peixes tomados , do qual pasmo fez Christo a rede com que cercou , & tomou os homens : *Stupor enim circumdederat eos.*

431 E que se seguiu deste caso ? Duas cousas : huma, que S. Pedro se lançou aos pés de Christo confessando-se por peccador : *Exi à me , quia peccator sum , Domine* ; como os hereges convertidos , & prostrados aos pés de Santo Antonio, confessárao o peccado da sua infidelidade. A segunda, dizer Christo a S. Pedro que dalli aprenderia a ser pescador dos homens : *Ex hoc jam homines eris capiens* : porque com a palavra de Deos, *In verbo tuo*, & com a evidencia dos milagres, *In captura piscium*, os Apostolos entao, & Santo Antonio tantos annos depois converteo o Mundo.

432 Por certo que este famoso exemplo tao bem ensinado em Christo , & tao bem aprendido, & imitado em Santo Antonio, bastava por prova de que

a sciencia, da qual elle recebeo o *docuerit*, foi a da segunda Pessoa da Santissima Trindade. Mas posto que bastasse como prova publica, ainda temos outra maior, & mais admiravel, que foi a secreta, & occulta. A maior maravilha, & o maior milagre do nosso Taumaturgo Portuguez não foi o resuscitar mortos, (como resuscitou nove de huma sò vez) nem o dominar todos os elementos, nem o ter sempre aparelhada, & prompta aos acenos da sua vontade a mesma Omnipotencia ; mas qual foi ? Foi que tendo o peito cheyo daquella extraordinaria sabedoria adquirida, & sobrenatural, que depois rebentou, & sahio a publico, ao tempo que a Providencia Divina tinha determinado, com assombro, & pasmo do Mundo ; elle não se chamando Mestre, ou Doutor, nem ainda discipulo, com o simples nome de Frei Antonio, tivesse encuberto, & sepultado den-

tro em si mesmo tudo o que sabia com tal segredo; que fosse reputado de todos por idiota, & ignorante.

433 Daqui nasceo que como tal, & de nenhum prestimo, ou talento, desestimado, & desprezado de seus proprios Irmaos, naquella grande Capitulo Géral em vida de S. Francisco, não houvesse Guardião, ou Prelado algum que o quizesse aceitar por subdito: & o que he mais que tudo, que nem elle para remir esta necessidade, desamparo, & desprezo, manifestasse a menor luz dos thesouros que debaixo da rudeza, & remendos do seu burel estava encerrados. Oh milagre sobre todos os milagres! Oh prodigio sobre todos os prodigios do mais prodigioso, & milagroso de todos os Santos! Agora havia eu de começar o sermão, para cavar no descobrimento destas minas o immenso de virtude, de capacidade, de

poder, que nesta unica acção, ou omisção não de hum dia, ou muitos dias, senão de annos sobre annos, reconhece, & faz estremecer o juizo humano.

434 O mais alto ponto, o mais fino, & o mais difficil da sabedoria não he o saber; he o saber, & poder encubrir o que sabe. Sabia muitas cousas por revelação Divina o Profeta Jeremias, as quaes não podia manifestar, & diz assim: *Factus est in corde meo quasi ignis exestmans, claususque in ossibus meis: & defeci, ferre non sustinens.* A pessa de artelharia carregada se lhe tapára a boca, & lhe poem fogo, rebenta, não ha bronze que o resista. Tal he, diz o Profeta, o que sei, & não posso occultar: arde dentro no meu coração como fogo que me penetra os ossos, com tal violencia, & tormento, que me saltão as forças, desmayo, & o não posso soffrer. Hum só segredo, que não podia passar delle, guardava dentro em si o

Profe-

Profeta Isaiás : *Secretum*
 16. *meum mihi, secretum meum*
mihi : & declarando o Tex-
 to original os effeitos que
 causava este segredo no in-
 terior donde não podia
 sair, diz : *Macies est mihi,*
macies est mihi : tabes est
mihi, tabes est mihi : Ay de
 mim , que me vejo emag-
 recer , & myrrhar , ay de
 mim que me vejo entificar
 sem remedio , pela força
 que me faço em não dizer
 huma cousa que sei. A mui-
 tos entifica o estudo por
 saber, a Isaiás entificava-o
 o saber : porque o havia
 de occultar. Ah Isaiás : ah
 Jeremias ! vós fôis os dous
 Profetas maiores : & pois
 no forçoso silencio de não
 poderdes dizer o que sa-
 beis, se vos aperta tanto o
 coração , pedi a Santo An-
 tonio que parta com vosco
 da largueza, & capacidade
 do seu. Nelle tem encer-
 rados todos os segredos
 da Filosofia ; nelle todos
 os segredos da Theologia,
 nelle todos os segredos
 vossos, & de toda a Sagra-
 da Escritura, & nelle to-
 Tom. II.

das as revelações, & il-
 lustrações Divinas que
 continuamente recebe do
 Ceo, & nem por isso se lhe
 aperta, ou estreita o pei-
 to, nem os seus ossos se sec-
 caõ, ou entificaõ : antes ar-
 dendo dentro nelles muito
 maior fogo, nem o fumo
 da menor luz apparece cá
 fóra.

435 Eliphaz Thema-
 nites o primeiro dos qua-
 tro Sabios que disputáraõ
 com Job, escusando-se de
 lhe haver de dizer o que
 trazia meditado, ainda
 que o houvesse de mole-
 star, tomou esta salva :
Conceptum sermonem tenere Job. 4.
quis poterit ? Que homem
 2. haverá que o que tem con-
 cebido no entendimento, o
 possa impedir, & ter maõ,
 para que não say a lin-
 gua ? Allude à conceição
 corporal, à qual necessa-
 riamente se segue o parto,
 sem que haja poder, ou
 força em todas as da natu-
 reza que o possa impedir.
 Primeiramente ao *quis po-*
terit de Eliphaz, respondendo
 que este homem, que elle

teve por impossível, foi Santo Antonio, pois estando tão cheyo, & como rebentando, de sabedoria, elle a soube, & pode conter dentro em si mesmo, como se a não tivera. E quanto à conceição, & parto a que allude o mesmo Sabio, accrescento que a força desta consequencia, & semelhança ainda foi mais forte, & mais admiravel no mesmo Santo pelo muito que tinha de Divino o seu entendimento. Deos tambem concebeo *ab*

Psal. 109.

4.

eterno, Ex utero ante luciferum genui te: & assim como o conceber na Pessoa do Padre; juntamente foi conceber, & fallar; assim o ser concebido na Pessoa do Filho; juntamente foi ser concebido, & ser Verbo, & palavra do Padre.

436 E como o entendimento de Antonio tinha tanto de Divino, & tanta propensão, como Divino, a se communicar todo; o não lhe sair à lingua, nem por huma palavra o muito que tinha concebido, af-

sim como era maior esta violencia, assim foi maior maravilha a vitoria de a reprimir, & conter. Deos quanto sabia, disse (nem pode deixar de o dizer) em huma palavra: & Santo Antonio, de quanto sabia nem huma só palavra disse. E para que vejamos em frase, & termos humanos quanto teve de Divino este silencio; o proverbio humano diz: *Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter*: Todo o vósso saber he nada, se ninguém sabe o que vós sabeis. Donde se segue que fazendo Santo Antonio que ninguém soubesse o que elle sabia, com esta acção aos outros homens quasi impossível, aniquilou toda a sua sabedoria: *Scire tuum nihil est*. Agora pergunto: E qual he aquella potencia no Mundo, que pôde aniquilar? Só aquella que de nada creou todas as cousas. Assim o resolve a melhor Filosofia, que o crear, & o aniquilar he regalia só de Deos. E tendo Deos dado

dado ao entendimento de Santo Antonio a primeira parte de Divino para poder comprehender o que foub; tambem lhe deo, & com maior maravilha, esta segunda para poder aniquilar o que sabia.

437 De tudo o que atêgora tenho dito, claramente teraõ entendido os que não sô ouviraõ com os ouvidos, senaõ com os olhos abertos, que toda a sabedoria de Santo Antonio, & muito mais nesta ultima circumstancia de a encubrir, foi participaçãõ, & influencia da segunda Pessoa da Santissima Trindade, que lhe deo o *docuerit*. Antes de a mesma Pessoa, o Verbo Divino encarnado, sair a ensinar, *Cæpit facere, & docere*, que fez? O mesmo nem mais, nem menos que Santo Antonio. Quando Christo em sua menor idade perdido, foi achado no Templo entre os Doutores, não sômente admirados elles, mas pasmados, como diz o Texto, do que per-

guntava, do que respondia, & do que sabia: *Studebant super prudentia, & responsis ejus*; parece que deviaõ dizer os Pays, isto he, S. Joseph, & a Senhora: Este Minino não está perdido em Jerusalem, em Nazareth he que está perdido, deixemo-lo ficar entre os Doutores, pois tanta habilidade tem para as letras; mas não foi assim. Tornou para Nazareth, & alli se exercitava, ou ferrando, ou acepilhando hum madeiro com Joseph, & levando os cavacos à Mãy, para que dos seus res de ambos guizasse o de que se haviaõ de sustentar todos tres.

438 Desta maneira esteve eclipsado por muitos annos aquelle Divino Sol, & reputada a sua Sabedoria por ignorancia, atê que sahio a allumiar o Mundo. Pôde haver maior retrato, ou mais vivo original de Santo Antonio? Em seus primeiros annos, em Habito de Conego Regrante, com o nome de

Dom Fernando, sendo a fama da Universidade de Coimbra, & a admiração dos seus Doutores. E depois trocando a Murça com o burel, & mudando o nome de Fernando em Antonio, para desbaptizar a sua sabedoria, o que fez em Italia entre os seus Frades, foi a profissão de idiota, & ignorante, servindo na cozinha, & nos outros exercicios mais baixos, & humildes da Casa, com que elle se escusou, quando a primeira vez foi mandado prégar. Assim imitou pelos mesmos passos o nosso filho de S. Francisco ao Filho do Eterno Padre. Sendo certo: (reparai muito no que agora digo) sendo certo, que a hum, & a outro Filho mais difficuloso foi o estudo da ignorancia, que o uso da sabedoria.

439 Peccou Adam, & antes de Deos em figura de homem lhe perguntar aonde estava, *Adam ubi es*, diz o Texto, que andava o Senhor passcan-

do no Paraíso, & fallando comfigo em vozes que o mesmo Adam ouvio: *Cum audisset vocem Domini deambulantis in Paradiso*. E que fazia o Filho de Deos, (que o Filho era, pois tinha tomado fôrma de homem) que fazia andando, & fallando assim? Profundissimamente Tertulliano: *Interrogans Adam quasi nesciens, ubi es, quæ erat persecuturus, ediscebat*. O Filho de Deos sabia muito bem aonde Adam estava, & havia-lhe de perguntar aonde estava, como se o não soubiera, *quasi nesciens*; & como havia de mostrar que ignorava o que sabia, andava passeando, & repetindo como estudante, & aprendendo o que havia de dizer para não errar, *Quæ erat persecuturus, ediscebat*. Taõ difficuloso he aprender a ignorar, atè à Sabedoria, que tudo sabe. E não sò no caso de Adam, *quasi nesciens*, nem sò no caso do diluvio, *quasi non præsciens*, nem sò no caso de Abraham, *quasi igno-*
rans

rans quid sit in homine, mas em infinitos outros, diz o mesmo Tertulliano, tornava a aprender Deos esta lição todas as vezes que perguntando, ou arguindo, ou dissimulando, havia de mostrar que ignorava o que sabia: *Que erat persecuturus, infinita semper ediscebat.*

44^o Para que se veja com quanta cautela, com quanta circumspecção, & com quanta vigilancia havia de viver Antonio como argos de si mesmo, & como reo de sua propria sciencia, exposto aos olhos, ouvidos, & linguas não de huma, mas de muitas comunidades, & comunidades de gente regular, cujos olhos são os mais agudos para ver, cujos ouvidos os mais despertos para ouvir, & cujas linguas as mais promptas para não perdoar: & todos, por tudo, os mais lincees para nada se lhes esconder. Assim estudava, & se desvelava a sua humildade depois de jubilado nas

letras, por conseguir na opiniaõ o grão de idiota: estudo tanto mais difficiloso à natureza, & à honra, quanto he mais custoso à presumpção abater as sobrançellas, que queimar as pestanas. Mas isto se entende daquella sciencia que se aprende nas escolas publicas da vaidade, & não debaixo do magisterio secretissimo da Divindade: cuja segunda Pessoa, como lhe tinha dado para se esconder o exemplo, assim lhe communicou para ensinar o *docuerit*.

§. VII.

44¹ **D**Eclarada a verdade, & o modo com que a primeira Pessoa da Santissima Trindade deo a Santo Antonio o *fecerit*, & a segunda o *docuerit*; sò resta que vejamos como a terceira lhe deo o *vocabitur*. E se nesta distribuição de suas grandezas tocôu ao Padre o *fecerit* pela attribuição da Omnipotencia, & ao Filho o *docu-*

docuerit pela attribuição da Sabedoria ; não menos propriamente pertence ao Espírito Santo o *vocabitur* pela attribuição da Santidade, que significa o mesmo nome de Santo, o qual sendo commum a todas as Pessoas Divinas, he proprio, & especial da terceira.

Ajunta-se este nome no nosso Texto com o *magnus*, *Magnus vocabitur in regno celorum*; porque no Ceo, aonde sô os nomes são verdadeiros, o nome de Santo como maior, & mais excellente, he tambem o unico, & sobre todos com que Deos he louvado. Aquelles Serafins que assistião perpetuamente ao throno de Deos, o que cantavaõ a côros, como diz o Profeta Isaías,

Isaia 6.
3.

era, *Sanctus, Sanctus, Sanctus*: *Sanctus* ao Padre, *Sanctus* ao Filho, *Sanctus* ao Espírito Santo: & tres vezes não mais, nem menos, porque cantavaõ à Santissima Trindade. Mas fe as perfeçoens da Santissima Trindade são tão

infinitas como o mesmo Deos, & os cantores eraõ Serafins, os espiritos, & entendimentos supremos de toda a Corte do Ceo; porque não variavaõ a musica, & os louvores, assim como alternavaõ as vozes? Porque sendo tambem infinitos os nomes de Deos, nenhum ha que mais lhe agrade que o nome de Santo, por ser este sobre toda a excellencia o mais excellente. Assim responde o grande Dionysio Areopagita no admiravel livro que compoz de Divinis nominibus. *Deus per excellentem cuncta excellentiam Sanctus prædicatur.*

442 Este nome pois de Santo, (que no Ceo he o maior, & mais cantado, & celebrado de todos) he tambem o proprio da terceira Pessoa da Santissima Trindade; & o que ella tomou para si, & deo a Santo Antonio. Mas para que vejamos quanto deo, saibamos a razão porque o tomou. Na Santissima Trindade o Padre he Espírito

rito & Santo, o Filho he Espirito & Santo, o Espirito Santo he Espirito & Santo. Pois se este nome he commum a todas as Pessoas Divinas, porque o tomou a terceira Pessoa por particular, & proprio feu? Porque este nome era o que melhor nos podia declarar a igualdade que tem o Espirito Santo com o Padre, & com o Filho, naquella mesma differença em que parece que lhe não he igual. Ora vede. A Pessoa do Padre gera o Filho, a Pessoa do Padre, & a do Filho produzem o Espirito Santo; porém a Pessoa do Espirito Santo, nem sô como o Padre, nem acompanhado como o Padre & o Filho, produz outra Pessoa Divina, porque não he possivel outra. Logo parece que não he igual a Pessoa do Espirito Santo à do Padre, & à do Filho. E se são iguaes, como verdadeiramente são, *Qualis Pater, talis Filius, talis Spiritus Sanctus*; esta que parece desigual-

dade, & verdadeiramente he differença muito notavel; com que se supprio? Com o nome de Santo.

443 Com o nome de Santo, digo, não sô como commum a todas as Pessoas da Santissima Trindade, mas como proprio da terceira. Não he o Espirito Santo, como o Pay, que gera outra Pessoa Divina, qual he o Filho; mas he Santo como o Pay: não he como o Filho, que com o Pay produz outra Pessoa Divina, qual he o mesmo Espirito Santo; mas he Santo como o Filho. E como he igual ao Padre, & ao Filho no nome, não de santificado, mas de Santo, nem de santidade accidental, senão sustancial, nem recebida de outrem, mas propria; porque he Santo como o Pay, ainda que não seja Pay, & porque he Santo como o Filho, ainda que não seja Filho; he tão igual, & tão Deos como o mesmo Filho, & como o mesmo Pay. Excellentemente Origenes:

genes : *Sanctus Spiritus ita Sanctus est , ut non sit sanctificatus : nec initium sanctitatis ejus accepit. Similique modo de Patre , & Filio intelligendum est. Sola enim Trinitas substantia est , quæ non extrinsecus accepta sanctificatione , sed natura sua sit sancta.*

444 Deste nome proprio de Santo , fundado na santidade sustancial da terceira Pessoa da Santissima Trindade , se deriva com a mesma propriedade natural o de santificador , santificando , & distribuindo a mesma santificação como absoluto , & independente Senhor , como , & a quem quer. *Divisiones gratiarum sunt , idem autem spiritus dividens singulis prout vult :* diz S. Paulo. E o maior exemplo deste poder , como notaõ os Theologos , & o mais semelhante ao que logo veremos em Santo Antonio , foi o do mysterio ineffavel da Encarnação do Verbo. Trazendo o Anjo Gabriel esta embaixada , (a que sô a

grandeza de hum animo capaz de receber dentro em si a todo Deos , pudéramos que replicar) respondo ao reparo da Senhora : que aquella obra quanto ao modo naõ teria nada de humana , porque assim como a Pessoa que havia de encarnar , era a segunda da Santissima Trindade , assim os soberanos Artífices da mesma uniaõ seriaõ a primeira Pessoa , que he o Altissimo , & a terceira , que he o Espirito Santo : *Spiritus Sanctus superveniet in te , & virtus Altissimi obumbrabit tibi.* E que se seguiriaõ destes dous concursos unidos em hum , ambos Divinos , & no mesmo sujeito ? O mesmo Anjo declarou que seriaõ dous effeitos , & dous nomes taõ ineffaveis como o proprio composto : hum que se chamaria Filho de Deos , & outro que seria por Antonomasia o Santo ; *Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum , vocabitur Filius Dei.*

445 Agora (quanto he

1. Cor.
12. 4.
11.

Suar. de
Trinit.
lib. 2.
cap. 5.

he licito comparar , ou equiparar por semelhança extremos tão infinitamente distantes) tomemos destas duas clausulas o *Sanctum* , & o *vocabitur*. O *vocabitur* he o que dissemos , & himos provando, que deo , & communicou a Santo Antonio a terceira Pessoa da Santissima Trindade : & o *Sanctum* , o nome de Santo absoluto , & por Antonomasia , com que o mesmo Espirito Santo , sem outro exemplo mais que o presente , fez que Santo Antonio singularmente entre todos os Santos fosse chamado o Santo. S. Bernardo ponderando as palavras do Anjo : *Et quod nascetur ex te Sanctum* ; admirado da novidade do termo , exclama : *Ut quid ita simpliciter Sanctum* , & *absque additamento* ? Santo , & simples , & absolutamente Santo sem additamento : que he isto ? He o que disse o Anjo do Verbo depois de encarnado , & o que quiz o Espirito Santo , que tam-

bem se verificasse de Santo Antonio , *Sanctum* , & *absque additamento*. Santo Antonio em Padua aonde tem o seu sepulchro , não se chama Santo Antonio , senão o Santo por Antonomasia , & sem additamento. Vou ao Santo , venho do Santo , sem outro nome , quer dizer , vou a Santo Antonio , venho de Santo Antonio. E para que se veja que isto foi não por affecto , ou devação particular humana , senão por instinto Divino inspirado pelo mesmo Espirito ; quando Santo Antonio passou desta vida , temendo os seus Religiosos que o povo o não deixasse sepultar , resolvêrao a ter a morte em segredo até lhe darem sepultura com as portas fechadas ; mas os mininos , por Divino instinto , no mesmo instante em que espirou começaram a brádar por todas as ruas : Morreo o Santo , morreo o Santo. E como , *Ex ore infantium* , & *la-* Psalm.
8. 31
ctentium perfecisti laudem ;
tambem

tambem elles como linguas do Ceo o nomeavaõ por Santo sem additamento. Oh excellencia grande de Antonio ! Não digo bem Oh excellencia grande do Santo entre todos os Santos ! S. Francisco feu Santo Padre chama-se Santo ; mas com additamento S. Francisco : S. Domingos companheiro , & irmão do mesmo S. Francisco, chama-se Santo ; mas Santo com additamento, S. Domingos : os dous filhos dos mesmos Pays , Doutores , & lumes da Igreja, o Angelico , & o Serafico, tambem se chamaõ Santos ; mas Santos com additamento, hum, Santo Thomás, outro, S. Boaventura : porẽm Santo Antonio singular entre todos , Santo sem additamento , & por isso com muita razaõ Santo Antonio de Padua, porque sô Padua lhe acertou com o nome proprio, sendo que teve muitos nomes. Em Lisboa se chamou no Baptismo Fernando, em Coimbra na mu-

dança do Habito se chamou Antonio ; & sô Padua lhe acertou com o verdadeiro nome , Santo , & nada mais, porque he mais que rudo : *Sanctum sine additamento.*

§. VIII.

447 **E** Posto que para provar que a vocação, ou imposição deste nome parece que bastava à verdade do que acabo de referir ; para que este ultimo discurso se parecesse com os dous passados, determinei mostrar como o *vocabitur* em Santo Antonio não fora menos proprio do Espirito Santo, que o *fecerit*, & o *docuerit* do Padre, & do Filho. E não sei se o mesmo Santo Antonio, ou o mesmo Espirito Santo me quiz reprehender como covarde, & castigar como escasso em seus louvores. Não he mais dar o Espirito Santo, que receber delle quanto pôde dar ? E não he mais que dar o Espirito Santo,

Santo, dallo do modo que fô o pôde dar aquelle, de quem o mesmo Santo recebeo o ser? Estes dous mais são tão estupendos, que tanto podia tremer a lingua de os imaginar, como a mesma Fé de os crer. Mas eu offenderia gravemente ao mesmo Espirito Santo, & faria igual agravo a Santo Antonio, se não referisse lizamente o que agora direi. Depois de fortemente tentado por muitos dias hum Noviço da mesma Ordem, rendido emfim à força da tentação, resolveo-se a deixar o Habito. E que faria a dor, & charidade de Frei Antonio, que se achava no mesmo Convento, para o conservar na vocação? Oh prodigio sobre toda a admiração estupendo! Tambem parece derivação do *vocabitur*. Vai aonde estava o Noviço, abre-lhe com as mãos a boca, mete-lhe por ella a respiração, & alento da sua, dizendo: *Accipe Spiritum Sanctum*. Recebe o Espiri-

to Santo: & no mesmo ponto fugio o espirito tentador, tornou em si o tentado, triunfou do inimigo que o tinha vencido, & perseverou até morte na Religião como filho digno de tal Mãe, & segunda vez gerado de tão Santo Pay. Não foi isto dar o Espirito Santo, que he mais que recebello?

448. Vamos agora ao modo sem comparação mais admiravel que a mesma obra, Christo Senhor nosso deo o Espirito Santo aos Apostolos, & deo tambem poder aos Apostolos para darem o Espirito Santo: mas de que modo? Com huma differença muito notavel. Os Apostolos communicavaõ o Espirito Santo pela imposição das mãos, pondo-as sobre aquelles, que o recebiaõ, como diz S. Lucas: *Imponebant manus* Act. 8. *super illos, & accipiebant* 17. *Spiritum Sanctum*. E Christo communicou o Espirito Santo aos Apostolos com o alento, & respira-
ção

Joan.
20. 22.

ção da sua propria boca ,
a qual respiração elles re-
cebiaõ nas suas , como o
mesmo Senhor juntamen-
te lhes disse : *Insufflavit* ,
& *dixit eis : Accipite Spiritum Sanctum*. E qual foi
a razão desta differença ?
Muito grande, muito par-
ticular , & muito neces-
saria. Porque os Aposto-
los com a imposição das
mãos significavaõ nellas
que o faziaõ com poder ,
& authoridade recebida
de Christo : & Christo com
o alento , & respiração da
sua boca significava que
elle era, como segunda Pes-
soa da Santissima Trinda-
de, a que juntamente com
a primeira produzirá , &
espirará o mesmo Espirito
Santo. (que essa he a pa-
lavra , & termo Theolo-
gico com que se declara
a produção , & processão
com que o Espirito Santo
procede do Padre, & do Fi-
lho) Assim o dizem San-
to Agostinho , S. Cyrillo ,
Beda , & os outros Padres
na Exposição do mysterio
desta acção de Christo. E

August.
tract.
121.

nós à vista do que fez San-
to Antonio , ou da con-
fiança , poder , & authori-
dade que teve para o fa-
zer , que podemos dizer ,
senão pasmar ? De manei-
ra que havendo de com-
municar Santo Antonio o
Espirito Santo , não o fez
como S. Pedro , S. Paulo ,
S. João , & os outros Apo-
stolos com a imposição das
mãos sobre o Religioso
tentado, & vencido , senão
com o alento , & respira-
ção da sua boca , & dizendo : *Accipe Spiritum Sanctum* , pelo mesmo modo
assim na acção , como nas
palavras , com que o mes-
mo Christo quiz significar ,
& representar nellas ,
como segunda Pessoa da
Santissima Trindade , que
delle procedia a terceira.
Tanto he o que amou , &
o que honrou o Espirito
Santo àquelle Santo , a
quem com a propriedade
do nome deo a Antonoma-
sia do seu.

449 E pois temos na
boca de Santo Antonio
por obra , & por palavra
huma

huma tam singular figura da processão do Espírito São; vejamos nella hũa nova prerogativa do mesmo Divino Espírito, participada também de Santo Antonio, & gloriosamente continuada nelle. Fallando Christo da sua processão em quãto segunda Pessoa da Santissima Trindade, & da processão do Espírito São em quãto terceira Pessoa: de si diz q̃
 s. procedeo: *Ego ex Deo processi*: & do Espírito Santo diz que procede: *Spiritum*
 15 *veritatis, qui à Patre procedit*. As processões aslim do Filho, como do Espírito Santo, ambas foraõ *ab*
eterno; pois como fallando Christo de huma, & outra, da sua diz que procedeo, de preterito, *processi*, & da do Espírito São diz que procede, de presente, *procedit*? A razão he; porq̃
 as processões eternas *ad*
intra ajuntou o Senhor as temporaes *ad extra*, quando o Filho, & o Espírito Santo vierão a este mudo. Expressamente consta de
 Tom. I I.

hũ, & outro Texto; porq̃ no primeiro accrescenta, *ven*; & no segundo, *cum venerit*: no primeiro, *Ego ex Deo processi, & veni*; & no segundo, *Cum venerit Paracletus, qui à Patre procedit*. Diz pois Christo fallando de si, que procedeo, & veyo, de preterito; porque de tal maneira veyo do Padre a este mundo, q̃ tornou outra vez para o
 mesmo Padre: *Exivi à Patre, & veni in mundum, iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem*. Pelo contrario, do Espírito Santo diz de presente q̃ procede, & vem; porque de tal maneira veyo, q̃ sempre vem, & sempre està vindo, comunicando a todos os seus dons, & graças. A questãõ foy agudamente excitada pelo Abbade Ruperto, &
 I. I. de process. Spirit. Sanct. c. II.
 Athan. q. 79.
 a solução tãbem he sua, cõ hũa não menos aguda, & bem fundada advertência: Mas porque a mesma foy primeiro de S. Athanasio, & mais expressa, & elegantemente declarada por elle; as suas palavras são estas:

tas. *Dei quidem Filius post impletam totam dispensationem, tandem assumptus est: Spiritus verò Sanctus super Apostolos veniens, & super omnem carnem effusus, non est rursus assumptus, sed in generationes transit omnes, & si quemlibet hominem invenit, habitat super eum.* E porque a segunda Pessoa da Santíssima Trindade veyo à terra, & depois tornou para o Ceo; & a terceira veyo, porém não tornou, mas está sempre com-nosco em todo o tempo, & em todo o lugar. Esta mesma graça de estar sempre com-nosco comunicou o mesmo Espírito Santo a Santo Antonio: & para que fosse primeiramente em todo o tempo, não só lha concedeo em vida, senão também depois de morto.

451 Os outros Santos geralmente neste mundo trabalharão, padecerão, glorificarão a Deos, servirão ao proximo, vencerão o demonio, pizarão o mundo, mortificaram a

carne, com o exercicio das virtudes cultivarão as Almas proprias, com a palavra, & o exêplo as alheas, bons para si, & fazendo bem a todos. Isto em quão verdadeira: acabada porém feliz, & constantemente a carreira da vida, deixarão este mundo, & foraõ-se para o Ceo a gozar o fruto dos seus trabalhos, & descãçar delles. Bem assim como Christo, o qual, *post impletam totam dispensationem, tandem assumptus est.* Pelo contrario S. Antonio imitando também a Pessoa do Espírito Santo, pela prerogativa do nome, em ficar sempre cõ-nosco, *Assumptus non est, sed in generationes transit omnes.* Quatrocentos & vinte & sete annos faz hoje q̃ S. Antonio foy tomar posse do eminêntissimo lugar q̃ tê na Corte do Ceo, como grande della, *Magnus in Regno Caelorum;* mas nẽ por isso em todos os annos, & dias de tantos séculos deixou de estar sempre cõ-nosco na terra, nada menos poderoso, & vigilante

lante em nos assistir, acudir, & ajudar, senão muito mais que quando vivia. Quando vivia (que he a segunda parte da mesma prerogativa) estava juntamente em differêtes lugares, agora está em todos os do mundo, & se hoje o nam vemos na propria Pessoa, vemolo nos mesmos, & maiores effeitos.

452 Pouco tivera feito o Espirito São em dar a S. Antonio com o *vocabitur*, o nome de Santo, se lho não dera acompanhando das outras partes, de que inteiramente se compoem o seu proprio nome. O nome da terceira Pessoa da Sãtissima Trindade, pelo que he em si, & pelo que obra em nós, compoem-se inteira, & inefavelmente destas tres palavras: *Spiritus, Sanctus, Paraclitus*: Espirito, Santo, Paraclito. E por virtude, & extensão do mesmo *vocabitur*, nam só communicou a mesma Pessoa Divina a Santo Antonio o nome de São, senão tam-

bem o antenome de Espirito, & o sobrenome de Paraclito: o de Espirito, cuja propriedade he estenderse a todas as quatro partes do mundo, como diz Ezechiel: *A quatuor ventis insuffla spiritus*, & o de Paraclitus, q quer dizer *Consolator*, Cōsolador: para qem todas as partes do mesmo mundo assistisse como espirito, & em todas fosse cōsolador, como he, de todos os q tivesse necessidade de consolação. Quando o Espirito Santo desceu do Ceo, veyo em figura de espirito, *Spiritus vehementis*, & em figura de linguas de fogo, *Linguae tanquã ignis*: não só pelo q entãõ significava nos Apostolos, senão pelo q depois havia de obrar cō todos: em figura de espirito, porq como espirito havia de encher todo o mudo: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum*: & em figura de linguas, & essas de fogo; porq como consolador havia de alumi-
a luz, & cōsolação das suas

Ezech.
37.9.

Act. 2.
2. 3.

Sap. 1.7.

Ibid.

453

vozes: *Et hoc quod continet omnia, scientiam habet vocis.* E quem não vê nestas mesmas figuras retratado hoje a S. Antonio? Depois q̃ a sua Alma se despio do corpo, elle ficou espirito, & do corpo só lhe ficou a lingua incorrupta, & incorruptivel como he o fogo: o espirito para a assistência universal de todo o mundo, & a lingua para consolação tambem universal de todos em qualquer parte d'elle. Neste mesmo dia, & nesta mesma hora em q̃ nós celebramos a S. Antonio na America, o celebraõ, & festejaõ có muito mayores demonstraçoẽs de solênidade na Europa, na Africa, & na Asia todas as naçoẽs, & todos os Estados do mundo: & porque? Porque nenhũa nação, nê Estado ha nelle grãde, ou pequeno, q̃ nos trabalhos, & necessidades, a q̃ todos estaõ expostos, não invoque, & chame por S. Antonio: & nenhũa voz ha dos q̃ o invocaõ, a q̃ elle nam responda: Aqui estou. He verdade q̃ o não vemos có

os olhos, mas vemolo nos effeitos. Isso he ser invisivel como espirito, & effectivo como consolador. E fenaõ, digaõ-no todos em todo o tẽpo, & lugar. Os lavradores no câpo, os navegantes no mar, os soldados na guerra, os mercãtes nos cômercios, os pleiteãtes nas demãdas, os requerentes nos despachos, os presos nos carcerees, os cativos nas masmorras, os enfermos nas doenças, os agonizantes na morte, & atẽ os mortos nas sepulturas; porq̃ não ha lugar, nê estado tam alheyo de toda a esperãça, & remedio, a q̃ as consolaçoẽs deste Paracrito universal se não estendaõ.

454 O mayor trabalho, & o mais universal do mundo, de que ninguẽ, & nenhũa cousa escapou, foy o diluvio de Noé: & este nome de Noé lhe poz seu pay Lamech, q̃ era Profeta, dizendo: *Iste consolabitur nos*, Este nos consolará: porque Noé na lingua Hebraica quer dizer, *Consolator, & Consolatio*, Con-

consolador, & consolaçam. E cumprio-se a profecia, & significacam do seu nome no mesmo Noé; porque elle foy o restaurador, & reparador do mundo, & o consolador, & a consolaçam daquella perda universal, & immensa, em que se incluíram todas as da fazenda, as da fortuna, as da natureza, as da vida, & as de quanto em mil & seiscentos & cinquenta & seis annos tinha cultivado o trabalho, adquirido a cubiça, levantado a ambiçam, & multiplicado, & gerado a propagaçam humana. Então prometteo Deos que nam haveria mais outra perda universal como aquella, mas deixou o mesmo Mundo fugeiro a tantas outras particulares, ou livres, ou violentas, (sobre as da mesma fragilidade natural de então para cá mais enfraquecida) que apenas ha casa, familia, nem pessoa, nem dia neste valle de lagrimas livre de tristezas, afflicçoens,

Tom. II.

& trabalhos, para cuja consolaçam nam ha outro consolador, & paraclito mais prompto, & mais familiar, & domestico, & que invocado diga: Aqui estou: como Santo Antonio. De quam vivas, effica-⁴⁵⁵zes, & effectivas sejam as razoens da sua lingua para a consolaçam das mais desesperadas tristezas, & afflicçoens, pudera referir muitos casos todos admiraveis, dos quaes só contarey hum, por ser succedido em nossos dias, & me parecer que do mundo velho, onde foy muy celebrado, ainda nam passou ao novo. Na Cidade de Napoles estava sentenciado à morte hum pobre homem, a quem nam valeram arrezoados, nem embargos, nem, como elle dizia, a propria innocencia, prevalecendo contra tudo a prova das testemunhas; com o triste defengano de haver de sahir a justicar ao outro dia, fez à ventura huma petição, a qual entregou a sua mulher igualmente afflicta,

Aa iij

para

para que a levassê ao Vifo-Rey, & lançada a seus pès, o procurassê mover com suas lagrimas, a que ao menos lhe commutassê o castigo em outro que não fosse de morte. Foy a desconfolada requerente a Palacio; mas nam teve entrada, porque aquellas portas sempre patentes aos ricos, & poderosos, só para os pobres que nam tem, nem podem, costumaõ de ordinario estar fechadas. E que faria sobre esta desesperaçã o miseravel? Devia ser boa Christã: resolveose a bater às portas do Ceo, pois que achava fechadas as da terra. Vayse à Igreja de S. Antonio, & entre lagrimas, & soluços poem a petiçam sobre o Altar aos pès do Santo, dizendo, que pois tinha nos braços o Rey, nam só dos Vifo-Reys, mas dos Reys, delle esperava o seu despacho, o qual viria buscar ao outro dia. Ainda nam tinha bem amanhecido, quando a que esperava que as portas da Igreja se abrissem, chegou

ao Altar, aonde achou o seu papel, ao que mostrava sem nenhuma mudança. Abrio-o, vio que tinha mais escriptura, pedio, porque nam sabia ler, que lha declarassem, & como lhe dissessem que continha o perdão do Vifo-Rey, & que logo puzessem ao condenado em sua liberdade; já se vê como correria alegre a lhe levar a nova, & a vida. Presentou o despacho ao Carcereiro, o qual porém o teve por novo crime, entendendo que a letra, & a firma era furtada. Eis-aqui trocada outra vez a tristeza em novo susto. Levou o Carcereiro o papel ao Secretario, que tambem confirmou o furto da letra, admirado da grande semelhança, & propriedade della: & suppondo que o caso pedia nova inquirição, & exame, para ser cortada a mão que tal escrevêra; & nam imaginando, nem lhe passando por pensamento o que o Vifo-Rey poderia responder, lhe presentou aberta a petiçam.

Mas

Mas oh Antonio, verdadeiro, & universal paraclito! Oh Antonio piedoso consolador, & certissima consolação de todos os angustiados, & afflicto! Oh lingua viva, & immortal! Oh lingua a mais eloquente, & poderosa oradora para convencer entendimentos, & trocar vontades, & para render a Divina, & as humanas à vossa! Respondeo o Viso-Rey, que a letra nam era fingida, senam sua, & que elle escreveu o despacho, & o firmára de sua mão. E dando a causa de nam só haver moderado a sentença, mas de absolver totalmente o Reo solto, & livre: Este mesmo papel, disse, me trouxe aqui hum Fradinho de São Francisco, que me disse taes couzas, & com tal efficacia, que eu nam pude deixar de fazer, & escrever o que elle quiz. Executouse o perdão, divulgouse o caso, pasmáráo os que nam conheciao bem o Author, mas os que conhecem o seu poder, & as suas maravilhas,

sem admiracão, nem novidade, só diziaõ: Isto he ser Santo Antonio. E eu que direy? Sò digo, que a terceira Pessoa da Santissima Trindade tem bem desempenhado neste discurso o *vocabitur*, pois para dar o Espirito Santo inteiramente a Santo Antonio todo o seu nome, nam só lho deo em quanto Santo, senam tambem em quanto Espirito, & em quanto Paraclito: *Sanctum quoque, & Paraclitum spiritum.*

§. IX.

458 **T**Enho acabado, posto que mais largamente do que eu quizera, as tres partes do meu discurso. E para que imitando a Santo Antonio em todas ellas, offereçamos também algum obsequio á fiel veneração das tres Pessoas da Santissima Trindade, do que o nosso Santo imitou em cada hũa tiremos muito brevemente tres documentos. O primeiro, para os que a fortuna fez poderosos:

Aa iiij

fos:

tos: o segundo, para os que o estado faz sabios: o terceiro, para os que a profissão deve fazer Santos. Todo o homem tem obrigação de ser semelhante à Santíssima Trindade. Por isso Deos, nam só em quanto hum, senão em quáto Trino (fallando entre si as tres Pessoas Divinas) quando creou o homem, disse: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram*: Façamos o homem à nossa imagem, & semelhança. Se o Poderoso puder moderar o que pôde, usando do poder só para o bem, será semelhãte à Pessoa do Padre, & imitará a Santo Antonio no *fecerit*. Se o Sabio souber encobrir a seu tempo o que sabe, &

só manifestar o que convem, será semelhante à Pessoa do Filho, & imitará a Santo Antonio no *docuerit*. Se o que deve ser Santo, estimar a verdade deste nome sobre todos os titulos do mundo, será semelhante à Pessoa do Espirito Santo, & imitará a Santo Antonio no *vocabitur*. Desta maneira o Poder moderado, a Sabedoria bem entendida, & a Santidade sobre tudo estimada, lhe alcançarão a sólida, & eterna grãdeza, não na terra, aonde tudo he pequeno, & pouco, senão no Ceo, aonde tudo he muito, & grande: *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Caelorum.*

Gen. 1.
26.



S E R M A M

D O S


B O N S A N N O S ,

Em Lisboa, na Capella Real ,

Anno de 1641.

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Iesus, quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur. Luc. cap. 2.

§. I.

459  M hũ mundo tam avareto debẽs, onde apenas se encontra com hum bom dia, ter obrigacãm de dar bons annos, difficuloso empenho ! Deos que he Author de todos os

bens, os dẽ a V. Reaes Magestades felicissimos (muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos) com a vida, com a prosperidade, com a conservacão, & aumento de Estados, que as esperanças do mũdo publicaõ, que o bem da Fẽ Catholica deseja, que a Monarchia de Portugal ha
miser,

mister, & que eu hoje quizera prometter, & ainda assegurar.

469 Em hum mundo, digo, tam avarento de bês, onde apenas se encontra cõ hum bom dia, ter obrigação de dar bons annos, difficuloso empenho! E na minha opiniaõ cresce ainda mais esta difficuldade, porque isto de dar bons annos, entendo-o de differênte maneira do que communmente se pratica no mudo. Os bons annos nam os dá quem os deseja, senão quẽ os assegura. A quantos se desejaraõ nesta vida, a quãtos se deraõ os bons annos, quẽ os nam logrãram bons, senão muy infelices? Seguese logo, propria, & rigorosamente fallando, que nam dá os bons annos quẽ sã os deseja, senam quem os faz seguros. Esta he a difficuldade, a que me vejo empenhado hoje, que o tempo, & o Euangelho fazem ainda mayor. Em todo o tempo he difficulosa cousa segurar annos felices; mas muito mais em tempo de

guerras, & em tempo de felicidades. Se o dia dos bens he vespora dos males; se para merecer huma desgraça, basta ter sido ditoso; quem fará confiança em glorias presentes, para esperar prosperidades futuras? Se a campanha he hũa mesa de jogo onde se ganha, & se perde; se as bandeiras vitoriosas mais firmes seguem o vento vario, que as meneia; quem se prometterá firmeza na guerra, que deruba muralhas de marmore? E como a guerra, & a felicidade sã dous accidentes tam varios: como a fortuna, & Marte sã dous arbitros do Mudo taõ incõstantes; como poderei eu seguramente prometter bons annos a Portugal, em tẽpo q̃ o vejo por hũa parte cõ as armas nas maõs, por outra com as maõs lcheas de felicidades? Se appello para o Euangelho, tambem parece q̃ promette ameaças, mais que esperanças; porque nos apparece nelle hum Cometa abrazado, & sanguinolento, *ut circumcideretur puer,* &

& os Cometas desta cor fêpre foraõ fataes aos Reynos, & formidaveis às Monarchias.

Terret fera Regna Comètes Sanguineum spargens ignem: disse lá Silio. A materia dos Cometas são os vapores, ou exhalacoens da terra subidas ao Ceo; & como no mysterio da Encarnaçam subio ao Ceo a terra de nossa humanidade; que outra cousa parece Christo hoje com o sangue da Circumcisaõ, fenaõ hum Cometa abrazado, & sanguinolento, & por isso funesto, & temeroso? Ora com isto se representar assim; com o Euangelho, & o tempo parecer que nos prometem poucas esperanças de felices annos; dõ mesmo tempo, & do mesmo Euangelho hey de tirar hoje a prova, & segurança delles. Serà pois a materia, & empreza do Sermaõ esta: *Felices de Portugal, juizo dos annos, que vem.* Digo dos annos, & nam do anno, porque quem tem obrigaçam de dar bons annos, nam sa-

tisfaz com hum só, senam com muitos. Fundame o pensamento o mesmo Euangelho, que parecé o defavorecia; porque toda a materia, & sentido delle, he hum pronostico de felicidades futuras. Toda a materia do brevissimo Euangelho, que hoje cáta a Igreja, vem a ser a Circumcisaõ de Christo, & o nome santissimo de JESUS. E destes dous grandes mysterios se compoz hũa constellaçam benignissima, que tomada no orizonte oriental de Christo, foy figura de todo o bem, & remedio do mundo, que o Senhor havia de obrar em seus mayores annos. S. Cyrillo: *Vocatum 462 est nomen ejus Jesus, quod interpretatur Salvator; editus enim fuit ad totius mundi salutem, quam sua circumcissione præsfiguravit.* Grande palavra! De sorte que circumcidarse Christo, & chamar-se Jesvs no dia de hoje, foy levantar figura, *præsfiguravit*, aos successos dos annos seguintes, à salvaçaõ, & felicidades futuras de todo

do o genero humano: *Totius mundi salutem, quam sua circumfisione praefiguravit.* Nem desfaz esta verdade a representação do sangui-
nolento, com que parece nos atemorizava Christo nos effeitos da Circumci-
fão; porque aquelle bello Infante nam he Cometa, he Planeta: nam he terra subida ao Ceo, he Ceo decido à terra. E o Ceo quan-
do se poem de vermelho, q̃ pronostica? O mesmo Christo o disse, que nam he menos que sua esta Mathe-
matica. *Serenum erit, rubi-*
cundum est enim Caelum. Quando o Ceo se veste de
vermelho, pronostica fere-
nidade. Sempre a serenida-
de foy: titulo natural das
purpuras. E como aquelle
Ceo animado, como aquel-
le Rey celestial se veste hoje
da purpura de seu sangue,
ferenidades, & felicidades
grãdes nos pronostica, q̃nas
acçoens do tẽpo, & nas pa-
lavras do Euangelho, ire-
mos discorrẽdo por partes.

Matth.
26.2.

463 **P**ostquam consum-
mati sunt dies octo,
ut circumcideretur puer, vo-
catum est nomen ejus Jesus,
quod vocatum est ab Angelo,
priusquam in utero conciperetur. Começemos por estas
ultimas palavras. Diz São
Lucas, que passados os oi-
to dias, termo da Circum-
cisaõ, lhe puzeraõ a Christo
por nome JESUS; & nota,
antes manda notar o Eu-
angelista, que este nome foy
anunciado pelo Anjo, an-
tes que o Senhor fosse con-
cebido: *Quod vocatum est*
ab Angelo, priusquam in ute-
ro conciperetur. Dá a razão
desta advertencia a Glossa
Interlineal, & diz que foy:
Ne homo videretur machi-
nator hujus nominis: Para
que não parecesse este glo-
rioso nome machinado por
invento de homens, senaõ
mandado, como era, pela
verdade de Deos. Entrou
Christo no mundo a redu-
zillos com nome de Salva-
dor, & Libertador, que isto
quer dizer JESUS: pois
para

para que esta appellada liberdade nam a possa julgar alguem por invenção, & obra humana, seja profetizada, & revelada primeiro por hum ministro da Providencia Divina: *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.*

464 Nam quero referir profecias do bem q gozamos, porque as supponho muy prégadas neste lugar, & muy sabidas de todos; reparar sim, & ponderar o intento dellas quizera. Digo, que ordenou Deos que fosse a liberdade de Portugal, como os venturosos successos della, tanto tempo antes, & por tam repetidos oraculos profetizada, para que quando vissemos estas maravilhas humanas, entendessemos que eraõ disposições, & obras Divinas; & para que nos alumiasse, & confirmasse à fé onde a mesma admiraçam nos embarçasse. (Fallo de fé menos rigorosa, quanta cabe em materias não de-

finidas, posto que de grande certeza:) Allega Christo hũ texto do Psalmo 40. em que descreve David o meyo extraordinario por onde os procedimentos injustos de hum máo homem dariaõ principio à redempção de todos, como seria trahido o Redemptor, como o perteriaõ derrubar por engano de seu estado; & intimando o Senhor o caso aos Discipulos, disse estas particulares palavras: *Dico vobis antequam fiat, ut cum factum fuerit credatis, quia ego sum.* Eu sou este de quem aqui; falla David: (que assim explica o lugar Santo Agostinho, Ruperto, Theophilacto, & outros) & digovos isto antes que aconteça, para que depois de acontecer o creais. Notavel Theologia por certo. Se o Senhor dissiera, Digovos estas cousas para que as creais, antes que aconteçaõ, facilmente dito estava; isso he fé; erer o que nam se vé; mas dizer as cousas

Joan. 13
19.

cousas antes que se fação, a fim de que se creaõ depois de feitas : *Ut cum factum fuerit credatis ?* O que está feito, o que se vê, o que se apalpa, necessita de fé ? Algumas vezes sim; porque succedem casos no mundo, como este, de que Christo fallava, taõ novos, & inauditos; succedem cousas tam raras, taõ prodigiosas, & por me-yos de proporção taõ desigual, & muitas vezes taõ contrarios ao mesmo fim, que ainda depois de vistas com os olhos, ainda depois de experimentadas cõ as mãos, nam basta a evidencia dos sentidos para as não duvidar, he necessario recorrer aos motivos da fé para lhes dar credito : *Dico vobis, antequam fiat, ut cum factum fuerit, credatis.* Taes considero eu os successos nunca imaginados de nosso Portugal, que como excessivamente nos acreditam, as-sim excedem todo o credito. Quiz Deos que fossem tantos annos antes, &

465

tam vulgarmente profetizados estes successos, nam tanto para os esperarmos futuros, quanto para os crermos presentes; nam para nos alentarem a esperanza antes de succederm, mas para nos confirmarem a fé depois de succedidos. Havião de succeder as cousas de Portugal, como succedèram, de tam prodigiosa maneira, que ainda depois de vistas, parece que as duvidamos; ainda depois de experimentadas, quasi as nam acabamos de crer: pois profetizese esta venturosa liberdade, & ainda o nome felicissimo do libertador, muito tempo antes, *priusquam in utero conciperetur*; para q̃ entre as duvidas dos sentidos, entre os aslõbros da admiração, peção os olhos focorro à fé, & creaõ o que vê por profetizado, quando o nam creaõ por visso.

466 Por duas razõs se persuadem mal os homens a crer algumas cousas, ou por muito difficul-tosas,

tosas, ou por muito desejadas: o desejo, & a difficuldade fazem as cousas pouco criveis. Era Sára de idade de novêta annos sobre esteril, promette-lhe hum Anjo, que Deos lhe daria fruto de benção, & diz a Escriitura, que fero, & zombou muito disso Sára; & ainda depois de ter hum filho chamou-lhe Isaac, que quer dizer riso: *Risum fecit mihi Deus*. Estava S. Pedro em poder del Rey Herodes preso, & com apertada guarda, appareceolhe outro Anjo, que lhe quebrou as cadeas, & o livrou, & diz o Texto sagrado: *Existimabat autem se visum videre*: que cuidava Pedro que era aquillo sonho, & illusão. Pois Pedro, pois Sára, que incredulidade he esta? Vê-se Sára cõ hum filho nos braços, & chamalhe riso? Vê-se Pedro com as cadeas fóra das mãos, & chamalhe sonho? Assim havia de ser, porque ambas erão cousas muito difficultosas, & ambas

muito desejadas. Desejava Sára hum filho, como a successão de sua casa: desejava Pedro a liberdade, como a mesma liberdade, & bem da Igreja: a successão de Sára estava em poder de noventa annos: a liberdade de Pedro estava em poder de Herodes, & de seus Soldados; & como a difficuldade era tam grande, & o desejo igual à difficuldade, ainda que vião com seus olhos, & tinham nas mãos o que desejavão; a Sára parecia-lhe cousa de riso: a Pedro parecia-lhe cousa de sonho. Que Sára esteril haja de 467 ter filho! Que a prosapia Real Portugueza esterilizada, & atenuada na decima-sexta geração, haja de ter descendente, que lhe succeda! Que Sára depois de noventa annos! Que a Coroa de Portugal depois de sessenta! O que não teve quando estava na flor de sua idade, o que nam teve quando estava com todas as suas forças, o viesse alcançar depois de tam

tam envelhecida , & quebrantada ? Muito desejavamos , muito suspiravamos por este bem , mas quanto mayor era o desejo , tanto mais parecia , & quasi parece ainda cousa de riso : *Risum fecit mihi Deus*. Que Pedro em poder del Rey Herodes ! Que Portugal em poder nam de hum , senão de muitos Reys que o dominavam , lhe houvesse de escapar das mãos tam facilmente ! Que Pedro cercado de

Ag. 12. guardas *Quatuor quaternionibus militum*. Que Portugal , presidiado de Infantaria em tantos castellos , em tantas fortalezas , sem se arrancar huma espada , sem se disparar hū arcabuz , conseguisse em huma hora sua liberdade ! Era empresa esta tam difficullosa , representava-se tam impossivel ao discurso humano , que ainda agora parece que he sonho , & illusão : *Existimabat se visum videre*. Assim lhe aconteceu aos filhos de Israel , quando se virão li-

vres do cativeiro de Babilonia : *In convertendo Dominus captivitatem Sion facti sumus* (lê o Hebreo) *sicut somniantes* : que incredulos de admirados tinham a verdade por imaginação , & cuidavão que estavaõ sonhando , o que vião com os olhos abertos. E como os successos de nossa restauração eraõ materias de tam difficuloso credito , que ainda depois de vistos parecem sonho , & quasi se não acabão de crer ; ordenou Deos que fossem tanto tempo antes , com tam singulares circumstancias , & com o nome do mesmo libertador profetizadas , para q̃ a certeza das profecias desfizesse os escrupulos da experiencia ; para que sendo objecto da Fè , não parecesse illusão dos sentidos ; para que revelâdoas tantos ministros de Deos , se visse que não erão inventos dos homens : *Ne homo videretur machinator hujus nominis , quod vocatum est ab Angelo , priusquam*

quam in utero conciperetur.

§. III.

468 **T**Emos confide-
rado o 'prius-
quam, vamos agora ao
postquam. *Postquam con-*
summatus sunt dies octo, ut
circumcideretur puer. O
que aqui pondera, & fen-
te muito a piedade dos
Santos, principalmente S.
Bernardo, he, que nascido
de oito dias, fugeitasse o
Senhor aquelle corposi-
nho tenro ao duro golpe
da Circumcisaõ. Tam de-
pressa? aos oito dias, já
derramando sangue? De-
sta pressa se espantam os
Doutores, mas eu não me
espáto senão deste vagar.
Que venha Christo a re-
mir, & que espere dias?
& que espere horas? & que
espere instantes? Quem
cuida, que he pouco tem-
po oito dias, mal sabe que
he esperar pela redempção.
Quando Christo se encon-
trou com os Discipulos de
Emaüs, hiaõ elles contan-
do a historia de seu Mes-
tre, & a causa, que os leva-

va peregrinos por esse
mundo, & differão estas *Luc. 24.*
notaveis palavras: *Nos au-*
tem sperabamus, quia ipse
esset redempturus Israel; &
nunc super hac omnia ter-
tia dies est hodie: Nós es-
peravamos, que este nosso
Mestre havia de remir o
povo de Israel; & no cabo
de tudo isto vemos agora
que já se vão passando tres
dias. Tres dias? pois que
muito he isso? que espaço
de tempo são tres dias pa-
ra huns homens desmaya-
rem? para huns homens
se entristecerem? para huns
homens se desesperarem
tanto? Não se desespe-
ravão, porque erão tres
dias, senão porque eram
tres dias de esperar pela
redempção. Esperavão
aquelles Discipulos, que o
Senhor havia de remir a
Israel: *Nos autem speraba-*
mus, quia ipse esset redem-
pturus Israel. E para quê
està cativo, para quem es-
pera pela redempção, tres
dias he muito tempo: *Et*
nunc super hac omnia: co-
mo se foraõ passadas tres
eternidades: *Tertia dies est*

469

hodie : Já se vão passando tres dias. E se tres dias he muito tẽpo para quẽ espera pela redempção, quanto mais tempo serião os oito dias, q̃ se dilatou a Circuncisaõ de Christo, pois esperava o mundo nelles, que começasse o Senhor a derramar o sangue, & dar o preço, com que o remio? Não ha duvida que foy muito cedo para a dor, mas não foy muito cedo para o remedio; foram poucos dias para quem vivia, mas muitos para quem esperava. Bem o entendeo assim o Evangelista: porque havendo de contar estes oito dias, vejase o aparato de palavras com que o faz: *Postquam consummati sunt*; Depois que forão consummados: parece que armava a dizer oito seculos, ou oito mil annos, segundo a grãdeza vagarosa, & ponderação das palavras; & nõ cabo disse, *dies octo*, oito dias, que como erão dias de esperar redempção, ainda que não forão mais que oito, parecião huma

duração muy comprida, & que não acabavão de chegar, segudo tardavaõ: *Postquam consummati sunt*.

470 E se oito dias de esperar pela redempção, & ainda tres dias he tanto tempo; quanto seria, ou quanto pareceria, não tres dias, nem oito dias, nam tres annos; nem oito annos, senão sessenta annos inteiros, nos quacs Portugal esteve esperando sua redempção, debaixo de hum cativoiro tam duro, & tam injusto? Não me paro ao ponderar; porque em dia tam de festa, não dizem bem memorias de tristezas, ainda que os males passados, parte vem a ser de alegria. O q̃ digo he, que nos devemos alegrar com todo o coração, & dar immortaes graças a Deos, pois vemos tam felizmente logradas nossas esperanças. Nem nos peze de ter esperado tam longamente; porque se ha de recompensar a dilação da esperança com a perpetuidade da posse. Pergun-tão os Theologos com

Santo

Santo Thomàs na terceira parte, porque se dilatou tanto tempo o mysterio da Encarnação, porque não desceo o Verbo Eterno a remir o mundo, senão depois de tantos annos. Varias razoes dão os Doutores; e de Santo Agostinho he muito propria do que queremos dizer: *Diu fuit expectandus, semper tenendus*. Quiz o Verbo Eterno, que esperassem os homens, & suspirassem tãtos seculos por sua vinda, porque era bẽ que fosse muito tempo esperado hum bem, que havia de ser sempre possuido. Havião os homens de gozar para sempre a presença de Christo, havia o Verbo de ser homẽ perpetuamente; porque, *Quod semel assumpsit nunquam demisit*, O que humavez tomou, nunca mais o largou, seja pois este bem por muito tempo esperado, pois ha de ser por todo o tempo possuido, & mereça com as dilaçoens da esperança a perpetui-

dade da posse: *Diu fuit expectandus, semper tenendus*. Não necessita de acõmodação o lugar, de firmeza sim, pelas dependencias, que tem do futuro; mas hum espirito profetico, & Portuguez nos fiará a conjectura desta tam gostosa verdade. São Fr. Gil, Religioso da sagrada Ordem de S. Domingos, naquellas suas tam celebradas profecias, diz desta maneira: *Lusitania sanguine orbata Regio diu ingemiscet*: A Lusitania, o Reyno de Portugal, morrendo seu ultimo Rey sem filho herdeiro, gemerá, & suspirará por muito tempo. *Sed propitius tibi Deus*: Mas lembrar-se ha Deos de vòs, ó patria minha, diz o Sinto: *Et insperatè ab insperato redimèris*: & fereis remida nam esperadamẽte por hum Rey nam esperado. E depois de assim remido, depois de assim libertado Portugal, que lhe succederá? *Africa debellabitur*: Será vencida, & conquistada Africa. *In-*

perium Ottomanum ruet.
 O Imperio Ottomano cahirá fugeito, & rendido a seus pès. *Domus Dei recuperabitur*: A Casa Santa de Jerusalem será finalmente recuperada. E por coroa de tão gloriosas vitorias, *Ætas aurea reviviscet*, Resuscitará a idade dourada. *Pax ubique erit*: Haverá paz universal no mûdo. *Felices qui viderint*: Ditosos, & bemaventurados os que isto virẽ. Atẽ aqui São Frey Gil profetizando. Desorte que assim como antes da redempção houve suspirar, & gemer; assim depois da redempção haverá possuir, & gozar: & assim como os suspiros, & gemidos durarão por tâtos annos; assim as felicidades, & bẽs permanecerám sem termo, & sem limite. O muito, quer Deos que não custe pouco, & era justo, que a tanta gloria precedesse tanta esperança, & que quẽ havia de gozar sempre, suspirasse muito: *Lusitania diu ingemiscet. Diu*

fuit expectandus, semper tenendus.

472 E já que vay de esperanças, não deixemos passar sem ponderação aquellas palavras mysteriosas da profecia: *In speratè ab insperato redimèris*. De proposito reparei nellas, para refutar cõ suas proprias armas alguma reliquia, que dizem que ainda ha daquella feita, ou desesperação dos que esperavão por ElRey Dom Sebastião de gloriosa, & lamentavel memoria. Diz a profecia: *In speratè ab insperato redimèris*. Que seria remido Portugal não esperadamente por hum Rey nam esperado. Segue-se logo evidentemente que nam podia ElRey Dom Sebastião ser o libertador de Portugal. Porque o libertador prometido havia de ser hum Rey nam esperado: *In speratè ab insperato*, & ElRey Dom Sebastião era tam esperado vulgarmente, como sabemos todos. Assim que os mesmos sequazes desta opi-

opinião com seu esperar destruído sua esperança ; porque quanto o faziam mais esperado, tanto confirmavão mais que nam era elle o promettido, podendo-lhe applicar propriamente aquellas palavras, que São Paulo disse de Abraham: *Contra spem in spem credidit*: que crêrão em huma esperança contraria à sua mesma esperança ; porque pelo mesmo que esperavão, tinhaõ obrigação de nam esperar.

§. IV.

473 **M** As ainda que concedamos que os Portuguezes nam foubirão esperar, não lhe neguemos que foubiram amar, & com muita ventura: que tal vez buscando a hum Rey morto, se vem a encontrar com hū vivo. Morto buscava a Magdalena a Christo na sepultura, & a perseverança, & amor, com que insistio em o buscar morto,

Tom. II.

foy causa de que o Senhor lhe enxugasse as lagrimas, & se lhe mostrasse vivo. Grande exemplar temos entre maõs. Assim como a Magdalena cega de amor chorava às portas da sepultura de Christo, assim Portugal sempre amante de seus Reys insistia ao sepulchro del Rey Dō Sebastião, chorando, & suspirando por elle ; & assim como a Magdalena no mesmo tempo tinha a Christo presente, & vivo, & o via cō seus olhos, & lhe fallava, & não o conhecia, porq̃ estava encuberto, & disfarçado: assim Portugal tinha presente, & vivo a El Rey nosso Senhor, & o via, & lhe fallava, & nam o conhecia. Porque? Não só porque estava, senão porque elle era o *Encuberto*. Ser o encuberto, & estar presente, bem mostrou Christo neste passo que nam era impossível. E quando se descobrio Christo? Quando se manifestou este Senhor encuberto? Atẽ esta cir-

Bb iij

cun-

cunstanceia nam faltou no Texto. Disse a Magdalena a Christo: *Tulerunt Dominum meum*: Leváraõ-me o meu Senhor, & o Senhor não lhe deferio. *Nescio ubi posuerunt eum*: queixouse que nam sabia onde lho puzeraõ; & dissimulou Christo da mesma maneira. *Si tu sustulisti eum*: Se vós Senhor o levastes, *dicito mihi*, dizemo; & ainda aqui se deixou o Senhor estar encuberto sem se manifestar. Finalmente alentandose a Magdalena mais do que sua fraqueza permittia, & tirando forças do mesmo amor, acrescentou: *Et ego eum tollam*: E eu o levantarei; & tanto que disse, eu o levantarei: *Ego eum tollam*: então se descobrio o Senhor, mostrando, que elle era por quem chorava; & a Magdalena o reconheceo, & se lançou a seus pés. Nem mais, nem menos Portugal depois da morte de seu ultimo Rey. Buscava-o por esse mudo, perguntava por elle, nam

sabia onde estava, chorava, suspirava, gemia, & o Rey vivo, & verdadeiro deixava-se estar encuberto, & nam se manifestava; porque não era ainda chegada a occasião; porém tanto que o Reyno animoso sobre suas forças, se deliberou a dizer resolutamente, *Ego eum tollam*, Eu o levantarei, & sustentarei com meus braços; então se descobrio o encuberto Senhor, porque então era chegado o tempo: dizendonos aos Portuguezes o que diz São Gregorio que disse Christo à Magdalena manifestandose: *Recognosce eum, à qua recognosceris*: Reconhecci a quem vos reconhece: reconhecci por Rey, a quem vos reconhece por vassallos. Então sim, & nam antes; então sim, & não depois; porque aquelle, & não outro era o tempo opportuno, & determinado de dar principio à nossa redempção.

475 Reccebo Christo o golpe da Circumcisaõ, & deo

deo principio à redempção do mundo, nam antes, nê depois, senão pontualmête aos oito dias: *Dies octo, ut circumcideretur puer.*

Pois porque não antes, ou porque nam depois? Nam se circumcidára ao dia septimo? Não se circumcidára ao dia nono? Porquênão antes, nem depois, senão ao oitavo? Arazão foy; porque as cousas que faz Deos, & as que se hão de fazer bem feitas, não se fazem antes, nem depois, senão a seu tempo. O tempo assinalado nas Escrituras para a Circumcisão era o dia oitavo, como se lê no Genesis, & no Levitico: *Die octavo circumcidetur infantulus.* E por isso se circumcidou Christo, sem se anticipar, nem dilatar, aos oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo:* porque como o Senhor remio o genero humano por obediencia aos Decretos Divinos, o tempo que estava assinalado na Ley para a Circumcisão, era o que

estava predeterminado para dar principio à redempção do mundo. Da mesma maneira se deo principio à redempção, & restauração de Portugal em taes dias, & em tal anno, no celebradissimo de 40. porque esse era o tẽpo opportuno, & decretado por Deos, & não antes, nem depois como os homens quizerão. Quizeram os homens que fosse antes, quando succedeo o levantamento de Evora: quizerão os homens q fosse depois, quando assentárão, q o dia da Acclamação fosse o primeiro de Janeiro, hoje faz hum anno; mas a Providencia Divina ordenou, que o primeiro intento se não conseguisse, & que o segundo se anticipasse, para que pontualmente se dẽsse principio à restauração de Portugal a seu tempo: *Postquam consummati sunt dies octo.*

S. V.

476

DAqui fica tal citamẽte respondida numa nam mais fun-

Bb iijj

fun-

fundada admiram, com que parece podíamos reparar os Portuguezes, em que os Sereníssimos Duques de Bragança vivem retirados todos estes annos, sem acodirem à liberdade do Reyno, como legitimos herdeiros, que erão delle. Respondido está, declaro mais a reposta: Christo Redemptor nosso, ainda em quanto homem, como provaõ muitos Doutores, era legitimo herdeiro da Coroa de Israel: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus: & regnabit.* Tinha tyrannizado este Reyno Herodes homem estrangeiro, a quem por este, & por muitos outros titulos não pertencia; & como sobre ter usurpado o Reyno lhe quizesse tirar a vida a Christo, diz o Texto, que o Senhor se lhe nam oppoz, antes se retirou para o Egypto: *Secessit in Egyptum.* Notavel acção: Nam sois vós, Senhor, o verdadeiro Rey de Israel, como legi-

Luc. 1.
32.

Matt. 2.
14.

timo herdeiro seu, que ainda que não empunhais o Cetro, Rey sois, & Rey nacestes, & assim o confessão as naçoens, & Reys estrangeiros: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum?* Pois como vos retirais agora, como vos nam oppondes à tyrannia de Herodes, como ides viver ao Egypto, & tantos annos? Não vedes o que padecem tantos innocentes? Nam ouvis que já chegaõ ao Ceo as vozes da lastimada Rachel, que chora seus filhos: *Vox in Rama audita est, ploratus, & ululatus multus, Rachel plorans filios suos?* Pois se a vós como a Rey natural incumba a restauração do Reyno, como vos retirais da empresa? Nem me alleguem em contrario os poucos dias que tinha o Senhor de vida, ou idade depois dos oito da Circuncisão, porque na mesma Circumcisaõ, & na mesma retirada do Egypto tinha, & lhe sobejava tudo o que era necessario para livrar do

do cativoiro os que nelle
tinhão a esperança da li-
berdade. Ou Christo os
havia de remir com o san-
gue proprio, ou com o
alheyo: se com o proprio,
bastava huma só gota do
sangue da Circumcisaõ,
para remir nam só o Rey-
no de Israel, senam todo
o mundo. Se com o san-
gue alheyo, o mesmo An-
jo, que disse a S. Joseph,
Fuge in Ægyptum, podia
fazer a Herodes, & a todos
seus presidios, & solda-
dos, o que o outro Anjo
fez aos exercitos del Rey
Senacherib, matando em
huma noite oitenta & cin-
co mil dos que sitiavaõ a
mesma Jerusaleem. Pois se
isto era nam só possivel,
mas facil ao legitimo, &
verdadeiro Rey de Israel,
porque o nam executou
entaõ? Porque nam era
ainda chegado o tempo,
diz excellentemente Saõ
Pedro Chryfologo: *Cedens
tempori, non Herodi*. Tinha
decretado, & disposto, q
o tempo da Redempçam
fosse dalli a trinta & tres

annos: & se a Providencia
Divina, que tudo pôde,
espera pelas disposiçoens,
& circumstancias do tem-
po, quãto mais a providê-
cia humana? a qual o nam
seria, se com toda a atten-
çam, & vigilancia as nam
observasse, aguardando
pelas mais convenientes,
& opportunas, que Deos,
& o mesmo tempo lhe of-
ferecesse. Assim que po-
diaõ responder aquelles
Principes, como legiti-
mos, & naturaes senho-
res, & herdeiros da Coroa
de seus avós, o que em
semelhante caso disseram
os famosos Machabeos,
assim antes, como depois
de restituídos ao seu pro-
prio patrimonio: *Neque*
alienam terram sumpsimus;
neque alienam detinemus;
sed hæreditatem patrũ no-
strorum, quæ injustè ab ali-
quo tempore ab inimicis no-
stris possessa est; nos verò
tempus habentes vindicamus
hæreditate patrum nostrorũ.

Mac. 15.

33.

478 E foy de tanta
importancia esperar pela
opportunidade do tẽpo,
que

que por esta dilaçam, se veyo a lograr aquella primeira maxima de toda a razão de Estado, assim da Providencia Divina, como da providencia humana, que he saber concordar estes dous extremos, conseguir o intento, & evitar o perigo. Já perguntámos, que razão teve Christo para receber a Circumcisaõ ao oitavo dia conforme a Ley. Agora pergunto: que razão teve a Ley para mandar que a Circumcisaõ se fizesse ao oitavo dia? A Circumcisaõ naquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o he o Baptismo, bem que com differente perfeiçãõ. Pois se na Circumcisaõ consistia o remedio do peccado original, & a liberdade das almas cativas pelo peccado; porque não mandava Deos, que se circumcidasssem os meninos logo quando naciaõ, ou ao terceiro, ou ao quarto dia, senão ao oitavo? A razão literal foy, diz o Abulenfe,

porque quiz Deos aplicar o remedio de tal maneira, que se evitasse o perigo: *Quia ante octo dies potest esse vitæ periculum.* Quando os meninos nascem, em todos aquelles primeiros sete dias correm grande perigo da vida, porque são dias criticos, & arriscados, como diz Aristoteles, & Galeno: pois ainda que o remedio dos recém-nacidos, & sua espirital liberdade consistia na Circumcisaõ, nam se circumcidem, diz a Ley, senão ao oitavo dia, passados os sete; que esta he a excellente razão de Estado da Providencia de Deos, saber dilatar o remedio, para escusar o perigo; dilate-se o remedio da Circumcisaõ até o oitavo dia, para que se evite o perigo da vida, que ha do primeiro ao sétimo: *Quia ante octo dies potest esse vitæ periculum.*

479 Se Portugal se levantara em quanto Castella estava victoriosa, ou quando menos, em quanto estava

estava pacifica, segundo o miseravel estado, em que nos tinhaõ posto , era a empreza muy arriscada, eraõ os dias criticos , & perigosos ; mas como a Providencia Divina cuidava tam particularmente de nosso bem, por isso ordenou , que se dilatasse nossa restauração tanto tempo, & que se esperasse a occasiam opportuna do anno de quarenta, em que Castella estava tam embaraçada com inimigos, tam apertada com guerras de dentro, & de fora ; para q̃ na diversão de suas impossibilidades, se lograsse mais segura a nossa resolução. Dilatou-se o remedio, mas segurou-se o perigo. Quando os Philisteos se quizerão levantar cõtra Samsam, aguardaram, a que Dalila lhe tivesse presas, & atadas as mãos, & entã deraõ sobre elle. Assim o fizeram os Portuguezes bem advertidos. Aguardaram a que Catalunha atasse as mãos ao Samsam, que os

opprimia, & como o tiveram assim embaraçado, & preso, entam se levantãrão cõtra elle tam opportuna, como venturosamente. Mas vejo que me dizem os lidos na Escritura, que he verdade que os Philisteos se levantãrão cõtra Samsam, mas que elle soltou as ataduras, voltou sobre elles , & desbaratou-os a todos. Primeiramente muito vay de Samsam a Samsam, & de Philisteos a Philisteos. Mas dado que em tudo fora a semelhança igual, esta mesma replica cõfirma mais o meu intento. Nam tiverão bõ successõ os Philisteos, porque ainda que nõs os imitamos em parte, elles nõ nos derão exêplo em tudo. Intentãrão, mas não conseguirão ; porque as diligencias que fizerão, não as applicarão a tempo. As diligencias que fizerão os Philisteos contra Samsam, foy , atarem-lhe as mãos, & cortarem-lhe os cabellos ; mas não aproveitãrão estes effeitos, ainda

da q̃ se obrarão, por q̃ devendo-se fazer ao mesmo tempo, fizeraõ-se em diversos. Quando lhe atãrão as mãos, deixãrão-lhe ficar os cabellos, com que teve força para se desfatar; quãdo lhe cortãrão os cabellos, deixãrão-lhos crescer outra vez, com que teve mãos para se vingar. Pois que remedio tinhão os Philisteos para se livrarem de todo, & acabarem de hũa vez com Samsã? O remedio era, fazerem como nòs fizemos, & como nòs fazemos, & como nòs havemos de fazer. Em quanto Samsã estã com as mãos atadas, cortar-lhe os cabellos no mesmo tempo, & acabou-se Samsã. Assim o podiaõ vencer os Philisteos com muita facilidade; que d outra maneira não seria tam facil. Porque se lhe nam cortassem os cabellos, teria forças para desfatar as mãos, & se desfataffe as mãos, seria necessaria muita força para lhe cortar os cabellos. Tanto como isto im-

porta executar os remedios a tempo, como nòs, por mercè de Deos, o temos feito atè agora tam felizmente, conseguindo a mayor empreza, & evitando o menor perigo; porque foubemos esperar pelos dias opporunos, como mandava a Ley esperar pelos da Circumcisão. *Dies octo, ut circumcidetur puer.*

§. VI.

481 **U**T circumcidetur puer, vocatum est nomen ejus Jesus. Tãto que se circumcidou o Menino, logo se chamou Salvador. Mas com que consequencia? pergunta S. Bernardo. *Circumciditur puer, & vocatur JESUS: quid sibi vult ista connexio?* Que parêtefco tem o nome com a acção, que combinaçam tem o salvar com o circumcidarse? Tres razoes acho nos Santos; duas repito, huma só pondero. S. Bernardo, & Eusebio Emiseno dizem, q̃ foy

foy a Circūcifam de Christo , *Totius superfluitatis abjectio* , Huma estreita , & muy reformada privacā de todo o superfluo. Vinha Christo como Rey, & Redemptor do mundo a remillo , & restaurallo , & a primeira cousa , que fez , como a mais necessaria , & importante , foy estreitar-se em sua pessoa , cercear demasias , cortar superfluidades , & fazer huma prematica geral cō seu exemplo: *Totius superfluitatis abjectio*. Muitas graças sejaõ dadas a Deos , que para confirmaçā , ou imitação desta grande razaõ de estado Divina , nam temos necessidade de cançar a memoria , senam de abrir os olhos: nam de resolver escrituras antigas , senão de venerar , & amar exemplos presentes. Assim obra quem assim reyna , assim sabe libertar quem assim se sabe estreitar : *Ut circumcideretur puer , vocatum est nomen ejus JESUS*.

482 A segunda razão

he de Santo Epiphānio , & diz que foy : *Ut confirmaret Circumcisionem , quam olim instituerat ejus adventui servientem*: Que quiz o Redemptor confirmar desta maneira , & honrar a Circumcisaõ , pelo que antes de sua vinda tinha servido. Bem advertido , mas muito melhor imitado. Parece que os decretos do governo de Portugal , & decretos da Providencia Divina corrẽrão parellhas (quanto pôde ser) na sua , & na nossa redêpçaõ. Decretou Deos , que à Circumcisaõ se lhe confirmassem suas antigas hõras , havendo respeito ao bem que tinha servido , & o mesmo decreto se passou cá , & com muita razã : *Ut confirmaret Circumcisionem ejus adventui servientem*. Tinha servido a Circumcisaõ no tempo passado , & na Ley Velha , pois honre-se no tempo presente , & premie-se na Ley Nova , que nam he bem que a felicidade geral venha a ser infortunio dos

dos que servirão. Que a Circumcisaõ , que tinha tantos annos de serviços, que a Circumcisaõ, que tinha derramado tanto sangue, houvesse de ser desgraçada, porque o mundo foy venturoso , nam estava isso posto em razam. Pois baixe hum decreto, q lhe confirme effectivamente todas as honras passadas: *Ut confirmaret Circumcisionem, quam olim instituerat*; que he bem que a Ley da Graça premie nam só os serviços seus, senão os da Ley antiga , para mostrar nisso mesmo , que he Ley da Graça. Oh q grande politica esta , assim humana, como Divina ! El-Rey Assuero mandava ler as historias , & chronicas do Reyno, para fazer mercès aos que em tempo de seus antecessores tinham servido. El-Rey Salamaõ sustentava de sua propria mesa aos filhos de Berzelai, por serviços feitos em tempo, & à pessoa de David : & o Rey dos Reys Christo Redemptor nosso,

quando no Monte Thabor desebargou suas glorias, (que tambem pôde ser expediente estarem embargadas por algum tempo) repartio-as a tres que servião , & a dous que tinham servido: a S. Pedro , a S. Joaõ , & a Santiago, porque actualmente servião ; & a Moyses , & a Elias, hum vivo , & outro defunto , porque tinham servido em tempos passados. Assim recebe Christo , & authoriza hoje a Circumcisaõ, conforme as honras do tempo antigo: não porque se quizesse servir della , que já estava muy envelhecida , & a queria aposentar ; senam pelo bem ; que dantes tinha servido : *Ejus adventui servientem.*

484 A terceira, & ultima razão he de Santo Ambrosio, de Santo Agostinho , de S. Joaõ Chrysostomo , de Santo Thomás, & ainda de S. Paulo, ou quando menos fundada em sua doutrina, & he esta: (Allego tantos Dou-

tores

tores pela dificuldade da razão.) *Ea ratione pronobis circumciscus est, ut Circumcisionem auferret.* Recebeo Christo a Circumcisaõ, porque como Author da Ley Nova, queria tirar do mundo a Circumcisaõ. Estranha sentença! Pois porque Christo queria tirar do mundo a Circumcisaõ, por isso recebe, & executa em si a mesma Circumcisaõ? Antes parece que para a tirar do mundo havia de entrar condemnando, desferrando, prohibindo a sob graves penas, & nam a admitindo por nenhum caso. Pouco sabe das razoens verdadeiras de Estado quẽ assim discorre. Circumcida-se Christo para tirar do mundo a Circumcisaõ, porque quem entra a introduzir huma Ley nova, não pôde tirar de repente os abusos da velha. Ha de permittir com dissimulação, para tirar com suavidade: ha de deixar crescer o trigo com siza-

nia, quando não faça mal
às raízes do trigo. Todo
o zelo he mal soffrido, mas
o zelo Portuguez mais
impaciente que todos. A
qualquer reliquia dos ma-
les passados, a qualquer
sombra das desigualdades
antigas, já tomamos o
Céu com as mãos, porque
não está tudo mudado,
porque não está emenda-
do tudo. Assim se muda
hum Reyno? Assim se e-
menda huma Monarchia?
Tantos entendimêtos as-
sim se endireitão? Tantas
vontades tam diferentes
assim se temperão? Rey
era Christo, & Rey Re-
demptor, & nenhuma
cousa trazia mais diante
dos olhos, que extinguir
os usos da Ley Velha, &
renovar, & introduzir os
preceitos da Nova; & cõ
fer sabedoria infinita, &
braços omnipotentes, ao
cabo de trinta & tres an-
nos de Reyno, muitas
cousas deixou como as
achára, para que seu suc-
cessor S. Pedro as emen-
dasse. Já Christo não es-

tava vivo, quando se rasgou o veo do Templo, figura da Ley antiga. E q̃ cousa se podia representar mais facil, que romper hũ tafetá em trinta & tres annos? Pouco, & pouco se fazem as cousas grandes, & não ha melhor arbitrio para as concluir cõ brevidade, que não as querer acabar de repente. Instituiu Christo Redemptor nosso o Sacramento da Eucharistia, & instituiu-o na mesma mesa, em que estava o cordeiro legal. Pois Senhor meu, que combinaçãõ he esta, ou que companhia? O cordeiro com o Sacramento? Asceremonias da Ley Velha com os mysterios da Nova na mesma mesa? Sim, que assim era necessario que fosse, para q̃ viesse a ser o que era necessario. Queria Christo introduzir o Sacramento, & lançar fóra o cordeiro da Ley, & para isso permittio que o cordeiro estivesse embora na mesma mesa com o Sacramento:

que desta maneira se destrirão com suavidade as sombras das leys velhas, & se vão introduzindo, & conciliando os resplandores das novas. Estejão agora juntos o Sacramento, & o cordeiro, que à manhã irá fóra o cordeiro, & ficará só o Sacramento. Com este vagar faz Deos as cousas, & assim quer q̃ as fação os que estão em seu lugar: (quando ellas o sofrem) & tenha mais paciencia o zelo, não seja tão estreito de coraçãõ. Mais doe aos Reys que aos vassallos dissimular cõ algumas cousas; mas por força se hão de fazer assim, para se não fazerem por força. Muito lhe doco a Christo, gotas de sangue lhe custou contemporizar com a Circumcisaõ; mas foy necessario dissimular com dor, para remediar com successo. Não he o mesmo permittir, que approvar, antes o que se permite já se suppoem condemnado. A benevolencia, & dissimulaçãõ, como são asse-

affectos da mesma cor, equivocão-se facilmente nas apparencias; & quantas vezes se choráram ruínas, os que se envejaram favores! Vem a ser industria no Principe, o que he razão de Estado no Lavrador, que as espigas que ha de cortar, essas abraça primeiro. Assim abraçou Christo a Circumcisão, porque a queria cortar, & arrancar do mundo: *Ea ratione circumcisisus est, ut circumcissionē auferret*. Mostrando na suavidade desta razão, & nas outras cousas porque se circumcidou, quam bem se proporcionava cō os meyoys, o nome que lhe puzeram de Salvador: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus JESUS*.

487 Mas porque se chamou Salvador? Porque não tomou outro nome? Que o não tomasse de algum attributo de sua Divindade, bem está, pois vinha a ser homem: mas ainda sem quanto homem tinha Christo a mayor di-

gnidade da terra, que era a de Rey. Pois já que havia de tomar o nome do officio, & não da pessoa, porque não se chamou Rey, porque se chamou Salvador? A razão deo Tertulliano: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam maiestatis*. Deixou Christo o nome de Rey, & tomou o de Salvador, porque estimava mais o nome de piedade, que o titulo de Magestade. O nome de Rey era nome magestoso, o nome de Salvador era nome piedoso: o nome de Rey dizia imperar, o nome de Salvador dizia libertar; & fazendo o Senhor a eleição pela estimação, tomou o de nosso remedio, deixou o de sua grandeza. Por isso os Anjos na embaixada que derão aos Pastores, puzerão primeiro o nome de Salvador, & depois o nome de ungido: *Quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus Dominus*. É por isso no titulo da Cruz se chamou o Senhor

Luc. 2.

11.

Joan. 19
17.

JESUS Rey, & não Rey
 JESUS : *JESUS Nazaremus Rex Judeorum*; para mostrar no principio, & no fim da vida, que estimava mais o exercicio de nossa liberdade, que a grandeza de sua Magestade: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam maiestatis*. Se os corações puderão discorrer sensivelmente, quanto melhor fallarão neste passo, do que os poderá copiar a lingua? Isto que Tertulliano disse pelo primeiro Libertador do genero humano, pudemos nós dizer com acção de graças pelo segundo Libertador de Portugal. O qual nesta felicissima, & verdadeiramente real acção mostrou bem quanto mais estimava o nome da piedade, que o titulo da Magestade; pois convidado tantas vezes para a grandeza, regeitou generosamente o Cetro; & agora chamado para o remedio, aceitou animosamente a Coroa: *Gratius illi erat pietatis no-*

men, quam maiestatis. Rey não por ambição de reynar, senão por compaixão de libertar: Rey verdadeiramente imitador do Rey dos Reys, que sobre todos os titulos de sua grandeza estimou mais o nome de Libertador, & Salvador: *Vocatum est nomen ejus JESUS*.

§. VII.

489 **A** Cabouse o Evangelho, & eu tenho acabado o Sermão. Mas vejo que me estão calumniando, & arguindo, porque não provei o que prometti. Prometti fazer neste Sermão hum juizo dos annos que vem, & eu não fiz mais que referir os successos dos annos passados. Mostrei a razão das profecias, as diligências da esperança, a oportunidade do tempo, o acerto dos decretos, a propriedade, & merecimento do nome, & tudo isto he historia do que foy, & não pronostico do que ha

ha de ser. Ora ainda que o não pareça, eu me renho desempenhado do q̃ prometti, & todo este discurso foy hum pronóstico certo, & hum juizo infallivel dos annos que vem. Tudo o que disse, ou foram profecias cumpridas, ou beneficios manifestos da mão de Deos; & em profecias, & beneficios começados, o mesmo he referir o passado, que pronosticar, & segurar o futuro.

490 Partio Christo desterrado a Egypto, & diz o Evangelista S. Mattheos: *Ut impleretur, quod dictum est per Prophetam: Ex Egypto vocavi filium meum*: que aqui se cūprio a profecia do Profeta Oseas, em que dizia Deos, que havia de chamar, & tirar do Egypto a seu Filho. Difficiloso lugar! Argumento assim: As profecias não se cūprem, senão quando succedem as cousas profetizadas: Christo nam voltou do Egypto senão dahi a sete

annos: logo não se cūprio então, nem se pode cumprir esta profecia de Oseas. Se dissiera o Evangelista que se cumpria a profecia de Isaias: *Ecce* ^{Isai. 19.} *Dominus ascendet super nubem levem, & ingredietur Egyptum*: claro estava, mas dizer, quando entrou no Egypto, que então se cūprio a profecia de quando sahio, que não foy senão dahi a tantos annos, como pôde ser? Reparo foy este de Ruperto Abbade, o qual satisfaz à duvida com hũa razão mystica; mas a literal, & que nos serve, he esta. Como as profecias quanto à evidencia se qualificam pelos effeitos, & na execução do que promettem tem a canonização de sua verdade; he consequencia tam infallivel, cumpridas as primeiras profecias, haverem-se de cumprir as segundas, que quando se mostra o cumprimento de humas, logo se podem dar por cumpridas as outras. Por isso o Euan-

litta ainda discursando humanamente , quando vio que se cumpria a profecia de Christo entrar no Egypto, deo logo por cūprida tambem a profecia de haver de voltar para a patria, & assim disse : *Ut impleteretur quod dictum est per Prophetam* : que então se cumprio o que tinha profetizado Oseas, não quanto à execuçam, senão quanto à evidencia: porque o cumprimêto da profecia passada, era nova & certa profecia de se cūprir a futura; que se numa parte não faltou o effeito, como poderia faltar na outra ? Muitas felicidades tem logo que ver Portugal nos annos seguintes, & muitas lhe tenho eu pronosticado neste Sermão ; porque como as mesmas profecias , que promettêrão o que vemos cumprido , promettem ainda outros mayores aumentos a este Reyno , ou a este Imperio, como ellas dizem : o mesmo foy referir o desempenho feli-

cissimo das profecias passadas, que pronosticar, antes segurar com firmeza o cumprimêto infallivel das que estão por vir. Se as nossas profecias na parte mais difficultosa foram profecias , na parte mais facil, que resta, porque o não serám ?

49. Sete cousas profetizou o Anjo Embaixador à Virgem Maria: *Ecce concipies in utero, & paries filium, & vocabis nomen ejus JESUM. Hic erit magnus, & filius Altissimi vocabitur, & dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in domo Iacob in æternum, & Regni ejus non erit finis.* que conceberia ; que pariria hum filho ; que lhe poria por nome JESUS ; que seria Grande ; que se chamaria Filho de Deos ; que Deos lhe daria o throno de David seu pay ; que reynaria na casa de Jacob para sempre ; & que seu Reyno não teria fim. E destas sete profecias, vendô cumprida Santa Isabel

fô a primeira, pelos effeitos della, julgou que se havia de cumprir todas as
 45. mais : *Quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino.* O mesmo discurso fiz eu, & o devemos fazer todos os Portuguezes, se não queremos ser hereges da boa razão, & de huma fé mais que humana, dando todos o parabem a Portugal, & chamandolhe mil vezes felice : *Quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino.* Porque como se começarão a cūprir as profecias em sua restauração, assim as levará Deos por diate, & lhes dará o cumprimento gloriosissimo, q' ellas promettem. Atè agora era necessaria pia affeição para dar fé às nossas profecias ; mas já hoje basta o discurso, & boa razão ; porque os effeitos presentes das passadas, são nova profecia dos futuros ; bem assim como (para que atè aqui nos nam falte o Euangelho) a imposição do nome de Jesu,
 Tom. II.

q' hoje chamaraõ a Christo: *Vocatum est nomen ejus JESUS* : foy cumprimento do que estava profetizado, & profecia do que estava por cumprir. Foy cumprimento do que estava profetizado, porque profetizado estava, que se chamaria Jesvs o Filho da Virgem: *Paries filium, & vocabis nomen ejus Jesum.* Foy profecia do que estava por cumprir ; porque o nome de JESU, q' quer dizer Salvador, era profecia que havia de salvar Christo, & remir o genero humano: *Vocabitur nomen ejus JESUS: ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum.* Matt. i. 21.

§. VIII.

493 **N**Os beneficios passa o mesmo. Muitos lugares pudera trazer, hum só digo, que pela propriedade do nome tem privilegio de se preferir a todos. Naceo S. Joaõ Baptista, & asfentarão comfigo os visinhos

nhos daquellas mōtanhas, que havia de ser o minino pessão notavel, & q̃ esperavaõ grandes venturas em seus mayores annos :

Luc. 1.
66.

Posuerunt in corde suo, dicentes: Quis, putas, puer iste erit? Pois donde o tirãrão estes homens? que fundamento tiverão para se resolverem tam assentadamente nas grandezas de Joaõ, & em seus aumentos? O fundamento que os moveo, elles mesmos o disserão, ou o Euangelista

Ibid.

por elles: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.* Vião os milagres, vião as maravilhas, vião as mercès extraordinarias, que Deos com mão tam liberal fazia a Joaõ logo em seus principios, & do *erat*, tirãrão o *erit*; das experiencias do que era, inferião evidencias do que havia de ser; porque aquelles beneficios de Deos presentes erão pronosticos das felicidades futuras: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Assim como a Chiro-

mancia humana, quando quer dizer a boa ventura, olha para as mãos dos homens; assim a Chiromancia Divina, a arte de advinhar ao celeste olha para as mãos de Deos, & como a mão de Deos estava tam liberal com Joaõ: *Etenim manus Domini erat cum illo*: na disposiçam destas primeiras liberalidades, como em caracteres expressos, estavam lendo a successão das futuras, & das grandezas maravilhosas, que já erão, julgavão as que correndo os annos, havião de ser: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.*

494 Ora grande simpatia tem a mão de Deos com o nome de Joaõ. Bem o mostrou o Senhor na felice Acclamação de Sua Magestade, que Deos nos guarde, como ha de guardar muitos annos; pois aos eccos do nome de Joaõ, despregou da Cruz o braço o mesmo Christo, assegurãdonos, que assim como

como a mão de Deos estivera com o primeiro João de Judea, assim estava, & havia de estar sempre com o Quarto de Portugal: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Bem experimentamos esta assistência nos successos que referi, & em todos os felicissimos do anno passado, que em todas as cousas que Sua Magestade poz a mão, poz també a Divina a sua. E se estes, ou semelhâtes effectos da mão de Deos forão bastâtes pronosticos para huns montanhezes rusticos, assaz claro foy o modo de pronosticar, que seguí, fallando entre Cortezaons tam entendidos. Nem aqui também nos faltou o Euangelho; porque se nos confirmou a primeira razão cõ o mysterio do nome de JESU, agora nos prova a segunda cõ o da Circumcisão; da qual dizem communmente os Doutores, que aquelle pouco sangue, q̃ o Senhor derramou hoje no Presépio, foy final. &

comô pênhor de haver de derramar todo na Cruz; que como Deos he liberal com omnipotencia, & bõ sem arrependimento, o mesmo he fazer hum beneficio menor, que pênhorarse a outros mayores. E se estes beneficios, que da Divina mão temos recebido, se podem chamar menores, os mayores quam grandes seraõ?

495 Nem nos desconfiem estas esperanças, os temores que propuzemos ao principio da variedade dos successos da guerra, da inconstancia das felicidades do mundo; porque só as felicidades, que vem por mão dos homens, saõ inconstantes, mas as que vem por mão de Deos, saõ firmes, saõ permanentes. Quando Josué à entrada da terra de Promissão venceo aquellas primeiras, & milagrosas batalhas; mostrando os inimigos mortos aos Soldados, lhes disse, o que eu também digo a todos os Portuguezes;

Jofue 10
25.

zes: *Confortamini, & esto-
te robusti, sic enim faciet Do-
minus cunctis hostibus ve-
stris, adversum quos dimi-
catis.* Grande animo valē-
tes Soldados, grande con-
fiança, valerosos Portu-
guezes, que assim como
vencestes felizmente estes
inimigos, assim haveis de
vencer todos os demais;
que como são vitórias da-
das por Deos, este pouco
sangue, que derramastes
em fé de seu poderoso bra-
ço, he pronóstico certissi-
mo do muito que haveis
de derramar vencedores:
nam digo sangue de Ca-
tholicos, que espero em
Deos que se haõ de def-
apaixonar muito cedo
nossos competidores, &
que em vosso valor, & seu
desengano, haõ de estudar
a verdade de nossa justi-
ça; mas sangue de Here-
ges na Europa, sangue de
Mouros na Africa, sangue
de Gentios na Asia, & na
America, vencendo, & su-
geitão todas as partes do
mundo a hũ só Imperio, pa-
ra todas em hum Coroa

as meterem gloriosamen-
te debaixo dos pés do Suc-
cessor de S. Pedro. Assim
o contaõ as profecias, as-
sim o promettem as espe-
ranças, assim o confirmaõ
estes felices principios, q̃
a Divina bondade se sirva
de prosperar atè os fins
felicissimos, q̃ desejamos,
que são os com que re-
mata hum Sermaõ deste
dia S. Bernardo, cujas pa-
lavras tantas vezes tem si-
do profecias a Portugal:
*Multiplicabitur sane ejus
Imperium, ut meritò Salva-
tor dicatur pro multitudine
etiam salvandorum, & pa-
cis non erit finis.*

496 Para que" nossas
orações comecem a obri-
gar a Deos, não peço tres
Ave Marias, senão tres pe-
tições do Padre nosso:
*Sanctificetur nomen tuum:
Adveniat Regnum tuum:
Fiat voluntas tua.* Santifi-
cado, & glorificado seja,
Senhor, vosso nome; por-
que ao nome santissimo de
JESUS, como a primeiro,
& principal Libertador
reconhecemos dever a li-
ber-

berdade , que gozamos. *Adveniat Regnum tuum:* Venha a nós , Senhor, o vosso Reyno: vosso, porque vosso he o Reyno de Portugal , que assim nos fizestes mercê de o dizer a seu primeiro fundador El-Rey Dom Affonso Henriques: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* E por isso mesmo *adveniat*, venha; porq̃ como ha de ser Portugal hum tam grande Imperio, posto q̃ tem já vindo todo o Reyno, que era , ainda o Reyno, que ha de ser, nam tem vindo todo. E para q̃ nossas más correspondencias não desmereção tan-

to bem: *Fiat voluntas tua:* Fazei, Senhor; que façamos inteiramête vossa santa vontade; porque assim como nos pronosticos humanos para advertir sua contingencia se diz: Deos sobre tudo; assim eu neste Divino, para assegurar sua certeza , digo tambem: Deos sobre tudo; porque se sobre tudo amarmos a Deos, cumprindo perfeitamente sua vontade , sem duvida se inclinará o Senhor a ouvir, & satisfazer os affectos da nossa, perpetuando a successam de nossas felicidades na perseverança de sua graça: *Quam mihi, & vobis, &c.*



S E R M A M

D A

QUINTA DOMINGA

da Quaresma,

Em Lisboa, na Capella Real,

Anno de 1655.

Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatē dico vobis, quare non creditis mihi? Joan. 8.

S. I.

497



Hũa Corte, & seus Principes, à Corte de Jerusaleem, & aos Principes dos Sacerdotes prégou Christo hoje hum Ser-

maõ, cujo exordio em duas clausulas he o que eu tomei por thema. O Sermaõ já naquelle tempo accommodandose ao lugar, & aos ouvintes, foy de hũa famoso Acto da Fé contra os Judeos. Na primeira clausula provoulhe o

Sc-

Senhor que era o Messias: na segunda convêceo-os, & condenou-os de o nam crerem. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Quem de vós me arguirá de peccado? Nesta pergunta, a que não podião respóder, nê replicar, provou Christo com evidencia que era o Messias; porque homê sem peccado ninguem o foy, nem podia ser, sennaõ hum homem q fosse jūta-mêre Deos, qual era o Messias promettido na Ley. E se eu, (cōtinua a segunda clausula) & se eu sou o Messias, & como verdadeiro Messias vos digo a verdade: *Si veritatem dico vobis*; porque me não cre-des á mim: *Quare non creditis mihi?* Se eu sou o es-perado, porque nam sou crido? Se a vossa esperã-ça he esta, porque não cō-cordais a vossa fé com a vossa esperança? Day a razão que não rendes, nê podeis ter: *Quare, quare?*

498 A minha obriga-ção hoje, como sempre, he seguir o exemplo de Chri-

sto, & o Texto do Euan-gelho. E sendo o tempo, o lugar, & o auditorio tam diverso, qual será o Ser-mão? Nas circunſtancias será tambem diverso; mas não assumpto o mesmô. O assumpto, & Sermaõ de Christo foy de hum Acto da Fè contra os Judeos; o meu será de outro Acto da Fè, naõ cōtra os Judeos, sennaõ cōtra os Christaõs. Praza à bondade, & mise-ricordia Divina que se naõ verifique tambem em nòs a maldiçaõ do Povo Ju-daico; que tendo olhos naõ vejaõ, tendo ouvidos naõ ouçaõ, & tendo, ou devendo ter entendimen-to, naõ entendaõ: *Excæca*

Isai, 6;
10.

cor populi huius, & aures ejus aggravata, & oculos ejus claudet: ne forte videat oculis suis, & auribus suis audiat, & corde suo intelligat.

§. II.

499 **D**Eixados os Judeos, que não crum na Christo, co-mo verdadeiro Messias,

& fallando cõ os Christaõs que o cremos , confessamos, & adoramos, com as mesmas palavras convenço o Divino Prêgador a huns, & a outros ; mas muito mais forte, & muito mais efficazmente aos Christaõs: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Que diz Christo aos Judeos? Se vos digo a verdade, porque me não credes? Que diz Christo aos Christaõs? Se credes a verdade que vos digo, porque a não obraís? Os Judeos erraõ em não concordar a sua fé com a sua esperança: os Christaõs erraõ em não concordar a sua vida com a sua Fé: & qual he mayor erro, & mayor cegueira? Nam ha duvida que a dos Christaõs. Porque? Porque a fé he das cousas que não se vem: *Argumentum non apparentium*; & o não crer pôde ter alguma desculpa nos olhos: porém crer huma cousa, & obrar a contraria, nenhuma desculpa pôde ter, nem apparencia

de razão ainda falsa. Aqui nos aperta a nós mais que aos Judeos aquelle *quare*. *Quare?* Porque razão? Day-a cá. Todos os que aqui estamos, por mercê de Deos, somos homens, & somos Christaõs: em quanto Christaõs fomos obrigados a ter Fé; em quanto homens, fomos obrigados a dar razão: & se eu tenho razão para crer o que Christo diz, q razão posso ter para nam fazer o que Christo diz? Se tenho razão para dar a vida pela Fè, que razão posso ter para não concordar a Fè com a vida?

500 Dito he antigo, & como verdadeiro, & discreto muito celebrado, q na Christandade não havia de haver mais q duas prisoens, a dos carceres do Santo Officio, & a da casa dos Orates. Porque hum homem qualquer que seja, ou tem Fé, ou não tem Fé: se não té Fé, he herege, & pertence aos carceres do Santo Officio: se tem Fé, & cre q ha Deos, &

& Ceo, & Inferno, & com tudo vive, como se o nam crera, he rematadamente doudo, & pertence à casa dos Orates. Os Judeos do nosso Evangelho, de hũa, & outra censura, & de huma, & outra pena se mostrarão bem merecedores. Quanto à fé, & ao *creditis*, não só negarão a fé a Christo, *non creditis mihi*; mas à sua infidelidade acrescentarão blasfêmias: *Nonne benè dicimus nos, quia Samaritanus es tu, & dæmonium habes?* Desorte que no mesmo Aêto da Fé, & no mesmo Cadafalso, se pela infidelidade merecião a fogueira, pela blasfêmia merecião a mordança. E quanto ao juizo, & ao uso da razão, *quare*: diz o Texto que tomárão pedras para atirarem a Christo: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum.* No sagrado do Têplo nem as pedras eraõ tão mudas, nem tão soltas, que as pudessem tomar alli: final he logo que já as trazião consigo. Vede se

merecião ser levados à casa dos Orates, pois não só erão doudos, senão doudos de pedras?

501 Passemos agora de Jerusalem à Christianidade. Por ventura he melhor o nosso uso da razão, que o seu *quare*? he melhor a nossa Fé, que o seu *non creditis*? Não crer, he ter o entendimento cego, & obstinado: crer huma couza, & obrar outra, he totalmente não ter entendimento: se não temos entendimento, não somos homens: se não temos Fé, não somos Christãos. Que somos logo? Terrível consequencia huma, & outra! Se não somos homens, quando muito somos animaes: se não somos Christãos, & Catholicos, quando menos somos hereges. Não me atrevêra a dizer tanto, senão tivera experimentado ambas estas consequencias, & visto ambas com os olhos. Nesta ultima viagem: (Seja-me licita a narraçam do caso, que por raro, & proprio

prio do intento , he bem notavel.) Nesta ultima viagem minha, q̃ foy das Ilhas a Lisboa , em que aquella travessa no Inverno he huma das mais trabalhosas : o navio era de hereges , & hereges o Piloto, & Marinheiros : os passageiros eramos alguns Religiosos de differentes Religioens , & grande quantidade daquelles musicos Insulanos, que com os nossos rouxinoes , & pintacilgos vem cá a fazer o coro de quatro vozes, canarios, & melros. As
502 tempestades forão mais q̃ ordinarias, mas os effeitos q̃ nellas notey, verdadeiramête admiraveis. Os Religiosos todos estavamos occupados em oraçoens, & Ladainhas , em fazer votos ao Ceo, & exorcismos às ondas, em lançar reliquias ao mar, & sobre tudo em actos de contrição , confessandonos como para morrer huma, & muitas vezes. Os Marinheiros, como hereges, com as machadinhas ao

pê dos mastos comiaão , & bebiaão alegremente mais que nunca , & zombavaão das nossas que elles chamavão ceremonias. Os passarinhos no mesmo tempo com o sonido que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas foraão de instrumêtos musicos, desfaziaão se em cantar. Oh valhame Deos! Se o trabalho , & o temor nam levasse toda a attenção, quem se não admiraria neste passo de effeitos tam varios, & tam encontrados , sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio , todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo , & huns a cantar, outros a zombar, outros a orar, & chorar? Sim. Os passarinhos cantavão, porque não tinham entendimento: os hereges zombavão , porque nam tinham Fé : & nós que tinhamos Fè , & entendimento , bradavamos ao Ceo, batiamos nos peitos, choravamos nossos peccados.

503 Isto he o que eu vi, & passay, & isto mesmo o que nós nam vemos, estando no mesmo, & em peyor, & mais perigoso estado. A travessa he da terra para o Ceo, & da vida mortal para a eternidade: o mar he este mundo: os navegantes fomos todos: o navio o corpo de cada hum, tam fraco, & de tam pouca resistencia por todos os costados: & a tempestade, & as ondas muito mayores: *Ascendunt usque ad Caelos, & descendunt usque ad abyssos:* são tam grandes, ou tam inmensas as ondas, diz David, que humas sobem atè o Ceo, & outras de- cem aos abyssos. Isto que nos Poetas he hyperbole, no Profeta he verdade pura, & certa sem encarecimento. Se quando a onda vos affoga, estais em graça, poem-vos no Ceo: *Ascendunt usque ad Caelos:* se quando vos çoçobra, & tolhe a respiração, estais em peccado, metevos no inferno: *De-*

scendunt usque ad abyssos. E que no meyo de hum perigo mais que horriavel, & tremendo, em que o menos que se perde he a vida, huns não temão, & cantem, outros zombem, & não fação caso, & sejaõ tam poucos os que se cõpunjaõ, & tratem da salvação? Sim outra vez, porque os menos são os que tem entendimento, & Fè; os demais nem tem Fé, nem entendimento. Ora já que todos himos embarcados no mesmo navio, pergunte-se cada hum a si mesmo, a qual destas partes pertence. Sou dos que cantaõ? Sou dos que zombaõ, ou sou dos q̃ choraõ? Sou dos Christãos, & Catholicos, ou sou dos hereges? Sou dos homẽs com uso de razão, ou dos irracionais? Que as avefinhas não reconhecão o perigo da vida, nam alcança mais o seu instinto: que os hereges nam temão a estreiteza da conta, esta he a cegueira da sua infidelidade: mas que hum

hum homem Christão no meyo destes dous perigos com a morte , & a conta diante dos olhos , neste mesmo tempo esteja cantando ao som dos ventos , & zombando ao balanço das ondas ! Christão , aonde está a tua Fè ? homem aonde está o teu entendimento ? Se tens uso de razão , dà cá a razão : *Quare, quare ?*

§. III.

505 **H**E tam difficul-
tosa , & tam impossivel esta razão , que nenhum homem ha , nem houve , nem haverá , que por mais voltas que dê ao entendimêto , a possa dar , não digo verdadeira , & solida , mas nem ainda falsa , & apparente. Se consultardes os bons , & os justos que caminham pela estrada real da verdade , & da virtude , todos haõ de dizer , & dizem constantemente que a vida se ha de concordar cõ a Fè. E se fizerdes a mes-

ma pergunta aos máos , & aos pessimos que seguem os caminhos do erro , & os precipicios da infidelidade , atè estes , se não ponderem que a vida se ha de conformar com a Fè , ao menos haõ de dizer que a Fè se ha de conformar com a vida. Ouvi agora huma notavel ponderação , & tam certa , como admiravel. Sendo a Fè huma só Fè , assim como Deos he hum só Deos : *Unus Deus, una Fides* ; qual he o fundamento , ou motivos porque os homens se dividirão em tantas feitas ? Nam ha duvida q se lhe cavarmos ao pè , & lhe buscarmos as raizes , acharemos que todas se semeãraõ nos vicios , & delles brotáraõ , & nacèraõ. Primeiro se depraváraõ as vontades , & depois se pervertèraõ os entendimentos. Epicúro era delicioso , Maçoma era torpe , Lutéro , & Calvino eraõ relaxados da sua profissam , & depois depravados em tudo. Vinde cá máos homens,

mens, sede embora máos, & viciosos, vivey embora, ou na mã hora, à vossa vótade, largay a redea a vossos appetites; mas não façais, nem inventeis novas feitas. Epicúro seja quam delicioso quizer; mas não negue a Deos o attributo da justiça, para que os homens tenham por bemaventurança as delicias. Mafoma seja tam torpe, & tão abominavel como foy, mas não faça tambem torpe o Ceo, para que os homens esperem na bemaventurança as torpezas. Lutéro, & Calvino vivaõ tam viciosa, & depravadamente como viverão; mas nam enfinem q̃ o sangue de Christo nos ha de salvar sem cooperação nossa, para q̃ os homens creão que pòde haver salvação, & bemaventurança sem obras. Pois se estes homens podião fatar a bruteza dos seus appetites sem aggravo, nem mudança da Fè; porque a mudaram tam cegamente, & formáram feitas tão barbaras, & tão

Tom. 11.

novas?

507 Aqui vereis como não ha entendimento tam depravado, & tão cego, nem erro tam irracional, & tam atrevido, que ditasse, ou admittisse já, mais que a vida nam havia de concordar com a Fè. A vida, dizião todos, necessariamente ha de concordar cõ a Fè: nós nam queremos mudar a vida, senão continuar em nossos vicios; que faremos logo? Não temos outro meyo, senão trocar os mesmos extremos, & mudar a Fè, porque desta maneira, já que a vida nam concorda com a Fè, ao menos a Fè concordará com a vida. Nam queremos fazer vida nova? pois façamos Fè nova: & assim o fizeram. Assim o fez na Gentilidade Epicúro: assim o fez no Paganismo Mafoma: assim o fizeram na Christandade Lutéro, & Calvino: & se tornarmos ao Acto da Fè dos Judeos, assim o tinhaõ elles já feito muito

Dd

muito

muito antes de todos.

508 No Capitulo 32. do Deuteronomio, parte referindo o passado, & parte profetizando o futuro, se queixa Moyses de que viessem ao Povo de Israel deoses novos, q̃ seus pays nam tinhaõ conhecido: *Immolaverunt dijs, quos ignorabant: novi recentesque venerunt, quos non coluerunt patres eorum.* O Deos antigo, & verdadeiro em que crêraõ seus pays, era aquelle que pelos honrar, & se honrar delles, se chamava, *Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob.* E donde aos filhos de Abraham, Isaac, & Jacob, deixado o Deos antigo, & verdadeiro, lhe vieraõ estes deoses novos, & falsos: *Novi, recentesque venerunt?* Vieraõlhe do Egypto: vieraõlhe de Canaã, & vieraõlhe da mesma terra de Israel. Vieraõlhe do Egypto; porq̃ esquecidos da doutrina de Joseph, imitárão as larguezas, & intemperanças dos Egyptios, & adorárão os deo-

Deut.

32.17.

Exod. 3.
6.

ses do Egypto. Vieraõlhe de Canaan; porque desprezada a Ley que já tinham recebido de Moyses, sem freyo de ley, nem razão, seguirão as cegueiras, & vicios dos Cananeos, & adorárão os deoses de Canaan. Vieraõlhe da mesma terra de Israel; porque abraçando os preceitos impiamente politicos de Jeroboão, deixavão o unico Templo de Deos verdadeiro em Jerusaleem, & em todos os montes, & bosques levantavão altares aos idolos da gentildade, & se fartavão das torpezas, & abominações dos seus sacrificios. De forte que não forão os primeiros que vierão os deoses novos, senão os vicios novos: nem foy a fê, ou superstição nova a que ensinou o modo de viver novo; mas a novidade das vidas, & dos costumes foy a que introduzio a novidade dos deoses: *Novi, recentesque venerunt.*

509 Aqui se deve notar de caminho huma advertencia

tencia digna de grande reparo, & de grande doutrina, & desengano para os que ainda não acabão de crer em Christo; & he, com quanta verdade disse David ser cegueira propria dos Judeos não só errar na Fè, senão errar sempre: *Et dixi, Semper hi errant corde*. Vede-o no tempo passado, & no presente. De maneira, filhos de Abraham, Isaac, & Jacob, que no tempo da Ley Velha buscaveis deoses novos: *Novi recentesque venerunt*; & no tempo da Ley Nova buscais, & adorais o Deos velho? Não he isto errar sempre? Respondem que não: & parece que dizem bem, porque os Judeos deste tempo não adorão idolos. E se não adorão idolos como seus antepassados, o q̃ elles confessão, & nam podem negar, que he o q̃ adorão? Dizem que adorão a unidade de Deos, q̃ he a frase com que se explicão em toda a parte. Agora torno eu a pergun-

tar: E esse Deos, cuja unidade adorais, confessais tambem que he Trino? Não. E esse Deos, cuja unidade adorais, confessais tambem que se fez homem? Não. Logo tam idolatras sois agora, como fostes antigamente; porque adorar o Deos verdadeiro, negando que he Trino, & adorar o Deos verdadeiro negando que se fez homem, he adorar hũ deos que não ha, he adorar hum deos fingido, & falso, que he a verdadeira idolatria. E senão, vamos à experiencia. A verdadeira Fè entre os Judeos nũca chegou a durar quarenta annos, como notou ^{Ibidem.} o mesmo David no mesmo lugar: *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, & dixi, Semper hi errant corde*. Pois se quando a vossa Fè não chegava a durar quarenta annos, Deos sempre se compadeceo de vòs, & vos acudio, livrandovos de tantos cativos, mandandovos Profetas, & Redemptores;

510

res; agora que ha mil & feiscientos annos que perseverais nessa Fè do verdadeiro Deos, porque vos não acode ? Porque essa que vós chamaes Fè , he tam verdadeira idolatria, & muito mais refinada do que era dantes.

S. I V.

511 **M**As continuemos o Acto da Fé dos Christãos, com os quaes o juizo do meu discurso nam ha de ser menos recto. Acabamos de dizer, que os Judeos tambem seguirão, ou anticiparão os passos dos Gentios, dos Pagaõs, & dos Hereges , em trocar, & mudar a Fè para a concordar com a vida; agora saibamos se os Christãos procedem mais coherentemente, & conforme à razão, & se respondem melhor àquelle *quære*. Os outros mudão a Fè, os Christãos não a mudão: a Fè dos outros mudada, he falsa; a Fè dos Christãos conservada, he a verdadeira: mas se olhar-

mos para as vidas; as dos outros concordão com a sua Fè: as de muitos Christãos não concordão com a sua. Quaes vivem logo, & procedem mais coherentemente, & mais conformes com a razão? Não ha duvida: (miseria, & vergonha grande!) não ha duvida que mais conforme à razão procede o Gêtio, mais conforme à razão o Pagão, mais conforme à razão o Herege, & mais conforme à razão o Judeo, que são todas as quatro especies da infidelidade. E porque? Porque todos esses seguem cõ a vida o que creem com a Fè: & o máo Christão cõ a Fè cre hũa cousa, & cõ a vida segue outra. Ouçamos neste ponto ao homẽ mais zelador da verdadeira Fè, Elias. Estava no seu tempo o Povo de Israel quasi no mesmo estado, ou verdadeiramente no mesmo em que hoje vemos a Christandade. E que fez o grande Profeta? Quando Jacob acabou

bou a luta com o Anjo, to-
coulhe o Anjo em hum
joelho, com que dahi por
diante ficou manco: *Teti-
git nervum femoris ejus, &
statim emarcuit: ipse verò
claudicabat pede.* O joelho
significa a adoração, & o
manquejar Jacob de hum
joelho, significava que o
Povo de Israel descendente
do mesmo Jacob, com
hum joelho, que era o
saõ, & direito, havia de
adorar o verdadeiro Deos,
& com outro, que era o
manco, & torcido, havia
de adorar os idolos. E tal
era o estado em que na-
quelle tempo se achava o
mesmo Povo por huma
parte adorando o Deos de
Israel, & por outra o ido-
lo de Baal. Vendo pois
Elias esta differença, &
confusão de adoraçoens
tam discordes, & tam cõ-
trarias, convocou o Povo,
& disselhe desta maneira:
*Usquequo claudicatis in
duas partes?* Atè quando,
ó Povo insensato, haveis
de manquejar na Fè, divi-
didos, & discordes de vòs

mesmos em duas partes?
*Si Dominus est Deus, se-
quimini eum; si autem
Baal, sequimini illum:* Se
o Deos de Israel, a quem
eu adoro, he o verdadeiro
Deos, segui o Deos de Is-
rael: & se Baal, a què vòs
adorais, he o Deos verda-
deiro, segui a Baal.

§ 13 Só a espada de
Elias podia cortar tam di-
reito, & fallar tam resolu-
tamente. Ouvida a ga-
lharda proposta, diz o
Texto sagrado, que todo
o Povo emudeceo, & nam
houve quem abrisse a bo-
ca, ou replicasse huma só
palavra: *Et non respondit
ei Populus verbum.* E por-
que razaõ, *quare?* Por-
que assim como nam ha
cousa mais coherente, nem
consequencia mais posta
em razaõ, q̃ seguir hũ ho-
mẽ cõ a vida aquillo q̃ a-
dora, & crè com a Fè, af-
fim nam ha, nem pòde ha-
ver dictame mais irracio-
nal, & mais contrario a
toda a razaõ, que crer hũa
cousa com a Fè, & seguir
outra com a vida. Ou a Fè

Ibidem.

seja de Deos , ou a Fè
seja de Baal , sempre a vi-
da, & as obras haõ de se-
guir a Fè. Crer em Deos,
& seguir a Deos, huma , &
outra cousa era boa : crer
em Baal, & seguir a Baal ,
huma , & outra cousa era
mã. Mas posta huma vez
a Fè de Deos verdadeira ,
& a fé de Baal falsa , tam
errada consequencia era ,
& tam contraria a toda a
razaõ nam seguir a Baal ,
como nam seguir a Deos:
*Si Dominus est Deus , se-
quimini eum ; si autē Baal ,
sequimini illum.*

514. [Christãos, (os
que nam obramos o que
devemos) a quem adora-
mos ? a quem cremos ? a
quem seguimos ? *Usque-
quo claudicatis in duas par-
tes ?* Será bem que tenha-
mos hum pè em Roma a-
dorando a Christo , outro
em Constantinopla guar-
dando o Alcorão ? Hum
em Roma beijando o pè a
S. Pedro, outro em Jerusa-
lem beijando a mão a He-
rodes ? Hum em Roma
rezando a Santa Maria

Mayor, outro em Chipre
offerecendo sacrificios à
deosa Venus ? Hum em
Roma visitando as sete
Igrejas , outro em Lon-
dres , ou Amsterdam pro-
fanando os altares , & per-
dendo a reverência às ima-
gens sagradas ? Isto faz o
Turco , o Judeo , o Gen-
tio , o Herege, & cada hū
conforme a sua fé : &
sendo a nossa tam contra-
ria, serà bem que em nós
Christãos, & Catholicos se
ache o mesmo ? Se nam
concordar a vida com a
Fè, he hum dictame tam
barbaro, & tam irracional,
que nam cabe no entendi-
mento de Lutero, que naõ
cabe no entendimento de
Epicúro , que nam cabe
no entendimento de Ma-
foma ; & como cabe no
nosso entendimento ? Pôr
a bemaventurança nas de-
licias como Epicúro, he ser
Gentio ; passe : pôr a bem-
aventurança nas torpezas
como Mafoma , he ser
Turco ; seja : esperar a
bemaventurança sem obras
como Lutero, & Calvino,
he

he fer Herege; vã na mã hora. Mas fer Christão na Fè, & a vida fer de Epicúro? Ser Christão na Fè, & a vida fer de Mafoma? Ser Christão, & Catholico na Fè, & a vida fer de Lutero, & de Calvino; em que entendimento pôde caber tam rematada locura? Ha quẽ respõda, ha quẽ dẽ razãõ, ha quẽ diga o *quare*?

515 O Povo Judaico junto, ficou tam convencido da propõsta de Elias, que todo emudeceo, sem haver quem replicasse hũa sô palavra. E eu em toda a Escriptura sagrada sô acho hum homem que satisfizesse à minha pergũta, & respondesse a proposito. E que homem serà este? Christão? Nam. Judeo? Nam. Gentio? Nam. Turco? Nam. Herege? Nam. Pois que casta de homem serà, ou pôde fer o que sô respondeo a proposito ao nosso *quare*? Hum Atheo. Todos esbroutos ou feis, ou infieis conhecem a Deos: sô o Atheo o nam conhece,

& sô este pôde dar a verdadeira razãõ do que perguntamos. El Rey Faraó tinha cativo o povo de Israel no Egypto, & com o mais duro, & intoleravel cativoiro que se pôde imaginar. Nam lhe pagava o trabalho, antes lho acrescentava cada dia, para q̃ não tivessem hora de descanso: punhalhe por ministros que superintendessem às obras, em que servião, os de condiçam aspera, & cruel, para que mais os opprimissem: nam lhes dava de comer com que sustentar a miseravel vida, & atẽ os filhos lhes matava cautelosamente, sem que os pudessem esconder, nem livrar: em fim o summo da tyrannia. Neste estado de tanto aperto, em que se não ouvião mais que clamores ao Ceo, chegou Moyfes ao Egypto, & notificou a Faraó da parte de Deos, q̃ dẽsse liberdade ao seu Povo, para lhe ir sacrificar no deserto: *Hæc dicit Dominus Deus Israel: Dimitte* ^{Exod. 5} ^{1.2.}

Populum meum, ut sacrificet mihi in deserto. E que vos parece que responderia Faraó? *Quis est Dominus, ut audiam vocem ejus?*

Que Deos, & que Senhor he esse para q'o eu obedeça? *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Nam conheço tal Deos, nem tal Senhor, nê hei de dar tal liberdade ao Povo. Oh barbaro! oh rebelde! oh insolente, & brutal tyranno! Isto he o que estão dizendo todos; mas eu não digo assim. Digo que respondeo Faraó muito coherente, & discretamente. Como barbaro sim; mas como barbaro bem entendido: como desobediente sim; mas como desobediente racional. Não conheço a Deos, & não hey de libertar o seu Povo? Roim Fê; mas boa consequencia. Na Fê fallou como bruto, na consequencia respondeo como homem. Não obedecera Deos, & dar por razão, não o conheço, bem se segue. Mas conhecer a Deos,

& dizer conheço a Deos; & não querer fazer o que manda Deos, he consequencia, & razão que nam cabe em nenhum entendimento.

Oh quantos Faraós mais barbaros, oh quantos Atheos mais irracionais ha na Christandade! Opprimir os povos, cativar os livres, gemerem os pobres, triunfarem os poderosos: nam se dar de comer a quem trabalha, nam se pagar a quem serve: tirarem-se as vidas aos innocentes, & viverem os que as tirão não sô do seu suor, senão do seu sangue: & dar por razão de tudo isto: *Nescio Dominum*: Não conheço a Deos; he obrar mal, mas fallar coherentemente. Porém opprimir, cativar, destruir, roubar, assolar, afrontar, matar, tyrannizar; & sobre isto dizer, conheço a Deos, sobre isto dizer, sou Christão, sobre isto dizer, tenho Fê; não ha juizo humano, nem entendimento racional, em que cai-

caiba tal cousa. E senão, day cá a razão, *Quare, quare?*

517 Para confirmação desta minha instancia tantas vezes repetida, não quero allegar nem oráculos de Deos, nem evidencias de Anjos, nem discursos de homens, senam ditos, & palavras dos mesmos brutos irracionaes, & o que elles sentirão, & disserão, ou disserão sem o sentir. Duas vezes sabemos que fallarão neste mundo os brutos: a serpente que fallou cõ Eva, & o jumento que fallou com Balam. E que disserão? Cousa notavel! Sendo ambos irracionaes, hũ à mulher, outro ao homem, ambos lhe pedirão razão. A serpente a Eva:

31. *Cur præcepit vobis Deus?*
mer. O jumento a Balam: *Cur percutis me?* *Cur* he o mesmo que *quare*, porque razão? E qual he a razão porque pedirão razão os animaes, que não tem uso de razão? Porque são tam obrigados os homens

a dar razão do que fazẽ, que atẽ os animaes tem direito para lha pedir, & elles obrigação de lha dar. Mais ainda. Pedirão razão estes dous animaes, & de que a pedirão? Das mesmas duas cousas em q̃ nòs litigamos, Fé, & obras. A serpente a Eva pediu-lhe razão do que cria: *Cur præcepit vobis Deus?* O jumento a Balam pediu-lhe razão do que obra-va: *Cur percutis me?* E se atẽ os mesmos brutos sem uso de razão pedem razão ao homem da sua Fé, & das suas obras, nòs porque a nam pediremos, cada hum a sy mesmo? Se esta he a minha Fé, & a minha Fé he a verdadeira, as minhas obras porque são tam alheas della, & tam contrarias? Que o cego nam veja, & caya, q̃ o Judeo nam conheça a verdade que lhe diz Christo, & o não crea, *Non creditis mihi*, pòde o escusar a sua cegueira; mas que o Christão que crê, adora, & confessa a Christo, & pro-

professa a sua Ley, na vida, & nas obras negue a mesma verdade! assim como ao Judeo o escusa a sua cegueira, assim a nossa luz accusa mais, & condena a nossa. Se differamos publicamente, como Faraó, *Nescio Dominum*, que não conhecemos a Deos, tinha coherencia, & desculpa o nosso Atheismo; mas depois da agua do Bautismo, depois do oleo da Chrisma, & o que he mais, confessando, & cômungando, no gremio da Igreja Catholica, & na face de toda a Christandade haja professores della, que na soltura dos costumes, & no escandalo da vida se não distinguão dos Atheos! os mesmos brutos irracionais, & o mesmo irracional dos brutos, se Deos lhes soltára as linguas, assim como duas vezes pedirão razão aos homens, assim tinham razão de dizer duas mil, & clamar ao Ceo, & à terra que somos mais brutos que elles.

§. V.

519 **S**Outão a amigo, & reverenciador da razão, que até as sombras della ouço de boa vontade. Podem instar os Christãos que não guardão a Ley de Christo, & argumentar por si nesta fórma. He verdade que os infieis de todo o genero, & ainda os mesmos Atheos parece que procedem mais coherentemente, & mais conforme à razão, porque elles concordão a sua Fè com a sua vida; & nós não concordamos a nossa vida com a nossa Fè. Mas nesta mesma differença ha outra muito mayor, & melhor, que faz pela nossa parte. E qual he? He que nelles a Fé he má, & a vida tambem má; porèm em nós ainda que a vida seja má, a Fè he boa. Logo ao menos em ametade dos procedimentos são melhores os nossos, que os seus? Assim parece, mas não he assim.

assim. Porque? Porque aonde a vida he má, não pôde a Fé ser boa. Texto expresso de S. João: *Qui dicit se nosse Deum, & mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est.* Quem diz que conhece a Deos, & não guarda seus mandamentos, mente. E porque mente, se o que crê he verdade? Admiravel, & subtilissimamente se explicou o mesmo S. João: *Mendax est, & in hoc veritas non est.* Mente, & a verdade não está nelle. No tal caso a verdade está nos mysterios que crê, mas não está no que crê os Mysterios. Notay. Huma cousa he a verdade da Fé em si, a qual propriamênte se chama Fé; outra he a verdade da Fé em nós, a qual propriamente se chama crença. A Fé em si sempre he verdadeira, a crença em nós pôde ser verdadeira, & pôde ser falsa: se concorda com a vida, he verdadeira, porque obramos conforme cremos; se não con-

corda com a vida, he falsa, & mentirosa, porque cremos huma cousa, & obramos outra. Por isso o que não guarda os mandamentos, ainda que crea, & confesse tudo o que ensina a Fé, mente, & não está nelle a verdade: *Qui mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est.* Se o Christão, & Catholico cuida que a sua Fé he melhor que a dos infieis, sómente porque crê o que ensina o Credo, engana-se, & mente-se a si mesmo: não basta só crer no Credo, he necessario crer nos Mandamentos.

521. Daqui se entenderá hum notavel dito de David no Psalmo 118. aonde allega, & diz a Deos que cria nos seus Mandamentos: *Quia mandatis tuis credidi.* O crer pertence ao Credo, & não aos Mandamentos; ao Symbolo, & não ao Decalogo. O Symbolo, & o Decalogo são duas Escri- turas Divinas, em que cõ-

ps. 118.
66.

fiste

fiste toda a obrigação, & perfeição Christã. O Symbolo contém os mysterios da Fé, o Decalogo contém os Mandamentos da Ley: os mysterios da Fé temos obrigação de os crer, os Mandamentos da Ley temos obrigação de os guardar. Pois porque troca David os termos, & em lugar de dizer a Deos q guardava os seus Mandamentos, diz que os cria: *Quia mandatis tuis credidi?* Porque aludio o Profeta com elegante energia, & picou, & condenou os que só crem no Credo. Este Psalmo 118. foy composto por Dávid pelas letras do A, B, C, para o cantarem, como cantavão, os q hião em romaria ao Templo. E quiz ensinar a todos, que o A, B, C, da Fé, he ajuntar o Symbolo cõ o Decalogo, & a crença do Credo com a crença dos Mandamentos: *Quia mandatis tuis credidi.* O Symbolo que não anda junto com o Decalogo, não he Symbolo da Fé, he Fé do cymbalo.

522 Explico a proposição, porque bem entendendo que a não entêdem todos. Escrevendo S. Paulo aos Corinthios, & falando da Fé, & dos Mandamentos, que todos se reduzem ao da charidade, pondo o exemplo em si, diz desta maneira: *Si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam, charitatem autem non habuero, nihil sum:* Se eu tiver toda a Fé, & tal, & tam efficaç que possa abalar os montes, & passálos de hũ lugar para outro, & não tiver charidade, nenhuma coufa sou. E se quereis q vos declare este nada que sou, com huma semelhança: *Factus sum velut aes sonans, aut cymbalum tinniens:* Sou como hum sino de metal, que não faz mais que soar, & tinnir. Comparay-me agora o Symbolo com o cymbalo: o Symbolo he o que contém toda a Fé: *Si habuero omnem fidem:* & com toda esta Fé sem charidade, na qual consistem os Mandamentos,

quinta Dominga da Quaresma.

551

ros, charitatem autem non habuero; que he, ou que ferá qualquer Christão? *Velut es sonans, aut cymbalum tinniens*. Será como o sino que não tem mais que o soar, & o tinnir. Passa o Santíssimo Sacramento por junto a huma Igreja, repicão os sinos das torres: & que vem a fer esta correspondencia? O Sacramêto he o mystério da Fé; mas os sinos nenhuma couza tem de Fé, mais q̃ o soar, & o tinnir, *sonans, & tinniens*. Eis aqui qual he a Fé de todo o Symbolo em que cremos, se lhe falta a observancia dos Mandamêtos de Deos. Não he Symbolo da Fé, he Fé do cymbalo. Que importa o soar do crer sem a consonancia do obrar? Que importa o tinnir, ou os tinos da Fé cõ os desatinos das vidas?

523 Má vida, & boa Fé, torno a dizer, he mentira. E porque outra vez? Porque o que professa a Fé, nega o a vida: o que diz o som das palavras, ne-

ga-o a dissonancia das obras. Vede como concorda S. Paulo com S. João, os dous mayores Theologos da Escola de Christo. *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*: Com as vozes confissão a Fé de Deos, & com as obras negão o mesmo Deos, & a mesma Fé que confissão. Dizeyme: He boa a Fé dos Christãos, que a negão em Argel? Pois sabey que para ser renegados, não he necessario ir lá cativos. Ouvi a S. Salviano Bispo de Marcelha, que està defronte do mesmo Argel. *Christiani sine operibus bonis nil sibi per fidei supercilium usurpare debent*. Note-se muito o *fidei supercilium*. Por huma parte não só vafios de obras boas, senão cheyos, & carregados de obras más: & por outra com as sobrance-lhas levantadas, muito prezados, & presumidos de Christãos, usurpando, & roubando o nome que lhes não he devido. Por huma parte com a voz, &

Ad Tit.
1.16.

com

com os pensamentos blafonando que navegação na barca de Pedro, & por outra com ambos os braços remando nas galês de Mafo-ma. He boa Fé esta? He melhor que a dos mesmos Turcos? Não faltará quem replique, & diga que sim, & com o mesmo exemplo. Porque os Christãos forçados que remão nas galês de Mafo-ma debaixo das badeiras Turquescas, nem por isso perdem a Fé de Christo.

524. Agradeço a agudeza da replica; mas vamos navegando pelo Mediterraneo acima. Aporta a mesma galé ao porto de Chipre, salta Muley Amet no meyo da coxia, desembainha a semitárta, & diz assim: Com esta a todo o Christão que não adorar aquella imagem de Venus hey de cortar a cabeça. E que succederá neste caso? O Christão que não quiz adorar, perdeu a cabeça, & ficou martyr: o que adorou, conservou a vida, & ficou renegado. Ago-

ra pergunto: E se aquelle Christão, que por força, & contra sua vontade adorou a Venus em huma estatua de marmore, he renegado; que diremos daquelles que não por força, senão muito por sua vontade, & por seu gosto adorão a mesma Venus não em huma estatua de marmore, senão em outras que não são de pedra? Se aquelle que dantes era Christão, & depois negou a Fé, he renegado, o que no mesmo tempo confessa a Fé, & a nega, que será? Destes he que falla S. Paulo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negāt*: No mesmo tempo confessão a Deos, & no mesmo tempo o negão: & Fé juntamente confessada, & negada, que Fé he? Peyor que a do Turco: porque o Turco não nega o que confessa, o Christão nega o que confessa, com manifesta contradição. Assim o definio com authoridade Pontifical S. Gregorio Papa: *Si fidem operibus tenet,*

net, *si moribus non contradicit*: confessar a Fé com tão manifesta contradição, não só he crer em Deos com fé falsa, mas he crer em Deos à falsa fé: com fé mentiroza, com fé renegada, com fé traidora. E ninguem se admire de eu chamar a esta Fé dos que se chamão Christãos, peyor que a do Turco; porque o mesmo S. Paulo estranhão muito menores defeitos de boas obras, não duvidou dizer, que só pela omissão dellas era peyor o Christão, que o infiel: *Et est infideli deterior*.

§. VI.

525 **S** Upposto o muito que fica diro, já eu me pudera contentar cõ estes dous grandes testemunhos de S. João, & S. Paulo, ambos de Fé Mas porque a Ley diz, *In ore duorum, vel trium stet omne verbum*; quero acrescentar o terceiro do Apostolo Santiago, o qual en-

tre todos os doze foy o primeiro que provou a sua Fé com a mayor de todas as obras, que he o dar a vida. Tomou Santiago entre maõs este ponto da Fé com obras; (às quaes chamou Salviano elegantemête *Testes fidei*) & porque o apertou mais forte, & efficazmête que todos, ouçamos o que diz. *Fides Jacob. 2*
si non habeat opera, mortua ^{17. 18.}
est in semetipsa. Sed dicet ^{19.}
quis: Tu fidem habes, & ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, & ego ostendam tibi ex operibus fidem meam. Tu credis quoniã unus est Deus, benè facis, & dæmones credunt, & contremiscunt. Atèqui a força dos argumentos, ponderemos cada hum de por si.

526 Primeiramente diz Santiago, que a Fé sê obras he Fé morta: *Fides sine operibus mortua est in semetipsa*. Didymo declarando esta sentença, diz: *Fides mortua non est fides, sicut homo mortuus non est homo.* Assim como o homem

Didym. hic.

mem morto não he homem, assim a Fé morta não he Fé. Mas este commento parece que he contrario ao Texto: porque o Texto diz: *Mortua est in semetipsa*: que a Fé he morta em si mesma. Logo se he a mesma, he Fé? Sim: he Fé, & a mesma Fé; mas assim como o homem morto he o mesmo homem. Do mesmo homem (nomeado por seu nome) dizemos que morreo: que vay a enterrar: que está sepultado: que ha de resuscitar. E com tudo esse mesmo não he já homem. Ainda que hum homem não faça, nã tenha obra alguma boa, dirá: Eu creyo tudo o que crê a Santa Madre Igreja: logo a minha Fé he a mesma que a do mayor Santo? Assim he. A mesma, mas morta: *Mortua in semetipsa*. No Santo he viva, porque he Fé com obras: & em vós, porque carece de obras, he morta. O mesmo Santiago tornou a declarar a sua sentença

por outra frase: *Sicut enim corpus sine spiritu mortuum est, ita & fides sine operibus mortua est*: Assim como o corpo sem alma he morto, assim a Fé sem obras he morta. Da maneira que as obras são a alma da Fé: & do mesmo modo que o homem com a alma he homem vivo, & sem alma he homem morto; assim a Fé com obras he Fé viva, & sem obras he Fé morta. He Fé sem alma, ou Fé desalmada; porque he Fé de Christãos desalmados.

527. E se alguem me perguntar: Como morre, ou se mata a Fé? Respondendo, que por hum de dous modos, ou natural, ou violentamente. Se a Fé somente carece de boas obras, morre naturalmente, & como à fome: se além de não ter boas obras exercita as más, morre violentamente, & como à espada. Quanto ao primeiro modo, diz assim Santo Agostinho: *Sicut corpus cibo reficitur, sic fides charitate*.

tate animatur : Assim como o corpo vive do comer com que se nutre, & sustenta, assim a Fé se anima, & alimêta cõ as obras de charidade. Donde se segue, que do mesmo modo, assim como o corpo, faltandolhe o comer, morre à fome, assim tambem morre à fome a Fé, faltandolhe as obras de charidade. Nam tem menor Author esta consequencia, que o mesmo Santiago, o qual argumenta nesta fórma :

Si frater, aut soror nudi sint, & indigeant victu quotidiano, non dederitis autem eis quæ necessaria sunt corpori, quid proderit? Sic & fides, si non habeat opera, mortua est in semetipsa. Quer dizer: Se o pobre estiver despido, & não tiver que comer, & vós lhe não derdes o necessario para o corpo, que lhe aproveita? Logo a Fé sem obras he morta. Parece que não havia de inferir assim o Apostolo, nem attribuir a morte à Fé, senão ao pobre, porque o

pobre sem comer morrerá à fome, & sem vestir morrerá de frio: logo a Fé, que lhe não dá o necessario, mata ao pobre? Nam, diz o Apostolo, porque o pobre, se eu lhe não der a esmola, darlha ha outrem; mas a Fé, como não se pôde sustentar das obras alheas, senam das proprias, ella he a que no tal caso se mata à fome a si mesma: *Mortua est in semetipsa.*

528 Quanto ao segundo modo de morrer a Fé, ou se matar violentamente, & como à espada, disse-o S. Bernardo, chamando homicida da propria Fé ao que a mata cõ más obras: *Si munus mortuum offers Deo, sic Deum honoras, & placas, tuæ fidei interfector?* Matador da Fé lhe chama, & verdadeiramente he mais cruel matador da Fé que os tyrannos mais crueis. Os Neros, & Dioclecianos nam atormentavam os Christãos, para lhes tirare a vida, senão para lhes mar

Bern.
Ser. 24.
in Cár.

tar a Fé: por final que se negavão a Fé, logo lhes davão a vida. E que succedia então? Comparay-me Christão com Christão, & tyranno com tyranno. O bom Christão sofria as catastas, os equuleos, as lãminas ardentes, as grelhas, as rodas de navalhas, & deixava matar a vida para conservar viva a Fé. E o máo Christão hoje mata a Fé por nam perder hum gosto, hum appetite, hum interesse vil da covarde, & infame vida. O tyranno Gentio por hum dos deoses falsos procurava matar a tormẽtos a Fé alhea; & o tyranno Christão, mais cruel q todos os tyrannos, sem fazer caso do Deos verdadeiro, nem o temer, & por farrar a sua vontade, não duvida ser homicida, & matador da Fé propria: *Tuae fidei interfector.*

S. VII.

529 **D** Este primei-
ro argumen-

to passa o Apostolo ao segundado, tanto mais forte, quanto mais evidente, porque dece da especulacão à pratica, da razão à experiencia, & do discurso aos olhos. He hum desafio de Fé a Fé, huma armada de obras, & outra sem ellas, confiada só em si mesma, & diz assim: *Tu fidem habes, & ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, & ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Faz aqui Santiago o mesmo que fez Elias, que forão as duas melhores espadas da Ley Velha, & da Nova. Elias pará mostrar aos olhos a verdadeira Divindade de Deos, & a falsa de Baal, Fazey vós, diz, sacrificio ao deos que adorais, & eu o farey tambem ao que adoro; & sobre qual decer fogo do Ceo, esse seja crido por verdadeiro Deos. Respondêrão todos: *Optima propositio*: Boa proposta: & tal he a de Santiago. Vós, diz o Apostolo, dizeis q tendes Fé, eu digo que te-

tenho obras : mostre agora cada hum de nós a sua Fè, vós sem obras a vossa, & eu com obras a minha, & seja tida por verdadeira Fè a que mostrar que o he. A demonstração da Fè que he interior, & invisivel, parece difficullosa, & impossivel, & não he senão muito facil. A Fè he cega, mas assim como o cego me não vê a mim, & eu o vejo a elle; assim a Fè não vê, mas vê-se: não vê, porque não vê os seus objectos; mas vê-se, porque se vê nos seus effeitos. Os seus effeitos são as obras conformes a ella: pelas obras se vê manifestamente, & sem obras como se pôde ver?

530 O exemplo que allega Santiago da Fè có obras, he Abraham, que por isso se chamou, *Pater credentium*, Pay dos que crem. E não fallando naquella façanha singular de sacrificar o proprio filho, nos deixou Abraham outra figura da Fè có obras, menos ardua, mas igual-

mente significativa. Querendo casar a seu filho Isaac, mandou ao mordomo de sua casa, que lhe fosse buscar mulher, obrigando-o primeiro có juramento que de nenhum modo fosse da terra de Canaan, mas de Mosopotamia sua antiga patria, porque os Cananeos erão totalmente idolatras, & os de Mosopotamia tinham conhecimento do verdadeiro Deos. Este dote da Fè (de que hoje ainda os Principes Catholicos fazem menos conta) era o que Abraham principalmente buscava para seu filho. Partio o mordomo, chegou à patria de seu senhor: & porque as joyas que levava para a Espôsa erão humas arrecadas, & huns braceletes; sabendo por certos finaes de Deos que a espôsa era Rebecca, encontrando-a fóra de casa, lhe pendurou das orelhas as arrecadas, & lhe atou nas mãos os braceletes. Assim o diz elle por formaes palavras: *Suspen-*

Gen. 24

47.

531

Ibid. 30.

Rom. 10

17.

di in aures ad ornandam faciem ejus, & armillas posui in manibus ejus. Com este

novo enfeite chegou Rebecca a casa, mas de tal maneira mudada, que mostrou as arrecadas não nas orelhas, senão nas mãos: he mudança que consta expressamente do mesmo Texto: *Cum vidisset (Laban) in aures in manibus ejus.* Pois se a Rebecca lhe penduráram as arrecadas nas orelhas, porque as passou às mãos, & as mostrou nellas? Porque era esposa escolhida pelo dote da Fè, & figura da verdadeira. As orelhas, & os ouvidos são o sentido da

Fè: *Fides ex auditu*; as mãos são o sentido, & o instrumento das obras: & ainda que a Fè se recebe pelos ouvidos, não se mostra, nem se vê senão nas mãos: *Cum vidisset in aures in manibus ejus.* A Fè que nos prèga, & ensina a Igreja Catholica, ouve-se, & recebe-se pelos ouvidos, como Rebecca recebeu as arrecadas nas ore-

lhas; mas o ver-se, & o mostrar-se, *Ostende mihi fidem tuam, ostendam tibi fidem meam*, não se mostra, nem se vê senão pelas mãos, & pelas obras, *ex operibus.*

532 Estava Christo Senhor nosso adorado de joelhos por Rey no Pretorio de Pilatos: as vozes que se ouvião das bocas dos que o adoravaõ, eraõ as de mayor respeito, & reverencia: *Ave Rex Judæorum.* O mesmo S. João ao pé da Cruz nam pude- ra dizer, nem ler no titulo della outra verdade mais de Fè. Mas quando isto se ouvia nas vozes, que he o que se via nas mãos dos mesmos adoradores? Humas mãos lhe batião as faces com bofetadas: *Dabant ei alapas*: outras mãos lhe pizavaõ o rosto cõ punhadas: *Colaphis eum ceciderunt.* Quem crêra tam horrendo, & mais q̃ sacrilego atrevimento, se o não differaõ os Evangelistas? Mas que differença havia entre huma, &

João 3.

Ibid.

Mat. 26.

& outra afronta , ambas tam iguaes ? A differença era, que as bofetadas afrontavaõ, & offendiaõ a Christo com as mãos abertas , as punhadas com as mãos fechadas. E nota S. Mattheos que os authores desta afronta foraõ os Soldados do presidio Romano ; porque não só se havia de achar semelhante excessõ de maldade na perfidia Judaica , senam tambem na Fè Romana , q̃ he a nossa. Cõ as mãos abertas offende a Christo o filho Prodigio , com as mãos fechadas o Ricoavarento : com as mãos abertas o que espediça , com as mãos fechadas o q̃ enthesoura : com as mãos abertas o que dà o que não devèra , com as mãos fechadas o que não paga o que deve : com as mãos abertas o que recebe a peita ; com as mãos fechadas o que nega a esmola : com as mãos abertas o q̃ rouba o alheyo , & com as mãos fechadas o que não restitue o roubado. Olhe ago-

ra cada hum para as suas mãos , & verá qual he a sua Fè. Eu taparey os ouvidos ao que se diz , & só direy o que se vê com os olhos, & se aponta com o dedo. Como estamos na Corte, onde das casas dos pequenos não se faz caso , nem tem nome de casas ; busquemos esta Fé em alguma casa grande, & dos grandes. Deos me guie.

533 O escudo desta portada em hum quartel tem as Quinas, em outro as Lizes, em outro Aguias, Leoões, & Castellos ; sem duvida este deve ser o Palacio em que mora a Fé Christã , Catholica , & Christianissima. Entremõs, & vamos examinando o que virmos parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavallos , liteiras, & coches : vejo criados de diversos calibres , huns com libré , outros sem ella : vejo galas , vejo joyas, vejo baixelas: as paredes vejo-as cubertas de ricos tapizes: das janelas vejo ao perto jardins , &

ao longe quintas: em fim vejo todo o Palacio, & também o Oratorio; mas não vejo a Fé. E porque nam apparece a Fé nesta casa? Eu o direy ao dono della. Se os vossos cavallos comem à custa do Lavrador, & os freyos que mastigão, as ferraduras que pizaão, & as rodas, & o coche que arrastão são dos pobres officiaes, que andão arrastados sem poder cobrar hum real; como se ha de ver a Fé na vossa cavalheriça? Se o que vestem os lacayos, & os pagens, & os soccorros do outro exercito domestico masculino, & feminino depende das mezadas do mercador que vos assiste, & no principio do anno lhe pagais com esperanças, & no fim com desesperaçoes, a risco de quebrar; como se ha de ver a Fé na vossa familia? Se as galas, as joyas, & as baixelas, ou no Reyno, ou fóra d'elle forão adquiridas com tanta injustiça, & crueldade, que o ouro, &

a prata derretidos, & as sedas se se espremerão, havião de verter sangue; como se ha de ver a Fé nessa falsa riqueza? Se as vossas paredes estão vestidas de preciosas tapeçarias, & os miseraveis a quem despidistes para as vestir a ellas, estão nús, & morrêdo de frio; como se ha de ver a Fé, nem pintada nas vossas paredes? Se a Primavera está rindo nos jardins, & nas quintas, & as fontes estão nos olhos da triste viuva, & orfãos, a quem nem por obrigação, nê por esmola satisfazeis, ou agradeceis o que seus pays vos servirão; como se ha de ver a Fé nessas flores, & alamedas? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desde os telhados atê os alicesses estão chovendo o suor dos jornaleiros; a quem não faziéis ferial, & se querião ir buscar a vida a outra parte, os prendieis, & obrigaveis por força; como se ha de ver a Fé, nem sombra della na vossa casa?

Mas

535 Mas passemos do Pulpito ao Confessionario. Se o Confessor, quando com toda esta carga vos pondes a seus pès, puxa pelo *quare* do nosso Texto, & vos pergunta a razão porque não restituís devendo tanto; a resposta, & a Theologia que trazeis muito estudada, he que sem embargo das dividas, deveis sustentar a vossa casa com a decencia que pede o vosso estado, & que as rendas não dão para tanto. Bem. E os pays de quem herdastes esse mesmo estado, & erão tam honrados como vòs, não sustentavão a honra, & a decencia d'elle com menos pompa, com menos criados, com menos librès, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastais por outra via, não com a decencia, senão com as indecencias da casa, & da pessoa? *Quare*? Que respondeis a isto? A mayor galantaria he, que ao outro dia depois da confis-

saõ, & desta escusa, ouve o mesmo Confessor sem sigillo, que aquella noite perdestes dous mil cruzados, & que pela manhã os mandastes em dobroens a quem os ganhou; porque he contra a pontualidade da fidalguia não pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jugais com os homès, & assim com Deos, & esta he a vossa Fè.

536 Dirmeha porém em contrario a nossa Corte, que se em algumas casas particulares està a Fé tão moita, & tão corrupta, que nas Casas de Deos està mais viva, & mais inteira que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê, & demonstra em todos os Templos de Lisboa, a qual muito a boca chea póde dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam*. Eu tenho visto a mayor parte da Christandade da Europa, & em nenhuma, entrando tábem nesta conta a mesma Roma,
Ec iiij ma,

ma, está o culto Divino exterior tam subido de ponto, & cada dia mais. Seria lastima grande ver aqui desfazer, & arruinar nos mesmos Templos as fabricas antigas de tanta fermosura, & preço, se depois se não vissem as mesmas ruínas gloriosamente resuscitadas com tanto mayores riquezas da materia, & tanto mayores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo he tanta a cobiça de adquirir, como em Lisboa a ambição de gastar por Deos. Que Igreja ha nesta multidão de tantas em hum dia de festa, que se não pareça com a que vio decer do Ceo S. João: *Tāquam sponsam ornatam viro suo?* O ouro, & os brocados, de que se vestem as paredes, são objecto vulgar da vista: a harmonia dos choros suspenção, & elevação dos ouvidos: o ambar, & almíscar, & as outras especies aromaticas q̃ vaporão nas caçoulas, até pelas ruas re-

Apoc.
21.2.

cendem muito ao longe, & convocão pelo olfato o concurso. He isto terra, ou Ceo? Ceo he, mas có muita mistura de terra. Porque no meyo desse culto celestial, exterior, & sensível, o desfazem, & contradizem tambem sensivelmente não só as muitas offensas que fóra dos Templos se cõmettem, mas as publicas irreverencias com que dentro nelles se perde o respeito à Fè, & ao mesmo Deos. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, huma verdade muito sincera, & que te descubra hum engano, de que a tua piedade muito se gloria? Esta tua Fè taõ liberal, tam rica, tam enfeitada, & tam cheirosa, não he Fè viva: pois que he? He Fè morta, mas embalsamada.

§. VIII.

538 **P** Assêmos ao terceiro, & ultimo argumento de Santiago, que será tambem o ultimo do

b. 2. do nosso discurso. *Tu credis quoniam unus est Deus, bene facis: & demones credunt, & contremiscunt:* Vós credes em hum só Deos: fazeis bem: isso mesmo he o que nós cremos, & o que ensina, & canta a Igreja depois do Euangelho, *Credo in unum Deum*. Mas não basta esse primeiro bem, que he bẽ crer, senão for acompanhado do segundo, que he bem obrar. Aquella Estrella que appareceo aos Magos no Oriente, era muito resplandecente, muito fermosa, & muito certa, & segura no caminho que lhes mostrava, como he a Fè; mas se elles se deixãrão ficar nas suas terras, & a não seguirão atẽ Belem para onde os guiava, que importaria a sua vista, & entenderem o que significava? Tam Magos, & tam Gentios ficaram como dantes erão. He necessario ajuntar o ver com o vir: *Vidimus, & venimus*. Melhor exemplo a'inda. Quando os fi-

lhos de Israel depois de fahirem do cativoiro do Egypto, & passarem o Mar Vermelho, caminhavão para a terra de Promissão, levavão por farol daquella viagem hũa columna, a qual de noite era de fogo que os allumiava, & de dia de nuvem q̃ lhes fazia sombra. A esta columna seguia todo o exercito, (que era de mais de seiscentas mil familias) de tal sorte, que quando a columna fazia alto, & parava, todos paravão, & fixavão as suas tendas no mesmo lugar; & quando a columna abalava, & se movia, tambem o exercito se punha em marcha, & ao mesmo passo, & compasso hião caminhando, ou fossem montes, ou valles, sem mudar, ou variar a derrota. E que figurava, ou significava tudo isto? S. Paulo: *Omnia in figura contingebant illis*. Tudo era figura naquelle tempo do que havia de ser neste nosso. O cativoiro do Egypto significava

o peccado: a passagem do Mar Vermelho, a agua do Bautismo, que por virtude do sangue de Christo nos havia de pôr em graça: a terra de Promissão, a patria, & bemaventurança do Ceo, para onde todos caminhamos: & a coluna de fogo, & nuvem, a Fé que vay diante, & nos guia. Como coluna; porque ella he a coluna, & firmeza da verdade: como de fogo; porque ella nos alumia: & como de nuvem; porque he luz juntamente clara, & escura, em quanto nos manda crer muitas cousas que não vemos. Agora pergunto: E se quando a coluna se movia, & caminhava, parte do exercito se deixasse ficar nos arrayaes, chegarão estes à terra de Promissão? Claro está que de nenhum modo. Mais, & peyor ainda. E se em lugar de seguir a coluna, lhe voltassem as costas, & tornassem para o Egypto, cõsegurião o mesmo fim? Muito menos. Pois estes

saõ os que não acompanhão a Fé com boas obras: & muito mais, & peyor os que a contrarião com obras más. Em lugar de a Fé os levar à terra de Promissão, & ao Ceo, elles com a mesma Fé se acharão no inferno. Em quanto negarẽ a Fé só cõ as obras, & não com a palavra, não bastará esta culpa para que a Sãta Inquisição da terra os condene, & mande queimar na Ribeira; mas será não só bastante, senão certo, & infallivel, que por sentença do supremo Tribunal da Divina Justiça irão arder eternamente no fogo do inferno.

541 Isto he o que admiravel, & tremendamente infere Santiago. *Tu Jacob credis, quoniam unus est Deus: & daemones credunt.* Contentais-vos sómente com crer em Deos? Tambem os demonios crem no mesmo Deos, & nem por isso deixão de ser demonios. Oh se Deos nos abrisse os olhos, como haviamos

mos de ver todo este mundo, as ruas, as casas, & as mesmas Igrejas cheas de demonios, os quaes não vemos, assim como não vemos os Anjos da Guarda que nos assistem. E em q̃ differê os demonios de muitos homens? Só differem em que os demonios são invisiveis, & os mãos homens são demonios que vemos. Primeiramente quanto à Fé, o demonio não he Gentio, nem Turco, nem Herege, nem Atheo. Cre no mesmo Deos verdadeiro em q̃ nós cremos: *Et demones credunt.* E se a melhor Fè, & só verdadeira he a dos Christãos, o demonio também he Christão. Assim consta de muitos lugares do Euangelho, em que os demonios confessarão a Christo por Filho de Deos. Em que são logo peyores os demonios que os homens, em que são peyores que muitos Christãos? Por ventura nas obras? Ainda mal porque são tão semelhantes. O demonio

com a sua fé he soberbo; & tu Christão com a tua não só es soberbo, mas a mesma soberba: o demonio sente mais os bens alheios, que as suas proprias penas; & tu a enveja mais te atormenta, & abraza com as felicidades que vês em quem devias amar, que todos os males que padeces em ti mesmo: o demonio procura de roubar, & fazer cahir a quantos quer mal; & tu com o poder do teu officio, ou com a malignidade da tua informação, & do teu conselho, a quantos tens derrubado, & destruido? O demonio favorece os máos, & persegue os bons; & tu a quem persegues, & a quem favoreces, se os peyores, & os mais viciosos, porque servem, & ajudão os teus vícios, são os teus validos? O demonio he pay da mentira; & a tua adulação, o teu odio, & a tua ambição quando fallou verdade? Os teus enganos, as tuas artes, as tuas

nas, os teus enredos, que demonio houve já mais q̃ tam sutilmente os inventasse? Quantos peccados cõmettes tu em que o demonio nunca peccou, nem pôde? Elle não pecca nos excessos da gula, porque não come; nem no luxo, & monstrosidade das galas, porque não veste; nem nas intemperanças, & torpezas da sensualidade, porque he espirito: & tu escravo desse corpo vil a quantas baixezas destas abates a tua alma, q̃ Deos te deo igual aos Anjos?

543 Mais. E não sou eu o que o digo, senão o mesmo Santiago na ultima clausula que nos resta por ponderar. *Dæmones credunt, & contremiscunt*: Os demonios crem em Deos, & tremem d'elle; & tu Christão com a tua Fé cres em Deos, mas não tremes, nem temes. Grande lastima, & miséria he q̃ atè o demonio te possa servir de exemplo não só neste mundo, senão no mesmo inferno. Neste

mundo, sendo mayor o poder do demonio que o de todos os homens, nenhum demonio faz todo o mal que pôde. A Job tirou a fazenda, matou os filhos, martyrizou a pessoa com tam exquisitos tormêtos; mas nenhuma cousa fez sem licença de Deos. E quantas fazem, & cõmettem os Christãos não só sem licença, mas vedadas pelo mesmo Deos, estendendo os poderes q̃ não tem, & executando o que não podem? Vamos ao inferno. Alli atormentão os demonios os condenados, mas a todos conforme o merecimento de cada hum, sem perdoar, nem estender o castigo, não digo em hũa faísca do fogo, mas nem em hũ só átomo: & a justiça humana com Fè de Christã, a quantos culpados absolve, & a quantos innocêtes cõdena? Pois se os demonios neste, & no outro mundo tam observantes são das leys de Deos, porque crem nelle, & tremem d'elle, nós que

o cremos com melhor Fé, porque não tememos, nê trememos de o offender? Apertemos bem este ponto. Cres, Christão, , que has de morrer? Creyo. Cres que no dia do Juizo, & antes daquelle dia te ha Deos de julgar na hora da morte? Creyo. Cres que se fizeres boas obras, has de ir ao Ceo, & gozar de Deos por toda a eternidade; & se as fizeres más, por toda a mesma eternidade, & sem fim has de arder no inferno? Creyo. Pois se cres todas estas verdades, & os demonios crem, & tremem, *credunt*, & *contremiscunt*; tu porque não temes, & tremes de offender a Deos? Dá cá a razão: *Quare, quare?*

544 A razão verdadeira nenhum entendimento a pôde dar, porque a não ha. A falsa, & aparente, por mais que nós nos queiramos enganar, todos a vemos, & experimentamos. O que cre a Fé, he o futuro, o que leva apos si a vida, he o

presente: & pôde mais comnosco o pouco, & breve presente, que o muito, & eterno futuro; porque o presente consideramolo ao perto, & o futuro ao longe. As Estrellas do Firmamento todas são muito mayores que a Lua, & cõtudo a Lua parecenos mayor, & faz em nós continuos, & mayores effeitos, porque as Estrellas estão longe, & a Lua perto. Assim nos acontece com as cousas do outro, & deste mundo. As do outro mundo, que são as que cremos por Fé, representamolas ao longe; as deste, porque as pôde conseguir a vida, parecenos que estão perto, & no erro destas medidas se enlea, & nos perde o nosso engano. Mas dando que a falsa apprehensão deste longe, & deste perto fora verdadeira; ainda a nossa conta seria muito errada; porque o certo, posto que ao longe, sempre esta mais perto que o duvidoso. O duvidoso as mais vezes falta; o certo, ainda

ainda que tarda , sempre chega ; & assim como todas as cousas da Fè são certas , assim todas as da vida são duvidosas.

545 Para mim não quero mais que esta razão. Os que se não satisfizerem della , ouçam outra mais clara , & mais sensível. As cousas da outra vida estão tam longe de nós , quam longe está a morte : as cousas desta vida estão tam perto de nós , quam perto nós estamos de as alcançar : nós corremos apos ellas , a morte corre apos de nós : & quantas vezes nós alcança primeiro a morte , do que nós as alcancemos ? Chegando a este ponto , & reconhecendo com os olhos os lugares desta Real Capella ; naquella (que depois dos Altares he o mais sagrado) com horror do que hey de pronunciar , nam vejo depois de tam breve ausencia o que alli costumava ver. Viaõ-se alli dous Soes ; hum levantado ao Zenith , outro pou-

co distante do Oriente ; hum coroadado de rayos , outro a quem tinha destinado a natureza , & promettia a esperança a mesma Coroa. E quem havia de imaginar que este chegasse primeiro ao fim , & se escondesse no Occaso ? Cuidavamos que o nosso grande David , tam ousado , tam valente , & tam venturoso contra o Gigante , depois de pendurar a vitoriosa espada no Templo da Paz , & ferrolhar as portas de Jano , entregasse o cetro laureado ao que já naquella idade era Salamaõ. Mas que he delle ? Elle subio aonde o levava a vida , que sempre concordou com a Fè ; & nós ficamos chorado em perpetua saudade o engano de medirmos os seus annos com os nossos desejos , & os espaços da sua vida com os da nossa esperança. Se retratássemos em hum quadro a figura deste enigma , veríamos , que em differêtes perspectivas os escuros faziaõ os longes , &

& os claros os pertos. Mas se chegassemos a tocar cõ a mão a mesma pintura, acharíamos que toda aquella diversidade, q fingem as cores, não he mais que huma illusão da vista, & hum sonho dos olhos abertos, & que tanto o remontado dos longes, como o visinho dos pertos tudo tem a mesma distancia. Aquelle necio do Evangelho: *Stulte*: por isso era necio, porque quando a sua falsa esperança lhe promettia tantos annos, quantos eraõ os bens, com que o tinha enganado a fortuna: *Multa bona in annos plurimos*; nem os bens haviaõ de ser seus, senaõ

alheys, nem os annos haviaõ de ser annos, ou dias, ou hum só dia, senaõ os brevissimos instantes da mesma noite, em que isto imaginava: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.* Assim empresta as vidas o Senhor dellas até o preciso, & occulto termo da sua Providencia: para q acabemos de nos desenganar quã erradas são as contas dos que fomaõ os futuros, pelos presentes: & q sãõ sãõ sezudos, & sabios os que não medem a vida com a esperança, mas trataõ só de a cõcordar cõ a Fè, em que consiste a eterna.

Ibid. 24



S E R M A M
D A S D O R E S D A

Sacratissima Virgem

M A R I A,

Depois da morte de seu benditissimo Filho;

Em Lisboa, na Igreja de S. Monica, & a Religiosas de
Santo Agostinho. Anno de 1642.

Dolores inferni circumdederunt me. Psalm. 17.

§. I.

547



E as dores in-
côsolaveis po-
dem ter algũa
consolação, &
alivio he a se-
melhança, ou companhia
de outrem, que as padeça
iguacs. Assim o poz em

proverbio o cômun sen-
timento dos homens, pos-
to q̃ deshumano em par-
te. Levado deste pensa-
mento o Profeta Jeremias
com os olhos neste mes-
mo dia, & nesta mesma ho-
ra, em que estamos, & cô-
siderando os extremos da
dor, com que a espada de Si-

Simeão trespasou a alma da Mãe de Deos na morte lastimosissima de seu Filho; em nome da mesma Senhora, & em figura da Cidade de Jerusalem cuberta de luto, pergunta a todos os que passavaõ à vista do Monte Calvario, se todos, ou algum delles viraõ alguma hora dor semelhante à sua: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte si est dolor similis sicut dolor meus.* E como ninguém respondesse, nem pudesse satisfazer a pergunta do Profeta, na suspenção deste silencio voltou elle para dentro de si a mesma pergunta, & poz-se a considerar comfigo a q̃ creatura de quantas abraça o Universo (entrando tambem na comparação as insensiveis) compararia a grandeza daquella dor: *Cui comparabo te? vel cui assimilabo te, filia Jerusalem? vel cui exæquabo te, & consolabor te, virgo filia Sion?* E como não achasse a sua imaginação cousa

Tom. I I.

alguma nem de mayor grandeza, nem de mayor amargura, que o mar, em fim se resolveo, que só no mesmo mar podia achar a semelhança, & na mesma semelhança a consolação, que buscava: *Magna est velut mare contritio tua.* Ibidem.

548 Assim disse Jeremias; mas sendo hum tam grande Profeta, & o mais exercitado em casos lastimosos, & tristes, disse pouco. O fel he mais amargoso que o mar, & o fel, que a Senhora viõ dar a seu Filho naquella ardentissima sede, foy huma pequena parte das suas amarguras. E posto que o mar seja hum elemento tam vasto, & tam immenso, em que huma onda sobre outra onda, todas quebrando naquelle lastimado coração, tinhaõ alguma semelhança com os golpes repetidos, & com a immensidade da sua dor; muito mayor, mais alto, & mais pezado era o pégo sem fundo da sua pena, como aquelle, cuja tempestade

Ff

Pl. 68.3

tade subio acima do Ceo , & em cujas ondas chegou a naufragar ; & affogar-se o mesmo Deos: *Veni in altitudinem maris, & tempestas demersit me.* Supposta esta verdade , & havendo nós hoje de vadear de algum modo o diluvio incompreensivel das dores da Virgem Mãy na consideração da morte de seu Filho ; não lhe achando comparação, ou semelhança nem no mar , nem na terra : aonde a irey buscar ? Seguindo os passos da mesma dor , adverti , q a alma da Mãy seguia a do Filho ; & que a do Filho descia ao inferno : *Descendit ad inferos.* E por ventura descendo Christo ao inferno, padeceo as penas, que lá se padecem ? Não : antes as desfez , como diz S. Pedro : *Solutis doloribus inferni.* Supposto isto, já achey o que buscava. O Filho, no inferno sem dor , a Mãy neste mundo com dores, a que se não acha comparação ? Logo o Filho , & a Mãy nella

Act. 2.
24.

hora partirão entre si o inferno : o Filho descendo ao lugar , & a Mãy padecendo as dores : *Dolores inferni circumdederunt me.* Este será o meu assumpto, que em tempo tam breve como o sinalado , só sendo tam extraordinario podia ser grande. E posto que o nome de inferno pareça medonho , a propriedade da mesma cóparação lhe tirará o horror.

§. II.

549 **F** *Ortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus emulatio*, disse profeticamente Salamaõ fallando do Esposo , & da Esposa , isto he , Christo , & sua Mãy. Poem de hũa parte o amor , & da outra a emulação competindo-se : & por extremos da cópetencia da parte do amor a morte , & da parte da emulação o inferno. E quaes serão os competidores ? Os que já dissemos. Da parte do amor o Filho, que chegou a mor-
rer

rer por amor dos homens: & da parte da emulação a Mãe, que vendo o Filho morto, chegou a padecer por elle as dores do inferno. De forte que comparando a fortaleza do amor com a dureza do inferno, no sepulchro do Filho se pôde escrever por epitafio: *Fortis est ut mors dilectio*: & no coração da Mãe por trofeo: *Dura sicut infernus emulatio*. Dos extremos do amor forte como a morte prégaram hoje todos os pulpitos: dos extremos da dor dura como do inferno hey de fallar eu agora: & peço attenção.

550 Duas penas se padecem no inferno: a pena de dano, & a pena de sentimento. A pena de dano consiste na ausencia de Deos. E começando por esta: tal foy a primeira pena da dor de Maria. As outras ausências, ainda q̃ sejaõ de quem muito se ama, são penas desta vida: só a privação, & ausencia de Deos he pena como a

que no inferno, por antonomasia da perda, se chama pena de dano. Privação era a que Deos considerou em Adam, quando disse: *Non est bonum esse hominem solum*. Privação foy a que considerou Jacob em Benjamin pela morte de seu irmão, quando disse: *Et ipse solus remansit*. Mas como as penas, & as ausências eraõ semelhantes a companhia, de que hum se via faltar, & outro privado, não mereciaõ o nome de dano, que só por excellência se deve à privação da companhia, & vista de Deos, qual era a que a Senhora padecia nesta hora privada da presença, & vista de hum Filho, que juntamente era seu Filho, & seu Deos.

551 Disse o Ladrão a Christo: *Domine memeto mei*. E o Senhor lhe respondeu: *Hodie mecum eris in Paradiso*. Pois como, in Paradiso, se Christo no mesmo dia desceo ao inferno, & lá o achou o Ladrão, quando pouco de-

pois espirou? Christo no inferno, & o Ladrão no inferno naquelle dia, & tambem nós dous seguintes, & diz-lhe Christo, Hoje estarás comigo no Paraíso? Sim, & por isso mesmo. Nam vedes que disse Christo ao Ladrão, que estaria com elle: *Mecum eris*? Pois por isso acrescenta tambem, que estaria no Paraíso; porque estar cõ Christo em qualquer lugar, ainda que seja no inferno, he estar no Paraíso. O *in Paradiso* foy consequencia do *mecum eris*. E se a gloria de estar com Christo no inferno faz do inferno Paraíso, vede se a pena de estar sem Christo neste mundo faria do Paraíso inferno? A presença, ou ausencia de Deos he a que faz o inferno, ou o Paraíso, & nam os lugares. O inferno começou no Ceo, quando os Anjos foraõ privados da vista de Deos: & o Paraíso começou no inferno, quando os Santos Padres virão lá a Christo. E esta

era a differença, em que os olhos, & coração da Senhora se vio nesta hora.

552 Se aos Bemaventurados lhes faltasse o lume da gloria, ainda que ficassem no Ceo os mesmos Bemaveturados, deixarião subitamente de offer, & começarião a padecer a pena de dâno, que he a privação da vista de Deos Isto mesmo lhe succedeo hoje à Virgem: *Et lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecum*. Faltoulhe o lume de seus olhos; & nesta privação da vista de seu Filho, & seu Deos padecia huma pena em tudo semelhante à pena de dâno. Comparay aquelle *mecum eris* cõ este *non est mecum*; & assim como alli tirou Christo por consequencia o Paraíso, assim aqui devemos nós tirar pela mesma consequencia o inferno.

Oh que profunda conferencia faria a Senhora sobre este *Et ipsum non est mecum*! Lembrada de quando lhe disse o Anjo:

Do-

Dores da Sacratissima Virgem Maria. 475

1. *Dominus tecum* : Então (diria) ainda que me annunciassse Gabriel, q̃ meu Filho havia de remir o mundo, & eu sabia bem q̃ havia de ser por morte de Cruz; como me disse, que elle estava, & havia de estar comigo, tudo se me fazia leve. Quando outra vez nos veyo annunciar o desterro do Egypto, como disse, *Accipe puerum, & matrem ejus*: nelle, & com sua companhia se me faziaão faceis todas as perseguiçoens, & todos os trabalhos. Huma vez o perdi com dor quasi semelhante a esta; mas então tive liberdade para o buscar, & achallo: agora que entre mim, & elle está em meyo toda a terra, que remedio pôde ter a minha dor? Facilmente me resolveria a fazer o que disse Jacob na morte de Joseph, tanto menos desconsolado, quanto vay de filho a filho: *Descendam ad filium meum lugens in infernum*. Mas esta graça de acompanhar a meu filho na

Tom. II.

morte, não quiz elle, que eu a tivesse. Em fim só isto tem menos de inferno a minha pena, que he conformarme com a sua vontade.

553 Porèm se nisto era menor a pena da Senhora, que a pena de dāno, que no inferno se padece; em outra circumstācia a excedia muito, que era a do amor. A pena de dāno do inferno he sōmente carecer da vista de Deos; mas não da vista de Deos amado; porque os que no inferno padecem esta privação, tam longe estão de amar a Deos, que antes o aborrecem furiosamente. E se a privação de Deos ainda que aborrecido he a mayor de todas aquellas penas; qual será a privação do mesmo Deos sumamente amado? Amava a Senhora incomparavelmente mais que todas as mãys a seus filhos; amava incomparavelmente mais que todos os Bemaventurados a Deos. Vede que pena seria a sua na privação

Ff iij ção

ção da presença, & da visita de hum Filho Deos? *Dura sicut infernus æmulatio.*

§. III.

554 **M**As porque este genero de pena excede toda a comprehensão humana; passemos à segunda, q̃ he a pena de sentido. As penas de sentido no inferno são muito differentes de todas as que se padecem nesta vida; porque as desta vida padecem-se em tempo successivamente, & por partes, & as do inferno padecem-se na eternidade, que he duração indivisivel, & simultanea; & assim não se padecem humas depois da outra, senão todas juntas. Esta mesma differença tiverão as penas da Senhora nesta hora comparadas com as suas, & as de seu Filho na Paixão. Na Paixão primeiro se padecerão as injurias da prisão, depois os açoitados da coluna, depois os espinhos da coroação, &

ultimamente os cravos, & a Cruz. Porém nesta hora padecco-as a Senhora todas juntas.

555 Assim o disse a mesma Senhora por boca da Alma Santa: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* A myrrha como tam amargosa foy figura da Paixão de Christo; & como tal offerecida a elle nos mysteriosos dons dos Reys do Oriente. Pois porque diz a Senhora, que para ella, *mihi*, & não para seu Filho, foy a Paixão hum feixe de myrrha? Porque Christo na sua Paixão padecco os seus tormentos divididos; & a Senhora depois della, & na sua consideração padecco-os juntos. Elle divididos em diversos tempos, & partes do corpo; ella juntos no mesmo tempo, & no mesmo coração. O odio dos inimigos de Christo por mais cruel que fosse, não o pode atormentar senão por partes: & assim como o Senhor padecco todos

Dores da Sacratissima Virgem Maria. 477

os tormentos successivamente, & divididos; assim tambem a Mãy, quando o feguiu, & acompanhava. Porém depois da sua morte, só sem elle, & comfigo considerava tudo o que naquelle dia tinha passado. Alli se atirão, & unirão todos os tormentos da prisaõ, dos açoutes, da coroa, da Cruz, dos cravos, da lança, & de todos os outros tormentos, & se fez hum composto de penas, que sendo cada hũ insofrivel, & immenso para a dor, cabia todo junto dentro do coração, & entre aquelles sagrados peitos, que em differente cor havião dado ao Filho o mesmo sangue, que derramou: *Inter ubera mea commorabitur.*

556 E para que se veja quanto mayor força tinha esta apprehensão, & comprehensão de toda a Paixão por junto, para atormêtar a alma da Mãy; vejamos os effeitos, q̃ fez na alma do Filho. Estando Christo no Horto, foy

tal o temor, o horror, & a tristeza, que concebeo dos tormentos de sua Paixão, que tres horas inteiras postrado por terra pediu a seu Eterno Pay o absolvesse della: *Transcat à* Matth. 26.39. *me calix iste.* E finalmente vendo,

que não era possível segundo os decretos Divinos, foy tal, & tam estranha a sua agonia, que fuou copioso sangue, & foy necessario que viesse hum Anjo a confortallo. Neste ponto entrou o Senhor a padecer os mesmos tormentos, & todos soffreo com admiravel paciencia, & constancia, sem escusa, sem se lhe ouvir palavra, sem anticipar o sangue às feridas, & sem que homem da terra, nem Anjo do Ceo o animasse; antes vendo que se acabavão, disse: *Sitio*: não tanto pela sede, que o atormentava, como pela sede, que tinha de mais padecer. Pois se agora padece com tanto valor, alegria, & magnanimidade, sendo estes tormentos não ou-

tros , senão os mesmos , que antevia , & considerava no Horto ; porque então lhe causarão tão horror , & lhe parecerão , & verdadeiramente erão tão intoleraveis , & infofriveis , & agora não ? Porque então estavam todos juntos na apprehensão , & agora divididos no sofrimento : *Transêat à me calix iste* : então estavam todos os tormentos juntos em hum caliz , & este mesmo composto de todos os ingredientes da Paixão , que depois bebidos por partes erão muito inferiores à sua paciência , & valor ; unidos todos , & representados por junto , à mesma paciência , & valor erão insupportaveis , & infofriveis. Tal foy a differença dos tormentos , que agora padecia a Senhora , aos que tinha padecido ao pé da Cruz. Estes forão como os que Christo padecio no Calvario , aquelles como os que padecio no Horto : estes dividi-

dos , & por partes , como tormentos desta vida ; aquelles todos juntos , & & sem successão , como os da eternidade , & do inferno : *Dura sicut infernus emulatio*.

558 Finalmente , para que lhe não faltasse a circumstância de dureza , & rigor semelhante à do inferno ; notay , que sendo tam grandes , não bastarão a lhe tirar a vida. Forão tam excessivos os tormentos da Virgem na Paixão de seu Filho , que diz S. Bernardo , que se se repartissem por todas as creaturas viventes , bastariam a tirar a vida a todas. Mais. Era tam grande o amor da Senhora , & o affecto ternissimo , com que desejava não se apartar da presença , & vista de seu Filho , que teria por grande beneficio ou morrer , para que elle não morresse , como dizia David na morte de Absalaão ; & já que isto não pudesse ser , ao menos morrer juntamente com elle. Pois

Dores da Sacratissima Virgem Maria. 479

se a Senhora desejava tanto a morte, & os tormentos erão bastantes para lhe tirar mil vidas; porque não morreo entre suas penas? Porque esta he a propriedade dos tormentos do inferno: *Dura sicut infernus æmulatio*: não só dura, porque atormenta duramente; senão também, porque atormentando, endurece a quem atormenta, & matando, immortaliza para sempre matar. Nesta vida temem os homens a morte, & todos andão fugindo della: no inferno pelo contrario, todos desejão morrer, & a morte foge de todos: *Fugiet mors ab eis*. Eis-aqui qual foy a dureza, & o rigor dos tormentos, & penas da Mãe de Deos depois da morte de seu Filho. A de dâo, & a de sentido, ambas como as do inferno, em a atormentar, & ambas como as do inferno em lhe não darem a morte.

559 Esta foy aquella grãde maravilha, que vio

Moyſes no deserto de Madian: *Vadã, & videbo visio-* Exod.3.
*nẽ hanc magnam; quare non
comburatur rubus.* O fogo desta vida consome tudo o que abraza: o fogo do inferno abraza, & não consome. E que Sarſa era a que assim ardia, senão a que foy representada nella? & nunca com tanta propriedade como nesta hora, toda espinhos, toda tormentos, & toda dores; mas toda ardendo em hũ fogo, que devendolhe tirar a vida, para mayor continuação do sentimento, a conservava viva, & immortal. O fogo do amor, & dos tormentos de Christo, foy cõmo fogo da terra, que lhe tirou a vida: *Fortis est ut mors dilectio*: o fogo do amor, & tormentos de Maria, foy como fogo do inferno, q̃ a endureceo cõtra a morte: *Dura sicut infernus æmulatio*. Este foy o cerco, em que aquellas dores puzerão a mayor, & mais angustiada alma, tão apertado, que o não podia

dia sofrer a vida , & tam
fechado , que o não podia
aliviar a morte : *Dolores*

infernī circumdederunt me.

560 Mas o que nam
puderaõ declarar as mi-

nhas palavras , veção ago-
ra os olhos naquella pie-
dosa Imagem viva sem vi-
da , & morta sem poder
morrer : *Vadam , & vide-
bo visionem hanc magnam.*





SERMAM

DE

ACÇAM DE GRAÇAS PELO
felicissimo nacimiento do novo Infante , de
que a Magestade Divina fez mercè às de
Portugal em 15. de Março de 1695.

*Eccè hæreditas Domini, filij ; merces, fructus
ventris. Psalm. 126.*

§. I.



Uando as mer
cès, & favores
da Providência,
& benignida-
de Divina são
tam singulares , que os fa-
vorecidos se avêtajão com
grande excessõ aos que o
não são ; para que as mes-
mas mercès se recebão cõ

a estimacão que merecê ;
quer a mesma Providência,
que nõs cõsideremos nel-
las não só a quem as faz
Deos , senão tambem a
quem as não faz. Todo o
Psalmo 147. gasta o Pro-
feta Rey em referir co-
piosamente os favores , &
privilegios particulares ,
cõ que Deos ennobrece o
povo , que naquelle tẽ-
po

po chamava seu; & a clausula com que pôz o sello à narração destas mercês, foy dizer, que as não fez taes a algũa outra nação:

Pf. 147.
20.

Non fecit taliter omni nationi. Abel, & Caim ambos offerecerão sacrificio ao Creador, & a maioria, & excesso do agrado, cõ que os olhos Divinos aceitarão o de Abel, consistio na exclusiva de hum Não, com q os não poz no de Caim: *Respexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus, ad Caim verò, & ad munera illius non respexit.* Assim

Gen. 4.
4.5.

elegeo a Divina Magestade em Israel o Tribu Real de Juda, & a excellencia, & soberania desta eleição, com que ficou mais acreditada, & mayor? Com outro Não do mesmo Deos, que não elego o Tribu de Efraim, posto q comprehendia dez Tribus: *Elegit Tribum Juda, Tribum Ephraim non elegit.* Finalmente S Paulo querendo encarecer, & subir de ponto a mayor obra do amor, & Omnipotencia

Pf. 77.
67.68.

Divina, que foy a Encarnação do Verbo, diz que não resplandeceo só em Deos se fazer homem, mas sendo nove os Choros dos Anjos, em não se fazer Anjo: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abraham apprehendit.* Assim pezou a balança, & assim avaliou o juizo de S. Paulo o que fez Deos a huns', pelo que não fez a outros: o que fez, & concedeo aos filhos de Abraham, pelo que não fez, & negou às Jerarchias do Ceo.

562 Mas aonde caminha este meu discurso? E aonde o leva a verdade desta altissima Providencia? Debaixo della caminhava o meu pensamento em direitura a Lisboa, para me achar presente às festas Reaes da nossa Corte, pelo felicissimo nascimento do novo Principe, que Deos nos deo, & Deos nos guarde: & como tal vez succede aos navios, q partem de cá, não sey que vento me derrotou a outro porto de Espanha.

Achci-

Achei-me logo na Corte de Madrid, à qual cõ muito verdadeiro coração desejára eu tambem ver divertida nos regozijos, que lá chamão, de semelhan-te felicidade à nossa. Mas lastimado de ver o seu silencio, & orfandade, comecei a dizer dentro em mim: He possível que a Portugal dá Deos tam multiplicados filhos, & ao resto de Espanha na união de tantos Reynos, nem hũ só filho? Assim he, Bahia: assim he, Lisboa: assim he, Portugal; para que no espelho desta differença, & em huma Monarchia tam grande, & tam visinha, cõsiderando o que Deos nos faz a nós, & não faz a ella; considerando o que a nós nos sobeja, & a ella falta; considerando o que Deos tam liberalmẽte nos concede, & o mesmo Deos por seus occultos juizos lhe nega; conheçamos na mercè presente, sobre as passadas, quam devedores fomos à Providencia, & benignidade Divina.

563 Ainda se não aquieta a minha admiração, & a minha confusão juntas. De todos esses Reynos tão fieis, & Catholicos não estão continuamente subindo ao Ceo tantas orações, & sacrificios? Todos elles não têm no mesmo Ceo tantos Santos, tantos advogados, & intercessores? Qual he logo a causa desta differença, ou preferencia tam notavel, tam sensivel, & por suas consequencias tam dura? No meyo desta suspensão abri o livro dos Oraculos de David, & nas palavras, que propuz, me mostrou elle com o dedo não só huma, mas duas causas, ambas fundamentaes, & certas de tam admiraveis effectos. *Ecce* ^{Ps. 126.} *hereditas Domini filij, merces, fructus ventris.* ^{3.} *Ecce,* eis aqui Portugal, de que fallamos: & este Reyno não he a herdade de Deos, *hereditas Domini*? Sim. E a herança dessa herdade nam he dos Reys Portuguezes? Tambem. Pois essa

esta he a causa de Deos a confirmar, & estabelecer com tantos filhos herdeiros : *Ecce hereditas Domini, filij.* Mais. Não disse Deos, que na decima-sexta geração do Reyno de Portugal attenuada, poria nelle os olhos de sua misericordia, & olharia, & veria : *Respiciam, & videbo?* E eu não demostrey na occasião passada, com o texto de Anna mãy de Samuel, que o olhar, & ver de Deos, he dar filho, & filho varão : *Si respiciēs, videris, dederisque servae tuae sexum virilem?* Pois estas são as vistas de Deos repetidas. Olhou Deos, & vio a primeira vez, & deo-nos o primeiro Principe : olhou, & vio a segunda, & deo-nos o segundo : tornou a olhar, & ver, & deo-nos o terceiro ; & agora o'hou, & vio finalmente, & deo-nos o quarto. E esta he a primeira causa dos filhos.

1. Reg.
I. II.

564 A segunda está também apontada com o dedonas palavras seguin-

tes : *Mercēs, fructus ventris*: que o fruto da fecundidade o dà Deos por premio, & paga do merecimento dos mesmos pays. Assim o entendem literalmente todos os Expósitos : *Fructus ventris, id est fecunditas prolium, est merces, & premium iustitiae ipsorum.* Deforte que a fecundidade dos filhos da parte de Deos he a promessa hereditaria, có que Deos se obrigou aos Reys de Portugal, a qual pertence tanto aos passados, como aos futuros : & a mesma fecundidade da parte dos Reys he o premio, & a paga dos merecimentos, com que os mesmos Reys servem, & obrigão a Deos, a qual só pertence aos presentes. Torneo a dizer, Só aos presentes : & não he lisonja. Porque ? Porque de quantos puzerao a Coroa de Portugal sobre a cabeça, não houve hum par, a que tao propriamente pertenceste esta paga, como as duas Magestades do Rey, & da Rai-

Rainha, que a Providencia Divina nesta era unio, & nos deu por Senhores. Ouçamos a Deos, quando nos deo a Coroa. Disse Deos, que fundava o seu Imperio em Portugal, por ser singular na Fé, & na piedade, *fide purum, pietate dilectum*. E em que par, ou parelha dos nossos Reys se virão tam concordes em grao sublime a Fé, & a piedade, como a Fé no segundo Pedro, & a piedade na segunda Isabel. Quanto ao zelo da Fé del Rey, que Deos guarde, diga o o anno presente no mar, & na terra: no mar Nao para Guiné com hum Principe bautizado em Lisboa a conquistar novos Reynos para a Igreja na Africa: Nao para a China a unir à mesma Igreja já aberto o mayor Imperio da Asia: Nao para o Maranhão, & immenso Rio das Almozinas, a converter a mayor Gentilidade da America: & todas estas Naos nam guarnecidas de Soldados

a dominar novas terras; mas cheas, & carregadas de Mestres, & Missionarios Apostolicos para escalar o Ceo, & o povoar de almas. E quando todos estes lenhos cortados das raizes da Cruz vão fulcando as ondas, já na terra em varios Noviciados, & Seminarios ficarão plantados, & crescendo outros discipulos, que succedaão àquelles Mestres, todos sustentados a grandes despezas do mesmo Rey, abertos os seus thesouros, & sem limite, nos erarios Reaes. Se este Pedro fora o primeiro Pedro, a quẽ Christo disse, *Pasce oves meas*; não pudera fazer mais, como verdadeiramente não fez, quanto à extenção do mundo. Jacob, & Laban dividiaão, & marcavaão as ovelhas pelas cores, & as ovelhas do nosso Pedro sem distincção, ou exceção de cor, fãão de todas aquellas cores, quantas pintaraão os rayos do Sol no Mapa universal do genero humano.

E

E quando este zelosíssimo, & Apostolico Rey se emprega todo, & emprega tudo em acrefcêtar filhos, & mais filhos à Igreja, como podia Deos faltar em lhe dar filhos?

565 Da Fé do Rey, *fide purum*, passemos à piedade da Rainha, *pietate dilectum*. He admiravel prerogativa neste singular composto de corpo, & alma tanta piedade, & santidade junta com tanta fecundidade. Sára foy Santa, mas esteril Sára: Isabel foy Santa, mas esteril Isabel: Anna da Ley Antiga, Santa, mas esteril Anna: & a Anna precursora da Ley da Graça, mais que todas Sára, mas igualmente esteril. Em todos estes exemplos porêm, como a esterilidade estava junta com a santidade, não podia a mesma santidade deixar de fazer a esterilidade fecunda. Assim foy em todas. Sára primeiro esteril, mas, como era Santa, depois tam fecunda, que deo a Abra-

ham Isaac, & nelle a mayor descendencia: Isabel primeiro esteril, mas depois, como era Santa, tam fecunda, que deo a Zacharias o mayor dos nados: Anna, a da Ley Antiga, esteril, mas como Santa, tam fecunda, que deo a Elcana Samuel, & tantos outros irmaãos: Anna finalmente nas vesporas da Ley da Graça, Santíssima, & igualmente esteril, mas quanto mais Santa que todas, assim excedeo tanto a todas em fecundidade, que deo a Deos não menos que aquella Mãe, de quem o mesmo Deos se fez Filho. Sendo pois o Rey tam singular no zelo da Fé, & a Rainha na devação, & piedade; já Deos em premio, & paga destes reaes, & divinos obsequios, lhe devia, & tinha promettido não hum só filho, senão a successão de muitos: *Ecce hereditas Domini, filij, merces, fructus ventris.*

566 A esta proposta do rhema, mais larga do q
cu

eu quizerá, segue-se tallar com-nosco, & ponderar o que nestas mercês se encerra, para darmos a Deos as devidas graças. E porque nós não podemos dar graças a Deos, sem Deos nos dar a sua; peçamola por intercessão daquelle Senhora, que he Mãe do mesmo Deos, & da mesma graça. *Ave Maria.*

§. II.

Ecce hereditas Domini, filij, merces, fructus ventris. Psalm. 126.

567 **P** Latao, & antes delle Homero ou considerarão, ou fingirão; que no mundo racional havia, ou devia haver tres Graças. Elles, & os outros Gregos, & depois os Romanos, as pintarão em figura de outras tantas donzellas fermosas, & rissonhas, as quaes dandose as mãos entre si, fazião hum circulo perfeito. O officio da primeira Graça era fazer, ou dar as mercês: o da segun-

da, aceitá-las: o da terceira, agradecellas. Este mesmo numero, & ordem determino seguir no que differ.

568 Começando pela primeira Graça, à qual dissemos que pertence fazer as mercês, & distribuilas; na presente materia do nascimento dos filhos, em que estamos, parece q̃ contra este privilegio da Graça tem legitimos embargos a natureza. O nosso thema chama aos filhos *Fructus ventris*: & quem pôde negar á natureza serẽ estes frutos seus? Assim he; são os filhos frutos da natureza; mas não só da natureza, senão da natureza, & da graça; & muito mais da graça, que da natureza. Toda a natureza sem a graça nam pôde gerar hum só homem; & a graça sem homem, nem mulher creou o primeiro homem, de q̃ nacêrão todos. São a natureza, & a graça como aquellas duas famosas matronas Anna, & Rachel.

Ambas carecião de filhos, ambas os desejavão muito, & ambas os procurá-
rão por differentes cami-
nhos. A natureza por
boca de Rachel pedio os
filhos a seu marido Jacob:

Gen. 30
1.

*Da mihi liberos, alioquin
moriar:* Jacob, dayme fi-
lhos, & senão morrerey de
tristeza. Anna pelo con-
trario, que quer dizer
Graça, foy-se ao Templo,
fez oração a Deos, & pe-
diolhe com grandes instâ-
cias lhe dêsse fruto de bê-
ção. E como respõdê-
rão Deos a Anna, & Jacob
a Rachel? Deos a Anna
concedeolhe logo o gran-
de Samuel, & depois ou-
tros filhos: Jacob a Ra-
chel respondeo, que não

Ibid. 2.

era Deos: *Num pro Deo
ego sum?* Por ventura fou
eu Deos para vos dar fi-
lhos? Para ter filhos, não
bastaõ Jacob, & Rachel;
saõ necessarios Jacob, Ra-
chel, & Deos: Jacob, &
Rachel por parte da na-
tureza, Deos por parte
da graça. Os Hebreos an-
tigos tinhão hum prover-

bio muito discreto: dizião
que Deos reservára para
si tres chaves, a da gera-
ção, a do sustento, a da
resurreição: a da geração
no ventre, a do sustento
na chuva, a da resurreição
na sepultura. Porque ain-
da que Deos costuma re-
fufcitar poucas vezes, tão-
to depende do seu poder,
& de sua vontade o nacer,
como o refufcitar.

569 Este conhecimẽ-
to geral, & esta differença
da natureza, & da graça,
que he doutrina cõmun
para todo o mundo; se re-
passarmos com a memoria
o que os olhos virão, & já
não vem, no espaço de tão-
tos annos, (os quaes con-
tarey depois) acharemos
que forão hum defenga-
no, ou pregação da Provi-
dencia Divina aos Portu-
guezes: para que? Para
que o esquecimento das
desconfianças passadas, &
a alegria das glorias pre-
sentes não degenerem, co-
mo se pôde temer, em in-
gratidão. Lembrem-se os
que viviaõ então, & sai-
baõ

baõ os que não eraõ naci-
dos, quam duvidosa, & va-
cilante esteve a successão
da nossa Coroa ; & quam
desesperadas , & quasi
mortas as esperanças, que
hoje festejamos , tam co-
piosamente resuscitadas.
Já vimos, que o Reyno de
Portugal he a herdade de
Deos. As herdades dos
homens para produzirê,
& darem fruto, esperam
contingentemente , que as
regue a chuva do Ceo ;
porêm a herdade de Deos,
diz o Profeta , tem tal do-
minio , & imperio sobre
a mesma chuva, que usa ,
& se serve della todas as
vezes que a ha mister , a
arbitrio da sua vontade:

67. *Pluviam voluntariam se-
gregabis Deus hereditati
tuæ.* Mas esta mesma her-
dade , em quanto nossa,
para os frutos da succe-
ssão, *filijs, fructus ventris*,
estteve em todo aquelle tẽ-
po tam secca, & esteril, co-
mo se Deos se tivera es-
quecido de que era sua.

570 Assim trabalha-
vaõ por subir , & chegar

ao Ceo as nossas orações,
os nossos suspiros , & a
nossa necessidade , de bal-
de. Que meynos nam ele-
gemos, & emprendemos,
que logo se não desvane-
cessem ? Que caminhos
não acometemos , & a-
brimos, que logo se nam
fechassem ? Pela terra, pe-
lo mar, & pelo ar os bus-
camos ; & todos effes ele-
mentos se armáraõ contra
nõs, como se a terra se cõ-
vertesse em pedra , o mar
em regelo , o ar em tem-
pestade.

571 Dizia Salamaõ, q̃
na terra , no mar , & no ar
achára tres cousas muito
difficuldades para elle: *Tria* Proverb
30.18.
sunt difficilia mihi. Declará-

do logo q̃ tres cousas fof-
sem estas , continuou di-
zendo , que eraõ outros
tantos caminhos. Mas q̃
caminhos saõ , ou podem
ser estes para o mais sabio
dos homens difficoltofos?
Viam colubri super petram:
O caminho da serpente so-
bre a pedra, que não deixa
rasto. *Viam navis in medio
maris:* O caminho da Nao

Gg ij no

no meyo do mar , cuja esteira confundem logo , & apagaõ as ondas. *Viam aquilæ in Cælo* : O caminho da Aguia no ar , que ella rompe visivelmente , & elle invisivelmente se torna a unir , & fechar. Taes foraõ os caminhos , que intentamos para o reparo da successão do nosso Reyno. Primeiro apõtarey os que todos viraõ , depois direy o que poucos sabem. O que todos viraõ , por onde começamos, foraõ as vodas del-Rey Dom Affonso, elle felicissimo , & ellas pouco felices. Este foy o caminho da terra , como o da serpente, mais rasteiro , & arrastado do que à Magestade, & soberania da Coroa Portugueza era devido. A este se seguiu o do mar na Armada de Saboya tam enfeitada , que para lhe dourar atè os costados, fundio o Tejo todas as suas areas. Mas já eu disse naquella occasião , q̃ ainda voltou mais rica do que partira , porque nam

trouxe o que hia buscar. Atè qui o que todos viraõ. O que muitos não sabem, he o caminho da Aguia no ar , de que eu fallarey, não só como testemunha de vista, mas como quem lhe seguiu os passos.

572 Pelos annos de cincoenta , como ElRey Filippe Quarto não tivesse mais que huma unica herdeira a Princeza Maria Theresa de Austria , entenderaõ os juizos mais sesudos, antevendo as consequencias, que hoje daõ tanto cuidado, que devia casar dentro de Espanha. E diziaõ livremente, os q̃ de nenhum modo queriaõ que casasse fóra: Porque no tendremos un Rey con unos vigotes negros? Aos eccos destas vozes, ajudadas de outras intelligeneias secretas, intentou ElRey, que està no Ceo, solicitar o casamento para o Principe Dom Theodosio. E a este fim, debaixo de outros pretextos, me enviou a Roma com as instrucçoens, & poderes necessa-

cessarios , para que lá introduzisse , & promovesse esta pratica. Era Embaixador na Curia o Duque del Infantado, & Assistente de Espanha na Companhia o Padre Pedro Gonzalez de Mendoça seu tio, bom, & domestico interprete. O prologo desta negociação , sem o parecer, fazendome neutral, ou interessado (como verdadeiramente era) por ambas as partes , foy lamentarme de Religioso a Religioso, do muito sangue Espanhol, & Catholico, que se estava derramado nas nossas Fronteiras, triunfando , & fazendo-se mais poderosos os Hereges com aquella diversão. E dohiame juntamête de que as Cápanhas de Flandes pouco antes pacificadas se havião de passar a Espanha , & que aquella guerra seria tanto mais perigosa, quanto mais das portas a dentro. Sobre esta primeira pedra do temor tão bem fundado, em outra cõversação do mes-

mo Assistente , na qual se achavão dous grandes sugeitos tambem Castelhanos da Companhia , Velasques, & Monte Mayor, (os quaes já erão da minha opinião) vindo à pratica o casamento da Princeza em Hespanha , disse eu : Se as cousas estiverão no estado antigo , pouca duvida podia haver na eleição do esposo. O sangue Real da Casa de Bragança he o mais unido à mesma Princeza; porque ella, & o Duque de Barcellos são netos dos mesmos avós, & elle sobre tudo , pelas virtudes, & qualidades pessoaes , merecedor do mayor Imperio , como reconhecido, & celebrado no mundo pelo Principe mais perfeito de toda Europa. Todos assentiram com applauso a huma, & outra preferencia, do sangue, & da pessoa , como ambas sem controversia. E eu então , concedida esta evidente premissa, tirey da bainha o meu argumento , & lhe apertey os

punhos com todas as forças, dizendo assim : Pois se o Primogenito de Bragança só como Duque de Barcellos, & filho de seu pay, he o mais digno de toda a Espanha, para que a Princeza lhe dê a mão; quanto mais no estado presente, trazendo comigo por dore a Portugal, & tudo o que Portugal possui em ametade do Mundo? Dizer, que tudo isto se ha de reconquistar, he pensamento fundado só no desejo; porque tendo mostrado os Portuguezes, que elles por si sóz se podem defender, he certo que os emulos de Espanha os hão de assistir, & ajudar, como fizerão a Holanda, invencivelmente. Mas quando a côtraria apprehensão tivesse algũa probabilidade, quanto sangue se havia de derramar, quantos thesouros se havião de dispendar, quantos annos se havião de esperar os fins dessa contingencia? Não he melhor, & mais seguro conselho, assim co-

mo tudo se perdeu em hũa dia, recuperar tudo em hũa dia sem golpe de espada? Por ventura foy mais decente a paz com os Olandezes, dandolhes o dominio de sete Provincias, do que será a paz cõ os Portuguezes, não lhes dando cousa alguma, mas recebendo de contado quanto possuem dentro, & fóra do Reyno? Onde se deve muito notar, que o que he Portugal só dentro em si, são partes, & membros da mesma Espanha, com que ella, & a Monarchia se tornará a repor na sua total inteireza. Finalmente com esta reunião, & Portugal restituído, ficará Espanha em muito mais poderoso, & florente estado, que quando o tinha fugeito. Porque ella agora o tem cingido, & sitiado com os seus Exercitos, & elle se defende com os seus em hum cerco de cento, & cincoenta legoas cõ Soldados tam valentes, cõ Capitaes tam experimentados, com Cabos tam famosos

mosos de huma, & outra parte : & todas estas armas juntas, as suas, & as nossas, no mesmo dia seriam suas, & Espanha ficaria tam estabelecida, tam forte, & tam formidavel, que seja o amparo dos amigos, a reverencia dos neutraes, & o terror de todos seus inimigos. Até-qui ouvião mudos os circunstantes, olhando huns para os outros. E murmurandose a verdade destas razoens até chegarem às melhores cabeças da facção Espanhola, erão geralmente approvadas, & com muito particular empenho no voto do Cardenal de Lugo em tudo Eminentissimo. Mas como a questão se havia de decidir não no juizo do Capitolio Romano, senão em outro muito distante, onde a dor, & a ferida estava ainda fresca, & o progresso das nossas armas não tinha amadurecido as verduras do pundonor, que depois humanou a experiencia, & a necesli-

dade; não foy lá aceita a proposta. Assim ficou no ar a Aguia, & no ar a negociação; mas os que então lhe negarão os ouvidos, depois torcêrão as orelhas.

573 Agora me confintão os Portuguezes, q̃ lhes tire huma espinha da garganta. Porque vejo que estão notado a ElRey, de que quizesse neste côtrato desfazer o que tinha feito, & tornar a unir o que tinha defunido. Mas he, porque atêgora calley huma clausula do projecto, sem a qual eu tãbem não havia de aceitar a comissão. A clausula he, que no tal caso a cabeça da Monarchia havia de ser Lisboa: & deste modo se conseguia para o nosso partido a segurança, & para o governo da Monarchia a emenda. O erro que tem causado muitos em Espanha, como ponderão os melhores politicos, he estar a Cortê em Madrid. Por isso ElRey Philippe o Segundo, quan-

do veyo, & vio Lisboa, logo a sua prudencia determinou, & prometteo passar a Corte para ella. E a esse fim se começou a edificar aquella parte de Palacio, que chamão o Forte. Tendo Espanha tanta parte dos seus dominios no mar Mediterraneo, tanta no mar Septentrional, & tantas, & tam vastas em todo o mar Oceano; havia de ter a Corte, onde as ondas lhe batessem nos muros: & dependendo todo o manejo da Monarchia da navegação de Frota, & Armadas, & dos ventos, que se mudão por instantes; que politica pôde haver mais alhea da razão, que tella cem legoas pela terra dêtro, onde os Navios só se vem pintados, & o mar só na agua pouca, & doce, que o Inverno empresta ao Mançanares? Mas assim havião de preceder todas estas violencias da razão, & da natureza, para que mais maravilhosamente se lograssem os frutos da

graça. Vejamolo não com outros nomes, senão os proprios de ambas.

574 Communicou Deos ao Profeta Samuel, que entre os filhos de Jessé tinha escolhido hum Rey, que muito o havia de servir; & não lhe revelando qual era, mandou que o fosse ungir. Para esta unção encheo o Profeta huma redoma do oleo sagrado, conforme a cerimonia, & rito da Ley Antiga, & na casa de Jessé fez vir diante de si, hum por hum, os filhos, segundo a ordem das suas idades. Veyo em primeiro lugar Eliab, mancebo bizarro: inclinoulhe o Profeta sobre a cabeça a redoma, mas o oleo não correo. Aqui havemos de ouvir agora o commento de S. Basilio de Seleucia, que he singular. *Cornu invergens Propheta rejectaneum, ut ungeret cogebat, sed oleum fluere recusabat, ne cum errante Propheta faceret, & fluxa natura sursum detinebatur gratiae legibus obsequita.*

quinta. Quer dizer , que inclinando Samuel a redoma, o oleo sendo liquido, & pezado, não correo para baixo , contra o movimento da natureza, porque a graça o detinha , & suspendia para cima. E a causa desta suspensam era por não ser Eliab o Rey escolhido por Deos, nem ser decente que o oleo sagrado concorresse com o erro do Profeta , que não sabia , nem acertava qual fosse. Excluido com este milagre o primogenito, veyo o segundo filho Abinadab, & tambem o oleo não quiz correr sobre a cabeça deste : veyo o terceiro chamado Samma , & nelle, & nos demais continuou o mesmo prodigio. Chegou finalmête David, que era o ultimo filho , & à primeira inclinação do Profeta correo o oleo da unção, & se derramou todo sobre a sua cabeça, atè se esgotar a redoma.

575 Esta foy a famosa historia, na qual quem houverá, que não esteja vê-

do a nossa , obrando a mão de Deos invisivelmête o que succedeo à de Samuel? Quiz El Rey Dom João segurar a successam, & união da Coroa no casamento do seu Primogenito Dó Theodosio, como em Eliab, mas não correo o oleo sobre Dom Theodosio. Quiz o Reyno segurarà no casamento del Rey D. Affonso, como em Abinadab, mas não correo o oleo sobre D. Affso. Tomouse por ultimo remedio o casamêto de Saboya, como em Samma, mas não correo o oleo sobre aquelle Principe. Assim se fechárão todos os caminhos, que intentamos pelo ar com a Aguiã voando, pela terra com a serpente arrastando , pelo mar com a Nao navegando, mas na terra, no mar , & no ar, suspendeo a graça o oleo , fechou a redoma, & os caminhos , porque erão errados: *Ne cum errante Propheta faceret.* Desde o anno de cincoenta atè o de oitenta & sete, se

Pl. 106.
40.

se verificou em nós a praga, ou lamentação de David : *Errare fecit eos in invio, & non in via* ; porque tam longamente andamos errando como os filhos de Israel pelo deserto sem acertar com a terra de Promissão, onde Deos tinha depositado a nossa felicidade. Nós a buscavamos lá em Castella, em França, & em Italia; & ella estava escôdida em Alemanha. Unio-se em fim Alemanha com Portugal, celebráram-se as felicissimas vodas : & em El Rey Dom Pedro, o ultimo filho del Rey Dom João, como David de Jessé, derramou Deos, & a graça o oleo da unção, que havíamos mister, com tanta abundancia, & tantas vezes, como já estamos contando, & celebrando a quarta.

S. III.

576 **D**epois da primeira Graça, q̃ faz as mercês, & reparte os beneficios, segue-se a segunda, que tem por officio recebellos. Diz Ari-

stoteles, que tudo o que se recebe, se recebe ao modo de quem o recebe. E ha modos de receber, que diminuem, & apoucam o mesmo, que recebem: isto he receber com as mãos abertas, & com os olhos fechados. No caso, em que estamos, não se ha de dizer, que nasceo a Portugal hum Infante, & aos seus Reys hum filho, & ao seu Principe hum irmão : pois como? Ha-se de fazer tam particular menção do numero, como da pessoa. Na pessoa he hum; mas no numero, sobre os que por mercê de Deos logramos, para Suas Magestades he o filho terceiro, & para Sua Alteza o irmão segundo. E dar Deos hum segundo irmão ao Principe de Portugal, he cõfirmarlhe a herança mais em duas vidas; porque os irmãos são os fiadores da sua. Anna mãe de Samuel pedio a Deos hum filho, & Deos deo-lhe tres : *Visitavit Dominus Annam, & concepit, & peperit tres filios.*

1. Reg.
2. 21.

lios. Pois tres, quando pe-
de hum ? Sim. Não só
foy excessõ de liberalidade
no dar, senão o seguro do
que dava. O primeiro fi-
lho foy o despacho da pe-
tição; o segundo, & o ter-
ceiro foy a confirmação
da mercê em outras tan-
tas vidas. A mesma vida
humana, a sua fragilidade,
& inconstância he a razão,
& necessidade destes reme-
dios. Causa maravilhosa
he, que o morgado de
Abraham se continuasse
sem quebra até Christo,
correndo neste intervallo
dous mil & trezentos an-
nos. Não morrião estes
homens? Morrião; mas
como cada hum tinha ou-
tro, que lhe succedesse,
sendo os herdeiros mor-
taes, fizeram immortal a
herança. Sem estes refens
da mortalidade, se o her-
deiro he hum só, tam ar-
riscada tem a herança, co-
mo a vida.

577 Na parábola da vi-
nha, indo os criados do se-
nhor dellá receber os fru-
tos, rebelláraõse cõtra el-

les os cavadores, ferindo,
& matado. Então o pay de
familias tomou por ex-
pediente mandar lá seu
proprio filho; entenden-
do, que lhe terião diffe-
rente respeito: *Verebuntur*
filium meum. Mas o uso da
chxada assim como caleja
as mãos, endurece també
astestas. Foy tam contra-
rio o discurso daquella vil-
lania rebellada, que disse-
rão assim: *Hic est heres,*
venite, occidamus eum; &
habebimus hereditatē. De-
maneira, que quando o fi-
lho he unico, & hum só, &
não tem quem lhe succe-
da, nem a pessoa se lhe
guarda respeito: *Verebun-*
tur; nem falta quem se lhe
atreva à propria vida: *oc-*
cidamus eum; & huns, &
outros querem para si a
herdade: & *habebimus hæ-*
reditatem. Por isso o nosso
Texto fallando desta mes-
ma herdade, de que aos
nossos Reys pertence a
herança, não só lhes pro-
mette filho, senão filhos:
Ecce hereditas Domini, fi-
lij. E para que entenda a

Matth.
21. 37.
38.

se-

segunda graça , como recebedora , o muito , que nesta ultima mercè de Deos tem recebido ; considerar , que crescendo os filhos , cresce com elles a segurança.

578. Consolava Seneca a hum anojado pela morte de hum amigo, (q̃ he o mayor parentesco) & dizialhe assim discretamente : Se o amigo, que perdestes, he hum dos que tinheis, consolay a perda do que vós faltou com os que ficarão. Mas se elle era não só hum, senão unico, não choreis só a vossa perda, senão a vossa culpa: *Quare tu ad unam anchoram stabas ?* Porque estaveis vós sobre hũa só anchora? Quando as cousas dependem do proprio alvedrio, estar sobre humã só anchora, não só he desgraça, mas culpa; porèm quando dependem só da mão de Deos, he providência muito para estimar, & agradecer da mesma graça Divina. Em quanto Deos depois de nos levar

o primeiro, nos deo só o segundo Principe; estava-mos sobre humã só anchora; mas depois que lhe succedêrão tam felizmêre hum, & outro Infante, já estamos sobre tres. Na antiga Lusitania reynou antigamente hum Principe chamado Gerion; o qual tinha dous irmãos do mesmo nome, tam unidos todos tres entre si, que derão occasião à fabula de viverem em humã só alma, que informava os tres corpos. Dizião mais, que esta união os fazia tão fortes, que chegando a Espanha o domador de todos os monstros do mundo, não derão menos trabalho a Hercules as tres cabeças destes irmãos, que as sete da famosa Hydra.

579. Mas deixada esta fabula, em que parece profetizou, ou pintou a passada Lusitania a fortuna, que ella, & nós haviamos de gozar presente: para que o nosso Principe estime, quanto deve, o nascimento do novo irmão, &

& quanto importa, ou pôde importar a seu tempo hum tal companheiro, & fiador, não sô para o reparo da vida, senão para a conservação do Estado; ouçamos hum famoso Oraculo da Sabedoria Divina. *Frater, qui adjuvatur à fratre, quasi civitas firma.* Os Setenta Interpretes ainda mais expressamente: *Frater à fratre adjutus, quasi urbs munita, & excelsa*: Hum irmão ajudado de outro irmão (diz o Espirito Santo) são como huma Cidade no sitio levantada por natureza, & nos muros bem fortificada pela arte. Huma Cidade sem fortificação, por qualquer parte pôde ser invadida, & entrada. Mas os muros que mais fortemente a cercão, & a defendem, não são os que se fabricão de marmores ligados, senão de coraçãoes unidos. Perguntados os Espartanos, porque não muravão as suas Cidades; respondião: Si muramos: & os nossos muros (apô-

tando para os peitos) são estes. E se este valor lhe infundia o serem moradores da mesma Cidade, quanto mais se fossem filhos do mesmo pay, & da mesma mãy, ajudado cada par hum do outro: *Frater à fratre?*

580 Assim o entenderão tam politica como militarmente os que especularam o modo compendiozo, & facil com que acodir à restauração de Portugal, & a desfazer, & affogar nas mesmas faxas do seu nascimento. Estava militando em Alemanha o Infante Dom Duarte, & antes de se tocar caixa cõtra os que chamavão rebellados, despachão-se correys secretos com ordens, aonde se não podião mandar, de que o Infante seja logo preso. E porque, ou para que? Para que hum irmão se não ajutasse como outro irmão, & divididos se não pudessem ajudar, nem defender, & conservar a empreza começada. Não se temê-

rão

rão tanto de toda a união do Reyno, como de que chegassem os dous irmãos a ser *Frater, qui adjuvatur à fratre*. Entenderão que preso o Infante, com os muros do Castello de Milão tinhaõ posto em cerco a Portugal, & que o novo Rey delacompanhado de seu irmão, com todas as forças do Reyno se não podia defender. Mas quando elles com huma divisão os quizerão separar, elles com outra divisão se foubirão unir.

581 Dizia discreta, & fortemente Quintiliano em huma declamação, que a irmandade he huma alma dividida pelo meyo: *Quid est aliud fraternitas, quàm divisus spiritus*? E que fazia a alma dos dous irmãos assim partida em duas ametades? A ametade livre do Rey estava presa em Milão com a do Infante, & a ametade presa do Infante estava livre em Portugal cõ a do Rey. Tam livre, que succedendo no mesmo tempo suf-

pirar a falta de Cartagena, & a necessidade de Potosí por cavadores Ethiopes, houve arbitrios em Madrid, que o Infante se trocasse por Angola, & a sua liberdade por muitos cativeiros. Mas como esta noticia chegasse aos ouvidos do Real Prisioneiro, teve elle industria para minar os muros do Castello, & por debaixo da terra escrever huma carta, que de Veneza veyo à Haya Corte de Olanda, (onde eu a li) & da Haya passou a Lisboa. E que continha aquella carta? Dizer, & protestar a Sua Magestade o generoso Infante, que nem hum torraõ de terra conquistada com o sangue dos Portuguezes se dêsse pela sua liberdade, nem pela sua vida. Assim estava desde a sua prisão defendendo as terras da Africa, & avaliando em tanto preço as gotas do sangue Portuguez, duzentos annos antes derramado nellas. Que seria, se chegassemos

ao vér na testa dos nossos exercitos, & nas nossas reſtituidas campanhas, ganhadas tambem com o ſangue não só dos Soldados, ſenaõ dos Reys ſeus avòs, nas veas do irmão, & nas ſuas o meſmo?

582 Sem lograr eſte deſejo acabou aquelle heroeiro Principe a vida; & aos dous irmãos, que a diſtancia dos lugares nam pode ſeparar, ſeparou finalmente a morte. Na auſencia de tam fiel companhia parece que ſe cumprio então ficar ElRey verdadeiramente ſó. Aſſim o ponderey nas ſuas exequias, em que tomey por thema: *Mortuus eſt frater ejus, & ipſe remansit ſolus.* Diſſe eſtas palavras Jacob, fallando dos dous irmãos Joſeph, & Benjamin ſeuos ſeus, & de Rachel. Mas aſſim como era falſo ſer morto Joſeph, q̃ no meſmo tempo vivia, & governava o Egypto: aſſim ſe não verificou em ElRey, como em Benjamin, o ficar ſó ſem elle:

porque? Porque voou de Milão ao Ceo o glorioſo Infante, não eſquecido de quem era; & daquelle mais alto Caſtello ajudou fortemente a ſeu irmão. Na batalha de Barac, diz a ſagrada Eſcritura, que ſe pelejava da terra, & juntamente do Ceo: *De Cælo dimicatum eſt*: ſendo as Eſtrellas de lá hum bẽ ordenado exercito: *Stellæ manentes in ordine ſuo.* Aſſim ſuccedeo dalli por diãte. Meteo a juſtiça da cauſa o baſtão na mão ao bellicoſo Infante, & governando as eſtrellas, elle infundia nellas os ſeus eſpiritos, & ellas os influão tam efficaçmente nos Portuguezes que pelejavaõ na terra, que no meſmo tẽpo reſtaurãõ na Africa Angola, & na America Pernambuco, & em Portugal já reſtaurado, o defendião glorioſamente cõ mayor, & mais certo deſegano das armas offenſivas.

583 Aº viſta deſte exemplo de irmãdade me arre-

Judic. 5.
20.

arrependo muito do que pouco ha disse , que Portugal se sustenta hoje sobre tres anchoras , sendo certo que são quatro , & a mais segura no Ceo , enchendo este perfeito numero o Principe primogenito, que o mesmo Ceo nos deo , & arrebatou tam brevemente. Grande pronóstico de perpetuidade não só para a esperança , senão para a Fé: Fundou Deos neste mundo duas Républicas ; a primeira em huma só nação , que foy a Sinagoga ; a segunda em todas as naçoens , q he a Igreja ; & o fundamento sobre que assentou ambas , foy a irmandade. A Sinagoga sobre Moyfés, & Aram irmãos; a Igreja sobre Pedro , & André irmãos , & sobre João , & Jacob tambeem irmãos. E porque razão a Sinagoga em huma irmandade, & a Igreja em duas? A Sinagoga em dous irmãos, & a Igreja em quatro? Porque a Sinagoga havia de durar muito, a Igreja sem-

pre, & a perpetuidade deste sempre nos promette a firmeza de huma base sobre o numero quadrado, o qual se aperfeiçoou, & encheo no nascimento felicissimo do ultimo Infante , que celebramos.

584 Já eu aqui me despedira da segunda Graça ; mas sey , que anda na boca das gentes ; & tambeem na estâpa dos livros , que quando reynar hum Rey de certo nome, lhe ha de succeder na Coroa hum Infante de Portugal. Portugal he tam pouco ambicioso, & está tam cheyo de si, que se contenta com o seu. Fiquem estes contos para as Fadas, que os cantem ao nosso Infante quando lhe embalarem o berço , & animarê o somno. A verdade maravilhosa he, (para que não sejamos ingratos a Deos) que ha poucos annos tinhamos a successão por hum fio por falta de hũ Principe, & agora os podemos repartir, & dar Reys a muitos Reynos. Eu porém o que só qui-

quizera entretanto, he q̃ os nossos derão nelles às duas Magestades de suas Augustissimas Irmãs não só afilhados, mas filhos. Na morte dos innocentes de Belem allega o Evangelista S. Mattheos o texto do Profeta, em que Rachel chorava os seus filhos: *Rachel plorans filios suos*: sendo certo, que os mininos de Belem não crão filhos de Rachel, senão de Lia sua irmã. Mas por isso mesmo lhes chama filhos seus; porque os filhos dos irmãos também são filhos proprios. Assim pôde dar ElRey nosso Senhor à Magestade da Senhora Rainha da Grã Bretanha sua irmã, nam só hum afilhado, senão hum filho. E a Rainha N. Senhora à Magestade da Senhora Rainha de Castella também irmã sua, outro. E por este modo ambas as venturosas Magestades, sem as dores, que não padecêraõ, lograrãẽ em lugar de dor, com summa allegria o fruto desta gloria

riosa fecundidade de Portugal, & sua: *Filijs, fructus ventris.*

§. IV.

585 **S**omos chegados finalmente à terceira, & ultima Graça, à qual pertence agradecer as mercês, & beneficios recebidos; mas o nosso agradecimento se anticipou de maneira a esta terceira Graça, que as nossas se tem já muito desempenhado, ou começado a desempenhar na segunda. Já tinha dito Seneca elegantemente, & o disse depois com mayor elegancia S. Bernardo, q̃ a primeira parte do agradecimẽto, & as primicias, que mais agradão, & satisfazem a quem faz o beneficio, he o gofsto, a alegria, & a estimaçam, com que o mesmo beneficio se abraça, aceita, & recebe. As palavras do Santo são estas: *Danti rependi quidquam gratius ab accipiente non potest, quàm si gratum*
Hh ha-

habuerit, quod gratis accepit. Isto he o que fizeraõ já as nossas publicas, & naturaes demonstraçoens naquelle solícito, & cuidadoso repente, com que na Bahia se ouvio a nova do felicissimo parto, em que a Divina liberalidade tinha acrescentado à Prosapia Real mais hum penhor de firmeza no repetido nacimêto do novo Infante. Os applausos de grandes, & pequenos: os parabens, que todos se davão: as alviças, com q se premiãraõ as primeiras noticias: o cuidado, & receyo interior, de que se despiraõ os coraçoens; & as galas, de que se vestiraõ por fóra: as luminarias, os repiques, as salvas das fortalezas, & artelharia, com que até as pedras, & os bronzes ou sentiaõ, ou mostravaõ a alegria: em fim as festas geraes decretadas para mayor apparato, & credito do mesmo contentamento: tudo isto, & o mais, que se não pôde explicar, junto, so-

raõ hum descomposto tumulto, & huma concertada harmonia dos coraçoens, com que o agradecimento sahindo fóra de si pelas portas de todos os sentidos, com todos se encontrava, & manifestava em todos.

§ 86 Mas isto aonde, & quando? A circumstancia do lugar, & do tempo acredita muito este novo modo de gratificar. Deo o Anjo a nova do Nascimento do Salvador aos Pastores; & elles que fizeraõ a Belem, virãõ o que tinhaõ ouvido, & entãõ tornando para o seu gado, vinhaõ cantando louvores, & dando graças a Deos: *Reversi sunt pastores glorificantes, & laudantes Deum.* Se nós pudemos tambem ir a Belem, quero dizer, à nossa Corte, & ser testemunhas da sua alegria, nam lhe daria ventagem a nossa, como nem ao que ella obrou nos Pastores. Mas nora nelles o Euangelista duas propriedades, que em

em nós são grandes diferenças. A primeira, que elles estavaõ na mesma região: *Pastores erant in regione eadem.* A segunda, q̃ recebêraõ a nova do Nascimento no mesmo dia: *Quia natus est vobis hodie.* Porém que nós, estando noutra região tam distante, & recebendo a nova tanto tempo depois, nem por isso glorifiquemos, & louvemos menos a Deos? Ninguém diga que a terra do Brasil he ingrata. O agradecimento he filho do amor, & o amor ordinariamente o tempo o esfria, & a distância o apaga: porê o nosso agradecimento, como filho de amor mais nobre, qual deve ser o dos Reys, & da Patria; nem o tempo, com tantos mares em meyo, bastou a lhe esfriar o contentamento, nem as distancias tam remotas, para não ver, & festejar as causas d'elle, quanto merecem.

587 Assim sem sahir da segunda Graça, nem entrar na terceira, a quem

pertence o agradecer, só com o agrado, & estimação da mercê recebida temos já pago, & respondido aos eccos só da boa nova; com o melhor, & mais sincero tributo do agradecimento. E para que este passe finalmêre à terceira Graça, resta só que ás nossas graças, com humilde, & fiel reconhecimento ao primeiro, & sobrenatural principio donde nacêrão, se refirão todas a Deos. Este he aquelle perfeito circulo, que as tres Graças, como diziamos, fazem, dando-se as mãos entre si: querendo significar, que todas nascem da primeira, & todas tornão a ella. Nacem della, porque della as recebe a segûda; & tornão a ella, porque a ella as refere, & agradece a terceira. Todos os rios quantos regão o mundo, ou mais, ou menos caudalosos, ou mais, ou menos distantes, sempre estão correndo ao mar, sendo q̃ nelle se affogão, & perdem o nome. E porque

correm todos ao mar? Por-
que todos naturalmente
tornão , & vão buscar o
principio donde nacêrão :

Ecd. 1.
7.

Ad locum unde exeunt, flumina revertuntur: diz Salamaão. E qual he a Theologia , que nesta natural Filosofia encerra , & está sempre ensinando a natureza de dia , & de noite ? Santo Thomás : *Redeunt flumina, id est, beneficia per gratitudinem ad suum principium, unde exierunt, puta, ad Datorē Deum.* Os rios, diz o Doutor Angelico, são os beneficios Divinos, os quaes vão buscar o seu principio, que he Deos; & adonde sahirão por origem, tornão por agradecimento : *Redeunt per gratitudinem.* Aqui temos o circulo das tres Graças em huma só agua , & a mesma. Sahe a agua do mar , penetra por baixo da terra até as fontes : das fontes rebenta aos rios, & nos rios correndo torna a buscar o mar. A primeira carreira he secreta , & não se vê donde sahe ; & assim

são os beneficios Divinos: a segunda he manifesta , & publica ; & assim devem ser, & são as graças , que damos a Deos.

§ 88 E tem algum interesse este tributo de agradecimento, que os rios vão pagar ao mar ? Sim , & muito grande. He de graças , mas não de graça. O mesmo Salamaão o disse : *Revertuntur, ut iterum fluant.* Tornaõ os rios agradecidos ao mar , para tornar a correr. Não paraõ para correr , correm para não parar. E que nos quer Deos ensinar neste mesmo espelho ? Diga-o o mesmo Cõmentador, como tam excellente interprete dos segredos Divinos. *Ut iterum fluant : quia gratitudo de datis provocat liberalitatem Dei ad nova danda.* Correm os rios para tornar a correr ; porque he tam grato a Deos o nosso agradecimento dos seus beneficios, que provoca sua Divina liberalidade a que nos dê outros de novo. De maneira que

que as mercês de Deos antes do agradecimento são dadas, depois do agradecimento são devidas: antes do agradecimento nós somos devedores a Deos das mercês que nos faz; depois do agradecimento as mesmas graças, que damos a Deos, fazem a Deos devedor nosso, & devedor de novas mercês; porque fica obrigada a sua liberalidade a nos fazer de novo multiplicando-as. Daqui se entenderá o mysterio, com que Christo Senhor nosso no banquete do deserto trocou a ordem

an. 6. das graças: *Accepit panes, & cum gratias egisset, distribuit discumbentibus*: Tomou o Senhor os pães nas mãos, & dando primeiro as graças a Deos, então os distribuiu aos convidados. Parece que as graças se havião de dar depois de comer, & não antes. Mas assim convinha, & importava que fosse. Os pães erão cinco, & cinco mil os que havião de comer delles: &

Tom. II.

para multiplicarem tanto, era necessario que precedessem as graças, & que o mesmo agradecimento os aumentasse. Tam fecunda he a gratidão nos beneficios Divinos.

§ 89. E supposto que todo o nosso discurso he fundado em huma fecundidade, que com razão chamamos prodigiosa; razão terá tambem alguém de perguntar, ou por curiosidade, ou por receyo, se pôde, ou poderá haver alguma acção, ou omissão da nossa parte, que faça esteril a beneficencia Divina. Respondo que sim, & he consequencia do q acabamos de dizer. Porque assim como a gratidão tem efficacia para fecundar a mesma beneficencia em Deos, assim a tem igualmente a ingratitude para a esterilizar. Atè esta notavel advertencia não passou por alto a David: *Retribuebant mihi mala pro bonis: sterilitatem animæ meæ*. Eu (diz David) semeey beneficios, & colhi

Pl. 34.
12.

Hh iij

in.

ingratidoes: esterilidade da minha alma. A primeira parte desta sentença não tem difficuldade; mas a segunda muito grande. Semear beneficios, & colher ingratidoes, he monftruofidade da agricultura, que cada dia experimentão os que semeão, ou plantão em tão má terra como a de Adam, & seus filhos. Atè Deos disse da sua vinha: *Expectavi, ut faceret uvas, & fecit la-brucas*. Porém que ponha David esta esterilidade em si: *Sterilitatem animæ meæ*: esta he a maravilha. Se puzera a esterilidade nas almas, & mãs almas dos ingratos, bem estava; mas na sua, que fazia os beneficios? muito notavel cousa he, mas certa. E porque? Porque o ingrato não só esteriliza os beneficios, senão também o bem-feitor: esteriliza os beneficios, porque os paga com ingratidoes: & esteriliza o bem-feitor; porque vendo o bem-feitor que se pagão com in-

Isai. 5. 4.

gratidoens os seus beneficios, cessa, & não os quer continuar. Isto, que David diz de si, he o que faz Deos. Antes propria, & verdadeiramente de Deos he que o disse o Profeta, & não de si. Estas palavras são do Psalmo 34. o qual todo he de Fé, que falla de Christo. E da sua alma diz o mesmo Christo: *Sterilitatem animæ meæ*; porque o ingrato (cômenta Hugo Cardeal) quanto he da sua parte faz esteril a alma do mesmo Christo: *Animam Christi, quantum est in se, sterilem facit*. Note-se o *quantum est in se*; porque a alma de Christo ainda neste caso não he esteril, mas he esterilizada: da sua parte não he esteril; porque sempre está prompta para fazer bem; mas da nossa he esterilizada, porque a nossa ingratidão a esteriliza: *Sterilem facit*.

590 Neste admiravel exemplo nos ensina a terceira, & ultima Graça como devemos conservar, ou

ou podemos perder : como devemos aumentar , ou podemos esterilizar a mesma fecundidade , que celebramos. E porque não pareça caso singular , sabemos que assim o tẽDeos estabelecido por ley universal desde o principio do mundo. Toda a successão, & geraçoens do gênero humano , primeiro creado, & depois restaurado , fundou Deos sobre dous grandes homens, Adam, quando o creou, & depois se perdeu ; & Noé, quando depois de perdido o restaurou. E porque o perdeu Adam, & o restaurou Noé ? Leaõ-se no Texto sagrado os procedimentos de hum, & outro. Adam nem por obra, nem por palavra, nẽ por offerecer sacrificio a Deos, ou lhe dobrar o joelho, nem por movimento, inclinação, ou final algum se lhe mostrou agradecido ; mas sempre, & em tudo duro, desconhecido, ingrato. E como castigou Deos esta ingratidão ? Có

o diluvio, em que todos os filhos de Adam ficarão sepultados. Noé pelo contrario , tanto que desembarcou da Arca com todos os animaes , a primeira cousa que fez , foy levantar altar a Deos, & sacrificar-lhe as viçtimas , que já trazia separadas , & sem parilha em acção de graças por todos. E como premiou Deos este agradecimento de Noé ? Com a perpetua conservação de seus descendentes , & promessa de não haver mais diluvio , confirmada com o arco que ordinariamente vemos nas nuvens, quando começaõ os primeiros orvalhos da chuva. Desorte que nas Escrituras, & nas nuvens deixou Deos dous perpetuos monumentos , hum do castigo da ingratidão, outro do premio do agradecimento : nas Escrituras o diluvio, como sepultura de todos os filhos de Adão, & por epitafio nella: *Delebo* Gen. 6.
hominem, quem creavi: nas 7.
nuvens a conservação, &

Gen. 8.
21.

seguro de todos os filhos de Noè, como arco triumphal do agradecimento, & nelle por inscripção: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines.* Não houve jámais, nem pôde haver tal triumpho, como o daquella inscripção em hũ arco levantado entre o Ceo, & a terra; porque nelle triumphou, & está sempre triumphando o agradecimento: de quem? Não só da Omnipotencia, senão também do alvedrio Divino. Da Omnipotencia; porq̃ não pôde Deos fazer o contrario: & do alvedrio; porque nem o pôde querer, ainda que tenha grandes razões para isso.

591 Em summa, que os thesouros da beneficência Divina tem duas chaves, huma de ouro, que os abre; outra de ferro, que os fecha. A de ouro, que os abre, he o agradecimento, que os alcança, aumenta, & conserva: a de ferro, que os fecha, he a ingratidão, que depois de rece-

bidos, os corrompe, destroe, & perde. Assim perdeo Adam por ingrato, & affogou no diluvio a geração de todos seus descendentes: & assim cõservou Noé por agradecido a sua, & a conserva, & ha de cõservar para sempre. Não quizera agora fazer reflexão sobre nós; mas he obrigação de todo este discursão. Lembremõs do agradecimento do segundo pay do mundo, & não nos esqueçamos da ingratidão do primeiro. Estas mercês, de q̃ damos as graças à Divina misericórdia, já sabemos como as havemos de conservar. Mas temamos também como se podem perder. Faz horror à imaginação, & treme de o pronunciar a lingua. No primeiro Principe, q̃ Deos nos cõcedeo, & tão brevemente levou para si, nos anticipou o exemplo do q̃ elle não permita, & pôde succeder a todos os que nos tem dado, & pôde dar, ainda que sejam muitos mais. Justo Lypfio
com

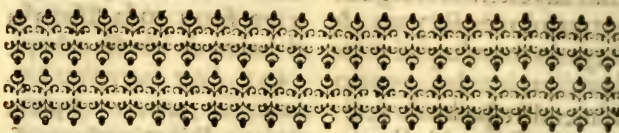
Acção de graças.

SIE

com advertencia singular entre todos os Reynos, & Reys do mundo, poê diâte dos olhos a todos, como tremendo espelho de desfegano, o Reyno de Portugal, & o mais felice de todos os seus Reys El Rey D. Manoel. Refere os seus tres casamentos, & o grãde numero de filhos, & netos, com que deixou tam fundada, (diz) & estabelecida a successão da Coroa, q̃ não só entrada, mas nem refugio algũ havia, por onde outra Família pudesse aspirar a ella; & cõ tudo conclue assim : *Viginti duo erant, qui Philippũ Regem anteibant, & successione legitime arcebant; & tamen quò fata vocabant, venit, & successit. Præmortui omnes illi sunt: quid, nisi ut unum facerent totius Hispaniæ caput?* Tinha El Rey Dó Manoel vinte & dous herdeiros, os quaes precedião a El Rey Philippe Segundo de Castella, & o excluião da successam; mas elle em fim succedeo, porque todos os vinte & dous

morrêrão antes; & nelle vivo ficou toda Espanha debaixo de hũa só cabeça. 592 *Ecce hæreditas Domini, filij, merces, fructus ventris.* Dêtro nestas mesmas palavras nos está dâdo vozes o desfegano do que he a mortalidade humana, posto que fecunda. *Ecce*: Eis-aqui Portugal em ti o mayor exemplo. *Hæreditas*: Estã he a herdade, que se recuperou, porque se perdeu. *Domini*: Este he o mesmo Senhor, q̃ a tornou a dar, porq̃ a tinha tirado. *Filij*: Estes são os filhos do mesmo tronco, que sendo sete vezes mais do que hoje temos, a não pudêrão conservar. Mas bom animo; porque a conservação estã na nossa mão, se a quizermos merecer. A nossa gratidão nõ presente, à nossa memoria do passado, & às nossas vidas, & obras para o futuro, tem Deos promettido por premio os fructos da mesma fecundidade: *Merces, fructus ventris.*

SER-



SERMAM

GRATULATORIO

A S. FRANCISCO

XAVIER,

Pelo nascimento do quarto filho varão, que a
devação da Rainha nossa Senhora con-
fessa dever a seu celestial patrocínio.

Quartus frater.

Rom. 16.

§. I.

593



Estreito mapa
para tam uni-
versal alegria!
Pequeno the-
ma para tam
grande felicidade! Felice,
& alegre a Monarchia de
Portugal com o novo na-

cimento do quarto Infan-
te: felices, & alegres Suas
Magestades com o novo
aumento do quarto filho:
felices, & alegres Suas Al-
tezas com a nova compa-
nhia do quarto irmão:
Quartus frater. Toda esta
significação se encerra ne-
stas poucas palavras. E
signi-

significa mais alguma outra felicidade, & alegria (ou dentro, ou fóra deste mundo) o mesmo numero, ou sobrenome de quarto? Sim, porque os numeros são os sobrenomes dos Reys. E El Rey Dom João o Quarto de gloria, & immortal memoria, que está no Ceo, já tinha o nome de Dom João em hum neto o Principe nosso Senhor, que Deos guarde, & agora com o novo nascimento do quarto Infante selhe inteirou vivamente em ambos o nome, & sobrenome de D. João o Quarto. Não requeria menos monte que dous Athlantes, o pezo de tam grande nome. Do pezo do nome de Maria, posto aos hombros da Magdalena, disse grave, & elegantemente São Pedro Chrysologo: *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula*. E se passarmos às campanhas de Amalec, acharemos com mayor exemplo no soberano filho

dessa mesma mãy repartido o seu nome, & sobrenome entre os dous maiores heroes daquella idade, Josué, & Moyses. O nome, & sobrenome do Redemptor do mundo, depois de o remir na Cruz, foy Jesus Crucificado. Assim o nomearão os Anjos, assim S. Paulo. Estava pois na câpanha de Amalec Josué pelejado na testa do exercito, & Moyses no cume do monte com os braços abertos em forma de Cruz orando: & significavão hum, & outro, (como sentem cõmunmente os Santos Padres) Josué no seu nome, o nome de Jesu, & Moyses com os braços em Cruz, o sobrenome de Crucificado. E porque não representavão ambas as figuras ou só Josué, ou só Moyses? Porque nenhum delles, posto que tam grandes heroes, era sufficiente para sustentar só, senão divididos, o pezo de tal nome, & tal sobrenome: *Quia noster eorum par erat utrique*
substi-

substituendo cognomini, diz Origenes. Quasi me não atrevo a applicar a semelhança, & passálla do nome, & sobrenome do Redêptor do mundo, ao do Redêptor, & Restaurador de Portugal. Mas para hũ Rey, a quẽ o mesmo Jesus, & na mesma Cruz, não duvidou trespassar a successão do seu proprio Imperio, facilmente me perdoará a sua benignidade (na semelhança somente) a applicação, & divisaõ de todo o seu nome.

595 Agora fallando com os leitores do primeiro Sermão de acção de graças pelo mesmo nascimento do Principe, cuja celebridade neste repito, duvidado se me hãverã perdoado passar nelle em perpetuo silencio, & não fazer menção alguma do Intercessor, ou Terceiro, q̃ nos alcançou este quarto. He certo que tal vez se deve mais o agradecimento à diligencia de quem sollicita, intercede, & alcança as merces, que à libera-

lidade, posto que soberana, de quem as faz. *Egre-
dimini, & videte filia Sion
Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum
mater sua*: Sahi às janellas, filhas de Jerusaleem, & vede o Rey Salamão coroado com o diadema, de que o coroou sua mãy. Quem coroou a Salamão, não ha duvida, como consta do Texto sagrado, que foy seu pay David, o qual privou da Coroa a Adonias filho seu mais velho, & a deo a Salamão. Pois se David foy o que lhe deo a Coroa, porque diz o mesmo Salamão (cujas são estas palavras no Capitulo terceiro dos Canticos) que o coroou nam seu pay, senão sua mãy: *In diademate, quo coronavit illum mater sua*? Porque ainda que David foy o que coroou a Salamão, & lhe deo a investidura do Reyno, as diligencias, os empenhos, & a intercessão de Bersabê sua mãy, como tam valida, & amada do mesmo David, foy, a que

lhe impetrou, & cõseguio a Coroa. E julgou o juiz de Salamão no tal caso, que mais devia a Coroa à intercessão de sua mãy, que à liberalidade de seu pay.

596 Toda esta demonstração não fere a outrem, senão a mim pelo total silencio já confessado, com que no Sermão de acção de graças pelo felicissimo nascimento do novo, & quarto Infante, nem huma só palavraalley em S. Francisco Xavier. Em S. Francisco Xavier, torno a dizer, aquelle grãde Oraculo, & Patrono singular da Rainha nossa Senhora, a cuja poderosissima intercessão attribue Sua Magestade todas as suas, & nossas felicidades, & muito particularmente na successão, dantes tam suspirada, & agora tam multiplicada, de Principes naturaes. Pois se neste (que não quero chamar ultimo, senão quarto Principe) cõ prodigiosa fecundidade de to-

dos successivamente varoens, devemos novas, & mayores graças, como no Sermão proprio dellas, & discorrendo por todas, em nenhuma achey lugar, em que pôr a Xavier? Não foy descuido, ou desatenção minha, ou senão grandeza sua. Hũa Personagem tam grande não cabe em partes. Por isso me resolvi a fazer novo Sermão, que fosse todo seu: & he este.

597 Mas segundo a sentença que propuz de Salamão, della se segue huma terrivel consequencia. Salamão no seu caso julgou q̃ mais devia a Coroa à intercessam de sua mãy, q̃ lha cõseguio; q̃ à liberalidade de seu pay, que lha deo: logo diremos nòs no nosso caso, que as graças da presente mercè alcançada de Deos por S. Francisco Xavier, mais se devem ao mesmo Xavier, que a Deos? A resposta desta duvida demanda tanto fundo, que me não atrevo a embarcar nella, sem pedir

dir primeiro a graça.

Ave Maria.

§. II.

598 **H**A benefícios de Deos, em que todas as graças se devem a Deos, & nada aos homens. E ha beneficios tambem Divinos, em que parece que as graças mais se devem aos homens, que a Deos. Vamos por partes.

599 Os beneficios do primeiro género são aquelles, que Deos faz por amor de si mesmo, como refere por boca de

Isai. 48.
11.

Isaias: *Propter me, propter me faciam.* E então faz Deos estes beneficios por amor de si mesmo, diz S. Dionysio Areopagita, quando elle he o Author, & elle o motivo, sem haver outrem fóra de si, que o mova, ou provoque a isso: *Quando ipse sui ipsius, & sibi ipsi provocator, & motor est.* Tal foy o beneficio da criação do mundo, antes do qual não havia homem, nem Anjo, q̃ lhe pudesse pedir, ou mo-

vera que o creasse. Assim que todas as graças devidas a Deos por tam grande, & universal beneficio, são pura, & meramente suas, sem haver, nem poder haver quem tivesse parte nellas.

Os beneficios do segundo género são aquelles, que Deos faz por intercessão, & rogos de outrem, principalmente quando o mesmo Deos está deliberado, & empenhada sua Providência, ou justiça a fazer, & executar o contrario. Pelo peccado da adoração do bezerro no deserto, provocado Deos da rebelião, & idolatria daquelle ingrato povo tão poucos dias depois de o ter libertado do cativeiro do Egypto com tantos prodigios, deliberou a sua justiça, a sua ira, & o seu furor, como diz o Texto, de o extinguir totalmente, & sepultar no mesmo deserto. Em fim lhe perdoou Deos pelas orações, & instancias de Moyses: & dependeo tão

to destas oraçoens, & da
força dellas a conservação
do Povo, diz David, que
tendo Deos já aberta a
brecha nas muralhas para
assolação de todos, se a
fortíssima resistencia de
Moyfes se não oppuzera
na mesma brecha a defen-
sa, sem duvida seria todo
assolado, & destruído: *Et
dixit, ut disperderet eos, si
non Moyfes electus ejus ste-
tisset in confractiōe in con-
spectu ejus.* E no preciso
destas circumstancias pa-
rece que as graças desta
absolvição mais se devem
aos fortísimos embargos
do advogado, que à senten-
ça revogada do Juiz, tam
justa, & tam justificada na
causa, que se não fora por
elles, sem duvida, & sem
remedio se havia de exe-
cutar: *Si non Moyfes ste-
tisset in confractiōe.* No-
te-se muito aquelle, *Si
non.* De maneira que se
Moyfes não resistisse tam
fortemente a Deos, sem
duvida havia Deos de de-
struir o Povo. Logo as
graças de tamanho bene-

ficio mais se devem à re-
sistencia de Moyfes, que
à delistencia de Deos. A
consequencia não he me-
nos que de Aristoteles:
*Propter quod unumquodque
tale, & illud magis.* Quem
foy aquelle, por amor de
que perdoou Deos ao Po-
vo? Moyfes. Moyfes foy o
propter quod: logo a elle lhe
pertence o mais, & *illud
magis.*

600 Já nesta conse-
quencia forçosa, & nam
forçada segundo a estima-
ção humana, ninguém
estranhará dizerse que as
presentes graças (como
se inferia) sejam mais de-
vidas a Xavier, q̃ a Deos.
Mas eu não me contento
com esta reposta. E resti-
tuindo a questão ao mes-
mo caso, & nacimiento do
quarto irmão novamente
acrecentado aos nossos
Príncipes: mercè, que a
devaçam da Rainha nos-
sa Senhora, & o applau-
so de todo o Reyno re-
conhece recebida do po-
deroso patrocínio do San-
to, por antonomasia seu;
naõ

naõ duvido affirmar constantemente, que as graças deste tam repetido favor naõ só se devem a Xavier mais que a Deos, senão todas a Xavier. E porque? Porque dando todas as graças a Xavier, damos a Cesar o que he de Cesar, & naõ negamos, nem tiramos a Deos o q he de Deos. E senão, vamos ao caso, & vejamos có que entrou nelle Deos, & com que entrou Xavier. Deos entrou com dar os poderes a Xavier, Xavier entrou com applicar a virtude dos mesmos poderes a nosso favor, & beneficio. Logo a Deos, que he glorificado em seus Santos, *Gloriosus Deus in Sanctis suis*, naõ se lhe nega, nem se lhe tira nada do que lhe pertence, que he toda a gloria da liberalidade, & magnificencia, com que deo ao seu Santo os seus poderes. Prova? Sim: & em hum dos mayores milagres de Christo Redemptor nosso.

601 Estava o Senhor no concurso de hũa Provincia inteira, dentro em huma casa particular, & naõ podendo romper pela multidão, nem entrar pela porta quatro homẽs, que levavaõ hum paralytico no seu leito, subiraõ por cima dos telhados, & feita huma abertura capaz, por ella, & por cordas deceraõ, & puzeram diante do Divino Medico o enfermo, ou quasi morto, sem sentido, nem movimento: & o Senhor có duas palavras lhe restituiõ a vida, a saude, & as forças tam inteiramente, que por seu pẽ, o que tinha vindo em oiro, & com o mesmo leito às costas, foy admiração, & pasmo aos que o viraõ, que eraõ todos. Mas esses assim admirados, & pasmados, que disseraõ, ou fizeraõ? *Glorificaverunt Deum, qui* Matt. 8. *dedit potestatem talem hominibus.* Glorificáram a Deos por haver dado tal poder aos homens. Desfor-te que glorificáraõ, & de-
raõ

fão a Deos a gloria , não da obra , & beneficio milagroso, senão de ter dado os poderes ao homem, que a fez, tendo a Christo por puro homem, como a palavra, *hominibus*, significa. Assim que tudo o que pertencia a Deos, era a gloria de ter dado os seus poderes, & taes poderes : *Qui dedit potestatem talem hominibus*. E porque não derão tambem as graças a Deos ? Porque essas pertencião ao homem obra-dor do milagre, & beneficio, assim como nós as devemos dar todas a Xavier.

602 O nacer , como disse Salamão de si , he igual nos Principes, & nos que o não são ; & o nascimento não he só milagre, senão milagre semelhante ao que acabamos de referir, porque ainda que tiverão parte nelle os homens , não o poderam conseguir senão das telhas acima. No nascimento pois do nosso Principe, em que pleiteamos as graças en-

tre Xavier, & Deos, basta-va a distincção de Deos ao homem , dos poderes à obra, & das graças à gloria , para que dando toda a gloria a Deos , & todas as graças a Xavier , Xavier pacificamente, & sem questão , ficasse logrando a preeminencia deste grã-de, & novo direito. Mas não he este ainda o fundo da reposta , a que eu disse no principio me temia arriscar. Qual he pois, ou pôde ser sobre toda a novidade do que está dito ? He que não só obrou Xavier na mercè , q nos fez , com os poderes de Deos como de Deos, senão com os poderes, & cõ o mesmo Deos , tudo como seu : & por isso com mayor, & absoluto direito a todas as graças. Vamos à Escriitura , & abramos nella hum novo, & grande reparo.

603 Sitiado em Jerusalem ElRey Ezechias por hũ exercito dos Assyrios pderosissimo, recebeu huma embaixada do Rey,

que era Senacherib , na qual lhe persuadia , ou mandava , que se entregasse , offerecendo condições não só indecentes à Magestade Real,mas blasfemas contra a Divina. E como o estado , ou aperto da Cidade era alheyo de toda a esperança de a poder defender , mandou Ezechias as mesmas condições por escrito ao Profeta Isaias com hum recado , no qual lhe rogava muito orasse por elle ao Deos seu: *Si quomodo audiatur Dominus Deus tuus.* Esta palavra, *Deus tuus*, Deos vosso , a qual duas vezes se repete no mesmo recado , he muito enfatica ; porque Ezechias não era Gentio, senão fiel , & muito pio , & adorava o mesmo Deos verdadeiro de Isaias, a quem tambem ficava fazendo oraçoens. Pois se o Deos do Profeta, & o Deos do Rey era o mesmo ; porque não diz Ezechias , oray a Deos , ou oray ao nosso Deos, senão ao Deos vosso , *Deus*

Isai. 37.
4.

tuus? Porque Deos , ainda que o mesmo, por muito differente modo era Deos do Profeta, que Deos do Rey. Do Rey era seu Deos , do Profeta era Deos seu. E que differença ha de Deos seu , a seu Deos? Muito grande. S. Agostinho dizia: *O Deus! utinam possem dicere meus!* Oh Deos ! & que ditoso seria eu , se ao nome de Deos pudesse acrescentar o possessivo *meus* ! Meu Deos, quer dizer q̃ Deos me possue a mim ; Deos meu, quer dizer , que eu o possuo a elle: meu Deos, quer dizer , que Deos me tem fugeito a seu mandar : Deos meu, quer dizer, que eu o tenho fugeito a meu querer. Quem isto pôde dizer , verdadeiramente possue tam inteiramente a Deos, que pôde usar delle como de cousa sua. Por isso o Rey chamou ao Deos de Isaias Deos seu , *Deus tuus*: & por isso Isaias (em admiravel prova de Deos ser seu) sem fazer oração a Deos , respõdeo de

de repente aos Embaixadores do Rey, que seria vencedor, & o modo com que o seria: *Venerunt servi Regis ad Isaiam, & dixit ad eos Isaias.* Entre a embaixada do Rey, & a resposta do Profeta não houve meyo: como que elle usasse da vontade, & da Omnipotencia de Deos, sem a consultar, como sua.

604. Deos he Deos de todos os homens, mas nem todos os homens são os seus, senão aquelles, que muito intimamente ama, & estima. Taes eraõ os Apostolos, dos quaes disse o Evangelista: *Cum dilexisset suos.* Do mesmo modo todos os homens são de Deos, mas Deos nam he seu de todos, senão daquelles, que subidos ao supremo grao do amor, & da uniaõ são já possuidores nesta vida do mesmo Deos. Tal era Xavier, como elle mesmo confessava nos seus foliloquios cõ Deos. *Quid mihi est in Cælo, & à te quid volui su-*

per terram? Por ventura, Deos meu, ou na terra, ou no Ceo, quero eu, ou tenho outra cousa, senão a vòs? *Pars mea (id est, possessio mea)* Deus in æternum. Todos os meus bẽs fois vòs, nem possuo, ou tenho de meu outra cousa. Por esta alienaçã de tudo o mais possuhia, & dominava Xavier a Deos, & a tudo o q̃ he de Deos, como fugeito a elle, & propriamente seu. Por isso mandava os mares, & os ventos: por isso resuscitava os mortos: por isso lhe eraõ presentes os futuros: por isso parava o Sol, & os orbes celestes. E ninguem me estranha a palavra, dominava; porque depois q̃ Deos permittio à penna dos seus Chronistas, que dissessem delle, *Obediente Domino voci hominis*: o que Deos concedeo ao grande Josué, não o podia negar ao mayor Jesuita. E porque Xavier em todas as mercès maravilhozas, que de sua mãõ recebe o mundo, não só obra-

va como intercessor, senão como Senhor, ou certamente possuidor de tudo o que he de Deos, & do mesmo Deos mais seu, q̃ tudo; não ha duvida, que na gratificação da mercê presente, deixada a Deos toda a gloria, a elle se devaõ todas as graças.

§. III.

605 **J**A sabemos como devemos gratificar a S. Francisco Xavier a mercê prefete. Mas para que saibamos quam devidas lhe são todas as graças pelo nascimento do novo Infante, he necessario que comecemos (o q̃ por ventura se não considera) desde o nascimento do terceiro até chegar ao quarto: *Quartus frater.*

606 Segundo os termos, ou intervallos da Providencia Divina, he cousa notavel, & notada na Historia sagrada, ou pararem os partos no terceiro filho, ou degenerarem depois delles as gera-

ções, ou ser muito difficullosa a passagem para chegar ao quarto. Naquelle arca, em que Deos, affogado no diluvio o mundo, guardou para a conservação, & continuacão delle a propagação do genero humano, não houve mais que tres filhos, Sem, Cham, & Jafet. Na fecundidade de Anna, com quem Deos se mostrou tam liberal, posto que milagrosa, que diz o Texto sagrado? *Visitavit Dominus Annam, & concepit tres filios, & duas filias.* Visitou Deos a Anna, & concebeo, & pario tres filhos, & duas filhas. Demaneira que os filhos varoens forão sómente tres: & o sexo masculino, que ella tinha pedido, *Si dederis servæ tuæ sexum virilem*, logo parou no terceiro parto, & degenerou ao feminino. E posto que a Providencia Divina vigia sobre os Reynos, & Reis com mayor cuidado, *Sunt maxima curæ Regna Deo*, nam deixa de se observar nelles

nelles esta mesma regra. De Judas aquelle primeiro Rey, em que se continuou a serie dos que precederão a David, & depois d'elle atè Christo, diz o Texto sagrado, que lhe nacêrao de sua mulher tres filhos: & nota que nacido o terceiro, parou nella a fecundidade, & nam passou ao quarto: *Gen. 3. 8. Tertium quoque peperit, quo nato, parere ultra cessavit.* Atè nos mesmos elementos, sendo elles quatro, deixou Deos como estabelecida a mesma ley. O primeiro, que he a Terra, fecundo em todos os generos das vidas tâbem tres, vegetativa, sensitiva, & racional: o segundo, que he a Agua, fecundo nos peixes: o terceiro, que he o Ar, fecundo nas aves; mas o quarto, que he o Fogo, totalmente esteril, & infecundo.

607 Só com o Ceo parece que dispensou o Creador, apparecendo no quarto dia da creação, & no Ceo tambem quarto, o

Tom. II.

Sol fonte da luz, de quem a recebê os outros astros para governo universal do mundo, & dos tempos. Mas tam fôra esteve de ser isto dispensação daquella ley, ou exceção daquella regra, que antes foy a mayor confirmação della. Porque? Porque precedendo no terceiro dia a mayor de todas as fecundidades, que he a das plantas, tudo o que no seguinte appareceo no Ceo, nam foy produzido por elle, ou parto seu, senão huns fragmêtos, ou pedaços da luz creada no primeiro dia, os quaes foraõ postos no Ceo não como filhos proprios, & naturaes, senão alheyos, & peregrinos: & por isso não disse Deos ao Ceo, *germinet, ou producat.* O que diz o Texto he: *Posuit in firmamento Cæli*: que poz no ^{Gen. 1. 17.} firmamento do Ceo, o q̃ estava já produzido. Com que no mesmo firmamento ficou perpetuada a esterilidade natural, que aos terceiros partos se segue,

li iij

nem

nem com o Ceo dispensa-
da.

E se quizermos in-
quirir curiosamente a ra-
zão fundamental deste li-
mite posto por Deos à fe-
cundidade do numero, ou
parto terceiro, posto que
não sempre observado se-
não em casos mayores; a-
charemos, que a causa
mais connatural de tam
notavel providencia não
está menos radicada que
na essencia do Supremo
Exemplar, & efficiente de
todas as cousas creadas,
Deos em quanto Trino.
Diz Aristoteles, & com
elle Santo Thomás, que o
modo de obrar segue na-
turalmente o modo do
fer. E qual he o modo de
fer da virtude Divina em
si mesma, ou, como fallaõ
os Theologos, *ad intra*?
A primeira Pessoa, que he
o Padre, he fecunda, &
gera o Filho: a segunda,
que he o Filho, he tam-
bem fecunda, & junta-
mente com o Padre pro-
duz o Espirito Santo: mas
no Espirito Santo, que he

a terceira, pára, & cessa de
tal sorte a Divina fecun-
didade, postoq̃ infinita, &
immenſa, que não pôde
gerar, nem produzir ou-
tra, que seja a quarta. Da-
qui se infere, que se a Pro-
videncia, & Omnipotencia
Divina, obrando fóra
de si, & *adextra*, confer-
vasse no modo de obrar a
proporçam do modo de
fer, toda a natureza crea-
da ficaria totalmente este-
ril no parto terceiro, sem
já mais passar ao quarto;
mas como à propagaçam
do mundo era necessaria
esta passagem, para que
nella déſſe a necessidade
alguma satisfação à natu-
reza, ou lhe pagasse algũ
tributo, tal vez entre hũ,
& outro extremo não só
estende a mesma Providẽ-
cia os intervallos do tem-
po, mas os carrega de taes
trabalhos, & perigos, que
só por mercê de Deos qua-
si milagrosa se pôde esca-
par do meyo delles, & de-
pois do terceiro parto che-
gar ao quarto.

608 Dos tres filhos
de

de Noé, que dissemos , o terceiro era Jafet , de que nós descendemos. E como Deos os tinha guardados na arca, & debaixo de chave para a propagação do genero humano, seguro estava nos segredos da sua Providencia, que sendo elle o terceiro filho, lhe havia de succeder o quarto, & os demais. Mas de que modo , & quando ? Por meyo dos trabalhos, perigos, & horrores do diluvio, depois de fluctuar muitos mezes metido vivo, & como morto naquella ataude escuro: batido por todas as partes das mótanhas das ondas, sem leme, sem farol, sem piloto; até que por mercê do Ceo chegou a salvamento, & tomou porto em terra.

609 E quem à vista deste espelho se não lembra ainda agora com horror, do que padeceo a faude da Rainha nossa Senhora quasi naufragante no largo intervallo do terceiro ao quarto parto, na

nova qualidade do mal: no rigor, & frequencia dos symptomas: no descachimento das forças: no lento, & habituação do calor, de cuja especie só se duvidava: & sobre tudo na desconfiança sempre mal declarada dos Medicos, aonde o perigo ameaça às supremas cabeças? O amor depois da perda vê-se na dor, antes della no receyo. E tal era a tristeza, & desconsoação de todo o Reyno no receyo. daquella adorada, & arriscada vida, em cuja respiração se sustentava a de todos. Do Reyno passavaõ estes lastimosos eccos às mais remotas partes da Monarchia: onde muito antes tinha levado, ou trazido a fama a das virtudes pessoas, Reaes, & heroicas, com que todos estes vassallos se gloriavão de o ser de tam soberana Senhora. E assim como na tempestade da arca se aguardavaõ com suspensão as novas, que traria o Corvo, ou a Pomba; assim

fuspenfos nòs entre tem-
mor, & esperança, em ap-
parecendo ao longe navio
de Portugal, subidos às
torres mais altas com os
instrumentos, que acres-
centaõ a vista, palpitando
entre tanto os coraçõens,
vigiavamos se trazia ban-
deira, & de que cor: o te-
mor receando que fosse
da cor do corvo, para se
cobrir de luto, & de triste-
za; & a esperança confian-
do em Deos, que fosse a
de Pomba com o raminho
verde da Oliveira, para se
vestir de gala, & alegria.

610 Mas passando
da tempestade da arca à da
barquinha dos Apostolos
na tormenta do ilago de
Genezareth, tambem a-
qui para mayor proprie-
dade era a passagem entre
os dous ultimos quartos
nauticos, & militares, por
outro nome vigias, isto
he, entre o terceiro, & o
quarto, *circa quartam vi-*
48. *giliam*, diz S. Marcos. Ef-
tavaõ pois os Apostolos
no summo da afflicçam,
como aquelles, a quẽ mais

dohia o trabalho, & o pe-
rigo: & porque a tempe-
stade, por ser da sua mais
particularmente Senhora,
era tambem cordealmente
mais sua. Oravão instan-
temente ao Ceo; mas cui-
davão que Deos os nam
ouvira, & que passava de
largo: *Volebat præterire* ^{Ibid.}
eos. E sendo que nesta oc-
casiaõ atè o mayor de to-
dos os Apostolos duvi-
dou, & foy reprehêdido
de pouca fé: *Modicæ fidei,* ^{Matth}
quare dubitasti? só a fé, q̃ ^{14. 31.}
Sua Magestade tinha no
seu Santo, nunca vacillou,
& sempre esteve constãte.
He verdade que tambem
elle por algum tempo pa-
rece que se ausentou, &
escondeo; mas em fim a
perseverança da mesma
Fé o descobrio, & achou
tam propicio, como se a-
legre, & risinho lhe res-
pondera com aquellas pa-
lavras Divinas, & por isso
suas: *Qui me invenerit, in-* ^{Prover}
veniet vitam, & hauriet ^{8. 35.}
salutem. Duas cousas lhe
trouxe o seu Santo, quan-
do enferma sò parece que
ne-

necessitava de huma , que era a saude : mas na faude, que lhe trouxe para si, lhe trouxe tambem a vida para o novo filho. A saude facil, como bebida, *hauriet salutem* : & a vida difficil, como achada , *inveniet vitam* : & tam difficil como atègora ponderamos, havendo de ser esse filho o quarto : *Quartus frater*.

§. IV.

611 **A**ssim o provou o successo, em cujas circumstancias mostrou bem Xavier, que elle era o que obrava , mas cõ os poderes não só de Deos , mas do Deos seu. E começando pela do felicissimo parto, foy cousa notavel , que primeiro se soube publicamente , que era nacido o novo Principe , do que precedesse noticia alguma de que estava para nacer , & se offerecessem a Deos as orações tam necessarias naquella hora , final mani-

festo de entrar alli o concurso dos poderes Divinos. Conta , ou revela Isaias , como quem nos segredos de Deos he o mayor Profeta dos mayores, que fallando huma vez o mesmo Deos comsigo, disse desta maneira : *Num- Isai. 66. quid ego, qui alios parere facio, ipse non pariam?* Basta que sendo eu o Author da fecundidade , & que faça sahir a luz todos os que nadem, não terey tambem hum parto, que seja propriamente meu? Ora não ha de ser assim. Primeira, ou ultimamente o nacido do meu parto será hum filho varão, & o parto tam apressado , tam facil, & tam felice, que se diga delle: Antes de parturir pario: *Antequam parturiret, peperit* : *antequam veniret partus ejus, peperit masculum*. A nossa lingua não tem palavra que responda ao *parturir* , & em dia tão festivo permita-se-me *ludere in verbis*, & dizer que parturir, he rir no parto. Tal he o parto da Aurora máy

mã do Sol , o qual nace alegrando o mundo , & ella o pare rindo. E tal foy o do nosso bello Infante ao rir não só de huma, mas de duas Auro-ras, huma no Ceo, outra na terra ; senão quizer-mos acrescentar a terceira do Oriente, festejando as maravilhas do seu Apostolo. Não podia elle obrar senão como Deos, pois exercitava os seus poderes. Só o mundo mistura o ri-so com dor : *Rixus dolore miscbitur*. As mercês de Deos são puras , & alheas de toda a tristeza , & mais em casos tão alegres co-mo o de nacer. Naceo Eva de Adam, & por tal modo, que parecia inevitavel a dor , havendo elle de so-frer , que se lhe arrancasse huma costa do lado. Mas como a mão de Deos era a que obrava aquelle parto, (que assim lhe chama S. Agostinho) foy com tal tento, & recato , que pri-meiro adormeceu a Adam com hum somno tão pro-fundo , que nem por so-

Proverb
24.13.

nhos pudesse sentir dor : Gen. 2.
Immisit soporem in Adam : tulit unam de costis ejus. 21.

612 Assim obra Deos parecendo-se comfigo , & assim Xavier parecendo-se com Deos : Deos no par-to , que chamamos seu , evitando totalmête a dor ; & Xavier no que tambem attribuímos a seus pode-res, tirádo-lhe o tempo das dores. Houve em hum , & outro parto dous pri-ilegios notaveis. O pri-meiro na dispensação de huma ley , o segundo na moderação , & reparo de outra. Na sentença da primeira mulher conde-nou-a Deos a ella, & a to-das a duas penas : huma , que paríssem os filhos cõ dor , *In dolore paries filios* : outra , que estivessem su-geitas ao varão , *Et sub viri potestate eris.* Gen. 3. 16. E como dispensou Deos a primei-ra, & moderou , & repa-rou a segunda ? A pri-meira dispensou-a, fazen-do que o parto, que cha-mou seu, fosse sem dor : *Antequam parturiret , pe-perit.*

perit. A segunda modelou-a, & reparou-a, fazendo que o filho fosse varão: *Peperit masculum*; porque no tal caso já o varão fica fugeito, & debaixo do poder da mulher, tendo obrigação de a obedecer, & reverenciar como mãy.

613 Além destes dous privilegios, houve no nascimento do nosso Infante outro terceiro. E foy, q as mãys antes do parto não sabem se ha de ser filho, ou filha: & a Rainha nossa Senhora por instinto, ou inspiração do seu Santo, soube certamente que havia de ser varão, *masculum*. Assim consta, que o declarou Sua Magestade à Serenissima Rainha da Grã Bretanha, afirmando que lhe havia de dar ailhado, & não ailhada. E para mim não foy menor prova desta mesma presciencia o voto, ou devoto proposito, com que Sua Magestade determinou, que tanto que o que trazia em suas entranhas se pudesse pôr em

pê, o havia de vestir do habito de S. Francisco Xavier. E daqui se infere, q suppunha a Rainha nossa Senhora, que havia de ser filho, & não filha? Sim. Porque se o habito houvesse de ser de S. Agostinho, S. Bernardo, S. Domingos, ou S. Francisco, bem o podia vestir filha, como o vestem as filhas destes Santos Patriarchas; mas havendo de ser de Xavier, & da Companhia, não o podia vestir, senão sendo filho: *Peperit masculum*.

614 A outra circunstancia deste prodigioso nascimento foy ser no dia de quinze de Março, & na madrugada delle. Este dia, como consta do capitulo vinte & tres do Levitico, era o da mais solemne festa, assim pela memoria, & agradecimento da liberdade particular do cativoiro do Egypto, como pela significação da universal, & futura do cativoiro do genero humano, & redempção do mundo. As palavras

Levit. 23.
5.

vras do Levitico são : *Mē- se primo quarta decima die mensis ad vesperum*, Phase Domini est : & *quinta decima die mensis hujus solennitas azymorum Domini est*. O primeiro mez, que se chamava *Nisan*, respõde ao nosso Março, & os dias naturaes naquelle tẽpo começavão ao pôr do Sol no principio da noite, & acabavão ao pôr do Sol outra vez no fim do dia, como Deos os tinha instituido no primeiro dia da

Gen. I.

creação : *Factum est vespere, & mane dies unus*. Daqui se segue, que o nosso Infante nascendo pela madrugada, naceo quasi ao meyo dia daquelle dia. E segundo as duas figuras do Cordeiro Paschoal, & pão asmo, sahio à luz deste mundo entre os dous mayores prodigios, & mysterios da Divindade humana, que foraõ a instituição do Santissimo Sacramento, & a morte de Christo na Cruz. Porque o primeiro foy instituido à segunda hora da noite,

que foy a da Cea ; & o segundo succedeo, conforme o nosso contar, às tres da tarde do dia, que foy a da morte. Computando agora estas horas, que passarão no intervalo de hũ mysterio a outro, consta pontualmente, que forão dezanove : as nove antecedentes ao nascimento do Infante, & as dez seguintes a elle. Mas com que propriedade no mesmo computo ? Verdadeiramente admiravel. Como se no numero das mesmas horas nos dissera S. Francisco Xavier, & nos apõtára com o dedo, nas nove, os nove dias da sua novena, & na decima, os dez dias das suas festas feiras : & em ambos a hora de cada hum delles, em que Sua Magestade com tam constante, & confiada devação, & fé, (inda contra o parecer dos Medicos, nas mesmas vespõras do parto) mereceo ao seu Santo o felicissimo nascimento de tão estimada prenda.

615 Que figura nos pa-

parece agora que fará neste mundo hum Príncipe, que entra nelle acompanhado de hum, & outro lado daquellas mesmas insignias, com que no mesmo mez, & no mesmo dia se representou o mesmo Christo ao mundo antes de vir a elle, nos dous mayores trofeos da sua Omnipotencia, o seu Sacramento, & a sua Cruz? Tremo de considerar na materia; porque em qualquer applicação della quasi periga a reverencia de tão soberanos mysterios. No Presépio nasce Christo humilde entre dous animaes; porque vinha a fazer de animaes homens: & no Tabôr apparece glorioso entre Moyses, & Elias, que forão vistos em magestade: *Visi in maiestate*. Mas que magestade he a de Moyses comparada com a do Sacramento, & a de Elias com a da Cruz? Se no nascimento do Bautista dizião comfigo os Montanhezes: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim*

manus Domini erat cum illo; que diremos nós do nascimêto deste prodigioso menino, assistido não só com a mão do Senhor, senão com o mesmo Senhor duas vezes todo?

S. V.

616 **M**As não quero pronosticar mais grandezas, que as que cabem no meu thema, posto que tão pequeno, *Quartus frater*. Atrevermehey a dizer deste quarto irmão, o que disse Nabucodonosor, quando além dos tres, que nam quizerão adorar a sua estatua, vio passeando na fornalha como em hum jardim, & entre as labaredas como entre flores, outro quarto, que lhe pareceo semelhante ao Filho de Deos: *Et species quarti similis Filio Dei*? Mas Nabucodonosor era Gentio, & parecerá especie de gentilidade dizer tanto. O que tô farey, he, que imitando os Santos Padres,

os

Luc. 9.
31.

Daniel.
3.92.

Sap. 11.
21. os quaes fudados naquelle grande texto , *Omnia in mensura, & numero, & pondere disposuisti* , dos Numeros , em que a Sabedoria , & Providencia Divina dispoz todas as cousas, colligem as intelligencias, & mysterios , q̃ nellas se encerrão. Tomado pois o peso , & a medida ao lugar , & ao numero, em que a mesma Providencia collocou o novo Infante na ordem successiva de seus irmãos, *Quartus frater* ; vejamos do mesmo lugar , & do mesmo numero o que se pôde, & se deve cõjecturar com fundamento.

617 O que mais estimaõ os Principes em si, & o que mais estima , & celebra nelles o mundo, para cujo governo nacẽrão , he serem sabios na paz, & valerosos na guerra. E destas duas virtudes tão excellentes , & verdadeiramente Reaes, nos offerece a Historia sagrada dous famosos exemplos no mesmo nascimento de

filhos , & no mesmo numero de quartos. Salamão foy Rey pacifico, & o mais sabio de todos os homẽs : & o mesmo Salamão filho de David, & quarto filho Judas tronco do Tribu Real, foy, elle, & o mesmo Tribu, o mais valeroso, & bellicofo de todos ; & o mesmo Judas filho de Rubem, & filho quarto. Mas porque estas eminencias, posto que tão altas, (como as do monte Apenino) se não levantão da terra, de nenhum modo se podem igualar ao que eu cõjecturo, & espero do nosso quarto Principe, & do muito mais que S. Francisco Xavier nos promete nelle. Já não me fundo em exemplos das sagradas Letras, senão em ley expressa do mesmo Deos.

618 No Capitulo 19. do Levitico mādava Deos, que os frutos da primeira, segunda, & terceira novidade das arvores se não tocassem, & que todos no quarto anno , & na quarta novidade se offe-

ev. 19. 4. receßem, & sacrificassem a elle : *Quarto autem anno omnis fructus sanctificabitur laudabilis Domino.* A razão natural era, porque só na quarta novidade estão os frutos perfeitos, & fazonados, & por isso dignos de se offerecerem, & sacrificarê ao Creador. E se Deos queria que se observasse esta ley na geração das arvores, quanto com mayor direito nas arvores da geração? Estava a Portugueza no tronco Real não só esteril, mas quasi secca, & quando pelo peregrino enxerto tam venturoso, como Augusto, depois do primeiro, segundo, & terceiro fruto, se vê enriquecida do quarto, como póde deixar este de se consagrar todo a Deos? Ninguém cuide, que pronosticó às faxas do novo Infante a Purpura Ecclesiastica: antes me lembro, & lembrados devemos estar, que junta esta Purpura com a Real na nossa nação, lhe foy causa da sua mais lamen-

tavel fatalidade. Tertuliano chegou a dizer, que nem os Christãos podiaõ fer Cesaes, nem os Cesaes Christãos: *Si Christiani Cesaes esse possent, aut Cesaes Christiani.* Mas este foy hum dos erros, em que cahio aquelle profundo entendimento. O que eu quero dizer he, que as virtudes do nosso novo Principe serám tam Christãmente Reaes, & tam Regiamente Christãs, que nam contête com a observancia dos preceitos da ley de Christo, remontandose o seu espirito aos apices altíssimos dos conselhos Euangelicos, nam só será hum Real, & sublimo exemplo da perfeição religiosa, mas consummadamente Santo.

619 Estes foraõ os impulsos inspirados por S. Francisco Xavier, com que desde as entranhas maternas, à semelhança do grande Precursor, o determinou Sua Magestade vestir naõ da Purpura, em que eu fallava, mas do habito

bito do mesmo Apostolo, para que com elle recebesse o mesmo espirito, & seja hum Xavier segundo. Agora peço attenção. Pedio Eliseo a seu Mestre Elias, que nelle se dobrasse o seu espirito : *Fiat in*

4. Reg.
2. 9.

me duplex spiritus tuus : não porque pedisse , ou desejasse q. o espirito de Elias fosse dobradamente mayor nelle Eliseo ; mas para que multiplicado o mesmo espirito , sendo singular em cada hum, fosse dobrado em ambos. Respondeo Elias, que pedia hum cousa muito difficilissima :

Ibi. 10. *Rem difficilem postulasti* ; mas em fim lha concedeo, & o modo deste trespasso, ou multiplicação do mesmo espirito foy lançar Elias o seu habito sobre Eliseo, como mais expressamente declaram os Setenta Interpretes : *Et tulit melotem Eliae , quae ceciderat super eum*. E como o poder , & vontade de Xavier está sempre certa para ouvir as orações, & santos desejos da Rainha

nossa Senhora, & nenhum pudesse ser mais Santo , q. desejar ao filho o seu espirito ; assim como Elias infundio , & dobrou o seu em Eliseo por meyo dos seus vestidos : assim com semelhãte benção do Ceo, quando a seu tempo o bellissimo Infante por conselho , & inspiração do mesmo Xavier se lhe apresentar vestido da roupeta, & barretinho, que lhe virão nascendo , não ha duvida que o Santo (pagando tambem nisto a sua mãy) o enfeitara por dentro de todas as joyas , & graças do seu Apostolico espirito.

620 Mas não para aqui , & só nesta semelhança o meu pensamento: antes o que nelle parece difficilissimo, *Rem difficile postulasti* , se confirma admiravelmente pelo successo, & escriptura seguinte. Assim como disse S. Paulo : *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi, in carne mea* : assim diz o Ecclesiastico no Cap. 48.

que

Coloss.
1. 24.

que as cousas, que o espirito , & zelo de Elias tinha intentado , & não pôde conseguir , & executar, porque foy arrebatado ao Ceo, effas acabou depois , & tiveraõ seu cõplemêto

Ecl. 48
13.

em Eliseo : *Elias quidem in turbine tectus est, & in Eliseo completus est spiritus ejus*. Isto posto, saibamos agora, que intentou o zelo, & espirito de Xavier, & não pôde levar ao cabo, porque o Ceo o arrebatou como a Elias. He cousa certa, & manifesta , que Xavier acabou a vida na Ilha de Sancham às portas da China , onde elle queria entrar , por ser a fonte das idolatrias do Oriente, & não pode. Oh segredos da Providencia Divina ! Entre a conceição, & nascimento do nosso Infante chegaõ as novas a Portugal, de que as portas da China fechadas a Xavier, se abrirãõ de par em par à publica prègação do Euangelho. E quem poderá negar, que o concurso de taes, & tam

remotas circumstancias de tempo a tempo, & de pessoa a pessoa, seja hum prodigioso argumento , de q̃ este menino , sendo herdeiro do espirito de Xavier, como do seu habito, será em mayor idade o Eliseo , que dè glorioso fim , & complemento àquella grande empreza intentada , & não conseguida pelo seu amado Elias : *In Eliseo completus est spiritus ejus ?*

621 Ainda não està posta a coroa a esta famosa figura, que quasi se pôde chamar profetica. Affirma Santo Epifanio, que no dia em que naceo Eliseo, hum dos bezeros de ouro , que fabricou Jeroboam, mugio lamentavelmente , & foy o mugido tam forte , como se fosse hum trovaõ, que se ouviu em toda Jerusaleem. Para intelligencia deste prodigio, devem suppor os que o não sabem , que Jeroboam, criado de Roboam Rey dos doze Tribus, se levantou com a mayor

parte delles , & com o titulo tambem de Rey fez a sua Corte em Sichem : & para que os novos subditos vindo a Jerusalem, onde estava o templo do verdadeiro Deos, se não unifsem outra vez a seu legitimo senhor, fundio dous bezerros de ouro como o do deserto , os quaes por seu mandado todos adoravaõ. E hum destes bezerros he o que mugio no nascimento de Eliseo , como adivinhando, & doendose lastimosamente de q̃ aquelle menino, entãõ nascido ; havia de ser o destruidor de toda a idolatria : *Quã voce significabatur illa die natum esse infantem, qui vitulos aureos, ceteraque idola everteret.* Eu lhe chamey menino , & a declaração do bruto oraculo (que he do Santo) lhe deo mais propriamente o nome de Infante: *Natum infantem.* Mas se os idolos de ouro , & os bezerros eraõ dous , porque mugio hum só ? Porque ao outro já a espada de

Elias lhe tinha cortado a cabeça , & as vozes do seu zelo o tinhaõ emudecido : & o segundo, que elle ainda não pudera vencer , ficava para triumpho de Eliseo. Põde haver caso mais proprio da nossa cõjectura ? Chamemos a Xavier Elias , & ao Infante nascido (a quem ainda não sabemos o nome) demos-lhe o de Eliseo, & estã declarando o mysterio de ser hum só bezerro o que mugio. O outro , ou a outra ametade da idolatria da Asia já Xavier a tinha derrubado, emudecido, & convertido à confissão da verdadeira Fè. A da China, que he o outro bezerro já meyo rendido , como he de tantos milhoões de gente, guarda a sua ultima vitoria para o nosso Infante, não mugindo tristemente no seu nascimento, mas berrando , & chamando por elle, como desejoso, & faminto.

§. VI.

622 **E** Se a alguê lhe parecia de-
mafiada esta minha espe-
rança, & que tendo tanto
de admiravel, ainda tem
mais de difficultosa; he
porque não tem lido as
nossas Chronicas, ou se ef-
quece dellas. Esta nave-
gação, estas viagens, este
caminho maritimo para
a India, China, & toda a
Asia, havia-o antigamen-
te? Não: nem rasto, ou
pensamento humano de
tal caminho; antes os mais
doutos, & sabios entendi-
mentos o tinhaõ por im-
possivel. Quem foy pois
o que intentou, & conse-
guio esta tam notavel, &
nunca imaginada empre-
za? He certo, que o In-
fante Dom Henrique, fi-
lho del Rey Dom João o
Primeiro de Portugal, &
irmaõ del Rey Dom Duar-
te. Desterrouse da Corte
na flor da idade este heroi-
co Principe, foy-se viver
entre o ruído das ondas

nas prayas mais remotas
do Reyno: & dalli por
meyo dos seus fortissimos
Argonautas, rompendo
mares, vencendo promô-
torios, descobrindo novas
terras, novos Ceos, & no-
vos climas, com immensos
trabalhos, & horrendos
perigos, & com igual con-
stancia de quarêta annos,
em fim mostrou ao mun-
do o que o mesmo mundo
não conhecia de si, & não
possibilitou sómente, mas
facilitou aquelle natural
impossivel. Era Governador da Ordem Militar de
Christo instituïda por El-
Rey seu pay contra os in-
fieis, & a estes fez novas
guerras: era insigne Cos-
mografo, & Mathemati-
co, & a esta ciencia accres-
cêto a pratica do q̃ só ti-
nha escuras opinioens, ou
não tinha chegado a ter
suspeitas: era sobre tudo
varaõ de elevado espirito,
vida santa, & pureza, co-
mo dizem as historias,
virginal; & ao passo q̃ hia
descobrindo novas gentes
barbaras, & idolatras, o

zelo ardentissimo de as converter à Fé lhe miniftrava novos espiritos ; & Deos , a quem tanto servia , & agradava , mayores impulsos para proseguir a empreza . E se a Providência Divina fiou , & encarregou os principios desta celestial conquista a hum Infante de Portugal ; os fins della já tam facilitados , porque os não fiará a outro ? Se hum terceiro filho delRey Dom João o Primeiro foy o que lançou a primeira pedra no edificio já tam levantado da Igreja Oriental ; o filho quarto delRey Dom Pedro o Segundo , do mesmo sangue Real , & de pays tam zelosos da propagação da Fé , & piedade Christã , porque não será aquelle , para quem Deos tenha guardado o fechar as abobadas do mesmo edificio , & levantar nellas por remate o tropheo do Crucificado com as cinco triunfantes Divisas , que o mesmo Senhor , & da mesma Cruz nos mādou pin-

tar nas nossas Bandeiras ?

623 Este he o quarto irmão dos nossos Principes , *Quartus frater* : & este o quarto fruto da arvore Real , que Deos mādava lhe fosse consagrado nas outras arvores : *Omnis fructus quarto anno sanctificabitur Domino*. A palavra , *sanctificabitur* , não declara quem ha de consagrar , & offerecer a Deos este quarto fruto ; mas bẽ se entende , que deve ser o senhor do fruto , & da arvore : acto em que grandemente respládeceo nam só a real urbanidade , senão a sciencia , & sempre bem acordada attengam da Rainha nossa Senhora . Escrevemas cartas , que quando Sua Magestade quiz offerecer , & consagrar a Deos o seu quarto fruto no habito de S. Francisco Xavier , pedio a ElRey , que Deos guarde , o seu consentimento : obsequio não só devido , mas em prudente Theologia necessario , pelo dominio mayor , que o pay tem sobre

Chryl.
hom. 1.
de fide
Annz.

bre o filho, ainda que seja alcançado por orações da mãe. Porque Samuel foy alcãçado por orações de Anna, diz S. João Chryfostomo, que Anna se podia chamar nam só mãe, senão mãe, & pay de Samuel: *Nequaquam aberraverit, qui hanc mulierem pueri simul & matrem, & patrem appellavit, cujus deprecatio effecit, ut Samuel nasceretur.* Mas ainda no tal caso o direito paterno precede ao materno, & no concurso de ambos, quando he filho o que se sacrifica, consiste a perfeição do offerecimento. Esta faltou no sacrificio de Isaac; porque Abraham não se atreveo a pedir o consento de Sára. E com tudo não passando o sacrificio a outro effeito mais que o da vôtade, sendo esta só de hum dos pays, daqui se infere quam grato seria à Divina aceitação o devoto, & religioso offerecimêto de Suas Magestades no quarto fruto da mãe, & no

quarto filho de ambos. Pelo offerecimento de Abraham, sendo só seu, *Quia fecisti hanc rem*, lhe ^{Gen. 22} ^{16.} prometteo Deos o augmento de sua casa, q̃ foy o mayor do mundo, a perpetuidade de sua descendencia, a vitoria de todos seus inimigos, & sobre tudo a benção de todas as gentes, que propriamente se cumprio, & vay cūprindo na Fé, & conhecimêto do verdadeito Deos em todas as gentilidades. E assim como já pronosticamos com tanto fundamento a Fé, & conversão, que resta das Orientaes aos felicissimos auspicios do novo Infante; assim podemos confiar, que pelo sacrificio, & offerecimento, que delle tem feito a Deos a piedade, & voto de seus gloriosos pays, na Real Casa, & Prosapia de Suas Magestades se verifiquem todas as outras feittas à de Abraham.

624 E para eu dizer huma palavra, posto que não ouvido, à prodigiosa

infancia do mesmo Principe, se a mesma palavra for tam venturosa, q̃ Sua Alteza a seu tempo a lea; o que só lhe protesto he, que quando se vir vestido do habito, & revestido do espirito de Xavier, todas as suas acçoens sejaõ referidas a elle, & não a si. Confiado Eliseo na virtude do vestido, que tinha recebido de Elias, quiz q̃ o Jordaõ se lhe abrisse, para que elle, como o mesmo Elias, o passasse a pè enxuto. Mas o rio nam obedeceo. E que fez en-

taõ Eliseo, quasi desconfiado? Exclamou com alta voz: *Ubi est Deus Elias?* Onde está o Deos de Elias? E tanto que o Jordaõ ouviu o nome de Elias, logo se dividio. Invoque pois o discipulo ao mestre, o filho espiritual ao pay, o pequeno Xavier ao grande: que como Deos, que lhe deo os poderes, he seu: *Deus Elias*: assim quer q̃ depois de se darem ao mesmo Deos todas as glorias, o mesmo Principe, & todos dem a Xavier todas as graças.

4. Reg.
2. 14.



INDEX

DOS LUGARES DA SA- grada Eſcritura.

Os Numeros ſignificão as paginas.

Ex Libro Geneſis.

Cap. 1. y. 1. **I**N princi-
pio creauit
Deus Cælu, & terram,
Pag. 350.

1. 3. Fiat lux, 369.

1. 5. Vidit Deus quòd eſſet
bonum; & factus eſt dies
unus, 315.

1. 8. Vidit Deus quòd eſſet
bonum; & factus eſt dies
ſecundus, 315.

1. 17. Poſuit eas in firma-
mento Cæli, 116.

1. 24. Erunt duo in carne
una, 82.

1. 26. Faciamus hominem
ad imaginem, & ſimilitu-

dinem noſtram. 350.

1. 31. Vidit cuncta, quæ
fecerat, & erant valde
bona, 254.

Cap. 2. 8. Plantauerat au-
tem Dominus Deus para-
diſum voluptatis, 83.

2. 9. Lignum vitæ in me-
dio para-diſi, 214.

2. 17. In quocumque die
comederis ex eo, morte
morieris, 17.

2. 18. Non eſt bonum eſſe
hominem ſolum, 473.

2. 21. Immiſit Deus ſopo-
rem in Adam tulit
unam de coſtis ejus, 528.

Cap. 3. 1. Cur præcepit vo-
bis Deus, 447.

Kk iij

[3. 3]

3. 3. *Præcepit nobis Deus, ne comederemus, & ne tangeremus illud, ne forte moriamur, 17.*
3. 4. *Nequaquam morte moriemini, 243.*
3. 5. *In quocumque die comederitis, aperientur oculi vestri, & eritis sicut dii, 290.*
3. 8. *Cum audisset vocem Domini deambulantis in paradiso, 382.*
3. 9. *Adam ubi es. Ibid.*
3. 16. *In dolore paries filios, & sub viri potestate eris, 528.*
3. 20. *Mater viventium, p. 252.*
3. 22. *Ne comedas, 217.*
3. 23. *Ut operaretur terram, de qua sumptus est, p. 83.*
- Cap. 4. 4. 5. *Respexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus; ad Cain vero, & ad munera illius non respexit, 482.*
4. 8. *Egrediamur foras, 102.*
4. 14. *Ecce ejicis me à facie terræ, & à facie tua abscondar. Ibid.*
- Cap. 5. 29. *Iste consolabitur nos, 394.*
- Cap. 6. 7. *Delebo hominem, quem creavi, 509.*
- Cap. 8. 21. *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines, 510.*
- Cap. 12. 16. *Fuerantque ei oves, & boves, & servi, & famulæ, 292.*
- Cap. 15. 1. *Noli timere Abraham, ego protector tuus, 12.*
- Cap. 18. 9. *Dixerunt ad eum, ubi est Sara uxor tua, 359.*
- Ibid. 10. *Cui dixit, Revertens veniam ad te tempore isto, & habebit filium Sara uxor tua. Ibid.*
- Cap. 19. 13. *Delebimus locum istum, eo quod increverit clamor eorum coram Domino, &c. 358.*
- Cap. 21. 6. *Risum fecit mihi Deus, 405.*
- Cap. 22. 2. *Super unum mortuum, quem monstravero tibi, 270.*
- Ibid. 16. *Quia fecisti hanc rem, 539.*
- Cap. 24. 30. *Cum vidisset (Laban) in aures in manibus ejus, 458.*
- Ibid. 47. *Suspendi in aures ad ornandam faciem ejus, &*

- & armillas posui in manibus ejus, 458.
- Cap. 25. 23. Duæ gentes sunt in utero tuo, 131.
- Cap. 28. 3. Et Dominum innixum scalæ, 92.
- Cap. 30. 1. Da mihi liberos, alioquin moriar, 488.
- Ibid. 2. Num pro Deo ego sum. Ibid.
- Cap. 31. 24. Vidit in somnis dicentem sibi Deum: Cave ne quidquam asperè loquaris cõtra Jacob, 120.
- Ibid. 29. Nunc quidem valet manus mea reddere tibi malum, sed Deus patris vestri heri dixit mihi, &c. 119.
- Ibid. 30. Cur furatus es deos meos, 120.
- Cap. 32. 25. 31. Tetigit nervum femoris ejus, & statim emarcuit: ipse verò claudicabat pede, pag. 443.
- Cap. 36. 31. Reges autem, qui regnaverunt in terra Edom, antequam haberent Regem filij Israel, fuerunt hi, 132.
- Cap. 37. 35. Descendam ad filium meum lugens in infernum, 475.
- Cap. 38. 5. Tertium quoque peperit; quo nato, parere ultrà cessavit, 523.
- Cap. 39. 2. Erat vir in cunctis prosperè agens, 267.
- Ibid. 9. Quomodo possum, p. 268.
- Ibid. 10. Et mulier molestata erat adolescenti, 267.
- Cap. 41. 12. Erat ibi puer Hebræus, 268.
- Cap. 42. 38. Mortuus est frater ejus, & ipse remansit solus, 501.
- Cap. 44. 5. Scyphus, quem furati estis, ipse est in quo bibit dominus meus, &c. p. 227.
- Ibid. 15. An ignoratis quòd non sit similis mei in augurandi scientia. Ibid.
- Cap. 49. 22. Filius accrescens Joseph, filius accrescens, 268.

Ex Libro Exodi.

- Cap. 3. 3. Vadam, & videbo visionem hanc magnam, quare non comburatur rubus, 479.
3. 6. Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob, 440.
- Cap. 5. 1. Hæc dicit Dominus Deus Israel: Dimitte

- te populū meum, ut sacrificet mihi in deserto, 445.
- Ibid. 2. *Quis est Dominus, ut audiam vocem ejus... nescio Dominum, & Israel non dimittam*, 446.
- Cap. 7. 1. *Constitui te Deum Pharaonis*, 363.
- Cap. 20. 18. *Populus autem videbat voces*, 313.
- Cap. 23. 4. *Si occurreris bovi inimici tui, aut asino erranti, reduc ad eum*, 97.
- Cap. 32. 2. *Tollite inaures aureas de uxorum, filiorumque, & filiarum vestrarum, & afferte ad me*, 273.
- Ibid. 4. *Hi sunt dii tui, qui te eduxerunt de terra Egypti*, 44.
- Ibid. 10. *Dimitte me, ut irascatur furor meus*, 125.
- Ibid. 14. *Placatus est Dominus ne faceret malū, quod locutus fuerat adversus populum suum*, 126.
- Ibid. 28. *Cecideruntque in die illa quasi viginti tria millia hominum*. Ibid.
- Ibid. 31. 32. *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti*. Ibid.
- Cap. 38. 8. *Fecit & labrum aeneum cum basi sua de speculis mulierum, quæ excubabant in ostio tabernaculi*, 304.
- Ex Libro Levitici.
- Cap. 12. 3. *Die octavo circumcidetur infantulus*, p. 413.
- Cap. 19. 24. *Quarto autem anno omnis fructus sanctificabitur laudabilis Domino*, 533.
- Cap. 23. 5. *Mense primo, quartadecima die mensis ad vespertum, Phase Domini est: & quinta decima die mensis hujus, solennitas azymorum Domini est*, 530.
- Cap. 24. 9. *Eruntque (panes propositionis) Aaron, & filiorum ejus, ut comedat eos in loco sancto: quia Sanctum sanctorum est de sacrificijs Domini jure perpetuo*, 158.
- Ex Lib. Numer.
- Cap. 6. 24. *Benedicat vos Dominus, & custodiat vos. Ostendat Dominus faciem suam vobis, & det vobis pacem*, 352.
- Cap. 22. 28. *Cur percutis me*, 447.
- Ex

Ex Libro Deuteron.

Cap. 32. 17. *Immolaverunt dies, quos ignorabant: novi, recentesque venerunt, quos non coluerunt patres eorum, 440.*

Ex Libro Josue.

Cap. 10. 12. *Sol contra Gabaon ne movearis, & Luna contra vallem Aialon, 88.*

10. 14. *Obediente Domino voci hominis, 89.*

10. 25. *Confortamini, & estote robusti, sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris, adversum quos dimicatis, 430.*

Cap. 14. 12. *Da mihi montem istum, in quo Enacim (id est, gigantes) sunt, & urbes magnæ, atque munitæ: si fortè sit Dominus mecum, & potuero delere eos, 23.*

Ex Libro Judicum.

Cap. 5. 20. *De Cælo dimicatum est Stellæ manentes in ordine suo, 501.*

Cap. 7. 20. *Gladius Domini, & Gedeonis, 278.*

Ex Libro 1. Regum.

Cap. 1. 11. *Si respiciens videris, dederisque servæ*

tuæ sexum virilem, 484.

Cap. 2. 5. *Donec sterilis peperit plurimos, & quæ multos habebat filios, infirmata est, 110.*

2. 21. *Visitavit Dominus Annam, & concepit, & peperit tres filios, & duas filias, 496.*

Cap. 14. 6. *Veni, transeamus ad stationem incircūcisorum horum, si fortè faciat Dñs pro nobis, 23.*

Cap. 15. 23. *Quasi peccatū ariolandi est: & quasi scelus idololatriæ nolle acquiescere, 336.*

Cap. 16. 7. *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor, 312.*

Cap. 17. 10. *Ad singulare certamen, 13.*

Cap. 24. 21. *Scio quòd certissimè regnaturus sis, 109*

Ex Libro 2. Regum.

Cap. 3. 1. *Facta est lōga concertatio inter domū Saul, & domum David, 109.*

Ibid. *David proficiscens, & seipso semper robustior, Ibid.*

Ibid. *Domus autem Saul decrescens quotidie. Ibid.*

Ex Libro 3. Regum.

Cap. 7. 27. *Fecit decem bases aeneas, quatuor cubitorum longitudinis bases singulas, & quatuor cubitorum latitudinis, 5.*

7. 30 *Et quatuor rotæ per bases singulas, Ibid.*

7. 33. *Tales autem rotæ erant, quales solent in curru fieri: & axes earum, & radij, & canthi, & modioli, omnia fusilia.*

Ibid.

Cap. 18. 21. *Usquequo claudicatis in duas partes? Si Dominus est Deus, sequimini eum; si autem Baal, sequimini illum, p. 443.*

Ibid. Et non respōdit ei populus verbum. Ibid.

Cap. 18. 24. *Optima propositio, 456.*

Ex Libro 4. Regum.

Cap. 2. 9. *Fiat in me duplex spiritus tuus, 534.*

2. 10. *Rem difficilem postulasti. Ibid.*

2. 14. *Ubi est Deus Eliæ, p. 540.*

Cap. 6. 31. *Hæc faciat mihi Deus, & hæc addat, si steterit caput Elisei super*

ipsum hodie, 279.

Cap. 18. 16. *Cōfregit Ezechias valvas templi, & laminas auri, quas ipse affixerat, 160.*

Cap. 20. 1. *Dispone domui tuæ; morieris enim tu, & non vires, 243.*

20. 7. *Afferte massam fisorum. Quam cum posuissent super ulcus ejus, curatus est, 211.*

Ex Libro Tobie.

Cap. 12. 14. *Et nunc misit me Dominus ut curarem te, 212.*

Ex Libro Esther.

Cap. 3. 1. *Exaltavit Aman, & posuit solum ejus super omnes Principes, p. 103.*

Cap. 4. 11. *Quod siue vir, siue mulier, non vocatus, interius atrium Regis intraverit, absque ulla cunctatione interficiatur, 24.*

Ibid. Nisi fortè Rex auream virgam ad eum tetenderit pro signo clemētiæ, 25.

Ex Libro Job.

Cap. 4. 2. *Conceptum sermonem tenere quis poterit, 379.*

Cap. 31. 27. *Si osculatus sum*

- sum manum meam, 44.*
 Ibid. 29. *Si gavissus sum ad ruinam ejus, qui me oderat, & exultavi quod invenisset eum malum, 97.*
 Ibid. 31. *Quis det de carnis ejus ut saturemur, 32*
 Ex Libro Psalmorum
 Psalm. 2. 7. *Filius meus es tu, ego hodie genui te, 251.*
 Psalm 5. 7. *Odisti omnes, qui operantur iniquitatē, p. 124.*
 Psalm. 7. 5. *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam meritō ab inimicis meis inanis, 108.*
 7. 17. *Convertetur dolor ejus in caput ejus, & in verticem ipsius iniquitas ejus descendet, 37.*
 Psalm 8. 3. *Ex ore infantium, & lactentium perfecisti laudem, 387.*
 Psalm. 17. 6. *Dolores inferni circumdederunt me, p. 472.*
 17. 45. *In auditu auris obediit mihi, 273.*
 Psalm. 22. 5. *Calix meus inebrians quā praeclarus est, 196.*
 Psalm. 24. 4. *Vias tuas, Domine, demonstra mihi, & semitas tuas edoce me, 323.*
 Psalm. 34. 12. *Retribuebāt mihi mala pro bonis: sterilitatem animae meae, 507*
 Psalm. 37. 11. *Et lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecū, 474.*
 Psalm. 42. 4. *Introibo ad altare Dei, 175.*
 Psalm. 43. 7. *Gladius meus non salvabit me, 4.*
 Psalm 44. 3. *Speciosus forma prae filiis hominum, p. 318.*
 44. 7. *Sagittae tuae acutae, populi sub te cadent, in corda inimicorum Regis, p. 372.*
 Psalm. 48. 13. *Homo cū in honore esset, comparatus est jumentis, & similis factus est illis, 291.*
 Psalm. 66. 7. 8. *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus, & metuant eum omnes fines terrae, 352.*
 Psalm 67. 10. *Pluviam volūtariam segregabis Deus hereditati tuae, 489.*
 Psalm. 68. 3. *Veni in altitudinem maris, & tempestas demersit me, 472.*
 Psalm. 71. 7. *Donec auferatur*

- ratur Luna, 279.
 Psalm. 72. 25. *Quid mihi est in Cælo, & a te quid volui super terram, 521.*
 72. 26. *Pars mea Deus in æternum. Ibid.*
 Psalm. 73. 23. *Superbia eorum, qui te oderunt, ascēdit semper, 129.*
 Psalm. 74. 9. *Calix in manu Domini vini meri, p. 201.*
 Psalm. 77. 57. *Conversi sūt in arcum prævum, 37.*
 77. 67. 68. *Elegit tribum Juda, tribum Ephraim non elegit, 482.*
 Psalm. 94. 10. *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, & dixi, Semper hi errant corde, p. 441.*
 Psalm. 105. 23. *Et dixit ut disperderet eos: si non Moyses electus ejus stetit in confractiōe in conspectu ejus, 517.*
 Psalm. 106. 26. *Ascendunt usque ad Cælos, & descendunt usq; ad abyssos, 437.*
 106. 40. *Errare fecit eos in invio, & nō in via, 496.*
 Psalm. 109. 4. *Ex utero ante luciferum genui te, p. 380.*
 Psalm. 113. 8. *Similes illi fiant, qui faciunt ea, 26.*
 Psalm. 117. 23. *A Domino factum est istud, & est mirabile in oculis nostris, p. 198.*
 Psalm. 118. 66. *Quia mandatis tuis credidi, 449.*
 Psalm. 125. 1. *In convertēdo Dñs captivitātē Sion, facti sumus sicut consolati, 406.*
 Psalm. 126. 3. *Ecce hereditas Domini, filij, merces, fructus ventris, 483.*
 Psalm. 127. 2. *Labores manuum tuarum quia manducabis: beatus es, & benè tibi erit, 93.*
 Psalm. 131. 11. *Furavit Dñs David veritatē, & non frustrabitur eam: de fructu ventris tui ponam super sedem tuam, 82.*
 Psalm. 138. 5. 6. *Tu formasti me, & posuisti super me manum tuam. Mirabilis facta est scientia tua ex me, 218.*
 Psalm. 147. 20. *Non fecit taliter omni nationi, 482.*
 Psalm. 148. 5. *Ipse dixit, & facta sunt, 114.*

Ex Libro Proverbiorum.

Cap. 3. 32. *Cum simplicibus sermocinatio ejus, 314.*

Cap. 8. 17. *Ego diligentes me diligo, 124.*

8. 35. *Qui me invenerit, inveniet vitam, & hauriet salutem, 526.*

Cap. 18. 19. *Frater, qui adjuvatur à fratre, quasi civitas firma, 499.*

Cap. 24. 13. *Risus dolore miscbitur, 528.*

Cap. 25. 21. *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum, p. 97.*

Cap. 30. 18. *Tria sunt difficilia mihi: viam columbri super petram: viam navis in medio maris: & viā aquilæ in Cælo, 489.*

Ex Libro Ecclesiastes.

Cap. 1. 7. *Ad locum unde exeunt flumina revertitur, ut iterum fluant, p. 506.*

Ex Cantic. Canticorum.

Cap. 1. 12. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur, 476.*

Cap. 2. 3. *Sub umbra illius, quem desideraveram, sedidi, & fructus ejus dulcis*

gutturi meo, 85.

Cap. 2. 5. *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo, 217.*

Cap. 3. 1. *In lectulo meo quæsi vi quem diligit anima mea, 262.*

3. 11. *Egredimini, & videte filiæ Sion Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua, 514.*

Cap. 4. 3. *Sicut fragmen mali punici, ita genæ tuæ, absq; eo quod intrinsecus latet, 320.*

4. 9. *Soror mea sponsa, p. 309.*

Cap. 5. 12. *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ. Ibid.*

Cap. 7. 1. *Quàm pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis, p. 165.*

Cap. 8. 1. *Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meæ, p. 172.*

8. 6. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio, pag. 472.*

Ex

Ex Libro Sapientia.

Cap. 1. 7. Spiritus Domini
replevit orbem terrarum,
p. 393.

Ibid. Et hoc quod continet
omnia, scientiam habet
votis, 394.

Cap. 7. 26. Candor est
enim lucis eternæ, & spe-
culum sine macula Dei
maiestatis, & imago bo-
nitatis illius, 290.

Cap. 11. 21. Omnia in mē-
surâ, & numero, & pon-
dere disposuisti, 532.

Ex Lib. Ecclesiastici.

Cap. 12. 3. Altissimus
odio habet peccatores, p.
124.

Cap. 30. 16. Non est census
super censum salutis cor-
poris, 231.

Cap. 33. 7. Quare dies diem
superat, & iterum lux lu-
cem, & annus annum a so-
le, 344.

33. 8. 9. A Domini scien-
tia separati sunt, factô so-
le, & præceptum custo-
diente. Et immutavit tē-
pora, &c. 345.

Cap. 38. 1. Honora Medi-
cum propter necessitatē:
etenim illum creavit Al-

tissimus, 214.

38. 2. A Deo est enim om-
nis medela. Ibid.

38. 4. Altissimus de terra
creavit medicamenta, &
vir prudens non abhorre-
bit illa. Ibid.

Cap. 48. 13. Elias quidem
in turbine tectus est, & in
Eliseo completus est spiri-
tus ejus, 535.

Ex Prophetia Isaia.

Cap. 1. 6. Vultus, & livor,
& plaga tumens, non est
circumligata, nec curata
medicamine, neque fota
oleo, 212.

Cap. 3. 6. Vestimentum ti-
bi est, Princeps esto no-
ster, 230.

3. 7. Non sum Medicus,
& in domo mea non est
panis, nolite constituere
me Principem populi,
Ibid.

Cap. 5. 4. Expectavi ut
faceret uvas, & fecit la-
bruscas, 508.

Cap. 6. 3. Sanctus, sanctus,
sanctus, 384.

6. 10. Excæca cor populi
hujus, & aures ejus ag-
grava, & oculos ejus
clande, &c. 433.

Cap.

- Cap. 11. 1. Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet, p. 84.
- Cap. 14. 14. Similis ero Altissimo, 295.
- Cap. 19. 1. Ecce Dominus ascendet super nubem levem, & ingreditur Egyptum, 425.
- Cap. 21. 4. Babylon dilecta mea posita est mihi in raculum, 201.
- Cap. 24. 16. Secretum meum mihi, secretum meum mihi, 379.
- Cap. 37. 4. Si quo modo audiat Dominus Deus tuus, 520.
37. 5. 6. Venerunt servi Regis ad Isaiam, & dixit ad eos Isaias, 521.
- Cap. 38. 1. Morieris tu, & non vires, 245.
38. 10. In dimidio dierum meorum, 243.
- Cap. 40. 12. Appendit tribus digitis molem terræ, p. 206.
- Cap. 46. 4. Ego feci, ego feram, 164.
- Cap. 48. 11. Propter me, propter me faciam, 516.
- Cap. 53. 2. 3. Non est Tom. 11.
- species ei, neque decor, vidimus eum, & non erat aspectus, 318.
- Cap. 62. 2. Nomen, quod os Domini nominabit, p. 253.
- Cap. 66. 7. Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum, p. 527.
66. 9. Numquid ego, qui alios parere facio, ipse non pariam, 527.
- Ex Prophetia Jeremiæ.
- Cap. 1. 5. Priusquam te formarem in utero, novi te, & antequam exires de vulva, sanctificavi te, &c. 354.
1. 6. A, a, a, Domine Deus, ecce nescio loqui, quia puer ego sum, 355.
1. 10. Ecce constitui te super gentes, & super regna, ut evellas, & destruas, &c. 354.
- Cap. 18. 3. Et ecce ipse faciebat opus super rotam, 7.
- Cap. 20. 9. Factus est in corde meo quasi ignis exastuas, claususque in ossibus meis: & defeci, ferre non sustinens, 378.
- LI Cap.

Cap. 21. 22. Creavit Dominus novum super terram, 255.

Cap. 35. 6. Non bibemus vinum, quia Jonadab filius Rechab pater noster praecepit nobis, dicens: Non bibetis vinum, &c. 121.

35. 13. Numquid non recipietis disciplinam, ut obediatitis verbis meis, dicit Dominus. Ibid.

Cap. 35. 14. Prævaluerunt sermones Jonadab filij Rechab, quos praecepit filiis suis, ut non biberent vinum: & non biberunt usque ad diem hanc, &c. 121.

Ex Libro Threnorum.

Cap. 1. 1. Princeps provinciarum facta est sub tributo, 161.

Cap. 1. 12. O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte si est dolor similis sicut dolor meus, 471.

Cap. 2. 13. Cui comparabo te, vel cui assimilabo te, filia Jerusalem, &c. 471.

Ibid. Magna est velut mare contritio tua. Ibid.

Ex Prophetia Ezechielis.

Cap. 1. 10. Similitudo vultus eorum: facies hominis, & facies leonis à dextris ipsorum quatuor, facies autem bovis à sinistris ipsorum quatuor, & facies aquilæ desuper ipsorum quatuor, p. 221.

Cap. 10. 10. Rota in medio rotæ, 8.

10. 14. Facies una, facies Cherub: & facies secundo, facies hominis: & in tertio facies leonis: & in quarto facies aquilæ, p. 221.

10. 22. Et similitudo vultuum eorum ipsi vultus, quos videram juxta fluvium Chobar. Ibid.

Cap. 28. 17. Elevatum est cor tuum in decore tuo, p. 290.

Cap. 37. 9. A quatuor ventis insuffla spiritus, p. 393.

Cap. 47. 12. Folia ejus ad medicinam, 217.

Ex Prophetia Danielis.

Cap. 2. 29. Tu Rex cogitare cœpisti, 244.

Cap.

- Cap. 3. 92. *Et ſpecies quarti ſimilis Filio Dei, p. 531.*
- Cap. 4. 9. *Subter eam habitabant animalia, & beſtiæ, & in ramis ejus converſabantur volucres Cali, 216.*
- Cap. 5. 11. *Pater, inquam, tuus ô Rex, pag. 245.*
5. 29. *Tunc jubente Rege, indutus eſt Daniel purpura, & circumdata eſt torques aurea collo ejus, &c. 426.*
5. 30. 31. *Eadem nocte interfectus eſt Baltaſar Rex Chaldæus, & Darius Medus ſucceſſit in regnum, 9.*
- Cap. 6. 22. *Coram te, Rex, delictum non feci, p. 245.*
- Cap. 10. 6. *Oculi ejus ut lampas ardens, 224.*
- Ibid. Vox ſermonum ejus, ut vox multitudinis. Ibid.*
- Cap. 12. 5. *Peperit filium maſculum, qui raptus eſt ad Deum, & ad thronũ ejus, 259.*
- Ex Prophetia Oſee.*
- Cap. 7. 16. *Facti ſunt quaſi arcus dolofus, pag. 37.*
- Ex Prophetia Amos.*
- Cap. 3. 12. *Quomodo ſi ſervat paſtor de ore leonis extremum auriculæ, 283.*
- Ex Prophetia Zachariæ.*
- Cap. 9. 17. *Vinum germi- nans virgines, 196.*
- Ex Prophetia Malachia.*
- Cap. 4. 2. *Sanitas in pen- nis ejus, 224.*
- Ex Lib. 1. Machabæorum.*
- Cap. 15. 33. *Neque alienam terrã ſuſcepimus, neq; alie- nam detinemus: ſed hæ- reditatem patrum noſtro- rum, quæ injuſte ab ini- micis noſtris aliquo tem- pore poſſeſſa eſt. &c. 415.*
- Ex Lib. 2. Machabæorum.*
- Cap. 15. 14. *Hic eſt fra- trum amator, hic eſt, qui multum orat pro populo, 278.*
- Ex Evangelio D. Matthæi.*
- Cap. 1. 3. *Dilexi Jacob, Eſau autem odio habui, 130.*
1. 6. *David autem Rex, p. 73.*

- Cap. 1. 1. *Liber generationis Jesu Christi filij David*, 71.
1. 16. *Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ, &c.* Ibid.
1. 17. *A David usque ad transmigrationem Babylonis generationes quatuordecim, &c.* 82.
1. 18. *Cum esset desponsata mater Jesu Maria Joseph*, 46.
1. 19. *Joseph autem vir ejus cum esset justus*, p. 69.
- Ibid. *Voluit occultè dimittere eam*, 70.
1. 20. *Joseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* Ibid.
- Ibid. *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est*, 70.
1. 21. *Vocabis nomen ejus Iesum*, 73.
- Ibid. *Ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum*, 427.
- Cap. 2. 2. *Ubi est, qui natus est Rex Iudæorum*, p. 414.
- Ibid. *Vidimus, & venimus*, 463.
2. 11. *Intrantes domum, invenerunt puerum*, p. 333.
2. 13. *Accipe puerum, & matrem ejus*, pag. 475.
2. 14. *Secessit in Egyptum*, 414.
2. 15. *Ut impleretur quod dictum est per Prophetam: Ex Egypto vocavi Filium meum*, pag. 425.
2. 18. *Vox in Rama audita est, ploratus, & ululatus multus, Rachel plorans filios suos*, pag. 414.
- Cap. 3. 9. *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahamæ*, 79.
- Cap. 4. 19. *Faciám vos fieri piscatores hominum*, p. 375.
- Cap. 5. 13. *Vos estis sal terræ*, 139.
5. 14. *Non potest civitas abscondi supra montem posita.* Ibid.
5. 19. *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in regno celorum*, p. 349.

5. 43. Audistis quia dictum est antiquis: Diliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum, p. 98.
5. 44. 45. Diligite inimicos vestros: ut sitis filij Patris vestri, 96.
5. 45. Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super justos, & injustos, 127.
5. 46. 47. Si enim diligitis eos, qui vos diligunt.... nonne & Ethnici hoc faciunt, 97.
- Cap. 8. 24. Ipse venò dormiebat, 183.
8. 25. Salva nos, perimus. Ibid.
8. 26. Imperavit ventis, & mari, & facta est tranquillitas magna. Ibidem.
8. 27. Qualis est hic, quia venti, & mare obediunt ei. Ibid.
- Cap. 9. 8. Glorificaverunt Deum, qui dedit potestatem talem hominibus, p. 518.
- Cap. 11. 28. Venite ad me omnes, qui laboratis, & onerati estis, & ego reficiam vos, p. 150.
11. 29. Tollite jugum meum super vos, ... & invenietis requiem animabus vestris. Ibid.
11. 30. Fugum enim meum suave est, & onus meum leve. Ibid.
- Cap. 12. 46. Ecce mater tua, & fratres tui foris stant quærentes te, 87.
12. 48. Quæ est mater mea, & qui sunt fratres mei. Ibid.
12. 49. Ecce mater mea, & fratres mei. Ibid.
12. 50. Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, qui in Cælis est, ipse meus frater, & soror, & mater est. Ibid.
- Cap. 13. 55. Nonne hic est fabri filius, 48.
- Cap. 14. 22. Et statim compulit discipulos ascendere in naviculam, 186.
14. 31. Modicæ fidei, quare dubitasti, 526.
- Cap. 15. 22. Miserere mei Domine fili David, pag. 72.
- Cap. 16. 2. Serenum erit, rubicundum est enim Cælum, 402.

16. 24. Tollat crucē suam,
& sequatur me, 150.
16. 26. Quid prodest ho-
mini, si mundum univer-
sum laetetur, animæ ve-
rò suæ detrimentum pa-
tiatur, 20.
- Cap. 17. 5. Hic est filius
meus dilectus, in quo mi-
hi bene complacui, ipsum
audite, 372.
17. 20. Hoc genus dæmo-
niorum non ejicitur nisi
in oratione, & jejunio,
p. 287.
- Cap. 17. 24. Quid tibi vi-
detur Simon? Reges ter-
ræ à quibus accipiunt tri-
butum, à filijs, an ab alie-
no? Ab alienis, 161.
17. 25. Ergo liberi sunt fi-
lij. Ibid.
17. 26. Aperto ore ejus, in-
venies staterem, 148.
- Ibid. Ut autem non scanda-
lizemus eos, vade, & da
eis pro me, & te, 162.
- Cap. 18. 16. In ore duorū,
vel trium stet omne ver-
bum, 453.
- Cap. 21. 9. Hosanna filio
David, 72.
21. 37. Verebuntur filium
meum, 497.
21. 38. Hic est hæres, ve-
nite, occidamus eum, &
habebimus hæreditatem.
Ibid.
- Cap. 22. 21. Reddite quæ
sunt Cæsaris, Cæsari, &
quæ sunt Dei, Deo, 157.
- Cap. 25. 1. Exierunt ob-
viam sponso, & sponsæ,
p. 21.
25. 6. Ecce sponsus venit,
p. 18.
25. 9. Ne fortè non suffi-
ciat nobis, & vobis, 20.
25. 34. Venite benedicti
Patris mei, 360.
25. 41. Ite maledicti in
ignem æternum. Ibid.
- Cap. 26. 15. Quid vultis
mihi dare, 232.
- Ibid. Illi constituerunt ei
triginta argenteos. Ibid.
26. 26. Hoc est corpus
meum. 118.
26. 39. Transeat à me ca-
lix iste. 477.
26. 67. Colaphis eum ceci-
derunt, 458.
26. 73. Nam & loquela
tua manifestum te facit,
p. 314.
- Cap. 27. 9. Triginta argen-
teos pretium appretiati,
quem appretiaverunt à
filijs

filijs Israel, 232.
 27. 27. Milites præsidis cõ-
 gregaverunt ad eum uni-
 versam cohortem, 34.
 27. 39. Prætereûtes blas-
 phemabant eum, 188.
 27. 54. Vere Filius Dei e-
 rat iste, 36.
 Ex Evangelio D. Marci.
 Cap. 1. 17. Faciam vos fieri
 piscatores hominum. 144.
 Cap. 2. 25. 26. Numquam
 legistis quid fecerit Da-
 vid, quando necessitatem
 habuit? Quomodo introi-
 vit in domum Dei, &
 panes propositionis man-
 ducavit, &c. 158.
 Cap. 5. 9. Legio, quia mul-
 ti sumus, 291.
 5. 26. Quæ fuerat multa
 perpeffa à compluribus
 Medicis: & erogaverat
 omnia sua, nec quidquam
 profecerat, 234.
 Cap. 6. 45. Et statim coegit
 discipulos suos ascendere
 navim, 186.
 6. 48. Volebat præterire
 eos, 526.
 6. 51. 52. Cessavit ven-
 tus, & plus magis intra
 se stupebant; non enim
 intellexerunt de panibus.
 Ibid.

Cap. 10. 47. Fili David
 miserere mei, 72.
 Cap. 15. 43. Donavit cor-
 pus Joseph, 189.
 Ex Evangelio D. Lucæ.
 Cap. 1. 26. 27. Missus est
 Angelus Gabriel à Deo
 in civitatem Galilææ, cui
 nomen Nazareth, &c.
 p. 74.
 1. 28. Dominus tecum,
 p. 475.
 1. 29. Turbata est in ser-
 mone ejus, 265.
 1. 30. Ne timeas Maria.
 Ibid.
 1. 31. Vocabis nomen ejus
 Jesum, 73.
 Ibid. Ecce concipies in ute-
 ro, & paries filium, &
 vocabis nomen ejus Je-
 sum, &c. 426.
 1. 32. Dabit illi Dominus
 Deus sedem David pa-
 tris ejus, 75.
 1. 34. Quoniam virum
 non cognosco. Ibid.
 1. 35. Spiritus Sanctus su-
 perveniet in te, & virtus
 Altissimi obumbrabit ti-
 bi, 386.
 Ibid. Ideoque & quod nas-
 cetur ex te Sanctum, vo-
 cabitur Filius Dei. Ibid.

1. 45. Quoniam perficietur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino, 427.
1. 57. Impletum est tempus pariendi, & peperit, p. 277.
1. 66. Posuerunt in corde suo, dicentes: Quis, putas, puer iste erit, etenim manus Domini erat cum illo, 428.
- Cap. 2. 4. Eò quòd esset de domo, & familia David, p. 69.
2. 7. Non erat ei locus in diverforio, 179.
2. 8. Pastores erant in regione eadem, 505.
2. 11. Quia natus est vobis hodie salvator, qui est Christus Dominus, p. 423.
2. 20. Reversi sunt pastores glorificantes, & laudantes Deum, 504.
2. 21. Postquam consummati sunt dies octo, ... vocatum est nomen ejus Jesus, 323.
2. 22. Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur, p. 253.
2. 27. Cum inducerent Iesum parentes ejus, p. 76.
2. 33. Et erat pater ejus, & mater mirantes super his, quæ dicebantur de illo. Ibidem.
2. 41. Et ibant parentes ejus per omnes annos in Ierusalem in die solemnium Paschæ. Ibid.
2. 43. Remansit puer Iesus in Ierusalem, & non cognoverunt patres ejus. Ibid.
2. 46. Audientem illos, & interrogantem eos, p. 90.
2. 47. Stupebant super prudentia, & responsis ejus, 381.
2. 48. Quid fecisti nobis sic, 90.
2. 48. Ecce pater tuus, & ego dolentes quærebamuste, 86.
2. 49. In his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse, Ibid.
2. 50. At ipsi non intellexerunt, 244.
2. 51. Et erat subditus illis, 91.
- Cap. 3. 23. Ut putabatur,

- tur, filius Ioseph, pag. 47.
3. 38. Qui fuit Adam, qui fuit Dei, 95.
- Cap. 4. 23. Medice cura te ipsum, 248.
4. 38. Socrus autem Simonis tenebatur magnis febris, 210.
- Cap. 5. 5. In verbo tuo laxabo rete, 376.
5. 8. Exi à me, quia peccator sum Domine, pag. 377.
5. 9. Stupor enim circumdederat eum, & omnes, qui cum illo erant, in captura piscium, 376.
5. 10. Ex hoc iam homines eris capiens, 377.
- Cap. 6. 18. 19. Qui vexabantur à spiritibus immundis, curabantur: & omnis turba querebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes, 286.
- Cap. 8. 25. Ubi est fides vestra, 185.
- Cap. 9. 31. Visi in maiestate, 531.
- Cap. 10. 4. Nolite portare sacculum, 229.
- Ibid. Neminem per viam salutareritis, 236.
10. 7. Edentes, & bibentes quæ apud illos sunt, p. 235.
10. 8. 9. Manducate quæ apponuntur vobis: & curate infirmos. Ibidem.
10. 16. Qui vos audit, me audit, 274.
10. 41. 42. Turbaris erga plurima: porro unum est necessarium, 342.
- Cap. 11. 14. Erat Iesus ejiciens dæmonium, & illuderat mutum, pag. 282.
11. 27. Beatus venter, qui te portavit, 316.
- Cap. 12. 19. Multa bona in annos plurimos, pag. 469.
12. 20. Hac nocte animam tuam repetunt à te. Ibid.
- Cap. 16. 24. Pater Abraham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma, 135.

Cap. 22. 25. *Qui potestatem habent super eos, benefici vocantur*, 230.

22. 42. *Non mea voluntas, sed tua fiat*, 274.

Cap. 23. 11. *Sprevit illum Herodes cum exercitu suo*, 35.

23. 36. *Illudebant autem ei & milites*, 35.

23. 42. *Domine memento mei*, 473.

23. 43. *Hodie mecum eris in paradiso*. Ibid.

23. 50. *Vir bonus, & iustus*, 190.

23. 51. *Hic non consenserrat consilio eorum*. Ibid.

Ibid. *Ab Arimathæa civitate Judææ*. Ibid.

Cap. 24. 21. *Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel: & nunc super hæc omnia, tertia dies est hodie*, 407.

Ex Evangelio D. Joannis.

Cap. 1. 1. *Et Verbum erat apud Deum*, 116.

1. 3. *Omnia per ipsum facta sunt, & sine ipso factum est nihil*. Ibid.

1. 14. *Verbum caro factum est*, 81.

1. 33. *Ego sum vox*, 153.

Cap. 3. 1. *Nicodemus, Princeps Judæorum*, 190.

3. 4. *Adhuc quadraginta dies & Ninive subvertetur*, 202.

3. 10. *Tu es Magister in Israel*, 190.

3. 14. *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto*, 195.

Cap. 5. 22. *Neque enim Pater judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio*, 361.

5. 27. *Potestatem dedit ei judicium facere, quia Filius hominis est*. Ibid.

Cap. 6. 11. *Acceptit panes, & cum gratias egisset, distribuit discumbentibus*, p. 507.

6. 27. *Hunc enim Pater signavit Deus*, 254.

6. 56. *Caro mea vere est cibus, & sanguis meus vere est potus*, 195.

6. 57. *In me manet, & ego in illo*, 32.

6. 59. *Hic est panis, qui de Cælo descendit*, 187.

Cap. 8. 42. *Ego ex Deo processi*, 391.

8. 46. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi*,

mibi, pag. 433.

8. 48. Nonne benè dicimus
nos, quia Samaritanus es
tu, & demonium habes,
435.

8. 59. Tulerunt ergo lapi-
des, ut jacerent in eum.
Ibid.

Cap. 11. 48. Venient Roma-
ni, & tollent locum nos-
trum. 234.

Cap. 13. 1. Cum dilexisset
suos, 521.

13. 19. Dico vobis ante-
quam fiat, ut cum factum
fuerit, credatis quia ego
sum, 403.

13. 27. Quod facis, fac,
p. 279.

Cap. 14. 10. Pater in me
manens, ipse facit opera,
p. 355.

14. 23. Si quis diligit me,
sermonem meum serva-
bit, & Pater meus diliget
eum, & ad eum venie-
mus, 347.

14. 24. Qui non diligit
me, sermones meos non
servat, 325.

14. 26. Ille vos docebit
omnia, quaecumque dixe-
ro vobis, 269.

Cap. 15. 26. Cum venerit

Paracletus, qui à Patre
procedit, 391.

Cap. 16. 28. Exivi à Pa-
tre, & veni in mundum,
iterum relinquo mundū,
& vado ad Patrem. Ibi-
dem.

Cap. 18. 12. 13. Cohors er-
go, & tribunus compre-
henderunt, & ligaverūt
eum, & adduxerunt ad
Annā, 34.

Cap. 19. 2. Et milites ple-
tentes coronam de spinis
imposuerunt capiti ejus,
p. 35.

19. 3. Ave Rex Judæo-
rum, 458.

Ibid. Dabant ei alapas.
Ibid.

19. 17. Bajulans sibi cru-
cem, exiit, 248.

19. 19. Jesus Nazarenus
Rex Judæorum, 74.

19. 23. Milites ergo cum
crucifixissent eum, 35.

19. 24. Et dixerunt, non
scindamus eam, sed sor-
tiamur de illa: & milites
quidem hoc fecerunt, 35.

19. 26. Ecce filius tuus,
p. 264.

19. 27. Ecce mater tua.
Ibid.

Ibid.

Ibid. Ex illa hora accepit
eam discipulus in sua,
261.

19. 31. Ut frangerentur
eorum crura, 189.

19. 34. Unus militum lan-
cea latus ejus aperuit, 35.

19. 38. Post hæc autem
rogavit Pilatum Joseph
ab Arimathæa venit
autem & Nicodemus,
qui venerat ad Iesum no-
ste, 189.

19. 39. Ferens mixturam
myrrhæ & aloes, quasi
libras centum, 190.

19. 40. Sicut mos est Ju-
dæis sepelire. Ibid.

19. 41. Monumentum vo-
vum, in quo nodum quis-
quam positus fuerat. Ibid.

Cap. 20. 13. Tulerunt Do-
minum meum, & nescio
ubi posuerunt eum, 412.

20. 15. Si tu sustulisti eum,
dicito mihi, & ego eum
tollam. Ibid.

Ibid. Mulier, quid ploras,
p. 314.

Ibid. Domine, si tu sustulisti
eum. Ibid.

20. 22. Insufflavit, & di-
xit eis: Accipite Spiritum
Sanctum. 390.

Cap. 21. 17. Pasce oves
meas, 485.

21. 20. Recubuit super pe-
ctus ejus, 263.

Ex Libro Actuum
Apostolorum.

Cap. 1. 1. Cœpit facere, &
docere, 381.

Cap. 2. 2. 3. Spiritus vehe-
mentis. Linguae tamquam
ignis, 393.

2. 8. Audivimus unus-
quisque linguam nostram,
in qua nati sumus, 371.

2. 24. Solutis doloribus in-
ferni, 472.

Cap. 8. 17. Imponebant ma-
nus super illos, & acci-
piebant Spiritum San-
ctum, 389.

Cap. 10. 10. Cum esuriret,
p. 31.

10. 13. Surge Petre, occi-
de, & manduca. Ibid.

Cap. 12. 9. Existimabat
autem se visum videre,
p. 405.

Ex Epistola B. Pauli Apof-
toli ad Romanos.

Cap. 4. 11. Pater creden-
tium, 457.

4. 18. Contra spem in spem
credidit, 411.

Cap. 8. 15. In quo clama-
mus:

- mus : Abba (Pater) 79.
- Cap. 9. 13. Iacob dilexi,
Esau autem odio habui,
p. 130.
- Cap. 10. 17. Fides ex audi-
tu, 458.
- Cap. 13. 9. Et si quod est
aliud mandatum, in hoc
verbo instauratur, 326.
- Cap. 16. 21. Salutat vos
Timotheus, & Lucius
adjutor meus, 223.
16. 23. Quartus frater,
512.
- Ex Epistola prima ad
Corinthios.
- Cap. 4. 15. Nam in Chri-
sto Iesu per Evangelium,
ego vos genui, 79.
- Cap. 7. 4. Mulier sui cor-
poris potestatem non ha-
bet, sed vir, 83.
- Cap. 8. 1. Scientia inflat, 28.
- Cap. 10. 11. Omnia in fi-
gura contingebant illis,
p. 463.
- Cap. 11. 23. In qua nocte
tradebatur, 178.
11. 24. Quod pro vobis
tradetur. Ibid.
- Cap. 12. 4. 11. Divisiones
gratiarum sunt, idem
autem spiritus dividens
singulis, prout vult, 386.
12. 27. Vos autem estis
corpus Christi, & mem-
bra de membro, 180.
12. 28. Primum quidem
Apostolos, 88.
- Cap. 13. 1. Factus sum
velut aes sonans, aut cym-
balum tinniens, 450.
13. 2. Si habuero omnem
fidem, ita ut montes trans-
feram, charitatem autem
non habuero, nihil sum,
p. 450.
13. 12. Videmus nunc per
speculum in enigmate :
tunc autem facie ad fa-
ciem, 297.
- Cap. 15. 8. Novissimè tam-
quam abortivo visus est
& mihi, 277.
- Ex Epist. 2. ad Corinth.
- Cap. 9. 7. Non ex tristitia,
aut necessitate : hilarem
enim datorē diligit Deus,
p. 305.
- Cap. 10. 5. In captivitātē
redigentes omnem intel-
lectū in obsequium Chri-
sti, 117.
- Cap. 11. 14. Ipse enim Sa-
tanās transfigurat se in
angelum lucis, 293.
11. 29. Quis infirmatur,
& ego non infirmor, 210.
- Cap.

Cap. 12. 9. *Nam virtus in infirmitate perficitur*, p. 211.

Ex Epistola ad Ephesios.

Cap. 3. 14. 15. *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem Dñi nostri Jesu Christi, ex quo omnis paternitas in Cælis, & in terra nominatur*, 359.

Cap. 4. 5. *Unus Deus, una fides*, 438.

4. 13. *In mensuram ætatis plenitudinis Christi*, p. 180.

Cap. 5. 30. *Quia membra sumus corporis ejus*. Ibid.

Ex Epistola ad Philippenses.

Cap. 2. 9. *Quod est super omne nomen*, 253.

Ibid. *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur*, 253.

2. 8. 9. *Factus obediens usque ad mortem. Propter quod donavit illi nomen, quod est super omne nomen*, 327.

Ex Epist. ad Colossenses.

Cap. 1. 24. *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi, in carne mea*, p. 534.

Cap. 2. 3. *In quo sunt om-*

nes thesauri sapientiæ, & scientiæ absconditi, p. 368.

Cap. 3. 14. *Charitatem habete, quæ est vinculum perfectionis*, 324.

Cap. 4. 14. *Salutat vos Lucas Medicus charissimus*, 231.

Ex Epistola 1. ad Timotheum.

Cap. 5. 8. *Et est infidelior*, 453.

5. 23. *Noli adhuc aquam bibere, sed modico vino utere propter stomachum tuum, & frequentes tuas infirmitates*, 210.

Ex Epistola 2. ad Timotheum.

Cap. 2. 9. *Laboro usque ad vincula, sed verbum Dei non est alligatum*, 34.

Ex Epistola ad Titum.

Cap. 1. 16. *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*, 551.

Ex Epistola ad Hebræos.

Cap. 2. 16. *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit*, 482.

2. 17. *Debuit per omnia fratribus similari*, 93.

Cap.

Cap 6. 4. 5. *Impossibile est enim eos, qui semel sunt illuminati, gustaverunt etiam donum cæleste, & participes facti sunt Spiritus Sancti, & prolapsi sunt, rursus renovari ad pœnitentiam, 198.*

Ex Epistola B. Jacobi Apostoli.

Cap. 1. 23. *Si quis auditor est verbi, & non factor, hic comparabitur viro consideranti vultum natiuitatis suæ in speculo, &c. 302.*

Cap. 2. 15. 16. 17. *Si frater aut soror nudi sint, & indigeant victu quotidiano, non dederitis autem eis, quæ necessaria sunt corpori, quid proderit? Sic & fides, &c. p. 455.*

2. 17. 18. 19. *Fides si non habeat opera, mortua est in semetipsa. Sed dicet quis: Tu fidem habes, & ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, & ego ostendam tibi ex operibus fidem meam. Tu credis quoniam unus est Deus,*

benè facis, & dæmones credunt, & contremiscunt, 453.

2. 26. *Sicut enim corpus sine spiritu mortuum est, ita & fides sine operibus mortua est, 454.*

Ex Epistola 1. B. Petri Apostoli.

Cap. 4. 11. *Si quis loquitur, quasi sermones Dei, pag. 313.*

Cap. 5. 8. *Sobrii estote, & vigilate, quia adversarius vester diabolus tamquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret, p. 281.*

Ex Epistola 1. B. Joannis Apostoli.

Cap. 2. 4. *Qui dicit se nosse Deum, & mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est, p. 449.*

Cap. 3. 2. *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est, 318.*

3. 18. *Diligamus opere, & veritate, 127.*

Cap. 5. 7. *Sunt, qui testimonium dant in Cælo: Pater, Verbum, & Spiritus Sanctus: & hi tres unum sunt,*

- sunt, pag. 118.*
 Ex Libro Apocalypsis.
 Cap. 1. 5. *Primogenitus mortuorum, 252.*
 1. 15. *Similis aurichalco in camino ardenti, 224.*
 1. 16. *Facies ejus sicut Sol lucet in virtute sua. Ibid.*
 Cap. 7. 9. *Et palmae in manibus eorum, 4.*
 Cap. 9. 6. *Fugiet mors ab eis, 479.*
 Cap. 12. 1. *Signum magnū apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarū duodecim, 258.*
 12. 3. 4. 5. *Et visum est aliud signum in Cælo: & ecce draco magnus rufus, habens capita septem, & cornua decem, & in capitibus ejus diademata septem: & draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; ut cum peperisset*
filium ejus devoraret, Ibid.
 Ibid. *Et cauda ejus trahebat tertiam partem stellarum Cæli, & misit eas in terram, 291.*
 12. 7. *Factum est prælium magnum in Cælo, 28.*
 Cap. 14. 8. *Cecidit Babylon, 201.*
 Cap. 17. 2. *Et inebriati sunt, qui habitant terram, de vino prostitutionis ejus, 200.*
 17. 4. *Habens poculum aureum in manu sua, plenum abominatione, & immunditia. Ibid.*
 17. 15. *Aquæ sunt populi, p. 154.*
 Cap. 21. 2. *Tamquam sponsam ornatam viro suo, p. 462.*
 Cap. 22. 2. *Lignum vitæ, & folia ligni ad sanitatem gentium, 217.*

INDEX

Das cousas mais notaveis.

A

Amor. **O** Remedio cõ
que se curam
as enfermidades de a-
mor, são flores, & fru-
tos, Numer. 231. Pag.
217. Aos que digna-
mente sabem amar, o-
bedecer, & servir à Ma-
gestade de Deos, vem
assistir todas as tres Pes-
soas Divinas, n. 395.
p. 347.

Amor de inimigos. Expen-
dem-se as razoens por-
que parece difficuloso
este preceito, n. 87. &
seqq. pag. 97. Amar aos
inimigos he muito fa-
cil, & natural ao homẽ,
Tom. II.

n. 93. p. 101. Sendo tão
facil fazer bem aos ini-
migos, parece muito
difficuloso: & porque.
Ibid. Assim como o mo-
tivo de amar he o bem
proprio, assim o de a-
bõrrecer são os bens a-
lheyos, n. 95. pag. 103.
Ainda que ter inimigos
pareça desgraça, muito
mayor he não os ter,
n. 97. p. 104. Como o
ter inimigos seja pẽsaõ
dos beneficios recebi-
dos de Deos, não se pò-
de satisfazer a esta o-
brigaçãõ, senão aman-
do aos inimigos, n. 98.
p. 105. Arẽ no inferno
se conhece que os mais
offendidos devem ser os
Mm mais

mais amantes dos inimigos, n. 133. pag. 135. Mayor valor ostenta quem não tira a vida a seu inimigo, tendo licença de Deos ; do que quem tira a vida a seu filho , sendo mandado por Deos, n. 98. p. 106. Quem ama aos inimigos, Deos lhe acrescenta os bês para seu castigo, n. 101. p. 108. Haõ-se de amar os inimigos, porque Deos o disse, n. 105. p. 111. Varias razões que persuadem ao amor dos inimigos, n. 106. *ibidem*. Utilidades que se seguem do amor dos inimigos, n. 108. p. 113. Se se tratarem os inimigos da sorte que Deos os trata, ferám estes mais finalmente amados, do que os amigos, n. 119. p. 124. Os inimigos de quem tivermos recebido mayores offensas, effes devem ser os mais amados, n. 130. p. 133. Assim como Deos he o melhor exemplo dos a-

migos, assim o he do amor dos inimigos, n. 122. p. 127.

Santo Antonio. Para com os estranhos he recuperador do perdido ; para com os próprios he conservador do que se pode perder, n. 138. p. 141. Quando mais levantado, então mais humilde, n. 403. p. 355. Nas obras que fazia, obrava com tão Divina moderação, que bem mostrava serem derivadas da Omnipotencia do Padre, que como Pay, tudo faz para bem, & não sabe fazer mal, n. 404. *ibidem*. Nunca obrava para destruições, para damno, castigo, ou perda de alguém, mas para alivio, para consolação, para bem, & utilidade de todos, n. 406. p. 337. Communicoulhe o Padre Eterno os seus poderes, fazendo-o nam Deos de hum só Reyno, ou parte do Mundo, senão de todo, com dominio, & imperio universal

verfal sobre todas as
creaturas, n. 413. pag.
363. Foy a fonte don-
de bebêrão a sciencia
todos os Vatoens infi-
gnes da Religião Sera-
fica, n. 420. p. 369. Pes-
cava os peixes com a
prêgação, & aos ho-
mens com os peixes, fa-
zendo dos mesmos pei-
xes a rede, com que os
pescava, n. 428. p. 375.
A segunda Pessoa da
Santissima Trindade lhe
communicou a sabe-
doria Divina com que
ensinava, n. 429. p. 376.
Saber, & poder encu-
brir o que sabia, foy o
mais alto ponto, o mais
fino, & o mais difficil
de sua sabedoria, n. 434.
p. 378. Mais difficulto-
so lhe foy o estudo da
ignorancia, que o uso
da sabedoria, num. 438.
p. 382. Recebeo da ter-
ceira Pessoa da Santissi-
ma Trindade o nome
de Santo, n. 442. p. 384.
Communicoulhe não
só o nome de Santo, fe-
rão rambem o anteno-

me do Espirito, & o so-
brenome de Paraclito,
n. 452. p. 393.

Apostolos. Os Apostolos,
& Discipulos de Chris-
to, na cura das enfer-
midades não só usavão
da virtude sobrenatu-
ral, & milagrosa, mas
tambem se ajudavão da
medicina natural, & hu-
mana, n. 220. p. 209.

Archimedes. Famoso Ma-
thematico, em hū por-
to de Sicilia fabricou
hūs espelhos de tal for-
te, que reverberando
nelles os rayos do Sol,
convertidos em fogo,
abrazárão huma Arma-
da inimiga, num. 335.
p. 299.

Ausencia. As ausencias
ainda dos que muito se
amão, são penas desta
vida: só a ausencia de
Deos he pena, como a
que no inferno se cha-
ma de dâno, num. 550.
p. 473. A ausencia, ou
presença de Deos he a
que faz inferno, ou Pa-
raíso, n. 551. pag. 474.
Sendo a ausencia, ou

privação de Deos, ainda que aborrecido, a mayor de todas as penas do inferno; nam tem comparação com a ausencia, ou privação de Deos summamente amado, n. 553. p. 475.

B

Batalha. **A**S batalhas mais invencíveis são as do entendimento; & porque, n. 33. p. 28.

Bemaventurados. Se aos Bemaventurados lhes faltasse o lume da gloria; ainda ficando no Ceo, começariam logo a sentir a pena de damno, que he a privação da vista de Deos, num. 552 p. 474.

Benefícios. Os benefícios de Deos são puros, & alheios de toda a tristeza, & mais em casos tam alegres como os de nascimento, n. 611. p. 528. Os benefícios de Deos antes do agradecimen-

to são dadivas, depois do agradecimento são devidas: antes do agradecimento nós somos devedores a Deos dos benefícios que nos faz; depois do agradecimento, as mesmas graças que lhe damos, o fazem devedor nosso, n. 588. p. 507. Ha' benefícios Divinos, em que parece que as graças mais se devem aos homens, que a Deos, n. 598. p. 516. Quem não paga a pen-
saão, merece que o privem do beneficio, num. 100. p. 107. Em profecias; & benefícios começados, o mesmo he referir o passado, que pronosticar, & segurar o futuro, n. 489. p. 425.

Bleffilla, nobilissima viuva Romana, gastava todo o dia, & noite em se enfeitar ao espelho, n. 333. p. 296.

Bons annos. Não dà os bons annos quem só os deseja, senão quem os assegura, n. 460. p. 400.

C

Castidade. **A** Castidade heroica faz crescer para baixo: & quanto o homem sobe pela idade, tanto decae pela castidade, n. 293. p. 267.

Santa Catharina. Com asombro dos outros Santos, & Anjos, se resolve a fazer abrir outra vez as portas do Ceo já fechadas, para que entrê também as Virgês nefcias, n. 24. p. 20. Aventureou a vida propria só por conseguir a salvação alhea, n. 28. p. 24. Ainda que não fez Catholico da verdadeira Fè ao Imperador Maximino; chegou com tudo a fazello herege da sua: & como, n. 31. p. 27. Forão de tanta efficacia as suas palavras, que a Imperatriz por Fè se vio transustanciada em Catharina, & Catharina por doutrina Tom. I I.

transustanciada na Emperatriz, n. 38. pag. 32. Entre a Emperatriz, & Catharina succedeo a mutua transustanciação dos que comem o corpo de Christo, *ibid.*

Christão. Vide na palavra Fè.

Christo. Mandou por todo o mundo os Pregadores da sua Fè armados de dous poderes sobre ambas as vidas: o primeiro para conservar, & estender a temporal; o segundo para prometter, & segurar a eterna, n. 219. p. 208. Circumcidouse Christo, porque como Author da Ley Nova que-ria tirar do mundo a circumcisaõ, n. 484. p. 421. Deixou Christo o nome de Rey, & tomou o de Salvador, porque estimava mais o nome da piedade, que o titulo da Magestade, n. 487. p. 423.

Conservação. He a principal cousa de que se deve tratar, n. 142. p. 144.

Mm iij

De

De tal sorte se ha de cō-
seguir a conservação ,
que se escuse , quanto
for possível , o sentimē-
to, n. 144. p. 146. & n.
146. p. 148. Se he ne-
cessario para a conser-
vação do Reyno tirar
carne, & sangue, seja cō
tal suavidade, que não
o sintão , nem o vejão
os vassallos, num. 145.
p. 147. Quem se gloria
da feitura da obra, não
deve recusar a obriga-
ção de a conservar , n.
163. p. 164.

Cometa. Os Cometas san-
guinolentos sempre fo-
rão fataes aos Reynos,
& formidaveis às Mo-
narchias, n. 461. p. 401.

D

Demonio. **F** Az muito
por impe-
dir o defegano da mor-
te, principalmente aos
Reys, n. 267. p. 243. O
demonio tambem he
Christão, n. 541 p. 465.
Os demonios differem

dos homens , em serem
invisiveis ; & os mãos
homens, demonios que
vemos, *ibidem*. Nas o-
bras são os homens se-
melhâtes aos demonios,
ibidem. Em algumas são
peyores que elles, *ibid*.
O demonio não faz to-
do o malque pôde , n.
543. p. 466.

Deos. Aos amigos, & ini-
migos cōmunica igual-
mente os seus thesou-
ros, n. 122. p. 127. & n.
124. p. 130. Mayores
são os favores que Deos
faz aos inimigos, do q̃
aos amigos, num. 125.
& seqq. pagin. 130.
Deos não só tem ca-
minhos , mas tambem
atalhos, n. 366. p. 323.
As obras que Deos faz,
& as que se haõ de fa-
zer bem feitas , não se
fazem antes, nem de-
pois, senão a seu tempo,
n. 475. p. 413.

Dom Duarte , Filho del-
Rey Dom João o Pri-
meiro, do Ceo para on-
de gloriosamēte voou ,
ajudava mais forte-
men-

mente a seu irmão nas batalhas que depois teve, n. 582. p.501.

E

Ecclesiasticos. **S** Aõ ifentos de pagar tributos, n.154. p.155.

Enfeite. Os enfeites das mulheres chamaõ-se, *Mundus muliebris*, num. 333. p.297.

Enveja. Assim como Deos acrecenta os bẽs ao envejado para mayor castigo, & dor do envejofo; assim os tira ao envejofo, para mayor hõra, & vingança do envejado, n. 101. p.109.

Espada. A espada có que Judas Machabeo alcançou tão grandes victorias, foy trazida do Ceo pela alma do Profeta Jeremias, n. 4. p.4. Essa mesma que lhe fẽvira de credito ao seu valor, foy testimunha presente de sua morte, na batalha que deo a Barchides, & Alcimo, *ibidem*.

Espartanos. Perguntados porque não muravão as suas Cidades, respõdêrão: Sim muramos: & os nossos muros (apontando para os peitos) são estes, n. 579. p.499.

Espelho. O espelho he demonio mudo, num. 319 p.287. Nas escolas de Socrates, & Platão estavam collocados espelhos, para que a elles se vissem, & compuzessem os discipulos, das virtudes que nellas se ensinavão, n.320. p.289. De hum espelho natural, & verdadeiro, & de huma fermosura natural, & verdadeira que nelle se vio, nacêrão todos os demonios, quãtos depois de serẽ Anjos, ardem no inferno; & como, n. 322. p.289. As mulheres do Norte, nos livros de orar com que vão à Igreja, levão entre as folhas enquadernados espelhos, nos quaes estão compondo de novo os

Mm iij seus

icus enfeites, num. 336.

p. 299. No templo maior da Arcadia estava hum espelho, no qual quem olhava para elle, não se via a si, senão as imagens dos deoses, n.

337. p. 300. Quem renuncia o espelho, não só sacrifica a vista, senão também os olhos com que se vê, n. 339. pag.

301. Não só sacrifica a vista, com que se havia de ver, senão também a vista, com que se tem visto, num. 340. p. 302.

Quem introduzio no mundo o uso dos espelhos, foy o appetite de quem vendose nelles, quiz contentar a outros olhos, que aos de Deos, n. 353. p. 312.

Esperança. Para quem espera pela redempção, tres dias he muito tempo, quanto mais oiro, n. 468. p. 407. A dilatação da esperança recôpensa-se com a perpetuidade da posse, num. 470. p. 408.

B. Estanislao. Foy tres vezes concebido, & tres vezes nacido, n. 274. p. 251. Depois de concebido Estanislao, appareceo sobre o ventre de sua mãy o nome de Jesus, não escrito, ou pintado, mas esculpido, & relevado na mesma carne, & todo cercado de rayos, n. 276. pag. 252. Sendo todos os Santos obras de Deos, só a da cõceição de Estanislao firmou Deos, & sobre-escreveo com o seu nome, num. 277. p. 254. Foy acclamado por salvador, & libertador da sua patria, num. 280. p. 256. Pela virgindade que Estanislao offereceo à Mãy de Deos, mereceo que a mesma Senhora fosse Mãy sua, & elle filho da mesma Senhora, n. 285. p. 260. & n. 291 pag. 265. Estanislao foy mais perfeito filho de Maria, que S. João, n. 289. p. 263. Por ser filho de Maria, não foy tentado na pureza,

reza, n. 292. p. 266. A fãtidade de Estanislao, que fôra da Cõpanhia era já santa, na Cõpanhia se fez quasi Divina pela obediência, n. 300. p. 273. Como Estanislao era obra da Omnipotencia Divina, que queria fahir ao mundo com hum grãde milagre da mesma graça, o que havia de fazer em muitos annos, fez em poucos mezes, n. 304. p. 276. Foy Estanislao filho abortivo da Companhia, n. 305. p. 277.

Estendarte. Mostra-se a causa porq̃ a Aguiã, timbre, & insignia das bandeiras Romanas, tendo no principio hũa só cabeça, se começou a pintar com duas, n. 46. p. 38.

Eucharistia. Vide na palavra, *Sacramento.*

F

Fè. SE o Christão, & Catholico cuida

que a sua Fè he melhor que a dos infieis, porque cre o que ensina o Credo, engana-se: não basta só crer no Credo, he necessario crer nos Mandamentos, n. 520. p. 449. Mayor erro he o dos Christãos em não concordar a sua vida cõ a sua Fè; do que o dos Judeos em não concordar a sua Fè com a sua esperança, n. 499. p. 434. Se o não crer, he ter o entendimento cego, & obstinado: crer hum cousa, & obrar outra, he totalmente não ter entendimento; & quem não tem entendimento, não he homẽ, & quem não tem Fè, não he Christão: segue-se, que o que não he homem, será animal; & o que não he Christão, será herege, num. 501. p. 435. & seqq. A verdadeira Fè entre os Judeos nunca chegou a durar quarenta annos, n. 510. p. 441. Os Judeos seguem com a vida

da o que crem com a fé : & o mào Christão com a Fè cre hũa coufa , & com a vida segue outra , n. 511. pag. 442. Não concordar a vida com a Fè he hum ditame tam barbaro , & irracional , que não ha entendimento humano em que caiba tal coufa , num. 514. p. 444. E até aos mesmos brutos eflrão os homens obrigados a dar razão da fua Fè , & das fuaas obras , n. 517. p. 447. O A, b, c, da Fè he ajutár o Symbolo com o Decalogo : o Symbolo , que nam anda junto com o Decalogo , não he Symbolo da Fè , he fé do cymbalo , num. 521. p. 450. Aonde a vida he mà , não pôde a Fè fer boa , n. 519. p. 449. Má vida com boa Fè não podem andar juntos , porque o que confessa a Fè , nega o a vida , n. 523. p. 551. A Fè juntamente confessada , & negada , he peyor que a

do Turco , num. 524. p. 452. De dous modos morre a Fè , ou natural , ou violentamente : fe a Fè carece sómente de boas obras , morre naturalmente : fe além de carecer das boas , exercita as más , morre violentamente , n. 527. p. 454. Os effeitos da Fè fao as obras conformes a ella : pelas obras se vê manifestamente , & sem ellas não , num. 529. p. 457. & seqq. Não basta o primeiro bem da Fè , que he bem crer , senão for acompanhada com o segúdo bem , que he bem obrar , n. 538. pag. 463. & seqq. Os que contrariao a Fè com más obras , em lugar de a Fè os levar ao Ceo , elles cõ a mesma Fè se acharáo no inferno , n. 540. p. 464. Como o objecto da Fè seja o futuro , & o que leva apos si a vida , seja o presente , pôde mais com os homens o presente ,

fente, ainda que breve, do que o futuro, ainda que eterno, num. 544. p. 467. As cousas da Fè são certas, como as da vida duvidosas, n. 544. p. 468.

Felicidades. As felicidades que vem por mão dos homens, são inconstantes; mas as que vem por mão de Deos, são firmes, & permanêtes, n. 495. p. 429.

Fermosura. Que cousa he fermosura, num. 363. p. 320. Fermosura apregoada não está muito longe de vendida, n. 325. p. 292. He tão appetecida das mulheres a fermosura, que só pela gloria de a contemplarem, deixarão a mayor dignidade, ainda que seja de ser como Deos, n. 329. p. 295. He a fermosura, bem fragil, & quanto mais se vay chegando aos annos, tanto mais se vay diminuindo, n. 362 p. 319. A fermosura de Elena filha de Tin-

daro de Laconia, foy causa da destruição de Troya, *ibidem*.

Filhos. São os filhos não só frutos da natureza, mas também da graça, & muito mais da graça, que da natureza, n. 568. p. 487.

Fortuna. Varios modos com que antigamente se pintava a fortuna, n. 5. pag. 4. Ainda que fosse de bronze a sua natureza, nunca lhe havia de faltar por propriedade inseparavel a inconstancia da sua roda, n. 5. pag. 5. Mayor utilidade traz aos homens a fortuna adversa, que a prospera: & a razão porque, n. 8. p. 8. Para a fortuna dar hũa volta inteira aos mayores Imperios, não são necessários annos, nem dias, n. 9. p. 9. Em menos de meyo dia deo a fortuna por terra com a Monarchia dos Assyrios, & Chaldeos, & levantou até às nuvês a dos Persas, & Medos, n. 10

n. 10. p. 9. A mesma fortuna correo a famosa Cidade de Lugduno, n. 12. p. 10. Quando o sabio Capitão se vir mais vitorioso, & triunfate na carroça de Marte, & da fortuna, então deve temer mais a volta das suas rodas, n. 13. p. 11. A cósideração das suas voltas obrigou a Sefostris Rey do Egypto a mandar tirar da sua carroça quatro Reys, que por ella puxavão, num. 16. pag. 14. Os Emperadores Romanos dentro do aposento onde dormião, tinham fabricado de ouro a estatua da sua fortuna, para dormirem seguros, tendo-a por sétinela, n. 47. p. 40. Esta mesma estatua, quando morria algum delles, era levada a casa do seu successor; mostrando com esta vaidade, que podião testar da fortuna como de proprio patrimonio, *ibidem*.

São Francisco Xavier. As graças com que o Reyno de Portugal deve agradecer o repetido favor de ter quarto Infante, não só são devidas a Xavier, mais que a Deos, senão todas a Xavier: & a razão porque, num. 600. p. 518. Na mercè que Xavier fez a este Reyno em lhe dar quarto Infante, não só obrou com os poderes de Deos, como de Deos, senão com os poderes, & com o mesmo Deos, tudo como seu, & por isso absolutamente se lhe devem todas as graças, n. 602. p. 519.

G

Graça.

Quando as cousas dependem do proprio alvedrio, estar sobre hũa só anchora, não só he desgraça, mas culpa; porèm quando dependê só da mão de Deos, he

he providencia muito para estimar, & agradecer da mesma graça Divina, num. 578. p. 498.

As Graças. Erão tres as Graças, como fingião os Antigos: cujos officios, o da primeira era fazer, ou repartir as mercês; o da segunda aceitarlas; & o da terceira agradecerlas, n. 567. p. 487.

H

Hippocrates. **N**unca recebo paga pelo uso da Medicina, num. 253. p. 233.

I

Inferno. **O** Inferno começou no Ceo, quando os Anjos foram privados da vista de Deos, n. 551. p. 474.
Ingrato. O ingrato não só esteriliza os benefi-

cios, mas tambem ao bem-feitor, num. 589. p. 508.

Dom João. O Serenissimo Rey D. João o Quarto estimava mais o nome da piedade, que o titulo da Magestade; & por esta razão convidado tantas vezes para a Coroa; rejeitou generosamente o Cetro; & depois chamado para o remedio, aceitou animosamente a Coroa, n. 488. p. 424.

São Joseph. Não só foy Pay putativo de Christo, mas legitimo, & verdadeiro, n. 55. p. 48. Foy verdadeiro, & legitimo filho, & descendente de David. *Ibid.* O Matrimonio de São Joseph com a Virgem Maria Senhora nossa, foy verdadeiro, & legitimo Matrimonio, n. 57. p. 69. He tão superior dignidade ser Pay de Christo, que a nenhum homem se promete, senão a São Joseph, n. 76. p. 88. Era affom-

affombro das Jerarquias do Ceo, obede-
cer Jesus, & Maria ao
que São Joseph man-
dava, n. 77. p. 88.

Judeos. Os Judeos muito
antes que Epicúro, Lu-
terro, & Calvino, não
querendo mudar de vi-
da, fizeram fé nova, pa-
ra concordar a fé com
a vida, n. 507. p. 439.
E ainda que fizeram fé
nova, não foy esta a q
lhes ensinou o novo
modo de viver; mas a
novidade das vidas, &
dos costumes, foy a q
introduzio a novidade
dos deoses, n. 508. p.

440. Ainda que os Ju-
deos deste tempo não
adorem idolos, he a sua
fé verdadeira idolatria;
porq adorando a Deos
em quanto hum, (como
dizem) & não em qua-
to Trino, adorão a hū
deos que não ha, a hū
deos falso, & fingido,
n. 509. p. 441.

Vide na palavra Fé.

molha

L

Ley. **H**E razão que a
Ley da Graça
premiê não só os servi-
ços seus, senão tambem
os da ley antiga, n. 483.
p. 420.

São Lucas. Foy Cherubim
pela sciencia da Medi-
cina, n. 235. p. 220.

Por meyo de S. Lucas
bem pôde o Medico
Christão valer-se da ar-
te magica para adivi-
nhar o que a sua não al-
cança, n. 244. p. 227.

M

D. Manoel. **R**Ey de Por-
tugal, se-
do Fundador dos Hos-
pitaes de Lisboa, se di-
zia d'elle, que justame-
nte fabricava Hospitaes,
quem com as suas Cõ-
quistas accrescêrã os
enfermos, n. 237. p. 215.
Maria Santissima. He opi-
nião provavel, que a
Se-

Senhora circumcidou ao Mifino Jeſus: & eſta acção foy verdadeiro retrato de hum bom Superior, num. 38 r. p. 334. Padeceo a Senhora a pena de damno, & a de ſentido, ambas como as do inferno em atormentarem, & ambas como as do inferno em lhe não tirarem a vida, n. 558. p. 479. Forão as ſuas dores ſemelhantes às do inferno, porque ſendo tam grandes, não baſtavão a lhe tirar a vida, n. 558. p. 478. As penas que a Senhora padeceo na ſua ſoledade, forão mayores que as que padeceo Chriſto na ſua Payxaõ, porque aquellas vieraõ todas juntas, & eſtas forão em diverſo tempo, n. 554. p. 476. As dores que a Senhora padeceo na hora de ſua ſoledade, forão ſemelhantes às que padecem os damnados no inferno por lhes faltar a viſta de Deos, n. 550.

p. 473. A pena da Senhora na ſua ſoledade foy como a pena de ſentido que ſe padece no inferno, porque ſe lhe representáraõ todas juntas, n. 554. p. 476.

Medicina. Os Egypcios forão os inventores da Medicina, n. 230. pag. 217. O geroglyphico com que os Egypcios pintavaõ a Medicina, era huma pomba com hum ramo de louro na bocca: & porque. *Ibidem.* He ſciencia admiravel, n. 233. p. 218.

Medico. Qualidades que deve ter o perfeito Medico, n. 233. p. 219. & ſeqq. O Medico he neceſſario que ſeja mais que homem, & paſſe a ſer Cherubim, n. 234. p. 220. A multidaõ de Medicos nos caſos da Medicina não eſtã bem acreditada, n. 241. p. 224. Inſtrucçoens para os Medicos, n. 248. p. 229. O primeiro documento que Chriſto Senhor noſſo deo aos pro-

professores da Medicina, he que não levem bolsa, nem dinheiro, *ibidem*. E porque, n. 251. p. 231. O segundo documento he, que no caminho a ninguem saudem, n. 257. p. 236. O terceiro documento he, que devem desenganar ao enfermo do seu perigo, n. 265. pag. 242. Como a saude do corpo seja o objecto da Medicina, farihe-ha grande injuria o Medico, que quizer se lhe pague a dinheiro, num. 252. p. 232. Sendo a saude entre os bens temporaes o mayor de todos, seria grande afronta da mesma saude, que os professores da Medicina lhe puzeſsem preço, n. 253. p. 233. Na Corte da China dão os Medicos a doença do Rey os mesmos ritulos que à pessoa Real, n. 261. p. 239. O Medico não cura a purpura, nem a Coroa, senão o corpo, que em todos

he do mesmo barro, n. 262. p. 239. Os Medicos devem ser como as enfermidades, que não respeitão dignidades, n. 263. p. 240. Deve o Medico com todo o valor desenganar ao enfermo, ainda que seja o mayor Monarcha, n. 267. p. 243.

Ministros. Devem deixar de ser o que são por natureza, para chegarem a ser o que devem por obrigação, num. 151. p. 153.

Monarchia. Os muros q̃ mais fortemente cercão, & defendem a Monarchia, não são os que se fabricão de marmores ligados, senão de coraçoes unidos, n. 579. p. 499.

N

Nobreza. **H**E isêra de pagar tributos, n. 161. pag. 161. He materia de escandalo, quão todos pagão, não

não pagar a Nobreza tributos, n. 161. p. 162. He justo que os que se sustentão dos bens da Coroa , não falem à mesma Coroa cõ seus proprios bens, n. 162. p. 162.

O

Obediencia. **S**O com a obediencia se satisfaz a todos os votos da Religião, n. 372. p. 328. Com a obediencia se exercitaõ todas as virtudes. *Ibidem.* A obediencia não só he todas as virtudes, mas faz que sejaõ virtude as que o não são: & a razão porque, n. 374. p. 329. A obediencia enxerta na alma todas as virtudes, n. 375. p. 330. Tanto que falta a obediencia, logo as demais virtudes perdem a fermosura, & deixaõ de ser virtudes, n. 375. p. 330.

Obediente. O verdadeiro obediente não só se ha Tom. II.

de conformar com a obra, senão tambem com o tempo, n. 377. p. 331. O verdadeiro obediente não ha de ter, nê procurar lugar certo, n. 379. p. 333.

Omnipotencia Divina. Assim como he proprio da Medicina curar contrarios com contrarios; assim he proprio da Omnipotencia Divina curar semelhantes com semelhantes, n. 203. p. 195. Quando as obras da Omnipotencia, posto que grandes, nam são as mais excellentes, attribuem-se à Unidade, ou a Deos em quanto hum; porẽm se são as mais nobres, & excellentes, attribuem-se à Trindade, ou a Deos em quanto Trino, n. 398. p. 350.

P

Paraíso. **T**Eve o seu principio no inferno, quando os Santos
Nn tos

tos Padres viram lá a Christo, n. 551. p. 474.

Parto. Mostra-se da Escriptura sagrada, como os partos ou paraõ no terceiro filho, ou degeneraõ depois delles as geraçoens, ou he muito difficultosa a passagem para chegar ao quarto, n. 606. p. 522.

Pena. A pena de sentido no inferno he muito differente das que se padecem nesta vida; porque estas são successivas, & por partes; & aquellas todas se padecem juntas, n. 554. p. 476.

Perfeição. A perfeição desatada, são infinitas virtudes; & infinitos actos de cada hũa dellas, & por isso muito difficultosa de observar: atada porèm, & unida, he huma só virtude, & por isso facil de se guardar, num. 368. p. 314.

Pintura. Os longes, & os pertos da pintura todos tẽ a mesma distan-

cia, n. 546. p. 469.

Portugal. Ordenou Deos que a liberdade, & os venturosos successos de Portugal fossem tanto tempo antes, & por tão repetidos oraculos profetizados; para que quando vissemos estas maravilhas humanas, entẽdessemos que erão disposiçoens, & obras Divinas; & para que nos alumiasse, & confirmasse a Fè, onde a mesma admiração nos embaraçasse, n. 464. p. 403. Como as coufas, ou por muito desejadas, ou por muito difficultosas se fação incriveis; daqui naceo que os successos de Portugal, ainda depois de vistos, parecião sonhados, num. 466. p. 404. Ainda que os Portuguezes não souberão esperar, comtudo souberão amar, & com muita ventagem; porque buscando a hum Rey morto, vierão a encontrar com hum vi-

vivo, n. 473. pag. 411.

Conseguiu-se a restauração de Portugal em tal dia, & tal anno, nem antes, nem depois, porque este era o tempo opportuno, & decretado por Deos, n. 475. p. 413. Na restauração de Portugal se logrou aquella primeira maxima de toda a razão de Estado, que he, conseguir o intenro, & evitar o perigo, n. 478. p. 416.

Predestinação. Não só os homens, mas também os dias tem sua predestinação : os homens para a gloria de Deos; & os dias para Deos ser glorificado nelles : & a razão porque, n. 392. p. 344.

Principe. Vem a ser industria no Principe, o que he razão de estado no lavrador, que as espigas que ha de cortar, essas abraça primeiro, n. 486. p. 423. Dar Deos segundo irmão ao Principe de Portugal, foy

confirmarlhe a herança mais em duas vidas; porque os Irmãos são os fiadores da sua, n. 575. p. 496. Quando o Principe he hum só, tão arriscada tem a herança, como a vida, n. 576. p. 497. O Principe primogenito del Rey Dom Pedro Segundo, que o Ceo lhe deo, & tão brevemente arrebatou, he a mais segura anchora das quatro q tem o Reyno de Portugal, n. 583. pag. 502. Serem sabios na paz, & valerosos na guerra, he a mayor prerogativa, que celebra o Mundo nos Principes, n. 617. p. 532. O Infante que Deos deo a Portugal, por ser quarto em numero, se deve offerecer, & dedicar todo a Deos: & hão de ser as suas virtudes tão Christãmente Reaes, & tão Realmente Christãs, q não contente com a observancia da Ley de Deos, não só será hum Real, Nn ij &

& sublime exemplar da perfeição religiosa, mas consummadamente Sãto, n. 618. p. 533. Não pode Xavier entrar pelas portas da China a levar a Fè àquelle poderoso Imperio; porque guardava Deos este glorioso triumpho para o quarto Infante de Portugal, n. 620. pag. 535. Assim como o Infante Dom Henrique, filho del Rey Dom João o Primeiro de Portugal, foy o primeiro que intentou, & conseguiu a navegação da India, China, & toda a Asia; & foy o que lançou a primeira pedra no edificio da Igreja Orietal: assim o quarto Infante de Portugal, filho do Serenissimo Rey Dom Pedro o Segundo, ha de ser aquelle, para quem Deos tem guardado o dilatar a Fé pelo mesmo Imperio, & fechar as abobadas do mesmo edificio, arvorando nelle as Quinas de Portu-

gal, num. 622. p. 538. Não a si, mas ao Sãto Xavier deve referir todas as suas acçoens, n. 624. p. 540.

Q

Qualidades. **D**eclaração-se as que são necessárias para hũ perfeito Procurador de Cortes, n. 137. p. 140. Mostraõ-se as que deve ter hũ perfeito Medico, n. 233. p. 219.

R

Rey. **Q**uando os Reys se vem em necessidade, atè as mesmas Igrejas os devem soccorrer, n. 158. p. 159. Os Reys que offerecem votos aos Têplos, depositão nelles soccorros, n. 160. p. 161. Devem os Reys animar muito aos ministros da sua saude, & vida, para que nos perigos della
os

os defenganem cõ toda a liberdade, num. 271.

p. 247.

Religioso. Assim como o credito do Soldado consiste em ser bom Soldado, assim o credito do Religioso consiste em ser bom Religioso, tendo verdadeira obediencia, n. 385. p. 338.

Religiosas. Mayor sacrificio fazem a Deos as Religiosas em renúciar os espelhos, do que em lhe offercerem a flor da sua idade, n. 347. p. 308. As Religiosas q̃ não apartão de si os espelhos, não tem desculpa, n. 345. pag. 305. A Virgem Maria deve ser o espelho, a que as Religiosas se hão de ver, para parecerem bẽ ao Divino Esposo, n. 349. p. 317. Em lugar do espelho devem pôr na sua cella a Imagem de N. Senhora, & de Christo crucificado, n. 358. pag. 316. Para renunciarem ao falso desejo, & estimação da

fermosura, deve ser o seu espelho Christo crucificado, num. 360. p. 318.

Remedio. Quando os remedios não tem bastante efficacia para curar a enfermidade, he necessario curar os remedios, para que os remedios curẽ ao enfermo, n. 143. p. 145. Remedio para se remediarem os remedios, n. 144. p. 146. Os remedios com que se hão de conservar as Republicas, hão de ser conservativos, & nam desabridos. *Ibidem.* O melhor primor dos remedios he obrar a conservação, & saborear o gosto. *Ibidem.*

S

Sacramento.

A Constelação em que naceo o Sacramento neste mundo, foy de q̃ nunca lhe haviaõ de faltar traidores, n. 177. p. 177. Foy necessario

ex-

exporse o Sacramento, & apparecer em publico nas Quarêta Horas, para attrahir a si os homens, que andavaõ fóra de si, & fóra de Deos, n. 180. p. 179. E para conciliar o respeito, q os homens tinham perdido à sua Igreja, n. 183 p. 181. & 188. n. 193. Foy tam grande a Fê dos Apostolos da segûda Companhia de Jesu, que sendo a tempestade, que no mundo se tinha levantado, mayor que o mesmo mar, elles crêrão, & suppuzeram com evidencia, que para se sossegar em hum momento, bastava apparecer, & sahir o Sacramento a publico nas Quarenta Ho-as, num. 189. p. 185. Permittio Deos esta tempestade, para estabelecer a Fê do mesmo Sacramento, n. 190. pag. 185. Parecia mais proprio nas Quarenta Horas exporse o Sacramento no Caliz, & naõ na Hostia : & a

razão porque, n. 203. p. 195. A mudança do Mundo foy tam prodigioso effeito do Sacramento neste tempo, que naõ só os Gentios, mas tambem o mesmo Christo se admirou, n. 208. p. 200. & seqq.

Salvação. Em materias de salvação naõ se ha de admitir duvida, por menor, ou minima que seja, n. 22. p. 19. Arrisque-se, ou perca-se tudo o que se pôde perder, com tanto que se naõ arrisque, ou ponha em duvida a salvação.

Ibidem. Se o risco da salvação propria se encontrar com a alhea, eûtã obrigado cada hum a tratar da propria, ainda q se perca todo o mundo.

Ibidem. Assim como he prudencia nas cousas duvidosas, & contingentes dizer, *ne forte*, assim nas certas, & que naõ podem ter duvida, dizer, *ne forte*, he a mayor imprudencia, n. 19. p. 17.

D. Sebastião Rey de Portugal, por ser esperado de muitos, não he o promettido nas profecias, n. 472. p. 410.

Seyo de Abraham. Da charidade com que Abraham esperava os peregrinos à porta da sua casa para os hospedar, se denominou Seyo de Abraham aquelle lugar debaixo da terra, onde os Santos antigos esperavão que se lhes abrissem as portas do Ceo, n. 407. p. 357.

Scipião Africano. Foy tão pobre, que não tendo com que dotar suas filhas, lhas dotou o Senado Romano, n. 343. p. 304.

Superior. Ha de ser tam reciproco o sentimento nas materias sensiveis, que tanto se doa o Superior, como o subdito, n. 381. p. 225.

T
Templo **O**s Templos são armazens das necessidades, n. 160

p. 160. São deposito de soccorros, nos votos q os Reys lhes offerecê. *Ibidem.*

Themistocles. Nos seus primeiros annos vivia muito triste, porq não tinha inimigos, n. 97. p. 105.

Traição. He justa providencia de Deos, que as traçoens, & maldades se convertão cõtra seus proprios authores, n. 44. p. 37.

Tributos. Os tributos fazem-se suaves, se todos os pagão igualmente, n. 148. p. 150. Quando a necessidade aperta, concorrer para os tributos, he dadia, & não paga, n. 156. p. 157.

Triunfo. O modo com que antigamente se celebravão os triunfos, era levantar arvores, nas quaes, desgalhados os ramos, se penduravão as armas, & despojos dos inimigos, num. 14. pag. 12.

Vassallos.

V

Vassallos O S vassallos que pelo seu Rey dispendem cõ liberalidade o que tem, & o que não tem, nam são povo, mas nobreza, n. 166. p. 165.

Vencedor. O primeiro documento que se dà ao vencedor prudente, he tomar bem as medidas ao Paiz vencido, n. 17. p. 15.


Vitoria. Varias razoens

porque se deve temer a vitoria, n. 15. p. 13. As vitorias vistas sem os olhos na roda da fortuna, ensoberbecem; com os olhos nella humilhaõ: aos vencidos causaõ esperança, & aos vencedores temor, n. 16. p. 14.

União. He mayor a união com que Deos està unido ao homem no Superior; do que aquella, com que està unido ao homem em Christo, n. 301. p. 273.

F I N I S.





SERMAM

Do felicissimo nascimento

Da Serenissima Infanta

TERESA FRANCISCA
JOSEPHA.

Genuit filios, & filias. Gen. 5.8.

§. I



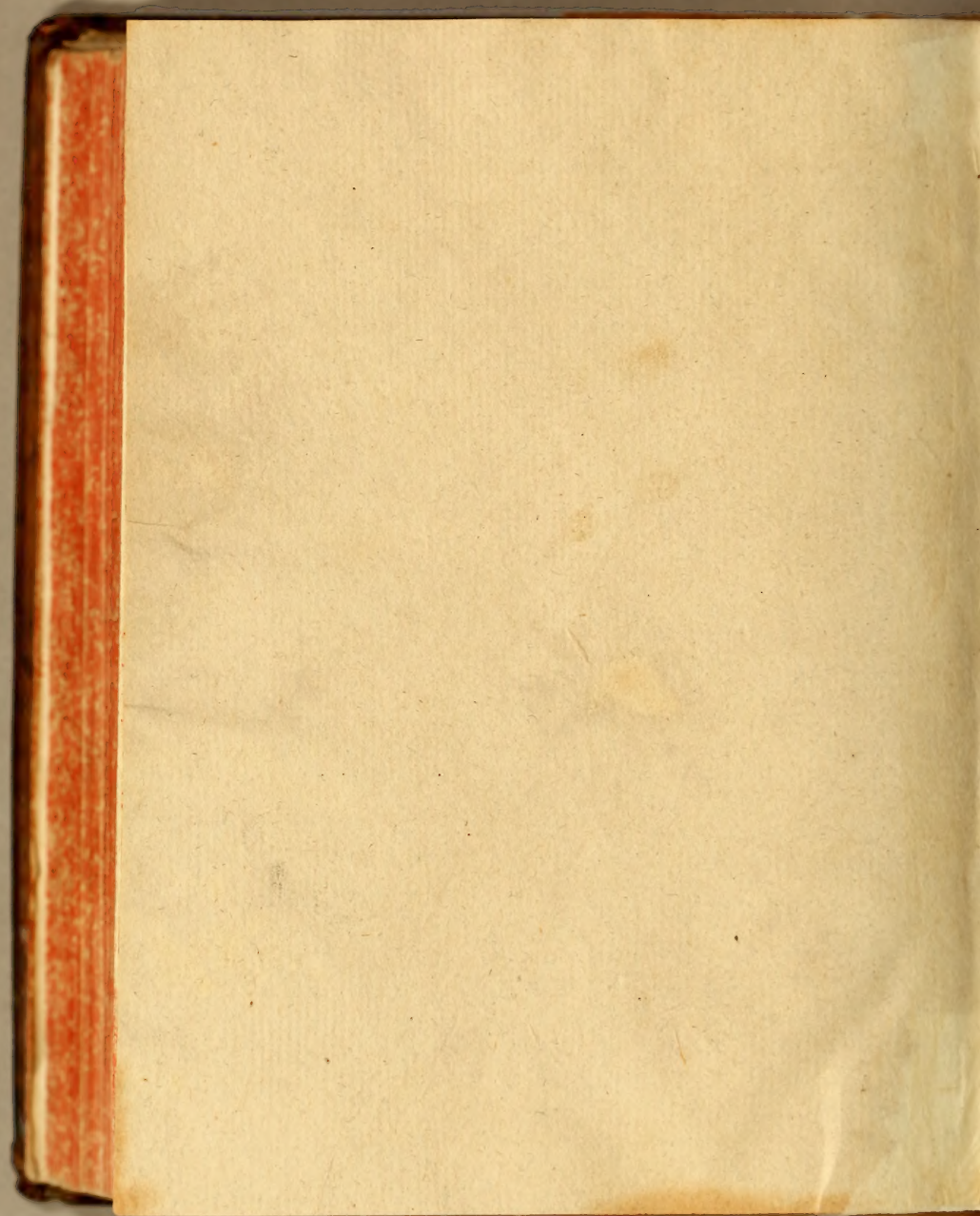
Sta he a vez primeira, que em toda a Escritura sagrada se lê o nome de filha. E este nome acrescentado à gloriosa descendência dos nossos Augustissimos Monarchas no felicissimo, & desejado nascimento da nova, & Serenissima Infanta Teresa

Francisca Josepha, he a votiva solemnidade de acção de graças, em que as vem render ao Soberano Author do ser, & da vida, com tam universal, luzido, & festivo concurso toda a Corte Ecclesiastica, & politica da nossa Metropoli.

Falla o Texto, que propuz, do pay, & geração de todos os homens.

A

E



CA679
V657s
11

